

À Volta  
DO MUNDO

JORNAL DE VIAGENS  
E DE ASSUMPTOS GEOGRAPHICOS



LISBOA  
Empreza Litteraria Luzo-Brazileira-EDITORA

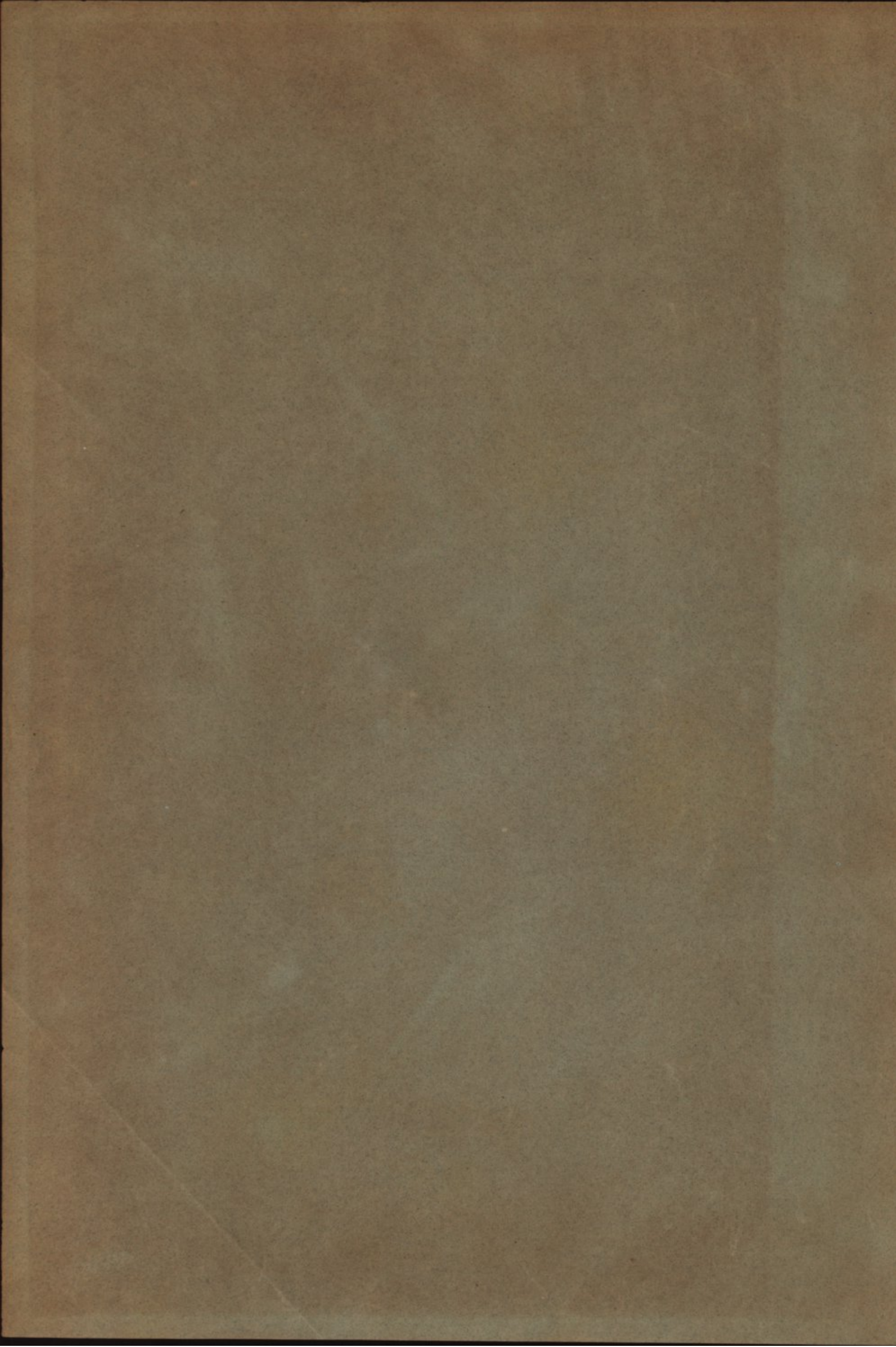


Sala B  
Est. 1  
Tab. 6  
N.º 11



J. A.









À VOLTA DO MUNDO







INV!- N 3141

# À VOLTA

DO

# MUNDO

*Jornal de Viagens e de Assumptos Geographicos*

ILLUSTRADO COM MILHARES DE GRAVURAS

REPRESENTANDO PAISAGENS, CIDADES, VILLAS, MONUMENTOS, RETRATOS, HISTORIA NATURAL, COSTUMES DE TODOS OS POVOS DO MUNDO, ETC., E UM GRANDE NUMERO DE CARTAS GEOGRAPHICAS, DESENHADAS PELOS MAIS CELEBRES ARTISTAS ESTRANGEIROS E NACIONAES

DIRECTORES LITTERARIOS

DR. THEOPHILO BRAGA E ABILIO EDUARDO DA COSTA LOBO

COADJUVADOS PELOS SNRS.

RICARDO D'ALMEIDA JORGE, DUARTE D'OLIVEIRA JUNIOR, AUGUSTO LUSO DA SILVA, SERPA PINTO, BRITO CAPELLO, JENS, JOSÉ RELVAS, P. A. FERREIRA, JOAQUIM DE VASCONCELLOS, LOURENÇO MALHEIRO, AUGUSTO DE CASTILHO, J. A. MARTINS, A. DE SOUSA PINTO, M. J. FELGUEIRAS, ETC., ETC.

DESENHOS PORTUGUEZES DE

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO, COLUMBANO BORDALLO PINHEIRO, E DOS MELHORES ARTISTAS

COPIAS DE PHOTOGRAPHIAS DE

## CARLOS RELVAS



**LISBOA**

EMPRESA LITTERARIA LUSO-BRAZILEIRA — EDITORA

DIRECTOR-PROPRIETARIO

**A. DE SOUSA PINTO**

MDCCCLXXXII



**OFERTA**

-2. JAN. 1974

374



A VOZ DA



Journal de Voyage et de Géographie



LYRATA

---

TYPOGRAPHIA DA EMPREZA LITTERARIA LUSO-BRAZILEIRA

Lisboa—Pateo do Aljube, n.º 5—1882





COMO EU ATRAVESSEI A AFRICA

## EXCERPTOS DO LIVRO DE VIAGENS DO MAJOR SERPA PINTO COMO EU ATRAVESSEI A AFRICA

ADORNADOS COM ILLUSTRAÇÕES E MAPPAS DA EDIÇÃO FRANCEZA

### PROLOGO

#### COMO EU FUI EXPLORADOR

**N**O CORRER do anno de 1869, fiz parte da columna de operações que no baixo Zambeze sustentou cruenta guerra contra os indigenas de Massangano. O snr. José Maria Latino Coelho, então Ministro da Marinha e Ultramar, déra ordem ao governador de Moçambique, para que, finda a guerra, me proporcionasse os meios de subir o Zambeze, a fazer um detalhado reconhecimento do paiz, tão longe quanto me fosse possível.

A ordem foi dada, mas não foi cumprida; e depois de vãs instancias, e de um ligeiro passeio pelas terras portuguezas d'Africa Oriental, voltei á Eu-

ropa, com mais desejo, que antes, de estudar o interior d'aquelle continente, que mal tinha entrevisto.

Razões particulares de familia fizeram adiar, se não aniquilaram, os meus projectos.

Official do exercito, sempre de guarnição em pequenas terras de provincia, fazia das minhas horas de ócio horas de trabalho; e ainda que mal antevia a possibilidade de ir á Africa, era o estudo das questões Africanas o meu unico e exclusivo passatempo.

As sublimes questões de astronomia não eram por mim desprezadas, e o muito tempo que me deixava a vida da caserna era repartido entre o estudo da Africa e do ceu.

Servia em caçadores 12 no correr de 1875, e ali tive por camarada um dos mais intelligentes homens que tenho conhecido, o capitão Daniel Simões Soares.



Pouco depois de havermos feito conhecimento, estávamos ligados por estreita amizade.

O quarto mesquinho do illustrado official, na caserna da Ilha da Madeira, reunia-nos durante as horas em que o regulamento nos obrigava a viver ali; e quantas vezes, estando um de nós de serviço, teve a companhia do outro! Africa, e sempre Africa, era o nosso assumpto de conversação. Apraz-me recordar esse tempo, essas horas que fazíamos correr velozes, debatendo questões, que eu mal pensava seria chamado a resolver um dia.

Em fins de 1875, redigi uma memoria, que submetti á critica de Simões Soares, e de outro meu camarada, o capitão Camacho; memoria filha das nossas interminaveis palestras Africanas.

Propunha eu um meio de estudar parcialmente o interior das nossas colonias de Africa Oriental, e isso com a maior economia para o Estado.

Depois de muito debatida a questão por nós tres, foi a memoria enviada ao governo de Sua Magestade; mas soube depois que nunca chegára ás mãos do Ministro da Marinha.

A esse tempo, eu pensava outra vez em voltar á Africa, apesar de ser chefe de familia, e de me prenderem a Portugal interesses de subida importancia.

Por fins de 1876 voltei a Lisboa, e conheci que as questões Africanas tinham ali tomado grande interesse com a creação da Commissão Central Permanente de Geographia, e com a fundação da Sociedade de Geographia de Lisboa.

Fallava-se muito n'uma grande expedição geographica ao interior d'África Austral.

Fui procurar immediatamente o ministro das colonias. Era o snr. João d'Andrade Corvo. Se não é facil explorar a Africa, não è menos difficil fallar ao ministro, e sobre tudo se esse ministro é o snr. João d'Andrade Corvo. S. Ex.<sup>a</sup> tinha a seu cargo duas pastas, Marinha e Estrangeiros, e o tempo não lhe sobejava para fallar aos importunos. Persegui-o uns oito dias, e na vespera da minha partida de Lisboa, obtive uma audiencia do ministro dos Negocios Estrangeiros.

Sua Ex.<sup>a</sup> recebeu-me com seccura, dizendo-me, que podia dispôr de pouco tempo, e perguntando-me, ¿o que eu queria?

Travou-se entre nós o seguinte dialogo:

«Ouvi dizer, que V. Ex.<sup>a</sup> pensa em enviar á Africa uma expedição geographica; e sobre isto venho fallar.»

O ministro mudou logo de tom para commigo, e mandou-me sentar com toda a affabilidade.

«¿ Já esteve em Africa?» me perguntou elle.

«Já estive em Africa, conheço um pouco o modo de viajar ali, e tenho-me occupado muito em estudar questões Africanas.»

«¿ Quer ir fazer uma longa viagem na Africa Austral?»

Declaro que hesitei um momento em responder. «Estou prompto a ir,» disse por fim.

«Bem;» me disse elle, «penso em enviar uma grande expedição á Africa, bem provida de recursos; e quando tratar de organizar pessoal, não esquecerei o seu nome.»

«É verdade;» me disse, quando eu já ia a sahir, «¿ que condições e que vantagens pede por esse serviço?» — «Nenhumas,» lhe respondi eu, e sahi.

Fui do ministerio dos Negocios Estrangeiros á calçada da Gloria, n.º 3, e procurei o dr. Bernardino Antonio Gomes, vice-presidente da Commissão Central Permanente de Geographia. Tivemos larga conferencia, e o distincto sabio, então todo entregue a questões geographicas, disse-me, que já tinha pensado em um distincto official da nossa Marinha de Guerra, Hermenigildo Capello, para fazer parte da expedição.

No dia seguinte parti para o Norte. A viagem e os ares do campo fizeram arrefecer um pouco o febril enthusiasmo que se apossára de mim em Lisboa, e pensando maduramente, resolvi não ir explorar em Africa.

Minha mulher e minha filha eram laços difficeis de romper, e cada vez que a idéa de me privar das caricias da meiga creança me passava pela mente, arrefecia completamente em mim o ardor das explorações.

De um lado, a familia, e do outro a Africa, eram dois poderosos atractivos que me tinham perplexo. Encontrei um meio de resolver a questão. Se eu fosse nomeado governador de um districto, podia ir estudar uma parte d'África, sem me separar da familia. Fui collocado no 4 de caçadores, e na minha viagem para o Algarve, passei alguns dias em Lisboa. Não se fallava mais em expedição exploratoria, e apenas um entusiasta, Luciano Cordeiro, não tinha descrido de que ella se faria; e na sociedade de geographia, de que era secretario, tinha levantado um alto brado a favor d'ella. O dr. Bernardino Antonio Gomes, já de idade propecta, tinha cedido ao peso do seu incessante labutar, e sentia já os primeiros symptomas do mal que,





OS MACACOS NO JARDIM DE JACINTHO D'AMORIZ — Desenho de A. de Bar, segundo um esboço de Serça Pinto



pouco depois, arrancando-lhe a vida, devia arrancar a Portugal e ao mundo uma das maiores illustrações portuguezas do seculo XIX.

Eu não conhecia a esse tempo o homem ardente e illustrado a quem hoje me prende verdadeira amizade—Luciano Cordeiro.

Todos aquelles a quem fallava de exploração, me diziam ser cousa adiada. Ao passo que o estado em que encontrei as cousas em Lisboa me compungia, pois que via perder-se a luz que um momento brilhara, para dar um impulso harmonico ás explorações portuguezas em Africa; por outro lado, sentia um certo prazer em ver-me, por esse meio, libertado do meu compromisso; compromisso que me separaria dos entes que me são caros.

Nutri então a idéa de ir governar, e de me estabelecer em Africa, n'essa Africa em que eu queria trabalhar, sem por isso me separar dos meus.

Fui fallar ao ministro.

D'essa vez fui logo cordialmente recebido. Estranhei o caso, não se fallando já de explorações.

«¿O que o traz por aqui?»—«Venho pedir a V. Ex.<sup>a</sup> o governo de Quillimane, que está vago.» O snr. Corvo riu-se. «Tenho missão de maior monta a confiar-lhe;» me disse; «preciso de si para cousa differente de governar um districto em Africa; e por isso não lhe dou o governo de Quillimane.

«¿Então V. Ex.<sup>a</sup> ainda pensa em fazer explorar a Africa? Eu com franqueza digo, que hoje não creio que a idéa se realice.»

«Dou-lhe a minha palavra de honra,» me disse o Ministro, «que ou hei-de deixar de ser João de Andrade Corvo, ou na proxima primavera, uma expedição organizada como ainda se não organisou expedição alguma na Europa, ha-de partir de Lisboa para a Africa Austral.»

«¿E conta comigo?»

«Conto comsigo,» me disse, «e em breve terá noticias minhas.»

Sahi aterrado do gabinete do ministro.

Cheguei ao Hotel Central, e escrevi o seguinte: «Não tenho a honra de o conhecer, mas preciso fallar-lhe, e peço-lhe uma entrevista.» Sobreescriptei a «Hermenigildo Carlos de Brito Capello—Official de guarnição a bordo do couraçado *Vasco da Gama*.»

No dia immediato, recebi a seguinte resposta:—«Estou hoje no Café Martinho, ás 3 horas.—*Capello*.»

Ás tres horas entrava no Café Martinho, e vi que as mesas estavam completamente desertas. Só a uma d'ellas estava sentado um primeiro tenente de marinha, que eu não conhecia mesmo de vista. Devia ser o meu homem. Bebia pausadamente um grog, e tinha a cabeça descoberta.

Era de mediana estatura, tanto quanto eu pude avaliar estando elle sentado. Moreno, de olhar placido; o cabello raro, e grisalho, o pequeno bigode já esbranquiçado, davam-lhe um ar de velhice, que era desmentido pela tez desengrugada, e apresentando o lustre da juventude.

«¿É o snr. Capello?»

«Sou; ¿é o snr. Serpa Pinto? já o esperava, e sei que, provavelmente, vem fallar-me d' Africa.»

«É verdade. ¿Então está decidido a fazer parte da expedição?»

«Estou; e já n'isso fallei ao dr. Bernardino Antonio Gomes.»

«Foi elle que me fallou no snr.; ¿que compromissos tem?»

«Nenhuns. Não sei bem o que o governo quer; fallei duas vezes com o dr. Gomes; ainda não vi o Ministro, e apenas lhe posso dizer, que, se fôr á Africa, escolherei para companheiro um meu amigo, e camarada na armada, Roberto Ivens. ¿Conhece-o?»

«Não o conheço. Fallei ao ministro e elle disse-me, que contava comigo para a expedição.»

«N'esse caso, uma vez que já tem compromissos com o ministro, eu desisto de ir.»

«¡Ora essa!... então desisto eu.»

«Mesmo, eu não creio que a cousa vá a effeito.»

«Nem eu creio muito; mas emfim, se fôr a effeito, ¿porque não havemos de ir ambos? Não nos conhecemos, é verdade; mas em breve travaremos intimas relações, e creio bem chegaremos a ser amigos.»

«¿E porque não? Então, se a expedição fôr ávante, iremos juntos, e escolheremos para nosso companheiro ao meu amigo Roberto Ivens.»

«Está dito. ¿Pensa seriamente que o governo votará uma tão grande verba como a que é precisa para uma empresa d'estas?»

«Não sei, duvido; e agora ultimamente fallase menos na expedição.»

Conversámos largamente, e separámo-nos; tendo a intima convicção de que a expedição nunca se realizaria.

Ainda me encontrei com Capello nos dias se-



guintes, e depois separámo-nos. Elle seguiu viagem no couraçado *Vasco da Gama* para Inglaterra; e eu fui tomar o commando da minha companhia em caçadores 4, no Algarve.

Com o descanso da vida de guarnição, voltei ao estudo, e tive a felicidade de encontrar um amigo no Algarve, Marrecas Ferreira, distincto official de engenheiros, que, meu companheiro nas mesas do trabalho, tinha sempre um bom conselho a dar-me, nas questões mathematicas, que elle maneja com intelligencia superior. Foi por seu intermedio que travei relações epistolares com Luciano Cordeiro, a quem depois me devia ligar estreita amizade.

Por esse tempo, redigi duas pequenas memorias, que por intermedio de Luciano Cordeiro chegaram ás mãos do ministro da Marinha, em que tratava do modo de organizar uma expedição de exploração na Africa Austral.

Passaram-se mezes, e não mais me fallaram de expedição.

Recebi duas cartas de Capello, em que me mostrava a sua completa descrença em que a cousa fosse a effeito. Eu mesmo nutria igual descrença. Na Commissão Permanente de Geographia discutiam-se varios projectos de expedições; mas tudo ficava em discussões.

Um dia, vi nos jornaes, que o Ministro, o snr. João d'Andrade Corvo, apresentára no parlamento um projecto, pedindo um credito de 30 contos para uma expedição em Africa; mas, pouco depois, cahiu o ministerio, e foi o snr. José de Mello Gouvêa encarregado da pasta das Colonias; quando o projecto ainda não tinha sido votado no parlamento.

Tornava-se a fallar da projectada exploração; mas os jornaes davam por escolhidos exploradores que eu não conhecia, e ás vezes apenas fallavam em Capello.

Eu então estava em Faro, e se me não descurava dos meus estudos astronomicos e Africanos, ouvindo os conselhos de João Botto, distincto professor da escola de pilotos de Faro, não nutria já idéas de viajar. O meu tempo era passado entre caricias da familia e os meus livros de estudo, e sentia-me muito feliz, nos conchegos do lar domestico, para pensar em trocar a minha vida placida pelo bulicio e azares das viagens.

Seguia com interesses nos jornaes as noticias de Lisboa, e vi que o novo Ministro, José de Mello Gouvêa, havia no parlamento apoiado a proposta de João d'Andrade Corvo, e que fôra

votada a somma de 30 contos para uma exploração. A morte de Bernardino Antonio Gomes, victima talvez, do muito interesse que dedicou ao estudo das questões Africanas, n'uma idade em que as fadigas passadas lhe aconselhavam completo repouso do espirito, a morte d'esse eminente sabio, veio produzir um grande vacuo na Commissão Central de Geographia. Outros, é verdade, tomando grande interesse nas questões palpitantes, levantavam a voz no seio da commissão; mas discussões repetidas iam adian-do a pratica urgente.

Eu, apesar de se ter votado a verba no parlamento, já não via possibilidade de se levar a effeito a expedição em 1877; e em vista do que sabia pela imprensa, não pensava que se lembrassem de mim, se aquella fosse a effeito; e devo dizel-o, dava-me isso um certo prazer.

O Algarve é um paiz delicioso; reina ali uma atmosphaera oriental, e as copas elegantes das palmeiras que se inclinam sobre as casas em terraços, faz-nos, ás vezes, esquecer de que vivemos no prosaísmo da Europa. Eu era ali o commandante militar, quer dizer, que afazeres poucos tinha.

O convivio de uma sociedade escolhida; os carinhos da familia; os meus livros de estudo, e os meus instrumentos de observações, faziam-me passar horas bem felizes, d'essa placida felicidade que a muitos não é dado conhecer. O lar caseiro, o chambre e os pantufos chegaram a ser para mim o ideal do bem-estar.

Findára o mez d'abril, e com o de maio viera o calor, que se faz fortemente sentir em Faro; e eu fazia projectos para o verão; quando, um dia, recebo um telegramma em que me ordenavam de me apresentar immediatamente ao general commandante da divisão; e ali achei uma ordem para me apresentar sem perda de tempo ao ministro das Colonias.

Adeus casa, adeus chambre, adeus pantufos, adeus vida tranquilla e placida junto dos meus; ahi volvo a correr mundo.

Quatro dias depois, em torno de uma grande mesa, n'uma grande sala do Ministerio da Marinha, uma duzia de graves personagens, uns d'olculos, outros sem olculos, uns velhos, outros novos, todos conhecidos, ou pelas sciencias, ou pelas letras, ou pelos serviços publicos, tratavam de questões Africanas. Presidia a esta solemne sessão o Ministro José de Mello Gouvêa.

Eram secretarios dr. José Julio Rodrigues e Luciano Cordeiro. Conde de Ficalho, Marquez



de Sousa, dr. Bocage, Carlos Testa, Jorge Figaniere, Francisco Costa, o conselheiro Silva, e Antonio Teixeira de Vasconcellos, lembra-me que estavam ali.

Lá no fundo da mesa a um canto, encaixado na poltrona, estava um homem de basto cabelo e basto bigode grisalho, a olhar para mim por entre os vidros da luneta de tartaruga. Era João d'Andrade Corvo, que me dizia com o olhar: «Eu bem lhe afiançei que a cousa se havia de fazer.»

Junto de mim estava Capello, e ao cabo de duas horas sahiamos d'ali, com as instrucções precisas para a nossa viagem. Tinhamos escolhido um terceiro socio, e esse era o tenente Roberto Ivens, o amigo de Capello, que eu não

conhecia, e que a esse tempo estava em Loanda a bordo do seu navio de guerra. Estavamos a 25 de maio, e tomamos o compromisso de partir a 5 de julho. Era muito, porque tinhamos que vir preparar a expedição a França, a Inglaterra, e só dispunhamos de um mez para isso.

Então Francisco Costa, director geral do ministerio, tomou a peito desfazer todos os obstaculos que os indispensaveis caminhos burocraticos nos podiam trazer; e andou de modo, que a 28 de maio eu e Capello partiamos para Paris e Londres, a comprar o que se nos tornava necessario. Levavamos um credito de oito contos de réis.

(Continúa.)

## A RUSSIA LIVRE

(continuado do numero 21)

### XXX

#### OS PAROCHOS

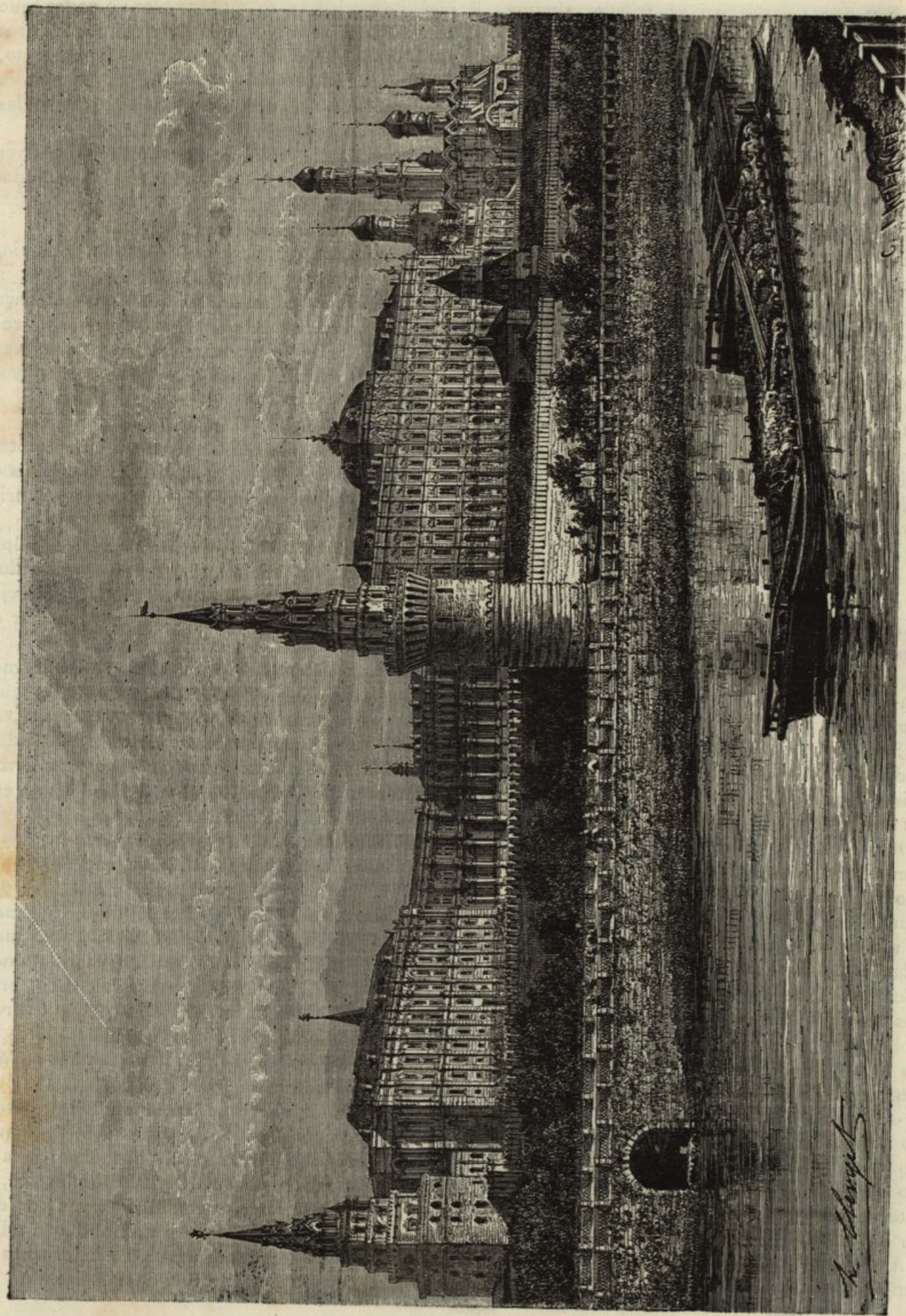
**F**ESTE imperio, quasi unicamente composto de aldeias, conta pouco mais ou menos seiscentas e dez mil parochias, cada uma das quaes é o centro d'um grupo d'habitantes que olham para o seu parochos como um homem de Deus, como um pae a quem consultam em todas as circumstancias da vida. Estes padres não são unicamente populares; nos campos fazem elles proprios parte integrante do povo.

O padre Pedro, parochos d'esta parochia, é um aldeão; em nada differe dos seus parochianos. Na sua mocidade devia ter frequentado a escola e um curso superior; era provavelmente um rapaz cheio de vivacidade, de respostas faccis e habeis, muito versado nos canones da Egreja; mas o tempo acalmou-lhe a impetuosidade e fez d'elle o padre surdo e paciente que está. A sua linguagem, o seu andar, os seus habitos, são os d'um camponez. A casa em que habita é construida de madeira; a sua esposa vae á cidade vender os legumes que ella propria cultivou; o proprio reverendo guia a charrúa nos seus campos. Não faz predicas, nem ensina, porque o pouco que saberia dizer não seria comprehendido. Além d'isso como a sua carreira foi antecipadamente traçada não tem incentivo ao estudo, a augmentar a sua sciencia. A socie-

dade passa sob os seus olhos debaixo dos seus diversos aspectos sem que elle lhe preste attenção, e com a mão no cabo da enxada elle insensivelmente se chega a confundir com o rude aldeão. Todavia a vida de Pedro, posto que seja ardua e pobre, não é desprovida d'uma certa poesia, evidenciando-se ainda mais pela rusticidade que o rodeia. A sua casa está sempre d'um aceio irreprehensivel; alguns vasos de flôres adornam e alegam o peitoril das janellas; bastantes livros enchem os armarios e imagens de santos guarnecem as paredes. Uma mulher pallida e graciosa está sentada na soleira da porta; faz meias para os filhos e vigia estes que com grandes risadas festivas brincam a poucos passos. Uma ou mais creanças um pouco mais velhas encavalgadas em galhos d'arvores cantam com voz suave e triste um dos psalmos consagrados pelo rito russo. Uma athmosphera de serenidade envolve esta casa e parece mesmo exercer influencia nas casas visinhas. O mais grosseiro aldeão repara em que os filhos do seu parochos são educados com terna solitudine e que a sua vida interior é um modelo d'ordem e d'economia.

O parochos tem d'agriculturar o seu campo, de cultivar o seu jardim; mas os seus parochianos ajudam-no; cada um trabalha por sua vez, de modo que bem poucos trabalhos grosseiros deixam ao parochos. Quando elle vae benzer uma casa, baptisar um recém-nascido, no dia da festa do anjo da guarda, fazem-lhe presentes de





MOSCOW : VISTA GERAL DO KREMLIM — Desenho de H. Clérget, segundo uma photographia

A. Marget



todo o genero: patos, peixes, fructas, algumas vezes calçado e panno. O character religioso do padre inspira uma tão grande veneração que mesmo que elle fosse preguiçoso, bebado, debochado, os fieis não teriam por elle nem menos respeito, nem menos carinho filial. O pastor pôde tambem dispensar ás suas ovelhas uma grande protecção temporal. Todas as vezes que um seu parochiano é incommodado pela policia, a intervenção do pastor é indispensavel para o proteger e livral-o; protecção que o parochiano facilmente dispensa ás suas ovelhas. O padre do campo toma voluntariamente a defeza do campones, não só porque o conhece, porque como elle tambem é pobre, mas tambem e sobretudo porque odeia os empregados publicos e porque todo o agente da auctoridade lhe é suspeito.

De todas as suas funcções sacerdotaes a primeira, a mais solemne, consiste em conferir o baptismo.

No dia em que Dimitri, é este o nome do aldeão que habita aquella grande casa meio escondida por detraz d'aquelle arvoredado, sabe que lhe nasceu um filho, corre a chamar o pope. Pedro vem com passo rapido, mas com a gravidade que as circumstancias exigem. Em quanto que o recém-nascido se agita no berço, o padre reveste-se com os paramentos proprios, abre o seu livro, volta-se para as imagens dos santos e começa assim:

«Senhor Deus, rogamos faças brilhar a tua luz divina sobre esta creança, teu servo Constantino, a fim de que elle fique marcado com a cruz do teu unico e amado filho. Amen.»

Duas ou tres semanas depois tem logar o baptismo do pequeno Constantino. Quando a cerimonia se faz em casa dos paes, a casa é transformada em capella; o que não é difficil, visto que a cozinha, o vestibulo, a sala de jantar e de visitas estão ornadas com imagens do divino Redemptor e de santos. Estendem tapetes ante essas imagens. Uma toalha de fino panno, tres velas e um copo d'agua são collocadas sobre uma mesa; da igreja vem uma bacia de prata. Terminados os preparativos o padre Pedro dirige-se para a casa; leva uma cruz nas mãos e pelo caminho entõa o psalmo festival; um menino do côro, adeante, leva o thuribulo a que dá o movimento cadenciado do pendulo; o sacristão e o coadjutor seguem-no atraz, cada um com um ramo de flôres na mão.

A cerimonia que se vae praticar é demorada e imponente; divide-se em muitas partes. Pri-

meiro exorcismam-se os demonios: o padre, que ainda não está revestido com os paramentos mais ricos, pega na creança, sopra-lhe ao rosto, faz-lhe tres signaes da cruz na testa, no peito e nos labios e em seguida exorcisma o principe das trevas e os seus subditos, dizendo:

«Que todo o espirito immundo que estiver vivendo na alma d'esta creança seja immediatamente expulso.»

Depois dirigindo-se ao neophito:

«Renuncias tu, pergunta elle, ao demonio, ás suas pompas e ás suas obras?»

O padrinho e a madrinha que teem a creança nos braços, viram-se para o occidente, essa região das sombras, onde o espirito das trevas estabeleceu, dizem, o seu imperio, e ambos respondem:

«Renuncio!»

«Cuspamos sobre elle!» exclama o sacerdote, que lança a saliva para o canto em que suppõe estar o diabo escondido. O padrinho e a madrinha cospem tambem.

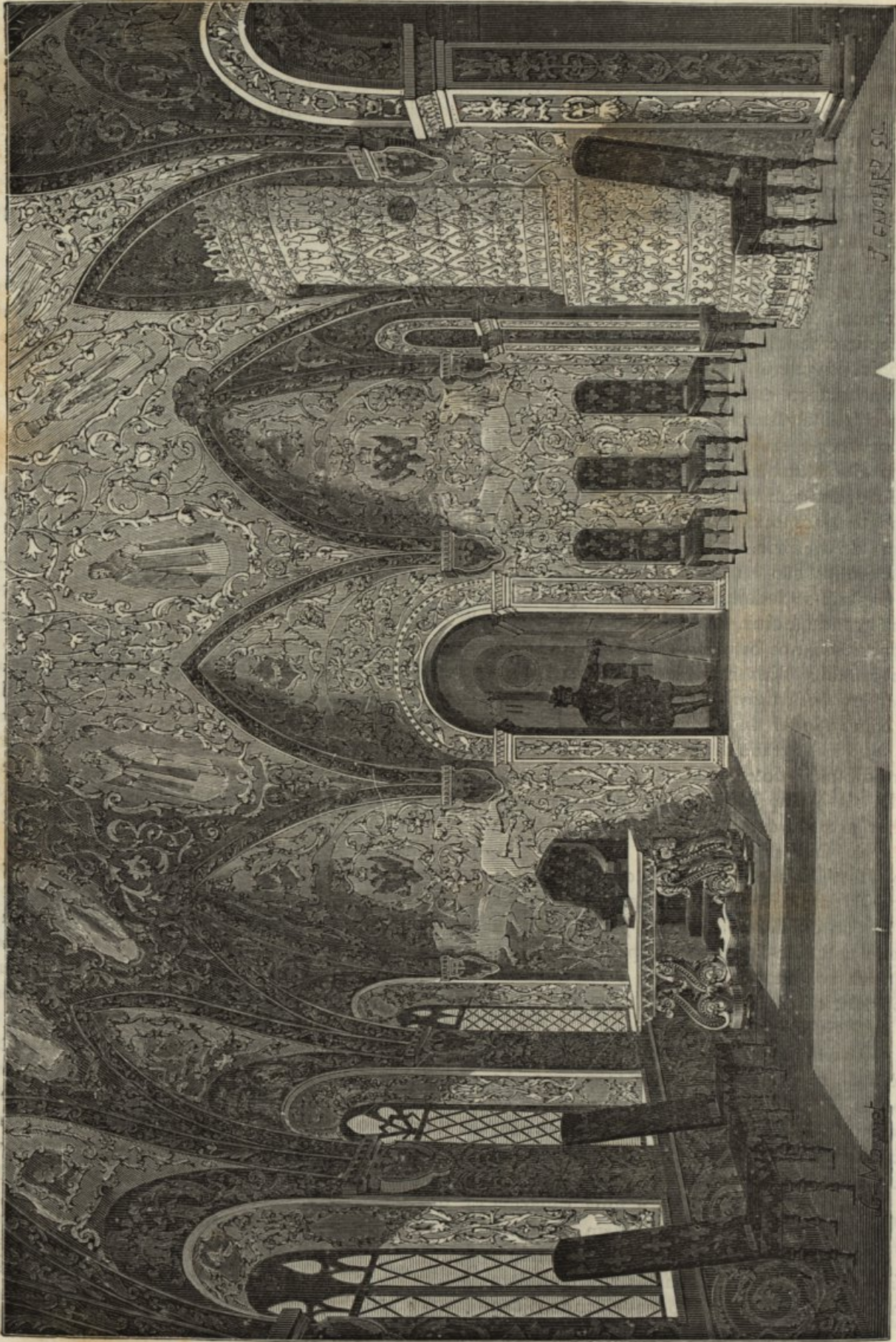
Chegou o momento da profissão de fé: o pope pergunta aos dois fiadores do recém-nascido, se elles crêem que Christo seja Rei, que seja Deus, depois manda-os ajoelhar para adorar o filho do Deus vivo.

N'este momento começa então o baptismo propriamente dito. O sacerdote reveste os seus mais ricos paramentos, os paes affastam-se, a creança fica nos braços dos padrinhos. Cada um dos dois pega n'uma vela que é accessa perto das fontes baptismaes; o fumo do incenso ergue-se em espiraes odoríferas, o sacristão e o coadjutor cantam, o sacerdote murmura uma prece indistincta. A agua é benzida pelo officiante, que tres vezes n'ella mergulha a sua mão direita, sopra ao liquido e faz á superficie o signal da cruz, servindo-se para isso d'uma pena molhada nos santos oleos. A creança recebe a unção baptismal em cinco logares differentes; primeiro sobre a fronte, em quanto o officiante pronuncia estas palavras:

«Constantino, servo de Deus, estás unguido com o oleo d'alegria.»

Em seguida sobre o peito, a fim de lhe salvar a alma e o corpo; a terceira nos ouvidos, para lhe aperfeiçoar o sentido, pelo qual elle ouvirá a palavra da vida; sobre as mãos e sobre os pés, a fim de ficar em estado de cumprir a vontade de Deus e de seguir fielmente o caminho que Elle lhe traçar. O sacerdote pega então na creança e mergulha-a por tres vezes na bacia, dizendo:





UMA SALA DO TEREM — Desenho de J. Moynet, tirado do natural

J. FAUCHER SC.

J. Moynet



«Constantino, servo de Deus, estás baptisado em nome do Padre, do Filho e do Espirito Santo.

Quando a creança depois das tres immerções não se afoga, como ás vezes acontece, vestem-na de branco, põem-lhe ao pescoço uma cruz e, com o nome que deve usar, o patrono que a deverá proteger toda a vida.

Administrado o Sacramento do baptismo, succede-lhe o da Confirmação. Substitue a imposição das mãos em uso na Egreja primitiva. Com uma pena molhada em santos oleos o pope toca de novo na fronte da creança, no peito, nas mãos, e nos pés, repetindo a cada vez:

«Recebe o sello do Espirito Santo.»

Depois da unção vem o acto do sacrificio, em que a creança que nada tem a dar, offerece os seus cabellos. Armado d'um par de thesouras o pope corta em quatro logares o cabello do recém-nascido, faz o signal da cruz e a cada mecha de cabellos que corta, diz:

«Constantino, servo de Deus, estás rapado em nome do Senhor.»

Os cabellos são lançados nas fontes baptismaes. Cantam-se ladainhas e emfim, quebrada por uma grande fadiga, cheia de somno, a creança é depositada nos braços da mãe.

Dez ou doze dias mais tarde, Constantino deve ser levado á Egreja para receber a Eucharistia, como signal da sua admissão na Egreja. A mãe sobe os degraus deante das Portas Reaes, e, quando o sacerdote apparece com o calix na mão, ella sáe-lhe ao encontro. Com uma pequena colher aquelle deita na bocca da creança algumas gotas de vinho e diz:

«Constantino, servo de Deus, communga em nome do Padre, do Filho e do Espirito Santo.»

No fim do officio religioso, o padre pega na creança e collando-lhe a face á pedra do altar, exclama em voz alta:

«Constantino, servo de Deus, foste agora recebido na Egreja de Christo.»

Um dia tambem bem importante para o parochio é o do casamento dos seus freguezes. As ceremonias são ainda mais complicadas que as do baptismo e os honorarios são em proporção. Se os costumes tartaros teem perdido a sua importancia nas classes elevadas, reinam ainda nas classes inferiores; fazer a côrte a uma rapariga é coisa de que estes ultimos não fazem ideia. As uniões são arrançadas por um intermediario e pelas familias, sem que as partes contractantes tenham a menor ingerencia, porque sendo d'uso que os individuos dos dois sexos vivam inteira-

mente separados, os futuros esposos nunca se vêem antes da hora do casamento.

N'uma casa em que fui recebido como hospede a creada veio um dia, entre chorosa e rissonha, dizer á ama que era obrigada a deixal-a.

«Deixares-me! Porque?»

— Vou-me casar.

— Tu, Maria! E quando?»

— Depois d'amanhã, exclamou a noiva, que começou a chorar copiosamente.

— Tão breve? Mas com quem casas tu?»

A creada baixou os olhos. Não podia responder, ainda não vira o seu futuro marido. Uma intermediaria, uma casamenteira, tinha dado a sua palavra que a noiva estaria no tal dia ás quatro horas na Egreja, como é d'uso para as pessoas finas.

— Mas tens tu realmente tenção de casar com esse homem que nunca viste?»

— É forçoso, já marcaram dia.

— Consentem os padres em santificar as uniões assim arrançadas, perguntei eu?»

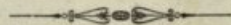
— De modo algum se oppõem, respondeu-me rindo a dama. Um casamento dá-lhe uns certos honorarios e nas casas dos popes ha mais creanças do que kopeks.»

Os recursos do clero parochial são muito exiguos. Ha poucas parochias, mesma nos grandes centros, que dêem aos padres oito ou dez mil francos por anno; essas de tão grande rendimento são mui poucas. O rendimento dos parochos d'aldeia, exceptuando o campo annexo ao presbyterio, não excede mil a mil e duzentos francos. Tanto os popes das cidades como os das aldeias não teem na Egreja dignidade superior a que aspirem.

A unica probabilidade de exito que resta a um ambicioso é o enviuar; em tal caso pôde pronunciar votos, vestir o habito, entrar n'um convento e se é audacioso, maleavel, astuto, pôde elevar-se ás mais altas dignidades da Egreja.

A irritação dos parochos contra a vida que a Egreja lhes destina é um d'esses segredos bem patentes e que em vão tentam esconder aos olhos do publico: pedem uma modificação no systema hierarchico da Egreja e esperam-a, não do corpo clerical, mas d'um czar casado e reformador.

(Continua.)







CABANAS DE CAÇADORES — Desenho de A. de Bar, segundo uma photographia

## CRUZEIROS NA COSTA D'AFRICA

(Continuado do numero 24)

As pirogas dos Crumanos, construidas para serem tripuladas por quatro homens, dispostos uns adiante dos outros, são velozes e afiladas nas duas extremidades; attingem uma grande velocidade sendo impellidas com força. A partir do cabo das Palmas as pirogas são mais pesadas e maiores; podem ser tripuladas por vinte homens, que se collocam dois a dois; estes remadores manobram os remos com uma velocidade vertiginosa.

A costa dos Grébos era antigamente considerada como perigosa; ainda nas antigas cartas tem o nome da costa da *Má Gente*; alguns roubos commettidos recentemente indicam que as velhas más disposições não desapareceram ainda completamente, mas hoje têm medo dos navios de guerra e não se atrevem, senão raramente, a praticar actos de pirataria; todavia não é prudente

deixar accumular no tombadilho dos navios muitos indigenas; eu tive uma vez duzentos a bordo da *Malouine*; se estão em numero fazem-se surdos a todas as advertencias. Um dia usei d'um estratagemã que me deu o melhor resultado. Soltei um valente cão que ameaçava morder-lhes os calcanhares e mesmo mais acima e, como andam nus, estavam muito expostos às mordedellas de *monsieur Pic*; d'este modo o tombadilho ficou limpo de selvagens e ouviam-se grandes gargalhadas partir da agua, onde aquella negraria tinha ido buscar um refugio nas suas pirogas contra o meu valente cão.

É uma verdadeira arte de equilibrista o manobrar uma piroga; o mais pequeno movimento errado fal-a virar; quanta destresa para a tornar a voltar e para lhes deitar fóra a agua é preciso ter! mas o mais difficil é tornar a subir para ella.



É facil, estando na agua, subir para uma piroga do Senegal, armada na sua extremidade d'uma ponta aguda, mas a piroga dos Crumanos é recurva; é preciso abraçal-a com os dois braços e d'um impeto saltar da agua para dentro, como um habil cavalleiro faz tendo a clina do cavallo agarrada.

O mais importante dos rios dos Grébos é Cavally. Segundo as explorações e as observações que fiz, o rio Grã-Bassam, os conhecidos com o nome de Rio Tresco, Santo André, Biribi, Cavally, são o escoadoiros d'uma lagôa interior que recebe todas as aguas provenientes dos montes Kong. Os Grébos chamam a esta lagôa Glé; affirmam que as aguas ali são profundas, que tem quatro milhas de largo e que os indigenas a percorrem desde os Lahou até acima de Biribi e de Cavally.

Os rios que chegam á costa são torrencias e téem muitas cascatas antes de chegar ao mar. Não se pôde subir mais de trinta kilometros sem encontrar a primeira catarata.

A margem meridional da lagôa Glé é habitada por povos negros que tem o nome de Glébué e estão muitas vezes em hostilidade com os Crumanos. Um povo branco, ao qual a gente de Biribi dá o nome de Paï-pi-bri, vive na margem norte; os Paï-pi-bris confundem-se provavelmente com as tribus designadas com o nome de *Paw* pelos missionarios americanos do cabo das Palmas, que elles dizem serem de côr clara.

Uma negra roubada d'uma libata visinha do Galam durante a guerra de Hadji Omar chegou de senhor em senhor até ás portas de Dabou; ahi foi recolhida por um caçador senegalez. Esta mulher affirmou-me que durante a sua longa viagem, que durára perto de dois annos, encontrára povos brancos que ella tomára por Touarecks; quando fallar de Grã-Bassam terei occasião de fallar d'esta mulher, que chamaremos *Fatma* para a reconhecer.

Os Paï-pi-bris e os Gléboés não podem abandonar as margens em que vivem; téem portos neutros, favoraveis ao commercio de troca que se faz da maneira mais primitiva. Os povos da costa levam-lhe tecidos, tabacos, polvora, aguardente, rhum, que elles trocam principalmente por dentes d'elephante, de que a grande abundancia fez dar a esta costa o nome expressivo de costa dos Dentes.

A confraria dos Pourahs está em vigor em toda esta região e o grande numero de mascaras que nos são trazidas a bordo para vender, prova que

esta associação deve ahi estar muito desenvolvida.

Um dos grandes passatempos dos Crumanos nas feitorias é, nos dias de festa, vestirem-se de fetiches para executar as danças carecteristicas que elles chamam dança *Madame*.

As habitações das mulheres fetiches encontram-se geralmente nas margens do Glé, que tambem tem o nome de Baoulé ou de Baouré, confundindo-se portanto com o rio do Baouré do Grã-Bassam. Segundo as affirmativas do meu soba crumano, a rainha deve pôr nas pernas uma especie de caustico que lhe provoca uma elephantiasis artificial. As pessoas aventureiras e que procuram um talisman infalivel devem ir ter com a rainha das pernas inchadas; o obsequio que ella lhe dispensa é pouco invejavel, como se vae vêr:—Pega n'um palito e molha-o na secreção que deita de si uma das pernas inflamadas, e este pus é o talisman que faz com que os Crumanos saiam sempre victoriosos. Mas horror! para que o effeito do talisman seja permanente, é mister que se engula pus e palito.

A rainha fetiche é o chefe d'uma libata chamada *Boulinglé*, onde mulheres votadas ao celibato habitam aos pares em cubatas separadas; o sexo forte é severamente proscripto d'esta confraria, cujas dependencias são cercadas por uma palissada. Comtudo a sociedade d'estas amazonas deve renovar-se sob pena de se aniquilar; as leis naturaes regem tudo n'este mundo; é preciso pois consentir que os regulamentos sejam illudidos.

D'estas conjunções clandestinas pôde nascer uma rainha, porque as creanças do sexo feminino são destinadas a perpetuar a instituição. As creanças do sexo masculino são fatalmente immoladas ao Molock africano. Este costume é praticado entre os Malouas com um rigor ainda mais absoluto; toda a mulher que tem o parto no campo vê sacrificar o filho ante os seus proprios olhos.

Nas montanhas do paiz dos Grébos não faltam grutas sagradas; uma d'ellas é afamada em muitas leguas em redondo pelas suas virtudes fecundantes.

Os esposos estereis fazem ali uma peregrinação. A fé faz milagres; basta que o casal metta o braço no buraco do rochedo e aperte as mãos atravez do orificio para que o milagre se faça, e téem-se visto, logo em seguida a esta cerimonia, nascer os mais formosos moleques.

As libatas na costa dos Dentes succedem-se com certos intervallos. Estas populações estão



muitas vezes em hostilidade e não podem atravessar o territorio uma das outras sem perigo de vida. Ha alguns annos que as tribus do interior se téem vindo misturar com as tribus da costa, mas aquellas não téem os direitos de cidade.

S. Pedro é uma aldeia bastante insignificante.

Santo André pôde ser julgada como o termo da costa dos Crumanos. O rio que a banha é largo

e ainda que defendido por uma barra é navegavel mesmo em occasiões de baixa mar.

Nos tempos remotos de que fallo os habitantes de Santo André tinham a reputação de ser antropophagos e é provavel que a merecessem, de modo que as pessoas que ahi se demoravam sósinhas nem sempre podiam ter a certeza de não serem assadas n'um espeto.

Um dos nossos homens, um valente marinheiro



MULHER FETICHE — Desenho de A. Marie, segundo uma aguarella de M. Leonard, tenente de marinha

chamado Triguier, foi agarrado e levado não sei com que intenção, mas fugiu aos seus carcereiros e veio ter ao escaler com grande espanto dos seus companheiros, que já não contavam com elle.

Esta gente foi muito importuna em quanto os officiaes estiveram em terra.

Os oculos verdes do commissario produziam nos selvagens o effeito da cabeça de Medusa e mesmo os mais audaciosos se enchiam de terror.

Nunca vi tanta gente mascarada como em Santo André; as mascaras são de madeira e as feições grosseiramente talhadas; servem-se d'el-



las para as expedições de guerra, sem duvida pensando pôr-se ao abrigo das represalias sob o anonymo da mascara; de resto este habito de usar mascara ou cabelleiras postiças encontra-se em outras tribus, principalmente entre as que vivem mais proximo do Congo.

## XVI

Costa de Quaqua—Cabo Lahou—Grã-Bassam—Tratado—Piter, Waka—Creação d'um posto—Rios africanos—Geographia—Kong—Banbaras—Casas de pedra em Guindé—Ashantis.

A costa de Quaqua <sup>1</sup> succede-se á costa dos Dentes; os povos d'esta parte, onde começa a costa do Ouro, são d'um character mais commerciante e mais sociavel do que o dos que acabamos de fallar. Estabelecidos nas margens das grandes lagôas d'agua doce do Cabo Lahou e do Grã-Bassam, podem facilmente colher o azeite de palma, que se torna o objecto principal de commercio que fazem os Europeos. É preciso um consideravel material para negociar n'este azeite e offerecer sérias garantias de solvabilidade. Os navios ficam fóra das barras e fazem aos agentes os adiantamentos necessarios para que elles possam percorrer as aldeias do interior que estão geralmente estabelecidas nas margens norte das lagôas, onde ha as florestas de palmeiras.

A auctoridade está melhor constituida entre os povos da Costa do Ouro que entre os Cruma-

nos, e potencias soberanas têm ahi uma politica e uma acção com as quaes é preciso contar, como os acontecimentos do cabo Coast demasiadamente o provam.

Esta abundancia d'azeite, a quantidade e pureza do ouro attrahiram a minha attenção.

Quando em 1840 se tratou de crear centros, nos quaes se deviam apoiar os navios cruzadores para extirpar a escravatura, estas paragens tornaram-se o assumpto d'um estudo especial. Tambem, quando em 1843 o governo se decidiu a ajudar a acção dos cruzeiros, fundando feitorias proprias para substituir o commercio legitimo pela escravatura, naturalmente os rios Bassam e Assinia foram designados como centro d'estes estabelecimentos; fui eu o encarregado de sobre este assumpto tratar com os indigenas dos dois rios.

Desembarquei na praia do Grã-Bassam a 19 de fevereiro de 1843; subi o rio até a uma aldeia situada, pouco mais ou menos, a duas milhas da embocadura. Fiquei surprehendido com o seu aspecto: ruas largas e praças publicas, assombreadas por arvores de largas folhas; uma população numerosa e que parecia contente tinha vindo ao meu encontro sem essa curiosidade importuna que fatiga o viajante. Os chefes, entre os quaes se partilha a auctoridade, reuniram-se em casa do principal d'elles, um chamado Piter, e immediatamente se começou a conversar.

(Continúa.)

## A QUESTÃO DO TRANSVAAL

(Continuado do numero 24)

Nós S. J. P. Kruger, Vice-Presidente, M. W. Pretorius, e P. J. Joubert, em nome do povo da Republica da Africa Austral e perante Deus, constituidos em Triumvirato pelo Volksraad na sua reunião de 13 de dezembro de 1880, com o fim de organizar um governo provisório, fazemos saber o seguinte:

1.º A 16 de janeiro de 1852 celebrou-se entre os snrs. W. S. Hogge e C. M. Owen por uma parte, e os Deputados dos boers emigrantes por outra, uma convenção conhecida pelo nome de

<sup>1</sup> Quaqua é um appellido; é a affirmativa *sim* repetida pelo povo; os hespanhoes chamam algumas vezes aos francezes *dis donc*.

*Convenção do rio Sand*, concebida nos seguintes termos:

« 1. Os commissarios por parte do Governo «britannico, garantem aos fazendeiros emigrantes «de além do rio Vaal o direito de tratarem-dos «seus negocios, e de se governarem conforme leis «suas, sem nenhuma intervenção por parte do «Governo britannico; e que o dito Governo britan- «nico não praticará usurpações no territorio «além e ao norte do rio Vaal; assegurando-se «tambem que o mais ardente desejo do Governo «britannico é promover a paz, o commercio li- «vre, e as relações de amizade com os fazendeiros «emigrantes que agora habitam ou que de fu- «turo venham a habitar aquelle paiz; tendo-se



«por entendido que este systema de não inter-  
«venção é obrigante para ambas as partes.

«2. Se porventura qualquer disputa vier de  
«futuro a levantar-se ácerca da verdadeira signi-  
«ficação das palavras *Rio Vaal*, esta questão,  
«pelo que respeita á linha que vae desde a ori-  
«gem d'aquelle rio nos Drakensberg, será resol-  
«vida e ajustada por commissarios escolhidos por  
«ambas as partes.

«3. Os commissarios de Sua Magestade re-  
«jeitam por esta fórma toda a alliança com quaes-  
«quer nações de pretos ao Norte do rio Vaal.

«4. Fica ajustado que não será permittida em  
«tempo algum aos fazendeiros ao Norte do rio  
«Vaal a posse de escravos.

«5. Permittir-se-hão mutuas facilidades e li-  
«berdades aos negociantes e viajantes de ambos  
«os lados do rio Vaal; ficando entendido que  
«qualquer carreta com armas vindas do Sul do  
«Vaal, apresentará um certificado assignado por  
«um magistrado britannico ou por outro func-  
«cionario devidamente auctorizado para o passar,  
«no qual se declare ao mais proximo magistrado  
«de além Vaal a quantidade de artigos contidos  
«na carreta, para este proceder em harmonia com  
«o que os regulamentos dos fazendeiros emigran-  
«tes estatuirem. Fica combinado que nenhuma  
«auctoridade britannica poderá oppôr-se a que  
«os Boers emigrantes comprem os seus suppli-  
«mentos de munições de guerra, em qualquer  
«das colonias ou possessões britannicas da Africa  
«do Sul; combinando porém as duas partes que  
«prohibirão o commercio de munições com as  
«tribus nativas de ambos os lados do Vaal.

«6. Estipula-se que tanto quanto fôr possível,  
«tôdos os criminosos de qualquer especie que  
«fujam á justiça para qualquer lado do Vaal, se-  
«rão reciprocamente entregues, se assim fôr so-  
«licitado; e que tanto os tribunaes britannicos  
«como os dos fazendeiros emigrantes estarão  
«mutuamente franqueados a quaesquer processos  
«legitimos; e que as intimações de testemunhas  
«feitas de qualquer lado do rio Vaal para o ou-  
«tro, serão endossadas pelos magistrados de cada  
«um dos lados respectivamente, para coagirem  
«á comparencia as ditas testemunhas.

«7. Combina-se que as certidões de casamen-  
«tos passadas pelas auctoridades competentes dos  
«fazendeiros emigrantes, serão validas e bastan-  
«tes para habilitarem os descendentes de taes  
«casamentos a receberem o que como taes lhes  
«fôr devido em qualquer colonia ou possessão  
«britannica na Africa Austral.

«8. Fica concordado que qualquer pessoa  
«possuidora de terrenos, residente em territorio  
«britannico, terá direito de vender a sua dita  
«propriedade, e mudar-se sem opposição para  
«além do rio Vaal e vice-versa, comprehenden-  
«do-se distinctamente comtudo, que esta estipu-  
«lação não abrange criminosos e devedores, sem  
«que primeiramente tenham satisfeito as suas  
«dividas justas e legaes.»

2.º Por este convenio reconhecia-se a perfeita  
independencia da Republica, sem restricção al-  
guma, ficando ella equiparada aos outros Esta-  
dos independentes.

3.º Com o correr do tempo foi a Republica  
reconhecida pelas grandes Potencias: França,  
Prussia, America, Portugal, Belgica e Hollanda,  
como já o fôra pela Inglaterra.

4.º Nenhuma das clausulas d'esta convenção  
foi em tempo algum violada, retirando-se assim  
á Inglaterra mesmo a sombra de um pretexto  
para se desligar das suas obrigações.

5.º Apesar de se ter por varias vezes accusado  
a Republica de favorecer a escravatura, a falsi-  
dade de uma tal accusação foi brilhantemente  
demonstrada pela propria annexação; por isso  
que os representantes de Sua Magestade no nosso  
paiz, nunca tiveram occasião de pôr cobro a vio-  
lencias praticadas pelos Boers, nas pessoas de  
pretos, pela simples razão de não existirem taes  
violencias. Em toda a área enorme do paiz nem  
um escravo foi libertado, porque nenhum es-  
cravo existia.

6.º Se esta convenção foi violada não o foi  
decerto pelo povo; e talvez que Sir Garnet Wol-  
seley atinasse com a verdade, quando declarou  
que os logistas inglezes residentes aqui forneciam  
os cafres com armas e munições, em contraven-  
ção do artigo 5.º da Convenção.

7.º As relações mais amigaveis téem desde  
esse tempo existido entre os governos de Sua  
Magestade e da Republica. Quando se levantou  
em Natal a pendencia com o regulo Langabalele,  
provou-o a Republica com factos, que foram com  
gratidão reconhecidos pela assembléa legislativa  
do Natal.

8.º Em consequencia de falsas informações,  
e não obstante ter então o governador de Natal  
declarado expressamente em officios para o Se-  
cretario d'Estado das Colonias em Inglaterra,  
que a Republica tinha conseguido restabelecer a  
sua supremacia entre as tribus cafres, apesar de  
ter durante algum tempo soffrido com a insur-  
reição do Secocoeni, Sir Theophilo Shepstone



assumiu abusivamente os poderes especiaes que lhe foram conferidos para circumstancias inteiramente differentes.

9.º Este funcionario julgou dever annexar a 12 d'abril de 1877 a Republica da Africa Austral, em nome de Sua Magestade, não obstante lhe terem conferido poderes para só o fazer mediante o consentimento do Valksraad, e provavelmente para fins satisfactorios.

10.º O Governo e o povo da Republica não usaram do seu direito de pegar em armas, porque estavam convencidos que o Governo de Sua Magestade, quando melhor informado, desaprovava o acto do seu empregado; e porque as ameaças d'esse empregado os faziam receiar que uma resistencia armada causaria uma guerra civil entre os colonos da Africa Austral, e uma guerra de exterminio entre as raças brancas e pretas.

11.º O governo da Republica da Africa Austral só tolerou sob protesto que se praticasse aquelle acto de violencia, e o povo tem-se conservado quieto em obediencia á auctoridade legal, como o prova o seguinte extracto da acta do conselho executivo, datada de 11 de abril de 1877 e a proclamação do presidente Burgers:

«Art. 7.º Foi apresentado um despacho do commissario especial de Sua Magestade britannica, com data de 9 de abril de 1877, participando ter s. ex.º decidido proclamar sem demora a auctoridade britannica sobre a Republica da Africa Austral, e resolveu-se:

«Que considerando que o Governo de Sua Magestade britannica, na convenção celebrada no rio Sand, em 1852, se obrigou solemnemente a reconhecer a independencia dos povos ao norte do rio Vaal e considerando que o Governo da Republica da Africa Austral não se accusa de ter jámais dado qualquer pretexto para uma acção hostil da parte do Governo de Sua Magestade nem qualquer base para um tal acto de violencia;

«Que considerando que este Governo sempre se mostrou prompto, e ainda o está a fazer tudo o que justa e equitativamente lhe possa ser exigido, e a affastar todas as causas de desagrado que porventura existam: considerando igualmente que o Governo em todas as occasiões mostrou a sua sincera vontade de entrar na negociação de tratados ou convenios com o Governo de Sua Magestade, com o fim de assegurar protecção geral ás populações brancas da Africa Austral, e está ainda prompto a cum-

prir pontualmente taes convenios; e considerando, segundo se deprehende de declarações publicas de lord Carnarvon, Secretario de Estado para as colonias, que não existe da parte do Governo Britannico desejo de compellir o povo da Republica da Africa Austral, contra sua vontade, a acceitar a auctoridade do Governo Britannico;

«considerando que o povo tem, por uma grande maioria declarado claramente em memoriaes e d'outras maneiras que é adverso a essa auctoridade;

«considerando como este Governo comprehende que não está em condições de manter pela espada contra uma potencia superior como é a Grã-Bretanha, os direitos e a independencia do povo, e de mais não tem desejo por modo algum, de dar um passo que faça dividir os habitantes brancos da Africa Austral, na presença do inimigo commum uns contra os outros, ou que possa leval-os a um contacto hostil, com grave perigo de toda a população christã da Africa Austral sem que primeiro tenha empregado todos os meios de, por modos pacificos e por uma mediação amigavel, assegurar os direitos do povo, o Governo protesta muito energeticamente contra este acto do commissario especial de Sua Magestade;

«Resolve outro sim mandar sem demora á Europa e á America uma commissão de dois delegados, com plenos poderes de addicionarem uma terceira pessoa, se o julgarem conveniente, a fim de fazer a diligencia, de apresentar perante o Governo de Sua Magestade os desejos e a vontade do povo, e, no caso de não surtir isto o desejado effeito, o que este Governo profundamente lamentaria, não o podendo ainda suppôr, appellar então para o auxilio amigavel e para a intervenção de outras potencias, nomeadamente d'aquellas que reconheceram a independencia d'este Estado.

«Para membros d'esta commissão são nomeados o honrado procurador geral dr. E. J. P. Jorissen, e S. J. P. Kruger, vice-presidente da Republica da Africa Austral.

«Art. 8.º Por proposta do Sr. S. J. P. Kruger resolveu-se addicionar o Sr. C. van Boeschoten, como membro da commissão.

«(a) *Thomas Burgers.* — *N. J. R. Swart.* — *E. J. P. Jorissen.* — *C. J. Juta.* — *S. J. P. Kruger.* — *C. Holtzhuisen.* — *H. Siemens,* secretario do Conselho Executivo.»

(Continúa.)





O MAJOR SERPA PINTO — Desenho de E. Bayard, segundo uma photographia



## COMO EU ATRAVESSEI A AFRICA <sup>1</sup>

DO ATLANTICO AO MAR INDICO—VIAGEM DE BENGUELLA Á CONTRA-COSTA—ATRAVÉS REGIÕES DESCONHECIDAS—DETERMINAÇÕES GEOGRAPHICAS E ESTUDOS ETHNOGRAPHICOS

POR

**SERPA PINTO**

PRIMEIRA PARTE

### A CARABINA D'EL-REI

(Continuado do numero 1)

#### COMO FOI PREPARADA A EXPEDIÇÃO

**F**M PARIS fomos logo procurar a M. d'Abbdie, o grande explorador da Abissinia, e M. Ferdinand de Lesseps.

D'elles ouvimos conselhos e recebemos os maiores obsequios.

Infelizmente, não encontramos no mercado, nem instrumentos, nem armas, nem artigos de viagem, taes como os desejavamos.

Foi preciso encommendar tudo.

Com uma recommendação especial de M. d'Abbadie, fomos procurar os constructores de instrumentos, e durante 10 ou 12 dias, Lorieux, Baudin e Radiguet trabalharam para nós.

Walker tinha-se encarregado dos artigos de viagem, Lepage (Fauré) das armas, Tissier do calçado, e Ducet *jeune* da roupa.

Feitas as encommendas em Paris, seguimos para Londres, e ali compramos os chronometros, em casa de Dent, e alguns instrumentos em casa de Casella; uma boa provisão de sulfato de quinine, e muitos objectos de cautchouc na casa Macintosh, entre elles dous barcos e algumas banheiras.

Procuramos de balde em Londres, como tinhamos de balde procurado em Paris, um theodolito que tivesse as condições necessarias para uma viagem de tal ordem qual iamnos emprender. Uns, optimos para observações terrestres, não tinham as condições precisas para as observações astronomicas; outros, que reuniam as condições requeridas, eram intransportaveis, já pelo peso, já pelo volume.

<sup>1</sup> Á amabilidade do insigne explorador, o major Serpa Pinto, devemos o poder publicar na *íntegra* a narração da sua arrojada viagem, que será illustrada com esplendidas gravuras feitas em Paris pelos mais notaveis artistas.

Não havia tempo para fazer construir um de proposito, e de volta a Paris, tivemos de accetar aquelle que já antes nos tinha sido offerecido por M. d'Abbadie.

Recolhemos, em Paris, tudo o que tinhamos encommendado, e que tinha sido fabricado em nossa curta ausencia; e no dia 1 de julho, desembarcamos eu e Capello em Lisboa, completamente preparados para a nossa viagem; podendo assim cumprir o nosso compromisso, de partir para Loanda no paquete de 5. Tinhamos feito os preparativos em 19 dias.

Quando eu estudava o modo de me preparar para uma longa viagem em Africa, tinha procurado sem resultado em livros de viagem o modo porque se haviam preparado outros viajantes.

Em todas as narrativas havia escassez de informações a esse respeito, e lembra-me ainda o quanto isso me enfadou.

Resolvi logo, se um dia chegasse a fazer uma viagem em Africa, e se d'ella escrevesse a narrativa, não ser omisso n'essa parte, e dizendo quaes os objectos de que me provi, dizer quaes os que me prestaram serviços reaes, e quaes os que me foram carga inutil.

A historia de explorações d'Africa está no seu começo.

Muitos exploradores me succederão em Africa como eu succedi a muitos, e creio fazer um bom serviço áquelles que depois de mim se aventurarem no inhospito continente, apresentando-lhes agora uma relação dos objectos de que me provi; e logo, no correr da minha narrativa, as vantagens ou os inconvenientes que n'elles encontrei.

Segundo as instrucções que do governo tinha recebido, podia demorar-me tres annos em viagem, e para isso me preparei.

A experiencia tinha-me mostrado, o grave inconveniente de me sobrecarregar de bagagens; e francamente declaro, que fiquei aterrado quando



em Lisboa, vi o enorme trem comprado em Paris e Londres.

Só malas tinhamos 17! todas das mesmas dimensões, 0<sup>m</sup>, 3 + 0<sup>m</sup>, 3 + 0<sup>m</sup> 6.

Uma era toucador perfeito, contendo um grande espelho, uma bacia, caixas para escovas e mais objectos competentes; outra continha um serviço de meza e chá para tres pessoas; e uma terceira o trem de cosinha.

Tres outras malas de forte sola deviam conter cada uma o seguinte: —4 frascos de quinino, uma pequena pharmacia, um sextante, um horizonte artificial, um chronometro umas tabuas logarithmicas, umas ephemerides, um aneroide, um hypsometro, um thermometro, uma bussola prismatica, uma bussola simples, um livro em branco, lapis, papel e tinta; 50 cartuxos para cada arma: um vestuario completo, e tres mudas de roupa branca; isca, fusil, pederneiras, e alguns pequenos objectos de uso pessoal.

Cada uma d'estas malas tinha na parte superior um estojo de costura, escrivanhinha e logar para papel. Eram pessoasas, e pertencia cada uma a um de nós.

As outras 10 malas continham indistinctamente roupas, calçado, instrumentos, e outros objectos de reserva. Todas tinham fechaduras eguaes e abriam com a mesma chave.

A nossa barraca era uma *tente marquise* de 3 metros de lado por 2<sup>m</sup>, 3 de alto. As camas eram de ferro, fortes e commodas. As mesas de thesoura, os bancos e cadeiras de lona.

Todos estes artigos foram da fabrica Walker.

Cada um de nós tinha uma carabina magnifica de calibre 16, cujos canos, forjados por Leopoldo Bernard, tinham sido cuidadosamente montados por Fauré Lepage.

Uma espingarda do mesmo calibre da fabrica de Devisme, uma Winchester de 8 tiros, um revolver e uma faca de mato completavam o nosso armamento.

Em Lisboa tinha eu encommendado na confeitaria Ultramarina 24 caixas, das mesmas dimensões das malas, contendo, em latas cuidadosamente soldadas, chá, café, assucar, hortaliças seccas, e farinhas substanciaes. Hoje devo aqui lavrar um alto agradecimento ao snr. Oliveira, proprietario da mesma fabrica, pelo escrupulo que teve na escolha dos generos que nos forneceu, e que muito nos serviram no começo da viagem.

Os instrumentos que levamos foram os seguintes: 3 sextantes, sendo um de Casella, de

Londres; um de Secretan, e um de Lorieux, verdadeiro primor. Dois circulos de Pistor, fabricados por Lorieux, com dois horizontes de espelho, e os competentes niveis. Um horizonte de mercurio de Secretan. Tres lunetas astronomicas de grande força, duas de Bardou e uma de Casella. Tres pequenos aneroides, dois de Secretan e um de Casella; 4 pedometros, dois de Secretan e dois de Casella; 6 bussolas de algebeira; 1 bussola Bournier de Secretan; 3 outras azimutaes, duas de Berlin e uma de Casella; 2 agulhas circulares Duchemin; 6 hypsometros Baudin, 1 de Casella, 3 de Celsius de Berlin, dois mais muito sensiveis de Baudin; 12 thermometros de Baudin, Celsius e Casella; 1 barometro Marioti-Casella; 1 anemometro Casella; 2 binoculos Barbou; 1 bussola de inclinação, e um aparelho, de força magnetica, que nos foram obsequiosamente emprestados pelo capitão Evans, por entermedio de M. d'Abbadie. E finalmente, o theodolito universal d'Abbadie, que tem o nome de *Aba*, e que tão cavalheirosamente nos foi cedido pelo seu inventor.

Armas, instrumentos, bagagens, todos os artigos, emfim, tinham gravado o seguinte letreiro — *Expedição Portugueza ao interior d'Africa Austral, em 1877.*

Duas caixas, contendo o necessario para conservar exemplares zoologicos e botanicos nos foram enviadas pelos snrs. dr. Bocage e conde de Ficalho.

Ferramentas dos diversos officios augmentavam este enorme trem, com que iamoz deixar Lisboa, para nos internarmos nos sertões desconhecidos da Africa Austral.

## CAPITULO I

### EM BUSCA DOS CARREGADORES

Chegada a Loanda—O Governador Albuquerque—Não ha carregadores—Vou ao Zaire—O Ambriz—Chego ao Porto da Lenha—Os resgatados—Sei da chegada de Stanley—Vou a Cabinda—Tomo Stanley a bordo da *Tamega*—Os officiaes da canhoneira—Stanley meu hospede—O nosso itinerario—Chegada do Ivens.

No dia 6 de agosto de 1877, chegavamos a Loanda, no vapor *Zaire*, do commando de Pedro d'Almeida Tito, a quem aqui lavro um testemunho affectuoso de muita gratidão, pelos favores que me dispensou durante a viagem.

Desde a minha saida de Lisboa, uma preocupação constante me perseguia. A nossa bagagem era enorme, e tinha de ser ainda muita augmen-



tada, com fazendas, missangas e outros generos, que seriam a nossa moeda no sertão.

Em todos os livros de viagens, n'esta parte do continente Africano, li eu as difficuldades em que se encontraram muitos exploradores, por não poderem obter o numero sufficiente de carregadores para as cargas indispensaveis. ¿Como os obteria eu? Em Cabo-Verde soube, que uma carta que eu e Capello tinhamos dirigido ao Ivens não fôra por elle recebida; pois que soube ali, por um telegramma, que Ivens estava em Lisboa, e por isso não podia ter satisfeito ao pedido que n'aquella carta lhe faziamos, de estudar a questão, e ver se nos obtinha em Loanda os auxiliares precisos. Uma tentativa feita em Cabo-de-Palmas ficou sem resultado, e apesar do apoio que nos prestou o capitão Tito, nem um só *keruboy* pudemos ajustar ali.

Chegamos finalmente a Loanda, e fomos hospedar-nos em casa do snr. José Maria do Prado, um dos primeiros proprietarios e capitalistas da Provincia de Angola, que immediatamente poz á nossa disposição, uma das muitas casas que possui na cidade; casa com accommodações bastantes para receber o enorme trem da expedição.

Do snr. Prado recebemos innumerous favores. Na noite do dia 6, fomos procurados por um dos ajudantes de campo de S. Ex.<sup>a</sup> o Governador Geral, que vinha, em nome do snr. Albuquerque, fazer-nos os mais cordiaes offerecimentos.

No dia 7, procuramos o Ex.<sup>mo</sup> Governador, que nos recebeu affectuosamente, mostrando a maior benevolencia em desculpar os meus trajos, que, optimos para a vida do mato, eram a não poder ser mais, ridiculos para uma visita ceremoniosa.

O snr. Albuquerque, depois de nos assegurar que nos daria a maior assistencia nas terras do seu governo, concluiu por nos mostrar a impossibilidade de obtermos carregadores.

Creio que nada mais desagradavel pôde haver para quem quer viajar em Africa, e tem 400 cargas, do que dizer-se-lhe: *Não ha carregadores.*

Decidi immediatamente ir ao Norte da provincia ver se por ali os poderia contratar; e n'esse sentido pedi ao snr. Albuquerque, me mandasse transportar ao Zaire.

O unico navio de guerra que podia ser posto á minha disposição andava cruzando na foz do Zaire; resolvi ir procural-o, e no dia 8, parti n'um escaler, tripulado por 8 pretos cabindas, que me foi fornecido pela capitania do Porto. Levava ordens do Governo para o commandante

da canhoneira. Não ha nada mais desagradavel do que fazer uma viagem de 120 milhas em um escaler. De Loanda ao Ambriz comi apenas umas sardinhas e bolachas. Tendo resolvido fazer a viagem no escaler no mesmo dia da partida, não tive tempo de fazer preparativos.

No dia 9, ao anoitecer, chegava ao Ambriz; bonita villa assente no planalto de um comoro, cujas escarpas, de 25 metros, são cortadas a prumo sobre o mar.

Fazia as vezes de chefe, um empregado de fazenda, o snr. Tavares, que caprichou em obsequiar-me, assim como todos os habitantes da villa, mormente o snr. Cordeiro, em casa de quem estive hospedado.

Esperava-me no Ambriz Avelino Fernandes. Tive a felicidade de conhecer Avelino Fernandes a bordo do vapor *Zaire*, e relações intimas se estabeleceram entre nós.

É filho das margens do Zaire, e tem grande paixão por esse rico solo, onde as arvores gigantes da floresta virgem lhe assombraram o berço. Tem 24 annos. A côr morena e o cabello crespo indicam que nas suas veias, de envolta com o sangue europeu, gira o sangue africano. Rico, dotado de uma esmerada educação, adquirida nos principaes centros da Europa, e que uma intelligencia superior soube desenvolver, é o verdadeiro typo do cavalheiro palaciano, que não se pôde conhecer sem que a elle nos prenda logo verdadeira sympathia. As muitas relações que elle tinha no Zaire podiam facilitar-me os meios de arranjar ali carregadores.

Soube no Ambriz que a canhoneira *Tamega* devia chegar áquelle ponto dentro de dois dias; e por isso resolvi esperal-a.

A viagem de Loanda no escaler não me tinha deixado recordações tão fagueirás, para que eu persistisse em continuar para o norte da mesma fórma.

No dia 10, fui visitar a villa e seus suburbios, e em dois traços vou narrar o que vi.

Do planalto em que assenta a povoação europea, desce-se para a praia por um caminho em zig-zag, que estava sendo reconstruido por alguns grilhetas. Na praia, entre dois soberbos edificios, que são armazens das casas commerciaes franceza e hollandeza, ostenta-se um albergue, meio derrocado pela velhice, meio em construcção recente não continuada, que é a alfandega; sem depositos, onde as fazendas, arrumadas á porta sobre o areal, pagam um irrisorio tributo de armazenagem. A N. N. E. da villa, muitos hectares



de terreno são occupados por um pantano, inferior de 3 metros e 12 centímetros á maior preamar; e na encosta da escarpa que do planalto da villa desce ao pantano, assentam as cubatas da povoação indigena, nas peiores condições de salubridade. Ao sul da villa, entre umas moitas de mato virgem, é o cemiterio — onde os cadaveres enterrados de dia, são pasto das hyenas á noite.

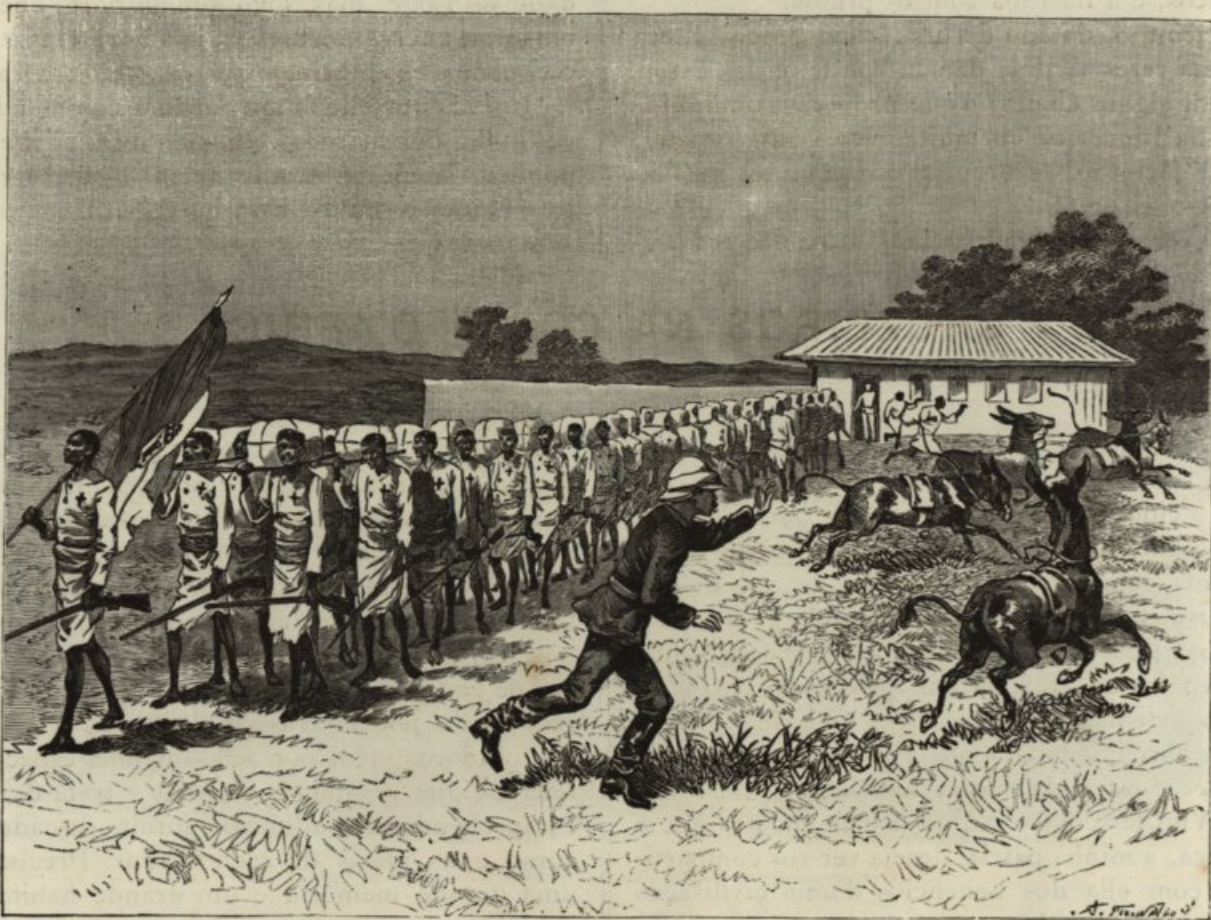
A ponte de desembarque, construida de ferro e madeira, está prestes a ser inutilizada; porque a oxidação do ferro em contacto com o ar e a agua, produz-se cedo; e a ponte não foi pintada, não ha verba para sua conservação, nem alguém que por ella vigie.

A casa do chefe é um pardieiro derrocado, onde ha verdadeiro perigo em habitar.

O paiol ameaçava ruina; e isso fez-me impressão, porque elle contém a polvora do commercio, que não rende menos de duzentos mil réis mensaes para o Estado.

É bem de esperar, que nos dois annos decorridos depois da minha visita ao Ambriz, se tenham dado mais cuidados áquella bonita villa, cuja importancia é patente, sendo um grande centro de commercio.

Um kilometro ao N. da ponte de desembarque, lança no Atlantico as suas aguas o rio Loge, cuja foz é obstruida por um banco de areia, que



PARTIDA DA CARAVANA — Desenho de A. Ferdinandus, segundo um esboço do major Serpa Pinto

lhe dá difficil accesso, mas que depois é navegavel por uns trinta kilometros.

No dia 11, fui visitar a importante propriedade agricola, fundada pelo celebre Jacintho do Ambriz, e hoje pertença de seu filho Nicolau. Esta propriedade representa um dos maiores esforços feitos na provincia de Angola, para o desenvolvimento da agricultura.

Jacintho do Ambriz foi levado á Africa por uma desgraça intima. Filho do povo, sem a menor instrucção, não sabendo mesmo ler ou escrever (mas dotado de uma razão clara, de um espirito fino, e de muita felicidade), chegou a fazer uma grande fortuna. Jacintho casou no Ambriz com uma mulher da sua igualha. Era a tia Leonarda, mais conhecida por *tia Lina*, na-



tural da Beira-Alta; e em 1877, a conheci eu vestida sempre à moda das camponesas da Beira, fallando a linguagem vulgar que falla o povo d'aquella provincia, como se de lá tivesse chegado. Na casa comi um jantar beirense, e por um momento julguei-me transportado a uma das hospitaleiras casas dos nossos lavradores do norte. A tia Lina entrou muito na felicidade que levou Jacintho á riqueza.

Jacintho fazia o commercio, e esse commercio, na Africa, obriga a dois distinctos ramos:

Adquirir dos brancos fazendas, e vender-lhes os productos do paiz; e adquirir dos pretos esses productos, vendendo-lhes as fazendas.

Era Jacintho que fazia o commercio com os brancos, e a tia Lina com os pretos.

Jacintho, dotado de uma alma generosa, era muitas vezes victima da sua boa fé, e das extorções de alguns chefes; o que provocava uma phrase á tia Lina, que eu muitas vezes ouvi repetir: «Ah! Jacintho, os brancos esmagam-te; mas eu esmago os pretos!»

O verbo empregado pela tia Lina não era pre-

cisamente o verbo *esmagar*, mas, por muito energico, substituo-lhe outro algo semelhante.

Um dia, Jacintho deu em ser lavrador. Era a costumeira de creança que puxava por elle. Comprou terreno, e lançou os fundamentos d'essa vastissima propriedade que é digna de ser visitada, e á qual dedicou o seu trabalho e a sua bolsa, até ao ultimo momento de vida que teve.

Era Jacintho conhecido por estropiar as palavras, e citam-se d'elle tolices engraçadissimas, ou pelo emprego de um ou de outro vocabulo que decorára, mas cuja significação não conhecia bem; com tudo, tinha muito espirito, e ha d'elle anecdotas engraçadas. Esta por exemplo:

Já elle se achava estabelecido na sua propriedade do Loge; mas, logo que ao porto chegava navio de guerra portuguez, ia a bordo fazer offerecimentos aos officiaes; que de genio era franco.

Um dia que elle fôra a bordo, o commandante pediu-lhe um macaco. Quantos quizer? lhe respondeu Jacintho; mande amanhã um escaler, pelo Loge até minha casa buscal-os.

(Continua.)

## CRUZEIROS NA COSTA D'AFRICA

(Continuado do numero 1)

A CASA onde nos reunimos tinha vastas proporções; o pateo interior estava guarnecido de bancos, abrigados por varandas em que as paredes eram cobertas de greda pintada com uma côr vermelha de que a base era urucú; desenhos, representando grandes lagartos, jacarés, corças, formavam n'este fundo escuro frescos que davam á casa um certo aspecto artistico.

Eu abri immediatamente a conferencia fazendo conhecer o fim da minha missão.

«Vim ter convosco, disse-lhes eu, por que a França, a minha patria, deseja ver-vos compartilhar com ella dos beneficios d'uma civilização que, augmentando o vosso bem estar, vos tornará superiores aos vossos visinhos, e vos permitirá exercer n'elles um legitimo ascendente que tenderá a fazer augmentar o vosso poder e a vossa riqueza».

Estas simples palavras despertaram-lhe a attenção. Habitados a outra linguagem, ficaram surprehendidos pelo modo como lhes fallei:

Não é facil imaginar o que seja uma assembleia de negros; vamos descrevel-a.

Os assistentes estão gravemente sentados so-

bre tamborettes; os chefes mais imminentes, agrupam-se e o principal está á parte, n'uma cadeira isolada; tem um interprete que nos communica o que elle diz. O chefe que commanda as tropas em tempo de guerra usa um colar de dentes de tigre, braceletes de dentes de tigre nos braços e nos tornozelos, tem na mão uma grande lança e está em pé em quanto dura a cerimonia; está encarregado da policia d'assembleia e dá a palavra aos oradores; tem por accessor uma especie de letrado que resume os debates e trata de fazer comprehender ao auditorio o intuito de cada discurso e as ideias de cada orador. Precisa ter uma grande memoria e um grande habito em assistir ás discussões para desempenhar este cargo. As mulheres e as creanças não são admittidas n'estas reuniões, accessiveis a todos os habitantes que tenham satisfeito á pragmatica; mais tarde veremos qual é essa pragmatica.

O meu discurso provocou discussões que me provaram serem os chefes do Grã-Bassam apenas agentes de commercio, intermediarios, obrigados a terem contemplos com os productos e a contarem muito com elles. Tinha de tratar com uma população pouco energica.



Encontrei um poderoso auxiliar em Waka, que, chefe da parte norte d'aldeia, estava mais exposta aos ataques de Potou e d'Abra. Waka era um homem de trinta annos, de cara franca, mais claro de côr, do que Piter, que tinha a côr tão escura como o caracter <sup>1</sup> e que teria apropriadamente figurado n'uma decoraçào theatral como rei dos infernos. Os discursos de Waka demonstraram que a povoação estava isolada, que era composta de commerciantes incapazes de pegarem em armas, que a gente de Potou d'Ebrie os bloqueava, quando lhes apetecia; que o Grande-

Aleps e o Acba só lhes estavam abertos, quando convinha a Acba, chefe de Bounoua. Arrastados pela verdade d'esta exposiçào que lhes pintava a sua fraqueza em termos tão claros, acceitaram com reconhecimento a tabôa de salvaçào que eu lhes estendia e reconheceram a soberania da França, sob a reserva de se administrarem directamente e de conservar os seus usos.

Era preciso ver a attenção com que os meus fieis Yollofs tinham seguido as peripecias d'esta conferencia. Desde que tinhamos chegado tinham formado em volta de mim um circulo impene-



ARVORE FETICHE — Desenho de A. de Bar, segundo uma photographia

travel. Eram apenas seis, mas eram filhos de Guet-N'dar. As suas mãos nem um instante tinham abandonado a corôna das pistolas, que traziam por dentro da camisa. Desgraçado d'aquelle que tocasse n'um cabello de *Barôu Gologuy*, o commandante de navio.

Em julho de 1843, uma pequena flotilha deixava a Gorea e em julho apparecia na costa do Ouro. A *Alouette* commandada por mr. Philippe de Kerhalet, tenente de marinha, tinha ordem de levar ao Grã-Bassam uma das tres *blockhouses* que o ministro da marinha mandára construir com o fim de servir de nucleo aos estabelecimentos africanos decretados pela ordenança real de 1843.

A *Malouine* que os commandava tinha precedido a expediçào; eu devia preparar a occupa-

<sup>1</sup> Li nas costas da cadeira de Piter esta terrivel nota: Condemnado a dez onças de multa por ter comido um escravo.



ção d'Assinia. As transações feitas n'esta região serão posteriormente relatadas; volto ao Grã-Bassam, pois é preferível esgotar este assumpto antes de tratar d'outros.

As embocaduras dos rios africanos, expostas á acção incessante do vento e do mar e á acção alternativa das cheias no tempo das chuvas, deslocam-se com uma facilidade não vista em qualquer outra parte; além d'isto as forças centrifugas actuam na margem direita dos rios, cuja direcção se aproxima do meridiano. Quando rochas resistentes são encontradas no seu percurso servem de paredes aos cannaes que o rio no meio d'ellas escava; quando o terreno é composto de

greda, o que se encontra na costa d'Africa, os exforços das aguas formam um delta, atravez do qual se dividem para se irem lançar no mar; o rio que desemboca no Grã-Bassam está n'estas condições. Os ultimos desenvolvimentos do solo, que fórma o relevo do continente africano, vem extinguir-se nas costas do Atlantico. Estas montanhas formam entre si valles transversaes e longitudinaes; as aguas das chuvas amontoam-se e formam allí lagos permanentes, ou temporarios, que á menor perturbação no equilibrio se precipitam para o mar, seguindo os declives das montanhas.

Quatro grandes centros de população estão



MARABUTO — Desenho de Emile Bayard, segundo uma photographia

situados ao norte do Grã-Bassam: Boudougou, capital d'um estado independente; Kong, Mossi e Selga dominam todos tres os desfiladeiros da montanha e servem para estabelecer communições com os terrenos regados pelo Niger.

Os grandes mercados d'Adingra, de Commasse e de Baouré, que todos téem uma celebridade maior ou menor, estão situados n'um raio mais curto da costa.

Fallaremos primeiro de Boudougou ou Boudoukou, situado a sete dias de marcha para o norte-noroeste de Coumassie, capital dos Ashantis. Vamos descrever aqui o que de positivo pudemos colligir a respeito d'estes logares.

O Comoé, o principal ramo do rio de Grã-Bassam, é navegavel até a Alépé (Alipi). Gastam-se dezasete dias para ir d'Alépé a Boudougou, situado ao norte-nordeste, na provincia de Sokas,



de que esta cidade é a capital. Depois de ter seguido a corrente do Comoé até ao Coamé-Courou, antes de chegar á cidade, o rio volta bruscamente para o este: uma torrente precipita-se do alto da montanha em Mossi: Se é incerto que seja a mesma torrente que fôrma o rio Bia, que passa em Bougoudou e é um dos affluentes orientaes

do Comoé, parece certo que durante a estação das chuvas a região de Bougoudou está inundada e que as aguas se retiram para dois grandes lagos, dos quaes um está situado perto d'esta cidade e o outro a uma distancia que não é conhecida. Este ultimo deve ser largo, pois que leva um dia a atravessar. Este lago contém peixes,



RAPARIGAS DO GRÃ-BASSAM — Desenho d'Emile Bayard, segundo uma photographia

encontrando-se exemplares de grande tamanho. É portanto provavel que tenha uma sahida para o mar.

Gastam-se sete dias a ir de Boudougou ao

Kong e n'esta viagem atravessa-se a provincia de Kerbe em Kourbe, cuja capital é Nescian. De Nescian vae-se ao Kong, que está ao nordeste de Bougoudou, em tres dias.



Ao sul de Bougoudou está a cidade d'Adingra que, segundo dizem os viajantes, é quasi e tão grande como Bougoudou. Todavia Kong é a maior das duas.

De Bougoudou a Guindé vae-se em sete dias; a cidade Selga, por onde se passa n'este trajecto, é fortificada, e estão ahi estabelecidos postos fiscaes. Pertence aos Ashantis e está ao este e oeste de Bougoudou.

Guindé é habitada por brancos e tem casas de pedra. Comtudo, Mama Saracolet, de Jenné, declarou-me que Guindé era habitada por Foulahs. Os povos que habitam Boudougou, Nesciman, Kong e Adingra são Mandingues ou Bambaras; o colombo ou cola é aqui fallado correctamente como a agny, lingua da Assinia e do Grã-Bassam. Alguns d'estes povos são idolatras ou fetichistas; os outros são mahometanos; o mahometismo faz incessantemente proselytos n'estas paragens. O sultão do Kong tem o nome d'aly e de toutongni; sem duvida esta ultima palavra é um titulo analogo ao de teign e de toukas, designação dos chefes bambaras; é poderoso e possui infantaria e cavallaria. O paiz é abundante em gado e em ouro. Não deixa explorar as minas sem que lhe seja paga uma grande contribuição; geralmente as maiores pepitas são dadas aos reis.

O chefe de Bougoudou parece ter muitos nomes; é designado umas vezes por Agiamani e outras por Mollem Bouroum. É para notar que *Bouromy* significa branco em lingua do Grã-Bassam. É independente do sultão do Kong, cuja auctoridade parece estender-se até Mossi, que, segundo o que me disse um escravo bambara, natural d'aquella região, não estará affastada da primeira mais de vinte leguas.

A auctoridade d'Agiamani parece-me estar bem estabelecida nas provincias de Sokas, de Suman, julgo que é igualmente reconhecida no Gamau, situado ao sudoeste de Boudougou. Os Bambaras affirmaram-me que o Takima e o Safoy ou Saphony pertenciam aos Ashantis e que o campo de batalha de Tin, pela qual o Gaman conquistou a sua liberdade, estava situado no Safoy.

Fiassé, situado nas margens do Comoé, a cinco dias de Kontou Krou é o limite das possessões dos Ashantis para oeste.

O poder d'Amadifou exerce-se ahi conjuntamente com o d'elles.

Os agentes dos Ashantis não deixam penetrar os viajantes na provincia sujeita á auctoridade do seu soberano.

O Comoé serve de via commercial aos viajantes que o percorrem para vir negociar á costa occidental: as linguas que fallam os Bambaras tem todas por base o malaké ou o colombo. Os caçadores senegaleses, originarios de Segou-Sikaro, situado nas margens do Joliba ou Niger, comprehendem estas linguas; serviram-me constantemente d'interpretes.

Os itinerarios seguidos pelos negociantes foram sempre assumpto das minhas observações. Os primeiros Bambaras com que fallei em 1843 usavam vestuario á mourisca. Disseram-me que conheciam bem o Senegal e que alternativamente faziam viagens a Bakel e ao Grã-Bassam<sup>1</sup> Koutou Krou, Alepé, Bounoua são os pontos mais importantes nas margens do rio Comoé. As cataratas que difficultam a navegação nos rios africanos provam que houve uma depressão geral no solo africano paralelo á costa do mar. Este parellismo nota-se desde Serra-Leôa até ao Niger e começa verdadeiramente nas cataratas de Felou no Senegal; este facto geologico explica as planicies que se encontram do outro lado d'estas depressões.

O imperio dos Ashantis é delimitado a oeste pelo Tando que é o seu rio sagrado. Vae desagoar no Assinio. O Dankara, situado acima d'Axino, agita-se incessantemente para recuperar a sua liberdade, e estas oscilações não são estranhas á guerra actual travada entre os Ashantis e os inglezes.

Baouré está na margem d'uma grande lagôa, que tem de largo sete a oito mil metros; os indigenas chamam-lhe Guindé.

Pode-se ir pelo rio Comoé a Caouré; os pontos d'escala são sete; gastam-se oito dias na viagem; é preciso subir até Goffin, tambem chamado Costrina. Se se quer evitar esta volta, pára-se em Agnasoni, onde o rio está entulhado de rochedos, e vae-se a pé n'um dia até Baouré. Os Bambaras fazem escala por Baouré para ir para Bougoudou. Sahindo de Toupa gastam-se apenas dois dias para ir a Baouré.

Agnima, segundo chefe d'Abidgean, nascido em Baouré, ourives, declarou-me que o rio de Baouré era largo como a lagôa em frente de

<sup>1</sup> Os Bambaras são na sua qualidade de mollen, ou padres musulmanos, respeitadas por todos os povos que compromettem a renunciar a antropophagia e que tentam moralisar. Dão aos negros amuletos e são muitas vezes os seus medicos. São muito empregados como embaixadores para as preliminares da paz.



Dabou, que se pôde ir de Dabou a Baouré em quatro dias, andando pouco por dia, e que se passam oito lagôas, das quaes uma é tão larga como a lagôa do Grã-Bassam. Do Baouré vae-se em piroga a Ninguin em dois dias; de Ninguin a Bomboury em duas horas.

O rio Guindé vae lançar-se no cabo Lahon, chamado Briqué; entre Débrimou e Baouré ha cinco dias de viagem, dois por agua e tres por terra.

A cidade de Baouré é atravessada pelo Guindé. A parte situada ao norte chama-se Brafombra. A lagôa de Guindé recebe as aguas torrencias do N'ji, cujo leito está semeado de rochas; o N'ji, nas margens do qual está edificada a cidade de Bathra, que é consideravel, vem do Kong. As versões contradizem-se relativamente ao Baouré, que, segundo uns, seria um reino vassallo d'Agri-nani ou d'Amadifon, segundo outros, seria independente.

O commercio de Baouré consiste em ouro, em ricas tangas d'algodão d'uma grande finura e de muito formosas côres. Os Bambaras vem a este mercado com cavallos; não lhes é permitido ir mais além de Baouré.

Um rapaz de Tiackba, educado na Gorea, onde aprendera a lê e escrever, affirmou-me que

existia entre Tiackba e a península, que separa as duas lagôas de Lahou e de Bassam, um rio que se podia subir durante dez dias e que era por esta via que vinha o ouro para a costa. Este rio podia muito bem ser uma das pequenas lagôas atravessadas para ir a Baouré. Ignoro com que nome seja designado.

Comparando todos estes dados é evidente que o Comoé, o rio d'Aghien, o d'Aïbi, e o que está por traz de Tiackba, são ramos de um grande rio, de que a lagôa Guindé seria o ramo principal, e que como me dizia Coutoukan, chefe de Abra, o Ebrié é um vasto delta em que todas as vias fluviaes se crusam. As conversas que tive com os Bambaras, Sarocotes, com os escravos vindos do interior, fazem-me suppôr que os rios que banham Konge e Mossi, já poderosos quando atravessam a montanha, nascem nas planicies situadas do outro lado dos montes Kong, porque a vertente sul das montanhas africanas é mais rapida do que a vertente norte. Seguindo a maior inclinação, as aguas chegam á costa do Atlantico despenhando-se das montanhas, d'altura em altura, onde formam outros tantos lagos sobrepostos.

(Continúa.)

## VIAGENS DE ANTONIO TENREIRO

(TRANSCRIPÇÃO)

**A**NTES que Ormuz fosse ganha por el-rei D. Manoel, pagavam os seus reis pareas ao xeque Ismail ou Sufi, como lhe chamavam; pouco depois deixaram de lh'as pagar.

E querendo el-rei D. Manoel saber o que rendia a alfandega de Ormuz, pôz-lhe officiaes portuguezes, no tempo em que Diogo Lopes de Sequeira governava a India. O rei de Ormuz mandou então offerecer ao Sufi as pareas que pagava aos portuguezes, comtanto que elle o ajudasse contra estes; mas, quando chegou o soccorro do Sufi, já o rei de Ormuz era morto e substituido por um outro, alliado dos portuguezes; vendo isto, os capitães do Sufi vingaram-se aprisionando todos os navios portuguezes que iam para Ormuz.

D. Duarte de Menezes, então governador da India, para remediar este mal, mandou uma em-

baixada por um homem de muito merecimento, Balthasar Pessoa, que partiu da cidade de Ormuz levando consigo um creado do Sufi, chamado Abidalcalifa; era escrivão do embaixador Vicente Corrêa e lingua um tal Antonio de Noronha que, sendo judeu, se tinha feito christão. Ia por sota um João Gouvêa, e mais quinze homens, todos portuguezes, entre elles Gaspar Milheyro, Francisco Callado Capellão, etc.

Antonio Tenreiro, tanto pelo desejo de viajar, como por ser obrigado a mudar de terra em consequencia d'umas brigas que havia tido com outro individuo, determinou ir em companhia do embaixador.

\*  
\*

Partiram, pois, d'Ormuz para a terra firme.

\*



em uma galé real, ao som de muitas trombetas e desembarcaram em um lugar chamado Baudel<sup>1</sup>, com casas de palhoça, habitada por gente pobre que ali tem os mercadores de Ormuz para lhe apanharem as tamaras de que a terra é bem provida. Demoraram-se ali alguns dias, tomando o embaixador cavalgadas para os da sua comitiva e camellos para conduzir o feto e mais coisas necessarias para a jornada.

Saindo d'aqui, caminharam ao longo do mar para o noroeste, umas cinco ou seis leguas por terra despovoada, e ali encontraram alguns poços de agua salgada; não se viam casas; sómente algumas palmeiras.

Pozeram-se a caminho e tendo andado tres jornadas pelo mesmo modo, chegaram a um lugar chamado Cabrestão, onde haviam alguns palmares e poços d'agua dôce; junto a elles uma grande casa terrea, de abobada, com quatro portaes, e ao pé uma cisterna mui grande. A estas casas chamam em lingua persa *Carvançaras* que quer dizer, pousadas de cafilas e estrangeiros. Estas casas costumam fazer os mouros honrados para darem pousada aos viajantes. Este lugar está ao longo da costa e pertence ao senhorio de Ormuz.

Affastando-se do mar para o norte, indo por serras e valles, onde achavam apenas alguns palmares de tamaras e muitos poços d'agua dôce, chegaram, tendo andado perto de duas jornadas, a uma cidade denominada Lara, que está fóra dos limites de Ormuz e pertence á Persia. Fica situada entre umas serras, mais para o occidente do que Ormuz, e é cercada d'uma forte muralha de pedra e gêsso. Abunda em tamaras e cevada, algum trigo, pouco; é n'esta cidade que se bate a moeda chamada *Larim*<sup>2</sup>. Dizem os habitantes de Lara que o Grã-Tamerlão, que começando por ser recoveiro, chegou a rei de toda a Persia, e aprisionara o Grã-turco, fóra natural d'esta cidade.

Nos arrebaldes de Lara apresentaram o embaixador e a sua comitiva; do rei da terra é que não foram muito bem recebidos. Alguns mouros mercadores mandaram ao embaixador alguns mantimentos de presente. Demoraram-se aqui alguns dias, onde, pela mudança do clima, estiveram bastante doentes; mas logo que se acharam restabelecidos, o embaixador, tendo comprado alguns cavallos, proseguiu na viagem.

Saindo de Lara para o noroeste, andaram tres

jornadas por maus caminhos, soffrendo grandes ventos e sem verem coisa alguma notavel. Dormiram uma noite n'um valle, perto d'uma ribeira, n'uma terra deserta onde os recoveiros diziam haver muitos leões que de noite matavam as bestas dos cafilas que ali repousavam. A ribeira corria de leste para sueste, indo desaguar no mar Persico.

Partiram e duas horas depois encontraram uma terra povoada de aldeias e lugares grandes de lavradores, e junto d'ellas fortalezas e cisternas d'agua de chuva, servindo as primeiras de refugio dos habitantes contra os ladrões que vêem aos bandos e nunca menos de cem. Os ladrões são turquimães, naturaes do senhorio do Sufi, andam sempre nos campos em aduares, e vivem do gado, eguas e cavallos; são brancos e ruivos, vestem panno de algodão acolchoado e uns roupões equipados que lhes dão pelos artelhos, e que no inverno forram de pelles de raposa. Andam em bellos cavallos e eguas que elles criam, bem armados de arcos, terçados e escudos, não usando de lança senão nas grandes batalhas. Buscam os ares mais temperados, segundo as estações; seguem a lei do Sufi, que se chama Rafavi, lei que dá mais honra a Ali que a Mafamede; trazem carapuços vermelhos, a que chamam na sua linguagem turquesca *caselbaras* (cabeças vermelhas.)

Saindo de Lara, entraram n'uns campos largos que ficam entre duas serras; uma, da banda do sul, vae ao longo do mar e Sino Persico; não é muito alta e tem grandes mattas de cyprestes; a outra serra, da banda do norte, alonga-se muito, ficando o campo entre ambas. Este campo tem de comprimento seis jornadas e chamam-lhe *coscojarde*, que significa na sua lingua o secco amarello; por elle caminharam cinco jornadas e repousaram junto dos aduares. Ha por estes campos bastantes leões, lobos e ursos, que fazem muito damno aos aduares, com quanto estes sempre andem fechados, trazendo as tendas ligadas entre si, deixando no meio um curral onde de noite encerram o gado, e ficando rafeiros de vigia com chocalhos ao pescoço.

Passados estes montes foram ter a Xaraas, cidade do senhorio do Sufi, e, antes que a ella chegassem, saíram a receber o embaixador cincoenta homens dos principaes da terra, por ordem do governador; vinham muito bem ataviados, trazendo uns pennachos feitos de pennas de certos passaros da India e da Persia. Acompanharam o embaixador à pousada que lhe foi

<sup>1</sup> Na nossa lingua quer dizer porto.

<sup>2</sup> Moeda da Persia; vale 60 réis.



destinada, uma casa grande, com bello pomar, horta e muitas arvores de fructos. Aqui adoeceu o embaixador e todos os que o acompanhavam, fallecendo ainda assim uns tres ou quatro. Demoraram-se alguns dias, sendo o embaixador curado pelos medicos mouros da terra, os quaes são muito entendidos.

Esta grande cidade é a cabeça do reino; cercada d'uma muralha de pedra, derribada n'alguns sitios, é mui nomeada entre os mouros do reino da Persia, porque, diziam elles, quando Xiraas prosperava, era o Cairo sua aldeia. Os moradores são turquimâis e persas, gente alva e proporcionada em estatura; vestem-se no inverno de algodão acolchoado e forrado de pelles mais ou menos vivas, segundo as posses de cada um; usam sapatos ferrados nas sollas com muitos preguinhos. A terra é muito abundante de carnes, manteiga, trigo, cevada, arroz, e açafão; tem boas hortas e jardins d'onde colhem, em abundancia, fructas e hortaliças. Criam-se ali muitos cavallos que são vendidos na India. Ha um jardim, de duas leguas de circuito, onde existem coisas admiraveis, principalmente uns poços feitos de marmore, com vidraças excellentes e lavores perfeitissimos, feitos de gesso e azulejo mui fino; arvoredos lindamente alinhados; uma rua de cyprestes tão grandes e cerrados, que ao meio dia aquella rua parece noite escura; colhem-se no jardim mais de mil arrateis de rosas por dia; no meio ha um grande lago e no centro d'este uma rica casa para recreio do senhor da terra.

Partiram d'esta cidade para o noroeste, sempre por entre serras e montanhas, ao longo d'uma serra a que os mouros chamam Coestander, que significa em lingua persa *serra de Alexandre*, onde não ha coisa notavel; no fim de cada jornada encontravam as taes casas grandes chamadas *carvançaras*, e n'algumas d'ellas estava um mouro que tinha ali os comestiveis necessarios, tanto para os homens como para os cavallos.

De Xiraas caminharam uns vinte dias para

chegarem á cidade de Espayão, sempre livres do accommettimento de ladrões, visto que levavam grande numero de mouros e uns dez ou onze espingardeiros portuguezes. A cidade de Espayão é cercada de muros de taipas francezas; os habitantes são mouros, da seita de Mafamede, e brancos como os de Xiraas; a terra tem mantimentos e gados.

Descançando alguns dias n'esta cidade, caminharam depois para a cõrte do Sufi; na primeira jornada para o norte encontraram umas casas mui grandes onde habitava um mouro velho, encarregado de cuidar de quatro onças manças, ensinadas a caçar, e que o Sufi estimava muito. Na segunda jornada, passando por um campo, viram um corycheu muito alto, feito de caveiras de veados, e depois encontraram ainda mais alguns que o Sufi mandava fazer do producto das suas grandes caçadas.

Chegaram á cidade de Cayxão, muralhada como a de Espayão e habitada por turquimâis e mouros, a maior parte d'elles mercadores e officiaes mechanicos.

Atravessando esta cidade, para o oriente, a tres jornadas pequenas, deram com outra cidade denominada Hies. Seguindo para o nordeste de Cayxão, chegaram á cidade de Cum, cercada de pedra e taipas, e onde existem os celebres camellos pretos de guedelha.

Os habitantes são turquimâis e persos e seguem a lei de Ali. Junto d'esta cidade passa uma ribeira, perto da qual existe uma *carvançara* onde o embaixador se demorou um dia e uma noite. Partindo no outro dia, andaram umas tres jornadas e chegaram á cidade de Sabá, nos confins da Persia. É muito antiga e muito grande, e parece ter sido edificada por gentios gregos; é habitada por mouros e apenas abunda em caças e veações. N'ella começa um deserto para o poente, que vae ter ao rio Euphrates e Babylonia. E d'esta cidade partiram por terras habitadas até chegarem á de Meonaa.

(Continúa.)

## A QUESTÃO DO TRANSVAAL

(Continuado do numero 1)

**P**ROCLAMAÇÃO — Considerando que Sir Theophilus Shepstone, Commissario especial de Sua Magestade Britannica, não obstante o meu protesto solemne de hontem, apre-

sentado contra a sua resolução, que me fôra communicado em 9 de abril, se decidiu a executar os seus fins, e proclamou hoje o Governo de Sua Magestade Britannica sobre a Re-



«publica da Africa Austral; e considerando que  
«o Governo decidiu submeter-se por enquanto,  
«sob protesto, para o fim de enviar entretanto á  
«Europa e á America uma deputação composta  
«dos Srs. S. J. P. Kruger, e E. P. Jorissen,  
«com o fim de defender ali os direitos do povo,  
«e de diligenciar obter uma pacifica solução d'esta  
«questão;

«É por isso que eu Thomas Francois Burgers,  
«Presidente da Republica da Africa Austral, pro-  
«clamo e intimo por esta fórma, com o consen-  
«timento do Conselho Executivo, a todos os em-  
«pregados, cidadãos e habitantes, que se abs-  
«tenham de palavras e de actos que possam  
«frustrar as diligencias da commissão.

«Admoesto mais todos os cidadãos habitan-  
«tes para que ajudem a que se cumpra esta  
«decisão do Governo para a conservação da or-  
«dem, e se evitar a diffusão do sangue.

«(a) Thos. Burgers. — Presidente.

«Secretaria do Governo, Pretoria abril 12 de  
«1877.»

12.º Passaram-se d'então para cá tres annos e meio, e o povo tem-se comportado quieto, argumentando sempre que é um povo livre, e não sujeito a Sua Magestade, na expectativa que o Governo de Sua Magestade sujeitaria a um minucioso exame os actos dos seus funcionarios, e no entanto cooperando com esse mesmo Governo intruso, por consideração ás suas leis e para honrar essas leis, chegando inclusivamente a servir de jurados na applicação d'essas leis.

13.º Esta docilidade do povo tem sido injustamente recompensada. Duas deputações que foram em 1877 e em 1878 mandadas á Inglaterra, foram cortezmente recebidas, mas não se lhes permittiu apresentar perante o Governo de Sua Magestade o assumpto da annexação.

14.º Quando, depois de ter começado a injustificavel guerra contra os Zulus, a qual podia muito bem ter-se evitado, o Alto Commissario Sir Bartle Frere visitou o nosso paiz, e diligenciou, mas em vão, persuadir o povo a que desistisse da sua resistencia, perante um acampamento de mais de 4:000 cidadãos. Sua Ex.ª viu-se obrigado a reconhecer abertamente, que a repugnancia do povo á annexação era mais geral do que lhe tinha sido dito pelos seus empregados, e que os caudilhos do movimento popular eram os homens principaes e mais distinctos do paiz.

15.º Sir Bartle Frere accitou das mãos do

povo um memorial para Sua Magestade a Rainha, em que francamente se declarava que o povo não queria estar sujeito a Sua Magestade, e Sua Ex.ª acompanhou este memorial com um despacho seu em que declarava, que as representações do povo eram dignas da mais séria consideração por parte do Governo de Sua Magestade. Sua Ex.ª leu este despacho á Commissão do povo para sua approvação, e aquelles milhares de cidadãos, crentes d'essa vez que tinham a final encontrado um defensor, foram outra vez em paz para as suas occupações.

16.º Entretanto, o mesmo alto funcionario, em uma carta particular dirigida ao Ministro das Colonias, escrevia que lamentava não ter tido n'aquella occasião ao seu dispôr uma sufficiente força de artilheria para dispersar aquelle acampamento. Esta carta foi escripta no mesmo dia em que teve logar a entrevista com o povo!

17.º O Governo de Sua Magestade mal aconselhado pelo seu Alto Commissario nunca respondeu a esse memorial do povo. E quando posteriormente Sir Garnet Wolseley chegou á nossa fronteira, declarou, como sendo o sentimento geral do Governo da Inglaterra, que nada sabia do estado da questão, que: «emquanto o sol tivesse brilho o Transvaal permaneceria territorio britannico.»

18.º A resposta do povo a esta declaração está contida nas decisões do grande *meeting* do povo que se celebrou de 10 a 17 de dezembro de 1879, no qual se decidiu que, visto já não restar esperança alguma de se reaver a independencia por meios de paz, restava convocar-se o Volksraad, para este decidir aquillo que agora se proclama e é finalmente irrevogavel; a saber: que o povo declara que com a ajuda de Deus quer que se constitua vigorosa a Republica da Africa Austral, que se respeitem as suas leis, a prosperidade e o progresso do paiz, e promette que cada homem de per si cooperará para esse fim, e defenderá o Governo até á morte. Tão verdadeiramente nos ajude Deus Todo Poderoso.

19.º A commissão deu a Sir Garnet Wolseley conhecimento official do que se tinha passado, pedindo-lhe que communicasse essa decisão ao Governo inglez. Este pedido foi respondido com uma accusação de alta traição contra o Presidente snr. M. W. Pretorius, e contra o secretario snr. F. Bok. E' geralmente sabido que estas accusações não tiverem seguimento, e só foram feitas com a idéa de inspirar terror.

20.º O *meeting* anunciado n'aquella decisão



foi addiado, por isso que nós confiavamos que com uma deputação que mandássemos á Colonia do Cabo se frustraria o imminente perigo do congresso de todas as colonias da Africa Austral, onde decerto os nossos interesses teriam para sempre sido olvidados. Esta deputação fez tão bom serviço que estabeleceu a convicção de que nenhum congresso será realisavel na Africa Austral emquanto nos não derem condigna reparação pela injuria feita.

21.º Durante todo este tempo a paz e a ordem com que o nosso povo se conduzia, eram continuamente e de caso pensado interpretadas erradamente. O povo tinha decretado só pagar os impostos que se lhe exigissem sob protesto e depois de compellido pela força, emquanto o Governo intruso julgava dever escrever para Inglaterra que o povo estava satisfeito e pagava os impostos.

22.º Baseando-se n'estas declarações, o Parlamento Inglez deixou passar sem discussão em setembro ultimo a questão da annexação, porque o Governo de Sua Magestade declarava ter recebido informação do Administrador do Transvaal, dizendo que a opposição do povo ia acalmando e que os impostos se iam pagando!

23.º Illudido certamente por taes boatos de Pretoria, S. Ex.º o General Sir George Pomeroy Colley, Governador de Natal, declarava a 19 de outubro de 1880 na abertura do Conselho Legislativo d'aquella colonia, que a agitação no Transvaal ia aparentemente serenando, que por toda a parte reinava a ordem e a lei, e que os impostos eram pagos tanto pelos pretos como pelos brancos.

24.º Ao saber-se que a verdade era intencionalmente e de proposito escurecida pelas autoridades de Pretoria, e que os pagamentos violentados e extorquidos das contribuições, serviam de armas contra o povo, a raiva d'este foi indescriptivel.

25.º O povo logo se reuniu, e de todos os lados os cidadãos declaravam por escripto que não pagariam mais impostos, nem mesmo debaixo de protesto, exercendo assim o seu direito de povo independente, que pôde ter estado silencioso durante algum tempo, mas que nem por isso renunciou aos seus direitos.

26.º Esta declaração foi publicada nos periodicos; e o Governo de Pretoria, sem duvida receioso que agora appareceria á luz a falsidade das suas informações, coroou a sua obra de tyrannia perseguindo criminalmente o redactor do

periodico que fizera essas declarações pela publicação de escriptos sediciosos. A liberdade de imprensa era um espinho que o Governo intruso tinha espetado no corpo.

27.º A má vontade que o povo tinha de pagar os impostos originou pequenos conflictos. Comtudo os chefes Boers fizeram quanto estava ao seu alcance para evitar uma perturbação publica da paz. Com a plena annuencia, do secretario do Governo de Pretoria (inglez) e do snr. Kruger, resolveu-se tentar, se no *meeting* publico que estava proximo, se não poderia achar uma solução pacifica para as difficuldades.

28.º Mas o Governo da Pretoria, em contravenção do que estava combinado entre o sr. Hudson, secretario do Governo, e o snr. Paulo Kruger, resolveu dois dias apenas antes da data fixada para o *meeting* publicar uma proclamação, que nos colloca na colisão de sermos tratados como rebeldes se exercemos os nossos eternos direitos de um povo livre.

29.º Nós decidimos, e o povo mostrou-nos o caminho a seguir.

Declaramos perante Deus que conhece os nossos corações, e perante o mundo, que quem quer que fallando de nós nos alcunhar de rebeldes, é um calumniador! O povo da Republica da Africa Austral nunca esteve sujeito a Sua Magestade, e nunca o quererá estar.

30.º Repellimos portanto as affirmações do Governo acima mencionadas, e declaramos que por nossa parte já esgotámos os ultimos meios de paz para reivindicar os direitos do povo por maneiras suaves e amigaveis.

31.º Fazemos por conseguinte saber a todos, que a 13 de dezembro de 1880 se restabeleceu o nosso Governo. O snr. S. J. P. Kruger foi acclamado Vice-Presidente, e formará um Triumvirato com os snrs, M. W. Pretorius e P. Joubert para exercer o Governo do paiz. O Volksraad recomeçou as suas sessões.

32.º Todos os habitantes do paiz que permanecerem quietos e obedientes ás leis, terão a protecção d'essas leis. O povo declara que perdôa a todos os cidadãos da Republica da Africa Austral que por diversas circumstancias tenham abandonado o partido do povo; mas não pôde prometter que abrangerá n'essa sua amnistia, os cidadãos da Republica da Africa Austral, que adoptem uma attitude abertamente hostil para com o povo, e que continuem illudindo o Governo inglez com representações falsas.

33.º Todos os funcionarios que actualmente



servem o Governo, e que estão aptos e quizerem continuar a servir sob o novo regimen de cousas, terão direito a conservar os seus logares e as vantagens que taes logares lhes concedem.

34.º Concede-se ao governo inglez o direito de sustentar no nosso paiz um consul ou agente diplomatico para representar os interesses dos subditos britannicos.

35.º A despeza legal feita legalmente durante o interregno é sancionada.

36.º As disputas acerca de fronteiras de territorios de cafres, serão submettidas a arbitragem.

37.º O governo está prompto a acceitar para a regularisação da politica cafreal, os principios geraes que se convencionarem depois de deliberação com as colonias e Estados da Africa Austral.

38.º A Republica está prompta a confederar-se com as colonias e Estados da Africa Austral.

E finalmente declaramos e fazemos saber a todos que, a partir d'este dia o paiz estará em estado de sitio, e sob as provisões da lei marcial. — (a) *O Triumvirato*, S. J. P. Kruger, vice-presidente. — M. W. Pretorius, P. S. Joubert, W. E. Bok, servindo de Secretario de Estado. — Paardekraal, Pretoria dezembro de 1880.

### O Triumvirato dos Boers e os Governos da Africa do Sul

*Ao presidente do estado livre de Orange*

Heidelberg, 17 de dezembro 1880.

HONRADO SENHOR

Temos a honra de inclusa enviar-vos uma copia de uma proclamação, publicada por nós por ordem do Volksraad. Sabemos que para vossa honra e para a Republica nossa irmã, escusamos de dizer uma unica palavra para acordar o interesse pela nossa situação. Desde o primeiro cidadão até á mais tenra creança todos no Estado de Orange têm comnosco soffrido nos ultimos tres annos, como um irmão pôde soffrer com os infortunios de outro irmão. Estamos em presença de um negro futuro, e Aquelle que tem nas suas mãos os nossos destinos, e que encaminha os corações dos reis, será quem nos hade valer. Tomamos a liberdade de vos pedir que submettaes ao presidente e membros do vosso Volksraad a nossa proclamação. Confiamos na Republica nossa irmã, e nos seus cidadãos, filhos como nós da mesma origem. — (a) *O Triumvirato*.

*Ao administrador do Transvaal*

EX.<sup>mo</sup> SNR.

Em nome do povo da Republica da Africa Austral, dirigimo-nos a V. Ex.<sup>a</sup> no desempenho de um dever delicado mas imperativo.

Temos a honra de incluir copia de uma proclamação, que foi promulgada pelo Governo e pelo Volksraad, e que foi publicada para conhecimento de todos. D'ella se infere claramente a vontade do povo, e por isso escusadas são mais explicações nossas.

Declaramos da maneira mais sincera que não temos vontade de derramar sangue, e que por nossa parte não queremos guerra.

É a V. Ex.<sup>a</sup> pois que cumpre decidir se temos de recorrer ás armas em defeza propria. Se tal acontecer, o que Deus não permita, fal-o-hemos com o mais profundo respeito por Sua Magestade a Rainha de Inglaterra, e pela sua bandeira. Se tal acontecer, defender-nos-hemos sabendo que combatemos pela honra de Sua Magestade, por isso que combatemos pela santidade dos tratados, jurados por ella, mas violados pelos seus empregados.

O tempo das queixas porém já passou, e só hoje pedimos que V. Ex.<sup>a</sup> coopere comnosco para que todos cheguemos a uma solução pacifica da difficuldade que nos desvela.

Pelos ultimos paragraphos da nossa proclamação verá V. Ex.<sup>a</sup> a intenção inabalavel e firme do povo, de cooperar com o governo inglez em tudo o que diga respeito ao progresso da Africa do Sul. A unica condição, porém, para se chegar a esse fim está tambem comprehendida na dita proclamação, n'ella clara e explicitamente explicada, e robustecida com boas razões.

Em 1877 o nosso governo entregou sem resistencia armada as chaves das secretarias do Estado; esperamos portanto que V. Ex.<sup>a</sup> como representante da nobre nação britannica, com a magnanimidade que lhe é propria, nos não ficará atraz, e collocará da mesma fôrma o nosso governo, em posição de reassumir as suas funcções.

Esperamos uma resposta dentro de quarenta e oito horas.

(a) *Pelo Triumvirato*, e pelos membros do Conselho Executivo, etc.

(Continúa.)



## COMO EU ATRAVESSEI A AFRICA

DO ATLANTICO AO MAR INDICO—VIAGEM DE BENGUELLA Á CONTRA-COSTA—ATRAVÉS REGIÕES DESCONHECIDAS—DETERMINAÇÕES GEOGRAPHICAS E ESTUDOS ETHNOGRAPHICOS

POR

**SERPA PINTO**

PRIMEIRA PARTE

### A CARABINA D'EL-REI

(Continuado do numero 3)

**N**O DIA seguinte, um escaler, tripulado por seis homens, encostava ao muro do jardim de Jacintho. Fez elle subir o escaler até dois kilometros mais, e chegando á vertente de um monte coberto de gigantes baobabs, em cujos ramos horisontaes pulavam centos de macacos, disse aos marinheiros: «Todos estes macacos são meus, vivem cá dentro da minha propriedade, tendes licença de apanhar quantos quizerdes e leval-os ao commandante.»

Os marinheiros encararam com os cimos elevadissimos das enormes arvores cujos troncos, de espantoso diametro, não lhes permittiam a subida; e depois de alguns vãos esforços, retiraram desanimados, perseguidos pela grita e pelas caretas da macacaria.

«Eu dei-lh'os; se os não levam, não é culpa minha,» dizia o Jacintho, rindo ás gargalhadas.

Visitei a propriedade, e uma cousa que me impressionou foi ver que, machinas, apparatus, instrumentos, etc., tudo era da fabrica portugueza.

Nada Jacintho admittia que não fosse portuguez, e, custassem-lhe o dobro, fazia elle fabricar em Lisboa todos os seus artigos, já para a agricultura, já para a industria.

A memoria d'esse homem obscuro—mais conhecido pelos disparates que dizia, do que pelas muitas cousas acertadas que fez—deve ser respeitada por todos os que se interessam pelo desenvolvimento Africano; porque elle foi o homem que, nos modernos tempos, maior serviço fez, para desenvolver a agricultura em colonia portugueza, empregando n'isso a sua immensa fortuna, e trabalhando até ao seu ultimo dia.

Na margem esquerda do Loge, assenta outra propriedade agricola tambem importante, pertencente ao snr. Augusto Garrido. Não tive tempo de a visitar, porque, no dia que ali pas-

sei, não pude esquivar-me aos muitos favores de Nicolau e tia Lina, e todo o tempo foi pouco para admirar o que ali, no brejo agreste, a vontade do homem tinha feito.

No dia seguinte, chegou a canhoneira *Tamega*, e soube, indo a bordo, que se achava sem mantimentos, e com grande numero de praças doentes; motivo porque combinei com o commandante, o snr. Marques da Silva, esperal-o no Ambriz, em quanto ia a Loanda refrescar.

Tres dias depois chegou a *Tamega* de volta de Loanda; indo eu logo para bordo com Avelino Fernandes, seguimos viagem no mesmo dia para o Zaire.

Eu tinha adoecido com uma bronchite aguda, de que felizmente melhorei logo que começou a viagem.

Subimos o Zaire ao Porto da Lenha, onde desembarquei com Avelino Fernandes, que me apresentou aos seus amigos d'ali. Fallei logo em carregadores. Disseram-me que seria, talvez, possivel obtel-os, se os chefes indigenas me quizessem auxiliar; mas que, o melhor meio para mim, era resgatar escravos, e em seguida contratal-os para o serviço que eu exigia.

Repugnou-me a idéa de comprar homens, embora fosse para os libertar em seguida. E depois, quem sabe se elles me queriam acompanhar sendo livres?

Resolvi immediatamente não proceder d'este modo.

Embora não obtivesse um só carregador ali.

Na casa que estava soube que tinha chegado a Boma, no dia 9, o grande explorador Stanley, que descera todo o curso do Zaire. Stanley tinha seguido para Cabinda.

Voltei a bordo e combinei com o commandante irmos a Cabinda offerecer os nossos serviços ao arrojado viajero. Partimos, e logo que



OS TRES SOVYAS, PRINCIPES DO HOMRE — Desenho de E. Bayard, segundo um esboço do major Serpa Pinto





ancoramos no porto, fui a terra com Avelino Fernandes e alguns officiaes da canhoneira.

Foi commovido que apertei a mão de Stanley, homem de pequena estatura, que a meus olhos assumia proporções de vulto colossal.

Offereci-lhe os meus serviços, em nome do governo portuguez, e dissé-lhe, que se quizesse ir a Loanda, d'onde mais facilmente poderia obter transporte para a Europa, o commandante Marques lhes offerecia transporte a elle e aos seus a bordo da canhoneira. Em nome do governo portuguez puz á sua disposição o dinheiro de que carecesse.

Stanley respondeu com um vigoroso aperto de mão.

Os officiaes da *Tamega* confirmaram os meus offerecimentos em nome do seu commandante.

Stanley acceitou, e desde esse momento, ficou a canhoneira á sua disposição.

Como bem se pôde calcular, eu e Avelino Fernandes não deixavamos Stanley, e avidos de ouvir a narração da sua viagem, o tempo que elle tinha estado preso, era por nós passado a questionar os seus homens.

No dia 19, os officiaes da *Tamega* deram um soberbo banquete ao intrepido explorador, para o qual convidaram o commandante Marques, Fernandes e a mim.

No dia 20 partimos para Loanda, levando a bordo toda a comitiva de Stanley, que se compunha de 114 pessoas, entre ellas 12 mulheres e algumas creanças.

Stanley, em Loanda, foi hospedar-se em minha casa: distincção a que eu fui muito sensível, porque recusou, para isso, os muitos convites que teve, e com elles commodidades que eu não podia offerecer-lhe, n'uma casa onde tinha por mobilia os meus utensilios de viajero.

O governador mandou logo comprimentar o illustre americano, e offerecer-lhe um banquete, a que assisti. De volta a casa, perguntei a Stanley, ¿ qual a impressão que trazia do snr. Albuquerque? E elle disse-me apenas: «*He is a very cold gentleman.*» «É um cavalheiro mui frio.»

O consul americano, o snr. Newton, deu-nos um almoço, e muitos favores nos dispensou.

Haviam festas e banquetes; mas, a 23 de agosto, ainda não tinhamos um só carregador: e na noite do jantar offerecido a Stanley pelo governador, me repetira S. Ex.<sup>a</sup>, que não me seria possível obtel-os, sobre tudo em Loanda: mostrando-me a dificuldade em que se encontrára o major Gorjão, que apenas tinha podido

obter metade do numero de homens de que precisava, para estudar a linha ferrea do Cuanza.

É tempo de fallar dos nossos projectos, segundo a lei, e as instrucções do governo.

O parlamento votára uma somma de 30 contos de réis para se estudarem as relações hydrographicas entre as bacias do Congo e Zambeze, e os paizes comprehendidos entre as colonias portuguezas de uma e outra costa d'Africa Austral.

Umás instrucções subsequentes indicavam mais particularmente o estudar-se o rio Cuango, nas suas relações com o Zaire; o estudo dos paizes comprehendidos entre as nascentes do Cuanza, Cunene, Cubango, até ao Zambeze superior; indicando, que, se possivel fosse, deveria estudar-se o curso do Cunene.

O que fôra designado na lei do parlamento, elaborada pelo snr. Corvo, parece ao principio problema vasto de mais para uma só expedição, e uma verba de trinta contos de réis; mas a lei foi bem redigida. O snr. Corvo sabia, que o viajante em Africa, não só nem sempre é senhor dos seus passos, mas tambem, que no seu caminho pôde encontrar um não previsto problema, que julgue de importancia superior á do que lhe foi designado; e por isso deixou a maior latitude aos exploradores.

Quanto ás instrucções, foram ellas mais restrictas, mas ainda assim, deixavam bastante largos os movimentos da expedição.

O ponto de entrada, como dependia essencialmente do logar onde obtivessemos carregadores, ficou indeterminado.

Tinhamos eu e Capello pensado em entrar por Loanda, seguir a leste, até encontrar o Cuango; descer este rio por dois grãos; passarmos ao Cassibi, que intentavamos descer até ao Zaire; e finalmente, reconhecer o Zaire até á sua foz.

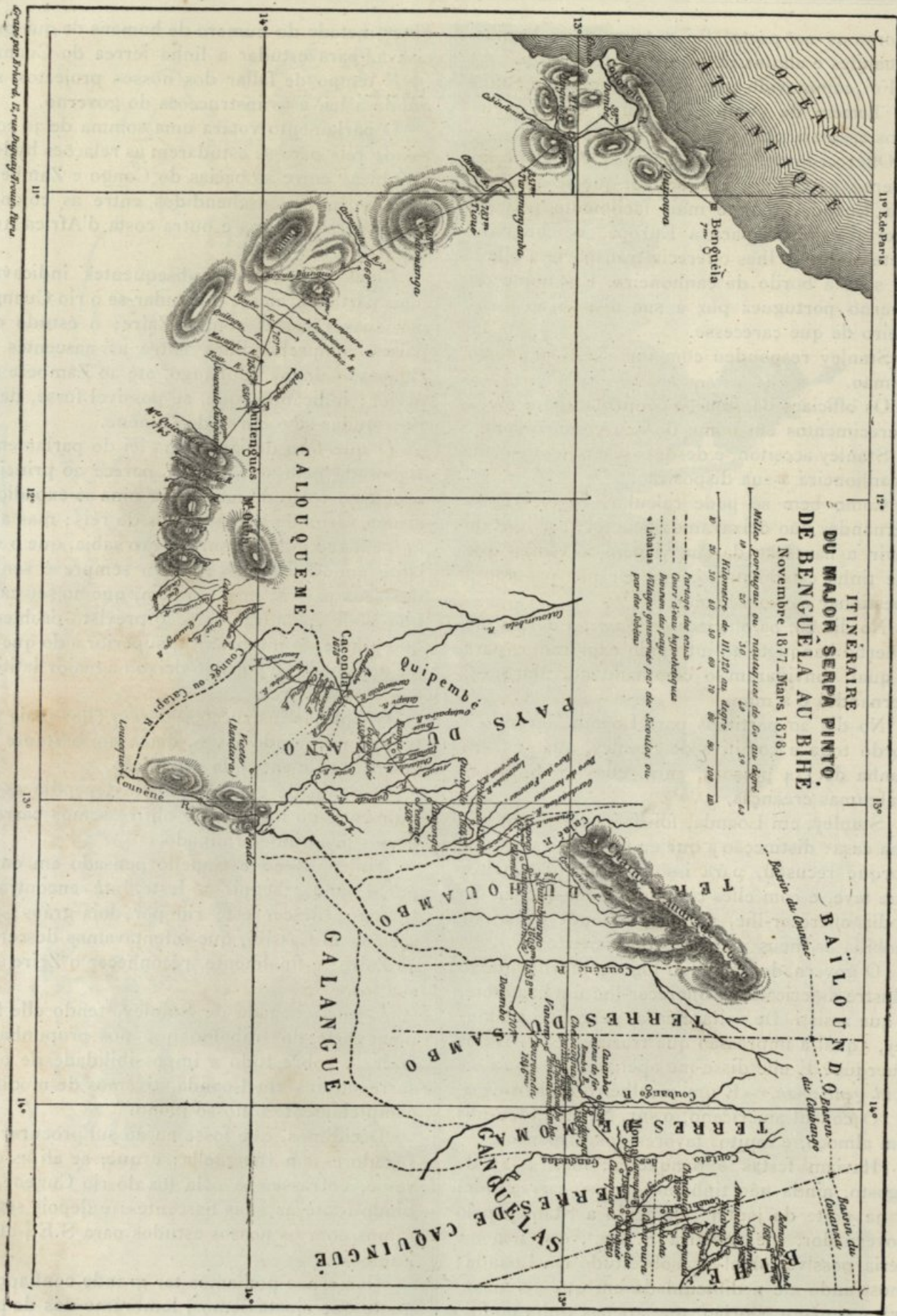
Com a chegada de Stanley, tendo elle feito uma parte do trabalho que nós propunhamos fazer, e sobre tudo a impossibilidade de obter carregadores em Loanda, tivemos de modificar completamente o nosso plano.

Decidimos, que fosse eu ao sul procurar carregadores em Benguella; e que, se ali os obtivesse, entrassemos pela foz do rio Cunene, subindo-o até ás suas nascentes; e depois seguíssemos com os nossos estudos para S.E., até ao Zambeze.

Como não podiamos ter grande confiança na gente que ajustassemos, lembrámo-nos de pedir



Dessiné par A. Harard, 17, rue d'Angoulême, Paris



**ITINÉRAIRE**  
**DU MAJOR SERPA PINTO.**  
**DE BENGUËLA AU BIHE.**  
 ( Novembre 1877 - Mars 1878 )

Miles portugais ou maritimes de 60 au degré  
 0 20 40 60 80 100 120

Kilomètres de 111,120 au degré  
 0 20 40 60 80 100 120

- Ferriage des eaux
- Cours d'eau hydrographiques
- Bassins des puits
- \* Villages gouvernés par des sénéchales ou par des indiens

11° Ede Paris

12°

13°

14°

11°

12°

13°

14°

Océan Atlantique

Benguela

Calouquème

Galangue

Pays du Quipembé

Baïlou

Svalade Caouingue

Bihe



ao governador um certo numero de soldados, que fossem, por assim dizer, a escolta de vigia. S. Ex.<sup>a</sup> accedeu, e mandou saber aos regimentos, se alguns soldados nos quizeriam acompanhar; porque, não sendo aquelle serviço regular, não podia compellir os soldados a irem. Ficou, pois, decidido, que eu partisse para Benguella no vapor que no principio de setembro devia chegar de Lisboa.

N'esse vapor veio o Ivens, que pela primeira vez eu via. Sympathico, ardente, dotado de grande verbosidade, e muito entusiasmado pelas viagens difficeis, depressa me ligou a elle a amizade. Narramos-lhe tudo o que resolveramos fazer, e as difficuldades que tinhamos encontrado até então. Ivens concordou connosco, e ficou definitivamente resolvida a minha partida para Benguella, no dia 6.

Preparei-me logo para partir, e fui dar parte d'isso ao governador.

Durante a minha ausencia os meus companheiros deviam preparar as bagagens, que estavam em grande desarranjo, com a nossa precipitada partida da Europa.

Cabe aqui contar um episodio que me aborreceu bastante; porque poderia ter feito, que Stanley julgasse do character meu e dos meus companheiros, differentemente do que o devia fazer.

No dia 5, ao almoço, conversamos eu, Capello Ivens, Stanley e Avelino Fernandes, a respeito da escravatura, e mostravamos a Stanley o espirito das leis portuguezes sobre o infame trafico; notando-lhe a falsidade de asserções de estrangeiros a nosso respeito, e a impossibilidade de fazer então escravos onde o governo tinha força. Discorriamos acerca do assumpto, quando Capello teve de ir a palacio fallar ao governador.

Voltou uma hora depois, e logo em seguida recebia Stanley uma carta official do snr. Albuquerque, a pedir que lhe certificasse, se nas terras do seu governo se fazia escravatura? Stan-

ley veio surprehendido mostrar-me a carta e não menos surprehendido ficamos eu, os meus companheiros, e Avelino Fernandes. Effectivamente, a nossa conversação ao almoço, e aquella carta depois de um de nós ir a palacio, pareceria ao illustre viajante uma comedia habilmente preparada.

Stanley podia certificar a S. Ex.<sup>a</sup> que a bordo da *Tamega*, em minha casa, em casa de S. Ex.<sup>a</sup> e na do consul Newton, não tinha visto fazer escravatura. Fôra d'isto, Stanley como S. Ex.<sup>a</sup> muito bem sabia, só por informações nossas poderia fallar, convivendo quasi exclusivamente connosco, e não tendo visitado ponto algum do paiz governado pelo snr. Albuquerque. Era querer o snr. governador que Stanley viesse a pagar caro um jantar e os seus favores, pedir-lhe assim um certificado que elle Stanley nunca deveria ter passado.

Stanley, creio eu, fez-nos a justiça de pensar que eramos estranhos áquella carta.

No dia 6, parti para Benguella, levando cartas do snr. José Maria do Prado para alguns particulares, e nem uma recommendação para o governador do districto, que eu não conhecia.

La outra vez á busca de carregadores, que eu, portuguez, não tinha podido obter em Loanda, e que, 4 mezes depois, tinha ali obtido um estrangeiro, o explorador Schutt, que não encontrou as menores difficuldades, para seguir o primeiro caminho que nós tinhamos tencionado seguir.

Em viagem conheci um passageiro que me disse ser possivel obter alguns carregadores em Novo Redondo, e que se comprometteu a contratar ali uns 20 ou 30.

Foi já um pouco animado com esta promessa, que cheguei a Benguella, no dia 7 á noite; e ainda que levava cartas de recommendação para alguns negociantes, fui procurar o governador, e pedir-lhe hospedagem.

(Continúa.)

## SUPERSTIÇÕES POPULARES EM PORTUGAL

**P**E TODOS os phenomenos sociaes que formam o objecto da Ethnologia, é a *Superstição* o mais difficil de coordenar systematicamente, pela incalculavel variedade de elementos descriptivos, provenientes de diversos estados das

concepções do espirito humano, dos successivos estadios de civilisação que se foram sobrepondo segundo a corrente historica, circumstancias que actuam constantemente pela conservação das desigualdades sociaes e pelo conflicto das raças, tor-



nando assim esta ordem de phenomenos um verdadeiro cahos moral. Colligir e comparar os dados descriptivos é facil, e já não é pouco reconhecer o valor d'estes factos indicativos de concepções primordiaes sobre que se tem de organizar a psychologia anthropologica; achar porém um principio de coordenação racional no que é apparentemente absurdo, é esse o intuito scientifico, sem o qual todo o esforço ficará reduzido a uma curiosidade banal. As *Superstições* são o phenomeno capital da sobrevivencia dos costumes; as sociedades transformam-se, mas esta força evolutiva que a impelle acha-se mais ou menos equilibrada com um instincto vago de conservação, que as leva a respeitar o passado. Esse instincto tem manifestações complexas que podem exprimir-se por um termo geral — a *Tradição*; no movimento integral de uma sociedade é o *Costume*; nos factos industriaes é o segredo e hereditariedade das profissões; nas concepções racionaes é o *Mytho* com todos os seus variados desdobramentos desde o *conto* até às *metaphoras*, inconscientes da linguagem; nas crenças que constituem a hierarchia da religião elaborada pelo dogmatismo sacerdotal, é a parte popular que mantém a immobilidade instinctiva, a que persiste a todas as modificações especulativas, exactamente como no phenomeno da linguagem o archaismo se contrapõe ao neologismo. O caracter de persistencia ethnica da Superstição dá a este phenomeno uma alta importancia para descobrir os estados primitivos do espirito humano, e ao mesmo tempo para deduzir da complicada accumulção de elementos extranhos nos mythos a sua simplicidade primordial. Tornemos-nos mais claro com uma imagem: o mytho é como um ramo d'arvore, que se reveste de folhas, de flores, de gômos e de fructos, segundo a estação, até que passado o calor que provoca esse trabalho organico as folhas amarellecem e caem e fica apenas um galho secco reduzido á sua simples structura. E' assim a evolução do mytho, em que collaboram todos os estímulos da evolução social, e sobre o qual desabroçam todos os elementos poeticos da imaginação de um povo; por seu turno o mytho vae decahindo segundo as modificações de novos interesses, e apenas vae persistindo o fundo primario que o constituiu, em uma simplicidade não comprehendida, por um afferro instinctivo dos mais atrasados pela auctoridade indiscutivel do passado. A Superstição é este ramo secco e desfolhado com relação á efflorescencia espontanea dos mythos; o

seu estudo presta-se a uma lucida intelligencia dos mythos, cuja verdade não consiste na interpretação allegorica ou symbolica do seu sentido, mas na determinação dos elementos primarios da sua fôrma. É certo que nem todos os mythos são religiosos, ao passo que as Superstições são sempre o vestigio da ruina de uma religião quer na sua parte theologica, a credulidade nos espiritos malevolos, quer na sua parte liturgica, os ritos propiciatorios das cerimoniaes auguraes. Pelo estudo das Superstições se chega á determinação das camadas sociaes juxtapostas pela unidade civil, mas profundamente separadas entre si por inacessiveis distancias de capacidade mental; dentro de um mesmo povo, em um elevado grão de civilização, é facil descer até á inconsciencia primitiva, recompôr as concepções das sociedades rudimentares diante da natureza e dos factos do espirito, e reconhecer até á evidencia que as forças de conservação servem de apoio ao maior numero, e que é sobre ellas que se assentam o poder temporal e o espiritual todas as vezes que exploram o arbitrio e a mentira. As Superstições na sua persistencia e no seu caracter temeroso ou maligno são um documento psychologico; nas suas profundas raizes e analogias de povo a povo, e conservação secreta entre as camadas sociaes degradadas ou atrasadas, são um documento proto-historico pelo qual se pode recompôr o estado social sobre que se desenvolveram as civilizações progressivas. É preciso distinguir o criterio psychologico e o ethnologico.

A fôrma e o sentimento que as Superstições appresentam, correspondem a um estado rudimentar da intelligencia do homem: o terror do desconhecido. As forças da natureza não são previstas, a vida está exposta aos incalculaveis accidentes de um meio cosmico ainda não adaptado ao bem estar do homem, e conjunctamente o meio social, onde preponderam as paixões egoistas e violentas, ainda não está disciplinado na ordem pela submissão ao facto legal. O Fetichismo primitivo nasceu d'esse terror; o seu desenvolvimento nas raças que o crearam produziu a religião dos Espiritos, e uma vez decahido pela imposição de systemas religiosos superiores, conservam-se na fôrma dos cultos magicos, e entre as classes sem cultura mental na das Superstições. Por isso que ainda hoje o maior numero é o dos que soffrem os encargos sociaes, o trabalho e a obdiencia incondicional, e que, pela necessidade immediata da acção, não tem tempo nem capacidade de se desenvolverem pelo



exercício do pensamento, é entre elles, o povo, que se conserva a Superstição com as mesmas condições da origem e por isso persistindo através das civilizações superiores. Hume, no seu ensaio sobre a *Historia natural da Religião*, accentua com lucidez este ponto: «Os homens tornam-se mais supersticiosos à medida que *experimentam um maior numero de accidentes*. Os jogadores e os marinheiros são provas frisantes d'esta verdade, ainda que todos os homens os menos capazes de reflectir se vejam entregues aos temores os mais ridiculos, às superstições as mais frivolas.» (*Essais*, t. III, 16.) Este facto exemplifica-se melhor na vida collectiva dos povos; a capacidade industrial e artistica dos povos peninsulares contrasta singularmente com a retrogradação systematica que appresentam a Hespanha e Portugal durante os ultimos tres seculos da civilização da Europa. São estes povos na realidade extremamente supersticiosos, e essa tendencia foi explorada pelo catholicismo, que, fusionando-se com o poder temporal, chegou quasi a impôr-se como uma intolerante theocracia. Buckle comprehendeu admiravelmente a origem d'este atrazo das nacionalidades peninsulares, quando diz: «que as antigas civilizações tropicaes foram acompanhadas de phenomenos extraordinarios, que qualifico como Aspecto da Natureza, os quaes, sobreexcitando a imaginação, estimularam a superstição, e impediram que os homens se atrevessem a analysar aquelles ameaçadores phenomenos physicos; ou, por outras palavras, impedindo a firmiação das sciencias physico-naturaes. E é por certo bem interessante o ver que nenhuma outra nação europêa é em taes Aspectos tão semelhante às tropicaes como a Hespanha. Nenhuma outra parte da Europa está, com effeito, tão claramente designada pela natureza como a Hespanha, para ser o assento e o refugio da superstição.—Entre as mais importantes causas physicas da superstição contam-se as fomes, as pestes, os terremotos e em geral a insalubridade do clima, causas que abreviando o termo natural da vida, estimulam e augmentam o fervor com que se invocam os auxilios sobrenaturaes contra os males que se crêem de igual procedencia.» Buckle, mostrando que a Hespanha, mais do que nenhum outro povo esteve sempre sujeita a estes phenomenos extraordinarios, deduz como effeito a deformação do character nacional:

«Quando a isto se acrescentar, incluindo Portugal, que os terremotos tem sido desastro-

sos na peninsula, e excitado todas as crenças supersticiosas, que tantas calamidades naturalmente provocaram, podemos formar uma ideia da inseguridade da vida e da facilidade com que um clero astuto, artificioso e cheio de ambição, soube converter esta instabilidade em instrumento de augmento do seu poder pessoal.» O processo historico de Buckle é pasmoso pela abundancia dos documentos comprovativos. Em Portugal os factos são tambem eloquentes; as pestes, os terremotos, e conjunctamente as fomes, apparecem desde a idade media com um character periodico. E quando vemos no seculo XVI, em que a intelligencia portugueza attingiu o seu maximo esplendor na arte e na litteratura, ser n'esse seculo que o catholicismo se tornou mais obscurantista e intolerante pelo poder da Inquisição e pelo dominio dos Jesuitas, custa-nos a conciliar esta antinomia, sem a intervenção de factores que estão fóra da historia; de facto o seculo XVI foi perturbado por continuas pestes e por medonhos terremotos. Em 1512 succede um grande terremoto em Lisboa, de que falla Garcia de Resende, e o fanatismo de Dom Manoel recrudede contra os pobres e activos Judeus; em 1531, começa a 7 de janeiro um terremoto que se continua por mais de cincoenta dias terminando com um abalo final analogo ao terremoto de 1735, e Dom João III submete-se pouco depois ao estabelecimento da Inquisição. Em 1551, cae a 28 de janeiro uma chuva de sangue, e succede em Lisboa um terremoto em que morrem duas mil pessoas; pouco depois estabelece-se a censura contra os livros e fecha-se Portugal á communicação intellectual com a Europa. A peste grande de 1569 entrega o animo de Dom Sebastião aos planos dos Jesuitas. Emfim tudo conspirava para fazer regressar o espirito do povo portuguez a a esse estado mental das superstições, que augmentavam com o terror religioso dos tremendos processos inquisitoriaes de carcere, de tortura, de procissões cannibalescas e de fogueiras, que eram motivadas com o fim de extinguir essas mesmas superstições do demonismo, da feiticaria e do judaismo. O catholicismo provocava uma sobreexcitação supersticiosa sobre a qual reagia com uma barbaridade selvagem, reduplicando-lhe a intensidade. O estudo descriptivo das Superstições portuguezas só pôde fazer-se de um modo completo compilando como elemento historico os assombrosos materiaes que se acham inclusos como peças de accusação nos volumosos *quarenta mil processos* que se guardam na Torre



do Tombo. O simples trabalho de compilação só por si reclama uma vida inteira.

Por aqui se vê a importancia do criterio ethnico no estudo das *Superstições*, que muitas vezes são o effeito de uma regressão, como se deve considerar a monomania hallucinada da Feiticaria e do Demonismo no seculo xvi em toda a Europa; ora o conflicto entre duas crenças, a dogmatica e official contra a popular e poetica.

O conflicto é antiquissimo, e já nas raças antigas o culto dos povos vencidos e escravizados era prohibido e só se praticava a occultas e com character magico. É essa uma das fórmulas mais vigorosas da Superstição, ainda não reduzida a um automatismo consuetudinario. Este diverso vigor das crenças foi conhecido pelos escriptores antigos; Varrão estabeleceu tres especies de theologia, a *civil*, a *natural* e a *poetica*; de facto estas tres cathogorias do mesmo facto correspondem a uma simultaneidade de elaboração social:

A *theologia civil*, adoptando as phrases de Varrão, é a crença religiosa disciplinada pela unidade cultural, por um corpo sacerdotal, servindo de meio de unificação de uma sociedade que attinge o desenvolvimento de nação. A *theologia natural*, é uma especulação da intelligencia, com tendencia methaphysica sobre os factos do culto civil, estabelecendo para os atrasados uma conciliação allegórica e interpretativa, por onde se chegou á expressão abstracta dos dogmas e ás primeiras contemplanções philosophicas. A *theologia poetica*, é a persistencia das concepções populares que nem entraram na unificação cultural, nem se prestaram ás especulações abstractas; as camadas populares renovadas pelas guerras e pela escravidão, augmentaram este fundo com cultos decahidos do seu destino social ou com

religiões prohibidas na fórmula publica, transmitindo-se assim pela sua propria estabilidade mental e consuetudinaria a superstição. Os povos da antiguidade, onde as superstições tiveram maior desenvolvimento, são os Chaldeos e os Egyptios; todos os criticos reconhecem este facto, que tem a sua razão historica. Nos deltas da Chaldêa as doenças paludosas, os esboroamentos de territorio pelas cheias, as incursões de outras raças que subjugaram o elemento accádico, provocaram um grande desenvolvimento dos cultos supersticiosos, uns fóra das systematisações dogmaticas, outros suplantados pela religião dos povos vencedores, como se observa nas divindades solares substituidas por divindades lunares. Na demologia da Chaldêa, é um dos principaes espiritos elementares *Uruku*, o monstro dos charcos, do mar, do deserto, e de vento máo; *Telal* é o guerreiro; *Utug* é o vento do deserto; *Alat*, os distribuidores, *Maskin*, o que arma as trapaças; *Namtar*, é a peste, como *Nindar* é a guerra. A substituição da theogonia solar accadica pelo systema lunar babylonico significa uma sobreposição de raças, e a decadencia de cultos que ficaram constituindo o systema magico da Chaldêa. É por isso que esta decadencia ficou constituída em corpo sacerdotal magico, composto de tres classes: os *Khartumim*, (os impeccadores ou esconjuradores dos espiritos) os *Hakamim*, (os curandeiros, analogos aos Chamans das tribus altaicas) e os *Assaphim* (pessoas de virtude, analogas ás nossas beatas.) Tal é ainda o pessoal magico das superstições portuguezas, cuja persistencia não podemos por ora explicar.

(Continúa.)

THEOPHILO BRAGA.

## CRUZEIROS NA COSTA D'AFRICA

(Continuado do numero 3)

### XVII

Exploração das lagôas — Organização politica — Hostilidades — Tratados de paz — Direito de vida e de morte — Sacrificios humanos — Pescadores.

**F** INUTIL narrar os trabalhos successivos dos officiaes que fizeram reconhecimentos no rio Comoé e na lagôa d'este nome; bastará ao leitor saber que estes trabalhos feitos sem descanso durante vinte annos permit-

tiram levantar uma mui rasoavel planta geral. As correntes d'agua doce que se juntam no Grã-Bassam, podem-se dividir em tres ramos que abrem um vasto campo á nossa actividade commercial.

Apenas se tenha entrado a barra do Grã-Bassam fica-se surprehendido com o aspecto grandioso do rio Comoé; é uma paisagem a perder de vista unicamente limitada ao norte pelo Abra. Os dois rios cobertos de mangles e de paletuvios





O REI DO GRÁ-BASSAM RODEADO DA SUA CÔRTE E DOS SEUS MUSICOS



dão um tom risonho e formoso ao quadro; estas arvores singulares, sahindo das aguas salobras, formam de cada lado dos rios copadas aleas que encobrem à melhor vista o relevo do terreno; as suas raizes compridas e nudosas implantam-se profundamente no lodo e servem de domicílio a inumeros parasitas. As ostras do mangre agrupam-se em volta dos ramos; uma especie d'amphibio munido de duas patas peitoraes saltita pesadamente por entre os ramos e as raizes. As ostras do mangle são um precioso recurso; depois do mollusco ter servido d'alimento a uma parte da população das lagôas, as cascas servem para fazer a cal que lhe é necessaria. Esta vegetação parasita implanta-se em toda a parte em que apparece a descoberto a menor porção do leito dos rios eahi se fixa e consolida rapidamente; entulha os mais vastos portos, quando elles não são varridos por uma forte corrente.

É por detraz d'estes labyrinthos impenetraveis que cobrem as margens dos rios da Africa tropical e lhes dá um aspecto particular, que os negros menos civilisados escondem as suas cubatas, verdadeiros esconderijos d'amphibios. Taes são as posições escolhidas pelos Pahoins no Gabão e pelos Saklaves em Madagascar. O mesmo não acontece na costa do Ouro; as cubatas são grandes, espaçosas, patentes ao sol, edificadas nos planaltos que coroam as margens das lagôas.

Logo que se deixam as aguas salgadas para entrar nas aguas doces, o aspecto das margens muda immediatamente: por toda a parte arvores de raizes nodosas, de ramos fortes, abertos, cobertos de compridas folhas delgadas, similhando longas cabelleiras, elegantes hibiscos com as suas brilhantes flores e outras plantas semi-terrestres, semi-aquaticas, substituem os sombrios paletuvios; as enormes proporções das arvores n'estas regiões tornam menos sensivel a transição da zona lacustre para a zona de terra firme. Desde que se entrou n'esta ultima as arvores de diferentes essencias e as palmeiras apparecem nos terrenos que em tableiros estão dispostos a começar das margens. As palmeiras são o thesouro das populações africanas; dão duas colheitas por anno; os seus fructos estão pendentes sob a fôrma de cachos d'um vivo es-carlate.

É n'estas regiões pedragosas que nascem as arvores gigantescas que servem para fazer as pirogas; as maiores têm vinte metros de comprido

e podem conter vinte homens; são os grandes barcos de guerra com os quaes os chefes fazem respeitar a sua auctoridade, quando não servem para levar a guerra ao campo de vizinhos; a ambição é de todos os povos. Estas pirogas têm trabalhos d'esculptura e são pintadas com côres vivas. Os terrenos continuam a elevar-se à maneira que se vão subindo as correntes d'agua doce e as aldeias, que não encontram bastante espaço para o seu desenvolvimento nas margens, apresentam-se na crista de pequenos contrafortes, cuja base minada pelas aguas fôrma penhascos abruptos. As margens do rio em alguns pontos attingem quarenta e cincoenta metros d'altura.

As aldeias que coroam as alturas são fortificadas. Uma linha de estacas bem ligadas entre si por meio de travessas solidamente fixas por flexiveis ramos, tornam-se uma defeza invencivel sem auxilio de trabalhos de sapa. Os arredores das aldeias são defendidos por obras exteriores que dominam todos os caminhos. Os cordões fetiches completam a defesa militar. As margens do rio que dão acesso para estas aldeias são protegidas por uma especie de diques feitos para um e outro lado do rio, a grandes distancias; a estreita abertura feita em cada um dos diques dá unicamente passagem a pirogas de pesca; uma guarda está sempre vigilante no lugar de desembarque. Estes povos passam a vida em continuados sobresaltos.

Os povos que habitam desde o Rio-Fresco até a Apollonia estão muito divididos; foi-nos preciso tratar com quarenta aldeias para obter o direito de soberania.

Sahou tem tres chefes principaes, dos quaes dois estão no raio da nossa acção. O norte da lagôa é governado por uma rainha muito obedecida e temida.

A área de Dabou não contava menos de quatorze ou quinze centros sem laço commum. O Ebrié tinha dezoito aldeias, algumas das quaes estavam reunidas sem ter renunciado á sua autonomia. O Potou reunido a Ebrié contava pelo menos oito que eram vassallos d'Amadifou que, como todo o soberano affastado, deixava aos governadores uma grande latitude de poderes. N'uma palavra, esta população muito densa e muito intelligente, não inferior a duzentas mil almas, é governada por uma oligarchia entre a qual não existe um laço commum.

As linguas falladas resentem-se d'estas differenças d'origem e formam uma tal variedade de



linguagens que demandam o auxilio de muitos interpretes. É raro que um só individuo conheça todos os idiomas adoptados por cada communi-  
dade.

Os interesses commerciaes e as rivalidades de castas faziam rebentar frequentes guerras entre todos estes povos e bem depressa nós mesmo lhe sentimos as consequencias. O Comoé, o Potou Aghian, tinham por centro de commercio o Grã-Bassam. Os de Bounoua começavam em Abassam, situada na costa do mar, a este da embocadura do rio.

A gente d'Ebrié tinha por freguezes as aldeias chamadas Jacks, que se estendem pela costa, em frente de Dabou. A gente de Dabou estava habituada a negociar com estas mesmas Jacks, que recebem uns annos pelos outros dez a quinze navios inglezes.

Emquanto que as relações que tivemos com os chefes se limitaram a dar-lhes presentes tudo foi facil, os intermediarios no negocio recebiam a sua quota parte além do azeite de palma offerecido pelos chefes. Mas quando elles viram armazens cheios de numerosas mercadorias vir disputar-lhe os mercados, pensaram que tinham adquirido uma concorrência perigosa e então uma surda animosidade, suscitada por elles, se converteu depressa n'uma hostilidade flagrante que foi necessario reprimir. Esta hostilidade manifestou-se primeiro na lagôa. Sessenta pirogas tentaram atacar um dos avisos e soffreram uma lição mestra.

As cousas tinham chegado a um estado intolleravel. Em 1849 Acka, o chefe de Bounoua, tinha o Comoé fechado; o almirante Bonêt-Willamez foi forçado a dar-lhe uma lição em Yahou, situado á entrada do rio. A paz foi novamente perturbada em 1853 e o almirante Baudin deu á gente d'Ebrié, reunida com a d'Ebone, uma correcção que ainda não esqueceram. A construcção do forte de Dabou, consequencia d'esta acção, permite-nos o vigiar todo o Ebrié e a lagôa. Uma população turbulenta situada perto de Dabou conservou-se dez annos em hostilidade; eu conseguí submettel-os e a bandeira franceza fluctuava em plena liberdade d'uma extremidade á outra da lagôa; mas em 1870 julgaram conveniente retirar d'ali a guarnição. O commercio está hoje ali entregue ás suas proprias forças.

O clima do Grã-Bassam é debilitante para os europeus e a febre amarella apparece ali de vez em quando. De 1857 a 1862, principalmente, fez ali muitas victimas. Uma boa alimentação, e

pouca demora ali, são condições essenciaes para que o europeu não fique inutilizado.

Posto que divididos por castas e por linguas diversas estes povos têm uma especie de direito das gentes que lhe é commum e que lhes serve de norma politica. São graves, circumspectos, muito altivos; quasi sempre esperam as suas visitas e mostram-se para ellas pouco amaveis. A gerontocracia é para elles uma honra. As heranças nem sempre vão aos herdeiros collateraes. A polygamia dá-se sem limites. As mulheres estão sujeitas a uma disciplina muito severa; devem d'abster-se d'apparecer em publico e conservarem-se, em certas epochas periodicas, em casas isoladas feitas expressamente para este fim. As que se levantam depois dos partos são durante tres mezes esfregadas com urucú e devem trazer nos cotovellos e curvas das pernas uns molhos de hervas seccas. A infidelidade é aqui severamente punida. É caso de morte para o galanteador, quando a mulher pertence a um chefe. Uma multa é o castigo para os delinquentes communs.

Muitas vezes rebentam guerras intestinas por causa de raptos de mulheres.

Um Páris amarello de Tiackba roubou uma Helena preta de N'diou. Immediatamente houve uma grande agitação: armam-se as pirogas de guerra, os cantos guerreiros multiplicam-se, os desafios nauticos e os exercicios repetem-se. Adeus palmeiras, adeus agricultura; os guerreiros só pensam em batalhas; o rei dos reis, Agamemon, não tinha esquadras mais numerosas, nem com melhor equipamento; cada aldeia tinha em linha quarenta galeras que se perseguiam; quatro vigorosos remadores estavam sentados á ré; uma larga taboa assente sobre as bordas do barco, á prôa, abrigava os remadores dos tiros inimigos; o unico guerreiro que ia a bordo fazia da prôa do barco tiros atravez d'uma abertura feita na prancha que defendia a tripulação.

Os dois partidos em guerra tinham um e outro alcançado victorias e soffrido reveses. Tiackba tinha perdido as suas pirogas<sup>1</sup>, e muitos guerreiros de N'diou tinham sido feridos pelo chumbo inimigo. Quando appareci em Dabou umas deputações vieram pedir-me para que pozesse termo a esta guerra fatal e eu ordenei um desarmamento geral.

<sup>1</sup> N'estes casos a tripulação salva-se a nado, e unicamente o casco do barco fica em poder do inimigo.



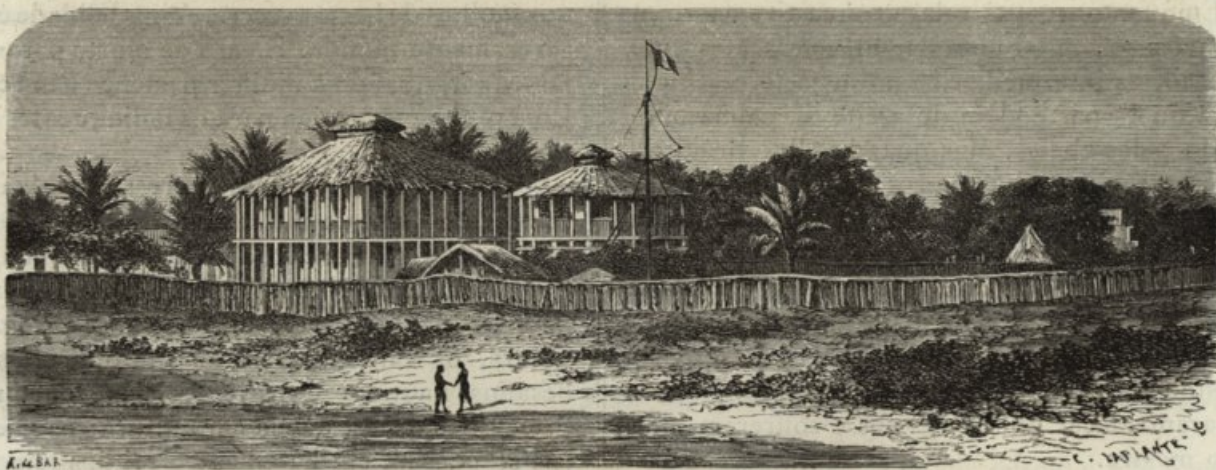
Depois de ter ido ao lugar da lucta peguei em deputados de N'diou, que morriam de medo, e levei-os commigo para Tiackba. O infeliz Páris amarello era perseguido pelas imprecações da multidão.

Deixei que os argumentos se esgotassem e então demonstrei que haviam todos conquistado gloria militar mais que sufficiente para fazer uma epopeia, mas que era preciso ganhar o tempo perdido, que os Jacks tinham precisão d'azeite, que os agentes francezes tinham os armazens cheios de valores, emfim que era já tempo de trepar ás palmeiras.

Os debates evidenciaram que as vantagens e as perdas da guerra se contrabalançavam n'um e n'outro campo. Colloquei dois dos represen-

tantes dos dois povos em guerra, costas com costas, e ordenei-lhes que fizessem a paz, bebendo na minha presença pela taça d'amizade.

Deixei Tiackba no meio de gritos d'alegria e fui para N'diou. Foi preciso soar o tam-tam de guerra para que a assembleia dos notaveis se reunisse. Logo que estavam em numero reparei que se estavam a rir, mas ao principio não fiz caso. Voltando-me vi atraz de mim uma horrivel figura. O individuo que despertava estas gargalhadas era vesgo e usava um barrete d'algodão. Tinha o corpo coberto por uma especie de transpiração viscosa. O tumulto augmentara, quando o meu interprete me informou que este ser horroroso era o *cosinheiro*. Um cosinheiro não me parecia coisa assaz extraordinaria, mas com-



CAMPO ENTRINCHEIRADO NO GRÃ-BASSAM — Desenho de A. de Bar, segundo uma photographia

prehendi a hilaridade geral quando soube que era um *especialista*, que era elle quem fazia os petiscos canibalescos de que a gente de N'diou é avida. Falla-se muito n'estes festins e diz-se mesmo que a panella de N'diou tem cosido todas as creanças dos arredores; tornou-se para as creanças um papão legendario. Com effeito estes povos têm o horroroso habito de devorar os seus prisioneiros de guerra. Os Quaquas têm egualmente este horrivel costume; os Bourbourys não se privam tambem d'estes manjares: devoraram oito caçadores senegalezes que agarraram á traição, o que lhes custou, em vingança de taes affrontas, verem queimar Badou, Mapoyanna, etc.

Atraz disse, que o Lovelace, auctor d'esta guerra, era amarello como um limão; não era elle o unico da sua especie, porque indo eu para Cosroë, situado junto da lagôa de Tiackba, en-

contrei uma tribu inteira de negros brancos, d'olhos azues e cabellos ruivos.

O meu piloto senegalez já me tinha dito isso mesmo muitos dias antes. Eu não quiz acreditar-o, mas elle trouxe-me triumphantemente um bando de garotos que evidentemente tinham perdido o *pigmentum*. De quem descendem? elles não o sabem; serão descendentes dos paï-pi-bris, que dizem existir perto da lagôa Glè? é ainda duvidoso.

O albinismo é um facto que eu muitas vezes presenciei na costa d'Africa.

Nem sempre as coisas se passam tão simplesmente, como se passaram na assembleia de Tiackba; mas é preciso ter estado na Abyssinia para ter uma ideia completa d'estas reuniões.

Fallei do modo como se adquirem os direitos politicos; em seguida é bom fallar tambem como



tem lugar a investidura, quando muda o governo.

O cordão fetiche desempenha um papel importante na vida d'estes povos. Todas as vezes que o estendem, é um signal que equivale a declarar-se qualquer trato de terreno em estado de sitio. O limiar que elle proteger só pôde ser passado por guerreiros. Para fazer parte da assembleia de guerreiros e ter direito a usar da palavra nas assembleias é preciso ter assistido á investidura d'um chefe. N'estas occasiões sangue humano corre, porque cada chefe para mostrar a sua força, a sua audacia, a sua resolução deve

sacrificar pela sua propria mão um prisioneiro ou um escravo e todos os rapazes em idade de usar armas devem pegar na cabeça do homem assassinado e passal-a de mão em mão. Este baptismo pôde tambem alcançar-se fazendo tambem de mão em mão passar a cabeça d'um escravo macho, sacrificado aos manes d'um chefe morto. Esta cerimonia equivale á investidura da pretexto e o joven guerreiro que satisfaz a estes requisitos pôde assistir ás assembleias e beber com a mão esquerda, honra reservada aos guerreiros. É a isto que as maiores ambições dos adolescentes aspiram.



INTERIOR DO CAMPO ENTRINCHEIRADO NO GRÃ-BASSAM — Desenho de A. de Bar, segundo uma photographia

Nas assembleias de Bassam e de Tiackba, a cerimonia varia algumas vezes. Por exemplo, quando os chefes são poderosos as musicas dos dois campos tocam arias, sempre as mesmas, em trompas feitas com dentes d'elephantes cavados, a que estão prezas maxillas humanas arrancadas a inimigos. Do mesmo modo os tam-tam que não sejam assim adornados são indignos de figurar em taes ceremonias. Os deputados dos dois povos inimigos sentam-se silenciosos. Estes deputados são geralmente escolhidos d'entre os velhos e o seu aspecto austero, que faz sobresair um collar de ferro que trazem em volta do pescoço, torna-os imponentes; estes collares têm um guiso que se agita para impôr silencio. Um ramo d'arvore, ou uma trepadeira separa os dois campos; a scena passa-se ao ar livre; o concilia-

dor salta o ramo (algumas vezes é um Bambara o encarregado d'este papel) e deve apertar a mão da parte opposta. A deputação que recebeu esta amabilidade levanta-se e desfila em ordem por deante dos adversarios, levando a mão á cabeça e ao pescoço, segundo o uso oriental. A tanga que se desenrola, o braço que se alonga dão um ar nobre a esta cerimonia que é sempre muito grave.

Um silencio absoluto se segue a estes preliminares. O oraculo vae fallar. Uma serpente verde, de cabeça triangular, de cauda fendida sae lentamente do matto e colloca-se entre os dois campos; balanceia a cabeça da direita para a esquerda, fitando os dois grupos, estes movimentos são seguidos com anciedade até que a serpente desaparece no macisso d'onde tinha



sahido. Se o presagio é favoravel, a assembleia exprime satisfação e a discussão começa depois de ter sido annunciada por uma pancada dada n'um gongo ou n'um tam-tam.

O primeiro orador colloca a sua bengala sobre a trepadeira que separa os dois grupos e dirige-se á assembleia. O orador escolhido pela parte adversa imita esta manobra. Os dois devem comprimentar a todos com o nobre gesto já descripto.

Depois de terem ouvido os debates, os anciãos retiram-se para deliberarem em separado. Logo que tomam uma resolução voltam para junto da assembleia e mostram-lhe um sacco contendo um fetiche <sup>1</sup>; o feiticeiro, que é o proprietario da serpente, são então do bosque e colloca-se no centro da assembleia que saúda: colloca uma cabaça cheia no lugar onde estava a trepadeira divisoria e consagra o vinho de palmeira. Esta cerimonia faz-se com uma grande pompa; dir-se-hia o religioso Aria offerecendo o *somma inobra*. O feiticeiro agita rapidamente uma faca em volta da cabaça, faz circulos para a direita e para a esquerda, invoca os espiritos e, depois de

<sup>1</sup> O fetiche é o mais das vezes um farrapo, um papel com um versiculo do Alcorão; só tem valor pela consagração que lhe deram.

muitas genuflexões, pronuncia as palavras sagradas. Em seguida faz o signal cabalístico, ajoelha-se e pede ao ceu que lhe accete a offerta. Terminada a consagração affasta-se lentamente e volta para a floresta. Estes feiticeiros vivem em logares affastados, desconhecidos. Devem pertencer á grande associação do pourah, de que já fallei. O mais antigo dos chefes é o primeiro a beber da cabaça, em seguida o liquido circula em volta e a paz está feita.

Eu admirei sempre a dignidade com que estes homens primitivos regulam os seus negocios e o sangue frio com que ouvem os discursos em geral demasiadamente longos.

Fallemos do assassinato. Os assassinatos expiam-se pela composição que o uso regula. Algumas vezes estas dividas de sangue são exigidas com ameaças. Durante uma das minhas estadas em Dabou fui acordado pelo som do tam-tam de guerra que os Iloffs batiam desesperadamente; eu mandei pegar em armas á minha gente. Immediatamente me informaram que por descuido tinha sido morta uma creança n'uma piroga, que o pae não reclamava a divida de sangue, mas que á mãe ninguem a fazia calar e exigia multa. Foi preciso expiar aquella morte, pagando o seu inconsciente auctor uma escrava, um boi e quatrocentas manilhas.

(Continúa.)

## A QUESTÃO DO TRANSVAAL

(Conclusão)

*Ao presidente do conselho de ministros do Cabo*

SENHOR:

**T**EMOS a honra de enviar-vos para vosso uso uma copia da proclamação publicada pelo governo da Republica da Africa Austral.

A lucta pela nossa liberdade que ha tanto tempo andava adiada, acabou no passo dado pelo povo, e que está amplamente explicado na dita proclamação.

Confiamos que vós e todo o governo da Colonia, não só comprehenderão a oportunidade da nossa acção, mas até a hão de approvar. Nós, pela nossa parte fizemos quanto humanamente se pôde fazer para evitar tudo que podesse, ser

chamado força ou resistencia aberta, mas pelos actos do governador fomos levados a adoptar as providencias que hoje fazemos publicas.

Pedimos ao vosso governo que nos auxilie tanto quanto lhe fôr possível, na nossa lucta para alcançar fins que são tão nobres.

Os colonos d'esse paiz são pela maior parte nossos amigos e quasi irmãos, e ainda não ha muito tempo manifestaram a sua sympathia de uma maneira vigorosa.

Sabemos perfeitamente que a condição politica da colonia não permittiria acto algum que fosse contrario á sujeição devida a sua magestade a rainha; mas o auxilio moral e talvez a intervenção para com o governo da metropole, poderão fazer muito para se evitar uma desastrosa guerra entre duas nações, que levantará



um odio perpetuo entre as duas populações brancas.

Confiamos que a proclamação convencerá toda a gente da sinceridade com que queremos cooperar com os estados e colonias da Africa do Sul para todos os fins de bem estar geral. —(a) *O Triumvirato.*

*Ao governador do Natal*

Republica da Africa Austral, Heidelberg, 20 de dezembro de 1880.

SENHOR:

Como já tivemos a honra de dizer-vos, o governo da Republica da Africa Austral acaba de ser restaurado, e estabelecido em Heidelberg. A proclamação em que se affirmam as bases legais do nosso proceder, explicam minuciosamente no facto de que nunca fomos subditos britannicos. A carta de remessa em que pedimos a Sir W. Owen Lanyon que entregue em paz o nosso estado aos seus legitimos fundadores e donos foi mandada a S. Ex.<sup>a</sup> pelo nosso enviado diplomatico na sexta feira 17.

A unica resposta que S. Ex.<sup>a</sup> se dignou dar ao nosso legitimo pedido foi a remessa de uma proclamação impressa já feita antes da chegada do nosso enviado. Sentimos que nem S. Ex.<sup>a</sup> nem os seus conselheiros natos, pareçam perceber o verdadeiro estado das circumstancias, e tentem ainda envolver o nome respeitado de sua muito graciosa magestade a rainha de Inglaterra, bem como o nome grande do povo de Inglaterra, em actos de deliberada crueldade e má politica, os quaes só podem conduzir a uma cruelissima e muito destruidora guerra entre colonos, a uma guerra que não foi por nós provocada, mas sim e unicamente pelos actos do governo de Pretoria.

Pedimos licença para chamar a attenção de V. Ex.<sup>a</sup> para uma gratuita falsidade avançada por Sir Owen Lanyon quando elle nos accusa de incitarmos os pretos do paiz contra sua magestade.

Ex.<sup>mo</sup> senhor, desafiamos Sir Owen Lanyon a que prove esta muito feia asserção, e declaramos peremptoriamente que o contrario é que é a verdade.

Não ha pessoa alguma que por um momento sequer forme essa opinião de um povo, que, durante a desastrosa guerra dos Zulus nem um só

instante se apartou do caminho recto da neutralidade, não se aproveitando da oportunidade que tinha de retomar o seu paiz, só porque não queria estragar a sua boa causa usando das forças brutas de creaturas não civilisadas. Estamos firmemente convencidos que Sir W. Owen Lanyon avança essa asserção só para o fim de cegar os olhos do mundo civilisado pelos seus proprios actos, por isso que a verdade é que nas ultimas poucas semanas armou cafres e hotentotes para combaterem contra os Boers.

Considerando que agora Sir W. Owen Lanyon parece incitar á guerra, nós appellamos para V. Ex.<sup>a</sup>. Seja Deus o juiz entre nós e aquelles que nos forcem a pegar em armas. Já se disparou o primeiro tiro, e não foi disparado por nós, mas sim por tropas de sua magestade em Potchefstroom, e na estrada a poucas milhas de Pretoria, supponmos que por ordem de Sir W. Owen Lanyon. —(a) *O Triumvirato.*

*Proclamação do coronel Sir William Owen Lanyon governador do Transvaal*

Pretoria, 18 de dezembro de 1880.

Attendendo a que uma grande força armada e montada formou um campo entrincheirado nas proximidades de Potchefstroom, patrulhou as ruas e diligenciou apoderar-se da mencionada cidade;

Considerando mais que uma grande força armada e montada entrou na cidade de Heidelberg apoderando-se das repartições do governo, e de todos os archivos e documentos da secretaria da auctoridade;

Considerando que as ditas forças armadas de cavalleiros, desprezando os deveres que lhes incumbem e a obediencia a que estão sujeitos como subditos de sua muito graciosa magestade a rainha, proclamaram a 16 de dezembro de 1880 na cidade de Heidelberg n'esta provincia, a restauração de um governo, intitulado por elles — Republica da Africa Austral — arvorando então a bandeira que foi da passada Republica;

Considerando que aquelles dos subditos de sua magestade que promoveram a dita proclamação, se reuniram contra as leis em Potchefstroom, em Heidelberg e n'outras partes da provincia;

Considerando que alguns d'aquelles individuos têm patrulado as estradas da provincia,



molestando os passageiros, atacando os viajantes desprotegidos e indefesos, cortando os postos e os fios do telegrapho, impedindo que os empregados competentes os concertem, e commettendo outros actos criminosos e violentos;

Considerando que estes subditos de sua magestade incitaram os indigenas a que se recusem ao pagamento dos impostos, e com ameaças de violencias, têm impedido os recebedores de cumprirem os seus deveres, diligenciando maliciosamente induzir os ditos indigenas leaes de toda a provincia a pegar em armas contra o governo de sua magestade;

Considerando que para tranquillisar os animos dos habitantes socegados e pacificos da provincia, é necessario que se ponha cobro a taes actos violentos de desafio para com o governo de sua magestade;

Por isso, e por esta fôrma, eu proclamo e faço saber que, com o fim de obstar a esta desordem, e de suffocar o levantamento de certos subditos de sua magestade n'esta provincia, ordenei ao official commandante das tropas de sua magestade no Transvaal, que tomasse de accordo commigo as necessarias providencias para restaurar a confiança e subjugar a sublevação, onde quer que ella appareça.

Quaesquer grupos de homens armados, reunidos para os sediciosos fins de que acima se trata, e que se acham agora em rebellião aberta, são admoestados das consequencias da sua attitude.

Aquelles dos subditos de sua magestade, que foram illudidos e induzidos por agitadores turbulentos, ficam sabendo que podem voltar em paz para suas casas e que não serão incommodados se se submeterem á auctoridade de sua magestade.

Todos os subditos leaes de sua magestade, são intimados para que ajudem o governo da provincia em manter a sua auctoridade.

Deus salve a rainha.

#### Ordem do exercito

S. Ex.<sup>a</sup> Sir George Pomeroy Colley, governador de Natal e commandante em chefe das tropas, publica o seguinte:

Quartel general, Pietermaritzburg, 28 de dezembro, 1880. — O major general commandante

sente ter que informar as tropas sob o seu commando que um destacamento de 250 homens do regimento 94, em marcha de Leydenburg para Pretoria, foi surprehendido e derrotado pelos Boers, ficando 120 mortos ou feridos e o resto prisioneiros. Parece que o ataque foi dado emquanto as tropas iam a atravessar um regato, dispostas em linha muito extensa para guardarem um grande comboio de carretas.

O major general confia no animo, no vigor e na disciplina das suas tropas, e espera que poderá promptamente resarcir esta desgraça, e afirmar a auctoridade de sua magestade e a honra das armas britannicas. Escusado é lembrar aos soldados a incalculavel vantagem que lhes dão a disciplina, a organização e a pratica sobre forças mais numerosas mas indisciplinadas. Estas vantagens têm-se provado repetidas vezes, e nunca deixaram de determinar o bom exito final contra grandes multidões, e muito maiores difficuldades do que aquellas com que agora nos vemos a braços. As perdas que padecemos servirão de incentivo e estimulo para grandes feitos; e o major general sabe bem que pôde confiar nas suas tropas para dar mais um exemplo da paciencia e coragem, que são os gloriosos attributos do exercito britannico. A nodoa infligida nas nossas armas deve ser rapidamente apagada, e a rebellião deve ser suffocada; mas o major general espera que os seus officiaes e soldados não consentirão que o espirito militar que inspira as grandes acções, degenerem n'um sentimento de vingança. A tarefa que temos a cumprir, dictada pela attitude espontanea dos Boers, é em qualquer occasião uma tarefa desagradavel; e por isso espera o general que todos o ajudem a suavisar os inevitaveis soffrimentos d'ella. Devemos evitar que o innocente seja castigado em vez do criminoso, e devemos lembrar-nos que, apesar de desencaminhados e illudidos, os Boers são em geral um povo valente e nobre, guiado por sentimentos dignos do nosso respeito. Na guerra que vae começar, espera confiadamente o general que o bom comportamento dos seus soldados lhe dará tanto motivo de orgulho e satisfação, como o seu porte e valentia diante do inimigo, e que o resultado dos esforços de todos será a rapida e feliz conclusão da guerra.

AUGUSTO DE CASTILHO.





FORTE DE QUILENGUES — Desenho de A. de Bar, segundo um esboço de Serpa Pinto

## COMO EU ATRAVESSEI A AFRICA

DO ATLANTICO AO MAR INDICO—VIAGEM DE BENGUELLA Á CONTRA-COSTA—ATRAVÉS REGIÕES  
DESCONHECIDAS—DETERMINAÇÕES GEOGRAPHICAS E ESTUDOS ETHNOGRAPHICOS

POR

**SERPA PINTO**

PRIMEIRA PARTE

### A CARABINA D'EL-REI

(Continuado da folha 5)

#### CAPITULO II

##### AINDA EM BUSCA DE CARREGADORES

O governador, Alfredo Pereira de Mello—A casa do governador—Cousas de que não tem culpa o governo da Metropole—O que é Benguella—O commercio—Sou roubado—Outro roubo—A Catumbela—Obtenho carregadores—Chegada de Capello e Ivens—Nova alteração de itinerario—Outra difficuldade—Silva Porto, o velho sertanejo—Aparecem novos obstaculos—O Capello vai ao Dombe—Partida—O que é o Dombe—Novas difficuldades—Partimos enfim.

**A**LFREDO Pereira de Mello, <sup>1</sup> governador de Benguella, ao ouvir o meu pedido de hospedagem, mostrou um embaraço que percebi, e disse-me, que não tinha meio de me receber em sua casa. Surprehendeu-me o

caso, sabendo eu que o governador era bizarro de genio e de natureza franco. Tive convites, logo á minha chegada, já de Antonio Ferreira Marques, já de Cauchoix; mas persisti no intento de hospedar-me em casa do governador.

Elle disse-me, que não tinha cama a offerecer-me, e eu mostrei-lhe a minha cama de viagem; porque fui logo pondo em casa d'elle a minha bagagem. Disse-me que não tinha quarto; apontei-lhe para um canto da sala em que estavamos, onde ficaria optimamente.

Não havia mais que dizer, e fiquei. Aguçava-me a curiosidade a resistencia do governador em negar-me a hospitalidade que pedia; mas cedo desvendei o mysterio.

Alfredo Pereira de Mello era homem novo, ainda que tinha já uma patente superior na armada. Sympathico e intelligente, é estimado por todos aquelles que o conhecem de perto; porque a uma finissima educação, reúne grande rectidão de character, e a energia peculiar a todo o bom

<sup>1</sup> Alfredo Pereira de Mello, capitão tenente, e governador de Benguella, era o mesmo tenente Mello de que falla Cameron no *Across Africa*, e que era então ajudante de campo do governador da provincia, Andrade.



marinheiro. Serviu na marinha ingleza, e tem de viagens larga pratica.

Viu as Americas, e antes de ir para Africa como ajudante de campo do governador Andrade, tinha visitado a India, a China e o Japão.

O governador, que já me conhecia de nome, ao ouvir o meu pedido, esqueceu que tinha diante de si o explorador, para só se lembrar do homem habituado a viver no meio do luxo e das commodidades. Pereira de Mello teve vergonha de hospedar-me.

Um governador de Benguella, se é recto e probó, vive mesquinamente com a paga que recebe.

A casa do governo é arrendada. A mobilia, um pouco menos de modesta, guarnece a sala e um quarto.

Na sala, destòda da mobilia, ricamente amoldurado, um retrato d'el-rei, o melhor que tenho visto.

E comtudo a este porto, veem repetidas vezes navios de guerra estrangeiros, cujos officiaes visitam o governador, regalam-no a bordo; e elle nem um copo d'agua lhes pôde offerecer em sua casa, porque a preta ou o moleque tem de trazer o copo n'um prato velho. O serviço de mesa era, creio eu, a espada de Damocoles suspensa sobre a cabeça de Pereira de Mello, ao ouvir a minha teimosia em ficar. Não tinha razão. O asseio que presidia a tudo, suppria o vidrado da louça gasto com o tempo, e os manjares simples, mas bem cozinhados, avivavam o appetite já derrancado pelos ares africanos; e não se offenda o cozinheiro do hotel Central em Lisboa, se eu lhe disser, que comi melhor em casa do governador de Benguella do que comia dos seus opiparos manjares, ainda que a preta Conceição, cozinheira do governador, nunca ouviu fallar do heroe das cassarolas, o celebre Brillat-Savarin.

Pereira de Mello, logo ao primeiro dia de convivencia, abriu-me o seu coração, mostrando-me a menos que singeleza da sua vida interior. Tres officios dirigidos ao governo da provincia, em que pedia auctorisação para fazer algumas reformas caseiras, tinham ficado sem resposta.

Isto não é de estranhar, porque foi sempre assim.

Em um copiador de correspondencia, que existe nos archivos do governo de Benguella, li eu uns officios datados de 1790, em que o governador de então já se queixava a el-rei das mesmas faltas; por a ellas lhe não dar remedio

o governador geral da provincia, e entre outras coisas que pede com urgencia, figuram os reparos para duas peças de bronze que designa, e que ainda hoje os carecem.

São as mesmas de que falla Cameron; o que elle vai saber agora é, que os reparos já foram encommendados e não podem tardar em chegar; porque, sendo a encommenda d'elles feita em 1790, deve estar quasi concluida a sua construcção.

Benguella é uma bonita cidade, que se estende desde a praia do Atlantico até ao sopé das montanhas que formam o primeiro degrau do planalto da Africa tropical. É cercada de uma espessa floresta, a Mata do Cavaco, ainda hoje povoada de feras; e isso não admira, que os portuguezes, em geral, de caçadores não têm manhas. As habitações dos europeus occupam uma grande área, porque todas as casas têm grandes quintaes e dependencias.

Os quintaes são cuidados; produzem todas as hortaliças da Europa e muitos frutos tropicaes.

Vastos pateos cercados de alpendres servem para dar guarida ás grandes caravanas que do sertão descem á costa em viagem de tráfico, e que repousam tres dias na casa onde effectuam as permutações.

Um rio, que na estação estia apenas é larga fita de areia branca, que se desenrola das montanhas ao mar, atravez da floresta do Cavaco, é ainda assim a grande fonte de Benguella, que os poços ali cavados dão agua boa, filtrada pelas areias calcareas.

Nas ruas da cidade, largas e direitas, crescem dois renques de arvores, pela maior parte figueiras sycomoros, de pouco arraigadas, e por isso ainda pequenas. As praças são vastas, e em uma ajardinada, crescem bonitas plantas de vistoso aspecto.

As casas, todas terreas, são construidas de adôbes, e os pavimentos são, em umas de tijolos, e de madeira, em outras.

A alfandega é bom edificio, recentemente construido, e tem vastos armazens para as mercadorias do tráfico. Esta alfandega, e o largo ajardinado, como outros melhoramentos de Benguella, foram de um governador, Leite Mendes, que de si deixou rasto.

Uma ponte magnifica de architraves de ferro, creio que encommendada pelo mesmo Leite Mendes, mas muito posteriormente montada pelo governador Teixeira da Silva, é guarneçada por



dois guindastes e carris, por onde, em vagonetes, se transportam as mercadorias das lanchas á alfandega. Eu aqui commetti um erro de grammatica, escrevendo o verbo transportar no presente do indicativo, quando no condicional é que era.

*Transportariam*, se houvesse pessoal para isso; mas não *transportam*, porque o não ha.

Tem a cidade um templo decente, e um cemiterio bem collocado e murado.

A povoação europea é cercada, por todos os lados, de *senzalas*, ou povoações de pretos, e mesmo entre a povoação branca ha pequenas *senzalas*, em quintaes abandonados. O seu aspecto geral é agradável e acciado.

Tem Benguella má fama entre as terras portuguezas de Africa; e suppõem muitos, ser aquillo um paiz infecto, que exhala de miasmaticos pantanos a peste, e com a peste a morte.

Não é assim. Eu não conheci Benguella como ella fôra em tempos passados; mas hoje, não é nem melhor nem peor do que outros muitos pontos d' Africa.

O accio e as plantações de arvoredo, de certo têm modificado muito as suas anteriores condições hygienicas, e com uma pouca de boa vontade, não seria difficil o seu saneamento; o que estou certo se fará, porque não pôde deixar de merecer verdadeira attenção um ponto de tão subida importancia commercial, e em facil contacto com tão ricas terras nos sertões.

Os principaes productos que alimentam o commercio de Benguella são: cêra, marfim, borracha e urzella, que chegam á cidade trazidos pelas caravanas dos sertões. Estas caravanas são de duas especies. Umas, dirigidas por agentes das casas commerciaes, trazem ás mesmas casas que os despacham os productos do seu tráfico no interior; outras, exclusivamente compostas de gentio, descem a negociar por conta propria, onde melhor ganho encontram.

O tráfico com o gentio faz-se por permutação directa do genero por fazenda de algodão branco, riscado ou pintado. Os outros productos europeus são objecto de uma segunda permutação pela fazenda recebida; e assim, depois da primeira troca do marfim ou cêra pelo algodão, é este trocado por armas, polvora, aguardente, missanga, etc., á vontade do comprador; porque a fazenda de algodão é, por assim dizer, a moeda corrente n'este tráfico.

O commercio está entre mãos de europeus e crioulos, e felizmente já ali encontramos mui-

tos d'esses rapazes que, aventureiros, deixam patria e familia, para ir em terras longinquoas buscar fortuna.

Alguns deportados de menor importancia tambem negociam, já por conta propria, já como empregados de casa alheia.

Os maiores criminosos do reino, condemnados por toda a vida, são deportados para Benguella, do que resulta, encontrar-se ali quantidade de patifes, de que é bom resguardar-se; não os confundindo com a gente digna e capaz, que a ha.

A policia é confiada á força militar, que um dos regimentos destaca para Benguella; sendo que de Benguella ainda são espalhadas diferentes forças nos concelhos do interior; desfalcando a guarnição da cidade, já de si pequena.

Nós temos dois exercitos, um na Metropole, outro nas colonias, que nenhuma relação têm entre si.

O nosso exercito da Metropole é bom, porque o portuguez é bom soldado; o nosso exercito das colonias é mau, porque o preto é mau soldado; e os brancos que ali servem de mistura com pretos, são peiores ainda do que estes. Deportados por crimes que os excluíram da sociedade, fazendo-lhes perder na Europa o fôro de cidadãos, vão desempenhar em Africa o posto nobre do soldado; sendo a nossa autonomia africana, e a segurança publica e particular, confiada á defeza de homens, que dão por garantia um detestavel passado.

D'ahi as continuas scenas de character vergonhoso que se presenciam ali. Durante a minha permanencia em Benguella, houve um grande roubo com arrombamento, no cofre militar. O governador houve-se com a maior energia na maneira porque procedeu para descobrimento dos culpados, sendo muito coadjuvado pelo seu secretario, o capitão Barata, que conseguiu descobrir os ladrões, e haver o dinheiro roubado. Fôra o roubo planeado pelo proprio sargento do destacamento, e levado a effeito por elle e alguns soldados!!!

Se o nosso exercito metropolitano não se presta á censura do homem mais pichoso, as nossas forças coloniaes são victimas das merecidas chufas de todos os estrangeiros, que as observam.

Por mais que tenha cogitado, nunca pude attingir ao prestimo de tal exercito em nossas colonias, que para policia não serve; servindo menos para a guerra, que da minha lembrança te-





DUAS MORTES COM UM SÓ TIRO — Desenho de E. Bayard, segundo um esboço do major Serpa Pinto



nho visto ser feita por corpos voluntarios, levantados no reino, e que além vão servir por certo praso. Hoje mesmo, em Lisboa, tres batalhões estão sempre promptos a marchar para as colonias, e já lá têm ido; o que prova sabermos nós, que o ter exercito no ultramar, tal como elle é, não passa de velha costumeira.

Na noite da minha chegada a Benguella, fiz o conhecimento do juiz de direito Caldeira, que se associou ao governador para me certificar, que, como elle, empregaria toda a sua influencia para que eu não tivesse vindo de balde a Benguella, e assim o fez.

O governador convocou os moradores importantes a uma reunião em sua casa, e expondo-lhes os motivos da minha viagem, e o meu projectado itinerario, pediu-lhes que o coadjuvassem na empresa de arranjar carregadores, para que eu podesse levar a cabo a expedição. Todos assim o prometteram.

O governador Pereira de Mello e o juiz Caldeira, foram incansaveis, e no dia 17, dia em que este ultimo se retirou para Lisboa, tinha eu o numero de carregadores que pedira, cincoenta, que, com trinta esperados de Novo Redondo, prefaziam um total de oitenta; tantos quantos eu

havia julgado precisos para subir da foz do Cunene ao Bihé.

O velho sertanejo, Silva Porto, encarregara-se de fazer transportar ao Bihé o grosso das bagagens, que nós encontraríamos n'aquelle ponto, onde deveriamos contratar mais carregadores para seguir ávante.

Nesse dia mudei eu para a casa que antes occupava o juiz, continuando a ir jantar com o governador, ou com Antonio Ferreira Marques, da casa Ferreira e Gonçalves, que porfiavam em obsequiar-me.

No dia seguinte, um preto meu serviçal furtou-me uns 75000 réis, e desapareceu, sem que d'elle mais se soubesse.

A 19 chegaram os meus companheiros na canhoneira *Tamega*, e n'esse mesmo dia resolveu-se, que não iriamos á foz do Cunene, mas sim entrariamos directamente ao Bihé.

Esta nova resolução que tomamos, alterava o que havia contratado com os carregadores, e além d'isso, a gente de Benguella, que, transportada a paiz distante, não pensaria em desertar, não me inspirava garantia, viajando logo no começo em paiz de que conhecia a lingua e os costumes.

(Continúa.)

## SUPERSTIÇÕES POPULARES EM PORTUGAL

(Continuado da folha 5)

**N**O EGYPTO dá-se tambem o mesmo phenomeno de desenvolvimento dos cultos magicos com egual importancia como na Chaldêa; o fetichismo popular primitivo conserva-se na unificação politica a par dos cultos polytheistas, subordinados pelo sacerdocio em triadas allegoricas e moraes. Esse fetichismo é mesmo um vestigio da independencia local dos antigos nomos ou cantões unificados em uma nacionalidade sob o predominio religioso de Phtah. É certo que na religião do Egypto se acham os restos de um culto *solar*, correspondente a uma primitiva população turaniana, e um culto *lunar* preponderante e peculiar do siderismo kuschita. A decadencia d'esse culto solar da importancia religiosa é que o torna accessivel ás transformações da imaginação popular, que o tratou como objecto de poesia; é sobre os restos de mythos solares que se formaram os elementos da epopêa

osiriana, e que a Magia se tornou essencialmente medicinal, concepção correlativa á das causas occultas das doenças. A Religião no Egypto toca os dois extremos: a activa especulação mental que leva ao allegorismo mystico, e á absoluta conservação nas superstições populares. Uma causa ethnica explica-nos o porquê fundamental do maior desenvolvimento dos cultos magicos na Chaldêa e no Egypto; estas duas grandes civilizações basearam-se sobre um fundo proto-historico de raças amarellas, cujo fetichismo desenvolvido produz, como se observa na China, a religião dos Espiritos; e ficando estacionario, por qualquer causa historica, conserva-se como superstição. Os gregos, os romanos, os judeus e os arabes reconheceram a Chaldêa e o Egypto como as fontes de toda a magia. Sabe-se a influencia da civilização accadica sobre as raças semiticas; sabe-se que as raças áricas se desen-



volveram também sobre um grande elemento ethnico turaniano; é portanto natural o poder determinar bases communs que expliquem a identidade das Superstições europêas, e o chegar um dia a reduzi-las a uma certa unidade. Os Romanos trouxeram para a Europa as ceremonias magicas do Egypto, bem como os Arabes as fórmas magicas da Chaldêa, e ambos estes povos civilizados influiram no desenvolvimento das nacionalidades do Occidente. Antes da entrada da raça árica na Europa, já ella tinha sido occupada por povos da alta Asia, de que os Bascos e Lapônios são os representantes degenerados; chame-se-lhe como quizerem, essa raça proto-historica persiste em grande parte ainda com caracteres anthropologicos e mais ainda com numerosos factos ethnicos. É d'esse elemento que vamos derivar as superstições mais antigas e por isso as mais geraes da Europa, para o que a Peninsula hispanica é um dos melhores campos de exploração. Por aqui passaram iberos, colonias egypcias, phenicias, carthaginezas e maurescas, bem como celtas e romanos, e de todos ficaram detritos persistentes por onde se apura a unidade das superstições fortalecidas por effeito de regressões provocadas pelas assimilações da mesma raça em differentes epocas. Por este ponto de vista se determina o methodo para o estudo e classificação das superstições, até hoje irreductiveis a toda a coordenação em systema.

O estudo das crenças dos selvagens baseado sobre as relações dos viajantes, leva a recompôr esse estado mental que os ethnologistas explicam sob a fórma das concepções animistas; o que para nós é uma metaphora mais ou menos poetica da linguagem, para o selvagem é uma realidade. As cousas têm uma alma, uma vontade, um influxo desconhecido sobre os actos humanos; esta concepção produz um sentimento vago de terror, e a necessidade de aplacar essas influencias malevolas por meio de actos que constituem um culto espontaneo. Tal é o *agouro*; comprehende esse terror instinctivo do desconhecido, como se observa nas populações atrasadas, e também as praticas de observancia rigorosa, que são as fórmas rudimentares da superstição. O agouro, pela sua simplicidade, pela sua independencia da intervenção de um qualquer sacerdocio, pertence a uma epoca social em que apenas existem cultos domesticos, variaveis de familia a familia, e em parte como segredo local; a sua multiplicidade não provém das especulações intellectuaes, como as que des-

envolvem os dogmas superiores, mas da complexidade dos actos individuaes submettidos ao influxo de agouro. É por isso que a quasi totalidade dos agouros são indicações do perigo pessoal, que se evita por actos negativos: *in non faciendo*. As superstições comprehendem varias camadas ethnicas correspondentes a diversos estados do grupo humano; a ter de seguir a sua evolução segundo a marcha das sociedades, o agouro é a fórma simples e primitiva anterior a toda a organização de culto publico. É entre os povos selvagens que se observa em toda a sua efflorescencia instinctiva este producto de apprehensões tanto mais fortes quanto o egoismo da conservação está mais proximo da animalidade, e quanto os dados racionaes estão longe de serem ampliados pela observação empirica. Ideias que se tornaram base moral de religiões superiores, como a metempsychose e a immortalidade da alma, provieram da concepção selvagem do animismo; o terror dos mortos, que se desenvolveu no culto dos maiores, e foi a primeira unificação moral da cidade, ainda se conserva no medo das almas do outro mundo, nas suas aparições e transmigrações, que formam o campo mais vasto dos agouros populares a ponto de ser recebido no catholicismo como um culto de suffragio. As relações intimas que existem entre os agouros dos selvagens e os dos povos civilizados da Europa, em uma concordancia pasmosa, devem explicar-se não só pela persistencia tradicional, porque um grande numero de costumes e de actos cannibaes ainda se manifestam perturbando a ordem social como regressão á actividade primitiva, mas também pelo determinismo moral provocado pela mesma ordem de concepções expressas pela designação de animismo. É a sua extraordinaria persistencia, ou como diz Tylor, a sua *sobrevivencia*, que faz com que o agouro mesmo alheio a toda a fórma cultural ou religiosa seja considerado um elemento da superstição, por onde o estudo d'esta deve ser encetado. Como um phenomeno de paleontologia moral esta parte das Superstições determina-se na sua maior amplitude e simplicidade nos seguintes estadios humanos: o selvagismo, o barbarismo, e o paganismo.

Cada uma d'estas categorias da especie tem a sua importancia, que a ethnologia distinguirá de futuro; no selvagismo o costume, seja qual for a sua manifestação, é espontaneo, alheio a todo o contacto de outras raças ou sociedades; no barbarismo, ha já um começo de cultura prove-



niente de encontro com outros povos, apropriando os seus usos ás suas condições inferiores; o paganismo, significa a vida de isolamento dos campos, (dos *pagi*, da idade media) e presta-se pela falta de estimulação social á regressão dos costumes e crenças primitivas. Os padres da egreja prejudicaram este nome usando-o como condemnação dos usos e crenças polytheistas, que durante a idade media prevaleciam nas povoações ruraes; para evitar este inconveniente substituímos no seu emprego ethnologico pelo *vulgarismo*. É n'estas trez camadas humanas que se deve fazer a exploração dos *agouros*, como fórmulas simples e individuaes das superstições. As relações da vida vegetal com a humana, que persistem na crença e no costume de plantar uma arvore quando nasce uma criança, apparecem em uma superstição popular açoriana, commum á India, ao Mexico e á Germania. Na ilha de S. Miguel quando vae um rapaz para o Brazil, ou para as baleeiras americanas, pendura-se ao *canto* da casa uma pequena planta de piteira, a que nos Açores se chama babosa; se a planta se conserva verde, é porque o ausente está de saude, se amarellece é porque morreu. Max Muller notou este uso supersticioso em uma tradição da America central, em que dois irmãos deixam plantadas duas canas, para durante a ausencia se saber por ellas, se estão vivos ou mortos; no conto allemão colhido pelos sabios Grimm, são dois lirios d'oiro, que dirão se os ausentes passam bem se florescem, ou se morreram, no caso de murcharem. Grimm determina um paradigma indiano, o que leva a reportar esta crença, não a uma origem indiana, mas a um solo proto-historico representado pelas raças da America, e pelo elemento peninsular das colonias açorianas. Lubbock, nas *Origens da Civilização*, (pag. 21) fala do pasmo que o selvagem tem pela *escripta*; ainda entre o povo portuguez a *letra redonda* tem um grande prestigio de veracidade; as Orações escriptas são trazidas em bolsinhas com poder talismanico, e os cantos raramente os deixa escrever com receio de sortilegios contra a pessoa que os dita. Lubbock, fazendo estudos comparativos sobre as religiões dos selvagens, chega á conclusão importante: «Assim os nossos homens do campo e as classes mais ignorantes das nossas grandes cidades, acreditam ainda na magia; as divindades dos nossos antepassados sobrevivem ainda nos contos das crianças. É pois inevitavel o encontrar em cada povo vestigios, que digo, mais

do que vestigios das antigas religiões.»<sup>1</sup> Iremos seguindo os factos compilados systematicamente por Lubbock; em todos os povos selvagens os sonhos são uma revelação immediata dos manes ou almas dos antepassados ou dos espiritos. Durante a idade media vigorou a arte de interpretar os sonhos, e ainda hoje como nota Tylor, é este assumpto um dos ramos de exploração mercantil das folhas volantes. As superstições dos sonhos são abundantissimas no povo portuguez, e por isso apontaremos a mais característica; o *pezadello*. Entre os selvagens da Australia, o *pezadello* chama-se *Koin*; agarra o homem que está dormindo, leva-o comsigo sem que o paciente possa gritar, mas ao alvorecer desaparece, e a pessoa acha-se na sua cama descansada.<sup>2</sup> A idade media fez d'este mal estar das grandes digestões um largo ramo da feiticaria dos *incubos* e *sucubos*. Na ilha de Sam Miguel chama-se-lhe o *Pezadello da mão furada*.

A sombra projectada pelo corpo é entre os povos selvagens considerada como um espirito que acompanha o homem; nos pactos da idade media o homem perdia a sua sombra, que ficava pertencendo ao diabo, e na penalidade symbolica o homem banido perdia a sombra cavando-se no chão emquanto elle estava amarrado á picota ou ao póste da ignominia. Entre as superstições das provincias do Brazil encontramos esta, colligida pelo vigario de Victoria: «Na madrugada do dia de S. João Baptista, quem *não vê a sua sombra* ao chegar á borda de um poço ou fonte não vive o anno seguinte.» As pragas, tão frequentes em certas classes, como marinheiros e arrieiros, e que formam um ramo pittoresco da linguagem, bazeam-se sobre a crença em um espirito malevolo, que é preciso increpar com injurias. De uma cousa que se perdeu ou se destruiu, diz o povo: deu-lhe o *Tanglomango*. Em outro logar desenvolvemos este vestigio da superstição que se liga ás antigas raças da peninsula; segundo Lichtenstein, os Bechuanos attribuem ao deus do mal, a que chamam *Murimo*, todos os desastres que lhes acontecem, e «não hesitam em arremeçar-lhe toda a classe de injurias quando lhe acontece algum desarranjo, ou não satisfazem a sua vontade.»<sup>3</sup>

Durante a idade media o Diabo occupou na

<sup>1</sup> *Origines de la Civilisation*, p. 204.

<sup>2</sup> *Ibid.*, p. 216.

<sup>3</sup> *Ap. Lubbock, op. cit.*, p. 210.



imaginação dos povos da Europa este papel da divindade maligna das raças selvagens, e devido a uma regressão provocada pelas invasões tartaras e mais tarde pelas explorações dos ciganos, foi facil operar-se esta incrustação, que ainda persiste nas classes infimas e se lhe chama o *inimigo*. Os Tartaros de Katschinlzi têm para si que o espirito maligno é mais poderoso do que o espirito do bem; <sup>1</sup> a Europa pensou assim durante seculos, e a maior parte das superstições populares baseam-se sobre esta concepção, sustentada pelo facto das doenças, que a gente de campo attribue ao máo espirito. Para os habitantes da Nova Zelandia, cada doença é produzida por um deus especial; na crença popular catholica os santos têm virtudes especiaes contra determinadas doenças, como Santa Apollonia contra as dores de dentes, Santa Martha contra as doenças da menstruação, Santo Amaro contra as doenças das pernas, S. Marçal contra os incendios, e assim por diante. Além das doenças attribuidas aos espiritos malfazejos, como entre os Cafres Kussas e os Kols de Nagpore, e entre os Chinezes, ha outras doenças produzidas pela vontade dos feiticeiros ou bruxas. <sup>2</sup> Esta ordem de doenças é tambem attribuida em Portugal a pessoas que tem *máo olhado*, ou que fazem *feiticos* e *carantulas* para prejudicarem a quem lhes

convem, ou mesmo aos gados e ás cearas. A esta superstição ligam-se muitas cerimonias esconjuratorias, cuja parte descriptiva levaria muito longe. Cook, na sua viagem ao Pacifico, nota entre muitos povos selvagens a crença de que os loucos estão possuidos da divindade, e são por isso respeitados; entre os Esquimãos os loucos tem character sagrado, <sup>3</sup> da mesma fôrma que os cretinos nas povoações ruraes da Europa e em Portugal. Entre os povos selvagens a morte é geralmente um effeito de magia; entre nós as crianças que morrem de consumpção, de rachitismo ou de afitos, são tidas como *embruxadas*, e a pessoa que morre afogada é em consequencia de que o genio maligno do mar tem de devorar todos os dias uma pessoa, como o ouvimos frequentes vezes na ilha de S. Miguel. Quando se pede algum milagre a S. Antonio, costuma-se amarral-o com uma corda, tel-o em exposição á janella ao relento da noite, ou conserva-o mergulhado em um poço, até que elle conceda o que se lhe pede; os selvagens de Kamtschatka insultam os seus deuses quando não cumprem o que se lhes pede; na Nova-Zelandia ameaçam o seu deus Atua, de que o matam e de que o comem, bem como o negro da Guiné espanca o seu fetiche. <sup>4</sup>

(Continúa.)

THEOPHILO BRAGA.

<sup>1</sup> Ibid., p. 220.

<sup>2</sup> Ibid., p. 222.

<sup>3</sup> Abb. Morellet, *Mythes et Legendes*, p. 262.

<sup>4</sup> Ibid., p. 225 e 226.

## A RUSSIA LIVRE

(Continuado da folha 1)

### XV

#### UMA REVOLUÇÃO CONSERVADORA

**N**O GRANDE conflicto que rebentou na egreja russa, as classes populares tomaram o partido dos frades e as classes instruidas o partido dos parochos.

Não tendo esposas nem filhos o *clero negro* vive fóra da sociedade. Os parochos ao contrario, ainda que tenham numerosos defeitos, recebem uma certa educação, vivem no mundo; e comparando os individuos, um a um, em cada grau hierarchico, nas duas classes, não se pôde

deixar de confessar que os parochos são superiores aos frades.

E comtudo o *clero branco* occupava uma posição muito inferior á do *clero negro*. Os seus membros formavam uma casta isolada, não podiam aspirar ás dignidades da egreja, não exerciam influencia alguma nos concilios. Depois de ter recebido as ordens um padre era unicamente padre toda a sua vida. Um frade podia ser superior d'uma communitade, archimandrita, bispo metropolitano. A esphera da acção do padre casado não ultrapassava a sua parochia; limitava-se a baptisar as creanças, a confessar as mulheres, a fazer casamentos, a rezar responsos





PADRE RUSSO — Desenho de A. Neuville, segundo uma photographia



pelos defuntos, a dizer missas, a receber os magros honorarios, a apoquentar os aldeões para que lhes pagassem os dizimos. Era um frade que o tinha educado, era um frade quem o tinha nomeado cura, era um frade que lhe dirigia os seus trabalhos espirituaes e lhe dispensava elogios, ou censuras. Uma congregação de frades podia expulsal-o da sua parochia, mettello na cadeia, arruinar-lhe completamente o seu futuro.

N'este anno (1869) algumas transformações se operaram, transformações de maior alcance que todas as que se tinham feito na igreja, desde o seculo de Pedro o Grande.

A iniciativa d'esta reforma deve-se ao actual imperador, que fez terminar a hereditariedade no sacerdocio e tornou a vida sacerdotal accessivel a todos. Até essa epocha o clero formára uma classe á parte, um corpo sagrado, uma ordem levitica, uma casta emfim. A Russia, como os Tartaros e os Israelitas, tinha familia de sacerdotes; todos os filhos de um padre eram obrigados a ordenarem-se. Este uso oriental desapareceu completamente. O clero foi libertado d'um jugo insupportavel e esta carreira abriu-se a quem para ella fosse digno. Homens que anteriormente eram forçados a tomar ordens são agora livres de exercer as profissões que preferirem; a massa enorme dos ecclesiasticos ociosos desapareceu e os estudantes pobres mais cheios de fé e intelligencia, poderão consagrar a sua vida á vida de sacerdocio. Esta grande reforma conseguiu-se menos pelos ukases especiaes, do que pela applicação de medidas de direito commum. Citarei um exemplo. Perguntava-se, se com o actual systema, a antiga regra—uma vez padre, toda a vida padre—teria ainda força de lei? A pergunta tinha uma importancia capital não só para os individuos, mas para a sociedade religiosa. Os frades removeram ceus e terra para obter que esta questão fosse resolvida, como antigamente, no sentido affirmativo. Não o conseguiram. Não se fez lei nova, mas praticou-se um facto que constituiu um precedente de sã doutrina.

O padre Goumilef, parcho na cidade Riazan, tinha sollicitado auctorisação de quebrar os votos e de poder entrar na sociedade civil. O conde Tolstoï, ministro d'instrucção publica, representante do imperador junto de Santo Synodo, soube persuadir os prelados de que dessem resposta favoravel ao requerimento. No dia 12 de novembro de 1869 (31 d'outubro), dia para sempre memoravel no calendario russo, Alexandre II

assignou o acto pelo qual Goumilef era auctorisado a abandonar a vida ecclesiastica. Todos os seus direitos de cidadão lhe eram concedidos e era-lhe permittido o desempenhar funcções publicas em qualquer provincia do imperio, exceptuando todavia a de Riazan, onde tinha exercido as funcções de parcho.

Uma nova lei, que tambem tende á abolição da casta sacerdotal, melhorou muito a posição dos filhos dos padres. D'ora ávante serão nobres os filhos dos diaconos e entrarão na classe burguesia.

Para esta empresa, d'elevantar o clero branco a um nivel social superior, o czar achou um poderoso auxiliar: foi Innocencio, eminente prelado que em Troïtsa desempenha a dignidade d'archimandrita e em Moscou a de metropolitano.

Innocencio passou na Siberia os primeiros annos da sua carreira ecclesiastica; missionava nas regiões selvagens, margens do lago Baïkal.

Corajosa e dedicada, sua esposa acompanhava-o por toda a parte; o ceu abençoou esta união, dando-lhes filhos; e este homem de Deus aprendeu junto da familia a fallar a linguagem do coração. Milhares de conversões coroavam os esforços d'este santo par. Por fim a sua nobre companheira succumbiu ás fadigas d'esta rude existencia. Innocencio sobreviveu-lhe para a chorar; mas não ficára só; os seus filhos, o seu orgulho, tinham-lhe ficado.

Quando a missão d'Irkoutsk foi elevada a bispado, os serviços prestados por Innocencio impozeram-se ao Santo Synodo. Não podiam recusar as honras de bispo a quem com tanta fé e zelo lhe desempenhava as funcções. Mas para receber a mitra era preciso tomar habito e o candidato, posto que viuvo, não queria fazer-se frade. Com uma grande coragem sustentou que se tinha excluido das altas dignidades sacerdotaes o clero casado, era unicamente por respeito por um antigo costume e não em virtude de qualquer canon da igreja grega. A todas as instancias dos frades elle respondia, que todos deviam trabalhar na vinha do Senhor com as qualidades que Esse lhes tinha dado. Por amor á paz cedeu; mas, ainda que tomou o habito, não sacrificou as suas convicções a respeito do celibato ecclesiastico.

Quando, ha dois annos, Philarète morreu, Innocencio foi pelo imperador designado para lhe succeder na dignidade d'arcebispo; de fórma que o actual archimandrita de Troïtsa, o metropolitano de Moscou, o mais elevado dignatario



da igreja russa, é tido, e não sem razão, como campeão do clero branco. Além d'isso Philarète tinha já encetado esse caminho a que tinha sido levado por um concurso de circunstâncias; nomeára director d'Academia ecclesiastica de Moscou um sacerdote que não era frade.

A treze legoas ao norte de Moscou ergue-se um planalto na vertente do qual está edificado o convento dedicado á Santissima Trindade, em russo Troïtsa. Este convento já conhecido do leitor passa por ser o mais rico do mundo, não só em reliquias e em imagens milagrosas, mas em vasos, em cruces, em lampadas e em corôas. A cadeira de S. Sergio, feita de prata sem liga, pesa um milhar d'arrateis; na igreja onde está este thesouro encontram-se esculpturas em relevo representando a Ceia do Senhor, em que as figuras, exceptuando a de Judas, são d'ouro macisso. Mas os peregrinos que affluem a Troïtsa não vão ali para admirar estes riquissimos objectos d'arte; a sua ambição é ajoelhar deante da Virgem milagrosa que outr'ora fallou com o santo frade Serapião. Agrupam-se em volta da imagem de S. Nicolau que, no anno de dolorosa memoria em que os polacos se tornaram senhores de Moscou e das planicies circumvisinhas, foi mutilado por uma bala. Maior numero ainda vae beijar a fronte de Sergio que fundou o convento e benzeu a bandeira de Dimitri, antes que este principe partisse a combater as hordes tartaras acampadas nas margens do Don. Sergio continúa a proteger os logares antigamente illustrados pelas suas virtudes; nunca o seu tumulo, que está proximo do mosteiro, foi calcado pelo pé d'um inimigo. Mesmo quando a grande cidade de Moscou succumbiu, o convento conservou-se intacto, defendido por uma força invisivel. Nunca os tartaros ali penetraram. Por muitas vezes os polacos tentaram destruil-o; forças numerosas o sitiaram por espaço de dezaseis mezes, resolvidas a d'elle se assenhorearem, fosse, qual fosse, o preço e tiveram de retirar vergonhosamente.

Durante a campanha de 1812 os francezes tentaram apoderar-se de Troïtsa, mas a divina protecção, que já repellira os polacos, salvou tambem d'esta vez o santuario. As tropas abandonaram o seu intento e o mosteiro mais uma vez logrou vencer.

Estes milagres aoreolaram tanto o santo, que muita d'essa gloria veio reflectir sobre a sua familia. Perto da estrada que de Moscou vae a Troïtsa existe a cabana onde viveu Hotkow. Con-

servam-se ahi as reliquias do pae e da mãe de Sergio e á sua memoria foi edificada uma igreja. Os peregrinos em caminho para Troïtsa param ali muitas vezes para resar sobre os seus tumulos.

— Já estiveste em Troïtsa? ouvimos nós perguntar a um peregrino, por um seu companheiro que caminhavam pela estrada.

— Sim, Deus louvado!

— Fez-te S. Sergio o que lhe pedias?

— Infelizmente, ainda não!

— Então foi, porque, quando passaste pelo tumulo dos paes, não fizeste caso d'elles; o santo está zangado contigo.

— Talvez. Mas na proxima occasião repararei o esquecimento e oxalá elle me possa ser perdoado!

Entre Moscou e Troïtsa construiu-se um caminho de ferro e bandos de peregrinos degenerados, sem fadiga, fazem-se transportar ao santo logar. Os mais piedosos fazem, como antigamente, a viagem a pé, rezando deante das capellas e dos cruzeiros, espalhados pelo caminho. A facilidade da locomoção em caminho de ferro augmentou a riqueza de S. Sergio, mas diminuiu a fé dos devotos.

No centro d'esta fortaleza sagrada, d'este santuario inviolavel, os frades fundaram um seminario, cujo superior tem uma grande influencia na igreja. Este importante cargo tinha sido sempre conferido a um archimandrita até ao dia em que Philarète o deu ao padre Gorski, padre muito instruido, escriptor de merecimento, que era uma auctoridade em pontos de tradição, ou de ceremonial ecclesiastico, mas que tinha o senão de não ser frade; a sua vasta erudição, o seu comportamento, a estreita amizade que o unia ao metropolitano venceram todas as difficuldades. Os proprios monges lhe perdoaram, logo que reconheceram que o padre Gorski levava uma vida santa, retirada, por assim dizer claustral.

Os frades não desconheciam as consequencias da concessão que faziam; este homem, de costumes monasticos, não tinha feito votos; introduziam o inimigo na praça, confiavam aos padres a educação do clero!

Ao seminario de S. Petersburgo foi tambem agora dado um superior que é padre casado, o padre Yanytcheff, cuja mulher ainda vive. Esta nomeação encheu d'esperanças e de susto os dois campos da igreja; o clero branco recebeu-a com gritos de surpresa e d'alegria, o clero negro esmagado de susto e de desespero.





PORTA DA RESURREIÇÃO, NA PRAÇA VERMELHA, EM MOSCOU — Desenho de E. Theronds, segundo uma photographia



O padre Yanytcheff, causa da luta ardente em que se debatem padres e frades, é novo e estudou no seminario de S. Petersburgo antes de ter obtido o grau de doutor na Universidade, onde, por concurso, alcançou uma cadeira de theologia. Depressa adquiriu uma grande popularidade, pois que as suas lições eram muito eloquentes, as suas maneiras sympathicas e as suas opiniões liberaes. Alguns prelados assustaram-se.

Yanytcheff, diziam elles, perturba o socego no espirito dos discipulos; obriga-os a ler e a pensar, coisas perigosas, que nada de bom podem produzir pois que arrasta os homens a duvida, esse flagello das almas.

Os esforços dos prelados obrigaram o Santo Synodo a intervir e o professor resolvido a não transigir com a sua consciencia, deu a sua demissão. Tendo casado retirou-se para uma ci-



CASA RUSSA DO SUL — Desenho de J. Moynet, tirado do natural

dade das margens do Rheno, onde exerceu o mister de parochio. As suas qualidades eminentes alcançaram-lhe a estima e a admiração de todos os que o conheciam, a sua reputação espalhou-se e quando se tratou de dar á joven princesa Dagmar, noiva do herdeiro do throno, um perceptor sabio, dotado d'espirito liberal, versado no conhecimento das linguas e da historia, foi no padre Yanytcheff que recahiu a escolha. A maneira como elle se desempenhou das suas delicadas funções creou-lhe a estima dos grandes; concluida a sua obra acompanhou para a Russia a princeza e o conde Tolstoï confiou-lhe o reitorado da Academia.

Com esta noticia os frades assustaram-se; o Santo Synodo protestou, o proprio metropolitano recusou o seu consentimento. Mas o conde Tolstoï manteve a nomeação e os prelados tiveram de reconhecer quão poderosa era na còrte a influencia do seu adversario. Yanytcheff mostrou-se tambem prudente e por isso a perturbação produzida nos espiritos pela sua collocação vae-se desvanecendo e vão-se familiarizando com a ideia de deixar a educação dos padres confiada a um homem que tem esposa e filhos.

Uma vez entrada no caminho das reformas clericas, a còrte tem n'elle andado com passos firmes. Os seus primeiros esforços foram diri-



gidos para as escolas e collegios; porque na Russia, como em toda a parte, o professor educa os discipulos á sua imagem e as ideias espalhadas do alto das cadeiras dos professores devem em poucos annos tornar-se a opinião dominante na egreja.

Recentemente o imperador promulgou um ukase, que é o golpe mais terrivel que os frades téem recebido; até aqui só os arcebispos tinham o direito de nomear os reitores do seminario; a nova lei tira-lhes esse privilegio e dá-o a uma commissão de professores, sendo a escolha rectificada pelas altas auctoridades ecclesiasticas. Este decreto levantou nos mosteiros um grande descontentamento. O proprio Innocencio, posto que partidario do casamento dos padres, poz-se do lado dos descontentes.

A primeira nomeação feita em virtude da lei citada teve ultimamente logar em Moscou. Quando a lei se publicou o professor Nocodemo, superior do seminario de Moscou, demittiu-se.

Todos sentiram que este proceder era um nobre exemplo de abnegação e se fosse possivel que um frade obtivesse os suffragios d'uma commissão liberal, sem duvida alguma que elle os teria obtido.

Mas a sua qualidade de frade impediu-o de ser escolhido. A commissão hesitou entre dois padres casados; o padre Blagocazumuf, professor no seminario e o padre Smirrof, director da *Revista Orthodoxa*. Innocencio pronunciou-se contra este ultimo; o outro concorrente foi preferido.

O que se faz em Moscou naturalmente será reproduzido nas outras cidades; de modo que, dentro em pouco, a educação da mocidade que se destina ao estado ecclesiastico estará nas mãos d'homens casados.

O principio da eleição estendeu-se tambem ao clero rural. Os que antigamente eram nomeados pelos bispos, são agora eleitos pelos parochos.

(Continúa.)

## OS DOZE DE INGLATERRA

### ESTUDO CRITICO-HISTORICO

Ouvi; que não vereis com vãs façanhas  
Phantasticas, fngidas, mentirosas  
Louvar os nossos, como nas extranhas  
Musas, de engrandecer-se desejasas.

Pois pelos Doze Pares, dar-vos quero  
Os Doze de Inglaterra e seu Magriço...

LUS., I, est. 11 e 12.

#### I

**P**SNR. DR. Theophilo Braga revelou ao publico, por informações recebidas, a existencia na Bibliotheca do Porto, de uma relação do principio do seculo XVI sobre os *Doze de Inglaterra*, mas não pôde verificar a realidade d'ella <sup>1</sup>.

Houve com effeito uma relação do successo, não do principio do seculo XVI, mas muito anterior, porque é contemporanea do facto.

Conforme o mesmo senhor, é em Jorge Ferreira de Vasconcellos, no *Mémorial*, etc. (cap. 46.º), que pela primeira vez se acha citada a tradição dos *Doze de Inglaterra*. O numero dos cavalleiros portuguezes é porém ali elevado a treze.

Um outro escriptor do mesmo seculo é mais explicito. Mariz, nos seus *Dialogos de Varia Historia*, pela primeira vez publicada em 1594, referindo-se a uma relação contemporanea, *Chronica antiqua hujus temporis*, traz a seguinte narrativa, a mais explicita, e de certo a fonte de quantas conhecemos.

«Em tempo d'este rei (D. João I), aconteceu tambem aquelle grande feito em armas dos *Doze de Inglaterra*, a que o nosso Camões deu igual gloria á que mereciam. Porque sendo n'aquelle tempo em Inglaterra algumas damas do paço motejadas pelos cavalleiros inglezes de muito feias, e pouco para serem amadas, e taes, que nenhum cavalleiro por força de armas lhes ousaria contradizer isso, e mostrando ellas igual sentimento á magoa que tinham de não haver cavalleiros no reino, que com estes se ousassem combater, por serem os melhores e mais esforçados de todo elle. A isso acudiu o Duque de Lencastre que presente se achava, á petição d'ellas, dizendo-lhe estas palavras: «Eu em minha côrte não acho cavalleiros, que se queiram combater com estes outros, porém dar-vos-hei um conselho se vós quizerdes, e é tal. Quando eu andei em Portu-

<sup>1</sup> *Historia de Camões*, parte II, liv. II, cap. 2.º, pag. 432.



gal vi na batalha, que el-rei meu genro deu a el-rei de Castella muitos e bons cavalleiros em feitos de armas; se vós quizerdes, eu vos nomearei *Doze os* quaes eu conheço, e escreverei a el-rei meu genro, que lhes dê licença, se elles quizerem tomar esta empreza, e vós escrever-lhe-heis a cada um sua carta, e eu tambem, e querendo elles vir, sereis satisfeitas de vossa injuria. Então fez logo o duque escrever os nomes d'aquelles, que lhe pareceram, cada um em seu papel, e os nomes d'ellas da mesma maneira; lançaram sortes, e aconteceu a cada cavalleiro sua dama, que eram doze as mais aggravadas, de maneira, que pelo nome sabia já cada dama, qual era o seu cavalleiro pela sorte que lhe acontecera. Depois d'isto, fazendo ellas e o duque a cada um sua carta, e havida licença de el-rei de Portugal, e por elles alegremente aceitado o partido, todos se poseram ao caminho; onze d'elles se embarcaram em a cidade do Porto, e um se foi por terra, para mais á sua vontade exercitar as armas, mas com protesto, que se a vida lh'o não atalhasse, elle seria com elles ao dia aprasado, que era pelo Espirito Santo. Estes cavalleiros, se affirma, que eram os mais d'elles dos logares, que estão pelas faldas da Serra da Estrella, e que um se chamava Alvaro de Almada, outro Alvaro Gonçalves Magriço, outro Pacheco, outro Pedro Homem, e outros. Dos quaes, chegados os onze a Inglaterra, dois dias antes do Espirito Santo, todas as damas estavam mui contentes com taes defensores de sua honra; senão aquella, a que coube em sorte Alvaro Gonçalves Magriço, que era o que por França caminhava. Mas a esta tristeza accudiram os onze, promettendo-lhe, que quando a morte impedisse seu companheiro (porque só isso o podia fazer) elles se combateriam por todas e cada um d'elles tomaria á sua conta o desaggravo d'esta dama. Estando n'estas desconfianças, chegou o cavalleiro, e junto com os companheiros, assegurando o campo, e ordenadas as mais cousas em taes actos de armas costumadas, feitos grandes cada-falsos, em que grandissimo numero de gente estava presente em a cidade de Londres, Metro-pole de Inglaterra, entraram os competidores, e de novo se desafiaram. Então começaram de se combater primeiro com maças de ferro, e depois com espadas; de modo, que a batalha foi mui cruel, e tão dura e bem pelejada, que começaram pela manhã, e á hora de terça descansaram; e quando veio a segunda batalha, apertaram os portuguezes tanto com elles, que os lan-

çaram do campo, com oito d'elles mui mal feridos, em que fizeram grandes provas em armas, e se deram golpes, que pozeram espanto a todos os que os viam. E assim do duque, como dos fidalgos, e mais gente foram os portuguezes victoriosos mui louvados, e acompanhados com grande alegria e das damas recebidos, como taes obras mereciam. Feito isto, os nove se tornaram a Portugal, e os tres ficaram por aquellas partes, fazendo taes obras em armas, que um d'elles alcançou de el-rei de França o condado de Abranches em França, pelas obras que em seu serviço fizera. Este é o que depois veio a morrer na batalha de Alfarrobeira, como adiante diremos.»

Antes de proseguirmos, observaremos que os termos latinos da referencia de Mariz não significam que a *Chronica* ou *Relação* fosse escripta em latim, porque outras muitas referencias, em termos semelhantes, costuma elle fazer a obras conhecidamente portuguezas.

Foi Mariz quem escreveu a introdução biographica á edição dos *Luziadas*, commentada por Manoel Correia e por este publicada em 1613.

É portanto ao que fica transcripto de Mariz, que se deve referir o que Manoel Correia diz com respeito aos *Doze de Inglaterra*.

Depois de Manoel Correia, e ainda na primeira metade do seculo xvii, escreveu sobre o assumpto Manuel de Faria e Sousa, commentando os *Luziadas*.

Em nenhum d'estes escriptores apparece ainda o catalogo dos *Doze* <sup>1</sup>.

Camões, já na estrophe transcripta em epigraphe, já no episodio dos *Doze* (vi, 43 a 69), mostra a mais sincera crença na veracidade do facto.

Consentem n'isto todos, e encommendam  
A Velloso, que conte isto que approva,  
«Contarei (disse) um que me reprendam  
De contar cousa fabulosa ou nova.

O caso succedeu no espaço que decorre desde a terminação da guerra entre o duque d'Alencastre e el-rei de Castella:

<sup>1</sup> Faria de Sousa, diz no Comm. ao Canto vi, estr. 43: «Yo quando no huviera visto un papel antiguo deste successo, le tuviera por verdadero forçosamente, etc.» E commentando a estr. 50: «Ademas de los auctores conocidos en que lo hallamos siendo el ultimo Manoel Sociro, en los *Anales de Flandes*, hubo en nuestro poder un papel antiguo, en que toscamente se referia este caso, que tienen pur apocryfo algunos escrupulosos...»



... «Quando o direito pretendia  
Do reino lá das terras iberinas,  
Dos lusitanos vi tanta ousadia,  
Tanto primor e partes tão divinas.  
etc.

e a morte do mesmo duque, que foi quem indicou os doze cavalleiros portuguezes.

D. João I, rei de Castella, com quem o duque teve guerra, morreu em 9 de outubro de 1390.

D. Catharina de Lancastre, filha do duque e pertensora ao reino de Castella, em virtude da paz e tratados, casou em 1393 com Henrique III, nascido em 4 de outubro de 1379.

Parece ter sido a pouca idade d'este principe a causa de só n'aquelle anno se effectuar o casamento. O duque João de Lancastre morreu em 1399. (*Resenha das Familias Titulares do Reino de Portugal*. — Lisboa, 1838, pag. LXXI.)

Assim foi na ultima década do seculo XIV que teve logar o successo. O auctor do *Mapa de Portugal* marca o anno de 1390.

A nota marginal nos *Dialogos de Mariz* indica o de 1396, talvez com mais segurança.

O que é fóra de toda a duvida, é que o caso não se pôde protrahir áquem de 1399, anno em que, como dissemos, morreu o duque, que tão vitalmente n'elle interveio.

Por mais valor que se queira dar ás queixas tão frequentes em nossos escriptores de descuido nos portuguezes em escreverem os feitos de heroicidade patria, é indubitavel o costume geral de se fazerem relações particulares dos feitos extraordinarios. Essas relações foram a principal fonte da historia da nossa vida ultramarina.

A chamada *Chronica de Guiné*, de Azurara, as *Decadas* de Barros e as de Couto denunciam positiva e frequentemente esta origem.

A franqueza de Couto vae mais alem; é com frequencia que elle se queixa de que essas relações occultem intencionalmente os nomes dos auctores dos feitos heroicos que narram.

A sua indignação n'esta parte foi até produzir duas paginas eloquentes, que contêm uma revelação importantissima; são paginas consoladoras e o mais valioso e accetivel de quantos commentarios se possam oppor áquelle celebre verso da proposição dos *Luziadas*:

Que eu canto o peito illustre lusitano,

Vê-se por ellas que o verdadeiro valor portuguez no Oriente foi anonymo. Vê-se que a raça dos heroes portuguezes ali não foi exclusivamente a dos Albuquerque, Castros, Barretos e outros,

hoje extinctas ou degeneradas; foi a raça popular, perpetua, como a familia dos Atridas, foi—o *peito illustre lusitano!* Eis essas paginas admiraveis:

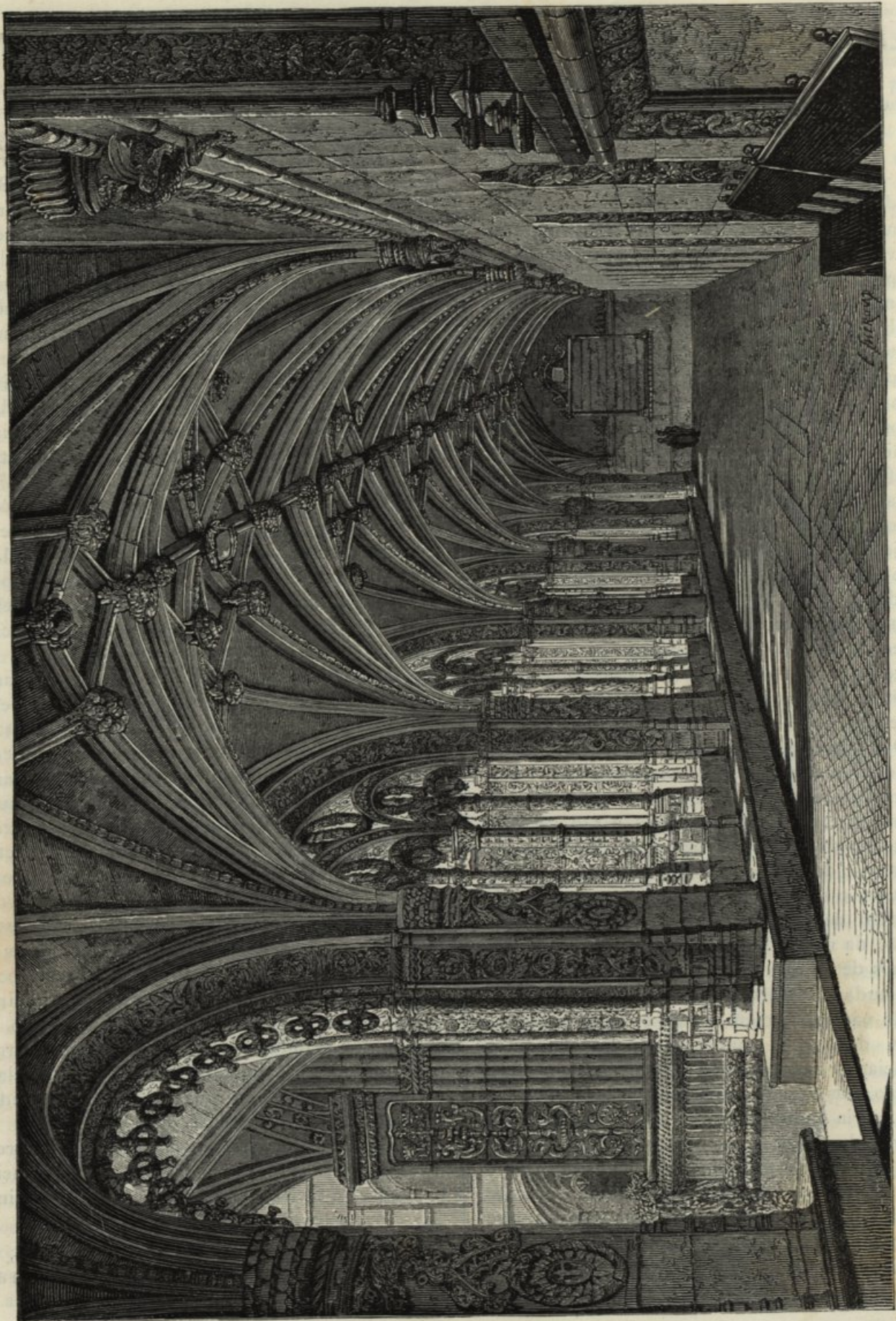
A primeira diz respeito a um soldado companheiro do grande Heitor da Silveira na costa de Cambaia. A segunda refere-se aos grandes feitos praticados nos cercos de Columbo e de Coata, na Ilha de Ceylão, em 1563.

«Um soldado dos nossos, homem não conhecido, e sem nome (a que muito desejamos de o saber, para lh'o darmos muito honrado n'esta historia), adiantando-se um pouco com uma lança e rodela, esperou um mouro de cavallo a pé, que des que vio n'elle romper seu encontro com a lança alta, o soldado correu a sua, e o tomou por debaixo do braço da lança, e passando-o todo, deu com elle no chão; e ainda não estava bem n'elle, quando já o soldado (que lhe levou logo as redeas do cavallo na mão) saltou em cima com muita ligeireza e ar, e enrestando a lança voltou a outro de cavallo que remetia com elle, e o levou pelos peitos, dando com elle de pernas acima muito mal ferido, a que os nossos deram uma grande apupada e logo surriada da espingardaria. O soldado em derribando o mouro, remetteu ao cavallo, e o tomou pelas redeas, e com muita confiança se veio recolhendo para Heitor da Silveira cavalgando em um, e com outro a dextro; e chegando a elle lhe pediu o armasse cavalleiro, o que elle logo estava. Louve agora Livio o seu Marco Corvino, por matar um francez em desafio, por cujo feito lhe mandou Octaviano Augusto alevantar estatua em meio de seus aposentos. Engrandeça o seu Torquato pelo colar que tomou a outro, que eu não farei mais que contar singelamente estes e outros feitos semelhantes, mais dignos de estatuas, que os dos seus romanos. Mas o tempo que deixo de gastar em seus louvores, gastarei em estranhar o descuido dos reis n'essa parte, que a estes taes nem com estatuas, nem com pão satisfizeram nunca seus feitos; pelo que muitos, e muito valerosos cavalleiros que obraram façanhas dignas de memoria eterna, estão hoje tão postos em esquecimento, que até os nomes se lhes não sabem, como a este nosso cavalleiro, que por este feito não teve mór galardão, que emquanto Lopo Vaz governou depois d'isto chamar-lhe o seu cavalleiro, e tel-o na igreja a par de si em pé; e depois que acabou, pôde bem ser que o acabasse tambem a fome.»

(Couto, Dec. 4, Liv. 5, Cap. 6; pag. 363 da edição de 1782.)

(Continúa.)





CLAUSTRO DO CONVENTO DOS JERONYMOS EM BELEM — Desenho de E. Therond, segundo uma photographia



## CLAUSTRO DO CONVENTO DOS JERONYMOS EM BELEM

**Y**AMOS felizmente despertando da pesada indiferença, com que deixavamos esquecer e malbaratar o nosso modesto peculio artistico.

Uma iniciativa intelligente e escientifica, ainda timida em verdade, mas já evidente e auspiciosa, procura sanar os erros passados e salvar os restos venerandos da arte portugueza. Não fomos um povo artistico, é certo, não se crearam entre nós muitos artistas de nomeada; na pintura, na esculptura e na architectura não podemos realmente apresentar creações de primeira ordem, comparaveis com as que em differentes seculos e em diversos paizes teem deixado um sulco luminoso na historia da arte. O nosso genio teve na historia da humanidade um campo restricto e defenido, uma só face predominante e accentuada, porém essa brilhante e sublime: a dos descobrimentos e a das navegações longinquas e arrojadas, em que ninguem se nos avantajou, e onde se concentrou tenazmente toda a nossa actividade nacional; todavia a nossa pequena e modesta arte possui um certo valor relativo, e deve merecer-nos tanto maior apreço quanto na linguagem artistica possuímos apenas algumas phrases soltas, algumas notas singelas n'esse concerto universal.

Ora entre os nossos melhores productos artisticos sobrelevam-se dois exemplares famosos: o templo ogival da Batalha e o manuelino de Belem; creações tão proximas e tão estreitamente ligadas, que ninguem fará a theoria, ou a historia, do chamado estylo manuelino sem ir procurar o seu germen e a sua origem no bello mosteiro de Santa Maria da Victoria, glorioso padrão da nossa Illiada nacional, terminada nos campos de Aljubarrota.

Estudar e descrever estes monumentos, evocar do passado o meio social, em que se produziram, defenir os seus estylos pelos elementos essenciaes e caracteristicos, historiar a sua construcção e as variadas phases, que teem atravessado, seria indubitavelmente trabalho interessante e de valiosos resultados; não o tentaremos, porém, n'este momento. A nossa tarefa é mais facil e singela; cumpre-nos tão sómente acompanhar de rapida descripção a gravura, que representa um dos porticos do claustro de Belem; antes, todavia, de a começar consinta-nos o leitor a ligeira exposição da nossa opinião acêrca

do estylo manuelino, opinião aliás já expressa em outra publicação semelhante a esta.

O estylo manuelino desponta nas celebres *capellas imperfeitas*, adjunctas ao mosteiro da Batalha. Estas construcções, projectadas por el-rei D. Duarte e começadas talvez nos fins do reinado de D. Affonso v, deviam servir de capellas sepulchraes para os membros da dynastia d'Aviz, que não tinham logar no glorioso pantheon, onde ainda repousam actualmente D. João i, a sua virtuosa mulher e os seus heroicos filhos.

N'essas capellas, cuja construcção mais activa teve logar no começo do reinado d'el-rei D. Manuel, se observa a derivação do estylo ogival inglez, em que foi construido o mosteiro da Batalha, para o estylo manuelino.

«Parece-nos muito provavel, escrevêmos nós, que a concepção portugueza se deve em parte a traça das capellas imperfeitas, e o architecto Matheus Fernandes, que hoje repousa na principal nave da igreja <sup>1</sup>, podia ser o seu auctor; pelo menos a comparação das datas e a importancia do mestre não contradizem esta hypothese. É certo, porém, que as obras do mosteiro duravam ainda n'essa epocha, pelo menos as das soberbas vidraças coloridas, havendo entre os artistas citados por documentos coevos nomes manifestamente italianos; entre estes apparece o do architecto Potassi, *cavalleiro da casa de el-rei*, que não só é contemporaneo de Matheus Fernandes, mas que a tradição conservou como architecto de Santa Maria de Belem. Segundo pensamos, Matheus Fernandes e Potassi podem ter sido os architectos das capellas imperfeitas, e por este dualismo se explica o character singular de ser o estylo manuelino o producto da acção reciproca do ogival e do classico da renascença, o primeiro encarnado no architecto portuguez, nascido e creado sob a influencia do venerando mosteiro, o segundo no architecto italiano, formado pelas ideias dos mestres da renascença e pelo estudo das suas creações classicas.

«É possivel encontrar no estylo manuelino reminiscencias arabes, na ornamentação principalmente; é facil determinar como sobre elle in-

<sup>1</sup> A sua sepultura está logo á entrada do templo, e d'ella se depreheende que o mestre morreu em 10 d'abril de 1515.



fluiram as descrições do Oriente e das novas terras descobertas, que os nossos navegadores tão repetidas vezes traziam á mãe patria; todavia esses elementos não são sufficientes para explicar a formação do estylo. A historia e a philosophia da arte repellem hoje as poeticas theorias, dos que attribuem a formação do ogival á contemplação das florestas do norte, ou, a nosso vêr, a do estylo manuelino á influencia do mundo oriental.

«Se as nossas ideias são verdadeiras, o estylo manuelino é o resultado da penetração do ogival pelo classico da renascença; o producto das suas concessões reciprocas: um syncretismo artistico em que os caracteres discordantes dos dois estylos tendem a desaparecer, e os mais proximos se harmonisam e completam. Este phenomeno não era novo na historia da arte, outro analogo se produziu, quando o estylo bysantino transportado pelas colonias venezianas encontrou o latino na Europa occidental.»

Sob este ponto de vista esthetico apreciamos, pois, a magnifica igreja de Santa Maria de Belem começada no principio do seculo xvi, no reinado d'el-rei D. Manuel. O claustro, que em belleza e unidade artisticas não pôde, a nosso vêr, comparar-se com o admiravel claustro real do mosteiro da Batalha, é todavia um exemplar architectonico de grande valor e de subido merecimento. Os seus quatro extensos e bellos porticos fecham um vasto quadrado de terreno actualmente ajardinado, e outr'ora occupado por um grande lago; quatro pontes, correspondentes ao meio de cada portico, davam passagem para uma pequena ilhota central, onde em volta de um repucho havia assentos de pedra. Uma excellente medida de hygiene fez desaparecer o antigo lago, que aliás dava ao claustro um cunho especial de belleza e de frescura.

Tem o claustro dois pavimentos: o terreo, do qual a gravura representa um dos porticos, e o superior, que, apesar de mais pobre na ornamentação, é ainda mui bello pela elegancia aprimorada da sua abobada accentuadamente ogival e recamada de nervuras, ou artezões.

Cada um dos porticos inferiores abre sobre o jardim por seis bellos arcos, cujos pilares assentam sobre stylobato pouco elevado, e tão ligeiramente quebrados em ogiva, que a muitos poderão talvez ter parecido circulares. D'estes arcos os dois extremos são rasgados até ao pavimento e apenas guarnecidos, a meia espessura e a partir da origem da curva, por um ligeiro e

elegante rendilhado; os quatro restantes são divididos cada um por tres maineis; no mainel central mais forte e ornamentado firmam-se dois arcos de volta circular inteira, que para um e para outro lado vão terminar na altura das impostas do arco principal em columnellos embebidos nos pilares; de cada um dos maineis lateraes dois outros arcos, egualmente de volta inteira, lançam a sua curvatura para o mainel central e para os columnellos. Os triangulos curvelinios resultantes d'esta disposição são preenchidos por olhaes, ou anneis, no centro dos quaes se veem diferentes ornatos: as letras M, R e S, a cruz de Christo e outros emblemas, sendo provavel que as letras representem as iniciaes das palavras: Manuel Rei e Salve. Tal é succintamente descripta a ornamentação das grandes janellas claustraes, que a gravura melhor fará comprehender.

A abobada dos porticos ricamente artozoada e em ogiva abatida é elegantissima, e contribue principalmente para a profunda impressão de belleza, que o observador experimenta ao transpôr o liminar da porta, que dá ingresso para o claustro. No portico fronteiro a essa entrada, que é exactamente o representado na gravura, deve notar-se a ornamentação dos cinco pilares das arcadas; offerece ella a egual altura em cada pilar e em baixo relevo: o sol e quatro medalhões contendo bustos, que são provavelmente dos quatro grandes navegadores Vasco da Gama, seu irmão Paulo, Nicolau Coelho e Pedro Alvares Cabral. Nos restantes pilares seguem-se outros emblemas na maioria symbolos da paixão de Christo.

As paredes interiores fronteiras ás arcadas são lizas, tendo apenas uma cinta d'arabescos na altura das misulas, de onde partem divergentes os feixes das nervuras, ou artezões, que dividem os paineis da abobada.

Como o leitor certamente comprehenderá, é perfeitamente impossivel traduzir pela palavra, o que o lapis apenas poderia minuciosamente reproduzir sobre o papel; não temos nós, portanto, o louco intuito de esmiuçar a descrição que por longa se tornaria enfadonha, obscura e inutil. Se dissemos o sufficiente para explicar a gravura, era o que tinhamos em vista; mais não o podiamos fazer sem que o desenho viesse esclarecer a nossa pallida descrição.

Percorra o leitor o claustro de Belem, e ahí verá traduzida a nossa theoria do estylo manuelino; a sublime expressão esthetica do estylo ogival não tem já em Belem a elevação ideal que



atinge na Batalha; por toda a parte o classico da renascença tende a irromper nas grandes linhas geraes, como nos promenores da ornamentação.

Apezar da sua belleza o estylo de Belem é um estylo de decadencia, «a agonia da arte, o estrebuxar descomposto da architectura christã que morria» na phrase energica e verdadeira d'aquelle homem, que, onde tocava com o seu poderoso dedo, deixava o signal indelevel do seu genio, de Alexandre Herculano.

A simplicidade severa das linhas geraes, o idealismo que se traduz nos altos corucheus, nas agulhas e nos pinnaculos que elevam para o ceu as suas pontas agudas e elegantes, a sobriedade modesta, não pobre, da ornamentação, todos os caracteres, emfim, que fazem do estylo ogival da melhor epocha uma das mais formosas concepções estheticas da intelligencia humana transformam-se, ou empallidecem, em Belem; para os encontrar na sua fôrma mais pura e espirituallista é preciso ir mais longe e estudal-os no mos-

teiro da Batalha. Alli se encontra traduzida uma das mais bellas expressões da arte; pequeno templo comparado com as grandes cathedraes gothicicas do Norte da Europa mas superior a ellas todas, sem duvida, pela puresa do seu estylo e pela unidade admiravel da sua concepção rapidamente realisada. Alli se revelam as crenças mysticas e profundas d'essa idade media tão calumniada outr'ora, e que para occupar um logar culminante na historia lhe basta apenas o espirito d'associação fraternal, que durante o seu periodo animou as classes populares e lançou os solidos fundamentos das futuras democracias. Alli se demonstra a prodigiosa força da ideia de Deus, que atravez de milhares d'annos tem conduzido do berço ao tumulto myriades de gerações adormecidas á doce esperanza de uma justiça superior e recta, d'essa ideia que tem sido para a arte um manancial riquissimo de concepções sublimes e de creações immortaes.

AUGUSTO FUSCHINI.

## SUPERSTIÇÕES POPULARES EM PORTUGAL

(Continuado da folha 7)

Nos templos dos Kymytha de Chittagong, as orações começam por toques de campainha para acordarem Buddha, como no templo de Sinto o toque do sino serve para acordar a deusa e prestar attenção ás supplicas. A campainha e os sinos, sobretudo quando dobram a preces, têm no rito catholico a mesma origem barbarica. Segundo Klemm, os Tartaros de Altai figuram o seu deus sob o aspecto de um velho de barba longa, e é esta a figuração artistica e popular do Padre Eterno catholico. Os eclipses são ainda hoje entre o povo um signal no céu bastante temeroso, como entre todas as raças selvagens.

A crença nos *phantasmas*, como fôrmas da alma depois do passamento, que é a base da maior parte das crenças dos selvagens, é vulgarissima em Portugal; elles apparecem a pedir o cumprimento de alguma promessa e fazem um ruido junto da pessoa a quem avisam, simulando o arrastar de grilhões, e chamam-se propriamente *almas penadas*. Na *Chronica dos Vicentes*, um dos mais antigos documentos da historia de Portugal, o cavalleiro Henrique apparece ao seu pa-

gem a pedir-lhe que o mude de sepultura. Fallar uma alma em alguem, que é como o povo explica o hysterismo e a epilepsia, acha-se tambem entre os Esquimãos,<sup>1</sup> como nas aldeias portuguezas. O *outro mundo*, onde habitam as almas, é uma concepção analoga á dos povos selvagens que crêem que as almas dos mortos vão para uma terra mais feliz. Muitos dos jogos populares, como os *pares e nones*, foram, e ainda são entre certos povos selvagens, ritos divinatorios. A superstição das *carantulas*, prohibidas no Alvará da Camara de Lisboa, do tempo de D. João I por occasião da batalha de Aljubarrota, usa-se como notou Tanner na America septentrional por occasião da guerra; os Romanos tambem lançavam uma boneca ao Tibre, e na India picam essa imagem ou carantula com alfinetes para fazer mal á pessoa que representa.<sup>2</sup> O horoscopo do *nome*, que exprime entre o povo uma fôrma da sua crença na fatalidade, motiva entre as tribus da

<sup>1</sup> Ab. Morellet, op. cit., p. 244.

<sup>2</sup> Ap. Lubbock, *Ibid.*, p. 240.



America do norte e insulares do Pacifico a mudança de nome para evitar o feitiço. Os cabellos, a roupa ou restos de comida, são os objectos mais directos com que se fazem os feitiços contra uma pessoa; assim as mulheres queimam o cabelo que lhes cae ao pentear, e a comida que cresce não deve ter sido tocada, nem o pão ficar mordido dos dentes. Estes objectos prestam-se para o mesmo fim maligno na Polynesia e na Nova Zelandia. Os feiticeiros da Nova Zelandia fazem *covas* no chão para attrahirem ali e sepultarem depois os espiritos dos seus inimigos; o nome de *Covas* de Salamanca dado ás escholae da magia na peninsula provém d'este rito persistente do estado selvagem. Os apparecimentos das Virgens nas *grutas* são um instincto de reacção clerical contra a superstição popular. Advinha-se lançando clara de ovo fresco em um côpo d'agua, sobretudo nas ilhas dos Açores; na Collecção de Viagens de Astley, traz Faira: «Quando Vasco da Gama descobriu a India, alguns feiticeiros de Kalekut mostraram em bacias cheias de agua os tres galeões que elle trazia.»<sup>1</sup> Em Maskat, diz o mesmo escriptor, «ha feiticeiros tão habéis, que comem o interior de uma cousa só com a vista;» comprehende-se por este facto a locução popular ainda frequente *comer com os olhos*. Entre os povos selvagens ou barbaros, como os da Siberia, ou os Ahts do noroeste da America, ou da Groenlandia, os dons magicos adquirem-se pelo isolamento, pela privação de alimento e pela exaltação ou hallucinações; são estes ainda os meios como se produzem entre o povo esses estados mentaes das chamadas pessoas ou *mulheres de virtude*, que como todas as bruxas selvagens tomam a sério a sua superioridade — e poder sobre os espiritos. É nos retiros das *encruzilhadas* que o diabo accode á evocação. As dansas nas romarias campestres têm ainda o character de rito religioso, como entre os Kols de Nagpore, os Ostiakes, os indigenas da Virginia, e entre algumas tribus do Brazil. As festas do Espirito Santo, nas ilhas dos Açores são acompanhadas de *bailhos* e de *banquetes* a pobres, ritos obrigados nas religiões selvagens, como notam Roberston e Lubbock. Os nomes de pessoas tomados de animaes e plantas revelam um primitivo totemismo, que se explica pelo mesmo uso entre os Issinese da

Guiné, nos Hottentotes, no Congo, entre os Bechuanas, e os chinezes.

O culto das arvores, das raças selvagens, persiste entre o povo, para quem a cruz é a *arvore* da redempção; certas plantas herbaceas, como a arruda e o trovisco têm poderes magicos para afugentar os espiritos. A raiz da mandragora pelas suas fórmas caprichosas, é citada nas Constituições dos Bispados como empregada pela feiticaria; o funcho é usado nas festas do natal na Madeira e Açores, e os antigos bosques sagrados estão substituidos nos costumes pelas folhagens espalhadas pelas ruas por onde passa uma procissão. Muratori, na Dissertação LIX das *Antiguidades italianas*, cita uma lei de Luitprando, que prohibia entre os Lombardos o culto das arvores; este culto andavaligado ao das Fontes, como se prohibe no concilio Nannetense. Em Portugal a chorographia enumera uma extraordinaria quantidade de Fontes Santas, e de Aguas Santas, superstição que apparece entre os barbaros da Germania, na Fonte de Urda e na arvore de Ydgrasil. Os ramos de giesta, por occasião das Maias, e a festa da *espiga* em Lisboa, acham-se usados com character religioso entre populações inferiores, como entre os habitantes de Nicaragua, onde se adora o milho e os feijões. Na ilha de S. Miguel, quando o mar está bravo, lança-se-lhe reliquias de santos para o abonancar; em uma relação de viagem de 1693, conta-se que o rei dos Kabosheers mandou o seu sacerdote applacar o mar lançando-lhe varios presentes de comer e beber. Nos Açores curram-se certas doenças com agua das tres marés. A pia baptismal corresponde aos lagos, tanques e poços sagrados das raças da America e dos Celtas. A superstição de *revolver penedos* para fazer chover, prohibida pelas Constituições dos Bispados em Portugal, pertence aos restos do fetichismo das raças da Europa, bem como o costume das dansas phalicas «Tres volta dei ao penedo — para namorar José» da cantiga popular. A pena infamante do antigo symbolismo do direito portuguez de transportar pedras ás costas, provém de um culto decahido, tornado desprezível. Os habitantes da Nova Zelandia e alguns da Melanesia adoram o Arco da Velha; em Portugal ha ainda muitas superstições sobre este phenomeno metereologico.<sup>1</sup> O ferro, conserva ainda um character magico ou de virtude, tal como na epoca em que o uso do bronze foi per-

<sup>1</sup> *Ibid.*, p. 245. — Nas *Cartas* de D. Francisco Manuel de Mello, p. 542 allude-se a esta superstição em Portugal, como adiante veremos.

<sup>1</sup> Colligidos por Leite de Vasconcellos.



turbado por este novo factor da civilisação; em um esconjuro popular se diz:

Tu és ferro,  
Eu sou aço,  
Tu és demonio  
Eu te embaço.

A ferradura de um cavallo ou mula é um poderoso talisman contra a feiticeria. A tradição poetica das Ilhas Encantadas, conhecida nos mythos céltas da Ilha de Avalon, e aproveitada por Camões no seu episodio da Ilha dos Amores, acha-se entre os habitantes da Ilha de Tonga, é a ilha phantastica de Bolotoo; esta mesma crença apparece entre os Esquimãos, e podemos dizer que ainda no seculo xv foi esta tradição ou estado poetico que estimulou a imaginação dos Portuguezes para as arrojadas emprezas maritimas. As lendas theologicas da bemaventurança têm suas raizes n'este solo inferior das raças selvagens e barbaras.

Na medicina popular encontra-se uma pratica extremamente commum aos povos selvagens; é a sucção no corpo do doente, cuspindo fóra a influencia maligna extrahida pelo feiticeiro. Acha-se este costume entre os selvagens do Paraguay e do Brazil, entre os indios Galibes, Agipons, Guayacurus, na Guyanna ingleza, na California, na bahia de Hudson, entre os Esquimãos, e na Australia; <sup>1</sup> a esta grande serie de factos accrescenta Lubbock: «Assim encontramos por toda a parte este modo de tratamento primitivo, que consiste em chupar a parte doente para fazer sahir o mal, e por ventura os vestigios ainda se conservam entre nós nos costumes das crianças...» De facto muitas vezes observámos esse phenomeno: para calar a criança que se magoou bafeja-se-lhe o logar magoado, ou suga-se-lhe a mão, o dedo, o que ella repete quando alguém se queixa. Entre o povo a sucção é ainda empregada nos golpes, e na ilha de S. Miguel as mulheres possessoras de algum espirito ou alma curam-se simulando que vomitam cabellos embrulhados com linhas e alfinetes; a palavra *chupista* tem entre nós um sentido infamante, e dá-se entre pessoas que usam estas praticas medicinaes. O uso de *cuspír fóra* quando se falla em cousas malevolas, ou como fórmula de esconjuração é uma parte persistente do rito medicinal da sucção. «Quando se vê um sapo, para não acon-

tecer mal é preciso *cuspír fóra* tres vezes.» <sup>1</sup> As crianças, segundo a crença vulgar estão sujeitas a serem *chupadas* das bruxas. Lubbock compara a animadversão de quasi todos os povos selvagens contra as crianças *gemeas*, como entre os insulares de Bali, os Khasias do Indostão, os Ainos do Japão, e na Guiné; este odio supersticioso ligado á apprehensão da infidelidade da mulher, apparece na Europa consignado no poema do *Cavalleiro do Cysne*. A crença dos Tongans, quebrando as armas d'aquelle que morre, como tambem animadas, e devendo acompanhar o seu dono para o paraíso do Bolotoo, acha-se nas tradições da idade media, como na *Chanson de Rolland*, sentindo-se ferido de morte e pedindo á sua espada que se deixe quebrar; o uso de quebrar os copos depois de uma saude especial provém da mesma concepção animista. O uso dos habitantes de Mallicollo, e entre os Cafres segundo Cook e Casales, de exprimirem a admiração por um *assobio* acha-se entre o nosso povo, especialmente como resposta intencional e exaggerativa. A *tatuagem*, costume quasi geral aos povos selvagens, persiste entre os nossos marinheiros, soldados e homens braçaes; as costas das mãos, os braços e o peito são o campo d'essas phantasias de desenho allegorico, que se prende com a credulidade supersticiosa; cruces, meias luas, signos saimões, corações, setas, chaves e vasos de flores são os themas peculiares da tatuagem portugueza, destinados a livrarem aquelle que usa esses signos de mão olhado, ou de lhe entrar o diabo no corpo. Nas classes elevadas o mesmo espirito selvagem persiste no costume de furar as orelhas ás crianças do sexo feminino e de lhes pendurar brincos de ouro, bem como de lhes pendurar figas e amuletos ao pescoço durante a primeira infancia. A pintura da cara, para encobrir as rugas da idade, ou a côr trigueira é tambem uma persistencia selvagem, como se vê pelos costumes dos Felatah da Africa.

Depois da fórmula *espontanea* das Superstições, que comprehende o campo illimitado e caprichoso dos agouros, vem a fórmula *revelada* que é o segredo de uma classe especial que tem o poder de communicar com os espiritos, de os evocar ou de os esconjurar. Esta fórmula das Superstições depende de um sacerdocio, que torna o culto commum á sociedade, para a qual fabrica os fe-

<sup>1</sup> Ap. Lubbock, *Origines de la Civilisation*, 24 a 28.

<sup>1</sup> Ap. *Positivismo*, t. III, p. 7.



tiches, isto é, os objectos materiaes em que se fixam os espiritos malevolos, tolhendo-lhes assim o arbitrio e tornando-os accessiveis á propiciação. N'este ponto as Superstições coincidem com as religiões nas phazes do seu desdobramento historico; de facto as Superstições apresentam dois typos fundamentaes, os pressagios ou a vaticinação, e a cura das doenças, correspondentes o primeiro ao fetichismo astrolatrico da Chaldêa, e o segundo ao empirismo medico dos ritos magicos do Egypto, ambos differentes entre si. O syncretismo operado pelos Romanos entre estes dois elementos typicos das Superstições *reveladas*, e ao mesmo tempo o esforço baldado mas veemente da Edade Media em tornal-as *demonstradas* procurando dar base scientifica á Astrologia judiciaria e á Medicina theurgica, como se viu pela protecção dos astrologos nas côrtes dos reis, e pela crença nos milagres dos Santos e das fontes maravilhosas nas doenças, toda esta complicação de factores historicos não deixava vêr claro n'esta ordem de phenomenos que são o sub-solo da civilisação humana. Assim como para os estudos philologicos, a descoberta do sanscrito foi um raio de luz que aproximou a rasão humana da verdade, tambem a leitura dos hieroglyphos e dos cuneiformes veiu dar bases positivas para a systematisação scientifica do phenomeno tão complicado das Superstições. Diz Lenormant: «a decifração dos hieroglyphos do Egypto e das escripturas cuneiformes da bacia do Euphrates e do Tigre, estas duas maravilhosas conquistas do

genio scientifico do nosso seculo, fornecem hoje, para o esclarecimento de um tão curioso problema, socorros que teriam, ainda ha cincoenta annos atraz, parecido inteiramente inesperados. D'ora em diante podem-se estudar nas fontes originaes as sciencias occultas do Egypto e da Chaldêa.»<sup>1</sup> É aproximando essa riqueza extraordinaria de factos contidos nos documentos accadiccos dos factos actuaes das superstições do povo portuguez que se chega a estabelecer uma identidade proveniente da persistencia dos elementos ethnicos dos Iberos na peninsula. Nos costumes, no onomastico local, nos monumentos epigraphicos, nas tradições poeticas ainda os povos hispanicos conservam pasmosos documentos d'essa raça da alta Asia que precedeu na Europa a entrada dos Arias; as superstições, cuja abundancia distinguiu sempre o genio das nacionalidades hispanicas, revelando no seu estudo vastas comprovações ethnicas, adquirem pelo criterio comparativo a importancia de uma paleontologia historica. A phase *demonstrada* das Superstições manifesta-se actualmente na Hespanha no proselytismo *Espiritista*, que é uma transformação do erro animista adaptando-se a um grão mais elevado da cultura social; destacada da sinceridade popular e do automatismo tradicional, o seu estudo só interessa á psychologia morbida.

(Continúa.)

THEOPHILO BRAGA.

<sup>1</sup> *La Magie chez les Chaldéens*, p. VII.

## COMO EU ATRAVESSEI A AFRICA

DO ATLANTICO AO MAR INDICO—VIAGEM DE BENGUELLA Á CONTRA-COSTA—ATRAVÉS REGIÕES DESCONHECIDAS—DETERMINAÇÕES GEOGRAPHICAS E ESTUDOS ETHNOGRAPHICOS

POR

**SERPA PINTO**

PRIMEIRA PARTE

### A CARABINA D'EL-REI

(Continuado da folha 7)

**F**OMEÇOU nova campanha. Eu tinha presentes as narrações de Cameron e Stanley a respeito dos embarços causados por deserções, e até as do proprio Livingstone, que foi abandonado por trinta homens na viagem de Tete com o dr. Kirk.

Logo depois da chegada dos meus companheiros, combinámos em ser o Ivens encarregado dos trabalhos geographicos, o Capello de meteorologia e sciencias naturaes, e eu do pessoal auxiliar da expedição, coadjuvando-nos mutuamente. Assim, pois, tive de me pôr logo em



campo, e o primeiro passo que dei, foi ir tomar conselho de Silva Porto.

Narrei-lhe a nova decisão que havíamos tomado, de seguir directamente ao Bihé, e expuz-lhe o meu embaraço. Silva Porto veio a Benguella commigo, pois que a sua casa da Bemposta dista 6 kilometros da cidade, e percorremos as casas onde haviam caravanas de Bailundos, sem que elles quizessem annuir a levar as cargas ao Bihé. À casa Cauchoix tinha chegado uma grande caravana, e este cavalheiro chegou a offerer uma avultada gratificação ao chefe, e paga dupla aos carregadores, se quizessem conduzir as nossas bagagens, mas nada conseguiu.

Cabe aqui narrar um factó muito curioso. Os Bihenos são os primeiros viajantes d'África, e nenhum outro povo estende mais longe as suas correrias, nem se lhe iguala em arrojó e robustez de caminheiros; mas os Bihenos viajam só do Bihé para o interior como assalariados; e se de maravilha vem á costa, é por conta propria. Os Bailundos alugam os seus serviços entre a costa e o Bihé, e não vão ao interior para lêste; mas ao norte estendem suas viagens até ao Dondo e Loanda.

Assim, pois, os negociantes sertanejos fazem transportar as mercadorias de Benguella ao Bihé por Bailundos, e d'ali aos pontos remotos do interior por Bihenos, que voltam, com os productos permutados, ao Bihé. D'este ponto á costa tornam a servir-se dos Bailundos.

Depois de informado d'isto, só me restava mandar assalariar Bailundos, para me virem buscar as cargas; e d'isso se encarregou Silva Porto, despachando logo cinco pretos ao Bailundo, a ir buscar a gente. O velho sertanejo disse-me logo, que elles teriam muita demora, porque os enviados levavam 15 dias a chegar ao paiz, e outro tanto tempo, pelo menos, gastariam a reunir os carregadores, e estes 15 dias para vir, fazendo uma somma de 45 dias, afiançando-me elle, que antes não os teria. Nós estávamos em fins de setembro, e por isso só poderíamos partir por meado de novembro.<sup>1</sup>

Vim participar isto aos meus companheiros, e depois de conferenciar com elles, resolvemos não perder tanto tempo em Benguella; e entregando as cargas a Silva Porto, para que nol-as enviasse pelos Bailundos, partimos immediata-

<sup>1</sup> Parte d'estes carregadores, 200, só chegaram a Benguella a 27 de dezembro, e outros 200 por fins de fevereiro.

mente com as cargas indispensaveis, indo esperar no Bihé; tempo que aproveitariamos no arranjar de carregadores ali para seguir ávante.

Dos carregadores contratados em Benguella apenas uns 30 mereciam alguma confiança para seguir tal caminho; e estes, com 36 de Novo Redondo, faziam um total de 66 homens. Tínhamos, além d'isso, 14 soldados; os meus muleques pequenos de serviço; uns Cabindas de serviço de Capello, e Ivens; e 2 chefes pretos, um contratado por mim na Catumbella, o preto Barros, e outro por Capello, em Novo Redondo, o Catão.

Em toda esta gente não tínhamos um só homem de confiança.

Tratamos de separar as cargas julgadas indispensaveis, e conhecemos que eram 87; isto é, tínhamos 21 cargas mais do que carregadores. Foi de balde que trabalhei para os haver; não me foi possível obter um só.

Os pretos, não comprehendendo o que iam fazer ao sertão, estavam receiosos, e com a sua desconfiança natural, imaginavam loucuras e recusavam-se.

Chegou o fim de outubro sem nada termos adiantado.

Resolvi, por conselho de Silva Porto, ir ao Dombe, experimentar se os Mundombes fariam menos difficuldades, do que a gente de Benguella; mas, sentindo-me incommodado, pedi ao Capello ali fosse por mim.

No dia 29 partiu o Capello, e voltou no dia 3 de novembro. Nada fez. Os Mundombes prestam-se com facilidade a ir a Quillengues por caminho conhecido d'elles; mas, fóra d'isso, não fazem outras viagens; e recusaram as pagas avultadas que lhes offerciamos para irem ao Bihé.

Tornava-se necessario tomar uma resolução e essa foi logo tomada; seguiríamos sempre para o Bihé, mas tomaríamos por Quillengues e Caconda.

O governador Pereira de Mello deu logo ordem ao chefe do Dombe, que tivesse promptos 50 carregadores, para seguirem connosco para Quillengues.

Silva Porto encarregou-se das cargas que deviam ser mandadas ao Bihé, e eram umas 400.

Pôz o governador á nossa disposição uma lancha, para transportar por mar ao Cuió (Dombe Grande) as cargas que d'ali deviam ser carregadas até Quillengues, e alguns carregadores de Benguella que estavam doentes.



No dia 11 de novembro, estávamos promptos a deixar a costa, e fixamos a partida para o dia 12. N'esse dia fugiram 4 carregadores de Novo Redondo, e no seguinte 5 de Benguella.

Emfim, no dia 12 deixávamos a cidade, depois das mais cordiaes despedidas dos amigos, que se reuniram para nos dizer adeus.

Pouco antes tinha eu ido á praia, e por muito tempo tive os olhos fixos na vastidão do Atlan-

tico, d'esse mar enorme que ia perder de vista; e mal cogitava então, que só o volveria a ver dois annos depois, na França, em Bordeos.

Não sei se a outros tem acontecido o mesmo; eu, no momento da partida, senti uma pungente magoa, uma indefinivel saudade, uma dôr profunda, que me produziram como que uma embriaguez, e confesso que não tenho muito a consciencia de ter deixado Benguella.



EFFEITOS D'UMA BALA EXPLOSIVA ROUBADA — Desenho de E. Bayard, segundo um esboço do major Serpa Pinto

A bandeira das Quinas estava desenrolada, e afastava-se da cidade ao passo cadenciado da caravana; seguiu-a.

No dia 13, chegávamos ao Dombe, tendo feito uma jornada de 64 kilometros. Tínhamos conosco 69 pessoas, e seis jumentos, que foram, homens e burros, alojados na fortaleza. Nós tres, com os nossos muleques de serviço, fomos obsequiosamente hospedados em casa de Manoel Antonio de Santos Reis, distincto cavalheiro que porfiou em obsequiar-nos.

Dois dias depois, chegaram as cargas que tinham vindo por mar, e inventariando tudo, conheci, que para seu transporte precisava de 100 homens, além dos effectivos que commigo tinha.

Isto proveio de termos abusado da facilidade que nos offereceu a lancha, mettendo a bordo mais cargas do que tínhamos julgado absolutamente necessarias.

Decidimos partir a 18, depois de recebermos cartas da Europa, porque o paquete, de costume, está em Benguella a 14; mas a 18 nem o vapor tinha ainda chegado, nem o chefe tinha tambem assalariado um só homem.

A 21 chegou a mala, mas de gente só tínhamos a trazida de Benguella. O chefe declarou-nos, que no dia 26 poderíamos partir; mas, precisando nós de 100 homens, apenas nos mandou n'esse dia 19. No seguinte dia appareceram mais 27; e eu, receioso que elles viessem a debandar



se os fizesse esperar, despachei-os logo para Quillengues, acompanhados por dois soldados dos que commigo tinha.

O chefe declara-me que lhe é impossivel conseguir mais gente. Faço reunir na fortaleza os tres Sobas do Dombe, no dia 28, e fui eu mesmo tratar com elles. São tres typos magnificos.

Um chama-se Brito, nome que tomou de um dos governadores de Benguella, que o restaurou no poder; outro, Bahita; o terceiro é Batara. Os meus companheiros perdem o assistir a esta scena joco-seria, porque desde o dia 24 estão com febre.

O Soba Brito apresenta-se com tres saias de chita, pintadas de ramagens, muito enxovalhadas; veste uma farda de capitão de infantaria, desabotoada, deixando ver o peito nú, porque camisa não usa; e na cabeça, sobre um barrete de lã vermelha, põe nobremente um chapéu armado de estado maior.

O Bahita traça saias de lã de vistosas côres, uma rica farda de par do reino, quasi nova, e na cabeça, sobre o indispensavel barrete, uma barretina de caçadores 5.

O Batara está litteralmente coberto de andrajos, e traz á cinta um espadão enorme.

Estes illustres e graves personagens estão rodeados dos séculos e altos dignatarios das suas negras côrtes, que tomam assento no chão em torno da cadeira do soberano. O Bahita era acompanhado de um menestrel, que tirava de uma marimba, monotona toada.

Esta marimba é formada de dois paus de um metro de comprido, ligeiramente curvos, em que assentam em cordas de tripa taboinhas pequenas de madeira, cada uma das quaes é uma nota da escala. O som é reforçado por uma fila de cabças collocadas inferiormente, sendo a que corresponde á nota mais baixa da capacidade de 3 a 4 litros, e á mais alta 3 a 4 decilitros.

Os Sobas portaram-se com grande seriedade, e eu fingi tambem que os tomava a serio.

Depois de me prometterem carregadores, vieram acompanhar-me a casa, que distava uns dous kilometros da fortaleza; e como eu dêsse uma garrafa de aguardente a cada um, mandaram elles dançar a sua fidalgaria, e o Bahita mandou entrar na dança umas raparigas que haviam ficado de parte.

Eu pedi-lhes que dançassem elles; mas responderam-me, que a sua dignidade lh'o não permitia, sendo isso contra as pragmaticas estabelecidas. Eu ardia em desejo de ver o Bahita dan-

çando, de saias e farda de par; e conhecedor do imperio da aguardente nos pretos, mandei dar outra garrafa aos Sobas.

Foi o bastante. Atropellaram as suas leis, e eil-os saltando em grutesca dança no meio do seu povo, que entusiasmado por tal honra, redobra de contorsões e momices, que chegam a attingir o delirio. O Bahita é magnifico, e com certeza o typo do rei Bobeche foi creado por este molde. Falla continuamente em mandar cortar cabeças, sentenças estas que os seus escutam com a maior submissão, mas de que interiormente se riem, porque bem sabem que o governo portuguez lh'o não consente.

O Dombe Grande é um fertilissimo valle, que se estende primeiro do S. ao N., e depois a O., quasi em angulo recto, até ao mar. E enquadado por dois systemas de montanhas, um por oeste, que borda a costa, e outro por leste, em cujo sopé corre o rio *Dombe*, *Coporolo*, ou *Quiporolo*, e até rio de *S. Francisco* — que todos estes nomes tem.

É rio que de inverno traz muita agua, mas de verão é secco; sendo que, mesmo nas maiores estiagens, agua se encontra cavando poços; o que acontece em todo o valle do Dombe, onde não é preciso profundar mais de 3 metros para a obter. Junto das montanhas de O., na parte em que o valle se estende N. S., ha uma lagôa de 50 metros de largo por um kilometro de extensão, e da fôrma de S. Esta lagôa é curiosa, porque não é formada por depositos pluviaes, mas sim alimentada por uma forte nascente subterranea, por nunca alterar o seu nivel, e produzir infiltrações, que, um kilometro abaixo, vão formar nascentes, que são aproveitadas na rega de uma propriedade. Dizem que tem peixe bagre, tainha e muitos crocodillos.

Tenho-a visitado muitas vezes, e nunca vi ali crocodillos ou peixes; mas é certo que os ha, por que m'o afiançou o meu hospedeiro, dizendo-me mesmo, que são muito vorazes; e que, tendo sido em 1876, a sua propriedade atacada por um bando de salteadores de Quillengues, estes, rechaçados pelos seus pretos, tentaram na fuga atravessar a nado a lagôa, não logrando um só attingir á outra margem, porque todos foram presa dos vorazes amphibios.

Nas montanhas de oeste junto á lagôa, montanhas formadas de carbonato calcáreo e algum sulfato de cal, existem algumas grutas, uma das quaes nos afiançou o nosso hospedeiro, nunca ter sido visitada, ser enorme, e parecer, tanto



quanto por fóra se podia observar, que contém extensas galerias.

Fomos visital-a, eu, Capello, e o nosso hospedeiro Reis, e verificamos não ter ella merecimento.

É um salão proxivamente circular, de 14 metros de diametro, architectado pela natureza na immensa mole de calcáreo, que fôrma a mon-

tanha. Parece ser guarida habitual de feras, que o dá a entender o ar saturado do fedôr almiscarado de certos animaes, bem como as traças de leão impressas no pó impalpavel que cobre o chão, onde encontramos alguns espinhos do Hystrix africano.

No valle do Dombe ha algumas feitorias agricolas importantes, sendo as principaes a do Loa-



SAIDA DO SOBA CHIMBARANDONGO — Desenho de E. Bayard, segundo um esboço do major Serpa Pinto

che, a de Paula Barboza, e a do nosso hospedeiro Santos Reis. Esta ultima conta apenas tres annos de existencia, e produz cana de assucar de que extrahe para cima de 40 mil litros de aguardente; e note-se, que o terreno era antes mato, e foi desbravado ha só tres annos. É uma feitoria que começa; tudo ali está ainda em construcção; mas pelo resultado já obtido se pôde aquilatar a riqueza do solo ali.

Todo o valle é cultivado de mandioca pelos indigenas, e tão fertil é, que depois de tres annos de falta de chuva, não tem deixado de ter producção regular, exportando cerca de 70 mil decalitros de farinha por anno. E' o celeiro de

Benguella. Os indigenas ali não permutam as fazendas, mas sim vendem a dinheiro, cujo valor já conhecem.

A demora que ali tivémos foi prejudicialissima à ordem e disciplina da minha gente.

Todos os dias apresentavam novas exigencias, todos os dias levantavam disputas entre si; e eu não podia ser demasiado severo, com receio de que me desertassem todos.

Venderam os pannos para comprar aguardente, e chegaram a vender as rações de comida para se embriagarem.

Os soldados eram os peiores. Os Sobas não mandaram gente, e eu principiei a ver a repeti-



ção das scenas de Benguella. Não podiamos seguir. No dia 1 de dezembro, chegaram ao Dombe 30 homens mandados de Quillengues pelo chefe militar, a buscar bagagem sua; mas eu lancei mão d'elles, e decidi com os meus companheiros partirmos no dia 4.

Tinha havido mais tres deserções, dois homens de Novo Redondo e um de Benguella.

Os nossos burros eram muito manhosos, e não havia ensinal-os; todavia resolvemos conservar-os.

### CAPITULO III

#### HISTORIA DE UM CARNEIRO

Nove dias no deserto — Falta de agua — O ex-chefe de Quillengues — Eu perco-me nas brenhas — Dois tiros a tempo — Perde-se um muleque e uma preta — Perde-se um burro — Quillengues emfim — Morte do carneiro.

A 4 de dezembro deixei o Dombe, pelas 8 horas da manhã, e segui para Quillengues. O Capello e o Ivens ficaram ainda, para enviar algumas cargas; deviam ir encontrar-me á noite. Foi conselho dos guias, que não tomassem o caminho das caravanas, mas sim um atalho conhecido d'elles, para evitarmos as passagens do Rio Coporolo, que já então levava muita agua, dando difficeis váos, e que aquelle caminho corta em diversos pontos.

Depois de duas horas de jornada na planicie chegamos ao sopé da serra da Cangemba, que borda por leste o valle do Dombe. Descançamos um pouco, e ás 11 horas, emprehendemos o subir da serra pelo leito de uma torrente, então secco. Foi difficil trabalho. Os homens iam muito carregados; porque, além das cargas da expedição, do peso de 30 kilogrammas, levavam para si rações para nove dias, em farinha de mandioca e peixe secco. A differença de nivel era de 500 metros apenas; mas o leito da torrente, formado de rochas calcáreas, offerecia obstaculos enormes ao caminhar por ellê. Em muitos pontos era preciso com as mãos ajudar o corpo na subida, e o passar ali os seis jumentos, deu grande canceira. Tinhamos comprado no Dombe dois carneiros, para matar em caminho, um dos quaes facilmente seguiu a comitiva, mas o outro deu trabalho, porque se recusava a andar, e a sua teimosia em volver ao Dombe era constante. Foram tres horas de fadigosa marcha, que tanto gastamos para transpor um espaço que não passava de mil metros, e isto por um sol abrasador, deixou-nos extenuados de fadiga. Acampamos logo junto a um poço cavado no leito arenoso de um ribeiro que ia secco, ribeiro a que os Mundombes chamam Cabindondo.

(Continúa.)

## A RUSSIA LIVRE

(Continuado da folha 7)

### XVI

#### A POLICIA SECRETA

**P** RINCÍPIO que faz derivar os poderes do voto popular, todos os dias está tendo novas applicações e em parte alguma a sua acção regeneradora é mais evidente do que nos tribunaes. Ha vinte annos a administração justa era a mais defeituosa do governo russo.

Os vicios d'organisação que era preciso reformar, as chagas profundas que era mister cauterisar, eram uma tarefa das mais difficeis.

N'um paiz em que o chefe do estado não só reina, mas tambem governa, immensos funcionarios estão associados ao exercicio irresponsavel do poder; o seu numero excede talvez o dos

homens que compartilham da auctoridade benefica d'um rei constitucional. Com effeito um principe só tem dois olhos, dois ouvidos e duas mãos. O circulo em que pôde vêr, ouvir e obrar, é necessariamente limitado; para tudo o que quizer fazer fóra d'este limite restricto tem de recorrer a intermediarios e é sobre elle que recaem as censuras dos actos praticados pelos seus lugares-tenentes.

Os membros da policia secreta, os governadores de provincia, geraes e locaes, taes são os delegados que em nome do czar exercem o poder imperial.

A policia secreta possui uma auctoridade immensa, acima d'ella só reconhece o chefe do estado. Não tem uma esphera d'acção especial, distincta, mas domina todos os outros poderes. O seu chefe, o conde Schouvalof, é o primeiro





KAZAN : CONVENTO — Desenho de H. Clerget, segundo uma photographia



funcionario do imperio, o unico que tem o direito de, a qualquer hora, se apresentar ao czar. Nas nações orientaes o privilegio de se approximar do soberano dá a medida quasi exacta da cathegoria que se tem no estado. O direito d'audiencia está, no palacio d'Inverno, submettido a regras muito simples. Os ministros do interior, da instrucção publica, das finanças, só são recebidos pelo imperador uma vez por semana. Os ministros da hierarchia mais elevada, o da guerra por exemplo, e o dos estrangeiros, são recebidos todos os dias, mas a uma hora fixa. O ministro da policia póde entrar no gabinete imperial a qualquer hora do dia e no seu quarto de cama a qualquer hora da noite.

Ha pouco ainda o poder d'este ministro egualava a sua posição na cõrte; nos negocios internos era soberano e aconteceu a mais d'um infeliz administrador o ser sua victima depois de ter sido seu instrumento. Uma parte das suas attribuições estão agora em poder dos tribunaes, mas nem por isso a policia deixa de estar acima da lei: ella póde invalidar uma sentença e, *por medida d'administração*, enviar ao exilio um desgraçado que os tribunaes tenham absolvido.

Durante a minha estada na cidade d'Arkhangel um actor e uma actriz foram trazidos em *tarantasse* de S. Petersburgo; fizeram-os apejar na praça publica e disseram-lhes que tratassem da sua vida, mas que se lembrassem que lhes era formalmente prohibido o sahir as portas da cidade sem um salvo-conducto do governador. Ninguem sabia o crime que os dois tinham commettido. Elles não diziam nada, os jornaes tinham emmudecido; o mysterio que os envolvia prestava-se a conjecturas e a imaginação publica divagava. A supposição mais verosimil era que elles tinham representado um papel em qualquer drama da vida real. As uniões clandestinas não são tão raras na Russia, como em França e Inglaterra. Os dois exilados tinham-se, dizia-se, compromettido n'um casamento bohemio que tinha profundamente ferido o orgulho d'uma familia poderosa e como era impossivel castigar o par fugitivo, os pobres artistas tinham sido arrancados ao seu throno de lantejoulas para dar satisfação á familia irritada.

Encontraram-se pois lançados nas costas do mar Branco estes dois exilados; deviam viver em Arkhangel como podessem, até que os verdadeiros culpados tivessem obtido o perdão das suas familias. Fizeram um theatro n'uma cabana e o seu debufe foi saudado com enthusiasmo

pela sociedade elegante. O que representavam apenas merecia o nome de peças dramaticas. Eram unicamente os dois artistas, e não de grande merito, que formavam a companhia. Todavia conseguiram sustentar os espectadores acordados, executando algumas experiencias curiosas de physica e representando algumas scenas de comedias allemãs sem merecimento algum. E' d'esperar que a colera dos deuses se aplaque e que os dois personagens d'esta comedia poderão voltar para uma grande cidade capaz de prestar á sua arte um meio mais propicio.

Estes actores foram expulsos apenas por uma ordem da policia. Não foram julgados; não lhes foi permittida a defeza; não lhes deram a conhecer a natureza do crime que lhes imputavam. Um agente de policia foi em *droschki* a casa de cada um d'elles, e com esse tom de voz de que só a policia tem o privilegio, disse-lhes:

«Apromptem-se; dentro de tres horas partimos... para Arkhangel.»

Seja qual fôr a sua idade, o seu sexo, a victima não tem, em taes casos, outra coisa a fazer, se não metter, á pressa, n'uma malla os objectos mais caros e menos indispensaveis e seguir o esbirro, subir para o *droschki* e, em silencio, obedecer aos poderes occultos. Tribunal algum quereria ouvir as suas reclamações, juiz algum prestaria attenção ás suas queixas.

Infelizmente estes actos não são raros. Nas ruas da mesma Arkhangel encontrei eu uma dama que, por ter sido apenas suspeita de que, com discursos, tentava desviar os estudantes da obediencia que devem ao estado e á Igreja, foi para aqui exilada.

Como a policia, as universidades foram o objecto de reformas ditadas por um espirito conciliador e liberal. Nicolau dera aos estudantes um uniforme, o direito de usarem espada, e o titulo de officiaes da corõa. Eram considerados nobres, formavam um corpo separado no estado e quando percorriam as ruas cantando, ou quando se sentavam ás mezas de jogo, o publico via n'elles uma corporação privilegiada, á qual era sempre necessario ceder o primeiro lugar. O actual imperador, que quiz corrigir estes abusos, esforça-se por trazer esta mocidade turbulenta a habitos mais conformes com os cargos futuros que têm a desempenhar na sociedade. As espadas foram prohibidas, os uniformes foram-lhes tirados, o direito de se reunirem para cantarem nas ruas ou para patearem as peças nos theatros foi-lhes coartado. Todas as distincções foram abolidas; os



estudantes, como todas as outras classes da população civil, estão sob a alçada da policia commum e dos tribunaes ordinarios.

Como era de esperar os estudantes obedeceram contra vontade á medida que lhes arrancou a espada e o uniforme; alguns estroinas, posto que professando opiniões republicanas, suspiram pelos antigos privilegios e mesmo têm saudades do tempo em que eram chamados: «os servidores do czar».

No mez de março de 1869, esses rapazes fi-

zeram reuniões tumultuosas. O imperador sabedor do facto, enviou-lhes Trépof, o director geral da policia, homem de sã razão e de character liberal, que tornaria popular a sua administração se fôra possível ella tornar-se sympathica alguma vez.

—Que querem os estudantes? perguntou-lhe o czar.

—Duas coisas: pão e posição.

—Pão!

—Sim, meu senhor; muitos são pobres; têm



UM ADVOGADO RUSSO — Desenho de A. de Neuville, segundo uma photographia

o estomago vazio, o cerebro em actividade e a lingua afiada.

—Que se pôde fazer a esses pobres diabos?

—Algum dinheiro socegaria essa agitação; bastava agora dar umas vinte mil libras e prometter um subsidio annual aos estudantes pobres.

O dinheiro foi enviado para a universidade imperial, a fim de ser dividido segundo as necessidades dos discipulos; infelizmente o reitor e professores reputaram a dadiwa do czar como um presente a elles feita e distribuiram o dinheiro pelos seus filhos e sobrinhos, os quaes tinham posses bastantes para pagar as propinas e matriculas. Os estudantes fizeram novas reuniões e dirigiram

ao povo uma proclamação n'uma linguagem violenta, cheia de metaphoras retumbantes.

Tratando com o governo de potencia a potencia, estes doudivanas redigiram um *ultimatum* contendo quatro artigos. Pediam:

1.º—Direito de crear um club de estudantes;

2.º—Direito de se reunir e de apresentar em corporação as suas queixas aos governos;

3.º—O registro de todas as pensões concedidas aos estudantes pobres;

4.º—A abolição das propinas universitarias.

Segundo parece um partido politico retrogrado tinha aberto uma subscrição, cujo producto seria para conservar revoltados estes rapazes. Suspeitava-se mesmo que os conservado-



res empregavam como intermediarios mulheres habeis e intrigantes para fomentar a discordia no seio da universidade. Estes conspiradores de saias não eram facéis de descobrir, pois que a sua propaganda consistia em sorrisos e gracejos que faiscavam, emquanto tomavam uma chavena de café. Comtudo muitas foram presas e entre ellas a dama que encontrei nas costas do mar Branco. A suspeita de ter incitado os estudantes era o seu unico crime.

Quando a exilada chegou ao logar que lhe fôra destinado, o espanto foi geral; parecia tão fraca, tão enfraquecida do corpo e do espirito, tão desprovida d'astucia! Não tinha aptidão alguma para a intriga. Conversando-se com ella um quarto d'hora via-se bem tudo isto.

O systema de suspeita seguido pelo governo russo cahia no ridiculo.

D'um lado estava um principe, o idolo do seu paiz, protegido por uma cota de malha, defendido por um milhão de bayonetas, sem fallar na artilheria, na cavallaria e na esquadra; e do outro uma fraca creatura, com cincoenta annos de idade, sem belleza, sem adoradores, sem fortuna; que receio podia uma tal inimiga inspirar ao imperador?

Citemos mais um exemplo. Um moço, escriptor de S. Petersburgo, Dimitri Pisareff, tendo ido tomar um banho de mar foi tragado pelas ondas. Este rapaz era politico; as opiniões avançadas que defendia tinham-lhe valido muitos annos de prisão na fortaleza de S. Pedro e S. Paulo. Amnistiado pelo imperador tornara a ser escriptor. Depois da sua morte, um livreiro da cidade Parlenkoff, admirador do talento de Pisareff, abriu uma subscrição, cujo producto era destinado a collocar a estatua do escriptor sobre o seu tumulo. A policia secreta teve conhecimento do projecto e como o nome de Pisareff estava nos seus livros marcado a tinta encarnada, considerou esta tentativa de glorificar um defunto como uma censura á perseguição que em vida lhe tinha sido feita.

Parlenkoff foi, dizem, preso á porta do seu estabelecimento, mettido dentro d'um carro e, sem fórma alguma de processo, conduzido para o extremo da provincia de Viatka, a duzentas *verstes* do seu domicilio. A sua loja está novamente aberta; julgô que lhe foi concedido o voltar.

Um romancista, rapaz ainda novo, chamado Gierst, autor de obras muito apreciadas pelo publico, foi victima d'um processo ainda mais

arbitrario. No ultimo anno (1868) começara n'uma revista mensal o *Dielo (O Trabalho)* um romance intitulado *O tempo antigo*. A historia prometia ser interessante; o estylo era brilhante e nervoso. Gierst defendia a Russia do seu tempo; a obra era devorada nos collegios e nas escolas. Todos fallavam e discutiam as theses propostas pelo escriptor; comparava os homens e as cousas do passado com as esperanças e os talentos que se patenteavam no presente. A policia agitou-se; mas, como não havia razões para metter o romancista em processo, acharam mais commodo o impor-lhe silencio com uma visita feita á meia noite. Procurou-o um agente de policia com uma ordem de partir immediatamente. Uma hora depois estava a caminho. Os cavallos arrastaram-o n'uma corrida vertiginosa sem que elle soubesse para onde; viajando assim dia e noite chegou emfim a Totma, pequena e miseravel cidade da provincia de Vologda, a novecentas *verstes* de S. Petersburgo.

Ahi fizeram-o descer do carro e o que o acompanhava recommendou-lhe que não sahisse d'ali sem auctorisação do ministro da policia.

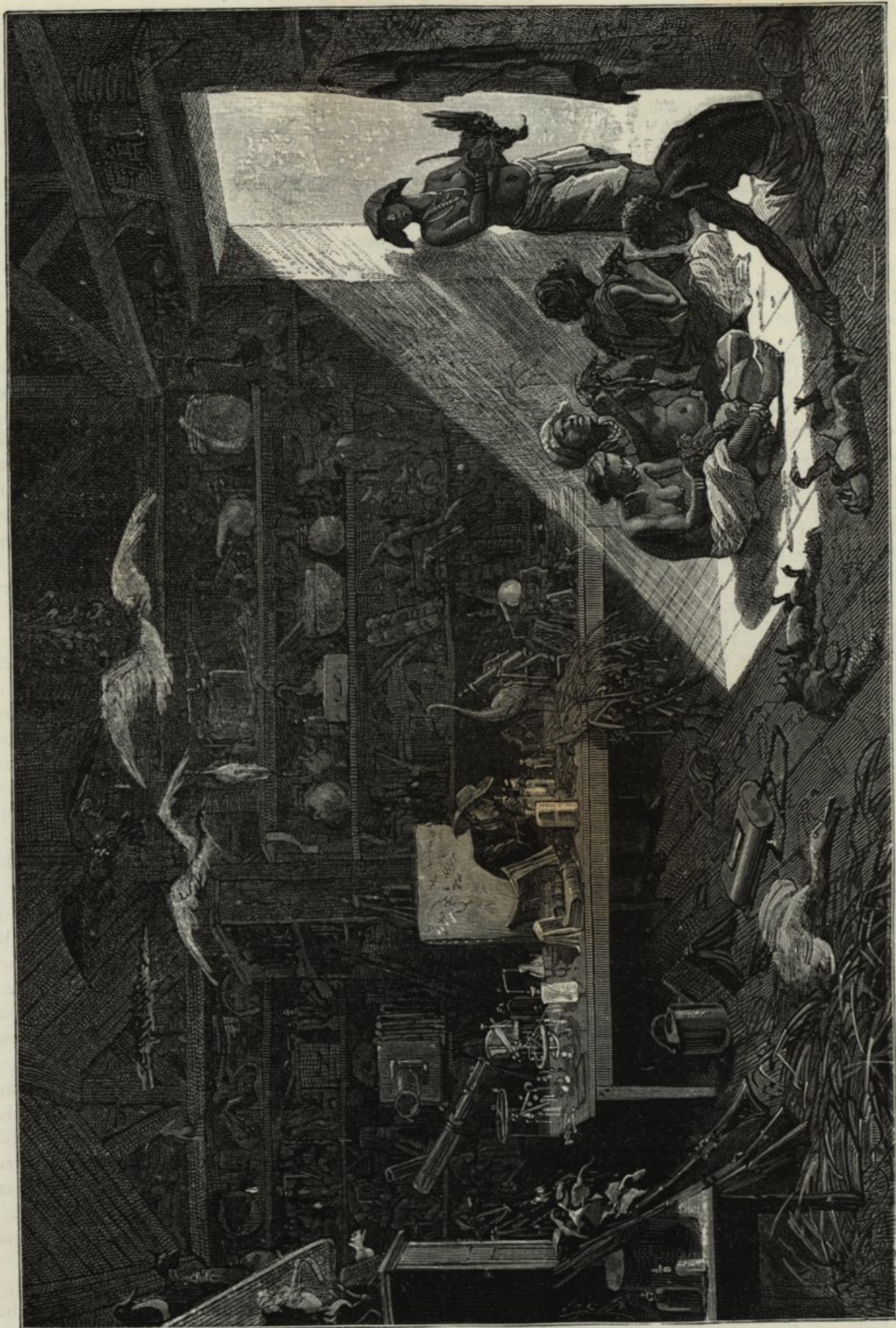
Nenhum dos amigos de Gierst sabia o que lhe tinha acontecido. A sua casa em S. Petersburgo estava vazia; o unico indicio da sua partida era a narração do creado que o vira raptar. Á imprensa foi prohibido o fallar d'este mysterioso negocio, a interrupção do romance no *Dielo* foi o unico indicio que o publico teve de que a policia prendera o escriptor. As cartas que este dirigio aos jornaes foram supprimidas como perigosas, e foi unicamente por meio d'um arдил que elle informou os seus leitores do logar em que estava desterrado.

O romancista escreveu ao director da revista desculpando-se por ter interrompido o romance. Como se limitava a dizer que não podia n'esse momento continuar a sua obra, a auctoridade não se oppoz á publicação d'este aviso. Viu-se a data que trazia a carta e o nome de Totma descobriu tudo ao publico.

Em todos os salões se riram muito da policia, e, esta furiosa por ter sido enganada, voltou o seu odio contra o espirito incisivo que pozera a descoberto os seus ridiculos. Gierst continúa exilado em Totma e o *Dielo* continúa esperando a terminação do romance começado. Uma duzia de novellas, cheias de graça, já publicadas, ainda não poderam fazer com que o publico esquecesse o romance começado e o seu infeliz autor.

(Continúa.)





INTERIOR DA CASA D'ANCHIETA — Desenho de Emilio Bayard, segundo um esboço do major Serpa Pinto



## COMO EU ATRAVESSEI A AFRICA

DO ATLANTICO AO MAR INDICO—VIAGEM DE BENGUELLA À CONTRA-COSTA—ATRAVÉS REGIÕES DESCONHECIDAS—DETERMINAÇÕES GEOGRAPHICAS E ESTUDOS ETHNOGRAPHICOS

POR

**SERPA PINTO**

PRIMEIRA PARTE

### A CARABINA D'EL-REI

(Continuado da fôlha 3)

**P**LOGAR era árido, e apenas vegetavam aqui e alem alguns espinheiros brancos, rachiticos e ressequidos pelo sol, que n'esta epocha do anno queima. O nosso horisonte era formado pelas cumiadas das montanhas que correm norte-sul.

Pela tarde chegaram Capello e Ivens, e fomos logo comer; que eu estava ainda em jejum. No dia 5 de manhã, seguimos a S. E., e depois de 4 horas de marcha, em que vencemos um espaço de 20 kilometros, assentamos campo em um logar que os guias chamaram Taramanjamba; valle extenso, cercado de cerros pouco altos. A altitude é de 600 metros, mostrando que apenas estavamos elevados 100 metros acima do nosso campo de hontem.

A vegetação continua pobre, e a falta de agua é grande.

Para beber e cozinhar, apenas obtivemos pouca, de depositos fluviaes nas cavidades das rochas; depositos que foram logo esgotados pela nossa sedenta caravana, sendo que á noite já se fazia sentir a sede.

Durante a marcha, se os jumentos continuaram a ser incommodos, não o foi menos o carneiro, que era bravissimo, e mais teimoso que os burros. Decidi matal-o, e tendo combinado isso com os meus companheiros, dei as ordens n'esse sentido aos muleques, e fui dar um passeio aos arredores.

De volta ao campo, vi que os muleques não tinham comprehendido a minha ordem, e em logar de matarem o carneiro bravo, haviam morto o manso.

No dia seguinte partimos de madrugada, e depois de cinco horas de marcha, acampamos no logar chamado Tiue, onde nos affiançaram os guias haver agua.

Contra o que eu esperava, o carneiro, não só

deixou de ser teimoso, mas pôz-se a seguir-me, fazendo-me constante companhia, já em marcha, já no campo.

A marcha n'esse dia foi difficil; porque, não só a sede abrasava a gente, mas ainda por uma hora andamos no leito secco do rio Canga, pedregoso e desnivelado, o que nos fatigou muito.

O terreno é já granitico, e a vegetação arborescente luxuriante.

Agua, como na vespera, foi da chuva, recolhida nas cavidades das rochas; mas era melhor ao paladar e mais limpida á vista.

Tinhamos alguns homens com feridas nos pés, que só chegavam tarde ao campo, porque se lhes difficultava o andar; e ainda outros que, por fracos, se atrazavam, e por preguiça muitos.

N'esse dia, entre os retardatarios figuravam os carregadores do rancho; fazendo isso que só tarde comessemos. O Capello, de si pouco communicativo, não se queixava dos incommodos que soffria; mas Ivens, loquaz e de genio alegre, não se calava e fazia-nos rir a cada passo, com os seus ditos engraçados. O appetite era já grande, quando chegaram os carregadores, e elle não desfitava os olhos de uma perna de carneiro que um muleque volteava junto da fogueira em espeto de pau, e de repente disse: «Se meu pae podesse ver como eu olho para aquella carne até chorava.»

Desde o Dombe apenas tinhamos comido uma vez no dia, e assim, a nossa gente; com a differença, porém, que elles comiam sem interrupção desde o acampar até dormir; o que me fazia receiar, que as rações distribuidas para nove dias, depressa fossem gastas, e em seguida viesse a fome, em paiz onde era impossivel obter viveres.

Avançamos 25 kilometros no dia seguinte, a E. S. E., e fomos acampar em uma floresta cha-



mada a Chalussinga; sendo o piso d'esse dia relativamente melhor, sempre por terrenos graníticos, e por entre vegetação mais vigorosa que até ali.

N'essa floresta encontramos os primeiros baobabs que desde a costa temos visto. A agua continuava a ser escassa, e sempre de depositos pluviaes. Pelas três horas d'esse dia, fomos avisados de que uma caravana se dirigia ao nosso campo, vindo do interior; e saindo logo ao seu encontro, soubemos ser o ex-chefe de Quillengues, Capitão Roza, que ia doente para Ben-guella.

Convidamol-o para a nossa barraca, onde jantou; partindo em seguida, depois de se prover de medicamentos, que gostosamente lhe offerecemos. Logo que elle partiu, fui avisado pelos muleques, de que em torno do campo se viam traças frescas de caça; e sahi a ver se a encontrava. Segui um rasto de grandes antilopes, e tão longe me levou elle, que veio a noite, e com ella as trevas, sem que podesse atinar com caminho para o campo. Uma montanha elevada projectava o seu vulto sombrio contra um ceo nebuloso, onde nem uma estrella brilhava. Tive idéa de subir a ella, para do cume, vendo o clarão dos fogos do meu campo, dirigir para ali os meus passos; idéa que executei com bom resultado, porque effectivamente enxerguei ao longe um clarão que tratei de alcançar, tendo marcado pela bussola a sua direcção. Não se imagina o que seja caminhar em noite escura por entre as sarças de uma floresta virgem, e quanto tempo se leva a transpor um curto espaço; deixando aqui e alem farrapos da roupa, senão tiras da pelle.

Cheguei por fim, já guiado pelo vozear do gentio; mas, qual não foi a minha decepção, vendo que pelo meu tinha tomado o campo do Capitão Roza, que devia estar a 6 kilometros longe d'elle! Porém, como um caminho ligava os dois campos, porque uma caravana que passa deixa trilho, endireitei por elle, e depois de uma hora de jornada, já ouvia o som das businas que os meus tocavam, e dos tiros que disparavam, para guiar os meus passos.

Foi extenuado de fadiga e molestado dos espinhos, que cheguei á minha tenda, onde Capello e Ivens não estavam livres de cuidados.

Ali tive uma noticia inquietadora, mas que não foi surpresa.

Já se sentia falta de viveres, e sobre tudo os soldados já tinham em 5 dias comido a ração de 9.

No dia seguinte forçamos a marcha um pouco mais, e percorremos em 6 horas 30 kilometros a E. S. E.

O caminho era bom, marchando no trilho da caravana do Capitão Roza. Nas florestas que atravessamos continuaram apparecendo baobabs gigantescos. Depois de passarmos o rio Calucula, acampamos na sua margem direita.

O rio leva pouca agua, mas esta é limpida e boa.

Continuavamos a comer só uma vez por dia, e a hora da refeição variava entre a 1 e 3, conforme as marchas. Era preciso poupar os viveres. Ressentido da fadiga da vespera não sahi a caçar n'esse dia, e fiquei na barraca.

O Ivens foi desenhar, como costumava; e o Capello apanhar insectos e reptis.

Os soldados terminaram as rações, e começaram a queixar-se de fome, fallando em matar o carneiro. Eu tinha-me affeçoado ao animal, que de bravo que era, se tinha tornado manso e meigo, acompanhando-me nas marchas e não me abandonando um momento. Oppuz-me a que fosse morto, e o Ivens deu aos soldados um pouco de arroz do nosso.

A 9, levantamos campo, ás 5 horas, e sustentamos a marcha até á uma; hora a que acampamos nas faldas da serra da Tama. Das 8 ás 9 horas seguimos ao sul, na margem esquerda do rio Chiculi Diengui, que vae ao N., provavelmente ao Coporolo. A vegetação é cada vez mais luxuriante, e n'esse dia o nosso caminhar foi por entre florestas espessas.

Logo que se estabeleceu o campo, renovaram-se as representações dos soldados famintos, e com ellas a ideia de matar o carneiro. O Ivens deu nova ração de arroz aos soldados, e isto, ainda que contemporisava, não era uma positiva salvação para o pobre animal.

Ainda que extremamente fatigado, resolvi ir caçar, para salvar a vida do meu carneiro.

Durante uma hora percorri a floresta sem resultado, e já voltava ao campo, quando avistei, n'uma pequena clareira, duas gazellas que pastavam.

Approximei-me, mas a mais de cem metros fui presentido. O macho saltou para sobre uma rocha, e d'ali começou a espiar a floresta com a sua vista experimentada; emquanto a femea, de orelha á escuta, investigava os arredores.

Era grande a distancia, mas não hesitei, e atirei ao macho, que vi cair fulminado para alem do rochedo. A femea, ouvindo o estampido do



tiro, saltou ligeira sobre o penhasco e eu disparei-lhe o meu segundo tiro, vendo-a em seguida pular, com um salto elegante, e desaparecer no mato.

O meu muleque correu logo a buscar o antilope morto, mas eu vi que, em lugar de parar junto do rochedo, seguiu sempre; dirigi-me para ali com o coração palpitante, porque supuz que me tinha enganado julgando ver cair o primeiro antilope. Tornei a rocha, e tive um grande alvo-

roço. O lindo animal (*Cervicapra bohor*) estava estendido sem vida.

Mal tinha tido tempo de o contemplar, quando do mato sahio o muleque curvado ao peso de grande carga.

Era o segundo antilope, que elle tinha levantado morto, a poucos passos na floresta. Ambos tinham sido feridos no peito, mas ao passo que o macho cahiu sem vida, a femea pôde effectuar uma pequena carreira.



GACONDA — Desenho de A. de Bar, segundo um esboço do major Serpa Pinto

Estava salvo o carneiro, e como em dois dias devíamos chegar a Quillengues, e ali teríamos recursos, estava salvo para sempre.

No seguinte dia, depois de marcha de 35 kilometros, e de termos passado a vao os rios Umpuro, Cumbambi e Comooluena, fomos acampar na margem direita do Vambo—que todos correm ao N., a unir as suas aguas (quando as tem), ao Coporolo, que aqui já se chama Calunga, nome que conserva até à sua nascente.

Na jornada d'esse dia começamos a encontrar gramineas enormes, nas clareiras do mato.

Tão grandes, que era impossivel ver nada com ellas, e difficil o caminhar. Durante a marcha desapareceu um meu muleque pequeno, e uma preta, mulher do muleque Catraio do Capello; e ainda que enviei gente a procural-os, não foram encontrados.

A escacez dos mantimentos era grande, e não eram já só os soldados a queixarem-se de fome, todos faziam representações, e não attendiam a razões. Tivemos de seguir.

No dia 11, depois de passarmos dois riachos que as chuvas tornam caudalosos, o Quitaqui e



o Massonge, fomos acampar na margem direita do rio Tui, muito proximo de Quillengues. Dos muleques perdidos não havia noticia, e faltava desde a vespera um jumento, que não appareceu. Enquanto se estabelecia o campo, eu segui para a fortaleza de Quillengues á busca de viveres, com que voltei ás 8 da noite. Estava decididamente salvo o meu carneiro.

N'essa noite appareceram o muleque e a preta perdidos, e isso deu-me um verdadeiro prazer; porque, forçados a marchar, pela fome, não tinhamos podido demorar-nos a procural-os.

O logar onde acampamos era baixo e pantanoso, fóra de recursos, e isolado; e por isso re-

solvemos ir acampar na libata do chefe de Quillengues, onde entramos no dia 12, pelas 11 horas.

Paguei e despedi os carregadores do Dombe e Quillengues contratados até ali; e pedi ao chefe, o tenente Roza, para me obter outros até Caconda; o que elle me certificou ser facil, dizendo-me logo, que sabia como os rios entre aquelle ponto e Caconda iam cheios, e por isso não davam passagem; o que nos impedia de partir immediatamente.

N'esse dia já comemos bem, e tivemos duas comidas, almoço e jantar.

Alguns dias depois, appareceu o jumento que



COBRA — Desenho de A. Ferdinandus, segundo um esboço do major Serpa Pinto

se tinha perdido no matto, trazido por um indigena, que o tinha encontrado. Gratifiquei bem o preto, para o incitar a ser honesto; pois que nunca julguei ver mais o pobre animal, que, se escapasse das feras, não escaparia á ladroagem dos naturaes, pensava eu.

Quillengues é um valle regado pelo Calunga (rio que eu supponho ser o curso superior do Coporolo), valle fertilissimo, e coberto de povoações indigenas.

O estabelecimento portuguez occupa uma área de 45:500 metros quadrados; por ser um rectangulo de 250 metros por 182. Este rectangulo, cercado de pallçada, tem quatro baluartes de alvenaria, a meio de cada face; e dentro uns abarracamentos, que são morada do chefe militar, e quarteis dos soldados.

Alguns baobabs e figueiras sycómoros crescem ali, assombrando com seus ramos gigantescos um terreno coberto de gramineas indigenas, onde pastam os rebanhos do chefe.

Se a importancia de Quillengues é grande como ponto productivo, e facilmente colonisavel, não o é menos como posição estrategica; pois que pode ser considerado uma das chaves do sertão interior, com respeito a Benguella.

Os sobetas do paiz reconhecem a auctoridade portugueza; mas, de natureza salteadores, atacam sem cessar outros povos indigenas, para lhes furtarem o gado.

São mais pastores do que lavradores, mas, ainda assim, cultivam a terra, que de uberrima suppre o pouco trato; produzindo milho, mas-sambala, e mandioca, em quantidade grande.



As suas habitações são cubatas circulares, de 3 a 4 metros de diametro, construídas de grossos troncos de madeira, revestidas de barro. A porta é bastante alta, para dar entrada a um homem sem se curvar.

Os Quillengues, são de estatura elevada, e robustos, atrevidos e guerreiros. São pouco industriais, e apenas fabricam o ferro, fazendo azagaias, ferros de frechas, e machados, já de guerra, já de cortar madeira.

As enxadas não as forjam, e são por elles compradas no Dombe, ou em Benguella.

Os seus curraes, são como as povoações, cercados de forte paliçada; sendo esta revestida exteriormente de abatizes espinhosos, para evitar o assalto nocturno de feras.

Os campos de mandioca são igualmente cercados de espinheiros; porque ali abundam corças pequenas (*Cephalophus mergens*), que das folhas são ávidas, e causam grande damno às plantações.

A aguardente é genero muito estimado pelos Quillengues, e são elles tão dados á embriaguez, que, durante tres mezes no anno, tanto quanto dura o fructo do gongo, fazem d'elle uma bebida fermentada, com que estão continuamente embriagados; não sendo possível obter d'elles o menor serviço.

Quando um homem quer casar-se, envia ao pae da escolhida um presente, que deve ser pelo menos de 4 metros de panno da costa, e duas garrafas de aguardente; e logo com o portador vem a noiva e seus parentes comer, em grande bródio, um boi, que deve offerecer-lhes o noivo. O adulterio é coisa de grande estimação para os maridos; sendo que por lei fazem pagar ao amante multa, que se traduz em gado e aguardente.

A mulher que não tem commettido algum adulterio é mal vista do marido, por não augmentar os seus haveres por esse meio.

Logo que alguma commette a falta, vae ao marido queixar-se de que foi seduzida, e entre elles faz prova a accusação da mulher.

Entre o povo, os cadaveres são enterrados em logar escolhido, e conduzidos á cova n'uma pelle de boi, cobertos de panno de algodão branco. Os dias de nojo, são dias de grande festa em casa do finado. Os sobetas têm sepultura reservada, e são ali conduzidos dentro de uma pelle de boi preparada em odre, depois de lhe vestirem as melhores roupas.

Nas festas d'obito ha mortandade enorme de

gado, porque o herdeiro tem obrigação de matar todo o rebanho, para regalar o seu povo, e contentar a alma do finado.

No dia 22, houve um desastroso acontecimento no nosso campo.

Um dos meus muleques furtou-me uma bala explosiva do systema Pertuisset; e de companhia com dois outros, decidiram repartil-a de modo que a cada um tocasse seu pedaço de chumbo. Armaram-se de uma faca, e posta a bala sobre uma pedra deu-lhe elle um golpe, estando os outros dois acorados para melhor ver a partilha; quando subito a bala faz explosão, ficando os tres feridos, e sobre tudo o muleque de Silva Porto Calomo, que recebeu treze estilhaços, produzindo alguns, feridas profundas.

Mandamos uns pretos reconhecer, se já dariam vão os rios; e por elles soubemos, que se conservavam altos; o que bem supponhamos, porque, durante a nossa estada ali, não cessou de chover. Resolvemos então seguir outro caminho, o qual, ainda que mais longo, era mais enxuto de aguas; e por isso, pedimos ao chefe nos tivesse promptos os carregadores; o que elle fez, distribuindo eu as cargas no dia 23; mas n'esse dia senti-me muito mal, e ainda que fiz seguir as cargas, fiquei eu, e os meus companheiros por meu respeito. Lutei com violenta febre por tres dias, e não tenho consciencia de ter passado o dia 25; dia duplamente festivo para mim, porque, sendo o de Natal, é o anniversario de minha filha.

Tiveram cuidado de mim Capello e Ivens, o chefe Roza e sua esposa; e no dia 28, pude levantar-me e sair, decidindo logo partir no 1.º de janeiro de 1878, isto é, tres dias depois.

A esposa do tenente Roza fez-me dois presentes, que eu mal sabia então estavam destinados a representar um papel, ao diante, na minha viagem.

Foram elles um serviço de chá de porcelana de Sévres, e uma cabrinha muito meiga, de raça pequena, a que puz o nome de Cora.

A esse tempo succedeu um desastre, que deveras me contristou. O meu carneiro, por causa de quem eu tive de sustentar tantas lutas com os carregadores famintos, foi morto por uma cadella perdigueira, que eu levava de Portugal, e dera ao Capello. Perseguido pela cadella, na fuga quebrou uma perna ao passar por entre a paliçada do campo, e em breve se finou. Foi o meu primeiro grande desgosto n'esta viagem, tão abundante d'elles.

(Continúa.)



## SUPERSTIÇÕES POPULARES EM PORTUGAL

(Continuado da folha 9)

**F**XISTEM muitas superstições dos Bascos communs a Portugal; conhecido o character supersticioso dos antigos Vasconios, notado por Strabão sobretudo na pratica dos agouros, e modernamente por Boucher de Perther, importa colligir essa serie de factos semelhantes para recompôr esse fundo persistente da credulidade primitiva. A superstição de *treze á meza*, tendo de morrer um dos convivas dentro d'aquelle anno; o *espirro*, como mau presagio, que tem de ser desviado por uma saudação; o *saleiro derramado* á meza; as *facas encruzadas*; o *pio do mocho*; o *uivo do cão*; o character aziago da sexta feira, que se conserva no anexam popular:

A' sexta feira  
Não cases a filha,  
Nem lances a téa.

todas estas superstições são communs ao occidente da Europa, e d'aqui derivamos a importancia e a explicação das similhanças entre Portugal e o povo basco. Na Biscaia n'uma familia de sete filhos, um d'elles é marcado com uma cruz sobre a lingua, e tem a virtude de curar pela succão as feridas feitas por cão danado. Nas ilhas dos Açores ha esta superstição com umas leves modificações: Se uma mulher tiver sete filhos consecutivamente todos do sexo masculino, o mais novo de todos fica *lobishomem*, tendo de vez em quando de transformar-se em animal nocturno para *correr o seu fado*. Logo que anoitece, esse fadario começa, transformando-se em lobo, em porco, ou em burro, ou qualquer outro animal, voltando á fôrma natural só depois de uma vacação forçada e quando começa o despontar da aurora. Se durante a sua vacação é encontrado por alguém, se o ferirem e lhe *fizerem sangue* volta immediatamente á fôrma humana; é por isso que na crença dos Açores o lobishomem procura os individuos no seu caminho para ser ferido, e leva-os a todas as distancias com uma obediencia pasmosa. Esta superstição é hoje explicada como uma hallucinação morbida chamada *lycanthropia*.

Da terça feira, *dia aziago*, diz Prestes no Auto do *Mouro encantado*:

GRIMANEZA: Hoje me ergui  
triste, melanconisada.  
FERNÃO: Que dia he hoje? *terça feira*;  
vêde quando vos erguestes  
se posestes  
os olhos n'alguma *peneira*?  
GRIMANEZA: D'isso é.

FERNÃO: Agora sou bestes  
penetra-vos cem mil pestes,  
verdes *peneira* ou *joeira*  
ou *trepem*, ou *gato preto*,  
ou *meio alqueire pendurado*  
*ás terças* não é joquete. <sup>1</sup>

.....  
São isso agouros de velhas,  
sois d'essas que tudo crêm  
d'essas que veem  
o *homem das calças vermelhas*,  
e o *pesadello* tambem,  
*da mão furada*, e que tem  
arrecadas nas orelhas.  
Crede em Deus, de meu conselho,  
não tenhaes á casa entejo.

GRIMANEZA: Olhae cá, eu não golhelho,  
o que quer é que *no espelho*  
quando me vejo eu o vejo.

N'este mesmo Auto, Prestes allude á crença da conversão do thezouro encantado em carvão:

Que porque vol-a mostrei  
Carvão achei. (p. 409)  
..... armastes  
Muitos contos, taes enleios  
que *tudo em carvão* achastes. <sup>2</sup>

A adivinhação pela joeira, apparece citada em Inglaterra no poema de *Hudibras*, dizendo: «o oraculo do crivo, e das thezouras, cujo movimento é tão seguro como o das esferas.» Tylor descreve estas praticas do movimento da peneira tendo uma thezoura espetada no áro, que no seculo XIX reviveram nas classes elevadas no furor das mesas dansantes. O mesmo costume de adivinhar por *peneira* ou crivo (axinomancia) acha-se

<sup>1</sup> D. Francisco Manoel de Mello allude a esta crença: «Fadas de mãe, são como thezouros de Moira encantada ou escondida; ao primeiro és não és, eis *carvão tudo*.» Apologos dialogues, p. 62.

<sup>2</sup> *Autos*, de Prestes, p. 353.



tambem na Russia, o que nos leva a attribuil-o a uma camada ethnica mongolica. <sup>1</sup>

Nas superstições populares, a *figa* é um preservativo contra os feitiços ou jetatura; é o resto do symbolo phalico da mão, figurado na seguinte fôrma: passa-se o dedo polegar por entre o indicador e o dedo grande, tendo assim uma grande virtude contra os sortilegios e *mau olhado*. Faz-se com a mão ao natural, e considera-se um gesto insultuoso; e fabrica-se como amuleto, para se pendurar ao pescoço das crianças, tornando-se tambem um objecto de ornato segundo é feito em ouro, prata, coralina. Em um Auto de Antonio Prestes, allude-se á jetatura, e ao amuleto commum a todo o occidente europeu:

Lanço-te uma pulha de um ganço  
que quando comeres migas  
para ti se tornem *figas*,  
até, villão, barbas de picanço  
benzedeiro de bexigas  
curas leicenços a grou! <sup>2</sup>

De l'Ancre, no *Tableau de l'inconstance des mauvais auge*s, falla d'este uso nas povoações bascas, com a terrivel curiosidade de um sanguinario perseguidor da feiticeria: «Usam para impedir os maleficios, e sobretudo para resguardar dos feitiços e do quebranto (fascinação) de uma especie de amuleto bastante vergonhoso, o qual trazem commumente as feiticeiras *remediees* e as crianças e moças que acostumaram a ir ao sabbat. Chamam *remediees* as que se desenfiteçaram e estão fóra do pacto do diabo, e que não vão ao sabbat. É uma mão de ouro, de prata, de chumbo, de jayet ou de couro, de todas estas materias as tenho visto, a qual tem o polegar passado entre os dois primeiros dedos. Os hespanhoes chamam-lhe *higo*. Os Bascos tem-as por causa da visinhança da Hespanha; não conheço nenhum logar em França, onde fazer uma *figa*, a que na Gasconha chamamos *la higue*, não seja uma acção vergonhosa e sobretudo indigna do pudor de uma mulher honesta, e mais ainda de uma donzella, para fazer o gesto ou trazel-a ao pescoço. E em verdade, aquelle que em França faz a *figa* a um outro, é como acto de colera, de desdem ou de desprezo.» <sup>3</sup>

<sup>1</sup> Guthrie, *Antiquités de Russie*, p. 81.

<sup>2</sup> Autos, p. 459. Ed. do Porto.

<sup>3</sup> Op. cit., p. 363. Ap. Francisque Michel, *Le Pays Basque*, p. 173.

À maneira dos bascos, tambem em Portugal se acredita que as velhas têm uma predisposição para as bruxarias; é ao sabbado que ellas se reúnem em conciliabulo sob a presidencia do diabo. Na Biscaia chama-se a esta assembléa *akhe larria*, e em Portugal, *senzala*. Em uma nota da sua versão das *Fabulas de Lafontaine*, diz Filinto Elysio: «Eu ouvi algumas velhas chamar *senzala* ao conciliabulo e sitio, em que, (segundo a crença do vulgo) se ajuntam na noite de sabbado as bruxas e feiticeiras, e onde aprendem os arcanos mais profundos da bruxaria; dos quaes é ali lente de borla preta o *Cão-Tinhoso*, a quem ellas adoram, e a quem em signal de adoração, beijam, (segundo a narração das velhas) o trazeiro. E perguntando-lhes eu porque razão lhe chamavam *senzala*, me responderam, que pela muita parecença que tinham ellas negras e os demonios tambem negros, com as casas dos pretos, que no Brazil se chamam *Senzalas*. — Tambem as velhas me contaram, que as bruxas se transformavam em diversas figuras, conforme o emprego que intentavam dar ao seu genio malfazejo.» <sup>1</sup>

As almas do outro mundo tambem voltam cá a exigir algum serviço que as despene; é por isso que se lhes chama entre nós *almas penadas*; costuma-se *requerer*, ou perguntar-lhes o que pretendem; entre os bascos este costume tem quasi o mesmo nome, é *errequeritcia*. Tanto em Portugal como entre os bascos uma *estrella cadente* é uma alma que entra no céu; o povo do Minho, quando observa este phenomeno metereologico, diz sempre: «Nossa Senhora te guie!» O canto do gallo tambem tem entre os dois povos um grande poder contra a feiticeria; é por isso que á meia noite cessam todos os poderes magicos.

O *Entreaberto* da superstição dos Açores ou o Encantado da credulidade continental, é o *Bassa-Jaon*, ou o senhor-selvagem dos Pyreneos. *Accender candeias* era uma superstição que ainda no seculo xiv apparece no Cancioneiro do Vaticano.

A *corda do enforcado* tem uma virtude contra a papeira; em Portugal costumava-se no tempo do absolutismo, em que funcionava a forca, guardar um pedaço de corda de enforcado, que tinha virtudes analogas á da vela benta.

De l'Ancre cita a superstição do *pezadello*, em Hespanha conhecida pelo nome de *pezadilla* e em França *chauchepoulet*, attribuida por este demo-

<sup>1</sup> Trad. das *Fabulas*, p. 302.



nophobo ao contacto de qualquer feiticeira; <sup>1</sup> pertence tambem a todo o occidente da Europa, e é simultaneo com o anexam popular:

Das grandes cêas  
Estão as sepulturas cheas.

<sup>1</sup> Sobre as superstições dos bascos, vid. *Le Pays basque*, de Francisque Michel, p. 177 a 181, com bastantes dados comparativos.

Entre os portuguezes encontram-se tambem as imagens ou *carantulas*, empregadas como sortilegios entre os bascos; este uso acha-se prohibido no tempo de D. João I, e liga-se aos *Ex-Votos* religiosos.

(Continúa.)

THEOPHILO BRAGA.

## CRUZEIROS NA COSTA D'AFRICA

(Continuado da folha 5)

**A** ESCRAVIDÃO é perpetua no Grã-Bassam. O *taedium vitæ* apodera-se algumas vezes d'estes infelizes; n'este caso declaram que estão cançados de viver. Os Jacks, cedendo ao pedido, dão-lhes uma garrafa de rum que os embebeda e o carrasco da-lhes então uma paulada na nuca que os mata. O cadaver é abandonado aos abutres e ás feras. No Grande-Bouba as coisas não se fazem tão simplesmente; o senhor do escravo leva-o ao chefe da sua aldeia. Este chefe depois de ter feito ao escravo todas as observações possiveis, marca dia para o seu julgamento. Os anciões formam o tribunal; o paciente é collocado no centro; é raro que o escravo mude d'ideia; é para elles uma questão d'honra o não trepidar deante de uma sociedade no ultimo degrau de cuja escala a sorte os collocou e respondem affirmativamente a todas as perguntas que lhe fazem. Esgotados todos os argumentos, o chefe manda atar o escravo a uma arvore e toda a assembleia se lança sobre elle com a ferocidade d'animaes ferozes; n'um instante é o infeliz esquartejado. Cada um dos auctores d'esta horriavel tragedia paga uma pequena quantia ao senhor do escravo que assim fica totalmente indemnisado e pôde comprar um outro que seja menos melancolico.

Os sacrificios humanos são feitos por occasião das festas dos inhames, que geralmente caem no dia da lua de outubro. Ha tambem outros sacrificios sem epocha designada. Em Badou, um dos meus officiaes por acaso viu uma d'essas saturnaes; os guerreiros tinham a cara e corpo serapintados de raios vermelhos e pretos; tiros de espingarda fusilavam de todos os lados, davam-os entre as pernas do homem que ia ser sacrificado; era uma orgia desenfreada de polvora.

A victima estava atada a uma arvore. O interrogatorio e o julgamento são solemnes. A morte deve ser voluntaria e dada d'um só golpe pelo chefe. A carne dividida em bocados é immediatamente comida. É o holocausto offerecido para resgatar os peccados da nação e tornar os deuses propicios.

Os maridos têm o direito de vida e de morte sobre as esposas, direito de que muitas vezes abusam. Eu vi um chefe com a cabeça rapada; em geral é este o signal de luto. Perguntei-lhe porque se tinha rapado, e elle, com a mais completa tranquillidade, respondeu-me, continuando a tecer um cesto para a pesca:

«Matei minha mulher.»

Recuei tres passos; o homem não tinha a menor consciencia do seu crime, e accrescentou com a mesma inflexão:

«Matára meu filho com maleficios.»

Era falso. Esse filho, que o era d'outra mulher, tinha sido tratado com os disvellos de mãe pela victima; disse-lh'o e elle negou.

«Mas onde está o mal? perguntou-me elle: estava velha, não podia ter filhos, sobrecarregava-me; arranjei uma nova para o seu logar.»

Era d'um positivismo revoltante. Affastei-me e elle muito socegado continuou a tecer o instrumento com que devia ganhar o sustento da familia.

Algumas vezes os grandes chefes trazem uma faca na perna; é a faca do sangue. Só entra na bainha depois do condemnado ter cessado de viver: é o superlativo no direito de vida e de morte.

Basta de crimes: fallemos nas pescarias.

As pescarias no Grã-Bassam são muito artisticamente feitas. A pesca faz-se, espetando estacas no lodo em que se apoiam caniçadas, que



no meio das aguas formam mil desenhos extravagantes, verdadeiros labyrinthos em que o peixe se atordôa. Estes aparelhos de pesca algumas vezes tomam a lagôa d'um lado ao outro: o pescador agarra o peixe á tarrafa, que atira com uma grande destreza, ou com aparelhos feitos de vime que são postos de dia e tirados pela manhã.

Foram precisas muitas negociações para que deixassem passar os nossos barcos pelo meio dos aparelhos de pesca.

A pesca constitue para a lagôa uma industria de primeira ordem. O peixe é secco sobre grades de cannas e serve de alimento ou de meio de troca.

### XVIII

Aldeias da costa do Ouro—Brebio—Numba—A favorita do collar d'ouro—Azêite de palma—Mimica—A cantora—A supplicante—Fatma—Tupa e o chefe Matafué—Os Bombourys e o seu chefe Bomdio.

Algumas visitas por mim feitas ás aldeias do interior habilitaram-me a poder apreciar a maneira de viver dos seus habitantes e a reconhecer a topographia d'algumas localidades.

Débrimu, pouco mais ou menos situada a seis kilometros de Dabou, é a primeira que nos vae dar assumpto para algumas observações. Esta aldeia está edificada no meio d'uma grande planicie e é dividida em tres cantões distinctos, cada um dos quaes obedece a um chefe particular: as ruas são largas e limitadas por uma paliçada exterior de defeza. As chuvas têm cavado no solo largos barrancos que ninguem se lembra de nivelar.

O terreno que se percorre para lá chegar é pouco accidentado. Grandes savanas estendem-se dos dois lados d'um caminho bem calcado e que formosas arvores assombriam. Os rebanhos de Kacacré, pequena aldeia intermediaria, pastam no meio d'estes prados. A sua pelle zebrada de branco, negro e vermelho, desenha-se na sombra projectada no flanco das colinas d'Acrédiu. O mais completo socego reina durante o dia n'esta planicie, em que o sol ardente faz levantar um nevoeiro esbranquiçado que muitas vezes produz refrações. Sob a influencia d'estas miragens, os objectos distantes parecem agitados por um tremor singular que fatiga a vista.

De espaço a espaço apparecem algumas depressões nos terrenos, onde se empoçam as aguas que correm pelos declives rapidos. Alguns troncos d'arvores, que o acaso lançou por terra, for-

mam pontes rusticas que servem de passagem por cima d'estes pantanos.

Cantos longinquos quebram o silencio. São os Crumanos que rolam pipas d'azeite de palma: depois uma fila de mulheres e de creanças avista-se. Posto que bem carregadas a elegancia do seu corpo eleva-se airosa. Transportam azeite e provisões para a bahia de Dabou.

Passados que são estes grupos, os papagaios soltam alguns gritos estridulos e a cigarra, a unica senhora d'estas vastas solidões, vae, pouco a pouco, esmorecendo no seu cantar e o silencio absoluto reina n'estas vastas amplidões.

Perto de Débrimu ha pequenas colinas cujos flancos são rasgados pelas torrentes pluviaes; é n'estes declives que as palmeiras começam a ser cultivadas e é á sua sombra que nós percorremos o ultimo kilometro.

Atravessando ruas vergonhosamente porcas fui a casa de Brebio, o negociante com quem mais relações tinhamos. Brebio é alto, tem a fronte espaçosa e nas circumstancias graves cobre a cabeça com um chapéu de bispo, não se sabe de d'onde, e que se perdeu em Débrimu. É cego d'um olho e o que tem vista, tem um olhar petulante. A sua cubata é mediocre e não está á altura da importancia que o dono se quer dar. A sua mulher e os seus filhos correm a buscar, onde nos sentemos; eu mandei buscar o cesto onde trazia o almoço e, depois de ter comido com magnifico appetite, percorremos a aldeia.

O ruido d'uma musica infernal attraheu-nos para um logar pitoresco, onde grandes arvores davão uma sombra e uma frescura que em outra parte se não encontrava; com um grande jubilo respiramos a brisa que dulcificava a athmosfera.

Logo que nos avistaram os musicos redobram no barulho; as flautas e os cavados cornos produzem sons roucos; os tambores atordoam-nos. Approximei-me para descobrir a causa d'esta inferneira e vi um amigo, Numba, o negociante d'Alindja de Jacks-Jacks, cuja gordura reluzia ao sol. Um pequeno chapéu de copa molle cobria-lhe a cabeça; os seus dedos estavam cobertos de anneis. Trazia uma tanga das mais brilhantes em que reluziam todas as côres do arco iris.

Seis ou sete das suas mulheres estavam sentadas no mesmo plano; as orelhas d'estas deformavam-se sob o pezo dos grossos brincos n'ellas dependurados; os braços e as pernas tinham-os guarnecidos de grossos-braceletes, pesando cada



um dez ou doze onças; o pescoço e o peito estavam adornados com collares.

Este luxo fez-nos lembrar que estávamos na costa do Ouro. O mosaico n'estas joias casa as suas diversas côres <sup>1</sup> com o azul do lapis-lazuli que vale em ouro o seu peso. A favorita tinha um collar de dentes de tigre; mas o vil phosphato que servira ao carnívoro para dilacerar as suas presas transformara-se, graças á habilidade dos ourives de Baouré. Os seus tornozelos estavam adornados com identicas obras d'arte. Muitos formosos olhos europeus invejariam a sorte d'esta negra favorita, que com tão ricas joias se parmentava.

Um alpendre feito com alguns ramos verdes entrelaçados, e coberto, como o tecto das cubatas, com folhas de palmeira, abrigava os thesouros de Numba fechados em grandes cofres.

Esta construção tinha por fim abrigar os que vagueavam em volta d'ella. Os aneis, os brincos, o cabello bem penteado das mulheres, o verniz de bronze que lhe cobre os membros e que ellas dão com o azeite de palma, o pequeno chapéu molle de Numba, a sua grande barriga faziam despertar bastantes invejas; muitos esperavam um dia poder alcançar aquelle cubizado luxo. Não era a ostentação insolente da opulencia; era um incentivo ao trabalho assiduo e honesto, um incentivo á cultura do azeite de palma.

Parei para observar este mercado. De tempos a tempos grupos vestidos de farrapos, que contrastavam com o luxo do negociante, aproximavam-se do alpendre; eram os corretores clandestinos que offereciam os seus productos. Se as suas offertas eram aceites os Crumanos tiravam immediatamente das caixas a quantidade de peças de estofa, as espingardas e os barris de polvora ajustados. Numba podia contar em pouco tempo com umas poucas de pipas d'azeite e os felizes que tinham tido credito levavam parte do preço adiantado. Os negociantes de Bristol podiam contar com os productos, por que no fim de contas eram elles os que adiantavam os objectos de troca.

O azeite vende-se em vasilhas que contém de vinte e oito a trinta litros: deve conter oito galões, mas o gallão varia, seguindo-se d'aqui disputas sem fim entre o vendedor e o comprador.

<sup>1</sup> Os mais antigos mosaicos encontram-se nos tumulos. Algumas vezes o seu valor é o duplo do seu peso d'ouro. Os lapis-lazuli são identicos aos que se veem nas *vitrines* do Museu egypcio no Louvre.

Quantas vezes não fui eu obrigado a ouvir as queixas d'uns e d'outros. Mas é preciso não intervir n'estas discussões: uma decisão qualquer não satisfaria nenhum dos contendores. Os negociantes passam a sua vida n'estas discussões.

Voltemos ao forte de Dabou que se assemelha a um pequeno castello situado no centro de jardins. No equador anoitece cedo; os fogos do acampamento estão accesos. Se de dia tudo está silencioso, a noite desperta os animaes entorpecidos pelos raios solares. Os morcegos lançam gritos agudos, o coaxar dos reptis produz um barulho que afugenta o somno, as relas verdes, escondidas entre as folhas, dominam todo este infernal concerto que se prolonga até á aurora; é unicamente então que se pode repousar.

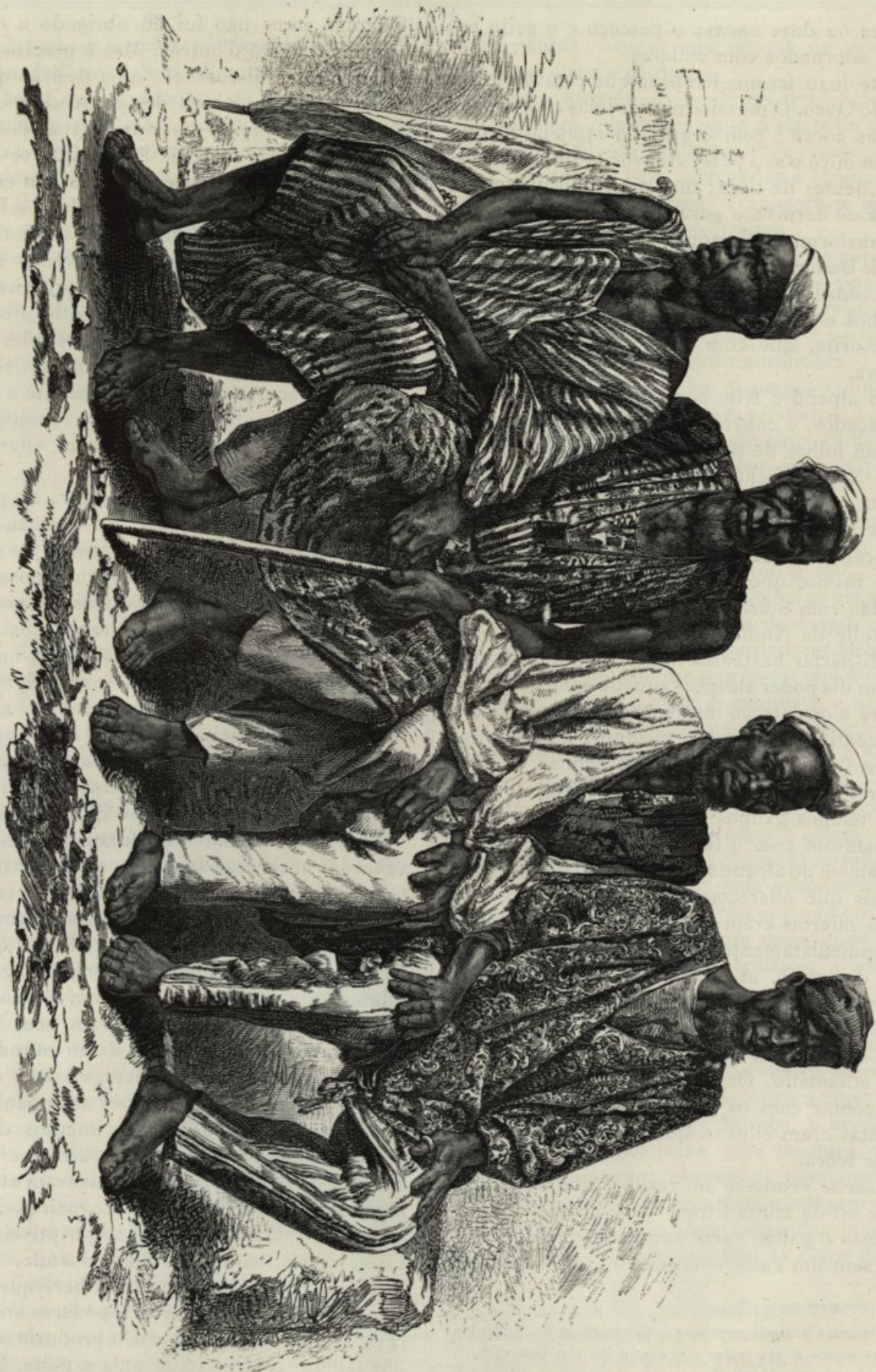
Os meus Crumanos quizeram offerecer-me uma festa africana.

Connanghoi, o Bambara, figura na primeira scena que representa a caça ao homem. O Indio nunca foi tão insigne em agilidade. Os dois adversarios expiam-se, levantam cuidadosamente a cabeça, encolhem-se como o tigre quando faz o salto; a lucta chega ao seu termo; os dois adversarios susteem a respiração, nem uma folha bole junto dos seus corpos immoveis; ouve-se um tiro: Connanghoi é o vencedor; agarra o inimigo pelos cabellos e como tropheo apresenta uma cabeça ensanguentada. Felizmente para o vencido, que apparece segundos depois, um ma-nequim bastára ao triumpho de Connanghoi.

Era mister cantar esta façanha; a esposa do vencedor encarrega-se d'isso; vestio um farto vestido de musselina, que a cobre da cabeça até aos pés; as mangas largas cahem-lhe amplamente aos lados; o vestido não está apertado por qualquer cinto. Começou a cantar em tom tão agudo que julguei que dentro d'ella algum orgão importante rebentaria; os dós estavam bem longe de nós; eramos transportados a um mundo ideal, onde as *fioritures* se succediam com uma cadencia sobre-humana; os pés acompanhavam a cadencia do rythmo; os movimentos do corpo eram graciosos e suaves; os braços marcavam o compasso; levantavam-se e abaixavam alternadamente. O vestido, á luz das fogueiras do acampamento, tomava aspectos indiscriptiveis e parecia as vestes fluctuantes d'um duende.

A garganta d'aço d'esta mulher, que parecia ter arrancado a sua força a poderes sobrenaturaes, acabou comtudo por não produzir som; não por fadiga: estaria assim toda a noite. E' costume das carpideiras o estarem dias inteiros arre-





PEREGRINOS BAMBARAS — Deseño de P. Sallier, segundo una photographia



meçando aos ares gritos estridentes; mas n'esta ocasião a peça acabara, e scenas mais reaes e mais serias nos esperavam.

Uma viuva veio implorar a minha piedade. Já tinha sido feliz; o seu marido fôra um chefe respeitado do Kong; a guerra atraçoara-o; perdera o poder e a vida; ella subtraira-se á escravidão, condição dos vencidos. Esta região deralhe uma hospitalidade precaria, os Bambaras tinham-a chamado para Dabou. Approximou-se de mim semi-inclinada; esta posição devia ser

em extremo fatigante, pois que a infeliz arrastava-se cadenciadamente, pondo unicamente no chão os calcanhares e marcava o rythmo com um canto cujas notas eram tão agudas que se assemelhavam a gritos d'aves. A velha retirou-se com o mesmo cerimonial.

Chamei a filha, então casada com um caçador, para saber o que significára esta pantomima; ella respondeu-me que era da etiqueta apresentarem-se assim ante os principes bambaras.

Em seguida apresentaram-me Fatma, a ca-



CANTOU KAN, CHEFE D'ABRA — Desenho de E. Bayard, segundo uma photographia

ptiva do alto Senegal; gastára dois annos em percorrer o espaço que separa Kaarta da Costa d'Ouro. Disse-me ella que depois do seu captivo mudara muitas vezes de senhor; trazia uma creança pela mão. Affirmou-me que, no longo caminho percorrido, encontrara tribus de gente branca; um caçador, seu visinho d'aldeia no alto Senegal, reconhecera-a e recolhera-a juntamente com sua filha que parecia ter quatro annos. Queria tornar a ver Kaarta, a sua patria, mas ambas eram escravas; era preciso pagarem-se ao seu senhor, que era tanto mais exigente, quanto interessante reputava l'atma. Não

a queria vender por menos de quatrocentos francos, o que sem exagero é o preço de quatro escravos.

Subscrevi com cem francos; dei assim o impulso a esta obra meritoria; toda aquella gente se entusiasmou e a quantia exigida pelo resgate da preta foi immediatamente coberta. Fatma ficou livre e quando a guarnição do posto fôr rendida poderá tornar a ver o alto Senegal, a sua querida patria.

Uma excursão a Tupa não é sem interesse. Situada ao fundo d'uma bahia estreita e profunda que se abre a curta distancia do porto Dabou,



Tupa é o centro da produção do azeite; as palmeiras attingem ali vinte metros d'altura. Os pretos sobem rapidamente pelos troncos cylindricos. Estes pretos levam consigo um podão semelhante aos dos podadores das nossas vinhas: é necessario que o podão esteja bem afiado e seja manejado com braço vigoroso, porque d'um só golpe deve cortar o pedunculo do cacho; pedunculo que é mais grosso do que um braço: separado do tronco, o cacho cae com tanta força que alguns fructos se esmagam; mas o mal não é grande, pois são destinados a serem pisados. Os carregadores agarram no cacho e, segundo o seu peso, enfiam no pau em que os transportam aos hombros um, ou mais; a fabrica do azeite não fica distante; os vapores que sobem, o cheiro balsamico que se exhala do azeite de palma bastariam para indicar o que alli se está fazendo, se a cadencia das massas que cahem dentro dos almofarizes, os gritos das mulheres e o bater das palmas não fossem indicações ainda mais seguras.

O cacho é rapidamente despojado dos fructos que variam de tamanho, sendo uns como os ovos de pata e outros como ovos de pomba; o parenchima é que contém o oleo precioso, objecto de largo commercio. Desde que este producto atravessou os mares, a Europa extrahe d'elle a saponina que se transforma em sabão e a parafina que illumina as nossas sallas.

O fructo é lançado n'uma bacia de cobre ou n'uma grande caldeira de folha de ferro, onde soffre uma ligeira cosedura. E é depois d'assim terem fervido, que os fructos passam para o almofariz; depois de pisadas as substancias vão outra vez ao lume. Depois d'esta decantação a massa

vae para a prensa e em seguida é mettida em saccos de panno muito forte atravez do qual escorre o oleo, ficando dentro as substancias inuteis; o oleo, é aparado em cabaças ou potes comprados para este fim. Antes de ser expedido para os mercados da Europa o oleo é clarificado.

Uma pipa d'oleo com o peso de mil kilogrammas custa em Bassam, segundo a colheita e as epochas, entre duzentos e trezentos francos e em Londres ou Marselha, vale mil ou mil e duzentos francos. São precisos quatro ou cinco mezes para comprar trezentas pipas d'este azeite.

Matafué, o chefe de Tupa, é nosso amigo fiel. A sua cubata é inferior ás que visitei no Grã-Bassam; é pequena e defumada. Para se chegar junto d'este nosso amigo é preciso passar por uma abertura, ao mesmo tempo janella e porta. Matafué é alto, ossudo e usa na cabeça um chapéo de copa molle.

Bandio é o chefe dos temidos Bomburys. Dez annos d'hostilidades tinham augmentado a excitação selvagem d'este povo que eu pude trazer a melhores sentimentos. Tinha promettido o ir vel-os e cumpri a minha promessa.

Quando cheguei em frente de Mapoyanna apresentou-se na praia um grande numero d'homens, mas para decidir Bandio a vir ao navio em que eu estava foi preciso que um official fosse para terra como refens. Bandio ficou tranzido de medo, quando se vio junto de mim; o bom acolhimento que lhe fiz socegou-o e estava já completamente senhor de si, quando se assentou á meza. Preferio a todos os manjares uma caixa de sardinhas; queria que o *enchessem d'aquelles pequenos peixes*.

(Continúa.)

## VIAGENS DE ANTONIO TENREIRO

(TRANSCRIPÇÃO)

(Continuado da folha 4)

**F**'ESTA uma cidade onde todos os habitantes são mouros, turquimães e persas, que vivem do commercio, criações de gados e lavoura, porque tem do lado do oriente grandes campos. Dormiram aqui uma noite e no seguinte dia, tendo caminhado duas jornadas, chegaram a outra cidade chamada Sultunia, que é muralhada e tem bellos edificios, pelos quaes

mostrava ter pertencido aos gregos. É habitada da mesma gente que a antecedente e tem muito commercio. Foi onde se refugiou o Sufi quando foi desbaratado pelo Grã-turco. D'aqui partiram para o norte sempre por terras habitadas. Dois dias depois chegaram a uma grande cidade chamada Augão, muito antiga. Estiveram aqui dois dias onde foi feita muita honra ao embaixador.



Partiram, caminharam todo aquelle dia e parte da noite e depois encontraram uma *carvançara* onde dormiram; no dia seguinte continuaram o caminho para noroeste e á noite dormiram n'outra *carvançara* em um lugar pequeno, habitado de turquimâis, que se chama Tureumandil; aqui atravessaram uma ribeira com uma ponte pensil e passaram a terras habitadas egualmente por turquimâis, indo dormir na noite seguinte n'um lugar onde se achavam duas formosas *carvançaras*, com ricos aposentos e camaras fechadas sobre si, com vidraças acabadas de novo, que a rainha, mulher de Sufi, tinha mandado fazer. Esta terra é muito fria e estava coberta de neve. Succede muitas vezes morrer um cavalleiro regelado sobre o cavallo e este conduzir seu dono a grandes distancias. Caminhando para o noroeste, por terras habitadas de muitas aldeias e lugares, chegaram a Tabriz, cidade mais notavel e rica dos dominios do Sufi, nos confins da Persia, n'uma provincia denominada Aldabana.

É situada esta cidade para a parte do occidente entre duas serras, que depois vão alargando, uma para o norte e outra para o meio-dia; é plana e não murada; tem bellas e nobres casas de alvenaria e de taipas francezas, sobradadas e abobadadas, mas unicamente com frescas que lhe dão claridade, porque a terra é muito fria. Tem grandes jardins e pomares, muitas mesquitas e alcorões altos, de cantaria lindamente lavrada. Apresenta grandes praças cobertas por cima, onde habitam os mercadores e se contractam as mercadorias, porque a terra é de muito commercio. Quasi ao fim da cidade ha uma grande cerca com lindos pomares e hortas onde estão as casas do Sufi, uns paços feitos de alabastro e marmore finissimo, mui bem lavrado e com ricas vidraças. Ao redor d'esta cerca ha alamos muito altos e alinhados e em partes grandes tanques onde andam cisnes e outras aves. Os habitantes são persianos e alguns turquimâis; tratam-se muito bem e vestem ricamente. As mulheres são formosissimas; poucas vezes saem de casa e quando isto acontece vão a cavallo, com vestuarios riquissimos e abertos até á cintura ficando os peitos de fóra. O principal trato d'esta terra é em seda crua que vem d'outros reinos do Sufi e d'aqui vae para a Turquia e outras cidades.

Caminharam muitas jornadas até chegarem a um dia de distancia do arraial do Sufi. Ahi, o embaixador recebeu um recado do Sufi para que se aposentassem junto d'uma ribeira. Pas-

sados dez dias é que receberam novo recado para partirem, o que logo fizeram. Tendo caminhado meia jornada, vieram receber os portuguezes muitos mouros a cavallo, trazendo muitas garrafas com vinho, maçãs e grandes caixas de confeitos, que offereceram á comitiva do embaixador. Quando chegaram ao arraial do Sufi, ahi armaram as suas tendas. O mestre sala do Sufi, enviou a Balthazar Pessoa um cordeiro frito em manteiga, sobre arroz muito bem guizado e com bastantes especiarias, cordeiro dentro de uma porcelana, tapada com uma cobertura de ouro em forma de abobada.

Passaram-se alguns dias e o embaixador sem poder fallar ao Sufi nem aos seus governadores que andavam occupados em ordenar um grande convite geral, mandado dar pelo xeque a todos os grandes e pequenos dos seus dominios; convite em que entravam tres reis: o de Gilam, o de Xirvam e o de Mazandram, bem como dois embaixadores do reino de Gurgis, que confina com as ultimas terras do Sufi para a banda do norte.

Vestidos de seda e borcadilho, espadas guardados de ouro, torquezas, rubins, cavallos com sellas de prata e forradas de arminho, tudo isto para se repartir segundo o estado e merecimento de cada individuo. N'aquelle dia de manhã armaram-se riquissimas tendas, sendo a destinada para o Sufi d'um esplendor admiravel e contendo muitos cochins de seda e alcatifas para os reis e grandes senhores da companhia do xeque.

O embaixador mandou armar a sua tenda defronte da do Sufi, e, com mais alguns portuguezes que o acompanhavam (entre elles Antonio Tenreiro), cumprimentaram o xeque, que por varias vezes lhe mandou iguarias.

Poucos dias depois morreu o Sufi e succedeu-lhe seu filho Tamas Soltão.

Então o embaixador partiu para o arraial do novo rei, a fim de concluir a sua embaixada.

.....

Antonio Tenreiro sabendo que uns christãos armenios se encaminhavam para Jerusalem, onde elle desejava em extremo ir, e tendo occasião de vêr assim muitas mais terras, apartou-se do embaixador e saiu da cidade de Tabriz, capital dos estados de Tamas Soltão.

Dirigiu-se para o poente, na companhia de sete christãos armenios e dormiram aquella noite n'uma *carvançara*; no dia seguinte caminharam



duas jornadas e chegaram a uma aldeia, habitada por christãos e franges, gente branca, que vive de lavouras e criações de gado. A terra é mui fria no inverno, possui serras altíssimas, que correm para o norte, e em uma das quaes dizem estar a arca de Noé coberta pela neve. Contaram os habitantes haver n'aquella aldeia cinco egrejas muito antigas, que por mais gente que n'ellas entrasse nunca se enchiam, e que já acontecera o Sufi, com todo o seu exercito, metter-se dentro d'uma para experimentar.

Ficaram na aldeia seis armenios e Antonio Tenreiro continuou a viagem em companhia do restante, chamado Vacoyanorisam, que era o mais rico e honrado de todos elles. Caminharam para o poente por terras de grandes e medonhos valles e bosques de azinhaes, habitados por christãos armenios e mouros chamados curdis, de côr branca; vivem de criações de gados, são pouco domesticos e não habitam senão em terras montuosas, porque não querem ser senhoreados por ninguém.

Tendo andado tres jornadas chegaram a um lago, na Baixa Armenia, entre serras e montanhas, lago de sete leguas de comprido, sobre cinco de largo, e onde ha duas ilhas pequenas, habitadas por frades religiosos armenios, tendo ali os seus mosteiros. Estes religiosos são tidos em grande veneração, e diziam que elles faziam milagres. Por exemplo: tendo um d'elles tomado um peixe muito secco, o pozera á borda d'agua, em nome de Jesus Christo o peixe começara a nadar. Esta comarca é habitada por christãos armenios e é onde acaba o senhorio do Sufi e começa o do Grã-turco.

Foram dormir a uma villa chamada Argiz, habitada por armenios; é plana, e tem bons edificios; comtudo é muito fria. Os habitantes vestem á moda persa, isto é, uns carapuções de seda na cabeça, com umas trombas da grossura d'um braço de homem, e de palmo e meio de longo, sobre o que trazem fotas de seda e de algodão; estes carapuções são mais antigos que os do Sufi. A terra abunda em muito vinho, fructos, algodão, e algumas lavouras de trigo. Os habitantes são muito inclinados ao commercio do que vivem.

Caminharam para o norte, ao longo do mar e foram dormir a Aclata, villa senhoreada pelo grã-turco, d'onde Sansão, segundo dizem, foi natural.

Sairam d'esta villa, caminharam para o occidente, e, depois d'uma pequena jornada, foram

ficar a uma aldeia christã, subterranea, chamada Ataduana. É demasiado fria, e a maior parte do anno não se pode por ali caminhar por causa da neve. A meia legua de distancia d'esta aldeia existe uma cerca que todo o anno está coberta de neve.

Atravessando esta serra, chegaram a Bytaliz, villa situada entre duas serras, com bellas casas de pedra e taipas francezas; os habitantes, que são christãos, vestem á persiana, vivem de mercadorias e não estão sujeitos ao Sufi nem ao grã-turco, mas sim a um senhor Curdi, que vive n'um magnifico castello. Através d'esta villa para o norte, a uma jornada pequena, existe o reino dos gurgis, que são christãos, claros e rui-vos.

Aqui adoeceu dos olhos Antonio Tenreiro, sendo muito bem tratado em casa d'um christão, mercador armenio, que o tinha acompanhado desde Tabriz. Achando-se bom, partiu Antonio Tenreiro para a villa de Azü, distante uma boa jornada, habitada por christãos armenios; é situada n'um alto e senhoreada tambem por um senhor Curdi, que deixava livres a este povo todos os seus costumes e leis.

N'esta villa se demorou Antonio Tenreiro alguns dias, aposentado em uma *carvançara*, onde encontrou entre outros, um christão armenio que se offereceu para o conduzir.

Na noite seguinte foram repousar em Moufarquim, antiga cidade situada nos confins da Armenia baixa, e cercada d'um muro de cantaria lavrada, em partes destruido. Os habitantes são christãos. Moufarquim, segundo disseram a Antonio Tenreiro, já havia sido destruida pelo grã-tamertão.

Caminharam para o poente e chegaram, depois de duas jornadas, a Caraemites, cidade situada junto do Tigres, para a banda do norte <sup>1</sup> murada e com edificios admiraveis. É habitada por christãos jacobitas nastoris, e governada por um bachá, subdito do grã-turco. Tem de guarnição tres mil espingardeiros <sup>2</sup>, dois mil infantes e dez ou doze mil turcos de cavallo. Antonio Tenreiro recolheu-se n'uma *carvançara*, e o christão que o tinha acompanhado, despediu-se d'elle e retirou-se.

(Continúa.)

<sup>1</sup> Segundo Francisco d'Andrade.

<sup>2</sup> Janisaros.



# COMO EU ATRAVESSEI A AFRICA

DO ATLANTICO AO MAR INDICO—VIAGEM DE BENGUELLA Á CONTRA-COSTA—ATRAVÉS REGIÕES  
DESCONHECIDAS—DETERMINAÇÕES GEOGRAPHICAS E ESTUDOS ETHNOGRAPHICOS

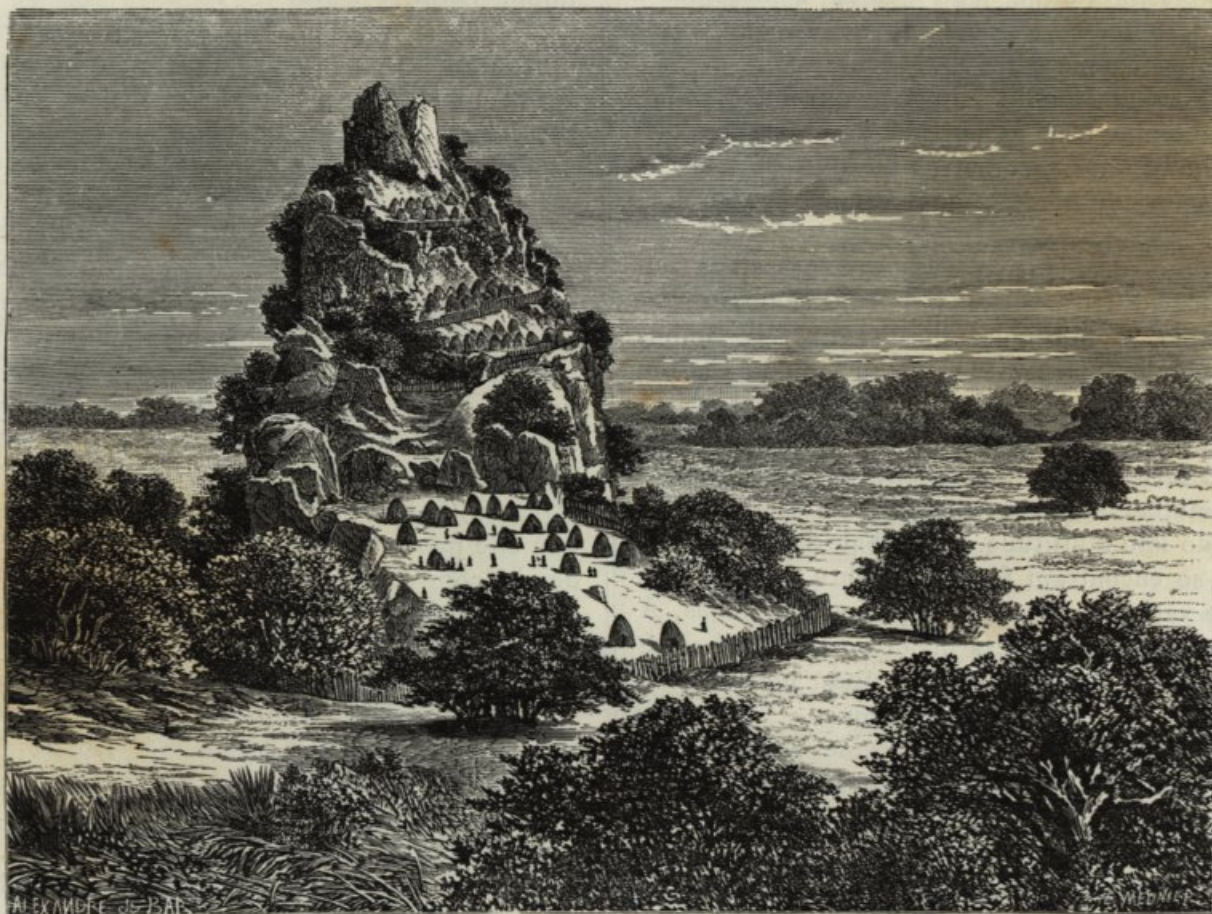
POR

**SERPA PINTO**

PRIMEIRA PARTE

## A CARABINA D'EL-REI

(Continuado da folha 11)



QUINGOLO — Desenho de A. de Bar, segundo um esboço do major Serpa Pinto

### CAPITULO IV

POR TERRAS AVASSALLADAS

Jornada a Ngola — O Sova Chimbarandongo — Belleza do caminho — Chegada a Caconda — José d'Anchieta — Nada de correspondencia — Chegada do Chefe — Vamos aos carregadores — Ivens vac ao Cunene e eu vou ao Cunene — Volta de casa do Bandeira — Falham os carregadores — O meu juizo.

**N**O DIA 1.º de janeiro de 1878, deixamos Quillengues, tendo ali feito provisão de viveres, e comprado bastante gado para matar, bois e carneiros. O chefe, tenente Rosa,

acompanhou-nos uns 7 kilometros, e voltou á sua residencia, seguindo nós sempre a S. E., até ás faldas da serra de Quillengues, onde acampamos junto á povoação do Seculo Unguri. Tíhamos um companheiro de viagem que, em Quillengues, nos tinha pedido o deixassemos ir até ao Bihé em nossa companhia. Era elle Verissimo Gonçalves, filho de um conhecido sertanejo do Bihé, morto havia pouco, que em Quillengues era empregado de um ex-criado de seu pae. Este rapaz, mulato e de mesquinha educação, era de corpo acanhado, cheio de vicios, dos proprios a tal gente, tinha alguma



coisa de bom, e era inteligente. Tem de figurar no correr d'esta narrativa, e por isso o menciono mais particularmente.

Era acanhado e tímido, mas não covarde, e debaixo de uma apparencia fraca, possuia uma forte organização e musculos de ferro. Sabia apenas ler e escrever, mas era um soffrivel atirador de segunda ordem, e manhoso caçador.

Durante a demora em Quillengues, consegui domesticar dois dos jumentos, que n'esta nova jornada já me serviram de cavalgaduras.

No seguinte dia, logo á saída, começamos a ascensão da serra de Quillengues, que n'esse ponto se chama serra Quissécua.

A subida foi difficilima, e durante trez horas lutamos com as agruras da montanha, elevando-nos a 1:740 metros do nivel do mar, ou 836 acima do planalto que termina em Quillengues.

N'um desfiladeiro da serra passamos um pequeno ribeiro, que os indigenas chamam *Obaba-tenda*, o que quer dizer agua fria, fomos acampar na margem de outro chamado *Cuverai* affluente do Cúe. Estes dois ribeiros são permanentes, e são aguas que correm para o Cunene.

O terreno continua granitico, mas a vegetação muda completamente de aspecto—de certo devido isto á altitude. O baobab desapareceu, e já se encontram fetos á sombra das innumeras e variadas acacias que povoam as matas. A flora apresenta riqueza maior em plantas herbaceas, e nas gramineas sobre tudo nota-se uma força de vegetação vigorosissima.

Notei que atravessamos regiões onde se não encontra uma só ave, e de repente entra-se em zonas onde milhares de passarinhos fazem uma chiada enorme. Caça vi ali pouca, mas os rastos annunciam havel-a.

Na noite do seguinte dia aconteceu-nos uma aventura curiosa. Estavamos acampados juntos do ribeiro Quicúe, que corre a S. E., em leito granitico, e vae, provavelmente, engrossar o Cúe; quando sentimos a cadella do Capello ladrando e arremettendo furiosa, contra alguma coisa que se approximava da barraca. Ao mesmo tempo sentiamos um forte ruminar perto de nós; o que nos fez suppor, que os jumentos se tinham soltado e pastavam dentro do campo, que era cercado de abatises espinhosas. Fallamos á cadella e adormecemos. Ao alvorecer ouvimos grande rumor no campo, e saindo logo, soubemos, que os pretos, que ao principio tinham julgado, como nós, que os burros anda-

vam á solta, perceberam depois que se enganavam, e que um animal estranho se tinha introduzido no campo. Fôra effectivamente um bufalo enorme que nos dera a honra da sua companhia durante a noite.

O caso era notavel e de explicação difficil, a não serem pelos repetidos rugidos dos leões que se tinham ouvido; fazendo com que o bufalo viesse buscar guarida entre nós.

No seguinte dia fomos acampar proximo da povoação de Ngôla, e eu fiz logo annunciar a minha visita ao Sova.

Depois do almoço, fui á libata procural-o.

Fiz-me acompanhar dos meus muleques, levando uma cadeira para mim, e dois guarda-soes.

O Sova appareceu-me logo, armado de dois cacetes e uma azagaia.

Trajava tanga comprida de panno da costa, e sobre ella uma pelle de leopardo. Tinha o peito nu, pendendo-lhe do pescoço um sem-número de amuletos. Recebeu-me fóra da sua barraca, por um sol abrasador; e eu offereci-lhe um guardasol, que levava para isso, de panninho encarnado; favor a que elle se mostrou muito grato.

Disse-lhe o que andava por ali a fazer, coisa que elle não percebeu muito bem; comprehendendo comtudo perfeitamente, que lhe offerecia um pequeno barril de polvora, 50 pederneiras e uma duzia de guizos de latão, sem nada lhe pedir em troca, o que sobremodo o espantou.

Convidei-o a vir ao nosso campo ver os meus companheiros; e elle accedeu a isso acompanhando-me; coisa muito de notar, pois que os chefes indigenas são desconfiados.

Dizendo-lhe, que mandasse uma vasilha em que eu lhe podesse dar aguardente, foi elle buscar uma botija de litro. Mostrei-me admirado de que um chefe quizesse tão pouco, e convidei-o a procurar vasilha maior. Mandou então buscar uma cabaça que levaria o duplo da botija, e eu pedi-lhe que juntasse outra igual.

O régulo não podia dissimular a sua admiração pela minha generosidade.

Partimos a pé, acompanhados por trez das mulheres, as filhas, e muito povo, todos sem armas, para me mostrarem a confiança que eu lhes havia inspirado.

Chegamos ao campo, quando Capello fazia observações meteorologicas, e o Sova ficou admirado deante dos thermometros e dos barometros.



O Ivens veio logo para junto de nós, e depois de grandes cumprimentos, mostramos ao regulo as armas de Snider e de Winchester, que lhe causaram verdadeiro assombro.

Este *Chimbarandongo*, que tal é o nome do sova de Ngóla, é intelligente, e sabe viver com o seu povo.

Offereceu-nos um boi, e tendo eu pedido licença para o matar, por haver necessidade de provisões, consentiu n'isso, pedindo-me que lhe atirasse eu.

O boi estava estranho e fugiu para o mato, a uns oitenta metros de nós. Indiquei ao Sova o sitio em que o ia ferir, e desapareci. O boi cahiu.

Chimbarandongo foi ver o animal, e attendendo na ferida, da qual corria o sangue, aberta entre os olhos, no sitio que eu indicara, ficou tão maravilhado, que me deu repetidos abraços no meio do seu entusiasmo.

Pelas 4 horas formou-se sobre nós tempestade violenta, que se desfez em raios e copiosa chuva, durando até ás 6 horas.

O Sova e as mulheres recolheram-se á nossa barraca, assim como alguns dos macotas.

Chimbarandongo fez um discurso aos seus macotas, tendente a provar-lhes que nós tinhamos trazido a chuva, e com ella um grande beneficio ao paiz, ressequido pelos calores do estio.

Tentamos explicar-lhe que não tinhamos tão grandes poderes, e que só Deus governava nos grandes phenomenos da natureza; levando o Ivens a questão a ponto de lhe explicar como e porque chovia. Ouvindo isto, fez o Sova sair os seus macotas e mais povo que escutava a lição meteorologica.

Depois d'isso, tendo-se de novo reunido o povo, elle disse, que se deixasse de chover, indagaria qual dos seus subditos tirara a chuva, e o castigaria de morte. Novo discurso da nossa parte contra a pena capital; e nova ordem de despejo da parte d'elle, que, apesar de meio embriagado, tinha tino bastante para comprehender que as nossas theorias não quadravam ao seu systema governativo.

Ao anoitecer retirou-se do modo o mais comico, indo a cavallo em um dos seus conselheiros, que levava as mãos nos hombros de outro; e como estivessem todos embriagados, a cada passo perdiam o equilibrio, ameaçando com a queda partir a cabeça ao seu soberano.

Este regulo é sensato e homem de bom juizo.

Não acredita em feitiços; nem acreditava que nós lhe tivéssemos trazido a chuva; mas convenem-lhe apparentar que o crê, para não perder o prestigio entre os seus, que só assim querem ser governados.

No seguinte dia, vindo elle despedir-se de nós, me disse, que a sua politica era ser amigo dos brancos; pois que das boas relações com elles provinha a roupa com que se cobria, e as armas e a polvora com que continha em respeito os seus inimigos.

«Sem os brancos,» me disse elle, «nós somos mais pobres que os animaes; porque a elles temos de tirar as pelles para nos cobrirmos; e são bem loucos os pretos que não cultivam a amizade dos filhos do Puto.»

A libata ou povoação de Ngóla é fortemente defendida por uma dupla paliçada feita com arte, que tem até uma das faces dentada para cruzamento de fogos. É tão vasta que pôde conter toda a povoação do paiz, que ali se recolhe, em caso de guerra, com seus rebanhos. O ribeiro Cutóta corre dentro d'ella, fazendo que possa resistir a longo assedio sem receiar a sede.

Deixando Ngóla, caminhamos por duas horas a N. E., e encontramos o Cúe, o maior dos rios, que corre entre Quillengues e Caconda. No sitio em que tentamos a passagem tinha elle 15 metros de largo por 3 a 4 de fundo, não dando por isso vao. A chuva torrencial da vespera, augmentando-lhe o volume d'agua, tinha tornado impetuosa a corrente.

Uma ponte de finos troncos de arbustos, offerecia uma perigosa e difficil passagem aos homens carregados; mas os bois e os jumentos só a nado podiam passar. Depois de grande trabalho, os bois nadaram para a outra margem; os burros porém recusaram segui-os.

Só a grande custo conseguiu o preto Barros, ajudado de mais dois, fazel-os nadar, nadando ao seu lado, e obrigando-os a tomar pé na outra margem; o que era perigoso por ali abundarem crocodilos.

Depois de uma hora de trabalho, avançamos para E. N. E., encontrando o ribeiro Usserem; ali marquei, a N. N. O., o monte Uba, onde assentam as povoações de Caluqueime. Passamos depois o rio Cacurocáe, que corre a S. S. E. para o Cúe; e meia hora depois o rio Quissengo, que corre a S. E., e vae affluir ao Cúe; acampando na margem d'este ultimo, pelas 4 horas da tarde, junto da povoação de Catonga, onde tem a sua libata um tal Roque Teixeira.



A marcha foi de 30 kilometros. o que muito nos fatigou.

O caminho foi sempre por planicie, onde a altitude varia apenas entre 1:450 e 1:500 metros.

A vegetação arborea apresenta um certo rachitismo; mas a herbacea continua a ser variada e rica.

No dia 6, seguimos sempre a N. E., passando logo o Cúe, em ponte feita pelo gentio. Este ribeiro tem 5 metros de largo, por um de fundo, e corre a S. E. para o Catápi. Alcançamos o Coungi ou Catápi, ás 11 e meia, e acampamos na sua margem esquerda. O Coungé, que a montante toma o nome de Catápi, tinha ali 10 metros de largo por um de fundo, com violenta corrente, e dirigindo-se a S. E. vae lançar-se no Cunene proximo do Lucèque.

N'esse dia matei uma grande gazella (*Cervicapra bohor*), a maior do genero que vi em toda a minha viagem, tão grande que foram precisos 4 homens para a transportar ao campo.

Ao fechar da noite, a cadella ladrou muito, arremettendo com o mato; verificando nós ser contra as hyenas que nos rondavam as barracas, e por noite fóra tivemos musica, um duetto de baixo e contra-baixo, pela voz clara de um leão, na mata, e pela rouquenha de um hippopotamo, no rio.

O aspecto do paiz continua o mesmo. Nas lombadas matas rachiticas, de uma vegetação que mais se pôde chamar arborescente do que arborea, pela maior parte. Leguminosas, nas depressões; vastas clareiras, verdadeiros prados de gramineas diversas, por entre as quaes serpea um ribeiro ou um rio. O terreno continua granitico, apresentando as rochas aspectos variados; mas sendo pouco abundantes em mica.

Continuamos caminho ao N. E., passando junto da libata de Cuassequera, fortificada entre enormes rochedos graniticos, e rodeada de gigantescos sycomoros, produzindo um aspecto muito pittoresco. Depois de passar o ribeiro Lossóla, que corre ao S. para o Catápi, fomos acampar na margem do Nondumba, riacho que, como o antecedente, afflue ao Catápi, mas correndo ao N.

O planalto já é mais elevado, e caminhavamos então n'uma altitude de 1:600 metros.

D'esse ponto seguimos a Caconda, tendo atravessado tres ribeiros, que correm a N. N. O. ao Catápi, e são, por sua ordem, o Chitequi, o Jamba, e o Upanga; encontrando em seguida o Ca-

tápi, que corre a O. S. O., e que já no dia 6 tinhamos atravessado com o nome de Coungé.

No ponto em que o passamos tem 10 metros de largo por um de fundo, e pequena corrente.

Algumas das clareiras que n'esse dia atravessamos eram cobertas de junco, pantanosas e de difficil accesso.

A passagem do rio levou tempo, e os meus companheiros precederam-me na chegada a Caconda.

Alcancei depois d'elles a fortaleza; e foi recebido á porta pelo chefe interino, mulato e rico proprietario do conselho, sargento da guerra preta; o qual me disse, que o chefe tinha ido para Benguella, deixando-lhe a *espiga* de nos receber (textuaes palavras).

Depois de me ter dito esta amabilidade, o Snr. Matheus convidou-me a entrar na fortaleza. Logo que passei o recinto das fortificações, vi entre os meus companheiros um homem de estatura mais que mediana, aspecto macilento, testa ampla e elevada, olhar pouco fixo, trajando casaca e gravata branca, que o Capello me apresentou, dizendo-me, «aqui tem José d'Anchieta.» Estava diante de mim o primeiro explorador zoologista d'Africa, esse homem que tinha passado 11 annos nos sertões d'Angola, Benguella e Mossamedes, enchendo as vitrinas do museu de Lisboa com valiosissimos exemplares. Tive depois occasião de presenciar o seu viver, que é digno de ser descripto.

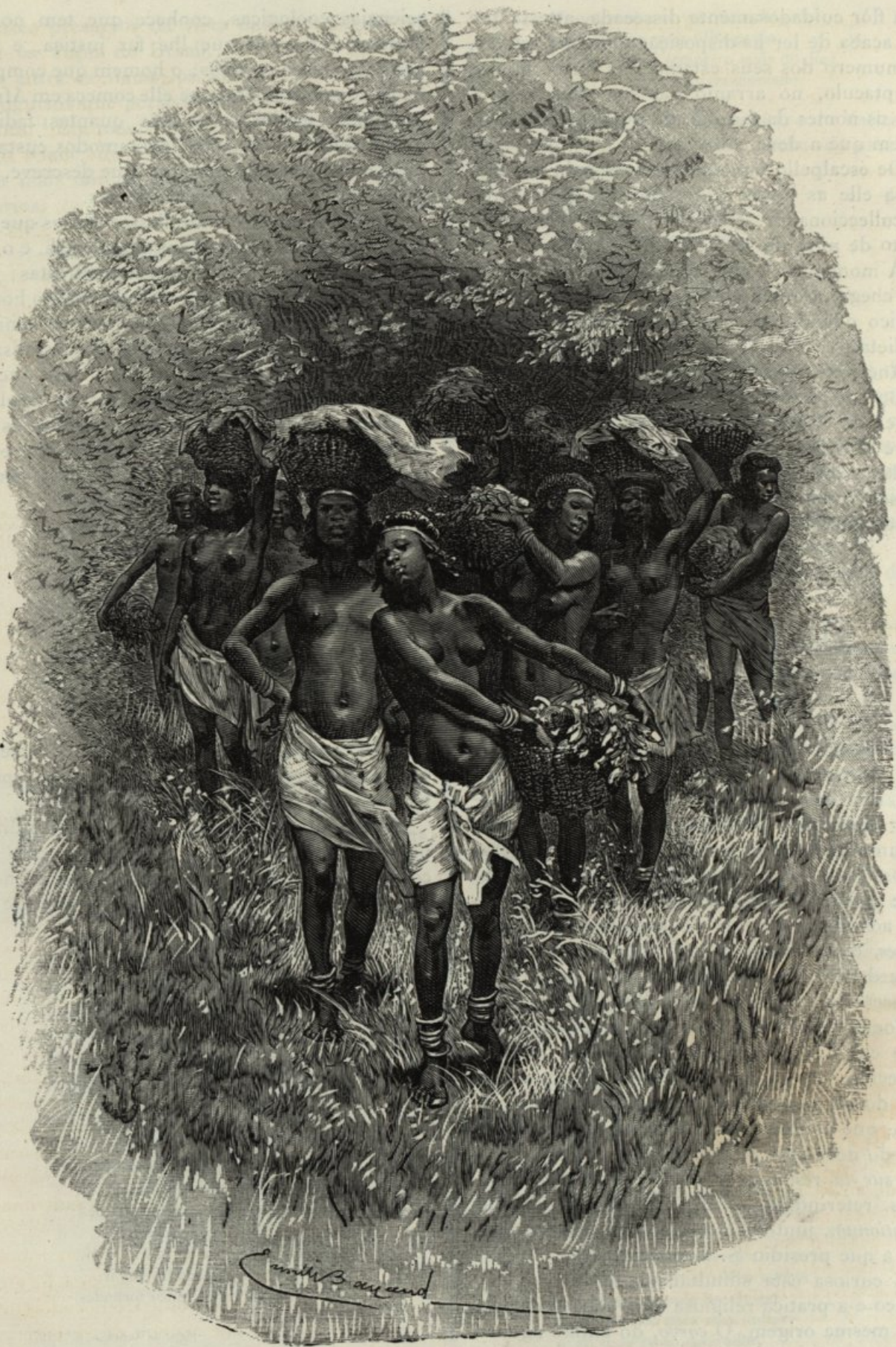
Anchieta estava estabelecido nas ruinas de uma egreja, a 200 metros da fortaleza.

A casa no interior era em fórma de T, e toda cercada de estantes, onde haviam de mistura, livros, instrumentos mathematicos, machinas photographicas, telescopios, microscopios, retortas, passaros de mil côres, vidros variados, louça, pão, frascos cheios de liquidos multicolores, estojos de cirurgia, montes de plantas, medicamentos, cartucheiras, roupa, etc. A um canto, um feixe de espingardas e carabinas de diferentes systemas. Junto á casa, um cercado, aprisionando umas vaccas e uns porcos. Á porta algumas pretas e pretos esfolando passaros e preparando mamiferos; e dentro a uma grande mesa, Anchieta, sentado em velha poltrona, que attesta longos serviços.

Sobre a mesa é impossivel dizer o que ha. Pinças, escalpellos e microscopios ha muitos.

De um lado, um monte de bocados de passaros mostra que elle acabou de se entregar ao estudo da anatomia comparada. Em frente d'elle,





BANDO DE RAPARIGAS — Desenho de E. Bayard, segundo um esboço do major Serpa Pinto



uma flôr cuidadosamente dissecada, atesta que elle acaba de ler na disposição das suas petalas, no numero dos seus estames, na fôrma do seu receptaculo, no arranjo das sementes, no pistilo, os nomes da familia, do genero e da especie em que a deve collocar.

De escalpello na mão e microscopio no olho, passa elle as horas que pôde tirar ao trabalho de colleccionador, e é já a planta, já a ave, o ponto de mira do seu estudo.

A momentos, é interrompido por um doente que chega, a quem elle dispensa os cuidados de medico quando lhe não dá tambem a gallinha da dieta.

Anchieta professa um respeito sem limites pelo dr. Bocage, director do Museu Zoologico de Lisboa e falla d'elle com essa respeitosa amizade que é difficil encontrar onde não existem estreitos laços do mesmo sangue.

Isso comprehende-se. Anchieta, que tem a consciencia dos serviços que tem prestado ás

sciencias zoologicas, conhece que tem no dr. Bocage o homem que lhe faz justiça, e sabe aquilatar esses serviços; o homem que completa na Europa o trabalho que elle começa em Africa; o homem emfim, que sabe quantas fadigas, quantas febres, quantos incommodos custaram cada um d'esses exemplares, que descreve, descrevendo com elles novas especies.

José d'Anchieta é um d'esses nomes que merece o respeito dos homens de sciencia, e o respeito dos portuguezes seus compatriotas; porque, trabalhador infatigavel, tem sabido honrar o seu paiz, conservando-se elle mesmo honrado e pobre, no meio do vicio e da desmoralisação que lavra nas terras em que vive, e de que poderia tirar proveito se fosse menos escrupuloso.

Basta de fallar d'elle, que não ha elogios que lhe não caibam; fallando mais alto do que eu as suas obras, e o seu nome, ligado para sempre aos seus trabalhos, que não morrem.

(Continúa.)

## SUPERSTIÇÕES POPULARES EM PORTUGAL

(Continuado da folha 11)

**N**AS EGREJAS provinciaes, segundo os antigos costumes dos Pagi, em que se conservaram os ritos do polytheismo, é frequentissimo encontrar-se pendurados pelos muros ou junto dos altares dos Santos, *pernas* de cêra, *braços*, *peitos*, *cabeças*, etc. Diz M. Lejeune: «Sabe-se que os Gregos e os Romanos consagravam aos idolos figuras de pão, tendo a fôrma de *pés*, de *mãos*, de *cabeça* ou de alguma outra parte doente, quer para alcançar a cura, quer em acção de graças por tel-a obtido... Gregorio de Tours refere, que destruindo um templo celebre em Colonia, aí achou diversos objectos offerecidos aos idolos, figuras de muitos membros do corpo humano, esculpturados em madeira, que os doentes suspendiam junto da imagem do deos cujo auxilio invocaram.» (*Recherches sur la résidence des Rois Franks aux Estinnes*, referindo-se ao n.º XXIX do *Indiculus superstitionum*, junto ás actas do Concilio feito em 742, a que presidiu S. Bonifacio.)

É curiosa esta simultaneidade entre o uso magico e a pratica religiosa derivados ambos de uma mesma origem. O *corvo*, do antigo agouro

popular, sanctificou-se na lenda de S. Vicente, e ficou conservado com um inconsciente aspecto fetichista na veneração d'este santo.

Os agouros das aves eram muito familiares na sociedade portugueza do fim do seculo XIII, como se deprehe de varias canções da nossa litteratura provençal. Em uma servente de Pedr'Amigo, se lê:

Maria Balteira, que se queria  
hyr já d'aqui, veo-me preguntar  
se sabia jaqui d'aguyraria,  
cá nam podia mais aqui andar.

.....  
E dixi-lh'eu: Cada que vos deitades  
que esturnudos soedes d'aver?

E disse ella: Dois ey, ben o sabhedes,  
e hün ey quando quero mover...

E dixi-lh'eu: Poys aguyro catades  
das aves vos ar convem a saber,  
vos que tan longa carreira filhades;  
diss'ela: esse vo quer'eu dizer,  
sy ferverha sempre ao sair;  
e dixi-lh'eu: ben podedes vós ir,  
con ferivelha mays nunca tornades.

(Can. da Vaticana, n.º 1:197)



Estes preságios da vista das aves persistem entre os Tupis do Brazil, os Dayakas de Borneo e entre os Maois; os Tartaros observam estes augúrios que persistiram nas mais altas civilizações. <sup>1</sup> Em uma sirvente de Ayras Peres Veyturóm (Canc. da Vaticana, n.º 1:087) acham-se ainda mais minuciosamente determinados estes augúrios:

Poys que don Gomes Çurra querria  
con boas aves ante prender mal  
ca ben con outras, nom lhy dê deus al,  
erg'estes corvos per que s'el fia;  
e con qual corvo el soubesse escolher  
o deixasse mal andante seer  
deus, ca depois en ben tornaria.

Com'el sabe d'agoyria  
se ouvesse bon corvo carnaçal,  
ou cornelha a negra caudal  
e tal e qual xe don Gomez oya,  
o cal lhi deixasse deus perder  
a herdade, o corpo e o aver,  
ca todo x'el depoyz cobraria.

E poys sab'el tod'alegoria  
d'agoyro, quando de sa casa sal,  
se ouves'el huã cornelha tal  
qual x'a don Gomez consinaria;  
con a tal visse a casa arder  
e lhi leixasse deus morte prender  
sen confisson, ca pois s'ar porria.

E con bon corvo foss'el pois caer  
en nojo grav'e ficasse em poder,  
do diabo, ca pois s'oporria.

O *angang* dos selvagens é o prognostico tirado do encontro de certas aves ao sair de casa, tal como se observa no costume consignado na canção acima transcripta. Uma sirvente de Joham Ayras de Santiago verbera esta superstição geral da idade media: (Ibid., n.º 1:078.)

Don Pero Nunes era en tornado  
e ia-se a Santiago albergar,  
e o agouro sol el ben catar,  
cá muytas vezes l'ouv'afaçanhado;  
e indo da cas ao celeyro,  
ouv'hun corvo vorace e faceyro  
de que don Pedro non foy ren pagado.

E poys lo el ouve muyto catado  
diz: D'este corvo non posso escapar,  
que d'el non aja escarnho a tomar,  
con gran perda do que ey gaanhado,  
ou da mayor parte do que ouver,  
per ventura ou do corpo ou da molher,  
segund'eu ey o agoyro provado.

E tornou-se contra seu gasalhado,  
e diz: Amiga, muyt'ey eu gran pesar,  
cá nom me posso de dano guardar,

d'este corvo que vejo tam chegado  
a nossa casa, pois filha perfia,  
e corv'é j'aqui sempre o mais do dia;  
e diz: de noite seas trasffumado.

Na canção 1077 do Cancioneiro da Vaticana, composta pelo mesmo jogral, acha-se outra vez referido o agouro do *angang*:

Hunha dona, nom digu'eu qual,  
nom aguyrou ogano mal;  
polas outavas do natal  
hya por ssa missa oyr,  
e ouv'um corvo carnaçal  
e non quiz da casa sayr...

Na canção 1073 vem o verso: «Mays dizem que ouve *maos agoyros*.» Na tradição popular portugueza ainda se conservam muitas d'estas superstições; taes são: Cantar o gallo sem ser à meia noite é signal de desgraça; ou quando a gallinha cacareja de gallo; o pio das corujas é signal de morte. Compillaremos alguns factos já colligidos por Consiglieri Pedroso:

«É máo ter pombas, e depois deixar de as ter, porque anda a casa para traz. (n.º 4.)

«Quando se está a matar uma gallinha ou qualquer outra ave domestica, e ella tem muitas convulsões sem poder morrer, é porque alguem está com pena. (n.º 5.)

«As gallinhas pretas põem ovos de duas gemas, que tem grande virtude para certas doencas. (n.º 7.)

«No dia de Santa Barbara ao meia dia devem deitar-se algumas gallinhas para tirarem na noite de natal. O gallo que nasceu n'essa noite cantará sempre à meia noite. (13.)

«Quando um gallo canta ao sol posto é signal de morte. (22)

A Canção 601 do Cancioneiro portuguez da Vaticana é preciosissima para o conhecimento do agouro popular das aves; eis os versos do jogral Joham Ayras, burguez de Santiago:

Os que dizem que *vêem bem e mal nas aves*, e d'agoirar preit'am,  
quer en *corvo seestro* quando vam,  
alhur entrar, e digo-lhis eu al,  
que jhesu christo nom me perdon'  
se ant'eu nom queria hun capom  
que hun gram corvo carnaçal.

E o que diz que é muy sabedor  
d'agoyr'e d'aves quand'alhur quer hir,  
quer corvo seestro semp'r ao partir  
e por en digu'eu a nostro senhor,  
que el me dê cada hu chegar  
capon cevado para meu jantar  
e dê o corvo ao agoirador.

<sup>1</sup> Tylor, *Civilisation primitive*, t. 1, 140.



Cá eu bem sey as aves conhecer,  
e com patela gorda mais me praz  
que con bullafre contr'e nen viaraz,  
que me non pode ben nem mal fazer;  
e o agoirador torpe que diz  
que mais val o corvo que a perdiz  
nunca o deus leixe melhor escolher.

No seculo xiv já o ridiculo atacava este uso, que ainda persiste entre o povo sob outras fórmas, como acima notámos, e nas parlendas das crianças.

O cantar do cuco, prognostica quantos annos as raparigas estarão solteiras:

Cuco de Maio.  
Cuco de Aveiro,  
Quantos annos  
Heide estar solteiro?

Cuco da ramalheira (carrasqueira)  
Quantos annos me dás solteira?

Cuco da vidarada (vida airada)  
Quantos annos me dás casada?

Leite de Vasconcellos colligiu estes versos na Maia, Pesqueira, Ervedosa, e aproximou-os do costume francez:

Na *Faune populaire de la France*, por E. Rolland, (t. II, p, 84) tambem se acha este costume com o mesmo retornello:

Coucou des villes.  
Coucou des bois,  
Combé ai-z'y d'annés  
A me maria?

(Continúa.)

THEOPHILO BRAGA.

## A RUSSIA LIVRE

(Continuado da folha 10)

### XXVII

#### OS GOVERNADORES DE PROVINCIA

A RUSSIA está dividida em provincias ou governos, cada uma administrada por dois funcionarios, um governador e um sub-governador, cuja nomeação é feita pela corôa.

Não ha mais de dez ou doze annos que estes depositarios do poder imperial eram uns pequenos czars que, como os pachás turcos, resolviam todos os negocios segundo o seu capricho, embora, uma vez ou outra fossem demittidos. Encarregado de sustentar a ordem o governador tinha um poder tão terrivel como o da policia; tinha o direito de vêr em cada um dos seus administrados um descontente, um rebelde e de proceder como se a accusação tivesse sido provada ante um tribunal. Em Inglaterra e nos Estados-Unidos, a palavra *suspeito* cahiu judiciariamente em desuso. Aos nossos agentes de policia não é dado o *suspeitarem* d'um ladrão. Devem prendel-o em flagrante ou deixal-o passear livremente. De Calais a Perm, comtudo esta expressão inspira sempre um grande medo, por que em todas as regiões que se estendem desde o Mancha até aos montes Urals, a formula «por ordem su-

perior» é uma força ante a qual desaparecem os direitos do homem e do cidadão.

O governador e o sub-governador d'uma provincia representa o seu senhor soberano; pôde como aquelle, descobrir ou imaginar ter descoberto um homem hostil á Corôa. É possível que se engane. O accusado pôde ser tão leal como o proprio governador; pôde defender-se ante um tribunal que a sua innocencia não o libertará. São vãs as provas, quando a justiça cerra os ouvidos ás queixas do cidadão lesado pelo poder, quando os juizes não têm o direito d'instaurar o processo. «Feito por ordem superior» eis o que se responde victoriosamente a todos os gritos, a todos os protestos. Um infeliz encontrou-se no caminho d'um alto funcionario, foi agarrado por um furacão contra o qual nada o pôde proteger, nem mesmo o principe; e a victima, cahindo aos golpes d'um governador cego pela ignorancia ou pela paixão, não tem outro partido a tomar senão resignar-se ás decisões d'uma vontade que a seus olhos deve ser o interprete da vontade do proprio Deus.

Os homens a quem assim era permitido o usar e abusar do poder formavam uma grande legião. A Russia está dividida em quarenta e nove provincias, não contando o reino da Polonia, o grã-ducado da Finlandia, a Siberia, os





EGREJA S. VASSALI, NA PRAÇA VERMELHA, EM MOSCOW — Desenho de Thiernd, segundo uma photographia





Khanatos e os principados do Caucaso. N'estas quarenta e nove provincias os governadores, a seu bello prazer, prendiam quem queriam por qualquer suspeita. Este terrivel privilegio tinha ainda mais extensão em certas circumscripções territoriaes, do que nos districtos essencialmente russos. O numero dos que podiam prender um cidadão em nome d'uma razão d'Estado, condemnal-o á deportação sem o ouvir, não era inferior a duzentos.

A princeza V..., creatura muito formosa, rica e espirituosa, vivia em Podolia estimada por todos os que a conheciam, admirada por todos os homens da provincia. Um d'elles amava-a e era amado. Era digno d'ella e já os dois haviam fixado a epocha para o seu casamento, quando um acontecimento lhes veio ennuvear a felicidade. Uma semana antes do dia em que o casamento devia ser celebrado apresentou-se em casa do noivo um official de policia, intimando-o a que abandonasse Pultava, onde vivia, e que fosse residir para Perm. Arrancado de casa no mesmo instante foi levado á repartição central da policia, onde lhe deram os passaportes e o fizeram subir para um carro que marchou escoltado por dois soldados. A viagem durou trinta dias.

Durante dois ou tres mezes, em Pultava não se soube o que tinha acontecido ao noivo. Ao principio só, perdido n'aquella região em que ninguem conhecia, passou horas muito amargas. Depois, na cidade designada para a sua residencia, encontrou um amigo e graças a esse acaso o exilio foi mais suavemente supportado. Na côrte achou um defensor, o senado, posto que muito prudentemente, interveio em seu favor e dois annos depois o perseguidor consentiu em descer os tentaculos em que envolvera a sua presa. Mas se á victima foi permittido o abandonar o logar d'exilio foi-lhe prohibido o ir viver para a sua terra natal.

A princeza conservara-se fiel ao noivo. Emquanto este estivera exilado em Perm ella continuara a viver em Podolia; logo que elle obteve licença para viver em S. Petersburgo foi ter com elle. Foi ahi que se casaram e que tive occasião de os encontrar. As perseguições não lançaram nuvem alguma sobre a sua reputação. Podem ir para onde quizerem, exceptuando o voltar para Podolia. Poder algum no mundo, a não ser o que enviou pera o exilo o esposo, lhe pôde dar esse consentimento. E na occasião em que estou escrevendo estas linhas, o que soffreu tan-

tos vexames, nem mesmo sabe o crime que lhe imputam.

Em futuro proximo este despotismo asiatico terá desaparecido; com vista intelligente o imperador sonda o caminho que deve percorrer. Os governos da provincia foram avisados para que usem com moderação dos seus direitos. Hoje já se não exila ninguem a não ser por grande crime e depois de vir ordem de S. Petersburgo.

Antes que os funcionarios publicos tivessem adquirido a convicção de que um poder vigilante lhes pediria contas dos seus actos teve logar uma aventura, cuja narrativa dá ideia completa dos abusos que hoje não são commettidos, graças a uma prudente perseverança.

O joven conde de X... tinha, ao sair do collegio, sido mandado na qualidade de vice-governador para uma cidade meridional. Amador de cavallos e cães, de boas ceias e de vinhos escolhidos, achava os honorarios do seu cargo bem inferiores ás suas immensas necessidades. Portanto creava por todos os meios esse genero particular de receita a que os officiaes russos chamam *vzielka*. As suas cavallariças estavam sempre cheias de magnificos cavallos e os seus hospedes eram numerosos. Mas uma casa elegante, cavallariças bem providas, uma rica sala de jogo custam cada anno uma grande quantidade de rublos. Elle tinha sorte ao jogo, mesmo mais sorte do que é permittido a jogador escrupuloso, diziam os que perdiam, e comtudo não conseguia equilibrar a sua receita com a sua despeza.

O recebedor da cidade era um certo André Ivanovitch Gorr, um filho d'um camponoz, que, depois de ter feito excellentes estudos, entrara na carreira burocratica; graças ás suas maneiras submissas, á sua paciente deferencia pelos superiores, á sua honradez, chegara á posição que occupava.

O conde X... chamou a sua casa André Gorr e com um ar desleixado pediu-lhe que pagasse uma pequena divida. André inclinou-se e esperou pelo dinheiro. O conde mandou-o embora com um signal, mas, vendo que o não comprehendiam, disse:

«Sim, sim, pague essa divida, saldaremos contas depois do meio dia.»

André deu o dinheiro, mas ainda não tinham passado oito dias, recebera uma outra ordem para pagar uma nova divida. Todas as semanas ia adiantando fundos com a submissão que de-



via ao seu chefe, mas não sem uma perturbação interior, pois que a si proprio perguntava, se era legitimo pagar despezas pessoas com os dinheiros publicos.

Duas ou tres vezes o conde fallou em repôr na caixa o que por ordem sua tirara e fixou mesmo o dia para a restituição. Comtudo a divida do governador ao cofre ia sempre augmentando. Os rendimentos da provincia só serviam para pagar as despezas pessoas do vice-governador.

André Gorr sentia-se perdido. Approximava-se o dia em que os inspectores imperiaes deviam examinar os livros e verificar o dinheiro existente em caixa. Sentia-se perdido por que o cofre estava a seu cargo e não podia esperar que o conde pagasse a enorme divida contrahida. Por conselho de sua mulher, a quem elle no seu desespero tudo confessara, foi procurar o vice-governador e pedir-lhe que entrasse em cofre com as quantias em divida.

«É na proxima semana que veem os inspectores, disse o conde... Pois muito bem. Tudo estará em ordem. Vou mandar um proprio ao intendente das minhas propriedades. Dentro de cinco dias estará aqui com o dinheiro preciso. Faça uma conta corrente das minhas dividas ao cofre e traga-m'a com o recibo.»

No fim da semana chegaram os inspectores; não eram esperados tão cedo e, querendo partir depressa, disseram que no dia seguinte ás dez horas dariam o balanço. André correu ao palacio, onde encontrou o governador na sala das audiencias, rodeado pelos seus secretarios.

«Ah, é o senhor, disse elle, sorrindo-se agradavelmente para o recebedor inquieto; o proprio já chegou com o dinheiro; traga-me esta noite ás dez horas a conta corrente e o recibo e receberá o dinheiro.»

André á hora aprasada appareceu.

«Muito bem, disse o vice-governador, lançando um olhar sobre os documentos, a conta está exacta: quinze mil e setecentos rublos. Vejamos o recibo. Sim está perfeitamente redigido. O senhor, meu caro Gorr, merece ser promovido. Talentos como o seu estão deslocados n'uma cidade de provincia. O senhor devia ser ministro. Faz favor de chamar o meu criado?»

O criado entrou.

«Diga á senhora se pôde aqui chegar.» O criado sahiu. Emquanto esperava, o conde entreteve a sua visita com uma conversação tão viva e espirituosa que o tempo passou depressa.

O conde conservava nas mãos os documentos da divida.

Por fim André, reparando que o relógio marcava perto de onze horas, perguntou se o criado não vinha.

«Tem razão! exclamou o governador levantando-se, devia ter trazido ha muito a resposta. Onde estará aquelle patife? Quem sabe se adormeceu na escada.»

Sahiu do quarto para ir chamar o criado e fechou a porta dizendo:

«Espere um instante, vou eu mesmo procurar-o.»

André estremeceu. Vira que o conde levára comsigo não só a conta corrente, mas tambem o recibo. Á maneira que os minutos iam passando, a sua inquietação tornava-se maior. Os olhos percorriam o quarto, escutava os menores ruidos. A sua cabeça estava incandescente, o coração parecia querer saltar-lhe do peito. Abriu a porta e aproximou-se do corredor; o silencio que enchia a casa, parecia-lhe ser o silencio do tumulo.

Deu meia noite.

Saindo do seu espanto bateu violentamente com a porta e chamou do alto da escada; ninguém lhe respondeu. Louco de dor, resolvido a tudo affrontar, percorreu precipitadamente as sombrias galerias e por fim encontrou um homem embrulhado n'um manto de pelles.

«Diga-me, onde é o quarto do governador?» Disse André com ares ferozes.

O criado esfregou os olhos. «O quarto do governador?»

«Sim, diga, vamos, depressa!»

O criado levou-o para o quarto que André acabava de deixar.

«Fique ahi, vou chamal-o.»

Pouco depois o criado veio dizer que o conde estava na cama!

«Na cama! exclamou o recebedor, é impossivel. Vá lá outra vez, diga-lhe que o estou esperando.»

—Mas se elle está a dormir e por cousa nenhuma eu o acordaria.

—É indispensavel que o acorde. Não posso sahir sem lhe ter fallado. É para serviço do czar, não ha um minuto a perder.»

Ao ouvir o nome do czar, o criado disse que ia fazer uma nova tentativa. No fim d'uma hora, hora de mortal agonia para André, voltou a dizer que o seu amo não podia receber ninguém. E que se o recebedor queria com elle



fallar de negocios que viesse em outra occasião.

Fôra de si, André dirigiu-se para o quarto do conde, onde o barulho attraheu uma duzia de criados.

«Que barulho é este? perguntou com voz irritada o governador, levantando-se a meio na cama.

«Dê-me o meu dinheiro! exclamou André furioso.

— Dinheiro! replicou o conde, fingindo-se surprehendido. Mas de que dinheiro falla?

— D'aquelle que tiramos dos cofres da provincia.

— Que tiramos dos cofres? Nós? Que nós é esse? Que dinheiro! Vá deitar-se, o senhor está a sonhar.

— Dê-me o meu recibo!

— Pobre homem! disse o conde com fingida compaixão. Levem-o para casa e recommendem



MOSTEIRO DE SIMEONOF, EM MOSCOW — Desenho de J. Moynet, tirado do natural

à mulher que o não deixe andar assim a correr a cidade por horas mortas. Pôde cahir ao rio. Não o abandonem. Tenham cuidado em que lhe não succeda algum mal.

O governador depoz novamente a cabeça no travesseiro, os criados inclinaram-se respeitosa-mente.

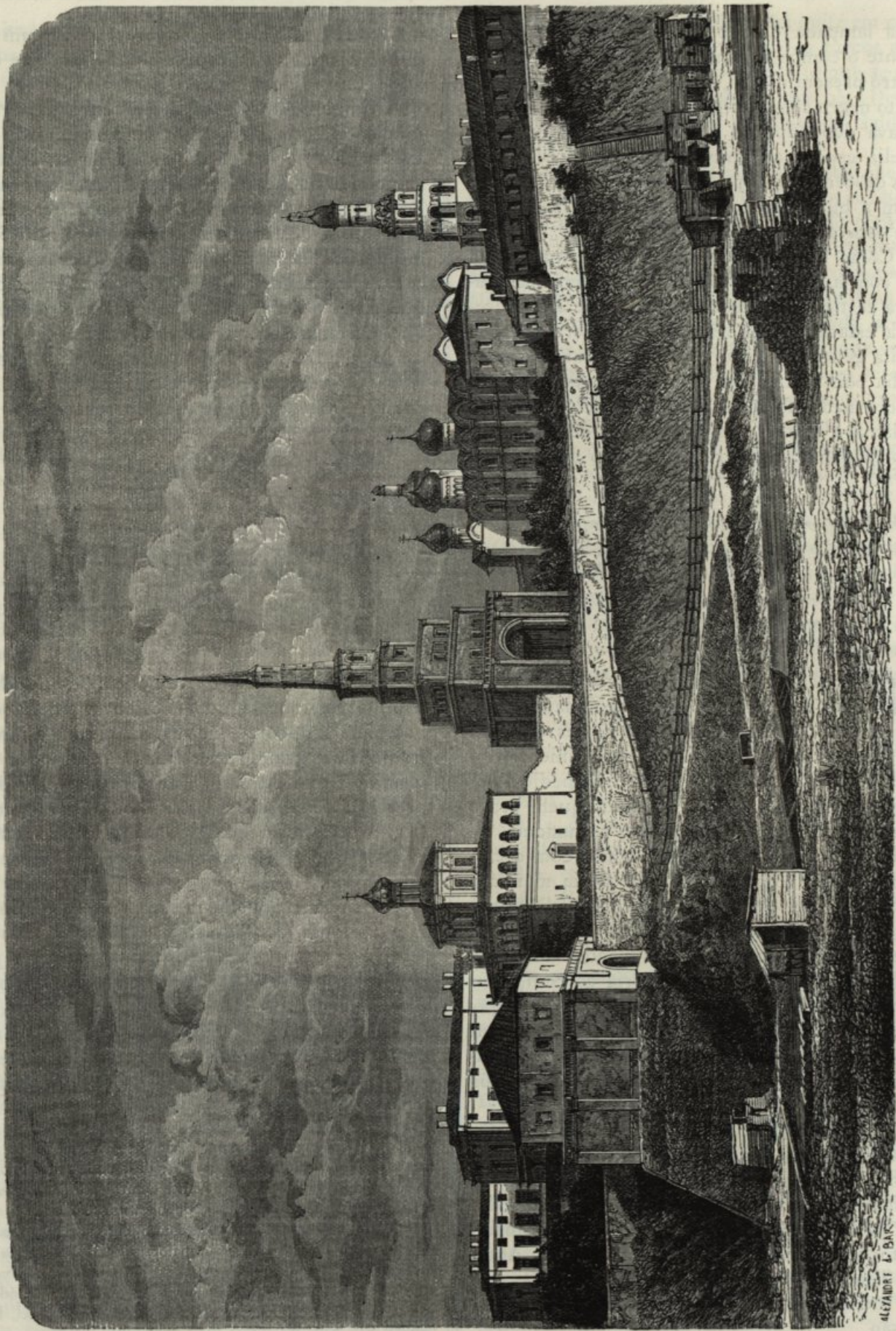
Assim posto fôra, o desgraçado sentiu que o desespero se apoderava d'elle. O conde, tinha elle visto, não recuava ante uma infamia. Se mesmo André confessasse a sua falta aos inspectores e lhe contasse como a sua obediencia passiva o tinha levado a faltar aos seus deveres, o

author da sua ruina apresentaria o recibo para provar que as quantias tiradas do cofre tinham sido por elle repostas.

Entrou no seu escriptorio, assentou-se e, depois de ter examinado mais uma vez os seus papeis e os seus livros para verificar se os acontecimentos d'essa noite não eram um sonho, escreveu a narrativa minuciosa de tudo o que se passára.

A mulher, afflicta com tão grande demora e sabendo que elle estava occupado com as suas contas, apesar da hora adiantada da noite, dirigiu-se para o escriptorio. A noite estava escura,





O KREMLIN DE KAZAN — Desenho de A. de Bar, segundo uma photographia



uma lampada de luz frouxa illuminava fracamente o compartimento. Perseguida por um sinistro presentimento, adiantou-se tremendo. Um vulto negro chamou-lhe a atenção... André Gorr estava dependurado d'uma trave. Os gritos da infeliz esposa attrahiram numerosos visinhos; uns desceram o corpo, emquanto que outros corriam a buscar soccorro infelizmente inutil. André estava morto.

Como um Oriental matara-se, a fim de punir com a sua morte o homem a quem não pudera castigar emquanto vivo. O que elle escrevera estava aberto em cima da escrevaninha; muita gente leu e muita outra o soube; não se podia pois abafar este tristissimo caso, embora o governador fosse vinte vezes principe. O povo reclamava justiça prompta. O conde foi demittido, preso por se ter appropriado do dinheiro

dos cofres publicos e compareceu ante um tribunal secreto, na propria cidade em que dias antes tinha sido soberano.

O imperador quizera, dizem, envial-o para as minas, onde tantos exilados, tinham expiado crimes menores; mas a influencia da sua familia era poderosa na cõrte; a maior parte dos membros do tribunal eram seus amigos. Contentaram-se em declarar o réo irrevogavelmente inhabido de desempenhar qualquer função publica... Pena todavia assaz severa para um homem que tinha o titulo de conde, a paixão do luxo e que não possuia um rublo no bolso.

Alexandre commovido pela triste posição da viuva do recebedor decretou que a esta fosse dado o ordenado que o marido recebia.

(Continúa.)

## VIAGENS DE ANTONIO TENREIRO

(TRANSCRIPÇÃO)

(Continuado da folha 12)

**N**O DIA seguinte Tenreiro foi chamado á presença do baxá, que estava acompanhado de muitos turcos, desembargadores da terra e escrivães; depois dos cumprimentos, o baxá perguntou a Tenreiro, por intermedio d'um lingua turco que fallava italiano, quem era e d'onde vinha; ao que Tenreiro respondeu, dizendo que tinha partido de Ormuz com o embaixador que o governador da India mandára ao Sufi, e que se dirigia para Jerusalem. O baxá perguntou que negocio era o da embaixada, e que lhe disseram que o governador da India mandára fundidores de artilheria ao Sufi, bem como algumas peças promptas. A todas estas perguntas Antonio Tenreiro respondeu que tal não havia, que Sufi tinha morrido e o filho subira ao throno. Com esta nova o baxá e os seus servidores pareceram ficar satisfeitos.

Tenreiro despediu-se do governador e durante alguns dias não saiu da *carvançara*. O baxá mandou-o novamente chamar, fez-lhe varias perguntas e entregou-o depois a um turco, que o levou para sua casa, um magnifico palacio situado junto do campo. N'aquella mesma noite, Antonio Tenreiro foi preso por ordem do baxá, que lhe mandou pôr ferros nos pés e lançar n'uma prisão.

Dias depois o baxá teve noticia de que Abraham, o mais destemido e celebre general que possuia o grã-turco, se dirigia para o Cairo á frente d'um grande exercito. O governador determinou que Antonio Tenreiro fosse levado á presença de Abraham Baxá, e para isso mandou tiral-o da prisão, ordenando a alguns dos seus criados que o acompanhasssem até á presença do general.

Partiram n'aquella mesma noite e caminharão ao longo do Tigres.

Chegando a Arcengifa, villa habitada por christãos jacobitas e arabes, poisaram em casa d'um christão.

Continuaram o caminho e chegaram a Urfa, cidade situada além do Tigres e do Euphrates <sup>1</sup>, junto d'uma serra denominada *Negra*. Urfa é

<sup>1</sup> O Euphrates nasce na parte da Armenia maior chamada Turcomania, do monte Pariades, onde tambem nasce o rio Araxes. Este corre a levante e entra no mar Caspio, e o Euphrates segue ao poente e depois volta ao meio-dia, atravessa o monte Tauro e junta-se com o Tigres. Este nasce em Gurdio, provincia da Armenia maior, segundo Ptolomeu. Os syrios dão o nome de Hide-Hel ao Tigres; Josepho chama-lhe Diglath; e os nomes modernos são muitos, segundo as provincias por onde passa; assim chamam-lhe Hidecel, Derghele, Sir, Set, etc., etc.



habitada por lavradores christãos. Tem um governador, subdito do grã-turco.

Correram treze leguas pela porta e dormiram em Beria, cidade situada junto de Euphrates, para o oriente. É habitada por mouros e christãos, fallando todos o arabe. Passando o Euphrates caminharam pela porta para o poente, umas sete ou oito leguas, passando junto de grandes villas e lugares onde não entraram, e chegaram á cidade de Calepe, situada para a parte do oriente. Dizem ser esta a cidade de Antiochia, muito nomeada pelos primeiros christãos. Tem grande commercio com os venezianos e outros christãos europeus.

Continuaram o caminho e passaram junto da cova dos leões onde o propheta Daniel foi lançado; passaram perto d'uma villa chamada Ames, onde diziam existir um sacerdote de trezentos annos de idade, a quem tinham já caído os dentes e barbas e nascido outras, e que adivinhava muitas coisas, sendo tido em grande veneração.

Chegaram depois á cidade de Amá, muito antiga, habitada por christãos maronitas e gregos; segundo dizem, S. Paulo foi natural d'esta cidade. Caminhando uma jornada para o poente passaram por Balbeche, villa habitada por christãos e mouros, onde ha muitos fructos, bellas aguas e monumentos do tempo dos gentios. Subiram depois uma serra, ao longo d'uma ribeira que n'ella nasce, e tendo andado duas jornadas chegaram á cidade de Damasco, que os mouros chamam Xame. É esta cidade muito grande e notavel, tem bons edificios, está situada para o oriente; é cercada por uma serra, distante uma jornada, e na qual nascem dois rios que o atravessam. Tem grande commercio com os venezianos e outros povos europeus.

Caminhando para o meio-dia por terras asperas e montuosas, chegaram a um rio chamado *Agua de Jacob*, que atravessaram por uma ponte de pedra; e tendo depois andado mais uma legua para o poente, chegaram a uma povoação de mouros, com alguns edificios antigos mui ricos mas destruidos. Disse ali um judeu hespanhol que esta povoação fôra a cidade de Jerichó e que o rio chamado *Agua de Jacob* era o Jordão.

Caminharam mais uma legua e chegaram a Cefete, villa situada n'um alto, e vindo descendo com os edificios para um valle. Os habitantes são mouros, arabes e judeus hespanhoes, gente muito pobre, por ser a terra de pouco trato e que vive de esmolas que de fôra outros judeus

lhes mandam. Dormiram aqui uma noite em casa d'um judeu hespanhol; e vendo os turcos que Antonio Tenreiro fallava com elle, e que se entendiam, lhes lançaram os ferros aos pés. Disseram que aquella villa era a cidade de Galiléa, na Judéa.

Seguindo de Cefete para o sudoeste, chegaram a uma aldeia povoada de mouros arabios, junto da qual está uma ermida feita de pedra e cal, com um espaçoso pateo onde os turcos se apearam e entraram, levando Tenreiro comsigo até uma casa, no meio da qual se viam duas sepulturas cobertas com pannos de seda preta, sepulturas que os mouros tem em grande veneração, e que um turco disse a Tenreiro serem: uma de Arat <sup>1</sup> e a outra de Hisdros, sogro de Moysés. Dentro da casa havia tambem uma pedra branca como jaspe, onde estavam assignaladas duas pégadas grandes que o turco disse a Tenreiro serem de Moysés.

Chegaram á cidade de Ramala, na Judéa; está junta do mar, e distante d'este, umas tres leguas, encontra-se a povoação em que desembarcam os peregrinos que vão a Jerusalem em romaria. Esta cidade, habitada por mouros e arabes, dista de Jerusalem uma pequena jornada. Ali dizem estar o templo onde morreu Samsão.

Chegaram á cidade de Gazara, na Judéa, depois de meio dia de caminho. Ahi os turcos que conduziam Tenreiro perguntaram pelo governador da cidade a fim de lhes mandar dar mantimentos, guias e dromedarios para poderem passar o deserto das areias. Responderam-lhes que o baxá estava no campo; foram logo procural-o, recebendo d'elle mui bom agasalho; e mandou logo passar ordem para que em Gazara lhes dessem guias e ôdres para levar agua e biscoitos.

Atravessando esta cidade para o lado do meio-dia, e tendo andado duas leguas, entraram no deserto, que é de sete jornadas de extensão, o qual atravessaram sem o menor risco, caminhando quatro leguas por dia, porque era tudo areia solta. No fim do deserto encontraram uma casa situada entre uma serra mui alta e o mar, lugar por onde tem de passar todos os viajantes e cáfilas, que vão tanto para o Egypto como para Jerusalem. Na casa está sempre um alcaide mouro que não deixa passar pessoa al-

<sup>1</sup> Os musulmanos designam com este nome um dos dois anjos que Deus havia mandado á terra para examinar as acções dos homens.



guma sem que lhe diga quem é, e o negocio a que vae. Apeiraram-se os turcos que conduziã Tenreiro e disseram que levavam aquelle preso a Abraham Baxá; o mouro escreveu logo a resposta n'uma tirinha de papel e, tirando uma pomba de uma gaiola, atou o papel debaixo d'uma aza e soltou-a depois. A pomba chegou ao Cairo, entrou na casa d'um mouro que lhe tirou a tira de papel e a levou a Abraham Baxá.

Partiram logo atraz da pomba, caminharam ainda tres jornadas por campos deshabitados e chegaram depois á cidade de Remaya, que está fóra do deserto para a parte do meio-dia, cercada d'uma velha moralha, habitada por mouros arabios que vivem de lavouras e creações.

Caminhando mais chegaram finalmente ao Cairo, a que os mouros chamam Mecera; encaminharam-se para casa d'um turco, amigo intimo de Abraham Baxá, onde estiveram doze dias sem poderem fallar a este. Durante estes doze dias esteve Antonio Tenreiro preso. Ao decimo terceiro dia Tenreiro foi conduzido á presença de Abraham Baxá, que lhe fez varias perguntas ás quaes Tenreiro satisfez cabalmente. Depois, com favoravel semblante, Abraham acenou para que o conduzissem a uma casa publica onde se achavam oito turcos que desempenhavam a função de desembargadores. Ahi interrogaram-no, declarando a Tenreiro que confessasse a verdade, perguntando-lhe quem era, porque razão havia sido preso, a que nação pertencia, que religião professava, etc., etc., e todas as respostas eram escriptas por um judeu hespanhol, physico de Abraham Baxá.

.....  
Cinco dias depois, Antonio Tenreiro foi posto em liberdade por mandado de Abraham.

\* \* \*

A cidade do Cairo é situada ao longo do rio Nilo, a 172 kilometros de Alexandria. Os arabes dão-lhe diversos nomes, taes como: El Kahira, Misr, Fastat, Mauf, etc., Possui lindas mesquitas e edificios riquissimos construidos á hespanhola; as ruas são muito largas. A posição da cidade é mais elevada para o oriente, onde existe um castello com grossas muralhas, contendo ricas casas e grandes pateos; distinguem-se, entre todas as casas, os aposentos do grã-sultão, construidos de pedras mui delicadas e lavradas, e onde se admiram ricas pinturas

com tintas finissimas, ouro, e marchetes de marfim; era n'este castello que os turcos tinham a sua artilheria. O Cairo abunda em trigo, cevada, carnes, pescas, grandes creações de gallinhas e patos. A uma legua da cidade está uma horta, com uma fonte d'agua doce, onde nascem umas arvores que dão o balsamo que se colhe em maio; estas arvores são como roseiras grandes, e não se dão n'outro local senão na horta. Dizem que foi na fonte que a Virgem lavou os pannos de seu filho.

\* \* \*

Antonio Tenreiro, depois da sua soltura, ainda se demorou alguns dias no Cairo, esperando algum navio que o conduzisse á Europa; mas, vendo que o tempo decorria e desejoso de sair d'aquella terra, embarcou n'uma barca, que ia pelo Nilo abaixo carregada de mouros e suas mercadorias. Navegando umas cinco leguas, passaram junto d'uma ilha habitada por lavradores e muito fertil em mantimentos, gallinhas e patos. Navegando mais cinco leguas chegaram a Fua, villa situada na margem do rio. Possui bellas casas e é habitada por mouros, arabes e mecerins.

Andando mais quatro leguas pelo rio abaixo chegaram a Raxite, villa tambem situada na margem do Nilo e distante vinte leguas do Cairo, tem bellas casas e é habitada por mouros mecerins.

Desembarcou aqui Tenreiro, alugou uma mula e caminhou para Alexandria juntamente com outros mouros que para a mesma cidade se encaminhavam. Depois de seis leguas por deserto chegaram a uma casa onde se achava um mouro que cobrava os tributos de todos os judeus e christãos que por ahi passavam. Tenreiro pagou um gafar.<sup>1</sup>

Pouco tempo depois chegaram á cidade de Alexandria, situada para o poente, banhada pelo Mediterraneo e communicando com o Cairo pelo canal de Fanah e pelo Nilo. Possui edificios muito antigos, ruinas soberbas e monumentos. São notaveis as agulhas de Cleopatra, erguidas outr'ora diante do templo de Cesar e Pompeu.

(Continúa)

<sup>1</sup> Moeda de cobre que vale 24 ou 25 réis.



## A ESTATUA EQUESTRE DO TERREIRO DO PAÇO

Quando começou a reedificação de Lisboa, depois da terrível catastrophe de 1755, o Marquez de Pombal, então simplesmente Sebastião José de Carvalho e Mello, concebeu o pensamento de um monumento na praça do Commercio construída sobre o antigo Terreiro do Paço. Eugenio dos Santos de Carvalho, capitão de engenheiros, fôra encarregado não só da reedifica-

ção da cidade, mas segundo os seus planos se levantaram os edificios que flanqueam hoje a Praça do Commercio. Por sua morte deixou um projecto de Estatua equestre que devia servir para ornamento da praça; porém, no seu esboço, a parte convexa e posterior do pedestal, que hoje apresenta os baixos relevos, tinha ficado nua e sem ornato. Quando o ministro



ESTATUA EQUESTRE DE D. JOSÉ I, NA PRAÇA DO COMMERCIO EM LISBOA

quiz pôr em execução o monumento, um artista nascido em Malta, e que estudara em Italia, foi encarregado de apresentar um modelo segundo os desenhos referidos, e o capitão Reynaldo Manoel dos Santos, que succedera a Eugenio dos Santos de Carvalho no cargo de architecto, fez concorrer para o mesmo fim Joaquim Machado de Castro, que estava por esse tempo

occupado na eschola de esculptura da Basilica de Mafra.

Machado de Castro fez um pequeno modelo em cêra sobre as copias d'estes mesmos desenhos que lhe haviam sido apresentados por uma ordem expressa, sendo o seu projecto levado ao rei, em concorrência com o do artista maltez. A preferencia recahiu sobre o projecto de Ma-



chado de Castro, a quem se não deixou a liberdade de inventar as allegorias dos grupos principaes, nem mesmo de alterar os accessorios da estatua equestre! Consentiram-lhe por favor que retocasse os defeitos do desenho. A sua livre phantasia só pôde exercer-se na composição do baixo relêvo, que Eugenio dos Santos deixara em branco. O proprio artista relata em uma obra especial esta sua deploravel situação, confirmada pelo testemunho de um outro artista seu contemporaneo, Antonio Stopani. Machado de Castro foi auxiliado na obra dos grupos que se acham dos dois lados do pedestal por Francisco Leal Garcia, José Joaquim Leitão, João José Elveni e Alexandre Gomes, todos elles discipulos de Giusti. Apesar d'esta falta de liberdade na concepção do artista, Murphy na sua Viagem considera o seu trabalho como «obra de um grande mestre.» Uma vez formado o grande modelo da Estatua equestre, tratou-se de procurar um homem bastante habil para fundil-a em bronze. Em Portugal nunca se tinham realisado trabalhos d'esta ordem, o que não obstou a que apparecesse Bartholomeu da Costa, tenente coronel director do Arsenal, que conseguiu fundir de um só jacto essa estatua colossal, que por esta circumstancia é uma extraordinaria maravilha; Balthazar Keller foi o fundidor que trabalhou sob a sua direcção. A Estatua, com vinte e quatro pés de altura, levou 656 quintaes e meio de bronze, ficando de sobreceleste nas calhas 500 quintaes. A fundição operou-se no dia 15 de Outubro de 1774, em oito minutos; em seguida oitenta e trez operarios durante pouco menos de seis mezes trabalharam aperfeiçoando com o cinzel esse enorme bloco, cuja deslocação até ser fixado no pedestal custou uma illiada de novas difficuldades de mechanica. O architecto dos monumentos publicos, Reynaldo Manoel dos Santos foi o encarregado do transporte da Estatua, e João dos Santos empregado da policia do Porto dirigiu todas as manobras dos guindastes. A elevação da Estatua equestre operou-se com a maior felicidade em 20 de Maio de 1775. A inauguração da Estatua equestre teve logar em 6 de Junho, para celebrar o anniversario do monarcha; des-

vendaram-na no meio de pomposas festas o Marquez de Pombal e Joaquim Ignacio da Cruz Sobral.

A multidão que assistia a esta apothese do cesarismo ajoelhou assim que a estatua ficou a descoberto. É incalculavel a somma de versos charros que se produziram por esta occasião; formam centenaes de volumes manuscriptos. Entre esses versos figura um soneto de Antonio Lobo de Carvalho, dizendo que o Marquez de Pombal collocara el-rei Dom José n'aquellas alturas, para que lhe não chegassem aos ouvidos as queixas do povo. O senado de Lisboa deu um concerto seguido de um banquete dispendiosissimo, e a cidade esteve por trez dias em festas e illuminações forçadas. Foi um intermedio no meio dos tenebrosos processos politicos, que continuaram como se viu na execução de João Baptista Pele. O eminente artista Joaquim Machado de Castro não saiu da sua posição subalterna, dando-se-lhe a cruz de cavalleiro, mas permanecendo na pobreza, fallecendo em 1822 com noventa e um annos de idade. Bartholomeu da Costa foi recompensado com a patente de general. O Marquez de Pombal mandou collocar o seu medalhão na frente do pedestal da estatua, d'onde foi arrancado quando veiu a reacção aristocratico-clerical do reinado de D. Maria I, sendo mandado repôr por D. Pedro IV. Vogel, no seu livro *Portugal et ses Colonies*, traz o seguinte juizo: «A estatua equestre de Dom José, imponente pelo effeito que produz á primeira vista, é muito defeituosa no que diz respeito á arte.» A verdade d'este juizo atenua-se pelo conhecimento da falta de liberdade de Joaquim Machado de Castro. Todas as vezes que a auctoridade se intermette na espontaneidade do espirito, só produz o acanhamento e a chateza por mais que se acoberte com a opulencia e com a magestade. A Estatua equestre representa no seu character mais intimo a grandeza do seculo XVIII em Portugal, o apparatus official cobrindo por uma intervenção permanente todas as manifestações da iniciativa individual.

FERDINAND DENIS, RACZYNSKI FR. LUIZ GOMES.



# COMO EU ATRAVESSEI A AFRICA

DO ATLANTICO AO MAR INDICO—VIAGEM DE BENGUELLA Á CONTRA-COSTA—ATRAVÉS REGIÕES DESCONHECIDAS—DETERMINAÇÕES GEOGRAPHICAS E ESTUDOS ETHNOGRAPHICOS

POR

**SERPA PINTO**

PRIMEIRA PARTE

## A CARABINA D'EL-REI

(Continuado da folha 13)

**S**OUBEMOS que o chefe Castro tinha sido exonerado do commando, e fôra nomeado outro official do exercito de Africa para o substituir.

Dois dias depois da nossa chegada, chegaram tambem a Caconda o novo chefe e o alferes Castro, e por elles a nossa correspondencia da Europa, que lemos com avidez.

Fallei logo em carregadores, e o alferes Castro promptificou-se a acompanhar-me a casa de José Duarte Bandeira, o primeiro potentado de Caconda, onde me disse que se arranjariam pela grande influencia de que dispunha o tal Bandeira.

Partimos para Vicéte no dia 13 de manhã, e n'esse mesmo dia o Ivens seguiu para casa de Matheus, a fazer um reconhecimento no Cunene, no logar da sua confluencia com o Quando. Eu tambem devia ir fazer uma visita ao mesmo rio para o sul.

O Capello ficou em Caconda atacado por uma ligeira febre, e entregue aos cuidados de Anchieta. Segui a S. S. E., passando logo os rios Secula-Binza, Catapi, e Ussongue, que afflue a leste, correndo a O. N. O., com 3 metros de largo por um de fundo, dando-lhe por isso grande contribuição d'agua.

Depois de caminhar a S. E. umas 26 milhas, cheguei pela noite a Vicéte, libata fortificada entre rochas, no cume de um outeiro que domina vasta planicie.

Fui recebido por José Duarte Bandeira, que, depois de boa ceia, me porporcionou optima cama, de que bem precisava.

Logo na manhã seguinte, o alferes Castro fallou nos carregadores, e Bandeira promptamente se offereceu para obter 120, que tantos nos eram precisos para seguirmos ao Bihé.

Mostrei o desejo de ir ao Cunene, e ficou decidido que partissemos no seguinte dia.

Caminhamos nove milhas a léste, e encontramos o rio no Porto do Fende.

Logo á chegada, matei um grande hippopotamo, que teve a imprudencia de vir resfolgar a meio rio ao alcance da minha carabina. Passei ali dois dias. O rio tem ahi 100 metros de largo por 6 a 7 de fundo, com uma corrente de uma milha por hora. O seu eixo no Fende é N. O. a S. E. por espaço de 2 milhas, sendo a montante de N. E. a S. O., e ainda acima E. O. a jusante inclina-se para S. S. O. por 26 milhas, até ao Luceque. Por vezes toma uma largura de 200 metros e mais.

Abundam n'elle hippopotamos e crocodilos.

Uma milha a jusante do Porto do Fende, ha uns rapidos a que chamam Da Libata Grande; meia milha abaixo, outros, as Mupas de Canhacuto; e 10 milhas mais a jusante, as cataractas de Quiverequete, ultimas que tem no seu curso superior; sendo depois navegavel até ao Humbe.

A margem direita é, nos pontos em que a visitei, montanhosa e coberta de mato virgem; á esquerda, vasta planicie, de 4 a 5 kilometros de largo, que encosta ao sopé dos montes, que formam um pouco elevado systema, correndo N. S.; em cujas vertentes a oeste assentam as povoações do Fende.

Pelas 11 horas da noite do dia 15, formou-se sobre nós uma tormenta que despediu innumeras faiscas e copiosa chuva, deixando-nos completamente molhados.

A 17 voltamos para Caconda, com a promessa de termos os carregadores dentro de 8 dias; tendo de mandar, logo no dia seguinte, um barril de aguardente para a convocação. N'esta parte de Africa, a aguardente desempenha para com os homens o mesmo papel, que na Europa o azeite para com as machinas. Sem ella não se movem.

O nosso hospedeiro, que bem nos regalou



em sua casa, esqueceu-se de que tínhamos a gastar o dia em jornada; e que, saindo nós ao alvorecer, só á noite alcançaríamos Caconda. Partimos com o alforje vazio, e pelo meio dia já o appetite degenerava em fome.

Paramos n'uma clareira, e eu disse ao alferes Castro, que ia ver se matava caça para comer; mas apenas avistei uma codorniz, que nos serviu a ambos de almoço e jantar, cozinhada n'uma marmita de soldado. Confesso que já tenho almoçado e jantado melhor do que n'esse dia.

Os meus pretos, vendo a minha avidez em roer os ossos da codorniz, que a cadella debalde devorou com os olhos, fazendo-me mil negaças com a cauda, deram-me uma raiz de mandioca, que partilhei com o alferes.

Cheguei á noite a Caconda, e depois de uma boa ceia, dei fê que Ivens ainda não tinha chegado, e que Capello já estava bom.

O Ivens chegou a 19, e n'esse dia mandamos o tal barril de aguardente ao Bandeira, pedindo-lhe a maior urgencia na convocação dos carregadores.

No dia 23, chegaram de Benguela uns artigos que tinham sido requisitados; e para mim um presente de 6 latas de biscoito, que me offerecia Antonio Ferreira Marques.

N'esse dia despachei outro portador para Vicète, pedindo ao Bandeira os carregadores, que já se demoravam.

Não appareciam os homens promettidos, e eu pedi ao chefe para que fosse ao Vicète, e, usando da sua influencia como auctoridade, visse se dava pressa ao Bandeira em nos mandar a gente precisa.

O chefe partiu e escreveu-me logo, dizendo

já estarem promptos 61 homens, e em breve haver os mais. Levava elle logo fazenda para os pagamentos, que ali só querem algodão branco, mas disse serem precisas mais 50 peças, que nós não tínhamos, mas que o Bandeira ficou de emprestar.

No dia seguinte, nova carta do chefe, dizendo, que os carregadores iam ser pagos e viriam logo; dois dias depois, terceira carta, dizendo já lá ter 94 homens; e finalmente, no dia 5 de fevereiro, outra carta, dizendo, que não havia nem um carregador, e que nenhum se arranjará.

Imagine-se o nosso desapontamento.

Eu a esse tempo ainda não tinha formulado e arraigado no meu espirito um principio, que mais tarde me suggeriu a experiencia, e que

entrou depois, de parelhas com a carabina de el-rei, no feliz resultado da minha viagem.

O principio formulado e depois profundamente arraigado no meu espirito, traduziu-se n'esta sentença:

«Desconfiar, no sertão de Africa, de tudo e de todos, até que provas repetidas e irrefutaveis nos permittam confiar um pouco em alguma cousa ou alguém.»

Ora, para mim, essas provas são tão difficeis de se apreciarem, como o são as de um amor eterno ou as da solida fortuna do commer-

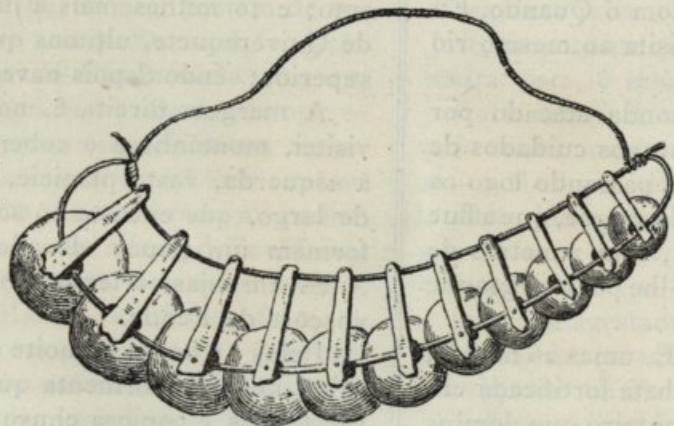
ciante, embrulhado em transacções de vulto.

Creio que, ao tomarmos conhecimento da carta do chefe, cada um de nós propoz alvitre qual d'elles mais disparatado.

O desapontamento era grande. Socegados os espiritos, decidimos ir procurar os carregadores fosse onde fosse, e se longe ou perto os não podesse encontrar, seguirmos para o Bihé, e



HOMENS MONDONBES — Segundo um esboço do major Serpa Pinto



MARIMBAS — Segundo um desenho do major Serpa Pinto





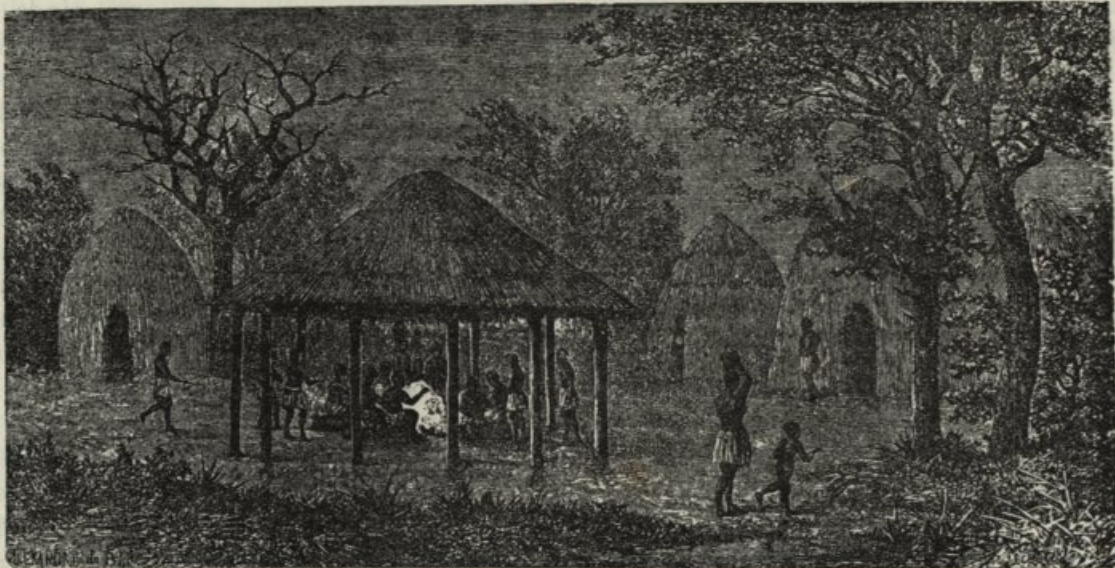
mandarmos d'ali buscar as cargas. Julgavamos isso possivel.

O chefe voltou de Vicète, e não me deu explicação plausivel do facto.

Acordamos em ir eu ao Huambo, a ver se

aventuras, que começam aqui a tomar um character mais extraordinario, cabe-me dizer duas palavras a respeito de Caconda.

A fortaleza de Caconda, o ponto mais interior onde hoje no districto de Benguella tremula



TEMPLO DA CONVERSAÇÃO — Segundo um esboço do major Serpa Pinto

do Soba d'ali obtinha carregadores; porque, não só o alferes Castro, como o chefe, e Anchieta mesmo, nos mostravam a impossibilidade de os ajustar mais perto.

Pouco antes, Anchieta tinha encontrado grandes embaraços para fazer uma remessa de productos zoológicos para Benguella, o que era relativamente mais facil.

O que nos estava acontecendo é digno de notar-se.

Não só Bandeira, mas um tal Mathias, o sargento Mathews e outros, enviam grandes caravanas a sertões longinquos; e todos elles não poderam obter um só carregador para nós!

Eu começava de antever um proposito firme de nos embaraçarem o passo, e mal cuidava então que esse proposito fosse tão longe, como infelizmente tive occasião de experimentar depois.

O correr d'esta narrativa mostrará, quão habilmente me foram levantados obstaculos, que só uma decidida protecção de Deus me fez vencer.

Deixemos este assumpto por emquanto, e antes que continue com a narração das minhas

a bandeira portugueza, é um quadrado de 100 metros, cercado de um profundo fosso e de um parapeito, onde aqui e além se podem ver as linhas distinctas de uma fortificação passageira, construida outr'ora com arte. Uma paliçada

fôrma segunda fortificação no interior, resguardando umas casas arruinadas, que foram habitação do chefe, quartéis e paiol.

Algumas boas peças de bronze, montadas a barbete, deixam ver por sobre o plano de tiro, deformado pelo tempo, as suas bocas verde-negras e oxidadas.

A 200 metros ao sul da fortaleza, as ruínas de uma igreja.

Ao norte, uma reunião de pequenas cubatas, que são a morada dos soldados.

O paiz é agradável, e sem ser, como se pretende, isento de febres, é certo que ellas ali são mais benignas do que em outros pontos. A povoação é pouquissima, e tem-se retirado muito da fortaleza.

O solo é uberrimo, e muitas plantas Euro-



HOMEM E MULHER DO HUAMBO  
Segundo um esboço do major Serpa Pinto



pêas facilmente se aclimam ali, produzindo espantosamente. No trigo, feijão e batata vi eu isso em pequenissimas plantações.

O ribeiro Secula-Binza é uma fonte de agua crystallina correndo em leito de granito.

Junto da fortaleza ha poucas arvores; as necessidades dos habitantes tem despovoado as matas que devem ter existido outrora, como ainda hoje existem mais longe.

O commercio é pouco, e esse mesmo é feito muito longe no interior.

A mesma pegada de decadencia que se nos revela em Quillengues, é ainda mais patente aqui.

A importancia de Caconda é igual, senão superior, á de Quillengues; mas tem menos segurança ainda para o commercio, por que o caminho de Benguella é infestado de salteadores.

## CAPITULO V

### VINTE DIAS DE AGONIA

Parto de Caconda—O sova Quipembe—Quingolo e o sova Caimbo—40 carregadores—Febre—O Huambo, o sova Bilombo e seu filho Capôco—80 carregadores—Cartas e noticias—Quasi perdido!—Sigo ávante—Grave questão no Chaca Quimbamba—Os rios Caláe, Canhungamua e Cunene—Nova e séria questão no Sambo—O Cubango—Chuvas e temporaes—Grave doença—Uma aventura horrivel—O Bihé finalmente!

Parti de Caconda a 8 de Fevereiro de 1878, levando em minha companhia 10 homens de Benguella, o meu muleque Pepeca, Verissimo Gonçalves, de quem já fallei, e o chefe de Caconda, o Tenente Aguiar, que quiz por força acompanhar-me n'esta expedição, que tinha por unico fim o arranjar carregadores; querendo mostrar assim a sua boa vontade em nos auxiliar, e que era estranho aos acontecimentos de Caconda.

Cumpre-me dizer, que eu nunca duvidei da sinceridade do Tenente Aguiar; porque a esse tempo não tinha ainda arraigado no meu espirito o principio que formulei no capitulo anterior, e hoje mesmo creio que elle foi enganado como eu, apesar da sua muita experiencia dos sertões avassallados.

Depois de uma jornada de 17 kilometros a N. E., alcancei a libata de Quipembe, onde fui recebido pelo sova Quimbundo, que me deu hospitalidade. Passei um pequeno ribeiro o Ca-

rungolo, junto a Caconda; e depois o Catapi, que ali corre a S. O.

O sova mandou-me logo um porco pequeno, e não tendo eu podido comprar gallinhas, mandou-me uma.

À tarde veio á minha barraca, e depois de larga conversa, disse-me, que, ainda que os seus antepassados foram sempre avassallados a El-Rei de Portugal, elle não o era; porque as muitas arbitrariedades commettidas pelos chefes contra elle e os seus, tinham quebrado os compromissos antigos; que o *Mueneputo* já lhe não fazia justiça, e narrou-me muitos dos acontecimentos em que baseava as suas accusações aos chefes, fallando com modo muito atilado.

O chefe estava presente á entrevista, e não podia responder ás accusações dirigidas aos seus antecessores, tão claramente eram ellas formuladas.

Este velho era homem de tino, e fallou-me na politica dos portuguezes em Caconda com um juizo difficil de encontrar em preto boçal.

Procurei desfazer a má impressão que o soba tinha dos chefes de Caconda, mas creio que nada alcancei n'esse sentido. Mais uma vez tive occasião de apreciar o mau resultado dos minguidos estipendios que se conferem aos chefes dos conselhos do interior; causa primordial da decadencia do nosso poderio e influencia ali.

O sova de Quipembe é muito idoso, e soffre de gota, que lhe embaraça o caminhar.

A sua libata é vasta, bem fortificada e muito bem situada. Desde a minha chegada muitas dezenas de pretos e pretas pequenos olhavam pasmados para mim, fugindo em debandada ao menor movimento que eu fazia. Tentei fazelhes perder o medo que manifestavam, dando-lhes alguns guisos e bagos de coral; mas só mui receosos se chegavam a mim, fugindo logo que recebiam o presente.

Foram objecto de grande admiração, os meus olhos e o meu cobertor, em que se desenhava um enorme leão em fundo vermelho.

No dia 9 deixei a libata, seguindo a N. E.; passei logo o ribeiro Utapaira, e uma hora depois alcançava o Cuce, affluente do Quando. Este rio tem ali 3 metros de largo por 2 de fundo, dando difficil passagem, por serem as suas margens escarpadas e lodoso o fundo.

A margem direita é montanha suave e pouco elevada, e a esquerda campina de um kilometro de largo. Passei ao sul da libata de Banja, magnificamente situada no tópo de um outeiro,



e depois de atravessar tres ribeiros, o Canata e Chitando, que vão ao Cuce, e o Atuco ao Quando, alcancei este ultimo rio, um dos grandes afluentes do Cunene.

O Quando corre ao sul, com uma largura de 20 metros por dois a tres de fundo.

No sitio de Pessange, em que acampeei, desaparece o rio por baixo de massas enormes de granito, para reaparecer um kilometro a jusante.

Este ponto offerece uma das mais bellas paisagens que tenho visto. As margens do rio, um pouco elevadas, são cobertas de luxuriante vegetação, onde as palmeiras elegantes se destacam do verde-negro dos gigantescos espinheiros. Os rochedos denegridos sobresaem aqui e alem por entre os tufos de mato, mostrando os cabeços puidos do bater das tempestades.

Nuvens de passarinhos chilram nas arvores e inumeras rolas esvoaçam sobre os espinheiros. De quando em quando ouve-se o resfolgar dos hippopotamos nos pegos do rio.

É a belleza selvagem em toda a sua força, mas a par d'ella ha ali alguma cousa de horriavel, que são venenosissimas serpentes que a cada passo se arrastam junto de nós.

Matei algumas, que me certificaram os pretos serem de mortal peçonha.

Appareceram alguns Hyrax, e eu, internando-me no mato virgem da margem esquerda, em sua busca, deparei com as ruinas de uma muralha de pedra, que pela extensão parece ter sido muro de povoação antiga. Foi este o primeiro dia na minha viagem em que de noite tive por tecto o ceo estrellado, mas por isso não foi menos profundo o meu somno. Ao alvorecer matamos, entre a minha cama e a do tenente Aguiar, uma cobra venenosa.

Seguimos a N. E., e para além da povoação de Pessange, encontramos a de Canjongo, governada por um seculo, que nos offereceu capata e vendeu algumas gallinhas a troco de panno de algodão ordinario, e depois de passarmos o rio Droma, affluente do Calae, que corre a S. E., descançamos algumas horas na margem esquerda, e caminhando depois a N. N. E., chegamos, ás 5 horas da tarde, á libata grande de Quingolo.

O sova deu-me hospitalidade, e mandou logo comida para a minha gente.

Sabendo o motivo da minha viagem, disse-me, que se a elle tivéssemos recorrido com tempo, nos teria arranjado os carregadores, mas

que os chefes de Caconda não faziam caso d'elle e faziam mal n'isso; que ainda assim, me ia dar 40 carregadores que enviaria a Caconda, e fosse eu ver se obtinha os outros ao Huambo.

Fui atacado de uma ligeira febre. No dia 11, logo de manhã, o sova veio visitar-me e confirmou o seu offerecimento de 40 homens, que me disse partiriam no seguinte dia para Caconda.

Quiz fazer algumas compras de viveres, mas nada me quizeram vender; sabendo isto o sova Caimbo, enviou-me um grande porco. Eu fiz-lhe um presente de tres peças de riscado e duas garrafas de aguardente.

O chefe Aguiar decidiu voltar a Caconda, no que me deu um verdadeiro prazer.

Ao meio dia appareceram os chefes dos carregadores que partiam, para receberem os pagamentos.

Esta libata grande de Quingolo é situada sobre um outeiro granitico que domina uma enorme planicie.

Por entre as rochas cresceram sycomoros enormes, que lhe dão uma frescura constante. Estas rochas combinadas com as paliçadas formam uma temivel fortificação, rodeada de um fosso meio obstruido. No topo do outeiro dois rochedos enormes de elevadas proporções formam uma especie de mirante, d'onde se goza um dos mais surprehendedentes panoramas que tenho visto.

Semelhante ao golpe de vista da cruz alta do Bussaco, se a mata, em vez de limitada na estreita cinta de muralhas, se estendesse dos cabos Carvoeiro ao Mondego até á beira-mar, apenas interrompida aqui e além por verdejantes clareiras, o paiz que se avista do alto de Quingolo é talvez, mais vasto e grandioso, sendo limitado em torno por um perfil azulado de longinquas montanhas que de distantes mal se avistam.

No dia 12, ainda que me recresceu a febre, decidi partir, e tendo feito as mais cordiaes despedidas ao sova e ao chefe Aguiar, segui ás 8 h. 30 m., acompanhado de tres guias que me deu o sova Caimbo, com quem fiquei nos melhores termos de amizade. Logo á saida passei o ribeiro Luvubo, que corre ao Calae, e pelas 10 horas alcancei a libata do seculo Palanca, onde pedi agasalho, por me ser impossivel caminhar com a febre que recrescia a cada momento.

Apesar do meu estado de saude, fiz observações astronomicas, para determinar a minha posição; e fallo n'isso, por ser este o primeiro



d'essa serie de pontos que eu devia determinar atravez d'Africa.

Foi a povoação de Palanca o primeiro ponto determinado por mim, n'essa linha que marca o meu caminho do mar Atlanticò ao Indico.

Tres grammas de quinino que tomei durante a apyrexia produziram-me rapidas melhoras que me permittiram seguir no dia immediato.

Eu viajava a cavallo em um possante boi, e tinha um outro de reserva, bois muito bem domesticados e que offereciam boa commodidade ao andar, podendo obter d'elles um aturado trote e mesmo um galope curto.

Segui perto das 8 horas e passei logo o rio Doro, a que chamam das mulheres, onde foi muito difficil a passagem dos bois, por ser de fundo lodoso.

O calor era intenso, e eu comecei a sentir-me mais doente, pelo que resolvi deitar-me a descansar um pouco.

Não haviam arvores no sitio, e ao sol abrasador sobre uma terra ardente adormeci. Foi curto o meu somno, e ao despertar, senti que estava fresco e tinha sombra. Eram os meus pretos que, de motu proprio estavam em torno de mim segurando um panno para desviar do meu corpo as ardencias de um sol a prumo. Tocou-me tal prova de cuidado. Segui ávante e passei um ria-

cho — o Doro, a que chamam dos homens, que se une ao primeiro e corre depois ao Calae, não sei se com o mesmo nome. Duas horas depois encontrava o rio Guandoassiva, que tem 5 metros de largo por um metro de fundo, em cuja margem descancei. É affluente do Calae e abunda em peixe miudo, que muito ali pescamos. Eu sentia-me bastante doente. Á febre que tinha reapparecido unia-se uma extrema fraqueza, pois que, havia dois dias, apenas tinha tomado alguns caldos de gallinha.

Aproveitei o descanso para mandar fazer um caldo de frangão, que não levou sal, por se me ter acabado a pequena provisão trazida de Caconda.

Depois de duas horas de repouso, seguimos sempre a N. E., e meia hora depois passavamos o rio Cuena, que tem ali 6 metros de largo por 1,5 de fundo, e corre ao Calae.

Este rio corre entre as vertentes suaves de montanhas mui pouco elevadas, mas cavou um leito fundo, cujas escarpas verticaes de 2 metros, tornaram difficil a passagem dos bois.

Trabalhamos ali duas horas. Duas horas depois, já ao cahir da noite, alcancei a libata do Capoco, o poderoso filho do sova do Huambo.

(Continúa)

## SUPERSTIÇÕES POPULARES EM PORTUGAL

(Continuado da folha 13)

**N**O CANCEIRO da Vaticana encontram-se numerosas referencias á superstição da Astrologia, e as palavras *Astroso* e *desastre* revelam a profundidade d'esse erro que só a sciencia positiva conseguiu destruir. Uma canção de Affonso de Cotom (Canc. n.º 1116) traz:

Meestre Incolás, a meu cuydar  
é muy boõ fisico por non saber  
el a suas gentes bem parecer,  
mais vejo-lhi capelo d'ultra-mar,  
e traj'al uso ben de Monpiller...

E em boõ ponto el tan muyto leeu,  
ca per o prezam condes e reyx,  
e sabe contar quatro e cinqu' et seix,  
per *strolomya* que aprendeu...

E outras artes sabe el muy melhor  
que estas todas de que vos faley  
*diz das luas* como vos direi  
que x'as fezo todas nostro senhor...

Em uma Canção do Conde Dom Pedro allude-se á superstição astrologica (n.º 1042):

Martin Vasques n'outro dia  
hu estava en Lixboa,  
mandou fazer gran coroa  
ca vya per *astrologia*  
que averia egreja  
grande, qual ca el deseja,  
de mil libras en valia.

Estevam da Guarda, privado de Dom Affonso III, na canção 931 allude a esta mesma anedocta:

Ora é já Martin Vasques certo  
das *planetas* que tragia erradas,  
Mars e Saturno mal aventuradas  
cujo poder trax em si encoberto;  
cá per Mars foi mal chagado em pejeja,



e per Saturno cobrou tal egreja  
sem prol nenhuma em logar deserto.

Outras planetas de boa ventura  
achou per vezes en seu calandayro  
mays das outras que lh'andam en contrairo  
cujo poder ainda sobr' el dura...

E na canção 928 e 929, que trazem a rubrica:  
«*feitos a hun jograr que se presava destrologo, e  
el non savia nada...*» diz o mesmo Estevam da  
Guarda:

Já Martin Vaasques da *astrologia*  
perdeu bençom pelo grand'engano  
das pranctas, perque veo a dapno  
en que tan muyto ante s'atrevia,...

Na canção 962, da collecção da Vaticana, a pa-  
lavra *astroso* significa o que está debaixo da in-  
fluencia maligna dos astros, como ainda vaga-  
mente se exprime na linguagem moderna a  
mesma superstição na palavra *desastrado*. Os reis  
tinham os seus astrologos, que consultavam em  
todas as suas determinações. El-rei Dom Duarte  
tinha na sua corte mestre Guedelha, que lhe  
prognosticou a morte, segundo a credulidade do  
tempo. No nascimento das crianças tomava-se  
o *horoscopo*, para conhecer o seu destino. Na  
Canção x (ed. da Actualidade, p. 43,) diz Ca-  
mões:

Quando vim da materna sepultura  
De novo ao mundo, logo me fizeram  
*Estrellas infelices* obrigado;

Camões referia-se ao prognostico de fevereiro  
do anno de 1524, em que nasceu, no qual se an-  
nunciava um grande diluvio pela conjuncção dos  
planetas no signo de Piscis. Espalhou-se pelo  
mundo o terror de um diluvio, terror renovado  
pela apagada tradição do millenio, que de vez  
em quando ainda se repete. É ainda vulgar a  
crença nos signaes do céu, como *cometas*, que  
prognosticam guerras, pestes e morte de reis;  
e subsiste o terror das auroras boreaes e das  
estrellas cadentes. Segundo Lange, na *Historia  
do Materialismo*, o preconceito de perigo mortal  
ligado aos nascimentos de fetos de oito mezes é  
devido aos restos da astrologia medieval.

O uso do signo de Salomão (*sino-saimão*)  
acha-se citado na canção 1025 do Cancioneiro da  
Vaticana; ainda hoje é um poderoso talismã po-  
pular contra os quebramentos, ou effeitos de  
*mão olhado*.

Na Canção 984, de Pero Garcia Burgalez,  
falla-se n'esta superstição ainda vigorosa entre  
o povo:

Fernand'Escalho leixey mal doente  
com *olho máo*, tan coyta'd'assy,  
que non guarrá, cuyd'eu, tan mal se sente,  
per quant'oj'eu de Dom Fernando vi;  
ca lhi vi grand'*olho máo* aver,  
e non cuydo que possa guarecer  
d'este *olho máo*, tant' é mal doente.

E na canção 1091, alludindo á privança com  
Dom Affonso III, vem:

E poys ora soys tam bem andante,  
ben era d'ome do vosso logar,  
de ss'*olho máo* de vos ar quebrar,  
e non andar como andavades ante.

A todas as grandes commoções sociaes cor-  
responde uma revivescencia das superstições po-  
pulares; o que se observa na Europa com a de-  
monologia, na epoca da Renascença e do Protes-  
tantismo, repetiu-se em Portugal pela circum-  
stancia accidental das guerras e das pestes.  
Por occasião das guerras com Castella sob Dom  
João I, e das grandes pestes do seculo XVI, ou  
depois da derrota de Alcacer-kibir, as supersti-  
ções populares portuguezas apresentaram uma  
certa recrudescencia. O Senado de Lisboa, con-  
demnou em um Alvará de 14 de Agosto de 1423  
«os pecados de Dollatria e costumes danados  
dos gentios que se em ello (o povo) de grandes  
tempos guardavam...» Transcrevemos essa enu-  
meração curiosissima: «que d'aqui em diante  
em esta cidade, nem em seu termo nenhum a  
pessoa nom use nem obre de *feitiços* nem de  
*ligamento*, nem de *chamar os diabos*, nem *descan-  
tações*, nem d'obra de *veadeira*, nem obre de  
*carantelas*, nem de *geitos*, nem de *sonhos*, nem  
d'*encantamentos*, nem *lance roda*, nem *lance sor-  
tes*, nem obre de *devinhamentos* em alguma guisa  
que defezo seja por direito civil ou canonico;  
nem outro si *ponha mão*, nem *meça atá*; nem *es-  
cante olhado* em ninguem, nem *lance agua por  
joeira*, nem faça remedio outro algum para saude  
se algum homem ou animalia, qual nom conce-  
lha a arte de fizica...

«haja a pena que o direito civil poem em tais  
casos, e naquelles casos em que por direito ci-  
vel nem he posta pena nem remedio, assim  
como no *medir da sinta* e no *lansar agua pella  
joeira*, e em outros semelhantes que nom sam  
expressos em direito...

«Outrosim estabelecem que d'aqui em diante  
em esta cidade e em seu termo *nom se cantem  
Janeiras nem Mayas*, nem a outro nenhum mez  
do anno, nem se *lance cal ás portas* sò titulo de



Janeiro, nem se *furtem aguas*, nem se *lancem sortes*, nem se *brirem aguas*, nem se faça alguma outra obra nem observancia como se antes fazia...

«Estabelecem que qualquer que para *Mayas* ou *Janeiras* emprestar bestas, vestires, joyas ou quaisquer apostamentos perca tudo aquillo que assim emprestar e hajam todo os acuzadores e Concelho de per meio.»

No *Leal Conselheiro* de el-rei Dom Duarte, escripto entre 1428 e 1437, segundo a auctoridade do visconde de Santarem, citam-se os variadissimos elementos da superstição da sociedade portugueza. No capitulo xxxvii, d'esta notavel Encyclopedia medieval, cita o erudito monarcha: «a creença aas profecias, vysões, sonhos, dar aa vontade, virtudes das palauras, pedras e ervas, signaaes nos ceos, e por que se fazem na terra em persoas e alimarias, e terremotos, graças especiaes que Deus outorga que ajam algumas pessoas, a *estrologia*, *nygromancia*, *geomancia*, modo de tregeitar por sotileza de mãaos ou natural maneira nom costumada.» El-rei Dom Duarte não se atreve a negar nem affirmar sobre estes assumptos, e cita alguns exempros, em que realmente se confessa perplexo:

«Por verdes d'estes exempros, quem contar fóra da terra que *Pedreanes vee as aguas*, e dá os *synaaes* que ataa xx braças e mais de soterra serem achadas; e que aqieste moço Pedro tam simprez que assi afirma as vee, e posto que nom seja de autoridade, como já em alicerces de casas foy achado certo sem fallecer cousa em altura e na terra sobre que eram fundados; e da mulher que passa de xii annos que no çumo de huã maçaam ou semelhante comer, no dia em que mais largo come, se mantem, nom gostando carne, pescado, ovos, leite, nem outra boa vyanda, mas com tam pouca, como dieta he, sem vynho, se mantem em soo beber d'agua simprez, que incredibile; e dos que *guarecem os mordidos dos cãaes danados* per os beenzer; e como devynham os que os vão buscar por o sentirem no coração, segundo me já contaram dous padre e filho, e huã capellam meu que tem esta virtude; e tambem de parirem as mulheres sem cajom em sua presença, nom som cousas que se bem cream. E de *dar aa vontade* o que adiante se acontece, eu vy já cousas tam certas que seriam muy duvydosas de creer; e assy outras taaes virtudes que Nosso Senhor quer outorgar a alguãs pessoas, nom se podem comprehender per razom. E o *ferro caldo*, que naquesta terra tan-

tos certificam que o vyram filhar, quando fóra se diz por muyto que se afirme poucos acham que o bem creem. E semelhantemente fazemos nós doutras que muytos de fóra contam, por que as obras da feitiçaria, e que se dizem de Catalonha e Saboya, eu lhes dou pouca fé; nem a aquellas que muytos affirmam em estes reynos, porque o mais de todo ey por engano e bulra. Sobrestas obras de *feitiços* muytos caem em grandes pecados, e se leixam com grande mal e deshonna continuar com elles por lhes dar fé, ou querendo mostrar que som forçados que amem alguãs molheres, e vyvam com ellas contra conciencia, e seu boo estado, dando em prova que se nam deve pensar que huã tal homem, conhecendo tanto mal, se del nom guardasse, nom seendo per feitiços vencido. E dizem que as molheres lhe parecem bestas; e semelhante affirmam as molheres de seus maridos.»

Depois de fallar em maravilhas naturaes, como as *bombardas e os troôs*, conclue el-rei D. Duarte: «nem deemos fé aos feitos e bulras dos alquimystas, que per taaes semelhanças mostram que os devemos aver por verdadeiros, e posto que nom acertem de fazer o que já verdadeiramente se fez, nem dos que affirmam aver ouro encantado, o que tenho por grande bulra, . . .» e termina: «*Dagoyros*, sonhos, dar aa vontade, *synaaes* do ceo e da terra, alguũ boo homem nom deve fazer conta. . .»

A grande epoca da Renascença, que foi para a Europa como o acordar da rasão humana adornada pelo mysticismo christão, apresenta a par do espirito critico uma tendencia para acreditar nos *poderes occultos* dos phenomenos da natureza. O criterio da observação e da experiencia ainda não estava bem determinado, e muitos dos que cooperavam para a positividade mental, entregavam-se á alchimia, ás panacêas, como Cardan ou Agrippa. A lenda do Fausto symbolisa esse conflicto intellectual. A Igreja aproveitava os phenomenos da natureza para conservar nos espiritos rudes o maravilhoso do milagre; Gil Vicente, o espirito mais complexo da Renascença em Portugal, protesta contra este obscurantismo systematico, proclamando o criterio scientifico. O seu *Auto das Fadas* é precioso para o conhecimento das superstições populares, de uma sociedade aterrada por grandes convulsões da natureza, como os terremotos, e principalmente as pestes periodicas.

THEOPHILO BRAGA.

(Continúa.)



## A RUSSIA LIVRE

(Continuado da folha 13)

## CAPITULO XVIII

## KAZAN

**K**AZAN é nos mappas geographicos o ponto em que a Europa se liga á Asia. A fronteira está a trinta leguas mais longe, junto dos Urals e do rio do mesmo nome; mas a linha real em que a Russia e a Tartaria se encontram, em que a igreja e a mesquita se abrangem com o mesmo olhar, são as margens do Volga interior, desde o mar Caspio até á cidade de Kazan. Esta fronteira está situada a este de Bagdad.

Kazan, colonia fundada por Bokhara, posto avançado de Khiva, era antigamente a séde d'um khanato faustoso; ainda é hoje aos olhos dos Asiaticos effeminados e ferozes o limite occidental da sua raça e da sua fé. Sob o ponto de vista do logar e do aspecto, esta antiga cidade é extremamente bella, principalmente no tempo das cheias, quando a limpida agua, que corre junto das suas muralhas, se torna n'um lago immenso. Uma montanha de crista denticulada, que os poetas umas vezes têm comparado a enorme vaga, outras vezes á garupa d'um cavallo, ergue-se ao longo do rio. Ali está *kremlin*, o castello; é escarpado, armado de canhões; as muralhas que o cercam são coroadas de torres e de cupulas. Para além ergue-se um formoso planalto coberto por algumas ruinas d'antigos edificios e de torres; um jardim e um *chalet* alegam aquella paisagem. O sopé da montanha é banhado pelo lago Kaban, extensa e sombria bacia, nas margens da qual está construido o quarteirão industrial e commercial da cidade, onde os negociantes compram e vendem. Cada um dos bairros de Kazan tem um character architectural particular. O kremlin tem o cunho christão; a rua Alta é essencialmente germanica. Uma formosa e antiga porta tartara que tem o nome de Torre de Soyonbeka está em frente da cathedral, mas a cidadella foi em grande parte construida depois da conquista do Khanato pelas tropas d'Ivan IV. O bairro baixo da cidade é povoado pelos filhos do islamismo, descendentes de Baton Khan.

Estes povos tartaros tiveram por berço o steppe oriental; caminhando para oeste segui-

ram o curso do Volga e hoje ainda a região dos seus sonhos é a que lhe foi berço. Os nomes de Khiva e de Bokhara parecem ao tartaro tão suaves como os de Sicheu e Jerusalem o são aos Israelitas. Estas regiões da Asia central são para elle a patria ideal. Nas suas inspirações poeticas canta os bosques de Bokhara, compara as faces da sua amada ás maçãs de Khiva e a vehemencia da sua paixão aos estios abrazadores de Balkh.

Uma legenda arabe põe na bocca de Mahomet uma palavra que os verdadeiros crentes consideram como uma promessa solemne; segundo este oraculo os sectarios do Propheta possuirão a terra onde a palmeira fructifica; mas nas regiões em que a arvore abençoada não floresce, os musulmanos, mesmo que estabeleçam um dominio passageiro, não serão os herdeiros do solo. Esta promessa, se foi feita, ha mil annos que se realisa. Região alguma que produza tamaras resistiu ainda ás armas dos Arabes, nenhuma d'estas ainda as repelliu depois de lhe ter soffrido a invasão. Quando, ao contrario, o islamismo estendeu as suas avançadas para além dos limites das palmeiras, em Hespanha e na Russia por exemplo, foi expulso e obrigado a entrar nas suas zonas naturaes. Do mesmo modo que foi obrigado a abandonar Granada para entrar em Tanger e Fez, assim retirou de Kazan para Khiva e Bokhara, retirada sem duvida forçada, mas cuja amargura é mitigada pela ardente esperanza de reconquista. Os mouros contam reconquistar Sevilha e Granada, guardam as chaves dos seus antigos palacios, os titulos de propriedades dos seus bens d'Hespanha. Os Kirghiz afagam tambem as suas pretenções ás terras dos seus compatriotas de além do Volga, o seu chefe julga-se o herdeiro legitimo dos antigos principes de Kazan. No Oriente como no Occidente, os sectarios do islamismo vêem no seu abatimento actual o castigo dos seus erros. Esperam que um dia serão perdoados por Allah. A duração do seu exilio pôde ser longa, mas terá um termo e logo que o tempo da misericordia chegue, triumphalmente entrarão nos seus antigos dominios.

Convem aqui mencionar o modo completamente diferente como os povos do Occidente e



do Oriente trataram os filhos do islamismo vencidos. Em Granada, os Mouros foram repellidos pelo ferro e pelo fogo; durante muitas gerações foi prohibido, sob pena de morte, aos seus descendentes o entrar em Hespanha. Na Russia deixaram que os Tartaros vivessem socegradamente; quarenta annos depois de vencidos negociavam nas cidades em que tinham nascido senhores. Sem duvida que, n'este mesmo paiz, o partido

mais fraco soffreu numerosas e violentas perseguições, porque as grandes lutas da Cruz e do Crescente atearam nos Tartaros e nos Russos odios e hostilidades que, tendo rebentado então entre Kazan e Moscou, ainda hoje fermentam nos steppes kirghiz. As capitaes das duas raças estão afastadas uma da outra, mas nem o espaço nem o tempo poderam extinguir-lhes os odios. A Cruz reina em S. Petersburgo e em Kiev, o Crescente



VISTA DE KAZAN — Desenho de A. de Bar, segundo uma photographia

em Bokhara e em Khiva; entre estes dois pontos produzem-se forças d'attracção e de repulsão, como existem entre dois polos magneticos. Os Tartaros téem-se muitas vezes apoderado de Nijni e de Moscou; algum dia os Russos arvorarão os seus estandartes sobre a torre de Timour-Bey.

O viajante que passear pelo bairro tartaro da cidade, admirando as fachadas pintadas das casas, os graciosos minaretes, não pode deixar de reconhecer que os filhos do islamismo conservaram na desgraça, maneiras elegantes e nobres, dignas d'uma epocha mais gloriosa.

Um official faz assim d'elles o seu juizo :

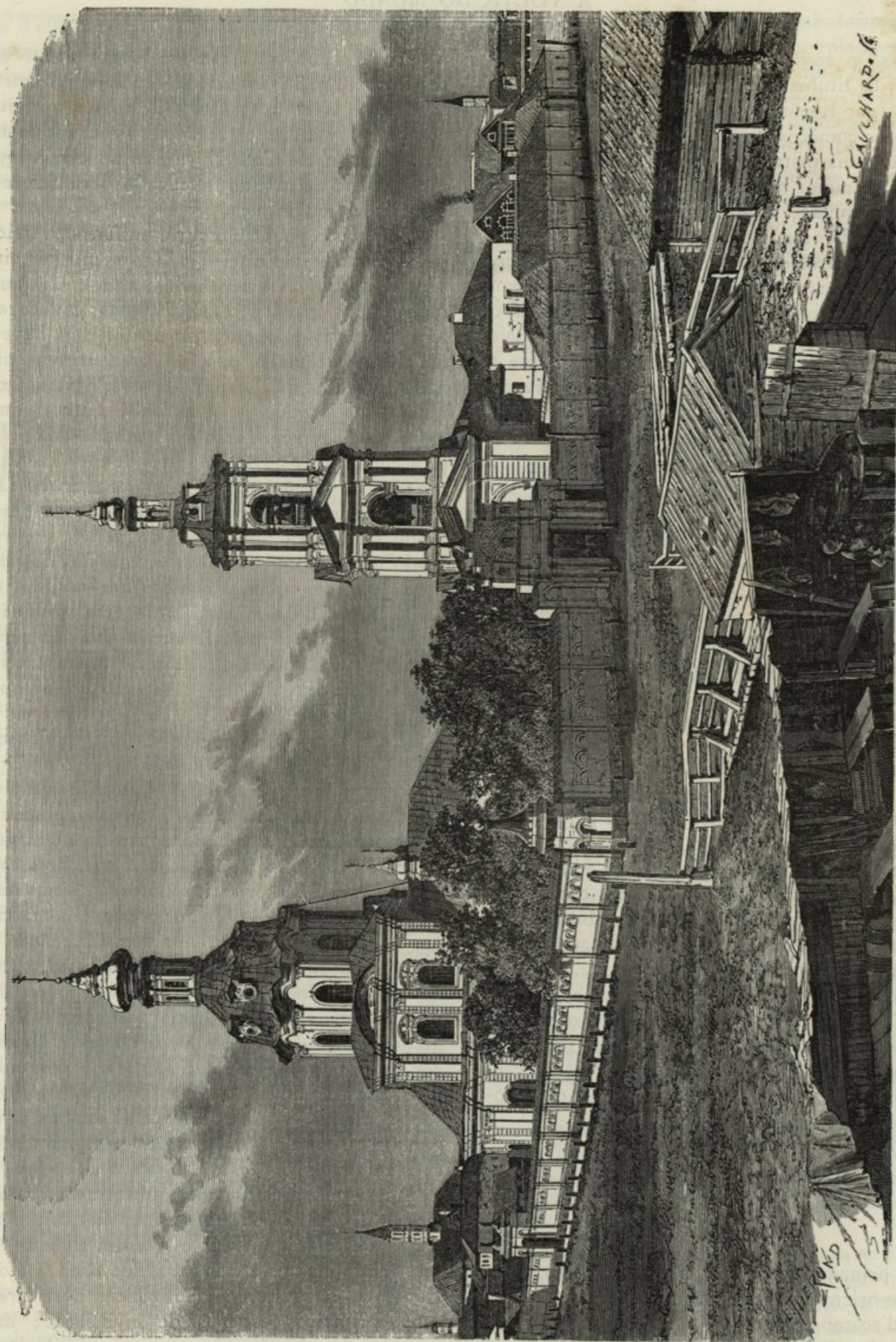
«Ladrões e apaixonados pela carne de cavallo; de resto não são muito más pessoas.

«Os vossos criados não são Tartaros? perguntei-lhe eu.

— São, os patifes são bons criados; nunca se embebedam; nunca roubam aquillo que é confiado à sua guarda.»

Em todas as grandes casas de S. Petersburgo e Moscou, em todos os hoteis da Russia empregam criados tartaros de preferencia aos indigenas. São os seus habitos sobrios que os fazem procurados. Os beys e os myrzas afastaram-se quando a sua capital foi invadida, ficaram na provincia unicamente os artistas e os pastores.





EGREJA DE VELHOS CIENTES, EM KAZAN — Desenho de E. Thieroud, segundo uma photographia



Por isso o commercio creou uma nova aristocracia; os titulos de mirza e de molla são agora usados por homens cujos antepassados tiveram humildes começos de vida. Os Tartaros de Kazan são mais instruidos que os Russos seus vizinhos; o maior numero d'aquelles sabe ler, escrever e contar; os filhos occupam nos armazens, nos bancos, nos escriptorios de corretagem, os logares de confiança e a sua honradez, e o seu infatigavel trabalho dá-lhes accesso a empregos mais consideraveis. O mirza Yunasoff, o mirza Burnaief e o mirza Apakof, tres dos mais ricos negociantes da provincia, unicamente a elles proprios devem a sua immensa fortuna; ninguem comtudo lhes contesta a sua cathegoria de mirza, principe ou senhor.

É muito difficil a um christão apreciar os sentimentos d'estes homens industriosos e sobrios. Não se pode duvidar que elles estimam mais a religião do que a sua vida; mas ninguem sabe se elles compartilham os sonhos dos seus irmãos de Bokhara. Seja como fôr, trabalham, rezam, tornam-se ricos e fortes. Como dão ás povoações em que vivem uma actividade util, ninguem tenta restringir-lhe a liberdade.

A sua importancia no Estado não pode todavia ser desconhecida. Não só são inimigos, mas inimigos acampados dentro do paiz que guerreiam e que têm todas as suas esperanças fundadas n'um paiz estrangeiro. Estes Tartaros, apezar da sua indiferença oriental pelos acontecimentos que os rodeiam, sentem que não estão na sua esphera natural. Odeiam a cruz. São Asiaticos, os seus corações, as suas esperanças não estão em Moscou, em S. Petersburgo, mas sim em Khiva, em Bokhara e Samarcande. Uma cidade estrangeira é a sua cidade santa, um principe estrangeiro é o seu chefe. De Bokhara veem as suas dignidades religiosas, interrogam os steppes kirghiz para saber se d'elles não sahirão os conquistadores que esperam. Não aprenderam ainda a serem Russos e jámais o aprenderão.

## XIX

### O STEPPE ORIENTAL

A principal tentativa feita para colonisar o steppe oriental consistiu em estabelecer uma linha d'acampamentos de cossacos nas regiões comprehendidas entre o Volga e o Don, nos pontos em que o solo é menos arido e em que

a herva é menos rara que em outra parte. N'estes logares, relativamente favorecidos, o homem todavia só vive em resultado de duro e continuo combate e por isso os colonos cossacos festejam com transportes d'alegria a voz do clarim que lhes ordena de montar a cavallo para fazerem expedições longinquas.

Uma vasta planicie escura, uniforme, varrida pelos ventos, salpicada d'infesados musgos cinzentos, de cannas amarelladas; aqui e ali, uma manada de cavallos semi-selvagens, um cavalleiro kalumko galopando no meio d'uma nuvem de pó; um camello perdido, uma carroça puxada por bois que caminham com difficuldade n'um solo alagado pelas ultimas chuvas; uma elevação de terreno, sombria e amarellada onde se esconde uma povoação; filas de carroças carregadas de melões e feno; um rebanho de carneiros guardado por um cossaco, rapaz novo, tendo na cabeça um bonné de pelles, embrulhado n'um capote de pelles e trazendo nos pés e nas pernas botas enormes; um moinho de vento bracejando n'uma eminencia solitaria; tudo isto coberto pela immensa abobada cerulea que faz no horisonte destacar fachas de luz verde e purpurina: tal é o aspecto dos steppes orientaes ao sol posto.

Desde tempos immemoriaes que dos desertos da Asia duas hordes hostis se têm precipitado nas planicies para se esprairem como uma torrente destruidora pelas fertes campinas regadas pelo Don. Estes bandos invasores tem sido as tribus turcas e mongolicas. Espessas trevas envolvem as suas primeiras correrias; mas desde que a historia illumina os povos, ella mostranos os dois povos separados por differenças de constituição e de crenças. A raça turca é uma das mais formosas da terra, a raça mongolica uma das mais feias. A primeira abraçou a fé de Mahomet, a segunda é filha de Buddha. Os turcos são um povo sedentario, que vive em cidades, que se entrega á agricultura; os Mongols são nomades, vivem debaixo de tendas e vagueiam de planicie em planicie, pastoreando os seus rebanhos.

As tribus musulmanas que atravessaram o rio Ural, fixaram-se no steppe, edificaram cidades ao longo do Volga e levaram as suas armas triumphantes até ás portas de Kico. Batou-Kan e as suas hordes mongolicas destruíram estes primeiros esboços de civilisação; mas quando os selvagens invasores se apoderaram do steppe e se uniram ás mulheres turcas, mui-



tos d'elles abraçaram o islamismo; desde então, renunciando á vida errante, ajudaram os verdadeiros crentes a edificarem cidades como Bokhara, Khiva, Camarcand e Balkh, que mais tarde foram as cidadellas da sua crença. Contudo a maior parte dos mongols conservaram-se fieis as buddhismo e as numerosas emigrações dos seus compatriotas vieram ainda fortificar

a sua posição no steppe oriental. Inimigos no continente asiático Turcos e Mongols conservaram na Europa o seu antagonismo e o seu odio. Os primeiros colonos musulmanos estabelecidos nas planicies do Volga foram opprimidos pelos chefes kalmukos até que Timour-Bey deu ao Crescente a sua antiga supremacia.

(Continúa.)

## VIAGENS DE ANTONIO TENREIRO

(TRANSCRIPÇÃO)

(Conclusão)

TENREIRO embarcou n'um navio pequeno que se dirigia para a ilha de Chypre. Navegando cinco dias chegaram ao Chypre, a um porto denominado Alamizon, pequena villa situada ao sul da ilha. É habitado por christãos gregos.

Tenreiro não achando aqui embarcação para a Europa, embarcou n'outro navio que ia para um porto mais adiante oito leguas, chamado a villa de Assalinas, maior que a de Alamizon.

Por não encontrar aqui tambem embarcação que o conduzisse, passou Tenreiro a outro porto mais adiante dez leguas e entrou na cidade de Famagosta, senhoreada pelos venezianos. Aqui esperou Tenreiro alguns dias, depois embarcou n'um navio que foi abordar a Ajaça, villa situada junto do mar Mediterraneo, na Costa de Carmania, habitada por christãos armenios e maronitas. Tenreiro demorou-se aqui alguns dias, hospedado em casa d'um armenio que lhe alugou uma mula e o fez partir na companhia d'um almoxarife do Grã-turco, que andava recolhendo dinheiro por aquellas comarcas. Chegando á cidade de Calepe, Tenreiro juntou-se á cáfila que partia para Baçorá pelo deserto.

Andando cinco jornadas a cáfila chegou a um aduar; e avançando depois mais seis jornadas chegaram ao Euphrates, onde tencionou demorar-se algum tempo. Antonio Tenreiro apartou-se da cáfila e, juntamente com dois ou tres mouros, continuou o caminho, chegando, depois de tres jornadas, a uma villa chamada Racalaem, no deserto, habitada por mouros lavradores.

Aqui adoeceu Tenreiro e esteve cinco dias deitado sobre rama de palmeiras, onde lhe traziam todas as manhãs leite quente, tamaras, etc. Achando-se melhor, continuou o caminho na

companhia dos tres mouros e chegaram a Xefete, villa situada no deserto, a duas jornadas do Euphrates. Caminhando mais dois dias e meio chegaram a uma cidade que dizem chamar-se *Mexeta d'Ali*, que quer dizer, a *Mesquita d'Ali*. Dista do Euphrates uma legua de deserto e é onde os arabes têm a sepultura de Ali. Caminharam depois para sudoeste umas oito jornadas pelo deserto e chegaram a Baçorá.

Embarcou então Tenreiro n'uma não de mouros, onde encontrou mais alguns portuguezes, e, chegando a Ormuz, ahi se demorou uns cinco ou seis annos.

\*  
\* \* \*

Em 1527 era então governador de Ormuz Christovão de Mendonça, e sabendo que Antonio Tenreiro tinha vindo d'aquelles portos do Egypto e passára pelos desertos, lhe rogou que quizesse ir por terra a Portugal, com cartas para el-rei; affiançando-lhe que el-rei lhe faria grandes mercês, porque o governador Lopo Vaz de Sampaio lhe recommendára muito, a elle, Christovão de Mendonça, que buscasse um homem que fosse por terra a Portugal, e indagasse no caminho, passando pelas terras do Grã-turco, se havia alguma noticia de passarem os rumes á India, e levasse esta nova ao rei de Portugal, bem como de muitas outras coisas que cumpriam ao serviço d'este, tanto em Ormuz, como na India.

Tenreiro fez todo o possivel para se escusar d'esta viagem, lembrando-se dos perigos que havia passado na antecedente; mas, viu-se tão apertado pelo governador de Ormuz, que cedeu fi-



nalmente e promptificou-se para a dita viagem por terra, comtanto que elle, governador, lhe desse cartas para o rei de Baçorá lhe dar guias e tudo o mais que lhe fosse necessario.

Tenreiro fez os seus preparativos, esperou por uma não que devia dirigir-se a Baçorá, e embarcou por fim a 20 de setembro de 1528.

Dando a não á vella, começou a navegar por aquelle estreito mar a que os cosmographos chamam o *Sino persico*, que se mette por entre a Persia e a Arabia perto de duzentas leguas; corre ao noroeste, saindo d'Ormuz, e no fim d'elle entra o Euphrates. No meio d'este estreito ha umas ilhas habitadas por mouros arabios, e a principal d'ellas é Baharem, defronte d'uma cidade denominada Catifa. Os ventos eram contrarios e a não andou muito tempo d'uma para outra costa, lançando de vez em quando ancoras e esperando por marés que a levassem ávante. Quarenta dias depois chegaram a Cargem, ilha situada junto do Euphrates.

Antonio Tenreiro, vendo a demora que tinham em esperar pela enchente da maré, saltou em terra e caminhando por entre grandes palmares de tamaras chegou n'aquelle mesmo dia a Baçorá.

Entregou ao rei as cartas do governador de Ormuz, que lhe mandou dar todo o necessario para a viagem, e dez dias depois Tenreiro e um mouro pozeram-se a caminho e chegaram ás dez horas da noite a um aduar no deserto.

Partiram á meia noite por deserto esteril e sem agua, caminhando tres dias e tres noites sem repousarem mais que duas horas por dia; em logares mais descobertos, pelo receio que tinham tanto dos ladrões como das feras, um dos dois vigiava emquanto o outro dormia.

Um dia de madrugada se espantaram de tal sorte os dromedarios onde iam montados, que correram á redea solta mais de duas leguas. No deserto não encontravam homem nem mulher alguma; unicamente muitas vaccas bravas, de cabello prateado e luzidio, rabos como os dos cavallos e tão finos que pareciam seda; a cabeça é semelhante á dos cavallos com uns pequenos chifres direitos e verticaes; viram tambem grandes manadas de burros, todos ruivos.

Chegaram depois a Cocana, cidade situada no deserto; era perto de meia noite e as portas da cidade estavam fechadas e a muralha guardada de mouros que a guardavam; o guia de Tenreiro fallou com elles, dizendo-lhes que vinha de Baçorá d'onde trazia uma carta do rei

para o xeque ali residente; os mouros não quiseram abrir a porta e deixaram-nos ficar fóra da cidade.

Apenas raiou o dia, Tenreiro entrou na cidade e foi levar a carta ao xeque, que lhe fez bom agasalho; depois Tenreiro despediu o guia entregando-lhe duas cartas: uma para o governador d'Ormuz e outra para o rei de Baçorá; nos quaes dava conta exacta de como tinha chegado áquella cidade livre de todo o perigo.

\* \* \*

Saindo de Cocana, Antonio Tenreiro visitou, em viagem, a cidade de Taybe Calepe, a villa de Doraceta, a uma legua da cidade de Amá para o norte, dormindo em *carvanças*, nos desertos, exposto aos maiores perigos. Visitou Tripoli de Soria, porto de mar em Carmania, pela segunda vez a ilha do Chypre, onde lhe disseram estar-se preparando uma não com direcção a Veneza. Visitou a ilha de Candia, a villa de Riam, situada á entrada do rio Toom; visitou Ferrara, atravessou a Lombardia, passou por Modena, depois por Reso, foi a Parma e a Plazença; chegou a Genova, onde se demorou quinze dias esperando uma não que havia por ali de passar em direcção a Hespanha. Embarcou e chegou a Valença. Partiu então por terra, atravessou a mancha d'Aragão e chegou á cidade de Toledo, d'onde partiu pela posta, entrando finalmente em Lisboa em 1529.<sup>1</sup>

Foi muito bem recebido por el-rei, e demorou-se bastante tempo no palacio dando conta do que tinha passado no oriente. Saindo do paço já de noite, foi atacado no Rocio por alguns desconhecidos. Recebeu dezeseite estocadas, e no dia seguinte encontraram-no no meio da praça. El-rei sentiu muito tão atroz attentado, e ordenou ao cirurgião-mór do paço que tratasse Tenreiro como se fosse elle proprio. As maiores diligencias da justiça nunca puderam descobrir os aggressores.

Antonio Tenreiro escapou das feridas que recebera, posto que ficou sempre enfermo, e gosando das mercês que el-rei lhe fez.

Lisboa, 1881.

FAUSTO SCIPIÃO.

<sup>1</sup> Peregrinação de Fernão Mendes Pinto, tom. 4.º; itinerario d'Antonio Tenreiro, cap. 58 a 69.



# COMO EU ATRAVESSEI A AFRICA

DO ATLANTICO AO MAR INDICO—VIAGEM DE BENGUELLA Á CONTRA-COSTA—ATRAVÉS REGIÕES  
DESCONHECIDAS—DETERMINAÇÕES GEOGRAPHICAS E ESTUDOS ETHNOGRAPHICOS

POR

**SERPA PINTO**

PRIMEIRA PARTE

## A CARABINA D'EL-REI

(Continuado da folha 15)



PORTO DA LENHA — Segundo uma photographia

**P**CAPOCO recebeu-me muito bem, deu-me a sua propria casa para habitar, offereceu-me logo um grande porco, e sabendo que estava doente mandou-me duas gallinhas.

Fallei-lhe em carregadores, que elle me prometteu arranjar.

Fiz-lhe um presente de duas peças de riscado e duas garrafas de aguardente. Pouco depois, um grande rancho de virgens, que se conhecem pelas muitas manilhas de verga de pau, que lhe sobem dos artelhos, trouxeram em cestas abundante comida aos meus pretos. Depois de tomar alturas da lua, deitei-me, feliz, apesar de doente, por ver coroada de exito a minha excursão.

No dia seguinte deveriam chegar ali os meus companheiros, e com elles, não só a amizade e a companhia dos meus conterraneos, mas ain-

da os recursos que já me faltavam completamente.

Adormeci sorrindo. Quam longe estava eu de pensar que adormecia na vespera de uma agonia, immensa agonia que devia durar por 20 dias!

No dia 14 fui a casa do pae do Capôco, o sova das terras do Huambo. A libata d'este sova, que se chama Bilombo, dista tres kilometros da do filho, e está assente na margem esquerda do rio Calae.

Bilombo esperava-me. Rodeado do seu povo trajava soberbamente uma casaca escarlata, cobrindo-lhe a cabeça uma barretina de caçadores. Entreguei-lhe o meu presente, que consistia em tres peças de riscado ordinario e duas garrafas de aguardente, a que se mostrou muito grato. Ficou muito surprehendido vendo a mi-



nha carabina Winchester, e pediu-me para eu atirar com ella, ficando admiradissimo de me ver metter algumas balas n'um pequeno alvo a 200 metros, e muito mais quando lhe quebrei um ôvo a 50 metros.

Este sova governava em todo o paiz do Huambo: mas está hoje reduzido a dominar apenas em parte d'elle. A sua historia é curta, mas vulgar. Elle era casado com a filha do sova do Bihé, que entretinha relações amorosas com um dos seus seculos.

Tremiam os criminosos da colera do rei se viesse a saber a sua falta. Houve rompimento entre Bilombo e um régulo visinho, e a guerra foi declarada. Bilombo tomou o commando do seu exercito e partiu, ficando a governar na sua ausencia o amante da sua mulher. Conspiraram ambos e Capussocússo fez-se acclamar sova. Retirou-se Bilombo para esta parte do paiz banhada pelo Calae, onde o povo se lhe conservou fiel, e á epocha da minha passagem, me disse, estar preparando uma terrivel vingança á adúltera e ao seu amante o traidor Capussocússo.

De volta a casa do Capôco, despedi os tres guias, que me acompanharam desde Quingôlo, e por elles escrevi a Capello e Ivens, dizendo-lhes, que os esperava, e que não abandonassem as cargas, por ser o paiz pouco seguro.

Fui de tarde dar um passeio ás margens do Calae, e surpreendeu-me a quantidade de caça que encontrei, que nunca tanta tinha visto, mas nada matei por não ir prevenido para isso.

O sova Bilombo mandou-me um presente de farinha de milho e um grande boi, presente mui valioso, por ser escaço o gado bovino n'aquelle paiz.

Os carregadores estavam preparando os mantimentos para seguirem no dia immediato para Caconda, e eu escrevia aos meus companheiros quando chegaram tres portadores do sova de Quingôlo, com cartas d'elles, e uma cesta contendo sal e um pequeno sacco de arroz.

Abri pressuroso as cartas; eram ellas duas officiaes e uma particular, assignadas por Capello e Ivens. Diziam-me, que tinham resolvido seguir sós, e que pelos 40 carregadores enviados por mim de Quingôlo, me mandavam 40 cargas, acompanhadas pelo guia Barros, para eu as conduzir ao Bihé.

Só o pouco ou nenhum conhecimento do sertão Africano, que então tinham os meus companheiros, podia desculpar um tal proceder. Eu achava-me n'um paiz hostile, e se até ali tinha

sido respeitado, fôra só porque o gentio me julgava a vanguarda de uma grande comitiva capitaneada por elles, e o receio das represalias tinha até então sustido a rapacidade dos indigenas. Eu estava no paiz onde Silva Porto, o velho sertanejo, que percorrera impunemente os mais longinquos sertões Africanos, tivera de sustentar cruento combate com um gentio avido de rapina.

Que seria de mim logo que se soubesse que toda a minha força consistia em 10 homens? Encarei a minha posição e achei-a um pouco seria. Capello e Ivens tinham sido enganados por alguém, que a sua lealdade não lhes consentiria de certo o deixarem-me em tal posição, se elles conhecessem bem essa posição.

Que fazer? Em tres dias podia alcançar Caconda, e voltar d'ali a Benguella. Tinha, por outro lado, deante de mim uma jornada de vinte dias ao Bihé, jornada em que teria de arriscar cada dia e a cada hora a vida e as bagagens. Que fazer?

A noite de 17 de fevereiro foi passada em uma agitação febril indescritivel.

Devia seguir ávante? Tinha o direito de arriscar as vidas dos dez homens que me cercavam, e que dormiam tranquillos junto de mim? Teria o direito de arriscar a minha propria vida em imprudente passo? Deveria voltar a Benguella?

Quem comprehenderia na Europa o obstaculo quasi insuperavel que me fazia recuar? Ninguem, a não ser um ou outro explorador infeliz como eu.

Que noite horrivel! e a febre a desvairar-me a mente, e o cuidado a augmentar-me a febre. A aurora do dia 18 encontrou-me de pé, e havia momentos que uma phrase estava gravada no meu pensamento e eu repetia machinalmente aquella phrase.

*Audaces fortuna juvat.* Era a velha sentença dos fortes romanos, era a lei que dicta as acções dos aventureiros.

Decidi seguir ávante, eu que não tinha ido a Africa para só visitar o paiz do Nano, que, digamos a verdade, não deixa de ser muito interessante, sobre tudo para nós os portuguezes.

Descrevi aos meus dez homens a nossa posição precaria e a resolução tomada de caminhar para o Bihé; elles protestaram-me a sua dedicação e a intenção de sempre me acompanharem.

D'esses dez homens, 3, Verissimo Gonçalves, Augusto e Camutombo estiveram em Lisboa de-



pois de terem atravessado commigo a Africa; quatro seguiram do Bihé Capello e Ivens, por minha ordem; um, o preto Cossusso, enlouqueceu junto ao Quanza, e foi por mim entregue ao aviado de Silva Porto, Domingos Chacahanga, para d'elle ter cuidado; e os dois restantes, Manuel e Catraio grande, cahiram aos meus pés varados pelas azagaias Luinas, e cumprindo a sua promessa formulada rudemente n'este dia, morreram defendendo-me, quando eu mesmo defendia a bandeira das Quinas.

Ao tempo em que vae a minha narrativa, eu mal os conhecia, e não tivera até então logar de experimentar o seu valor.

Eu estava em casa do Capoco, que até então me tinha dispensado os maiores favores; mas Capoco era o celebre salteador do Nano, que chegara a ir atacar Quillengues um anno antes. O que faria elle, logo que conhecesse a minha fraqueza?

D'elle dependia o exito da minha empresa. Capoco é homem de vinte e quatro annos, sympathico e de maneiras agradaveis. Muitas vezes me dizia Verissimo Gonçalves, que lhe parecia impossivel ser elle o homem cujo nome era tão temido, e que tão longe dirigia as suas correrias de devastação e morte. Entre as suas escravas conheceu Verissimo algumas raparigas roubadas em Quillengues, no ataque do anno anterior. Uma, mesmo com quem fallei, era filha de um dos sovas de Quillengues, e Capoco pedia por ella grande resgate.

Capôco é intelligente, parco no comer e beber, e ainda que possui grande numero de escravas, as que formam o seu harem são muito poucas.

Ha no seu fundo alguma coisa de justo por entre a barbaria do seu viver e dos seus principios. Por exemplo: eu vi que a escrava, a que acima me referi, filha do sova de Quillengues, trazia nos artelhos as manilhas de pau, signal infallivel de virgindade, apesar de ser muito bonita e elegante. Admirou-me isso, e perguntei ao Capôco porque não havia feito d'ella sua amante? «*Porque não devo*, me respondeu elle, é minha escrava pelo direito da guerra, mas emquanto seu pae manifestar o intento de a resgatar, devo respeitá-la e será respeitada, porque a devo entregar como a tomei.»

Um dia Capôco disse-me, que, estando Benguella d'aquelle lado (apontava para o oeste), o sol passava primeiro pelo Huambo antes de ir a Benguella. Disse-lhe eu ser isso verdade, e elle

quize saber quanto tempo depois de nascer ali, nascia elle em Lisboa. Procurei fazer-lhe comprehender, que hora e meia; dizendo-lhe o tempo que um homem leva a percorrer tal caminho, elle mostrou-se admirado; porque julgava, me disse, ser o nosso paiz muito mais longe.

Os costumes entre os povos do Nano e do Huambo são os mesmos que entre os Quillengues, assim como fallam a mesma lingua. Trabalham o ferro, de que fazem setas, azagaias e machadinhas; mas não enxadas, que vem do norte.

Como já incidentalmente notei, as raparigas, emquanto virgens, usam nos artelhos de ambas as pernas ou só na esquerda, umas manilhas de verga de pau, e é grande crime para a familia, conservar as manilhas aquellas que já não tem direito de as usar.

Uma coisa curiosa nos costumes d'estes povos, é haver em todas as povoações uma especie de kiosques para conversação.

São como uma cubata, mas os prumos que sustentam o tecto de colmo, são bastante separados. No meio arde a fogueira, socia constante do gentio Africano, e em torno tomam assento os habitantes da povoação em toros de pau. É o sitio da palestra, sobre tudo quando chove; ali narram-se episodios de guerra ou de caça, falla-se tambem de amor, e muito menos de vidas alheias do que na Europa.

No paiz do Huambo começa na costa de oeste o grande luxo nos penteados, tanto em homens como em mulheres, e tenho visto alguns que difficilmente seriam executados pelos melhores cabelleiros da Europa.

Ha penteados que levam dois e tres dias a fazer, e que se conservam por muitos mezes.

Os penteados das mulheres são profusamente enfeitados com umas contas de vidro que no commercio em Benguella tem o nome de coral branco ou encarnado, e é este genero muito procurado no paiz. Eu infelizmente não levava nenhum.

A pólvora, armas e o sal de cozinha são ali generos de grande valia. Nada d'isso eu tinha, em quantidade de que podesse dispensar, o que tornava mais embaraçosa a minha posição.

Fui fallar ao Capôco e expuz-lhe que os meus companheiros tinham seguido por Gallongue, e que só viriam 50 cargas, não precisando eu por isso mais de 40 homens e esses só para irem d'ali ao Bihé.



Despedimos por isso os 80 carregadores que a essa hora já estavam reunidos, e que se reti- || raram muito descontentes. Capôco prometeu-me que teria os 40 de que precisava até ao Bihé.



CUBATAS MONDOBES — Segundo uma photographia

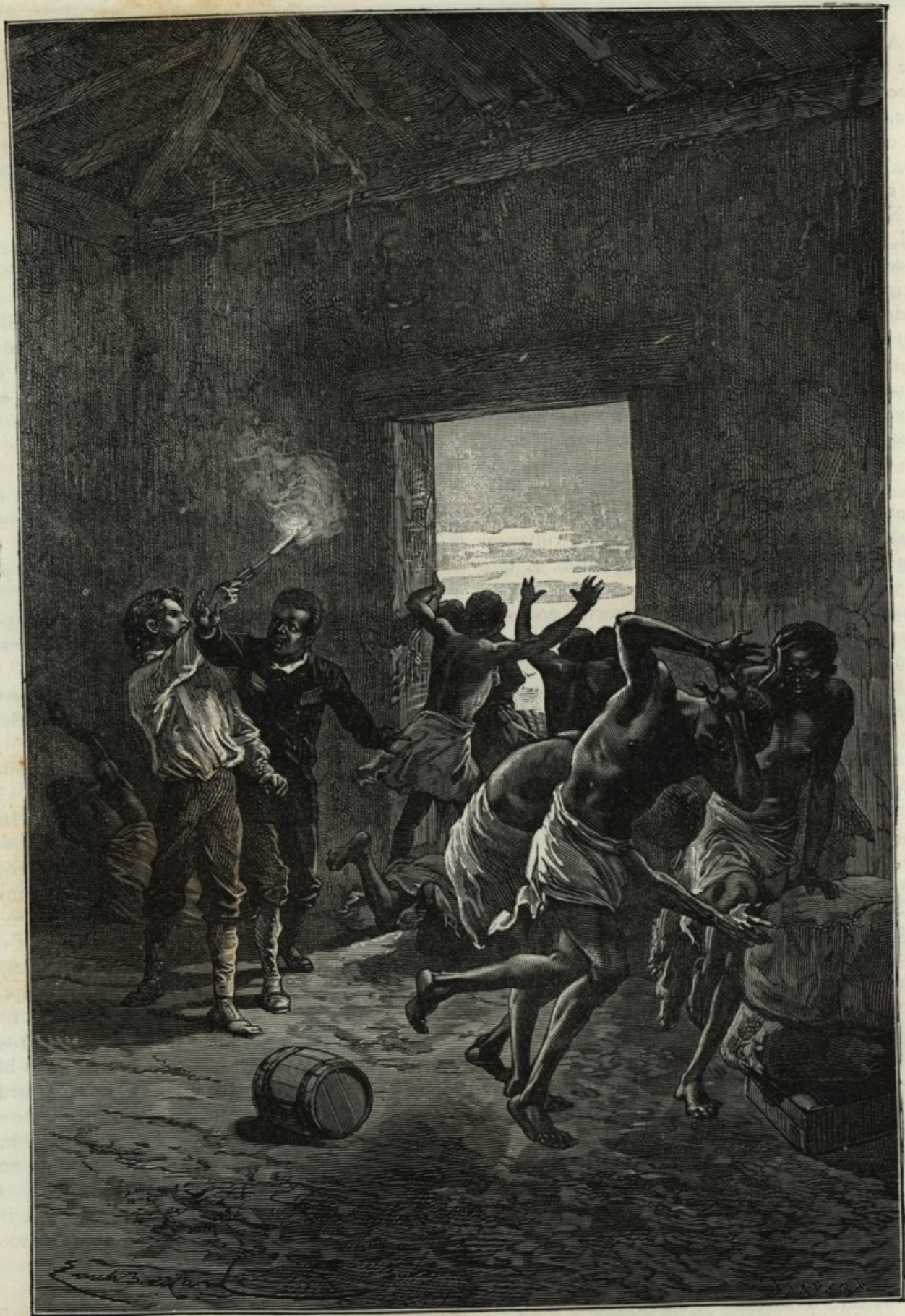
N'esse dia chegou o preto Barros com as 40 || panheiros, confirmando o que diziam as primeiras.



EM CIMA D'UM BOI — Desenho de A. Ferdinandus, segundo um esboço do major Serpa Pinto

Por elle soube que elles tinham saído de Caconda para o Bihé; acompanhados pelo ex- || chefe, alferes Castro, e pelo degradado Domin- || gos, que me tinham mostrado a impossibilidade de obter gente em Caconda, e que a obtiveram no dia em que eu sahi d'aquelle ponto.





O MAJOR FAZ FOGO SOBRE O SOBA DO DOMBO — Desenho de E. Bayard, segundo um esboço do major Serpa Pinto



A elles, talvez, devia eu a critica posição em que me achava, porque os meus companheiros, pouco conhecedores d'Africa, e nada d'aquelle paiz, não podiam julgar das difficuldades que me creavam, ao passo que aquelles dois senhores, de sobra as conheciam. Não os accuso de um crime, mas culpo-os de uma leviandade.

Não lhes quero mal, porque a ninguem quero mal, e um mez depois de se passarem os successos que estou narrando; espantado ainda dos perigos a que tinha conseguido escapar; prostrado no leito, onde me tinha prendido com garras de ferro a doença, proveniente de 20 dias de cruel agonia, a que elles deram causa, vi-os entrar, famintos e sem recursos, na casa de Silva Porto, que eu occupava no Bihé; e esquecendo todo o mal que me haviam feito, e não me lembrando de que um estava privado dos direitos de cidadão por uma sentença infamante, reparti com elles o pouco de viveres que eu tinha, dando-lhes os meios de voltarem com relativa commodidade a Caconda. É que eu vi n'elles, não só dois brancos, dois portuguezes, perdidos no já longinquo sertão do Bihé, mas vi mais os homens que me fizeram ter de mim uma opinião de que me sentia orgulhoso, os homens que em 20 dias de agonia que me deram, em mil perigos a que me lançaram, com que me fizeram lutar e que eu venci, me retemperaram a alma para commettimentos maiores. A elles devia a confiança que tinha em Deus e em mim mesmo; e, repartindo com elles o pouco que tinha, julgava pagar uma divida de gratidão, onde outros, succumbindo ao soffrimento, só veriam, talvez, um motivo de vingança.

Não antecipemos factos.

Capôco veio dizer-me, que no dia seguinte teria os 40 homens que queria, mas só até ao Sambo, porque elles se recusavam a ir mais alem; por estarem despeitados pela despedida dos 80 que se haviam reunido para ir a Caconda e ao Bihé, e que eu tinha dispensado. Alem d'isso, elles exigiam um pagamento muito superior; porque eu os havia contratado por 10 pannos de Caconda ao Bihé, e estes exigiam só do Huambo ao Sambo 8 pannos. Aceitei tudo, para poder partir.

No dia seguinte de manhã, reuniram-se os 40 homens; mas de repente surgiu uma nova difficuldade. Quando em Caconda fomos enganados pelo Bandeira, o Ivens tinha tirado a todos os fardos sortidos o algodão branco; porque os pretos que esperavamos do Bandeira

não queriam pagamento em outro genero. Esqueceu esta circumstancia, e eu, levando dois fardos sortidos, não levava nem uma só peça de algodão branco. A gente do Capôco declarou-me logo, que não queriam receber senão algodão branco, e não pegariam nas cargas se eu lh'o não dêsse.

Recusaram-se a receber o riscado, e já se iam, quando appareceu o Capôco, e não sem custo os decidiu a receberem metade em riscado, metade em zuarte.

Havia grande descontentamento entre elles quando ás 10 horas os fiz seguir acompanhados pelo guia Barros. Eu devia partir dentro de uma hora; mas fui atacado de tão violento accesso de febre, que tive de deitar-me.

Desde a vespera chovia torrencialmente, e sobre tudo a noite foi tempestuosa.

A febre começou a declinar ás 4 horas da tarde, e a chuva cessou. Pelas 5 horas, precisei sahir da libata e fui a um mato proximo, os meus passos eram vacilantes e apoiava-me pesadamente no meu bôrdão.

Precavido sempre, disse ao meu preto pequeno Pépéca, que me acompanhasse e trouxesse uma das minhas carabinas.

Ia a entrar no mato, quando a vinte passos de mim surge um enorme búfalo a olhar desvairado, resfolgando estrondosamente.

Tomei das mãos do pequeno a espingarda, e qual não é o meu desespero, vendo que, em logar de carabina, elle tinha trazido uma simples arma de caça, carregada de chumbo! Senti-me perdido e vi a morte inevitavel, terrivel caminhando para mim n'aquella fera, que mugia surdamente.

Lembrei-me de Deus, de minha mulher e de minha filha. A fera avançava aos saltos, n'esse irregular galope que elles tomam para o ataque. A 8 passos de mim, disparei-lhe o primeiro tiro de chumbo, elle parou meio segundo, para seguir logo. Ao disparar-lhe o outro tiro não havia mais distancia entre a bocca da espingarda e a cabeça do bufalo do que alguns decimetros. Atirei e fiz um enorme salto para o lado. O bufalo seguiu sempre, passando a tomar uma carreira vertiginosa, e desapareceu no mato. O meu Pépéca ria a bandeiras despregadas, e inconsciente do perigo, batia as palmas gritando: «O boi fugiu, o boi fugiu, teve medo de nós.»

(Continúa.)



## SUPERSTIÇÕES POPULARES EM PORTUGAL

(Continuado da folha 15)

GIL Vicente, na *Carta que mandou de Santarem a Dom João III*, sobre o tremor de terra de 26 de Janeiro de 1531, expõe as ideias philosophicas da Renascença, em que se conciliava a immutabilidade de Deus com a variabilidade dos phenomenos physicos devidos unicamente ás leis naturaes: «o altissimo e soberano Deus nosso *tem dois mundos*: o primeiro foi sempre e pera sempre; que é a sua resplandecente gloria, repouso permanente, quieta paz, socego sem contenda, prazer avundoso, concordia triumphante: mundo primeiro. Este segundo em que vivemos, a sabedoria immensa o edificou pelo contrario, de todo sem repouso, sem firmeza certa, sem prazer seguro, sem fausto permanente, todo breve, todo fraco, todo falso, temeroso, avorrecido, cansado, imperfeito; para que por estes contrarios sejam conhecidas as perfeições da gloria de segre primeiro.» (*Obras*, t. III, p. 385).

Gil Vicente conclue que o terremoto é um acontecimento que procede da natureza, alheio á intervenção divina, e que não pôde ser previsto: «que o tremor de terra ninguem sabe como he, quanto mais quando será e quammanho será. Se dizem que por astrologia, que he sciencia, o sabem: não digo eu os d'agora, que a não sabem soletrar, mas he em si tão profundissima, que nem os da Grecia, nem Moysés, nem *Joannes de Montereio* alcançaram da verdadeira judicatura peso de uma oução; etc.» Este Joannes de Montereio é o celebre Regio Montanus (1436-1476) traductor das principaes obras dos Astronomos gregos, auctor do Epitome do *Almagesto*, e observador do notavel cometa de 1472, cujos resultados foram dados á publicidade em 1531. Em nenhum escriptor, tanto como em Gil Vicente, se encontra a inspiração litteraria directamente derivada dos costumes nacionaes e populares; os seus Autos são documentos ethnologicos por onde se entra no conhecimento directo da vida intima, social e domestica do seculo XVI, tão largamente consignada nos milhares de processos da Inquisição. N'esses processos se acha exarado o estado de consciencia de um povo brutalizado pelo catholicismo intolerante; os constantes espectaculos de cannibalismo dos Autos de Fé aggravaram as hallucina-

ções populares fazendo da *Feiticeria* uma verdadeira doença contagiosa. O desastre de Alcaccer Kibir, em 1578, veiu avivar essa exaltação, como vemos pelo seguinte documento da epoca:

«É para chorar e acabar de pasmar da louquice d'esta terra. Haver n'ella donas illustres e de qualidade com tão larga licença como tomaram, na desolação, de andar no modo das *romarias*, e na invenção com que pedem a Deus vida e liberdade dos maridos e filhos captivos, porque não ha *devoção defeza*, que não façam, nem *feiticeria* que não busquem, para lhes dizer o que vae em Africa. Não ha beata que com as suas superstições as não roube de quanto teem. — Em cada rua as achareis com certo numero de mulheres após si, que buscam para cumprir a negra devoção ou superstição, descalças, embiocadas, parecem medos. Não sei aonde se acha tanta sarja; e para encherem a copia da devoção beguina, não fica em casa negra, nem rapariga que não vá no canto acompanhar-se sempre de um velho parvo, e de um rapaz travesso; etc.» (Carta de 1579, depois da derrota de Alcaccer-kibir, ap. Ribeiro Guimarães, *Summ.*, t. IV, p. 135.)

No seu *Auto das Fadas*, Gil Vicente divertiu a cõrte de D. João III representando uma velha Feiticeira com todos os seus ritos, sortes e palavras magicas da superstição popular. Eis o argumento d'este precioso documento litterario, onde se observa a relação intima entre a criação individual e a sua fonte tradicional: «*Na farça seguinte se contém, que uma Feiticeira temendo-se que a prendessem por usar do seu officio, se vae queixar a El-Rei, mostrando-lhe per razões que pera isso lhe dá, quão necessarios são seus feitiços.*» Transcreveremos as passagens mais importantes para relacional-as com as crenças e os costumes persistentes no seculo XVI:

Ando nas *encruzilhadas*,  
 Às horas que as *bemfadadas*  
 Dormem somno repousado,  
 E eu estou com um enforcado  
 Papeando-lhe á orelha.

Per *esconjuros* provados  
 Fazendo vir dez finados  
 Por saber uma verdade.



E havendo piedade  
De mulheres mal casadas,  
Para as vêr bem maridadas  
Ando pelos adros nua,  
Sem companhia nenhua,  
Senão um *sino-samão*  
Mettido n'um coração  
De gato preto e não al.

Outrosi, quando a mi vem  
Namorado sem conforto  
Desejando antes ser morto  
Que ter aquella paixão;  
Cavalgo no meu cabrão  
E vou-me a *Val de Cavallinhos*,  
E ando quebrando os focinhos  
Por aquellas oliveiras  
Chamando frades o freiras  
Que morreram por amores . . .  
Eu c'o sangue do leão  
Mexido c'o rabo da Huja  
E allí o fel da coruja,  
Eil-o mancebo aviado.

A velha Feiticeira, depois de muitas allusões engraçadas a personagens da côrte, diz que

sempre quiz ser *solteira*  
Por mais estado de graça.

Ella descreve então os seus instrumentos da arte magna:

Vou pelo *alguidarinho*,  
A candeia e o saquinho,  
E veredes labaredas.

Gil Vicente põe a rubrica: «*Traz a Feiticeira hum alguidar e hum saco preto em que traz os feitios, os quaes começa a fazer dizendo:*

Alguidar, alguidar  
Que feito foste *ao luar*,  
Debaixo das sete-estrellas,  
Com *cuspinhos* de donzellas  
Te mandei eu amassar:  
Oh cuspinhos preciosos  
De beijos tão preciosos,  
Dae ora prazer  
A quem vos bem quer,  
E dae boas fadas  
Nas *encruzilhadas*.

Este caminho vae pera lá,  
Est'outro atravessa cá;  
Vós no meio, alguidar,  
Que aqui cruz não hade estar.  
Embora esteis, encruzilhada.  
Perequi entrou, perequi sahiu.  
Bem venhades, dona honrada,  
Vae a estrada pela estrada.  
Benta é a gata que pariu;  
Gato negro, negro é o gato,  
Bode negro anda no mato,

Negro é o corvo e negro é o pez,  
Negro é o rei do enxadrez,  
Negra é a vira do sapato,  
Negro é o saco que eu desato.

Isto é fersura de sapo,  
Que está n'este guardanapo,  
Eis aqui mama de porca  
Barbas de bode furtado,  
Fel de morto excommungado,  
Seixinhos do pé da forca:  
Bolo de trigo alqueivado,  
Com dois ratos no meu lar,  
Per minha mão semcado,  
Colhido, cosido, amassado  
Nas costas do alguidar.

Achegade-vos a mim;  
Que papades, meu chrubim?  
Escumas de demoninhado.  
Quem vol-as deu?  
Dei-vol-as eu.  
Fel de morto  
Meu conforto;  
Bolo cornudo  
Vós sabedes tudo.  
Bico de pêgo,  
Aza de morcego.  
Bafo de drago  
Tudo vos trago.  
Eu não juro,  
Nem esconjuro,  
Mas gallo negro suro,  
Cantou no meu monturo.  
E ditas as santas palavras  
Eil-o demo vae, eil-o demo vem  
Co'as bragas dependuras.»

(Ob., t. III, p. 97.)

Este typo da Feiticeira idealizado por Gil Vicente recebeu fôrma litteraria no romance picaresco da *Lozana andaluza*, e na inexcédível comedia da *Celestina*; a realidade apparece-nos nos processos do Santo Officio e nos costumes populares descriptos por D. Francisco Manoel de Mello. Da feiticeira Maria Antonia, lê-se em um processo do Santo Officio: «sem saber ler, nem escrever, curava todo o genero de enfermidade de quaesquer pessoas ou animaes que se lhe offereciam, lançando dos corpos de outros endemoninhados espiritos malignos; fazia unir as vontades discordes entre os casados, levantava os queixos da bocca aos que lhe cahiam, e fazia parir com bom successo as mulheres pejudas; observando sempre os effeitos das ditas cousas especialmente as quartas e sextas feiras da semana por as ter mais proporcionadas para os fins que procurava; usando para elles sómente de palavras, orações, benção, agua benta, terra de adro, de nove hervas, de cruces que fazia nos braços dos ditos enfermos ou sobre alguma



cousa dos mesmos, estando ausentes, mandando encher em rios ou fontes nove vezes uma quarta de agua, a fim de vasadas as oito a nona servisse para remedio dos ditos males. Para a cura das quaes primeiro estremecia e se esperguiçava e fazia visagens, com a bocca, cobrindo-a. Dizia que ella tomava os males e ár dos ditos enfermos, aos quaes mandava que passassem por pontes escuras para traz. Dava cartas a que chamava de tocar para fins torpes e deshonestos, mandando-as meter primeiro debaixo da pedra de ara sobre a qual se dissesse missa. Fazia supersticiosamente devoções, armando uma mesa de tres pés para cima, pondo em cada uma sua véla, ou candeia accesa, e no meio uma imagem de S. Arasmo, dando passos ao redor e fazendo rezas, e finalmente chamava pintãos, os quaes logo visivelmente lhe appareciam negros, e os consultava para saber d'elles como haviam de fazer as ditas curas, e dada resposta, desapareciam.»

Estes typos da Feiticeira, que adivinha o futuro e faz curas maravilhosas, pertencem ao fundo primitivo das raças áricas, apparecendo completos entre os povos scythas, thracics, getas, gaulezes e celtas; as druidissas ou *galli-govenas*, tinham o dom da visão e da prophacia, que se transmittiu ás actuaes *mulheres de virtude*. Diz Bergmann, no seu estudo sobre *Os Getas*: «Esta crença dos thracics e dos Celtas na aptidão especial das mulheres-írgens para a visão e para a prophacia, foi transmittida por elles a muitos povos do ramo geta, que, desde logo preferiram tambem as mulheres aos homens, mesmo para as praticas da adivinhação.» (Op. cit., p. 299.) A Feiticeira descripta por Gil Vicente tambem se conservou donzella, para ter maior poder: e como as Mulheres de Visão scandinavas, ella tambem adivinha pelo *caldeirão* (alguidar) nas *encruzilhadas*, e emprega o *bolo do sacrificio*. Diz Bergmann: «A adivinhação pelo *caldeirão*, usada pelos scythas, transmittiu-se tambem aos seus descendentes os povos do ramo geta. Exerceram-na entre elles, as Mulheres-Victimarias, chamadas Conselheiras do Sanctuario (*albi-runas*), que pela inspecção do sangue das victimas, que era recolhido no *bolo do sacrificio*, prediziam o destino e os acontecimentos futuros.» (*Les Getes*, p. 299.) E accrescenta: «A adivinhação pelo *caldeirão* era principalmente usada nos sacrificios, como a aruspicina entre os romanos. — Nos templos gregos, as grandes *tripodes* não eram senão os *caldeirões* primitivos do sacrificio collo-

cados sobre a sua tripeça.» (Ibid., p. 296.) Em Gil Vicente cita-se o *alguidar*, e no processo de Maria Antonia a tripeça é a mesa de tres pés para cima. <sup>1</sup> Era nas *encruzilhadas*, ou encontro dos caminhos (*veksaman*, scyth.) que os scythas collocavam o caldeirão magico, consagrado a Targitavus: «Este *caldeirão* sendo sagrado, tornava tambem sagrado tudo quanto o rodeava; assim o largo da *encruzilhada*, bem como a fonte que aí se achava, eram ambos designados *Veksaman-paihur*.» Ainda hoje as *encruzilhadas* têm um character magico entre o povo portuguez. O caldeirão de bronze transformou-se no *alguidar* e na *bacia*, desde que o bronze deixou de ter um character magico. D. Francisco Manoel de Mello (*Cartas*, pag. 542) refere-se a este uso: «Com sonhos e *bacia de agua* ha dias que ando de quebra. Beata despida, de cabello solto, resando por entre dentes a *Oração de Santo Erasmo*, passeando a casa em louvor de Santo André nunca d'ella come bom bocado.» O rio ou fonte magica, que se liga ao caldeirão, acha-se citado no processo de Anna Antonia, da Inquisição em 1624: «E assim mais sahia a ré com o demonio no habito em que sempre lhe apparecia, a certo logar *junto d'um rio*, onde estavam algumas mulheres conhecidas da ré, em companhia de outros demonios...» O poder das mulheres de virtude para os amores e parto felizes deriva-se do culto lunar dos povos scythas e getas, d'onde segundo Bergmann procedem os germanos e scandinavos; Gil Vicente allude á circumstancia do *alguidar* feito ao luar, com cuspo de *donzellas*. Na poesia popular ainda se repete:

Benza-te Deus, lua,  
De tres cousas me defendas,  
Aguas correntes,  
Fogos ardentes,  
E morte supita.

Gil Vicente traz tambem o *bolo de trigo alqueivado*, que é o *bolo do sacrificio* das feiticeiras scythas. Os animaes que Gil Vicente cita no esconjuro da feiticeira acham-se nos proces-

<sup>1</sup> Garrett, que teve a intuição da alma popular, no seu bello romance do *Arco de Sant'Anna*, traça este retrato de uma bruxa: «D'ahi com uma pieira rouca e desafinada, se poz a cantar, ou antes a regougar estas trovas de má mente e má esconjuro, que lhe saíam trepidando dos beiços como espuma de feitiços que fervem n'um lar maldito em *caldeirão de tres pés*, manco, rachado, e ao lume de figueira verde. (Cap. xviii.)



sos da Inquisição portugueza; no processo de Anna Antonia se lê, que o Diabo lhe apparece na *figura de um bode*, e: «Quando queria adivinhar chamava o Diabo, que lhe apparecia na figura de *gato preto*, se era de dia, e na forma humana de *homem pequeno*, se era de noite.» Do corvo já vimos as referencias no Cancioneiro da Vaticana. D. Francisco Manoel de Mello refere-se tambem ao *Valle de Cavallinhos* (Freira de Aenxins, p. 160 e 161): «Sempre está no cavallinho da alegria, mas vigie-se dos *cavallinhos fusc*os... — Onde enterra o senhor os que mata? — Entre as unhas em *valle de cavallinhos*.» Evidentemente estas phrases ainda hoje populares referem-se á superstição scythica e germanica acerca do cavallo: «Os germanos, como os seus antepassados Getas e Scythas, tiravam prognosticos do relincho dos cavallos. A cidade (*gavi*, germ.) sustentava nos bosques e florestas, *cavallos brancos* consagrados ao sol, livres de todo o traba-

lho profano. Prendiam-se ao carro sagrado e o ministro, rei ou o chefe da cidade seguia-os para observar os seus relinchos.» (*Getes*, p. 301.) É por ventura a estes costumes que allude a phrase *valle de cavallinhos*, e a festa dos *Cavallinhos fusc*os, que se acham citados no regimento da procissão de Corpo de Deus, no seculo XVI, refere-se á procissão germanica em que se escutava o relincho dos cavallos sagrados. Guthrie, descrevendo os costumes da Russia aponta tambem a sorte do *cavallo branco*, que devia marchar por cima de trez lanças sem as tocar, para que a victoria fosse certa. (*Op.*, p. 53.) Na tradição popular Sam Jorge apparecia nas batalhas montado em um *cavallo branco*, no qual tambem hade vir da ilha encantada o rei Dom Sebastião.

(Continúa.)

THEOPHILO BRAGA.

## CRUZEIROS NA COSTA D'AFRICA

(Continuado da folha 12)

### XIX

Visita aos Jacks-Jacks — Quilindja — Ainda Numba — Aur'é — O Foutou-foutou — O forte do Grã-Bassam — Abra — Cutu — Kan — Bunona — Acka — Escolas — Os fetiches — Riquezas commerciaes desconhecidas.

**P**URANTE a minha estada em Dabu, quiz ver com os meus proprios olhos como viviam nos Jacks-Jacks os intelligentes correctores de quem a rivalidade tantas difficuldades tem produzido para o nosso commercio, desde que elle se iniciou n'aquellas paragens. Agora reconhecem que a nossa actividade lhes tem sido beneficio e que lhes devem uma facilidade commercial até então para elles desconhecida. Cada uma das aldeias situadas na costa do oceano tem um porto commercial correspondente na lagoa. Desci em Alindja-Budon, que está sob o poder d'Alinja e que é vulgarmente chamada o Grande-Jack.

Alindja é uma povoação de 1:500 almas amontoadas n'um espaço de seiscentos metros quadrados. O seu chefe, Degré, é um homem de mediana estatura, bem lançado e com ar intelligente; os seus armazens conteem carga para dois ou tres navios; está tudo disposto em muita

boa ordem e a grande mulher <sup>1</sup> é encarregada d'obstar a que nas mercadorias haja avarias.

Por este tempo as povoações Jacks-Jacks eram annualmente visitadas por trinta e dois navios; a casa King possuia dezaseis, Lowden treze, Powel tres.

Os Jacks não concedem ás tripulações inglezas ampla liberdade para descerem á terra; os navios de commercio pagam para ter o direito de estar ancorados o imposto de oito onças e o direito da tripulação saltar a terra custa uma onça por cabeça. Em 1867 os Inglezes compravam o cantaro d'azeite de palma por dez ou onze francos, o que daria para cada pipa, pouco mais ou menos, trezentos francos. Uns annos por outros compram cinco mil pipas por anno aos Jacks, cujas sete aldeias não estão ligadas por laço algum politico.

Bonny, abreviatura ingleza de Bonaparte, chefe d'Amoqua e Digré, são os chefes mais importantes e os que têm influencia decisiva em todos os demais. Coqueiros assombream o des-

<sup>1</sup> Muitas vezes a mais velha das mulheres assume o papel da mãe de familia e tem debaixo das suas ordens todas as outras.



embarcadouro e as cubatas de todas as povoações, e a maior actividade reina entre estes infatigáveis productores.

Visitei o meu velho conhecimento Numba, que tinha visto em Debrimou reunindo ao redor de si uma grande multidão com tanto entusiasmo como o fizera o defunto Mangim. Estava sem joias; as mulheres trabalhavam; a favorita, com uma tanga muito estreita e de duvidosa limpeza, tratava como as outras dos arranjos de casa; os aneis, os dentes de tigre, os collares tinham voltado para os cofres de Numba; os tanoeiros batiam vigorosamente os arcos das pipas d'azeite que Numba ia entregar aos inglezes.

A largura da península soffre sensíveis variações. Adjacuty, povoação de trezentas almas, designada nos mappas com o nome de *Trade-town* está situada no ponto mais estreito d'esta lingua de terra. Morphy é a ultima aldeia da confederação situada a este. Uma costa deserta se estende desde Morphy até Aur'é ou Pequeno Bassam, deante da qual se encontra o abysmo sem fundo; em Aur'é a península não tem duzentos metros de largura.

Situada em frente d'Abigeon e d'Ebrié, Aur'é podia ser a mais prospera aldeia Jacks, pois que pôde fazer os seus transportes por agua; mas a guerra constante, que ha entre esta povoação e os seus visinhos da terra firme, tem-a reduzido a precarias circumstancias. A praia é de facil accesso; a população dedica-se com grande actividade á pesca do mar. Esta aldeia tem uma organização municipal funcionando com regularidade; os pescadores entregam o peixe colhido a uma commissão e é esta que reparte o peixe com uma grande equidade. Em Aur'é não ha pobres; cada habitante faz coser o peixe que lhe coube em partilha. Já tive occasião de fazer notar que uma pequena povoação, situada entre Serra-Leoa e o rio Nunez, vivia em communidade; esta fórma só pôde ser exequivel quando haja um absoluto aniquilamento da liberdade individual e uma acção despotica comprimindo toda e qualquer aspiração pessoal. As aldeias populosas n'estas regiões adoptaram todas a posse individual e só em Aur'é unicamente o peixe é dividido por cada habitante, analogamente ao que se passa com as florestas communaes em certos paizes.

As bananas pisadas n'um almofariz e o milho moido entre duas pedras de granito, tudo cozido com azeite de palma, compõe o *foutou-foutou*, que, misturado com peixe secco ou salgado e codimen-

tado com pimenta, constitue a base d'alimentação dos povos que vivem desde Lahou até ao cabo das Tres-Pontas e que a si proprios se designam com os nomes: Ahowimi, Kass, ou Agny. Algumas vezes uma gallinha coberta de pimenta vem alterar este regimen alimenticio. Mui raras vezes o carneiro e o boi apparecem nas mezas ricas; esses manjares são quasi exclusivamente reservados para as ceremonias funebres.

Tivemos um grande trabalho em conseguir que nos vendessem bois e carneiros em numero sufficiente; a gente d'esta região affirmou-me que no Gaman havia numerosos rebanhos e que era d'essa provincia que para Potou vinha o gado que nós lhe compravamos.

Não seria justo fallar de todas estas povoações e não dizer uma palavra do posto que creamos no Grã-Bassam. Em 1868 o posto fortificado consistia n'um quadrado de cem metros por lado, defendido por uma paliçada, tendo aos quattros cantos uma especie de bastiões feitos de terra; os armazens, o paiol, o quartel e a casa de habitação do commandante estavam mettidas dentro d'este recinto para o qual duas portas davam accesso, o serviço fazia-se ali militarmente de dia e de noite. Os soldados negros, os pilotos da barra, os Crumanos viviam fóra do recinto fortificado, assim como tambem o estavam as feitorias dos negociantes que tinham necessidade de grandes espaços para proceder ao tratamento do oleo de palma.

Mal provido, pouco visitado por navios, o nosso posto estava mui longe de possuir os armazens bem sortidos que eu visitára em Alindja, nos dominios de Digré ou de Numba. Não era porque o commercio não fosse lucrativo; podem exportar-se tres colheitas por anno, mas as casas que tinham apprehendido este commercio tinham falta de fundos e eram mal geridas.

A praça d'armas do posto de Bassam era assombreada por coqueiros que tinham ali sido plantados havia trinta annos pelos primeiros occupadores; hoje são arvores formosas. Eu mandei plantar centenas todos os annos; será um recurso para o futuro. O fructo do coqueiro produz um oleo superior ao da palmeira e o pericarpo dá uns filamentos com os quaes em toda a India se fabricam cordas. Esta arvore começa a ser muito cultivada nos terrenos alagadiços de Bassam e de Jelli-Coffi perto do cabo de S. Paulo. O coco já se tornou objecto de especulações lucrativas. Os fructos das palmeiras con-



têm uma amendoa que dá um óleo muito fino; este não é ainda procurado no Bassam, mas é objecto de largo commercio para Whyda e para Bonny.

Dois fortins feitos de pedra, situados a oitocentos metros do posto, defendem-o do lado do oeste, por onde se poderia temer uma nova tentativa de surpresa; mas as cousas mudaram muito de ha vinte annos para cá; a paz é tão completa que esses fortins não estão occupados desde 1858 e que hoje cahem em ruínas.

O ruído incessante produzido pelo mar na barra e a espuma das aguas que cahem em finissimo pô torna o viver em Bassam monotonico. As

estradas em volta de Dabu, os passeios que ellas facultam tornam o viver aqui preferivel. A febre amarella que tem invadido Bassam nunca fez estragos em Dabu.

Não quero abandonar esta importante região do Grã-Bassam sem dizer uma palavra d'Abra e de Bunua.

O chefe d'Abra, Cutu-Kan, é activo e zeloso; usa com muito orgulho um uniforme, objecto das ambições de todos os sobas pretos; mas nenhum outro traz um uniforme mais elegantemente. O nariz aquilino, o seu bigode retorcido, os olhos bem abertos dão-lhe um ar que nenhum outro preto possui. Os seus subditos



ASSINIA — Desenho de A. de Bar, segundo uma photographia

são-lhes dedicados, e tão afeiçoados que, quando elle se ausenta por muito tempo para ir visitar algum sogro, (os negros têm muitos sogros) veem pedir ao commandante do posto que lhe rogue, volte ao seu domicilio legal.

Bunua, situada a quatro ou cinco kilometros do rio Comoé, tem por caes Yahu e Impérié. A sua população é de cinco ou seis mil habitantes; as suas ruas são largas, mas mal calçadas; muitas das cubatas cahem em ruínas; as casas dos chefes são espaçosas. Acka, a quem aquelle chefe obedece, teve durante certo tempo um procedimento equívoco, devido ás instigações dos enviados da Apollonia que, ligada com os Jacks, nos suscitavam embaraços de toda a ordem. Apollonia está sob o protectorado inglez e os agentes subalternos do governo do Cabo sem

duvida exageravam as instrucções d'este, pois que de continuo eram reprehendidos. Depois de muitas hesitações, Acka veio prestar-me vassallagem a Impérié, nas margens do Comoé.

Direi algumas palavras a respeito d'escolas. Em 1866, dei ordem em todos os postos da Costa d'Ouro para preparar uma grande casa que podesse conter as creanças que deviam receber ensino <sup>1</sup>. Alguns sargentos e furrieis dedicaram-se a esta obra meritoria; os monitores depressa começaram a ajudar os mestres e a rapidez dos progressos correspondeu ás esperanças que eu tinha concebido. Nunca houve edu-

<sup>1</sup> As tentativas feitas pelo clero catholico para fundar escolas no Grã-Bassam não tiveram exito; a febre atacou os missionarios que nunca mais reapareceram n'estas regiões.



cação mais barata; por trinta centimos por dia dei casa, alimentação e vesti estas creanças que tinham por enxoval duas camisas e uma tanga. No fim de tres mezes sabiam ler e escrever e fallavam regularmente o francez. O tenente de marinha Laisné contribuiu extraordinariamente para esse resultado pelo zelo com que estimulou os progressos d'estas escolas, de que elle tinha sido o intelligente promotor.

As aldeias do interior têm geralmente um vasto espaço completamente descoberto que são verdadeiras praças d'armas; estes terreiros andam sempre bem limpos. As capellas dos feti-

ches estão edificadas nas orlas d'estas praças. As offertas são comidas ou bebidas. Eu perguntei a Cutu-Kan, se acreditava n'estes fetiches e elle respondeu-me: *É o bom Deus que fez o sol e nos dá as chuvas...* Aos seus olhos os fetiches são unicamente a representação d'uma divindade invisivel, sempre presente e que tudo pode <sup>1</sup>.

A justiça é praticada com muito escrupulo entre estes povos; quando se commette um assassinato, o filho da victima deve decapitar pela sua propria mão o assassino e passear pelas ruas d'aldeia, afim de afirmar que justiça é feita, á cabeça do decapitado. Perguntei a Assama,



ASSINIA : VISTA TIRADA DA PLANICIE — Desenho de A. de Bar, segundo uma photographia

chefe do Grã-Bassam, como punia o roubo: mettem o criminoso dentro d'agua. Se o ladrão é reincidente a immersão é mais prolongada. Se pratica o crime pela terceira vez o réo é afogado. Comprehende-se que, com tal systema, o numero dos ladrões seja muito restricto.

Os feiticeiros accumulam a sua qualidade d'interpretes da vontade divina com a de medicos. A sua iniciação dura muitos annos; os aspirantes applicam-se a conhecer os simples sob a direcção dos seus mestres; este estudo é por escalla. O ensino dos venenos precede o dos contra-venenos, que é o ultimo estudo d'este curso. Estes doutores andam pintados com uma grande pretensão; a testa, as faces e corpo são zebradas com linhas amarellas e brancas. Os feiticeiros mais afamados são de Potu os quaes, segundo é crença popular, são muito habeis, em

repôr no seu logar as cabeças degoladas; têm muitos clientes e applicam amiudadamente ferro em braza ás mulheres que têm partos difficeis.

As substancias proprias de tinturaria abundam n'estas regiões. As madeiras de marcenaria ainda não foram exploradas, mas as madeiras de tinturaria têm-o sido e valem bem o campeche. A borracha tambem não é explorada. O azeite e o ouro são os dois unicos productos que absorvem a actividade commercial, sendo todavia o commercio do azeite mais vantajoso que o do ouro.

Desde 1869 estas regiões foram abertas ao commercio estrangeiro mediante direitos d'al-

<sup>1</sup> Na costa d'Ouro creem n'uma creança nascida com o mundo, em quem a morte não tem poder e que eternamente se conservará creança. É mais uma afinidade com o Egypto. É facil de conhecer n'este mytho o deus Bess.



fandegas, direitos que cobriam todas as despesas d'ocupação. Segundo as nossas informações, os negociantes inglezes têm imprimido um novo impulso ao negocio do azeite o qual pôde attingir dez mil pipas, isto é um valor de tres milhões de francos para a exportação e um milhão de francos para a importação, ao todo quatro milhões. É um dos grandes mercados de azeite da costa d'Africa. A guerra que assolou a região comprehendida entre Apollonia e Accra

devia ter por effeito o duplicar a procura de azeite no Grã-Bassam e o nosso commercio um dia sem duvida se arrependera de não ter comprehendido que estava senhor d'uma das mais ricas bacias da costa. A falta de persistencia é principalmente apontada como sendo um dos caracteres da nossa raça; abandonamos os negocios na occasião mesmo em que a sorte vae mudar.

(Continúa)

## MEMORIAS DO ULTRAMAR

VIAGENS, EXPLORAÇÕES E CONQUISTAS DOS PORTUGUEZES

COLLECÇÃO DE DOCUMENTOS

POR

LUCIANO CORDEIRO

1574-1620

DA MINA AO CABO NEGRO

SEGUNDO

GARCIA MENDES CASTELLO BRANCO

**G**ARCIA Mendes Castello Branco foi um dos fidalgos aventureiros que acompanharam Paulo Dias de Novaes, o celebre conquistador de Angola, na sua segunda e numerosa expedição de 1574-1575.

Oito são geralmente citados: Luiz Serrão, Antonio Ferreira Pereira, Pedro da Fonseca, parente de Novaes, Antonio Lopes Peixoto, seu sobrinho, Garcia Mendes Castello Branco, Manoel João, João Castanho Velez e Jacome da Cunha.

As campanhas asperrimas da Africa Austral não tiveram, como as da India, os esplendores da glorificação historica.

O nome de Garcia Mendes, como o de Balthazar Rebello, como o de tantos outros, perdeu-se na ingrata obscuridade dos archivos.

Ahi encontraremos, talvez, um dia o registo dos seus serviços:

Por agora, casualmente encontrados, temos só os documentos seguintes, que, desenhando com soffrivel nitidez um espirito sagaz e organisador e um character ambicioso e insinuante, são por todos os titulos extremamente curiosos.

Elle foi explorador, capitão, juiz, e muito provavelmente mercador.

Fez a guerra em terra, e andou no mar explorando a costa e os resgates.

Em 1620 achava-se em Madrid advogando o seu original plano do aforamento dos sobas, por trás do qual parece adivinhar-se a politica cobizosa dos jesuitas do tempo, se é que Garcia Mendes não procurava apenas captar a boa vontade da poderosa Companhia que elle sabia quanto valia e representava, então, na administração ultramarina.

São do Archivo da Ajuda todos estes documentos.

I

1603<sup>1</sup>

Relações com o Congo—Paizes do interior onde vão os portuguezes—Vassallagem do Congo—Fortaleza em Pinda—Minas de Pemba—Padres.

Relação que faz o capitão Garcia Mendes Castello Branco, do reino do Congo:

Haverá cem annos, pouco mais ou menos, que um rei de Congo, que então reinava, se fez nosso amigo e pediu christandade.

Mandaram-lhe os reis de Portugal religiosos.

<sup>1</sup> Os magnificos artigos que se vão seguir são devidos á obsequiosidade do seu erudito colleccionador e commentador.

<sup>1</sup> As datas que fixamos a este e aos documentos 3.º, 4.º e 5.º são simplesmente hypotheticas. Esta de 1603, foi-nos suggerida pelo primeiro estudo que fizemos do documento,



Tem-se feito a maior parte d'aquelle reino, ou quasi todo, christão.

O dito reino é terra pobre de mantimentos.

Sustenta-se a gente d'elle com alguns legumes.

É preguiçosa.

O que tiverem hoje o hão de comer e não se lembrar guardar para amanhã.

São pouco lavradores e tem falta de gados.

Não são animosos, antes covardes.

Este rei do Congo que agora reina é tyranno e mostra a mesma má vontade que os passados em tudo o que pôde, porque todas as vezes que se lhe antolha cerrar os caminhos aos pombeiros, que vão a fazer resgate por seu reino de peças e panaria, o faz.

E se lhe não dão dadivas os não deixa passar, e assim elles são reteudos muitos dias, gas-

tando parte do que levam até o contentarem.

Por seu reino vão os portuguezes ao reino de Macoco a resgatar, e assim ao reino de Ybare e ao de Bozanga, que é um rei poderoso e se não pôde ir por outra parte, que d'estes reinos vem os escravos e a panaria, que no de Congo não se resgata gente, mais que pano, salvo algum mau feitor <sup>2</sup>.

O dito rei de Congo se faz amigo d'estes reis que digo, e o estimam pelo respeito das fazendas que lá lhes levam os portuguezes, e por esta causa tem as amizades d'elles.

E assim tudo o que tem nos deve.

O dito rei de Congo, segundo me disse o governador Paulo Dias de Novaes, quando os reis de Portugal mandaram Francisco de Gouveia, que era governador de S. Thomé, com

antes de que podessemos confrontal-o com os que se lhe seguem. Esse confronto, porém, trouxe-nos a suspeita rasoavelmente fundada, também, de que muito depois, dezoito ou vinte annos talvez, fôra escripto. Apresentando, porém, as razões de uma e de outra hypothese, pareceu-nos melhor não alterar a ordem em que tinham sido dispostos os textos, quer para não quebrar a tal ou qual ligação dos assumptos, quer para evitar delongas de publicação, tendo esta agora de fazer-se dentro de certos limites de tempo.

«Ha cem annos, pouco mais ou menos» — escreve Garcia Mendes, referindo-se á primeira tentativa de christandade no Congo. Parece, pois, que a data do documento não deveir muito alem de 1586 ou de 1590. Que é, porém, posterior provam-n'o as referencias á carnificina que fez nos nossos o Matamba (1590), á companhia de João Furtado de Mendonça, governador desde 1593 a 1602, e ainda o facto de já formarem um bispado os chamados reinos de Angola e Congo, o que só aconteceu em 1597. É evidente o erro de Lopes de Lima quando, transcrevendo um texto d'este documento, diz que elle é de 1592, confundindo-o porventura com outra memoria, — a de Brito, — até hoje igualmente inedita e que esperamos poder publicar.

Que não vac, comtudo, além de 1610, é natural inferir-se da referencia á necessidade da construcção da fortaleza de Pinda, em que se não faz allusão á ida, aliás mallograda, de Antonio José Pita, para esse fim ao Congo, parecendo fallar-se de uma idéa não ensaiada ainda. Ora, propondo Garcia Mendes que fosse nomeado bispo, um jesuita, afigura-se-nos que não houvesse então prelado. Deixára realmente de o haver em 1602 por morte de fr. Miguel Rangel que residira no Congo, mas em 1604 já estava um nomeado, que em 1605 era succedido por outro, ao qual succedia em 1606 um que residiu em Loanda, e só falleceu em 1624. Combinadas estas circumstancias, suppozemos dever collocar a data do documento entre 1602 em que deixára de haver bispo, e a de 1604 em que deixava de ser rasoavel, porque o havia, a proposta de Garcia, de que fosse nomeado um, de entre os jesuitas que se enviassem ao Congo. E então o «pouco mais ou menos» de cem annos, ficaria reduzido ás acceptaveis proporções de mais doze ou dezasete annos apenas.

Encontrámos, porém, os outros documentos, evidente-

mente posteriores a 1620, e não sómente n'elles reaparece a phrase dos «cem annos pouco mais ou menos», apesar de terem então decorrido mais de cento e trinta depois do facto a que essa phrase se refere, da primeira evangelisação do Congo, mas repetem-se ali, como actuaes, certas circumstancias e noticias do documento primeiro, e por mais de uma vez parece reproduzir-se o texto. Lá se encontra também a indicação relativa á nomeação de um bispo jesuita, dizendo-se que está vago o cargo, e como o documento respectivo é evidentemente posterior a 1620, segue-se que deve ter sido escripto entre o fallecimento do bispo D. Fr. Manuel Baptista, em 1624, e a nomeação de D. Francisco de Soveral em 1625, pois que no anno seguinte a sé do Congo era transferida para Loanda, pelo bispo successor d'aquelle, D. Fr. Simião Mascarenhas, facto importante a que Garcia Mendes não deixaria de referir-se, etc.

O confronto dos textos parece pois estabelecer que o nosso primeiro documento foi escripto pouco antes ou pela mesma epocha que o terceiro, e este foi-o irrecusavelmente depois de 1620, muito provavelmente em 1624, mas o que não é menos certo é que os factos referidos ou alludidos no primeiro, não parecem ultrapassar muito a data de 1602, ou chegar á de 1610, e que entre estas duas datas temos como maior vacatura do cargo de bispo do Congo, a que indicámos. Em 1603 não havia bispo, havia-o em 1604, em 1605, em 1606, succedendo-se tres bispos, é certo, e sómente em 1624 se dava nova vacatura. A referencia do rei do Congo, que então reinava, coincide com a noticia que temos do rei D. Alvaro II, e apesar de uma certa conformidade na redacção d'este documento com os que são posteriores a 1620, a idéa de que elle data de 1603, continua a apresentar-se-nos como a melhor, alem de parecer mais conforme com a escripta d'elle, posto que a differença de calligraphia e a falta de assignatura nos não illucidem sobre se elles são realmente do proprio punho de Garcia Mendes. De resto, ou seja realmente de 1603 ou de 1621 ou de 1624, a differença de dezasete, de vinte e um, ou melhor de dezaseis annos, suppondo que Garcia regressasse ao reino em 1619, pois que em 1620, é evidente que estava em Madrid, não altera essencialmente as suas informações.

<sup>2</sup> Ybare, é seguramente o *Ibari* de Stanley, Descendo o



gente libertal-o, que estava esbulhado do seu reino pelos jagas ou zimbas, e o restituiu o dito Francisco Gouveia, e lhe tomou menage de vassallagem, em que elle prometteu ser vassallo e tributario de Vossa Magestade, e se buscarem livros na Torre do Tombo em Lisboa pôde ser que se ache esta clareza, por onde é vassallo de Vossa Magestade e não senhor absoluto de seu reino, como elle se faz <sup>3</sup>.

E me lembra que quando o Bispo de Congo, D. Martinho de Ulhoa, que era tambem Bispo de S. Thomé, lhe deu o titulo de Alteza, o dito Governador Paulo Dias lh'o estranhou e contrariou muito.

E não ha de mostrar o dito rei de Congo, cartas, segundo minha lembrança, que o dito Governador lhe chamasse mais que senhoria, e reprehendia a todo o homem que lhe chamava Alteza, e d'isto me atrevo ainda hoje a tirar informação nos ditos reinos se quizerem tiral-as,

---

que elle entende ser o Zaire ou Congo, Stanley na altura de 1° 40' 44" de lat. N. e 18° 44' de long. E. Gr. pergunta ao chefe de uma aldeia que chama Rubunga, n'uma linguagem, como elle diz, mixta de kissuahili, de kuiyamúesi, de kidjidjidji, de kerégga e de kikussu, como se chama aquelle rio. *Ibari*, responde o chefe e, «depois de um instante de hesitação, comprehendendo melhor o alcance da pergunta: *Ikutu-ya-Congo*, accrescenta com voz sonora.» Aqui encontra o explorador, com agradavel surpresa, algumas antigas espingardas portuguezas, e ouve que os povos que se encontram abaixo de Rubunga são os Bakonngo (Ba-congo, decerto), os Vuiyaka (os Iaccas, positivamente) os Manngala (Ban-gallas, sem duvida). Naturalmente o chefe quiz simplesmente exprimir que aquelle rio conduzia... ao Congo.

Mais abaixo, em 3° 14' 4" Stanley torna a encontrar, diz elle, o que então chama *Ibari-Nkutu*, que na sua opinião é indubitavelmente o Coango dos portuguezes, grande tributario do Zaire. Á região correspondente chama elle *Ibaka*, que supponho ser a *Iacca* dos nossos exploradores. Quando publicarmos outros documentos veremos como muitas vezes Stanley confirma nas suas bellas descripções as dos portuguezes dos seculos XVI e XVII relativamente a estas regiões d'elles então descobertas e exploradas. Não ha pretensão mais absurda do que a de querer chrismar o Zaire, em Levingstone!

*Macoco*, e n'outros *micoco*, que poderia confundir-se com o paiz dos *Ma-quiocus*, é o famoso reino que apparece citado em muitas outras antigas narrativas portuguezas, que alguns escriptores francezes, com a maior sem-ceremonia, dizem descoberto agora por Brazza, e que Stanley suppunha uma illusão portugueza: *mikoko* diz elle, em idioma nbunda, significa simplesmente rio. É a terra dos Anzikos ou Grande Angeka, da velha geographia, povos expressivamente descriptos por Duarte Pacheco e Duarte Lopes (sec. XVI).

Mais difficil é determinar o que fosse a *Bozanga*, que por ora sómente encontrámos citada por Garcia Mendes. Não será, porém, a terra dos *Ba-songos*. Cremos que sim, sem mesmo precisarmos de mais esta prova de quão longe explorámos sempre o sertão africano.

quando cá se não achem papeis, pelo que tenho este rei por vassallo de Vossa Magestade e seu tributario.

Lembra-me que quando chegamos ao reino de Angola, reconhecendo o rei de Congo, que então era, o beneficio que Vossa Magestade lhe tinha feito em o restaurar no seu reino, de que estava esbulhado e mettido nos matos, por não ter na sua terra oiro nem prata com que pagar tributo, offereceu ao Governador Paulo Dias de Novaes uma quantidade de dinheiro de zimbo, que é o que corre em seus reinos, e por uma provisão sua, que está nos livros da feitoria de Angola, que eu vi, de que pôde Vossa Magestade mandar buscar traslado, para saber esta clareza, offereceu pagar tributo, o qual pagou alguns annos, e depois que fôram de cá governadores que não se deram bem com elle, o deixou de pagar, e estava tão sujeito a nós e tão humilde até o tempo em que Matamba nos matou aquella gente, que tremia de nosso nome, e se não era com suas invenções secretas não ousava nem fallar, mas elle viu se nos tinham levantado todos os da terra e que não tinhamos pessoa por nós, com que se animou <sup>4</sup>.

---

<sup>3</sup> Esta invasão dos iaccas ou jagas no Congo succedeu em 1558, e do soccorro decisivo que Portugal enviou em 1570 ao chamado rei Dom Alvaro I, repellindo a invasão, e restituindo-o ao seu estado, fallam muitos outros documentos do seculo XVI, que publicaremos. É certo, porém, que já muito antes d'esta epocha o Congo se podia considerar como paiz vassallo, tendo-lhe o nosso D. Manuel conferido até escudo de armas, etc., como veremos.

<sup>4</sup> N'algumas publicações erra-se a data d'este successo, fixando-a em 1589, quando elle se deu em 1590, e vem perfeitamente narrado em varios manuscritos contemporaneos. Tendo morrido Paulo Dias de Novaes, procurou realisar a idéa d'este, de uma grande expedição ao Dongo e da tomada da residencia do rei Ngola, isto é, de *Cabassa* ou *Cabaça* (*Nbanza-ia-Cabaça*, segunda côrte ou segunda *nbanza*, em Pungu-á-ndongo, por opposição a *Nbanza-ia-Caculu*, ou primeira, antiga residencia, ou *nbanza*, Loanda), o successor de Novaes, Luiz Serrão, passando o Lucalla com um pequeno exercito dividido em tres corpos, um sob o seu directo commando, outro sobre o do capitão mór André Pereira Ferreira, e o terceiro sob o do sargento mór Francisco de Sequeira. Ao encontro lhe saiu uma enorme multidão de gente de diversos potentados sertanejos, que envolveu e esmagou a força portugueza. Foi o encontro em sitio chamado, por uma memoria coeva, Lucanzo, d'onde Serrão retirou com os que se poderam salvar para outro sitio chamado Aquibolo, cincoenta e cinco leguas d'onde se deu a batalha, e d'ali para Bamba Antungo, (talvez Bano Antungo ou Mbanba Tungu, proximo de Massangano). A expedição internara-se consideravelmente, mais de cem leguas talvez, segundo se deprehende de outros manuscritos.

(Continúa.)





O MAJOR SERPA PINTO LANÇA POR TERRA E DESARMA PAIANCA — Desenho de E. Bayard, segundo um esboço do major Serpa Pinto



# COMO EU ATRAVESSEI A AFRICA

DO ATLANTICO AO MAR INDICO—VIAGEM DE BENGUELLA Á CONTRA-COSTA—ATRAVÉS REGIÕES DESCONHECIDAS—DETERMINAÇÕES GEOGRAPHICAS E ESTUDOS ETHNOGRAPHICOS

POR

**SERPA PINTO**

PRIMEIRA PARTE

## A CARABINA D'EL-REI

(Continuado da folha 17)

**Y**OLTEI a casa do Capôco, e passei a noite mais socegado. Quiz escrever, e para isso improvisei uma luz de manteiga de porco em uma velha caixa de sardinhas de Nantes.

Era a 21 de fevereiro de manhã. Despedi-me do Capôco, e febril ainda, segui caminho do Sambo. Antes de chegar ao Calae, recebi um bilhete. Era elle do guia Barros dizendo-me, que na vespera á noite, os carregadores tinham fugido todos, deixando as cargas na libata do século Quimbungo, irmão do sova Bilombo.

Parei, e mandei chamar o Capôco. Conte-lhe o occorrido, e elle disse-me que seguisse para a libata do tio, que tudo ia remediar. Segui ávante, e pouco depois passei o Calae, que corre N. S. para o Cunene, tendo ali 30 metros de largo por 1,5 de fundo, com violenta corrente.

As margens são vastas planicies levemente accidentadas e cobertas de gramineas, por entre as quaes surge aqui e além um solitario dragoeiro. O solo é de formação animal, e todo o terreno é coberto por um mundo infinito de termites, ou antes o cobre.

Uma ponte, construida toscamente de troncos de arvore, une as duas margens do rio, 100 metros a montante da ponte, recebe o Calae um affluente importante, o Cuçuce, que traz volume d'agua igual ao seu. Caminhei a E. N. E., e pelas 10 horas passei junto á libata do século Chacauimbamba, em cuja frente havia grande ajuntamento de gentio. Passei sem nada me dizerem: mas tinha andado uns 50 metros, quando senti um grande barulho do lado da libata. N'esse momento Verissimo correu a mim e disse-me que havia questão com um carregador nosso.

Voltei a traz e vi o preto Jamba, carregador da minha mala, a quem tinham tirado a espingarda, o que conseguiram facilmente, porque elle a largou com receio de deixar cair a mala,

que continha os chronometros e outros instrumentos delicados.

Além da arma, elles tinham mettido para a libata uma cabra e um carneiro, que me tinham sido dados pelo Capôco. Intimei-os a que me entregassem o roubo; mas apenas me responderam com um murmurio ameaçador.

Calculei rapidamente as circumstancias, e vi-me com 10 homens, cercado por 200 que me ameaçavam furiosos.

Esqueci por um momento toda a prudencia e bom senso, e quiz experimentar o que valiam esses 10 homens, que no futuro teriam de ser meus socios em perigos maiores, e caminhando para a porta da libata, armei o revolver e ordenei-lhes que entrassem e me trouxessem o roubo. O meu preto de Benguella, Manoel, um moço de que eu nunca fizera caso, soffreu uma transformação subita, e armando a carabina, de um salto entrou na libata. Foi logo seguido por Augusto, Verissimo e Catraio grande. Os outros seguiram, e eu, estudando os meus homens, esqueci-me de mim, e podia ter sido victima do furor da populaça que me cercava; mas a nossa audacia espantou-os, e recuaram, vendo sahir da libata Verissimo com a cabra, o Augusto com o carneiro, e os outros de carabina prompta cobrindo-lhes a retirada.

A arma, mais facil de esconder do que os animaes, não foi encontrada, mesmo em uma segunda busca mais minuciosa do que a primeira que o successo d'esta tinha auctorisado.

Os meus pretos, animados pela indecisão dos gentios, só proferiam palavras de morte, e custou-me a contel-os para que não fizessem fogo sobre os indigenas.

Consegui acalmal-os, e prometti-lhes que em breve teriamos satisfação plena.

Eu dizia isto fiado no Capôco, em quem já confiava um pouco.

Seguimos, uma hora depois, e a 1,30 passava



o rio Põe, affluente do Calae, que tem 5 metros de largo por um de fundo, cujo leito lodoso e molle dá difficil passagem.

Às 3 horas chegava á libata do século Quimbungo, irmão do sova do Huambo, onde estavam as cargas abandonadas e o preto Barros. O Quimbungo recebeu-me muito bem, e disse-me que me daria carregadores até ao Sambo, e sabendo do occorrido de manhã, pediu-me que não fizesse mal ao século Chacaquimbamba, que elle me faria entregar a arma roubada, e dar plena satisfação do insulto. Pelas 6 horas, chegou ali o Capôco, trazendo alguns carregadores dos que tinham fugido, e as fazendas apprehendidas aos outros, fazendas dos pagamentos que eu havia feito adiantados. Disse-me, que no dia seguinte me faria entregar a arma roubada, e poria á minha disposição o chefe da povoação para eu o castigar.

Que não receasse eu mais fuga de carregadores, porque elle mesmo, ou o tio, me acompanhariam até ao Sambo.

Fui deitar-me ardendo em febre, e passei uma noite horrivel.

No dia seguinte reuniram-se mais carregadores; mas não ainda os sufficientes.

Capôco tinha partido logo de madrugada para casa do Chacaquimbamba, e ao meio dia appareceu-me com a arma roubada e aquelle século, a quem perdoei a offensa da vespera. O delinquente deu-me mil satisfações, e melhor do que as satisfações, dois magnificos carneiros.

Capôco, esse homem selvagem e feroz, que é o terror do Nano, esse homem que eu consegui dominar completamente e que tantos serviços me prestou, despede-se de mim e volta á sua libata, recommendando-me instantemente ao tio.

De tarde desencadeou-se sobre nós uma horrivel tempestade, e á chuva torrencial misturava-se o raio e o trovão da tormenta perpendicular. Recresceu-me a febre.

Durante a noite nova tormenta; mas com chuva moderada. O século Quimbungo, logo de manhã cedo, me veio dizer estarem promptos os carregadores; mas exigirem o pagamento adiantado.

Recusei positivamente, porque, além da experiencia adquirida com o mau resultado dos pagamentos adiantados, foi conselho do Capôco, nunca fazer taes pagamentos.

Os homens recusaram-se a seguir e foram-se. Quimbungo reúne a gente da sua povoação, e ordena-lhe que sigam commigo; elles obedeceram,

mas são mui poucos, e reunidos aos que me trouxe o Capôco, deixam ainda 27 cargas, que eu entrego ao Barros, e que o Quimbungo promete mandar-me amanhã para o Sambo, para onde eu decidi seguir immediatamente.

Parti ás 10 horas a léste, e uma hora depois passei o rio Canhungamua, de 30 metros de largo por 4 a 5 de fundo, que correndo ao sul vae unir as suas aguas ás do Cunene.

Uma ponte de troncos de arvore, de construcção nova, deu-me facil passagem e á comitiva, que na margem esquerda do rio se recusou a ir mais longe n'aquelle dia, sendo-me preciso empregar a maior energia para os fazer seguir até ás 3 horas, hora a que acampeei n'uma espessa floresta de acacias.

O mau tempo continuava sempre, e a febre resistia ao muito irregular tratamento que eu lhe podia fazer.

Durante a noite uma trovoadá horrivel, correndo de S. O. a N. E., passou junto de mim, despedindo raios e chuva torrencial.

Levanto campo no dia seguinte ás 6 horas, e duas horas depois, passava o Cunene, em ponte construida, como todas n'esta parte d'África, de troncos grosseiros. O rio tem ali 20 metros de largo por 2 de fundo, e corre ao Sul. As margens são levemente accidentadas, cobertas de gramineas, e pouco arborisadas. Duas fileiras de arvores, mui semelhantes aos salgueiros da Europa, desenhám duas linhas tortuosas, por entre as quaes o rio deslisa com veloz corrente em leito de areia branca e fina.

Descancei um pouco, depois de ter feito as observações precisas para determinar a altitude, e segui ao meio dia, alcançando, pelas 2 horas, a libata do sova Dumbo, no paiz do Sambo.

Este soveta é vassallo do sova do Sambo, é homem rico e tem muita gente nas povoações que governa. Recebeu-me muito bem, e quiz que me hospedasse na libata, o que aceitei.

Prometteu-me carregadores para o dia seguinte, ainda que me disse ter eu chegado em má occasião, por ter muita gente fóra em guerra. Paguei e despedi os carregadores do Quimbungo, e fiquei certo de seguir no dia immediato.

Pouco antes de mim tinha chegado ao Dumbo um século rico, que mora na margem do Cubango, chamado Cassoma, e vinha visitar o soveta de quem era amigo. Este Cassoma, com quem não sympathisei, veio fazer-me mil protestos de amizade, offerecendo-se para me acompanhar ao Bihé.



De tarde mandei ao soveta 3 garrafas de aguardente, e fiz lembrar-lhe que não faltassem os carregadores na manhã seguinte. Ao contrario dos usos da hospitalidade do gentio n'estas paragens, o soveta nada me mandou para comer, e eu e os meus tivemos fome, porque ninguém nos vendeu farinha.

Seriam 8 horas da noite, quando eu, de muito mau humor e estomago vazio, me ia deitar, senti bater á porta e logo entrarem o soveta Dumbo, o tal Cassoma e um secúlo chamado Palanca, amigo e principal conselheiro do soveta, e cinco das mulheres d'este ultimo.

Conversamos um pouco sobre a minha viagem; mas de repente o Cassoma, interrompendo a conversa, disse ao soveta: «Nós não viemos aqui para conversar, queremos aguardente, e diga a esse branco que nol-a dê já.»

O soveta animado pela arrogancia do Cassoma, disse-me, que lhe desse aguardente a elles e ás mulheres. Eu respondi-lhe que já lhe tinha dado tres garrafas, que elle nada me tinha offerecido, que era esta a primeira hospedagem que eu recebia de um chefe em que me deitava com fome, e por isso não lhe daria nem mais uma gota de aguardente. O Cassoma metteu-se logo na questão, animando o soveta contra mim, e entre nós começou uma controversia que durou mais de uma hora, em que eu fiz prova de uma prudencia e paciencia sem limites. Por fim elles concluíram dizendo-me, que pois eu lh'a não queria dar por bem, m'a iam tirar á força.

Eu então, perdendo a paciencia, empurrei com o pé o barril, e armando o revolver, perguntei-lhes qual era o primeiro que bebia.

Elles vacillaram um momento, mas o Cassoma disse ao soveta: «Tu és rei, vae, bebe

primeiro.» Dumbo, tirando o cobertor que o envolvia, entregou-o ao Palanca, dizendo-lhe: «Guarda-o, para que o branco m'o não furte,» e caminhou ao barril.

Eu levantei o revolver á altura da cabeça do soveta e fiz fogo; mas Verissimo Gonçalves que estava junto a mim, empurrou-me o braço e á bala, desviando-se da pontaria, foi cravar-se na parede.

Os tres negros, transidos de medo, recuaram até á parede; e as cinco mulheres fizeram um berreiro horrivel.

Eu ouvi então junto á porta uma estrepitosa gargalhada que me chamou a attenção, e divisei na sombra dois homens encostados ás carabinas, que riam como riem pretos. Eram os meus Augusto e Manuel, que se tinham approximado ao ouvirem a discussão, e que, acompanhados dos outros oito homens, guardavam a porta.

O Verissimo disse então ao soveta e aos seus companheiros, que se fossem deitar, e não me dissessem mais nada, porque, se eu me zangasse outra vez, elle não lhes poderia salvar a vida como ha pouco.

Elles tomaram o prudente conselho, e retiraram-se, ficando tudo em silencio.

Sem o empurrão que me deu o Verissimo, eu teria morto um homem, e na situação em que nos achavamos, estaríamos completamente perdidos. Foi elle que salvou tudo.

Com a excitação que me produziu a colera, recresceu a febre,

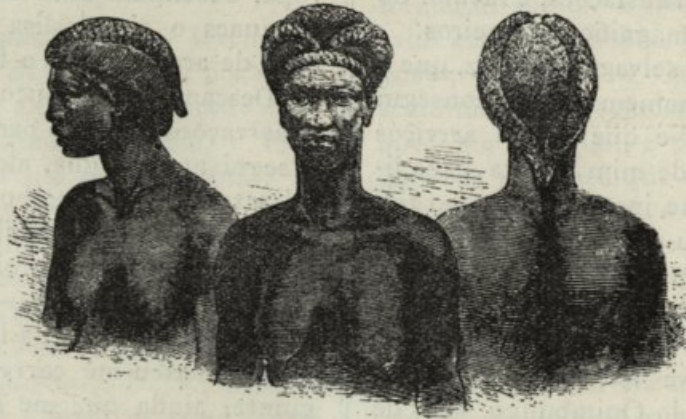
e cahi sem forças nas pelles que estendidas no chão me serviam de leito.

Os meus pretos deitaram-se atravez da porta e disseram-me, que dormisse descançado, que elles velariam por mim.

Havia quatro dias, que por um momento estive quasi perdido em tres occasiões differentes: 1.º com o bufalo no Huambo, 2.º na li-

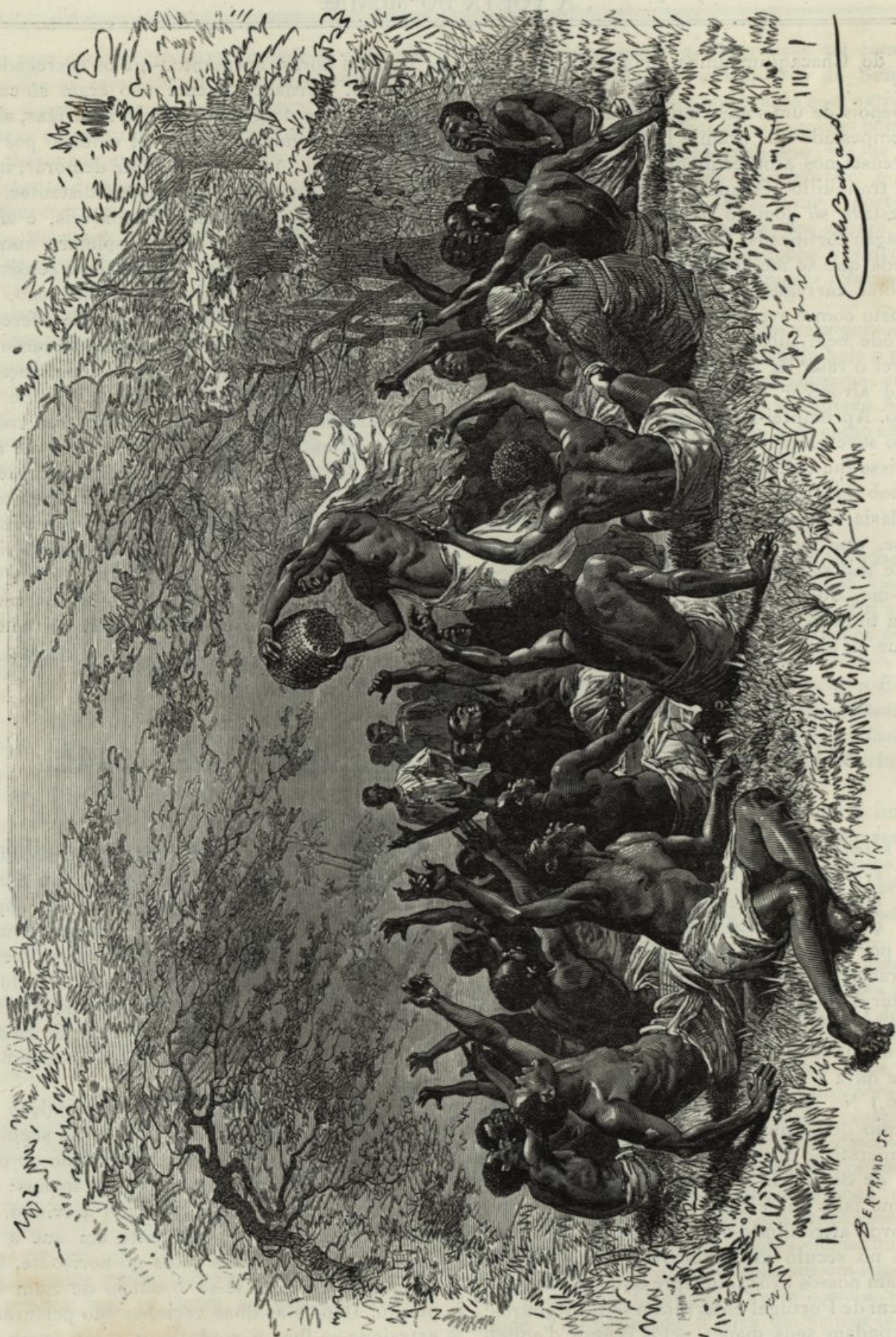


O secúlo que me deu um porco



Mulheres Ganguelas das margens do Cubango





Emil Bayard

BERTHOLD J.

O MAIOR E O FEITICEIRO — Desenho de E. Bayard, segundo um esboço do major Scrupa Pinto



bata do Chacaquimbamba, e 3.º ali n'aquella noite.

Depois de um somno agitado, acordei ao som da tempestade que bramia lá fóra.

Pensei nos acontecimentos da noite e não fiquei tranquillo. O que succederia de manhã? Eu estava só com 10 homens, dentro de uma povoação fortificada, d'onde não era facil sahir; e ainda que se me abrissem as portas onde iria eu obter carregadores, agora que me tinha indisposto com o regulo?

Póde bem julgar-se da anciedade com que esperei o raiar da aurora.

Ao alvorecer a febre tinha abrandado um pouco. Apromptei-me para partir, e mandei chamar o soveta, que appareceu logo.

Disse-lhe que ia seguir, e ali deixava as cargas sob sua responsabilidade, e que depois as mandaria buscar; mas elle pediu-me que o não fizesse, que me ia dar os carregadores; e dando-me mil satisfações do occorrido na vespera, disse-me, que o culpado fóra o Cassoma, que elle já tinha posto fóra de casa; o que era falso, porque eu ali o vi depois.

Às 10 horas, apresentou-me os carregadores precisos. Verdadeiramente não eram só carregadores, que no grupo divisei 6 raparigas, ainda de manilhas nos artelhos; tal cuidado poz elle em servir-me, que, para não me demorar, mandando ir homens das povoações distantes, me deu os que na sua tinha disponiveis, e ainda seis das suas escravas, para completar o numero pedido. Agradei muito e mostrei-me sensivel a tal prova de cuidado, declarando-lhe logo, que não tinha commigo presente digno, de offerecer-lhe, e que querendo dar-lhe uma espingarda lhe pedia mandasse um homem da sua confiança receber-a no Bihé, mostrando-lhe desejos de que esse homem fosse o seculo Palanca seu conselheiro intimo. Exultei de alegria, (que me abstive de deixar transparecer) ao vêr o meu pedido satisfeito, e o Palanca nomeado para me acompanhar. O soveta Dumbo entregava nas minhas mãos um precioso refem, que me responderia já pela minha segurança, já pela das cargas que deixei dois dias antes entregues ao Barros, a quem preveni e acautelei em carta deixada ao Dumbo.

(Continúa.)

## SUPERSTIÇÕES POPULARES EM PORTUGAL

(Continuado da folha 17)

As lanças que acima notámos, ligam-se ao systema da adivinhação dos scythas por meio do arremeço de flexas: «A adivinhação pelas flexas, ou belomancia praticava-se por meio de varinhas feitas de tamarisco e outras arvores consagradas ao sol. Segundo os caracteres runicos que estas flexas arremeçadas formavam fortuitamente a figura, conjecturava-se ou lia-se (cf. lat. *sorti-legio*) o futuro e assim se dava a resposta.» (Bergmann, *Les Getes*, p. 296.) No Alvará da Camara de Lisboa, do principio do seculo xv, era prohibido lançar varas, superstição que se foi restringindo ao uso popular de descobrir thesouros encantados. D'este costume falla Gil Vicente referindo-se á crença do povo, attribuindo-o ao tempo dos mouros. Ainda no seculo xviii escrevia Filinto Elysio: «Creram nossos avós, que apressados os Mouros a sairem de Portugal enterraram seus thesouros; hoje rondam seus manes pelos jazigos d'aquellas talhas, em figuras de velhas, outras vezes de douradas cobras, que com assobios e gaifonas

engodam os intrepidos a certas condescendencias, preço do thesouro que promettem descobrir-lhe.» (*Obras*, t. 1, p. 291.) Com esta superstição encadeia-se outra a dos Diabos-Fêmeas, ou Lilitas sensuaes ou succubas. Esta crença ainda persiste sobre os thesouros das mouras encantadas, e ainda se lançam varas para descobrir o thesouro, verdadeiro vestigio de caldeirão scythico, de que as flexas são complementares.

No Minho ainda existe esta superstição do tempo de Dom João 1, e pratica-se do seguinte modo: As varas são duas, do tamanho de dois decimetros cada uma, pouco mais ou menos; são cortadas de um arbusto chamado azevinho, no dia de Sam João, no momento em que o sol deixa ver os primeiros raios no horisonte. Em quanto se cortam, lê-se o officio de Sam Cypriano. Depois as duas varinhas são perfuradas extraindo-se-lhes a medulla, e o seu logar enche-se de mercurio conhecido pelo nome vulgar de azougue; as extremidades das varas são ta-



padas com couro á maneira de dedais, e depois revestidas as varas com fitas estreitas entrelaçadas á maneira dos chicotes. Assim preparadas as varas servem indefinidamente para descobrirem thezouros enterrados. O processo do descobrimento é longo por causa do ritual. Vae-se ao alvorecer, ao lugar onde se suspeita que está o thezouro, com um padre que lê o *livro de Sam Cypriano*, que é um officio em latim, que anda manuscrito; o dono das varas colloca-as horisontalmente e em equilibrio sobre os dois dedos pollegares, e se as varas, ao ir caminhando no solo, oscillam para a terra com as trepidações de um magnete, é por que ali ha metal. Então traça-se no chão um grande circulo, mettem-se dentro d'elle todos os que procuram o thesouro, e emquanto o padre vae lendo o officio de Sam Cypriano, elles cavam no chão até acharem o thesouro. (No anno de 1874, o abbade de Pousa, junto de Braga, assistiu a uma d'estas ceremonias, que me foi contado por uma testemunha occular.) O costume de lançar *varas (rhabdomancia)* apparece entre o povo russo, o que é importante para determinar-lhe as raizes ethnicas. <sup>1</sup> Nos contos de fadas, de velhas e crianças, a *varinha do condão* encerra todos os poderes magicos.

Nas superstições populares portuguezas do tempo de D. João I, prohibe-se o *mirar em espelho*. Esta tradição encontra-se entre os orientaes, e segundo Benjamin de Tudela havia um d'estes espelhos no farol de Alexandria, podendo-se vêr n'elle a distancia de 500 parasangue todos os navios que viessem contra o Egypto. D'aqui se vê que este uso do *espelho* deriva do antigo costume dos talismans de Salvação; nas lendas arabes publicadas por Wustenfelf, ha um d'estes espelhos; no poema de Titurel tambem figura um d'estes espelhos attribuido a Pratejanni; nas lendas medievas de Troya o palladio era o espelho, e na lenda virgiliana da *Salvatio Romae* a estatua é convertida em espelho. (Vid. Comparetti, *Virgilio nel medio evo*, t. II, p. 75.)

Nos *Tischreden* de Luthero, falla-se no magico de Erfurt, a quem o diabo deu um espelho no qual se podia vêr o futuro, e descobria os criminosos. <sup>2</sup> A superstição do *espelho quebrado*, como presagio de desgraça liga-se a estas abusões da idade media, como se comprehende pela importancia que se ligava ao espelho. Ribeir-

ro Guimarães, conta a superstição tal como a observara: «Entre os passageiros de Setubal havia um que conduzia nos braços com extremo cuidado um espelho antigo. O pobre homem quando poz pé em terra exclamou: — Que trabalho não tenho tido com este *espelho!* e que mais trabalho não teria até o levar a porto de salvamento! Se o deixa quebrar era *agouro*, por que dizem, que quando se quebra o vidro de um espelho é indício de desgraça.» (*Summario de vara Historia*, II, 7.)

A cada passo se depara com esta persistencia tenacissima dos costumes. Ainda hoje o povo de Lisboa defuma as casas com alfazema, como na primeira metade do seculo XVI notava Antonio Prestes nos seus Autos, (p. 398) como efficaz contra os espiritos:

«Vós defumaes  
esta casa com alfazema.»

Esses espiritos malevolos contra os quaes se empregam os Esconjuros, de que Gil Vicente nos dá tão bellos especimens, e que têm ainda hoje uma enorme extensão nas tradições populares, são o *Tranglomango*, o *Buzarinho*, o *Tartarinho*, o *Trasgo*, o *Duende*, a *Breca*, o *Entreaberto*, o *Tanso*, o *Previnco*, o *Estrugeitante*, o *Fradinho da mão furada*, as *Almas penadas*, e o Diabo em todas as suas caprichosas transformações.

É um mundo phantastico em que a imaginação se perde, mas em que a critica vae fazendo luz; alguns d'esses vestigios mythicos ainda tem existencia cultural nas procissões catholicas em que os proprios poderes do estado se exhibem em espectáculo.

A procissão do Corpo de Deus era uma especie de Cortejo civico, que se costumava fazer em Portugal para commemorar a batalha de Aljubarrota, e a batalha do Toro e Samora. Dom João II decretou um Regimento em 1482, pelo qual estabelecia a ordem por que se encorporariam as differentes classes e officios n'esse prestito, e quaes os symbolos e emblemas pittorescos que lhes pertenciam; como estes costumes populares se acham tambem ao meio dia da França, a sua antiguidade leva a descobrir que entre esses diversos emblemas existiam muitos elementos mythicos, alguns dos quaes decahiram em superstições populares. O ditado: *Velho como a Serpe*, allude á antiguidade d'estes emblemas já não comprehendidos. Do citado Regimento de Dom João II, transcreveremos algumas das passagens

<sup>1</sup> Guthrie, *Antiquités de Russie*, p. 81.

<sup>2</sup> *Propos de Table*, p. 52.



que se referem ás superstições: «Os Alfayátes da outra banda e trazeirão a *Serpe* e seus castellos pintados da sua divisa com pendões e bandeirás.» E também: «Os Homens d'armas atraz, estes todos bem armados sem nenhuma cobertura, e com as espadas nuas nas mãos, e levarão *S. Jorge muy bem armado* com um page e uma *Donzella, para matar o Drago.*»<sup>1</sup>

Ha aqui um resto das crenças primitivas dos povos getas e scandinavos, n'esta lucta de *Sam Jorge* com o *Dragão* ou do *Deus solar* com a *Serpente* symbolizando as aguas agitadas do oceano. Diz *Bergmann*: «como os dragões em geral, passavam por animaes fascinadores, e que a *Serpente* do *Oceano* se defendia contra o *Deus do Sol* por meio de magia, esta *Serpente* teve também o nome de *Fascinador solar*. Como alguns dos attributos do *Deus do Sol*, entre outros o de *Inimigo* ou *Adversario* do *Fascinador solar* passaram para *Thor*, este deus é na *mythologia norrica*, o grande *Inimigo* da *Serpente* do mar. — Nas lendas da *Edade media* as cheias dos rios ou as inundações embaraçadas por certos Santos que foram substituidos ao *Sol*, também foram symbolizadas por *Serpentes* ou *Dragões* representados como subjugados ou vencidos por estes Santos. Entre os *Dragões* symbolicos nota-se por exemplo a *Chair salée* de *Troyes*, o *Dragon de Saint Marcel* em *Paris*, a *Gargouille de Saint-Romain*, em *Rouen*, os quaes são symbolos das inundações do *Sena*. Taes são também o *Kraulla* em *Reims* sobre o *Vesle*, o *Dragon de Saint Bienhemé* em *Vendome* sobre o *Loire*, a *Grande-Gueule*, ou a *Bonne Sainte-Vermine*, em *Poitiers*, no confluente do *Clain* e da *Boivre*, a *Grouille* em *Mets* sobre o *Mozelle*, e a *Tarasque* em *Tarascon* sobre o *Rhône*.»<sup>2</sup>

Por ventura do emblema da *Serpente*, empregado na procissão do *Corpus*, se deriva a devoção do *Lagarto* da igreja da *Penha* de *França*, do qual diz o *Dr. Ribeiro Guimarães*, depois de transcrever de um folheto as virtudes medicinaes contra *sezões e febres*: «O caso é que o *Lagarto* da *Penha* ainda lá leva gente; tem resistido á acção do tempo esta devota *basbaquice*.» (*Summ.*, t. 1 p. 218.)<sup>3</sup> Ainda hoje os poderes do Estado acompanham officialmente a *Procissão* de *S. Jorge*, le-

vando a imagem de páo um sequito de cavallos ajaezados e um pagem de lança, como se o *mytho* estivesse no seu fervor cultural; *S. Jorge* é na realidade uma fôrma christianisada de «*Indra*, *Vichnu*, *Ahura-Mazda*, *Feridun*, *Apollo*, *Hercules*, *Cadmo*, *Jason*, *Sigurd*, e muitos outros deuses e heroes celebrados por terem morto a *Serpente*.»<sup>4</sup> A *Donzella* libertada do *Drago*, segundo o *Regimento* da *Procissão* de *Corpus*, completa o *mytho*, conservado hieraticamente: «as aguas ou as nuvens pluviosas, que são as esposas monstruosas dos demonios, em quanto o monstro as guarda nas trevas, convertem-se em esposas radiosas dos deuses quando são libertadas. O mesmo se pode dizer da *aurora*, retida em captiveiro pelo monstro obscuro ou humido da noite ou da estação estival presa no reino do inverno; em quanto uma e outra estão no poder do demonio tenebroso, ellas são negras e monstruosas e vivem com elle no reino infernal; mas depois do resgate, ellas tornam *Donzellas* formosas ou princezas de um brilho deslumbrante.»<sup>2</sup>

Na procissão que ainda se faz em *Lisboa*, um rancho de *pretos*, acompanha o cavallo de *Sam Jorge*, sem se saber que são o vestigio das nuvens negras e chuvosas que cercam a *Serpente* do inverno, como o nota *Gubernatis*.

<sup>1</sup> *Gubernatis*, *Ibid.*, p. 415.

<sup>2</sup> *Idem*, p. 418. Na tradição do sul da França também se encontra a *Dama* e a *Serpe*:

Ay vist una Fantina  
Que stendava, lá mount  
Sa cotta neblousina  
Al' broué de Bariound

Una serpe la seguia  
De couleur d'arc en cel,  
Et sù di roca venia  
En cima dar Castel

Couma na fleur d'arbona  
Couma neva dal col,  
Pasava en la bronca  
Senz'affermis'ar sol.

TRADUÇÃO: Hei visto a Infantina  
Que estendia no monte  
Sua cota de neblina  
No pincaro do Barionde.

Huma serpe a seguia  
Da côr do arco da velha,  
E por sobre a roca ia  
Dar em cima do Castel.

<sup>1</sup> Ap. *Annaes das Sciencias e lettras*, t. 1, p. 730.

<sup>2</sup> *Les Gètes*, p. 253.

<sup>3</sup> Vid. a origem fetichista do *Lagarto* e seu sentido mythico em *Gubernatis*, *Mythologie Zoologique*, t. II, p. 418.



A cantiga das *Fadas* no sul da França, refere-se ás crenças das fadas dos nevoeiros. Na procissão do Corpus Christi (referente aos costumes do sul da França—carnificina dos Albigense) vem a *Dama e o Drago*, ou a *Dama e a Serpe*, documentar esta relação.

Outros elementos mythicos se encontram nos emblemas e symbolos hieraticos da procissão do Corpo de Deus; no Regimento de 1482 ordenado por Dom João II, se estabelece: «Os traapeiros que são os mercadores de pano de linho e os mercieiros todos com suas tochas accesas e castellos de estanho: e levarão sua bandeira e atabaque e dois *cavallinhos fuscos*.»<sup>1</sup> No Regimento da Camara de Coimbra para a Procissão de Corpus de 1517, os cordoeiros, albardeiros, odreiros e tintureiros levam «quatro *cavallinhos fuscos*, bem feitos e bem pintados»; e no Regimento da Camara do Porto para a mesma Procissão, datado de 1621, os celleiros, cutileiros, bainheiros, espadeiros, caeiros, esteireiros e correeiros irão *com os cavallinhos* e Anjo armado no meio.<sup>2</sup> Vê-se que este emblema dos *cavallinhos*

Como a flôr das *giestas*,  
Como a neve do colo,  
Passava sobre as arestas  
Sem se fir no solo.

Ap. Henri Martin, *Hist. de France*  
t. VIII, p. 329, 4.º ed.

<sup>1</sup> *Annaes das Sciencias e lettras*, t. I, p. 731.

<sup>2</sup> Ap. J. P. Ribeiro, *Dissertações chr.*, t. IV, P. II, p. 201 e 226.

*fuscos* não pertencia a uma classe em especial. O sr. Ad. Coelho, annotando os versos de Diniz, no *Hyssope*:

E por dar mais prazer aos convidados,  
De *cavallinhos fuscos*, depois d'elle  
Na vaga sala, com soberba pompa  
O galante espectáculo prepara.

transcreve uma eruditissima nota de Edesltand Du Méril, na sua *Historia da Comedia* (p. 421 a 423), mas sem tirar a luz que n'ella se contém. No documento mais antigo portuguez e official que citámos, de 1482, vê-se que a verdadeira designação é *cavallinho fusco* e não *fuste* como se acha em Seropita: «uns *cavallinhos fustes*... que os temos aqui todos os annos e nunca nos sabemos aproveitar d'elles.» (*Poes. e Pros.*, p. 38.) Na linguagem popular ainda hoje se usa a palavra fazer *fôsquinhas* no sentido de tergeitos, saltos, tal como descreve Du Méril, fallando da «imitação do cavallo com as suas differentes posições, vivacidades, caracoleios e relinchos...» A palavra *fuste* só poderia significar a armação de páo, e n'este caso exprime já uma decadencia do symbolo popular, que não se confirma nos outros escriptores, como D. Francisco Manoel de Mello na *Feira de Anexins*, Silvestre Siverio e Cruz e Silva, que seguem a fôrma do fim do seculo xv.

(Continúa.)

THEOPHILO BRAGA.

## CRUZEIROS NA COSTA D'AFRICA

(Continuado da folha 18)

### XX

Assinia — O cavalheiro Daum — O rio Tando — A barra d'Assinia — Apollonia — Quaquaka — Amadifou — Tratado — Ceremonia — O forte.

**P**TERRITORIO d'Assinia está ligado á França por velhas tradições. O padre Loyer foi o historiador da feitoria ahi creada no reinado de Luiz XIV pelo cavalleiro Amou.

Observei que os indigenas tinham conservado a tradição da nossa posse e logo que saltei em terra vieram pressurosos mostrar-me o terreno

que tinha pertencido á França, dizendo-me que eu podia dispôr d'elle como quizesse.

O Tanoë ou Tando, nome do rio principal que vem desagoar no mar em Assinia<sup>1</sup> tem um grande percurso. O ramo occidental, conhecido

<sup>1</sup> A barra d'Assinia tem tres metros de profundidade; o canal é muito estreito; tem o mesmo regimen que a do Grã-Bassam; nas luas novas e cheias as correntes seguem para o oeste, e para este durante a quadratura; as correntes são muito fortes e o mar rebenta com força. Os navios calando 2<sup>m</sup>,50 entram e sahem facilmente, quando movidos por uma machina a vapor.



pelo nome de Bara, rega o Gaman, o ramo oriental atravessa as regiões que estão sob a auctoridade directa do rei dos Ashantis. Este rio é o limite occidental d'este reino; os feiticeiros declararam-o sagrado e as expedições guerreiras não o atravessam.

Apollonia, cujo nome em lingua *kassa* ou *aginy* é Beĩnos, foi antigamente um reino de grande extensão; ha alguns annos que foi dividido. Em 1843 Quaquouaka era o chefe temido d'Apollonia; Altaclo, chefe d'Assinia, pertencia ao ramo mais novo da casa real de Beĩn, de que se tornou independente. É este um facto frequente. Vimos Acka estabelecer-se em Bounoua e recusar todo o auxilio a Attacla e a Amadifou.

O territorio d'Assinia é separado do dos Ashantis pelo territorio d'um chefe independente que vive em Asephi, aldeia situada a tres dias de viagem de Comassia, capital dos Ashantis De Krinjabo a Comassia pôde-se ir em onze dias.

A politica dos soberanos Beĩn tem sido o impedir que os Ashantis possam communicar com a costa. A tendencia dos povos do interior tem sido sempre para se approximarem do mar; as lutas que os Ashantis teem sustentado contra os inglezes não teem tido outra causa.

Em 1843 os subditos de Quaquouaka viviam em hostilidade aberta com Krinjabo e vinham com as suas pirogas de guerra insultar Mafia; é o nome d'aldeia em que eu estava.

Sombrio, temido por todos, Quaquouaka possuia riquezas immensas e gostava de fazer deitar no meio dos seus thesouros as pessoas que iam á terra negociar. Um d'estes contou-me que, a adiantada hora da noite, viu a cabeça do terrivel despota apparecer por um alçapão e espiar-lhe todos os seus movimentos; gosava assim, a seu modo, do supplicio de Tantalos que impunha aos seus hospedes.

Mafia estava em pé de guerra, quando em 1843 ahi desembarquei.

Não podia chegar em melhor occasião. O cordão fetiche estava permanentemente estendido. As tropas de Quaquouaka tinham tido a insolencia de, n'um reconhecimento, terem chegado ás salinas, situadas na margem esquerda do rio, em frente de Mafia e tinham cortado muitos coqueiros que serviam de guia aos navios de commercio. Houve um combate em seguida e a gente de Mafia teve muitos mortos e feridos. Conheciam a sua inferioridade e estavam ameaçados de ver seccar as fontes do seu commercio, por causa da rivalidade d'Apollonia.

Attacla estava velho e renunciara á vida activa; estando, este ainda vivo, seu sobrinho Amadifou governava o Estado.

Krinjabo, capital d'Assinia, está situada junto do rio Bia, affluente do lago Aby; uma barra de lodo, de difficil navegação para as pirogas carregadas, difficulta o commercio. A posição astronomica de Krinjabo tem sido calculada por diversas vezes; podem ser tidos como exactos os seguintes dados: 5° 18' 22" latitude norte e 5° 23' 47" longitude oeste.

Avisado da minha chegada pelos chefes de Mafia, o velho Attacla enviou-me Amadifou que, receiando ser surprehendido pelos guerreiros de Quaquouaka, partiu de Krinjabo com muitas precauções. Fui esperar á entrada do lago Aby a chegada d'esta flotilha. Os musicos começaram de soprar nos seus cornos de marfim só depois de terem dobrado as ilhas da Noite, atravez das quaes as aguas do lago abrem uma passagem para se reunirem no colector, junto das margens em que Mafia está edificada. A flotilha compunha-se de cerca de quarenta pirogas remadas vigorosamente; estavam cheias de viveres e guerreiros. Foram postas em secco nas praias de Mafia e Amadifou fez-me saber que no dia seguinte teriamos a nossa primeira entrevista.

O dia 8 de julho de 1843 será um dia para sempre memoravel em Mafia; a população vestira as suas mais ricas galas. Os *cabocers*<sup>1</sup> d'Attacla faziam cortejo a Amadifou, os cornos de marfim davam os seus sons mais roucos; os tamtams ressoavam. A grande avenida escolhida para logar de reunião foi occupada por trezentos guerreiros de que Amadifou se fizera seguir. Estes homens eram altos e musculosos. Uma espingarda do velho padrão francez, d'altura de quinze pés, davalhes um ar muito marcial. A comprida pera enrançada, bigodes com as guias tambem enrançadas davam uma certa distincção ao rosto que quasi sempre tem a fôrma oval. Um pequeno sacco contendo ballas e buchas pendia-lhes do pescoço. Á cinta traziam uma cartucheira, onde as cargas vinham á mão. Um sabre para combater nos bosques<sup>2</sup>, cujo cabo é enfeitado com conchas de S. Thiago pendia-lhes ao longo da coxa es-

<sup>1</sup> A palavra *cabocer* é talvez derivada do portuguez. Designa os principaes chefes, que governam sob a auctoridade directa do soberano.

<sup>2</sup> As lutas d'estes povos dão-se geralmente nas florestas, onde são obrigados a abrir caminhos; é muito raro o baterem-se em campo razo.



querda; uma faca punhal ia presa no cinto do lado direito; é a faca da defesa, a faca de sangue, com a qual se combate corpo a corpo e se dá o ultimo golpe no inimigo vencido. Uma tanga posta em volta dos rins deixava-lhe quasi toda a coxa a descoberto. Alguns braceletes de marfim, ou de menor valor, ornavam-lhe o braço esquerdo. O rosto tinha vestigios de desenhos, feitos com cinza e cal.

A tropa bem alinhada tinha as armas em descanço. Os que a commandavam exigiam a mais completa immobilidade nas fileiras. Tinham sido levantados dois estrados: Amadifou estava no de este; estava rodeado pelos seus *cabocers* vestidos com tangas novas e as cabeças cobertas com chapéus europeus. O guarda-sol<sup>1</sup> d'Amadifou tinha uma enorme circumferencia. Era este um homem de quarenta annos, alto, nobre de porte: usava um chapéu alto vermelho e tinha as barbas e os cabellos cuidadosamente entrançados.

Poder-se-hia ouvir voar uma mosca, tanto era o silencio.

Eu estava sentado no estrado do oeste, em frente d'Amadifou; os chefes de Mafia, os officiaes da expedição, um piquete de vinte soldados cercavam-me e representavam a França. A conferencia ia começar. Deante de mim estavam uns officiaes, tendo na mão umas immensas bengalas com grandes castões de prata, pouco differentes das massas com que os tambores mores fazem as delicias do rapazio: estes tres mestres de ceremonias approximaram-se de mim com grande deferencia. Assino-Quoua, da familia principesca d'Apollonia, exilado em Mafia, servia-me d'interprete; fallava bem o inglez. Depois de terem posto a tanga sobre o hombro esquerdo e de me terem apresentado uma pitada d'areia, modo por que estes povos cumprimentam, foram levar a Amadifou as saudações que eu lhe enviava e depois vieram trazer-me a resposta d'este chefe. Estas mensagens são feitas com uma grande solemnidade.

Era o momento de me levantar. Precedido dos meus homens d'armas, cheguei ao estrado dos *cabocers* na mão dos quaes toquei. Amadifou estendeu-me a sua, quando cheguei deante d'elle. Os guerreiros collocados a traz de mim fizeram uma manobra e tornaram á primeira fórma. Depois d'esta cerimonia, e tendo voltado para o meu lugar, os homens d'armas foram para junto

d'Amadifou que veio com a sua cõrte cumprimentar-me, recebendo-o eu sentado.

Fatigados com esta cerimonia e queimados pelos raios d'um sol vertical, com prazer voltamos para as nossas casas. O chefe d'aldeia tinha posto á minha disposição uma cubata, onde eu me tinha installado o melhor que podia; a velha esposa de Coffée, chefe de Mafia, reconheceu-me em 1867

Á noite conferenciei de novo com Amadifou. D'esta vez a entrevista teve logar n'uma cubata muito grande, onde estava enorme multidão; mas, como ás vezes era importuna, foi necessario fazel-a sahir e impor silencio aos musicos que faziam um barulho infernal.

As negociações sérias principiaram. Amadifou disse-me que não queria vender o seu paiz, mas que, cheio de confiança na França, lhe fazia d'diva espontanea da sua patria e do seu reino.

Alguns artigos para regular as relações reciprocas das partes foram objectos de deliberações posteriores. Tratamos dos pesos, das medidas, da liberdade commercial. As leis de cada povo foram conservadas vigentes: a alta administração deveria resolver as difficuldades que de momento se apresentassem; a lista civil que o chefe devia receber foi objecto d'um artigo separado.

A commissão encarregada de escolher o local da futura feitoria pronunciou-se pela peninsula situada entre o mar e o rio: tinha a vantagem de poder trocar signaes com os navios que estavam ancorados. Os habitantes de Mafia manifestaram um grande desejo de ver fixar-se ali a feitoria; era um desejo interesseiro, esperavam ver terminar as incursões da gente d'Apollonia. Este ponto era o mesmo em que o cavalheiro d'Amou tinha antigamente construido um fortim, do qual eram apenas vestigios alguns tijolos.

Apesar das difficuldades naturaes que tal logar apresentava, o desembarque do material fez-se rapidamente. As barras d'Africa são caprichosas. No fim d'alguns annos o mar batia no areial da peninsula. Foi preciso mudar o forte. Está actualmente situado á entrada do lago Aby, em frente das ilhas da noite e do rio d'Apollonia que domina.

Quaquouaka morreu. Os inglezes governam Apollonia e as lutas de Krinjabo e de Mafia com os indigenas d'Apollonia já não são para temer.

As feitorias dos negociantes ficaram na peninsula. O governo do *cap Coast* por outros interesses modificou a tendencia que o commercio tinha para se dirigir para a Assinia.

<sup>1</sup> O guarda-sol é distinctivo de commando.



## XXI

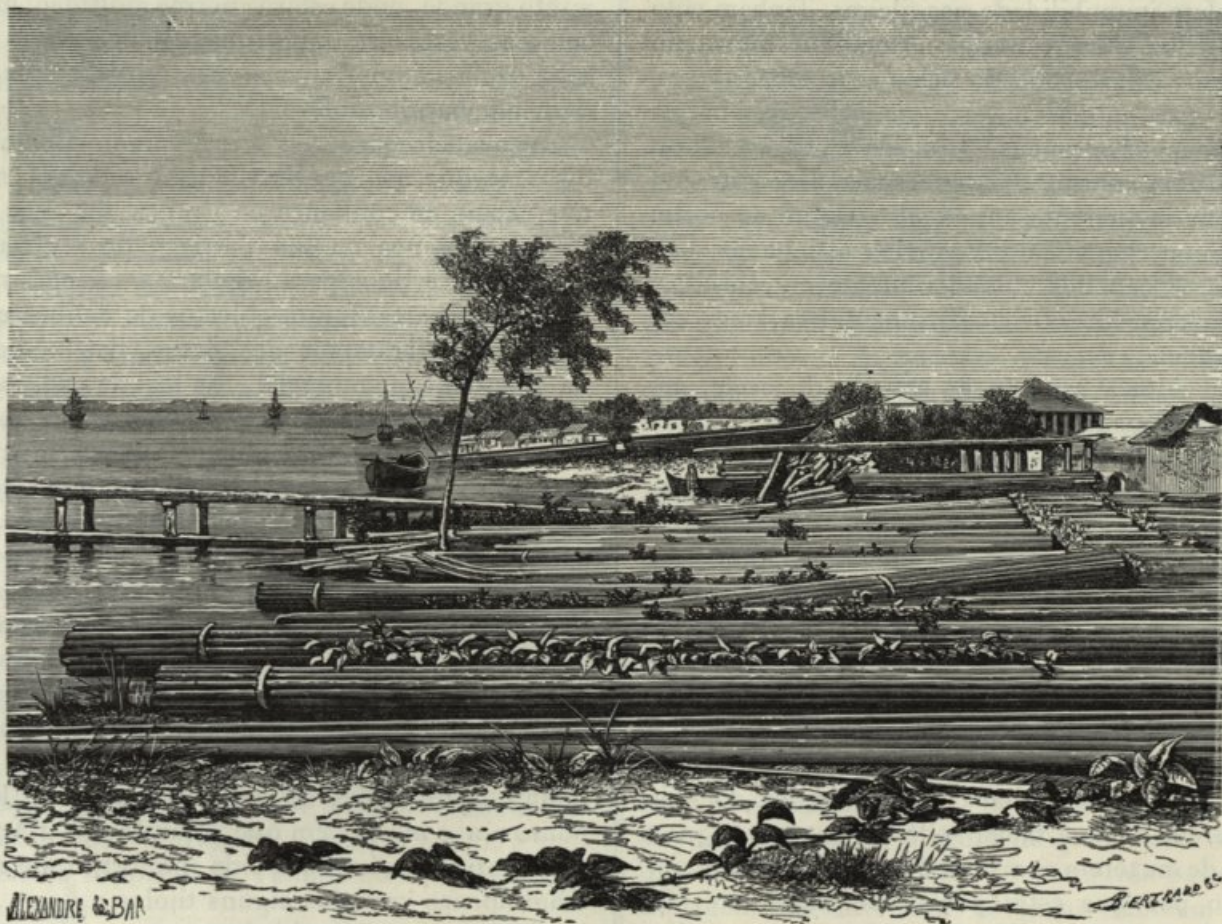
Culto publico—Usos funerarios—Politica—Amadifou—Commassia—Guerra dos Ashantis contra os musulmanos—Lutas com os inglezes—Ataque ao *cab Coast*—Elmina.

Antes d'abandonar a região onde fluctuava o nosso pavilhão, é bom dar uma ideia dos seus ritos religiosos e funerarios, assim como tambem da fôrma de governo da Assinia.

O culto publico parece ser unicamente uma

festa annual analoga á que se celebra entre os Ashantis e Dahomeys. Esta festa faz-se ordinariamente pela occasião da lua nova d'outubro e é celebrada com pompa em Krinjabo. Não duvido que, por esta occasião, algumas victimas expiatorias sejam immoladas, a fim d'agradecer aos ceos o terem concedido abundantes colheitas.

Os ritos funerarios são celebrados com pompa pela familia soberana de Bein. O corpo do defunto enfeitado com os seus anneis e bracele-



VISTA DE LAGOS—Desenho de A. de Bar, segundo uma photographia

tes mais preciosos é exposto em camara ardente. Muitas vezes uma mascara d'ouro lhe cobre a cara. É d'etiqueta que o cadaver seja acompanhado por um certo numero de pessoas dos dois sexos, o que se consegue com o engodo d'um banquete. Enquanto que as donzellas saciam com as mais delicadas eguarias a sua gulla, o estrangulador passa por detraz d'ellas e torce-lhes o pescoço como a pombas. Os rapazes, a quem fazem entrar n'um outro compartimento, são tambem mortos no meio do festim que os atrahiu. A espada deve separar a cabeça do tronco

e o sangue é espargido sobre o futuro tumulo. O cadaver do chefe deve repousar sobre os corpos d'estes adolescentes, destinados a servirem-lhe de copeiros na outra vida. No Dahomey muita gente se sacrifica voluntariamente para ter a honra de ser gentil homem depois de morto.

A fôrma de governo dos povos que habitam o Grã-Bassam e Assinia é o despotismo mitigado por uma gerontocracia poderosa, acima da qual existe uma forte aristocracia e theocracia occulta que domina de facto todas as outras castas.

Os chefes que recebem a investidura devem



fazer um sacrificio humano; governam conforme os usos, de que se não podem afastar sem pagar com a vida as inovações.

Quando o chefe se vê ameaçado com a sedição d'algum *cabocer* ambicioso faz uma proclamação e todo o homem valido é obrigado a entrar em campanha. As expedições não podem ser longas, porque cada soldado deve fornecer á sua custa munições de guerra e de bocca. As mulheres compartilham das fadigas da guerra; preparam os viveres, transportam-os e constroem os acampamentos.

Serão precisos seculos para modificar taes costumes e para fazer comprehender a esta gente que unicamente teme as penas corporaes, que tambem ha punições moraes.

A necessidade d'escolas praticas preocupava muito Amadifou em 1867, epoca da minha ultima entrevista com elle. Pedia-me carpinteiros, pedreiros e ferreiros. Queria ter uma casa feita de pedra e viver como os europeus. Envelhecera e já não era o elegante chefe de 1843. O tempo exercera a sua acção sobre elle; já não se deslocava com o seu cortejo de mulheres e de musicos, se não a custo.

A mobilia real não é muito volumosa. Alguns potes postos ao fogo sobre tres pedras compõe a bateria de cosinha e, como o mais vulgar dos seus subditos, come peixe com pimenta. Por isso apreciava elle mais a minha mesa, do que a sua. É possuidor de pepitas d'ouro, de que não sabia o que fazer. A vaidade dos poderosos consiste em certos dias expôr as suas riquezas e desgraçado d'aquelle que não tiver augmentado o thesouro herdado. Nos dias de gala, os convidados veem a mesa adornada com pratos

cheios de pepitas d'ouro; o amphytrião deve, da cabeça aos pés, estar coberto das riquezas com que o seu cadaver será enfeitado para occupar o seu logar no tumulo. Escravos sustentam os membros dos convivas carregados d'ouro.

Alguns chefes enviam escravos aos jazigos do ouro; devem trazer-lhe uma quantidade de metal previamente marcada. Estes escravos apanham a areia, onde julgam haver pepitas d'ouro e mettendo-a dentro d'um crivo imprimem-lhe movimentos circulares rapidos o que faz cahir a areia, ficando no centro do crivo o metal precioso. O ouro de Bassam e d'Assinia é de bom quilate; apenas contém uma millesima parte de prata. O ouro que se compra nas feitorias inglezas só se adquire com dez ou quinze por cento de rebate. O ouro toca-se antes de ser comprado; os negociantes teem todos uma balança e uma pedra de toque; os pezos são geralmente uns grãos vermelhos, cujo peso é invariavel.

As pepitas mais volumosas, chamadas *charmés* ou fetiches, não são entregues ao commercio. Os subditos d'Amadifou servem de corretores aos Ashantis.

Os navios de Bristol desembarcam em Jacks-Jacks a polvora e as espingardas que devem fazer fogo sobre os ingle-

zes em Bassam, Prah e em Commassia. O governo dos Ashantis levou muitos annos a preparar-se para a actual guerra.

A capital dos Ashantis, Commassia, está situada a sessenta e oito legoas de quatro kilometros d'Anamabu, porto do Atlantico; está edificada n'um planalto elevado, rodeada por um ribeiro chamado Subim que desagoa no Orda, affluente



RAPAZ DO DAHOMEY — Desenho de E. Ronjat, segundo uma photographia



do Prah. Cinco dias de viagem levam os viajantes de Commassia para Anamabu.

Em cinco dias chega-se á colonia do Cabo: este caminho atravessa uma região plana, tendo por unico defeito o ser muito estreita.

Dois rios difficeis d'atravessar defendem a capital dos inimigos que a ataquem pelo lado do mar. Estas defezas naturaes são o *Prah* e o *Gunahan*.

O Prah ou Bousour Prah desagoa no mar em Chama. O leito é pedregoso e as suas margens são escapardas; em Prasah, nome d'aldeia onde se pode atravessar o Prah para ir para Comassia, a differença do nivel das agoas entre a estia-gem e o tempo das chuvas é muito grande; no tempo da secca o rio leva dois metros d'agua, no tempo das chuvas dez metros; passa-se em barco. Gunaham passa-se a váo.

As ruas de Commassia, são largas e bem calçadas, as casas ornadas d'esculpturas e pinturas.

Os sacrificios fazem-se ali frequentemente e o fosso onde os corpos entram em putrefacção lança um nauseabundo fedor.

Os mollahs ou sacerdotes musulmanos <sup>1</sup> são bem recebidos pelos Ashantis, assim como o são tambem em todos os demais povos barbaros; são espiões, embaixadores, negociantes, corretores, conforme as circumstancias.

A politica da corte é seguida com grande habilidade e força de vontade ha duzentos annos. A supremacia do rei é mantida pela violencia. Sob a sua vontade curva as provincias recalitrantes, esmagando-as com o peso das suas armas. Este estado d'hostilidades produz revoltas sem cessar renascentes; o Gamau e o Deukera foram conquistados pelos meados do ultimo seculo. Os Barbaras do Kong e de Budougu alliam-se contra os Ashantis para lhe arrancar as provincias. Em diversas guerras, resultado d'aquellas empresas, os musulmanos e os Ashantis foram ora vencedores, ora vencidos.

<sup>1</sup> Um dos soberanos de Commassia que quiz impôr o islamismo aos seus subditos foi morto depois de ter sido deposto com o fundamento de ter violado as leis constitucionaes do imperio.

(Continúa.)

## MEMORIAS DO ULTRAMAR

VIAGENS, EXPLORAÇÕES E CONQUISTAS DOS PORTUGUEZES

COLLECÇÃO DE DOCUMENTOS

POR

LUCIANO CORDEIRO

1574-1620

DA MINA AO CABO NEGRO

SEGUNDO

GARCIA MENDES CASTELLO BRANCO

(Continuado da folha 18)

**T**EM Vossa Magestade muita necessidade de mandar fazer uma fortaleza em Pinda, muito forte, com muita artilheria, sendo n'ella cem homens muito bem providos de polvora, pelouro, munições e o necessario, levando quem for edifical-a duzentos homens para a entrada, que estejam um ou dois mezes n'ella até se aquietar, que depois d'isto basta que tenha quarenta homens continuos por respeito de que n'aquelle porto continuamente estão duas e tres naus hollandezas ao resgate, e sem embargo de que podem ir ancorar a outra parte d'aquelle contorno não lhes será tão commodo como o

que ali tem, e sempre a fortaleza ali será de proveito para qualquer acontecimento que se possa offerecer n'aquelle reino e para se fazer junto d'ella uma povoação.

Porém sempre será necessario, para de todo deitar estas naus d'ali, irem tres ou quatro nossas, de armada, e quando pareça bem fazer-se a fortaleza ha de ser: — que tanto que Vossa Magestade mandar de cá a fazel-a, levem ordem para que de Loanda lhes vão um par de navios de farinha do Brazil, por respeito de que logo o gentio da terra lhes ha de tirar a feira e lhes não ha de dar mantimentos.



Isto será logo na entrada, que depois elles virão a dar quanto quizerem, que Pinda é muito farta de mantimentos, porque ali ha muita massa, inhame, batatas, muito peixe e bom.

Ha muito bordão para fazerem casa, como cannas de Bengala, de que se costumam fazer as ditas casas, e infinita madeira para ellas e para navios. Ha lá azeite de palmas que se come, e nós o comemos quando falta o do reino, e se o frégem fica branco, sendo de côr amarella, e não se differencia nada um do outro.

Tem necessidade de levar, quem fôr fazer esta fortaleza, dois ou tres navios de alto bordo com boa artilheria, porque ha de pelejar com as naus que de continuo são, como digo, n'este porto de Pinda.

Quando forem fazer esta fortaleza não convem que se peça licença ao rei de Congo, porque a não hade dar, mas antes se preverá de guerra e ha de ir entretendo-se de modo que primeiro se consuma a gente que fôr para esse effeito, e o que ha de levar para a força se ha de advertir ao governador ou capitão que fôr fazel-a, o seguinte :

Que vá de Lisboa em direitura a Pinda com o maior segredo que fôr possivel no apresto, dizendo vae a fazer as fortalezas de Angola, porque o rei de Congo terá em Portugal quem o avise se se divulgar que vão a Pinda.

Convem ter-se avisado ao governador de Angola que no mesmo tempo mande a Pinda um ou dois navios pequenos de mantimentos de farinha do Brazil para comerem emquanto fizerem a dita fortaleza.

E hão de deitar a ancora sem disparar peça de artilheria, e visto bem o sitio em que se ha de fazer a dita fortaleza, de noite deite a gente fóra e com ella todas as pipas que houver na dita nau, e se entrincheirá, enchendo as pipas de terra ou areia.

E levará feito um cento ou duzentas saccas grandes de canhamoço.

E mandal-as-ha encher de terra do grandor da fortaleza, ficando de modo que os pedreiros e officiaes possam trabalhar na fabrica d'ella pela banda de dentro, porque se lhes quizerem dar guerra ou assalto os negros da terra, que é Manicongo, fidalgo e senhor d'aquelle porto, se possam defender <sup>1</sup>.

E mandará assestar sua artilheria para of-

fender assim os da terra como os do mar, se os houver, e d'esta maneira podem fazer a dita fortaleza sem el-rei de Congo nem os seus lhes poder fazer damno, porque tendo a gente que levarem, que comer, será facil, e os negros como virem que lhes não pedem ajuda nem favor virão elles mesmos fazer-lhes feira de mantimentos e do que quizerem.

É necessario levar alguns bateis ou lanchas para ir buscar a pedra e fazer o que fôr necessario para a fabrica da dita fortaleza.

Levem tambem algum tabuado de pinho para o que necessario lhes fôr, para fazerem algumas embarcações que pareçam ser necessario.

N'este mesmo tempo, era de parecer que a guerra fosse á derrota de Cabonda, não fazendo damno ao fidalgo d'onde passar, nosso amigo, e de Cabonda póde ir muito bem a Pemba, d'onde estão as minas de cobre, que as ha mui ricas que Vossa Magestade tem em seus estados.

Pemba é terra de el-rei de Congo e não ha de dar licença senão fôr por força, que esta gente não se quer por bem senão por mal, porque são pusilanimos, e se se vir que em Pinda está aquelle poder e por cima este que digo, ha de atemorisar de modo que elle venha em tudo o que nós fizermos.

Quem fôr fazer esta jornada ha de levar consigo uns taipões bem concertados para que o dia em que chegar d'onde estão as minas, logo façam taipas e força para se defenderem do Pemba, que é senhor da terra; não é muito amigo de Manibamba, que é seu senhor, e com algumas dadas fará, quem fôr, que em segredo lhe mande fazer feira, quanto mais quando forem de Cabonda, e fóra dos limites de nossas terras, farão por levar mantimento para doze ou quinze dias, que depois o tempo encaminhará ao capitão que fôr.

E faça por levar toda a gente branca que puder para deixar no presidio, que é necessario logo nos primeiros encontros serem os que ficarem, como digo, duzentos homens, porque quando lhe não quizerem fazer feira, por haver de usar el-rei de Congo de todas as invenções que puder para os pôr em cêrco, que possam elles catar o que lhes fôr necessario aonde quizerem.

Se levarem serradores, lá por cima, como digo, ha madeira de que se poderá fazer tabuado da grandeza que quizerem.

Para fazer os taipões, quando de Loanda os não possa levar feitos, por respeito da falta dos carregadores, que os não ha, que tudo ha de ir

<sup>1</sup> Ha aqui um equivoco evidente: Manicongo por *Mani* ou *Muene Sonho*.



por terra, salvo se quizerem ir pelo Bengo alguns barcos, que podem ir até Bambo-ampango, aonde João Furtado de Mendonça esteve com o campo quando foi a Engombes, e d'ahi fica mais perto o caminho <sup>1</sup>.

Ha de levar mineiros e fundidores para logo tanto que chegar fundirem do dito cobre, e bem pôde ser que nas terras de Cabanda, em Motola, por onde ha de ir, e de outros sobas que estão no caminho que nos estão sujeitos, achem algumas minas de consideração, que são terras montuosas e não devem faltar minas.

São fartas de mantimento estas terras.

A fortaleza que se fará em Pinda á de Loango será cousa de trinta leguas pouco mais ou menos, porque d'esta maneira ficará toda aquella costa livre dos inimigos do mar e Vossa Magestade senhor d'aquelles portos, o que até agora não é porque as não tem.

E para effeito de se procurar a christandade deve Vossa Magestade mandar ao reino de Congo, antes que se acabe de perder, doze ou treze padres da Companhia, e para que Vossa Magestade não gaste de novo nada e elles vierem, n'isto me parece se fizesse na maneira seguinte:

Que Vossa Magestade dá 3:000 cruzados ao Bispo do Congo e Angola, que estes lhes dê para levarem estes padres, fazendo um d'elles Bispo d'aquelles reinos e que com dizimos que el-rei de Congo lhes dá aos bispos, porque estes dizimos pertencem a Vossa Magestade, pois paga os ordenados de bispo, e d'esta maneira elles farão lá collegio e farão padres da Companhia e irmãos, que muitos ha lá negros, e será differente christandade dos que hoje ha.

Além d'isso, tiral-os-ha da erronia que os de Congo hoje já vão tendo, de Martim Luthero e Calvino e outras seitas que os hollandezes lá lhes levam e ensinam.

Pelo que muito convém ao serviço de Deus e de Vossa Magestade.

Porque sendo bispo d'aquelles reinos padre da Companhia, procurarão entender-se e fazer christandade em um reino, e em outro e elles farão com que custe isto pouco a Vossa Mages-

tade, quanto mais que para estes effeitos não é nada o custo que fazem, que por outra parte irão dando rendimento, e isto convem ser logo ordenado se a Vossa Magestade lhe parecer, que eu em Deus, e em minha consciencia, digo que é bem a estes dois reinos e tres com o de Loango, e será o mesmo aos mais circumvizinhos e grande serviço de Deus.

Ao reino de Congo tem ido, por o dito rei d'ali o pedir a Vossa Magestade religiosos da ordem de S. Francisco, e lá estiveram alguns annos, poucos, com mosteiro, e não se poderam sustentar e se vieram.

Assim mesmo foram lá padres de S. Domingos, não ha muitos annos, e lá tiveram mosteiro e menos se poderam sustentar e se vieram para o reino.

Por onde não convém outra religião nos ditos reinos de Congo e Angola, se não é a dos padres da Companhia, por respeito que tem differente governo e se sustentarão sem o rei de Congo, nem o gentio de Angola, terem oppressões com elles, que se contentarão com o que Vossa Magestade lhes dá cá para os mandar e não fazer Vossa Magestade mais gasto do que fazia.

Isto houvera de ser logo feito por a muita falta que tem de se fazer esta christandade.

Digo dos padres da Companhia que convem tanto mandal-os por respeito que elles haverão, com sua prudencia, de el-rei de Congo, a quietação de darem a Vossa Magestade as minas de cobre e todas as mais minas que no seu reino tiver; além d'isto faz Vossa Magestade com que estes dois reinos de Congo e Angola cada hora lhe não mandem pedir religiosos, porque elles farão lá collegio e ensinarão aos filhos da terra, com que não haja mister irem d'estes reinos mais padres e gastar Vossa Magestade, como tem gastado com elles, e fazer aquella christandade tão differente do que se tem feito até aqui.

Porque sendo um d'elles bispo, os padres que lá forem e lá estiverem e clerigos, serão differentes e farão seus officios como têm obrigação, e não como até agora têm feito, e se desencarrega Vossa Magestade sua consciencia n'elles, além que o rei de Congo lhes terá differente respeito do que teve aos outros prelados, e farão do dito rei o que a Vossa Magestade convem para se lhe tirar do dito reino os metaes que n'elle tem, sem prejuizo nem gasto da fazenda de Vossa Magestade, sendo por guerras, nem de outra maneira.

(Continúa.)

<sup>1</sup> João Furtado de Mendonça foi nomeado governador por carta regia de 11 de outubro de 1593, chegando a Loanda em 1594 segundo uns, em 1595 segundo outros, e governou até 1602. Segundo um manuscrito, a infeliz expedição do Bengo (N Bengú), realizou-se em 1596, chegando como se vê muito longe.



# COMO EU ATRAVESSEI A AFRICA

DO ATLANTICO AO MAR INDICO—VIAGEM DE BENGUELLA Á CONTRA-COSTA—ATRAVÉS REGIÕES DESCONHECIDAS—DETERMINAÇÕES GEOGRAPHICAS E ESTUDOS ETHNOGRAPHICOS

POR

**SERPA PINTO**

PRIMEIRA PARTE

## A CARABINA D'EL-REI

(Continuado da folha 19)

**P**EIXEI a povoação ás 11 horas, á frente da estranha comitiva, formada dos meus dez bravos de Benguella, dez salteadores do Sambo, e seis virgens escravas do soveta Dumbo. A chuva era torrencial; mas eu, apesar d'isso, segui sempre, tanto me tardava de ver longe a povoação onde passei tão horrível noite.

Quatro horas depois, tendo andado a N. E., fui acampar junto da povoação de Burundoa, completamente molhado e tiritando de frio e febre.

Não aceitei a hospitalidade offerecida pelo chefe da povoação, porque, depois do que se passou na vespera, recordei-me de um bom conselho que me deu Stanley, e protestei não mais em Africa pernoitar em casa de gentio africano.

Vieram ao meu campo muitas raparigas vender capata, milho, fuba e batatas magnificas, em nada inferiores ás da Europa.

A chuva continuava mais moderada, mas persistente, e eu sentia-me muito doente.

Junto do meu campo corria um pequeno riacho, cujas águas iam a um ribeiro affluente do Cubango; são as águas que este ultimo rio recebe mais de Oeste.

Durante a noite houve chuva moderada, mais forte das 4 ás 5 da manhã, hora em que parou. Ha grande abundancia de optimo tabaco n'este paiz, onde me venderam muito e barattissimo. Ali poucos pretos fumam, mas todos chei-

ram tabaco em pó, que preparam torrando a fogo brando o tabaco de fumo, e reduzindo-o a pó no mesmo tubo que lhe serve de caixa, com um pau, especie de mão de almofariz, que a elle anda preso com uma corrêa fina.

Parti ás 7 horas e 40 minutos a N. E., atravessando uma região muito cultivada e muito povoada.

Ás 8 horas e 30 minutos passei junto da grande povoação de Vaneno, e ás 10 parei para descansar junto da aldeia de Moenacuchimba. Segui ás 10 e meia sempre a N. E., ás 11 passei junto da povoação de Chacapombo, muito populosa, e meia hora depois parei perto de Quiaia, a mais importante de todas. O chefe d'esta aldeia veio ao caminho

cumprimentar-me e offerecer-me um grande porco. Dei-lhe em algodão riscado o valor do porco, e elle retirou-se satisfeito, mandando em seguida muitas cabacas de capata para a minha gente. Segui no mesmo rumo e duas horas depois fui acampar no mato proximo da povoação do Gongo.

Esta ultima parte da marcha d'aquelle dia foi trabalhosa, porque choveu muito, e o vento S. O. era rijo e frio.

Pela tarde chegou um enviado do sova

grande do Sambo, cuja povoação me ficava uns 15 kilometros a N. O., mandando-me pedir alguma coisa, e dizendo-me o portador do recado, que se eu houvera passado á porta do sova, elle



Mulher do Sambo



O meu acampamento entre o Sambo e o Bihé



me daria um boi. Agradei a boa intenção, e resolvi dar-lhe no dia seguinte alguma coisa, receioso que o enviado, se eu o despedisse sem dar nada, influísse nos carregadores a abandonarem-me, o que seria fácil porque já o tinham querido fazer e foi preciso toda a eloquência do Veríssimo para os convencer a seguirem ávante.

O século Capuço, chefe da povoação proxima, mandou-me cumprimentar por tres das suas mulheres (todas feias), e por ellas um presente de uma gallinha e tres cabaças de capata. Mandei-lhe seis covados de riscado e dei algumas misangas ás mulheres. Junto á noite vieram algumas mulheres vender farinha, milho e mandioca.

Usam ellas ali os mais extravagantes penteados, e a carapinha é enfeitada com coral branco e reluz da grande profusão de oleo de ricino, que ellas prodigalisam na sua *toilette*. Os homens do soveta Dumbo eram verdadeiramente insubordinados, querellavam-se com a gente de Benguella, e durante a noite só houve tranquillidade na barraca onde dormiam as seis virgens negras, as minhas gentis carregadoras.

A noite foi tormentosa de chuva e vento. Ao alvorecer o século Capuço veio agradecer os seis covados de riscado que lhe dei, e em logar das tres mulheres feias que me enviou na vespera, trouxe-me um lindo porco e uma gorda gallinha.

O enviado do sova veio receber o presente que lhe tinha promettido, e que foi muito insignificante, sendo como era em troco da intenção de me dar um boi, se eu passasse junto da libata d'elle.

Segui pelas 8 horas, e ás 9 passei junto das povoações de Chacahonha, primeiras da raça (Ganguela) na Africa de Oeste.

Passei o riacho Bomba, cuja margem esquerda segui por dois kilometros, quando os carregadores pousaram as cargas, recusando seguir ávante, e pedindo os seus pagamentos para voltarem. Eu estava a dois kilometros do Cubango, e querendo passar o rio, instei com elles a que andassem mais aquelle curto espaço, e que logo que estivesse na outra margem lhes daria os seus pagamentos e os despediria.

Recusaram-se formalmente, dizendo que eu tinha sido muito offendido na sua libata, pelo soveta Dumbo, e por isso não iam para diante, sendo certo que, logo que eu os tivesse na outra margem do rio, fóra do seu paiz, me vingaria n'elles das offensas recebidas.

Foram baldados os meus esforços e tudo foi eloquência perdida. Recusei-me a pagar-lhes se elles não passassem o Cubango; responderam-me que se retiravam sem pagamento, e logo chamaram as seis raparigas e ordenaram-lhes que os seguissem.

Eu estava no desespero; ali perto era a povoação do Cassoma, e eu vi ser aquillo plano combinado de antemão para me entregarem a elle, que me havia precedido no caminho.

As cargas abandonadas n'aquelle ponto eram cargas perdidas. Calcule-se com que olhos eu vi partirem os carregadores, abandonando-me.

Olhei para as cargas e estremeci de prazer. Sentado em uma d'ellas estava um homem alto e magro, de figura impassivel, com a longa carabina atravessada sobre os joelhos.

Era o século Palanca, que eu havia esquecido. Saltar sobre elle e derrubal-o foi obra de um momento. Mandei-o amarrar de pés e mãos, e dei ordem a Augusto e Manuel que o enforcassem no ramo de uma acacia que se estendia sobre as nossas cabeças. Ao ver que a ordem ia ser cumprida, elle, transido de medo, gritou-me: «Não me mates, os carregadores vão passar o Cubango,» e logo soltou um grito agudo que fez reunir os carregadores já dispersos.

Ordenou-lhes que pegassem nas cargas e seguissem, e elles obedeceram.

Mandei que lhe desamarrassem os pés, e prometti-lhe um tiro na cabeça á menor excitação dos carregadores. Meia hora depois passava o Cubango n'uma bem construida ponte, e acampava na margem esquerda junto das povoações de Chindonga.

Entre o rio e o meu campo ficavam umas minas de ferro, d'onde o gentio extrahe abundante minerio.

Estava finalmente em terras de Moma, e livre dos paizes do Nano, Huambo e Sambo, de que guardarei eterna memoria.

O Cubango corre ali a S. S. E., e tem 35 metros de largo por 2 a 4 de fundo. Fiz observações para determinar a posição e altitude, e logo corri á barraca, porque uma trovoadá vinda de N. N. E. descarregou sobre nós copiosa chuva.

Paguei e despedi os carregadores do Sambo, dando-lhes dois covados de riscado a cada um, que tal tinha sido o ajuste.

Chamei as seis raparigas, e disse-lhes, que a ellas nada daria, porque as mulheres tinham obrigação de trabalhar e não mereciam paga. Ellas retiraram-se tristes, mas achando natural



o meu modo de proceder, tão aviltada é a mulher n'aquelles paizes.

Quando já se mettiam a caminho para voltarem ao Sambo, mandei-as chamar e dei 4 covados do mais brilhante zuarte pintado que possuía a cada uma, e alguns fios de missangas diferentes.

É impossivel descrever o contentamento d'aquellas desgraçadas ao receberem tão valiosa paga. Os homens roiam-se de inveja, e eu convenci-os de que, se não tivessem querido voltar para casa na outra margem do Cubango, lhes pagaria do mesmo modo.

Foi a minha vingança, e ao mesmo tempo proveitosa lição.

N'essa noite veio procurar-me um século da povoação de Chindonga, que me trouxe de presente um porco.

Este século prometeu-me carregadores para o dia seguinte, a um covado de riscado por dia, dizendo-me, que elles só iriam até ao paiz de Caquingue, onde eu facilmente obteria gente para o Bihé.

A minha febre tinha cedido a fortissimas doses de quinino; mas completamente molhado havia tres dias, eu sentia já os primeiros symptomas do terrivel ataque do rheumatismo que depois ia compromettendo a minha viagem.

A noite foi tempestuosa e o dia seguinte continuou chuvoso.

O século veio logo de manhã com os carregadores; mas eu tinha resolvido descansar ali um dia, e por isso convoquei-os para o dia seguinte. Disse-me elle, que os meus companheiros tinham passado na vespera, vindos do Sul.

O século Palanca, do Sambo, continuava bem vigiado, mas livre. Eu na vespera tinha mandado dizer ao soveta Dumbo, que a cabeça do seu amigo me respondia pelas cargas que vinham escoltadas pelo preto Barros, resolução que Palanca achou muito justa e natural, por ser lei do paiz. Talvez o meu procedimento, que eu confesso francamente, me seja censurado, mas eu rogo aos censores, que pensem um pouco na posição de algum, acompanhado só de dez homens, n'um paiz em que tudo lhe é hostil, desde o clima até ao homem. Se eu não professo o principio de que os fins justificam os meios, não sou tambem bastante virtuoso para apresentar uma face á mão que me esbofeteou a outra. Longe das vistas do mundo civilisado, fóra d'esses dois circulos de ferro que apertam a humanidade culta, a que chamam o codigo

penal e as conveniencias sociaes, circulos que, apesar de estreitos, deixam ainda bastante latitude ao crime e á infamia; o explorador de Africa, perdido no meio de povos ignaros, cujos codigos differem essencialmente dos nossos; tendo por unica testemunha dos seus actos a Deus, por unico censor das suas obras a sua consciencia, precisa ter uma força sublime para se conservar honrado e digno, quando muitas vezes as paixões travam no seu intimo uma luta infrene. Por mim o digo, que todas as ovações que me tem dispensado o mundo civilisado, pela felicidade que tive de vencer os obstaculos materiaes no meu caminho, seriam talvez mais justamente applicadas, se se soubesse quantas lutas, e que terriveis lutas sustentei para me vencer a mim mesmo.

Vencer as suas paixões indomitas, vencer os seus habitos materiaes e moraes da vida civilisada, são os dois grandes trabalhos do explorador. Aquelle que o conseguiu, attingirá o seu fim, cumprirá a sua missão.

Eu, no principio da minha viagem, receei muito de mim mesmo.

Tive lutas ingentes, lutas terriveis, por serem surdas e ignoradas, de que sahi sempre vencedor. O meu genio indomito teve de ceder á vontade inquebrantavel, e na falta de tempo para escrever um codigo, tomei um que accomodei ao meu uso. Os meus principios foram os do direito natural; a minha lei, curta mas optima, resumiu-se nos dez preceitos do Decalogo.

Não se julgue que quero fazer jus á canonição, nem mesmo que pretendo ter seguido á risca os preceitos gravados no vigésimo capitulo do livro sublime do Exodo, de certo o mais bello do Pentateuco; mas fiz o que pude para não me afastar muito d'elles, e fiz bem.

Esta divagação fica aqui, não como narrativa de aguas passadas, mas como conselho a exploradores futuros, que não sejam missionarios, que a esses Deus me defenda de fallar em materia da sua competencia.

É verdade que eu encontrei alguns em Africa que me fizeram lembrar o velho rifão: «Em casa de ferreiro, espeto de pau.»

Passemos adiante.

Durante o dia vieram muitas pretas vender alimentos, e entre outras coisas vulgares, trouxeram uma mui extraordinaria.

Era uma grande cesta cheia de lagartas, mui semelhantes ás do *Acherontia Atropos*, e da mesma grandeza. Este gigantesco Lepidoptero



no seu primeiro estado vive nas gramineas, e é facil ali colher grande provisào. Os Ganguelas são avidos de tal manjar, que os meus pretos recusaram.

No dia seguinte, logo de manhã, vieram offerer-se muitos mais carregadores, que recusei, por me serem inuteis.

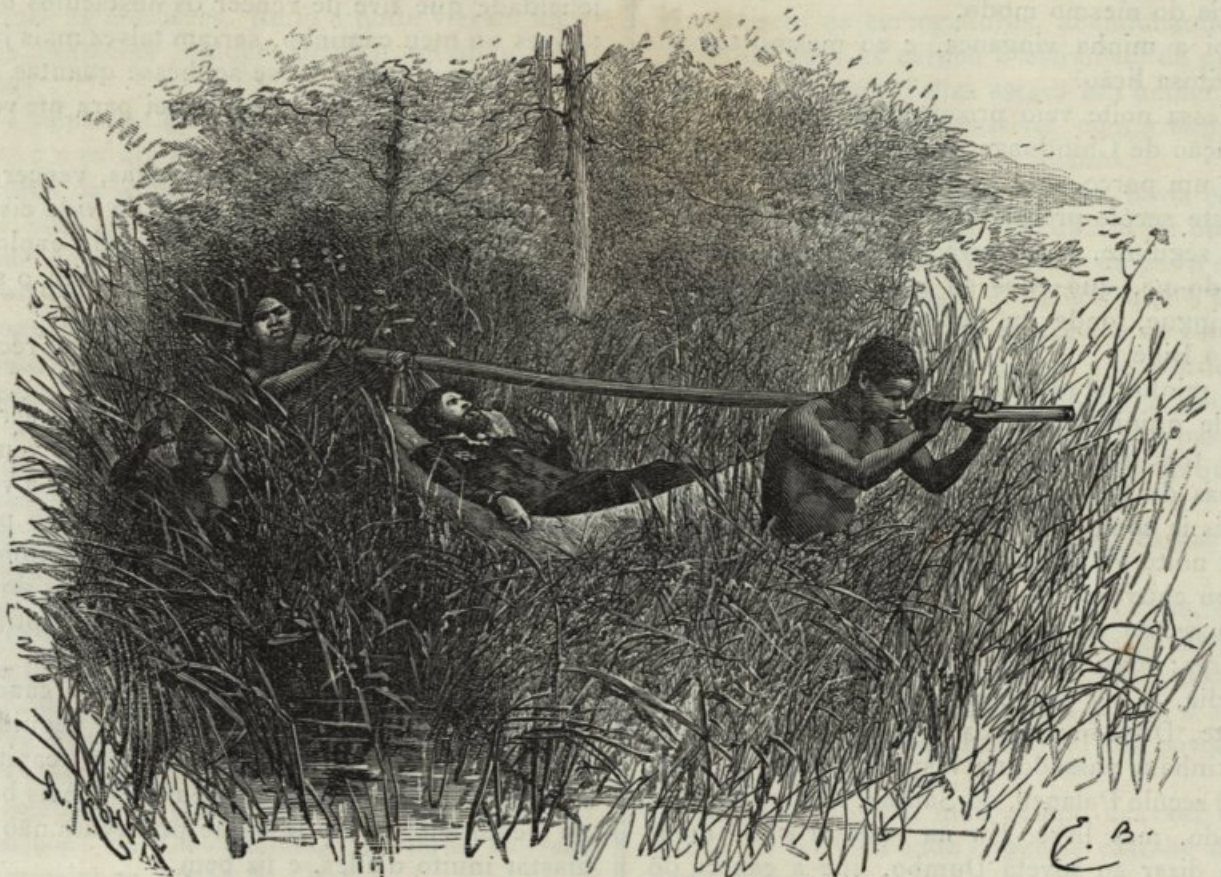
Parti depois das 10 horas, hora a que a chuva abrandou. No momento da sahida quebrei os meus óculos, que usava desde Lisboa. Andei a N. E., e cinco horas depois, acampava na mar-

gem esquerda do rio Cutato das Ganguelas, rio que passei em umas alpondras sobre uma pequena catarata.

No caminho passei um pequeno ribeiro, chamado Chimbuicoque, affluente do Cutato.

O rio corre n'aquelle ponto a lèste, voltando em seguida ao N., e depois pelo lèste para o sul. Este S gigantesco é uma serie de rapidos, em que o rio se precipita com fragor enorme, por sobre as rochas de granito que formam o seu leito.

No sitio das alpondras naturaes, mede 80 me-



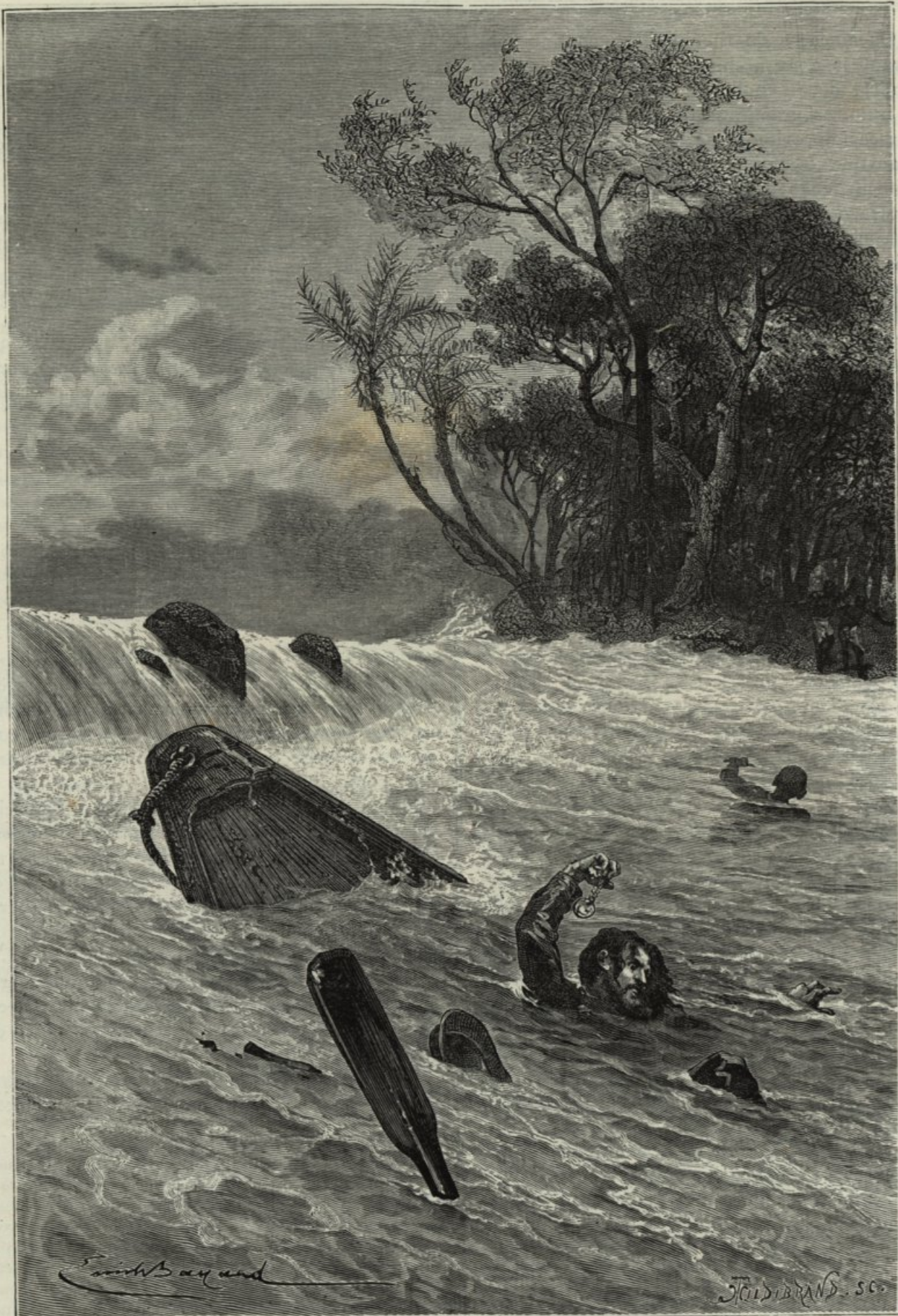
NO PANTANO—Desenho de E. Bayard, segundo um esboço do major Serpa Pinto

tros de largo, e a montante e jusante 27 metros com 4 a 5 de fundo. Vae affluir ao Cubango, dizem os naturaes que quinze dias de caminho ao sul d'este ponto.

A margem direita é occupada pelas plantações da povoação de Moma, que occupam um espaço que avalei em mais de mil hectares de terreno. São as maiores que tenho visto em Africa. A cultura entre estes povos consiste principalmente em milho, feijão e batata, mas o que mais se vê são campos de milho. Antes de chegar ás plantações, atravessei uma floresta de acacias enormes, de surpreendente belleza. O

aspecto das margens do Cutato é muito original. Onde termina o granito do leito do rio começa um solo de formação termitica, e o terreno coberto de milhares de monticulos, uns cultivados, outros cobertos de vegetação silvestre, todos ligados, formando como que systemas de montanhas, ferem a vista, admirada ao contemplar um tão estranho systema orographico artificial. Marquei a grande povoação de Moma, tres kilometros a O. S. O., e depois de ter determinado a altitude do rio ali, retirei-me, molhado da incessante chuva, e atacado de novo accesso de febre.





A NADO — Desenho de E. Bayard, segundo um esboço do major Serpa Pinto



Os ameaços de rheumatismo continuavam. Durante a noite a chuva foi torrencial, e como sempre, dormi molhado, porque, n'esta epoca do anno, as gramineas de que cobria a minha barraca improvisada, não tinham mais comprimento que 50 centímetros, e com herva tão curta é difficil, senão impossivel, vedar a agua em uma barraca.

A chuva só abrandou no dia seguinte ao meio dia, e eu, apesar de abrasado em febre, segui ás 2 horas, tinha 144 pulsações.

Caminhei a pé, por me ser impossivel seguir-me a cavallo no boi; mas, depois de uma hora de marcha, as pernas recusavam-se a continuar. Acampei. Os meus pretos e os proprios carregadores Ganguelas dispensavam-me os maiores cuidados.

O lugar em que acampei foi junto de umas povoações a que chamam Lamupas, por estarem perto das cachoeiras do rio, que em lingua do paiz tem o nome de *Mupas*.

É lugar muito povoado e muito cultivado, sendo estes povos grandes cultivadores.

Encontrei no caminho algumas sepulturas de séculos, que são cobertas de barro, com uma fôrma semelhando algumas da Europa. Estas sepulturas são cobertas por um alpendre de colmo, e são sempre debaixo de uma arvore grande.

Sobre ellas vi cacos de pratos e panellas, que ali são depostos pelos parentes do defunto, como nós depomos nos tumulos das pessoas queridas, as saudades e as perpetuas.

(Continúa.)

## SUPERSTIÇÕES POPULARES EM PORTUGAL

(Continuado da folha 19)

**P**U MÉRIL aponta este costume na *Festa de Diou*, ou a procissão de Corpus na Provença, d'onde esta procissão foi introduzida em Portugal no tempo de D. Diniz; mas a generalidade d'esta representação do cavallo na Europa, prova a sua origem mythica, como acima explicámos, aproximando da phrase vulgar *Val de Cavallinhos* a de *Cavallinhos Fuscos*, por onde se chega á sua decadencia em superstição. Du Méril, diz que se lhe chama *Bidoche* no departamento de Orne, *Cheval-Mallet*, no Loire Inferior; *Cheval-fug* no Allier; *Cheval-fol*, em Lyon; *Chiavoux-frux*, no Meio Dia; *Godon*, em Orleans; *Cheval-godin*, em Namur; *Algodon*, em Hespanha; *Chinchin*, em Mons, por causa dos guisos; *Chevallet* em quasi toda a França, e *Caballet* na Catalunha; em Inglaterra *Hobby-horse*, e *Schlittenpferd* na Allemanha; Du Méril estende a sua investigação até á China e Mexico, e n'este caso o mytho deve-se julgar como tendo passado dos povos mongolicos para os áricos por meio dos ramos scythia e getico, verdadeiros elos de transição entre estas duas grandes raças. Segundo as auctoridades de Kuhn, Schwartz, Jacob Grimm e Simrock, que fallam d'este mesmo costume allemão na quarta feira de cinza, pentecostes e natal, o sr. Ad. Coelho crê que o *Shimmel*, o analogo ao nosso *Cavallinho-fusco* «é o re-

presentante do antigo cavallo do sacrificio.»<sup>1</sup> Por fôrma nenhuma este costume é de origem celtica, romana ou germanica, mas preexistente na raça d'onde estes povos se destacaram, cujo estado se pode deduzir dos ramos mais atrazados, como o scythia e o geta, onde este uso se acha na sua fôrma completa e real, ainda relacionado com o *Val de Cavallinhos*. D. Francisco Manoel de Mello, nos *Apologos dialogaes*, allude a esta superstição separada ou decahida da importancia mythica: «Em dia claro roubava, fazei conta, como em *val de cavallinhos*» (p. 70.) E tambem: «tirar o chapéo á cruz do *Val de Cavallinhos*. (p. 137.) Em Coimbra é ainda vulgar a locação: *ir vêr os cavallinhos fuscos*, ultimo vestigio do giro processional do cavallo branco do mytho primitivo.

O nome de *Godon*, em Orleans, e *cheval-godin* em Namur, reporta-nos á proveniencia ger-

<sup>1</sup> *Hyssope*, ed. Castro e Irmão, p. 442. — Não crêmos n'esta interpretação; seguimos a opinião de que é o *cavallo magico*, tal como se comprehende com o Bayard na floresta das Ardenas; o nome de *cheval-fux*, (Allier) *cheval-fol*, (Lyon) e *chiavoux-frux*, relaciona-se com o epitheto de *Falke* dado ao cavallo do heroe germanico o scandinavo Dietrich, o falcão. (Gubernatis, op. cit. 1, 361.) Na tradição portugueza temos o cavallo magico *Pardallo*, citado no Nobiliario, e na litteratura medieval, o cavallo *Fauvel*.



manica do deus *Wuotan* sempre representado pelo cavallo; Gubernatis conclue sobre estes vestígios tradicionaes «as religiões são a caricatura das mythologias,» e é devido este character á sua inintelligencia, por onde vêm a cahir esses elementos em superstições populares.

No *Livro dos Pregos*, da Camara municipal de Lisboa, descrevendo-se a ordem dos officios e misteres na Procissão do Corpo de Deus, se lê: «Çapateiros com o Dragão. 11 Diabos, e 2 *provincos*.» Na linguagem popular dos Açores usa-se como imprecação reprehensiva contra as crianças turbulentas chamar-lhes *Previnco mão*. Temos aqui uma entidade malevola conservada na tradição popular do Porto e de que o mais antigo vestigio pertence ao documento do seculo XVI; por ventura este nome de *Previnco* será o mesmo que *Pravys* e *Parvaya* com que os povos slavos designavam Freyr e Freyia? As divindades decahidas convertem-se sempre em diabos; o character naturalista de Feyr e Freyia, dos Suevos, <sup>1</sup> condiz com as allegorias mythicas da procissão de Corpus.

Já que aqui fallamos n'esta entidade malefica do *Provincò*, citaremos outras vulgares ainda no seculo XVI. Antonio Prestes, nos *Autos*, (p. 355) traz:

O homem das calças vermelhas,  
o pezadello da mão furada.

D'esta mesma entidade, persistente na tradição actual, falla Filinto Elysio, nas *Fabulas* (trad. p. 267.): «Creio que ainda em Portugal dão o nome de *trasgos* aos *Fradinhos da mão furada*.» Vê-se que houve aqui um syncretismo do homunculo ou o *homemsinho* dos processos inquisitoriaes do seculo XVII com o pezadello. Antonio Prestes cita mais, o *tartaranho* e o *busaranho*:

Umas *busaranhas* tortas. (p. 33.)  
Por esta *tartaranha* má. (p. 398.)

O terror que os tartaros provocaram na Europa, assim como persiste na entidade malevola dos ogres, acha-se nos paizes bascos na palavra *Tartarius*, designando os heriticos albigenses. (F. Michel, *Le Pays Basque*, p. 227.) Por aqui vemos como se vulgarisou essa entidade malevola do *tartaranho*, que é o nossô ogre popular. Outras relações historicas explicam a entidade do *Tanso*, ou o character sinistro e desastrado que

se liga a qualquer pessoa; o povo dos Hiongnou, antepassado dos chinezes, dava ao seu chefe o nome de *Tanshu* (de *Tian-shu*, isto é, filho de Deus.) É crível que esta palavra entrasse com a invasão dos Hunnos na Europa; em uma canção provençal portugueza da nossa colleção da Vaticana, allude-se ainda ao terror dos tartaros. Nunca ouvimos a palavra *Tanso* com sentido peyorativo e esconjurativo senão na linguagem oral.

O nome de *Estrujeitante* liga-se tambem ao poder magico, como se vê por um conto popular de Ourilhe. (Coelho, *Contos*, n.º xv.) Nas Formulas magicas de Marcello Burdigalense, na septima encontra-se a palavra *Strugidan*, com relações com a designação popular e com a palavra *trejeitar*, que atraz citamos empregada por el-rei Dom Duarte. A estes tregeitos tambem chama o povo *Endromina*.

Muitas palavras do uso popular provêm das linguas primitivas da Europa; no Minho diz-se como esconjuro: *Esternoco*, e uma velha surda, chamava-se em Airão a *Noca*. Segundo Leroux de Lincy, os dinamarquezes chamam *Nokhes* aos elfs ou fadas aquaticas, que tambem tomam a forma de velhas nas suas aparições. <sup>1</sup>

Nas tradições populares da Irlanda, a fada caseira chama-se *Shefro*, segundo Crofton Croker; entre nós o *Chifre* é o fetiche corneo que defende a casa do máo olhado. É natural esta confusão entre o fetiche e a entidade em que se dissolve pela abstracção. *Banshee*, <sup>2</sup> são as fadas que defendem a familia avisando-as dos perigos com gritos; na linguagem popular o *banzé* significa o barulho, talvez como o ultimo vestigio de uma crença desacreditada. A persistencia d'estes nomes não nos deve causar extranheza; no Nobiliario do Conde D. Pedro, além do Cavallofada *Pardallo*, conservou-se o *Coouro*, do qual diz: «E alguns ha em Biscaia, que disserom e dizem hoje em dia, que esta sua mãe de Enheguez Guerra, que este é o *coouro* de Biscaia.» É evidentemente a mesma entidade em que se acredita nas Costas da Finisterra, os *Courils*, ou os diabos malignos que dansam ao luar, das quaes Leroux de Lincy apresenta as fórmulas *Gourils*, *Gories* e *Crious*, <sup>3</sup> e donde vem o nome usual no seculo XVI da *carola*, dansa assim denominada em Inglaterra e Italia.

Os highlanders da Escossia chamam *Gruagach*

<sup>1</sup> *Livre des Legendes*, p. 161.

<sup>2</sup> *Ibid.*, p. 165.

<sup>3</sup> *Ibid.*, p. 167.

<sup>1</sup> Bergmann, *Lès Gètes*, p. 219.



aos espiritos familiares e aos feiticeiros; a designação portugueza *Bruxa* corresponde ao nome e á superstição celtica.

Na antiga tradição europêa, os Anões tem um poderoso character magico; em Portugal o *homem pequenino* representa uma entidade malevola, como se vê pelo ditado:

Homem pequenino  
Ou velhaco, ou bailarino.

No Auto de Fé celebrado em Coimbra em 28 de Novembro, de 1621, apparece condemnado o christão velho Pedro Affonso, por que: «Appareceu-lhe o diabo em figura de *menino de dez annos*, o qual resplandecia em luz, e lhe disse que se crêsse n'elle e promettesse ser seu, o ensinaria a curar todas as enfermidades, e o faria muito rico, e levado do interesse o fez da ma-

neira que lh'o pedia.»<sup>1</sup> O povo liga um sentido prophético aos brinquedos e ás cantigas das crianças. Em uma Carta de D. Jorge de Noronha, de 24 de Março de 1579, dirigida a Philippe II, atenuando-lhe os boatos da resistencia de Portugal, diz: «Julga que se não deve fazer caso do que diz Manoel de Mello, porque está cego; que o reino de Portugal é de S. M., e que pôde ir quando quizer, *porque até as crianças cantam*, que todo o seu remedio está em Sua Magestade.»<sup>2</sup> Até as superstições conspiravam para a extincção da nacionalidade portugueza.

<sup>1</sup> Ap. Ribeiro Guimarães, *Sum. de Varia hist.*, t. IV, p. 88.

<sup>2</sup> Doc. da Bibliotheca da Ajuda: (Pan., t. VIII, p. 346;) *Pouca luz em muitas trevas.*

(Continúa.)

THEOPHILO BRAGA.

## CRUZEIROS NA COSTA D'AFRICA

(Continuado da folha 20)

EM 1807 as fanfarrices dos Fantis attrahiram para a costa a torrente devastadora. A derrota dos Absinios e dos Fantis levaram os exercitos dos Achantis até debaixo das muralhas do forte inglez d'Anamabu. O governador viu-se obrigado a entrar em negociações e a paz restabeleceu-se.

Em 1820 a guerra reacendeu-se nas provincias do norte e deu aos Achantis o pretexto para de novo invadirem o territorio dos Fantis, que não tinham podido calar a alegria, quando souberam que, batidos em Tui, os Achantis acabavam de perder o Gaman.

Estes acontecimentos duraram até 1821. As cousas tinham tomado um tal character que a guerra se tornou inevitavel.

A 21 de janeiro de 1824 Sir Charles Maccarty, que levava as tropas que commandava até junto do Prah, perdeu uma batalha que lhe custou a vida. O rei dos Achantis satisfeito com este triumpho, dignou-se escutar as preliminares da paz que lhe foram propostas, mas, antes de tratar, exigia que lhe fosse entregue Kudjo Chibu, rei de Deukera: este principe, temendo o supplicio que o esperava, preferiu tentar ainda uma vez a sorte das armas; mas uma nova derrota levou os Achantis victoriosos até sob os muros da colonia do Cabo.

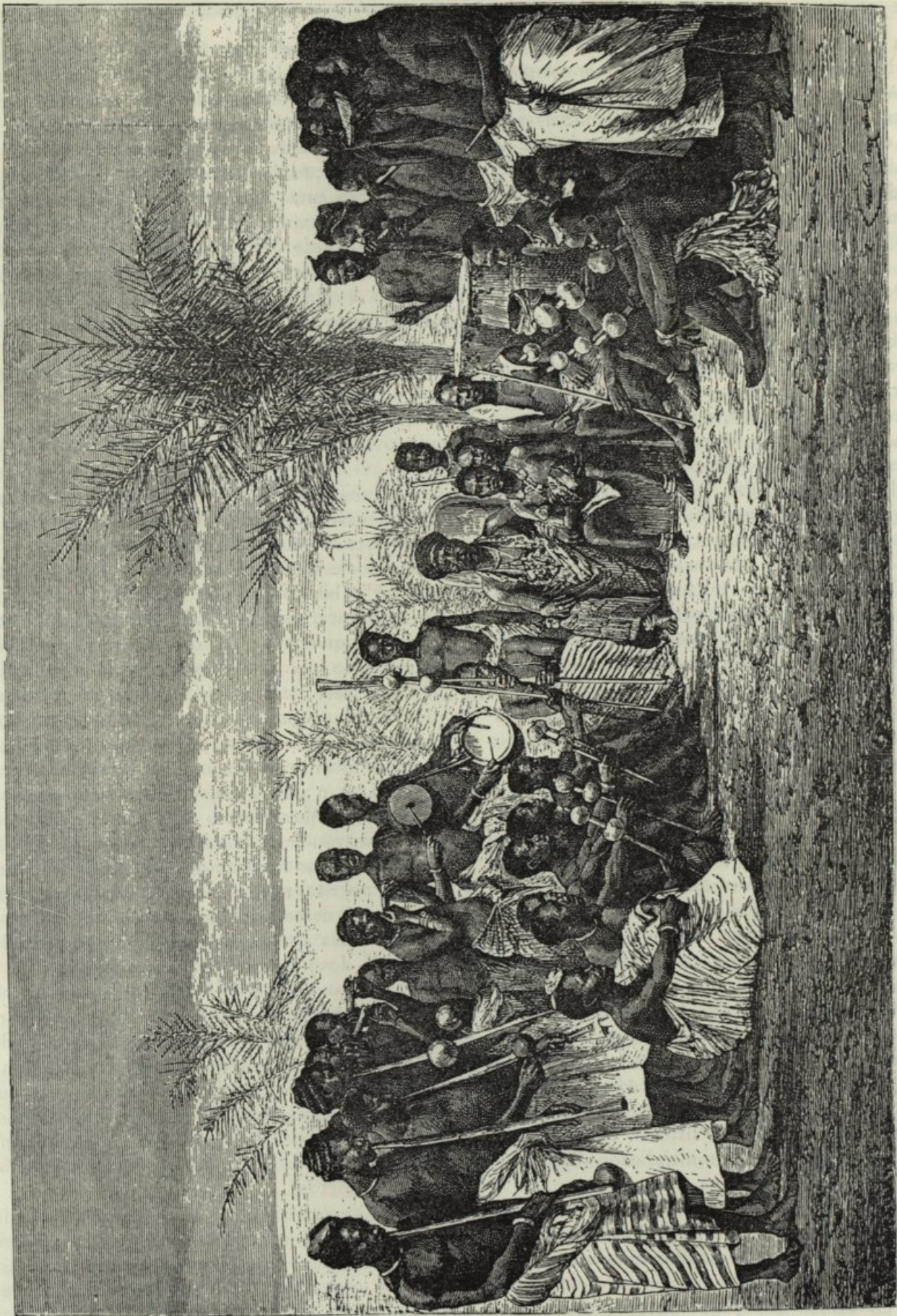
Osai Okoto subira ao throno; enviou ao coronel Sutherland uma mensagem insolente e deu ao forte um assalto terrivel que durou doze horas. Depois d'esta tentativa infructifera, Osai Okoto, cujo exercito estava sendo dezimado pelas bexigas e pela desynteria, foi obrigado a retirar-se.

Em setembro de 1826 o governador do Cabo reuniu sob o seu commando as forças combinadas dos reis de Absiniss, de Deukera, de Wassau, d'Absinia e d'Aquassin e derrotou Osai Okoto.

Em 1831, Sir Neil Cambel assignou a paz com o rei dos Achantis que, cansado de guerras, consentiu na emancipação completa das provincias de Wassau e de Deukera, deu dois dos filhos em refens e contribuiu para o forte com uma grande quantia de dinheiro.

Os acontecimentos hoje dados são a consequencia da recusa feita em 1866 pelo governador do Cabo, que não quiz entregar os individuos accusados de terem roubado pepitas d'ouro, crime considerado como de lesa-magestade. Estes acontecimentos téem-se complicado com a inimidade declarada da gente que habitava os territorios hollandezes cedidos aos inglezes, por occasião da rectificação das fronteiras. O tratado de cendencia feito pelos hollandezes em 1871 en-





AMADIFOU E A SUA CÔRTE — Desenho d'Emile Bayard, segundo uma photographia



cheu a medida e prejudicou todas as previsões dos homens politicos que tinham julgado poder dispôr sem o seu consentimento d'estes povos. No momento da cedencia, os hollandezes estavam em guerra com os Fantis que viviam nas visinhanças do forte d'Elmina. Os Achantis fieis alliados dos hollandezes tinham auxiliado estes, assim como o têm feito aos inglezes, que se têm visto obrigados a recorrer ao exercito d'aquelles para reprimir as revoltas dos Fantis.

Desde 1866 as hostilidades eram pouco activas e esperava-se triumphar pela diplomacia d'estas difficuldades, mas os acontecimentos precipitaram-se; desde essa occasião os Achantis, encontrando appoio nos povos que rodeavam o antigo forte hollandez, aproveitaram o ensejo, e em junho de 1873 invadiram os territorios do protectorado n'uma linha que se estendia desde Apollonia até ao Cabo. Os habitantes d'Apollonia que se conservaram fieis aos inglezes foram derrotados e o Wassau e e Deukera sem duvida cahiram mais uma vez em poder do successor de Quako Duah. Os habitantes de Chama, que em agosto de 1873 atiraram sobre as embarcações inglezas, que pretendiam subir a Prah, viram como represalias incendiar a sua cidade. Os bairros exteriores d'Elmina e os de Cabo sem duvida tiveram a mesma sorte; mas a febre cahiu sobre as tropas inglezas, que foram obrigadas a esperar por detraz das muralhas que a dysenteria e as bexigas, como em 1821, sejam seus alliados. Tal será pois o desenlace provavel d'esta guerra, que demonstrará á Inglaterra ser de má politica deixar os seus fortes muito desguarnecidos em frente de povoações turbulentas.

Deixando o Grã-Bassam encontram-se alguns terrenos ondulados que servem de mira aos navios que navegam ao largo. O rio Krinjabo abriu passagem atravez de collinas e o valle por elle percorrido é do mar largo avistado. O cabo das Tres-Pontes termina esta cadeia de collinas. A verdadeira costa do Ouro começa n'este cabo e termina no cabo S. Paulo. Por cedencia dos hollandezes e dos dinamarquezes, os inglezes estão senhores absolutos d'este littoral, em que as feitorias europeas se têm multiplicado d'uma maneira extraordinaria.

Elmina avista-se do mar largo; as suas altas muralhas, os bastiões do forte S. Jorge dão-lhe um aspecto imponente. S. Diogo domina um pequeno rio, cuja embocadura está a este do forte de S. Jorge; desembarca-se aqui facilmente e sobe-se por uma suave inclinação até ao forte, separado

d'aldeia, por um largo fosso aberto em rocha. A pedra na qual os portuguezes lavraram o auto d'entrega d'este forte aos hollandezes está no caminho que conduz á fortaleza; os caracteres n'essa pedra gravados quasi que desappareceram.

A habitação do governador, a dos officiaes, os quartéis estão dentro do forte; dos terrassos gosa-se uma esplendida vista de mar. Dia e noite se ouve o ruído das vagas que se vem quebrar com fragor junto do monticulo em que se ergue o forte. A cidade europea alarga-se pela margem esquerda do rio; um passeio e algumas bonitas casas embellezam-a.

Os indigenas d'Elmina são Fantis, que tem por principal occupação a pesca.

A natureza foi parca com a costa d'Ouro; o solo é avermelhado, as arvores desenvolvem-se pouco. O leito do rio contém ouro e os indigenas apanham muito. Enterram nas suas cubatas a cinco metros de profundidade os mortos enfeitados com os seus mais custosos ornatos.

Ao forte d'Elmina succede-se o Cabo. Este lugar é habitado por um governador subordinado ao governador geral de Serrra-Leôa. Este cabo é bem triste. Um desembarcadiiro difficil permite que se chegue junto do forte, cuja porta se abre para a praia. Entrando-se depara-se com um pateo onde está uma sentinella; duas pedras tumulares indicam que este pateo recebeu outr'ora os despojos mortaes dos que o habitavam; n'uma d'ellas lê-se: «Aqui repousa sir Georges Mac-Clean.» Era um espirito distincto, astrónomo, grande philantropo; foi ali governador por mais de dez annos. *Lady Mac-Clean*, poetisa muito estimada em Inglaterra, tambem ali descança; um mysterio envolve esse tumulo; essa alma levou com ella o segredo do profundo desgosto que lhe deu a morte.

O antigo quarto de *Lady Mac-Clean* era no momento da minha visita habitado pelo cirurgião do regimento; mostrou-me a porta onde foi encontrado encostado o cadaver d'essa alma inspirada, que violentamente foi procurar na outra vida a continuação d'um dos seus sonhos. Fallou-se muito n'esse suicidio. Eu conheci *sir Georges Mac-Clean*, era um cavalheiro distincto. Paz aos mortos!

Os torreões situados a algumas milhas do forte do Cabo servem-lhe d'avanzadas. N'um terreno elevado, situado a este da cidade, construiu-se uma forte bateria. Em 1867 os fortes foram postos em estado de defeza. N'essa época vi ali o rei d'Absnin e outros chefes Fantis pres-



tar vassallagem ao governador inglez e combinarem no meio de defeza contra os Achantis, cuja aggressão parecia eminente. O chefe d'Absinia estava estendido sobre um palanquim levado aos hombros de quatro homens; uma pelle de tigre servia-lhe de tapete e um grande guarda-sol o defendia dos raios solares; os seus musicos esforçavam-se por arrancar dos cornos de marfim e dos tam-tam os seus mais fortes sons. Os guerreiros seguiam a pequena distancia. Este sequito tinha uma pompa barbara que não deixava de ter grandeza. Todo este ceremonial indica uma civilização antiga; a etiqueta d'estas côrtes é pouco mais ou menos a mesma desde o Futah d'Irllon até ao Congo.

O commercio da costa d'Ouro, que era muito florescente, cessou desde que os Achantis começaram as hostilidades, e Ackra é o unico ponto d'onde se expedem alguns carregamentos.

Apim e Aquapim ficam ao norte do Ackra. As mulheres são esforçadas e foi a propria rainha d'Aquapim que commandou os seus guerreiros, quando em 1826 os Achantis foram vencidos. Depois reconheceu-se que ella tinha sido uma das heroínas do dia. Algumas plantações de café, tentadas pelos missionarios allemães, começam a dar bons resultados. O cabo S. Paulo separa a costa d'Ouro da costa dos Escravos; o rio Volta desagôa ahi no mar. Este rio vem de muito distante e é o collecter das vertentes orientaes do monte Kong.

Os povos Annglas, que habitam os arredores de S. Paulo, são muitas vezes hostis aos inglezes, que têm em Quita um navio de guerra. Esta aldeia fornece abundantemente viveres frescos que são vendidos por preços rasoaveis.

Os coqueiros e café dão bons resultados que tendem a augmentar.

Os Annglas são leaes nas transacções.

## XXII

Relevo do continente africano—Resultados da guerra contra os Achantis—O Dahomey—Golpho de Benin—Configuração physica—Whydah—Governo, religião e superstições de Dahomey.

A guerra concluida vantajosamente pelos inglezes quebrou o poder dos Achantis e o jugo de ferro que este povo fazia pesar sobre os povos vencidos. D'ora ávante a Inglaterra, senhora absoluta de dirigir como o entender a sua politica, só pôde exercer uma proficua acção sobre

estes povos que alliam grandes qualidades á sua barbaria.

Os povos musulmanos envolvem os povos da costa d'Ouro e esperam impacientemente o poderem chegar ao mar. Segundo as mais recentes noticias, o rei dos Achantis está disposto a abrir o seu paiz ao commercio europeu. A importante praça de Slagha, que lhe pertence, recebeu um governador francez; a presença de M. Bonat é-nos garantia das leaes intenções do soberano africano.

O obstaculo contra o qual d'ora ávante se chocarão as ideias europeas será o Dahomey, que vae ser objecto dos nossos estudos. Como o Achantis, o Dahomey é um assumpto novo na historia dos imperios africanos.

O desejo de se chegarem para a costa e de entrar em communicações directas com as feitorias europeas tem excitado n'estes povos o espirito de conquista, que desenvolverá a extensão do seu poder, até que tenham chegado á costa, fim necessario da sua ambição.

O movimento incessante das ondas e o lodo levado pelos rios na occasião das cheias tem creado nas suas embocaduras bancos d'areia que lhe difficultam o desaguamento. Existem cinco lagos parallelos á costa; o primeiro affluente do Volta, que outr'ora naturalmente teve communicações com os rios de Porto Seguro e de Popo, cujas aguas se reúnem para formar o segundo lago. O terceiro está situado ao oriente de Dahomey que o separa de Porto-Novo; tem o sinistro nome de Notkoné, *lago dos mortos*; só tem sahida para o mar em Lagos, cujo rio fôrma a quarta corrente d'agua.

Os lagos Cradon e Jabon, formados pelo transbordamento dos rios Oschoun e Ogoun, são a quinta corrente d'agua do systema lacustre do golpho Benin, corrente que communica com o rio Bénin pelo braço d'Effra. É digno de notar-se que o movimento combinado das barras, das costas e dos rios africanos impelle as aguas para este; só o Absinia faz excepção a esta regra, que pôde ser verificada desde o Senegal até Bénin.

Algumas casas, cuidadosamente caiadas, devisam-se atravez dos coqueiros; são as feitorias europeas; pavilhões de todas as nações, signal da patria ausente, ahi fluctuam. Algumas montanhas afastadas destacam-se no segundo plano por cima d'essa vegetação toda tropical, que contrasta com a aridez da praia. Infeliz do navegante desprecavido! as correntes o arrastarão



para a costa, quando elle ainda pensa estar longe da sua acção. Em 1867 fui testemunha do naufragio d'um cruzador inglez que, cheio de confiança, deixára apagar as caldeiras; o capitão tinha ido jantar com um seu collega a bordo d'um outro navio, quando foi surpreendido ao ver o o seu navio empolgado pela corrente; os exforços reunidos das duas tripulações não o puderam safar. O capitão depois de ter salvo a sua tripulação custou-lhe a conter os povos circumvisinhos que rodeavam o casco do navio com a avidéz d'aves de rapina.

Pirogas pesadas, com a prôa recurva, tripuladas por Fantis, fazem serviço entre o mar e as feitorias. A vagueta, ultimas ondulações d'um mar agitado por longinquas tempestades ou por abalos subterraneos, bate a costa durante semanas inteiras. Ha-beis no conhecimento das correntes, e dos momentos favoraveis para a navegação, que têm logar principalmente de manhã, quando reina a brisa da terra, os Fantis ou Minas manobram com intrepidez por entre os cachopos as suas velozes pirogas; o seu manobrar não é tão elegante como o dos marinhos do Guet N'Dar; vão sentados aos pares com a face voltada para a prôa e cadenceiam as remadas pelas indicações do

patrão do barco, em pé, ávante. Quando vão buscar um viajante distincto o patrão agita-se com furor, invoca os fetiches com repetidas contorsões e faz libações propiciadoras em honra dos espiritos do mar; os remadores estão á ré e o patrão dirige o barco com um remo. No meio da piroga são collocadas cadeiras onde os europeus e mais passageiros se sentam, e onde ficam expostos, elles os primeiros, a apanhar os golpes de mar; todavia tem a consolação de ir

sob as vistas dos remadores que os pescariam se algum desastre succedesse.

Desde 1831 que os navios, da tripulação dos quaes eu fizera parte, encarregados de vigiar a escravatura, tinham por muitas vezes sulcado o golpho de Bènin, mas nunca eu tinha tido occasião de ahi desembarcar. A 1 de dezembro de

1867 a *Zenobie* lançou ferro em frente de Whydah; a barra era magnifica; com meu irmão e alguns officiaes do meu estado maior embarquei na pesada piroga da casa Regis e chegamos á praia, onde os agentes das feitorias francezas tinham reunido todos os meios de transporte em que podessemos visitar a cidade sem apanharmos uma gota d'agoa do mar.

Estes meios de transporte consistiam em maxillas; atravessamos o pantano, em que os nossos carregadores só tiveram agoa até meio da perna, e chegamos a Whydah, que está edificada n'uma eminenca, a 4 kilometros da costa. O principal negociante, mr. Bounand, investido das funcções de vice-consul da França, recebeu-nos na esplanada do forte.

O forte francez foi construido, pouco mais ou menos, em 1660 por uma das companhias que alli se succederam, com o nome de Companhia Africana; é o mais occidental dos tres

fortes europeus construidos em Whidah e fórma um vasto rectangulo de pouco mais d'um hectare; os fossos com a largura de quatro metros e a profundidade de cinco isolam-o da povoação; uma ponte levadiça situada ao oeste dá-lhe accesso; os pateos são espaçosos e contêm armazens onde vivem as familias dos trabalhadores empregados pela casa Regis; o corpo principal d'aquella edificação é dividido no primeiro andar em muitas salas e no segundo em quartos.



MATAFOUÉ, CHEFE DE TOUPA — Desenho d'Emile Bayard, segundo uma aquarella de M. Leonard, tenente de marinha





CHEFE DE POLICIA NA ASSINIA

CASTOR, INTERPRETE (BUCHMAN)

Desenho de A. Rixens, segundo uma photographia



O forte de Whidah foi abandonado em 1792, assim como muitos outros que as nossas guerras d'então não permittiam conservar; invariáveis nos seus costumes, os soberanos do Dahomey, conservaram á França o forte e o terreno que o circundava. As pessoas que habitam os fortes europeus gosam do privilegio de não usarem armas, pois que pertencem á nação cujo pavilhão fluctua no mastro da fortaleza. Os habitantes do forte francez viveram assim sessenta annos sob a disciplina d'um unico soldado que entregou religiosamente os archivos do forte ao almirante Bouët-Villanmez, então tenente, quando em 1839 este fez uma visita ao forte de Whidah.

Em vão as revoluções tinham agitado a mãe patria, o forte de Whydah continuava a hastear a bandeira branca e só a mudou, quando, da mão do bravo marinheiro, recebeu a nova bandeira.

Whydah é reunião d'algumas povoações; nas ruas algumas arvores erguem-se a alturas prodigiosas e a flora parasita das orchideas apresenta, como nas florestas, as suas brilhantes petalas; os morcegos abrigam-se dentro d'esta verdura do calor do dia e ao crepusculo obscurecem a athmosphera, largando vôo para o oeste. N'algumas praças ha mercados publicos.

(Continúa.)

## MEMORIAS DO ULTRAMAR

VIAGENS, EXPLORAÇÕES E CONQUISTAS DOS PORTUGUEZES

COLLECÇÃO DE DOCUMENTOS

POR

LUCIANO CORDEIRO

1574-1620

DA MINA AO CABO NEGRO

SEGUNDO

GARCIA MENDES CASTELLO BRANCO

(Continuado da folha 20)

II

1620

Projecto de um regimen de aforamento e tributação dos sobados — Protecção dos indigenas

**P** CAPITÃO Garcia Mendes Castello Branco, um dos primeiros conquistadores do reino de Angola:

Diz que Vossa Magestade tem n'aquelle reino, debaixo de sua vassallagem, duzentos sobas, pouco mais ou menos, que são fidalgos do dito reino, dos quaes Vossa Magestade até hoje não ha tido fructo nenhum, mas antes se tem de sua fazenda despendido alguma.

Que Vossa Magestade para sua real fazenda pôde tirar d'elles cada um anno 15:000\$000 rs., pouco mais ou menos, na fórma seguinte.

Que mandará Vossa Magestade se afore de juro e herdade aos conquistadores antigos e modernos e moradores dos presidios, como da cidade de S. Paulo, e que dêem a cada um segundo a posse que tiver, e assim se arrendarão

a religiosos que no dito reino houver em os preços que o administrador que aforar os ditos sobas se concertar estando presente o superior da Companhia d'aquelle reino e o provedor da fazenda, dando-os pelo que justo fôr, conforme as grandezas d'elles e a possibilidade dos ditos sobas a 100\$000, a 150\$000 e a 200\$000 réis, segundo, como acima diz, a grandeza do dito soba e d'aqui para baixo o que parecer, que eu conheço todos muito bem, o que cada um pôde valer e pôde dar.

Que para estes aforadores pagarem este dinheiro e fôro sem pesadumbre, por na terra não haver dinheiro, o pagarão em pannos que é o dinheiro que corre na terra, com que com isso se faça o pagamento aos soldados, e o entregarão ao feitor de Vossa Magestade, que ora é e ao diante for, que se deite em receita sobre o dito feitor e o arrecade de quem o dever.

Que a pensão que os ditos sobas hão de pagar em cada anno, todo junto ou em partes, será aquillo que sómente pagavam a el-rei de Angola e nas especies que pagavam, e os não



constrangerão a pagarem mais coisa alguma, sob pena que quem o contrario fizer pagará á fazenda de Vossa Magestade um tanto ou a pena que lhe quizerem pôr.

Item que por esse respeito toma Vossa Magestade o panno por não haver dinheiro nem molestarem, os ditos sobas, dêem outra coisa mais que aquillo que davam a el-rei de Angola, quando eram seus vassallos, para que os ditos senhores dos ditos sobas paguem a dita pensão que forem obrigados a pagar cada um anno.

Que d'este dinheiro d'este dito aforamento dos ditos sobas, se pagarão aos soldados e as ordinarias que Vossa Magestade tem ordenado se pague no dito reino, até de onde alcançar, e faltando, se irá pagando do contrato, como se paga, mas havendo rendimento tanto que baste se não bulirá em dinheiro do contrato por nenhum caso, por quanto o ha de pagar o contratador n'este reino, tendo obrigação d'isso.

Que os ditos sobas, com pagarem o que acima é declarado, ficarão livres e isentos de outra pensão nem dadiua a nenhuma pessoa de qualquer qualidade e condição que seja, mais que ao dito seu senhor a obrigação que davam a el-rei de Angola, e não serão obrigados a darem a *macunces* que são os embaixadores que os capitães lhes mandam cada hora para tirarem d'elles, que os destroem, e não serão obrigados a mais que sendo caso que haja alguma guerra que seja necessario gente das suas terras, como se costuma e é necessario ao serviço de Vossa Magestade, e lhe for pedido pelo governador e seu recado, em tal caso será o dito soba obrigado a il-o ajudar em quanto a guerra durar, dando-lhe carregadores e o necessario, como de antes era sem terem obrigação outra a pessoa alguma.

Item que as ditas pessoas que aforarem os ditos sobas poderão mandar cobrar o dito aforamento, que é o que davam a el-rei de Angola, por quem lhes parecer, no anno duas, tres vezes, como se concertarem ao tempo do aforamento, não os tyrannizando nem lhes fazendo molestia como arriba vae declarado.

Que mandarão aos ditos sobas se tombem e situem a longo das estradas e lavrem em suas terras, e cultivem como de antes, e mande Vossa Magestade a todo o negro forro ou captivo que lhes roubar suas fazendas, como gado, mantimento, gallinhas, pela primeira vez trezentos açoites, a segunda as orelhas cortadas, a terceira que morra na forca, por respeito que o po-

bre gentio foge dos caminhos e vão-se situar nos matos pelos grandes roubos que lhes fazem, como eu vi e castiguei a muitos por esse respeito.

Que mandarão aos fidalgos sobas que todos tenham suas banzas, que são suas casas, aonde as tinham no tempo que eram de el-rei de Angola, por respeito de não crearem malicia, mas o por que entendo que as não tem é por respeito dos escravos portuguezes e forros que os roubam e lhes tomam as mulheres e lhes fazem mil molestias e aggravos, ao que tambem se deve dar remedio efficaz.

Que estes ditos sobas se aforarão e darão por ordem minha, dando-me nome de commissario geral e com parecer do superior da Companhia de Jesus, da cidade de S. Paulo, e do provedor da fazenda que como letrado mande fazer as escripturas e o mande deitar em receita sobre o feitor de Vossa Magestade.

Que tanto que serão aforados logo se mandará dar posse d'elles a quem os aforar para correr o tempo logo.

Que se mandará fazer pratica ao soba, que é fidalgo, do que Vossa Magestade manda pagar e das liberdades que lhe dá por lhe dar este tributo.

Que a tal pratica mandará fazer o dito commissario e dar a dita posse por quem lhe parecer, fazendo escrivão para isso, e meirinho sendo necessario.

Que mandará Vossa Magestade que em todos os presidios assista um padre da Companhia e um irmão.

Forra Vossa Magestade n'isto o salario que dão a um clerigo, que em minha consciencia não fazem nenhum fructo, antes fazem muito damno no espirital e no temporal.

Digo em Deus e em minha consciencia que Vossa Magestade houvera de mandar que nenhum clerigo entrasse no reino de Angola a fazer christandade, senão aos ditos religiosos da Companhia de Jesus, e Vossa Magestade o deve assim mandar, pelo que eu vi e se pode tirar informação e se achará que se lhes não davam dinheiro os deixavam morrer sem confissão e os pobres muitas vezes não têm que dar.

Que os capitães das fortalezas do districto, donde cairem os ditos sobas, que são os fidalgos da terra, os não poderão chamar nem mandar-lhes embaixadores, que não é a fim mais que de os tyrannisar, pondo-lhes sobre isto graves penas por respeito que tyrannizando-os não



poderão pagar o tributo que são obrigados ás pessoas que os têm aforados, nem os que os tem aforado, a Vossa Magestade.

Que correrão todos os sobas em seus pleitos e causas que se moverem, entre uns e outros, com o dito administrador que Vossa Magestade manda, e correrão com elle em todos os recados que mandarem ao governador para que o diga ao dito governador e o *tendala* que ora é, e adiante for, não servirá mais que de lingua, e quando não queiram, dito administrador buscará um negro que sirva d'isso, como é costume.

Que a cobrança que se ha de fazer n'este dito dinheiro, depois de aforados os ditos sobas com as pessoas com que se concertarem em a villa de S. Paulo, que é a cidade onde assiste o governador e feitor de Vossa Magestade, cobrará das pessoas que viverem na dita cidade e das que viverem pela terra dentro, que será nas fortalezas, cobrará o pagador o que Vossa Magestade lá tem, e adiante tiver, por não gastar Vossa Magestade em officiaes nada, e o dito pagador o entregará ao feitor de Vossa Magestade porque o pagador de força vae aos presidios fazer o pagamento aos soldados.

Que as pessoas que aforarem os ditos sobas darão os pannos que pagarem aos soldados, não se lhe pondo mais nem menos valia.

Que tomarão as pessoas, que aforarem os ditos sobas, toda a fazenda que corre na terra, com que se paga aos soldados e officiaes e ordinarios.

Que poderá aforar todos os sobas que estiverem do rio Dange para o sul, no longo do mar e do sertão de uma parte e da outra.

Item mandará aforar todas as marinhas que de longo do mar houver que a natureza produz sem artificio, que pertencem á corôa, que até agora está perdido sem se cobrar nada para Vossa Magestade.

Item assim todos os passos do rio Dange e Bengo se aforarão, que até agora não tem Vossa Magestade nada d'isto.

Item que o sal de Quiçama se aforará, obrigando-se alguma pessoa poderosa a dar umas tantas mil pedras de sal postas em Cabane ou Maçangano ou Mochina, para pagarem com isso aos soldados, que é o dinheiro que lá corre, o que até agora se não fez, se é vindo á obediencia <sup>1</sup>.

<sup>1</sup> Vid. doc. de Balthazar Rebello de Aragão. «Terras e minas africanas».

As objecções que Vossa Magestade n'este apontamento, ou dificuldades, achar, mande-me chamar e eu as declararei, que por papel não se pôde dizer tudo o que é infinito.

Vossa Magestade me ha de fazer largas mercês, que, fazendo-m'as, eu, se Deus me der vida bem pôde ser que dê outros muitos maiores rendimentos.

Alem d'isso, ha Vossa Magestade de me dar provisões mui largas, porque ha de ter mil contradictores, assim do governador como de todos os capitães, assim das fortalezas como os mais, e lembro a Vossa Magestade que por este negocio prenderam a D. Francisco de Almeida, que eu defendi, sendo juiz no dito tempo da cidade de S. Paulo, como dos meus serviços se verá largamente, mas como tenho lá toda a terra por amigos, farão o que lhes disser, que eu o communiquei com muitos os ditos conquistadores no campo e na dita cidade, e vieram commigo.

Que alevantando-se os ditos sobas, em quanto estiverem levantados, não pagarão os que são obrigados a pagar o dito aforamento, e o dito aforador o ajudará a reduzir quando lhe forem dar guerra.

Item que mandará Vossa Magestade que o governador que ora é e adiante for não faça guerra ao gentio por nenhuma via, porquanto passando a guerra pelos ditos sobas, que estão reduzidos, os roubam e lhes faz a gente que passa por elles grandes damnos, com que não podem pagar a pensão que são obrigados.

Salvo porém se se alevantar algum soba que seja forçoso reduzi-lo.

Item que os jagos que nos ajudam e são ferozes, que estão comnosco, que são de muito effeito para amedontar o gentio e não alevantar, lhes mande Vossa Magestade fazer uma mercê de vinho, que elles não querem outra cousa, mandar-lhes dar tripas cada um anno nas tres festas principaes, que é necessario tel-os por amigos, que os ditos jagos mandando-lhes Vossa Magestade dar isto sempre em peças darão a valia e muito mais.

O que atrás digo do aforamento dos sobas serve a Vossa Magestade para d'este modo pagar aos conquistadores que têm servido e adiante servirão outros, e aos religiosos e clerigos dará Vossa Magestade isto mesmo para seu sustento, com que forrá as ordinarias que lhes dá de sua fazenda, assim como fazem na India oriental e em muitas partes.

(Continúa.)



# COMO EU ATRAVESSEI A AFRICA

DO ATLANTICO AO MAR INDICO—VIAGEM DE BENGUELLA Á CONTRA-COSTA—ATRAVÉS REGIÕES  
DESCONHECIDAS—DETERMINAÇÕES GEOGRAPHICAS E ESTUDOS ETHNOGRAPHICOS

POR

**SERPA PINTO**

PRIMEIRA PARTE

## A CARABINA D'EL-REI

(Continuado da folha 21)



CURA — Desenho de E. Bayard, segundo um esboço do major Serpa Pinto

**P**E NOITE a chuva moderou, e o dia seguinte amanheceu nublado, mas estio. A febre abrandou muito, mas as dores rheumáticas começavam a fazer-se sentir atrozmente. Segui ávante, e meia hora depois de ter deixado o meu campo, passei junto da grande povoação de Cassequera.

Logo que passei um pequeno riacho que fica para além da povoação, deparei com umas clareiras enormes cobertas de gramineas, que me prenderam a atenção pelo seu enorme e completo desenvolvimento, em uma época do anno

em que as plantas d'esta familia estão em principio d'esse desenvolvimento.

O meu muleque Pépéca foi atacado de tão violento e repentino accesso de febre, que cahiu inerte. Tive de parar e mandar contratar um homem, na povoação de Cassequera, para o levar ás costas. Ao meio dia, passei junto da libata do capitão do Quingue, primeira povoação do paiz de Caquingue. Fui hospedar-me em casa de João Albino, mestiço de Benguella, filho do antigo sertanejo portuguez Luiz Albino, morto por um bufalo nos sertões do Zambeze.



João Albino mora na libata de Camenha, filho do capitão do Quingue.

Camenha estava ausente, por ter ido tomar o commando das forças do sova de Caquingue, que ia fazer a guerra a uns sovetas do Cubango.

O tempo melhorou, e a minha febre cessou de todo, mas o rheumatismo continuava a ameaçar-me.

A noite foi sem chuva, e o dia seguinte amanheceu claro e sem nuvens.

Fui visitar o velho capitão do Quingue, a quem levei de presente uma peça de lenços. Elle deu-me um boi, que mandei logo matar, porque ha muito que tinhamos só carne de porco para comer. O capitão era muito velho e doente. Conversou muito comigo a respeito do motivo da minha viagem, e não comprehendeu o que eu andava fazendo.

Quando eu ia a retirar-me, disse-me elle: «Eu sei o que tu fazes, tu és século de Moeneputo, e elle mandou-te vêr estas terras e estudar os caminhos; por aqui fazem-se muitas cousas que não são boas, e o Moeneputo hade querer pôr termo a isso; peço-te, que quando isso aconteça, te lembres de que eu te dei um boi, e te tratei como meu irmão; eu pouco viverei, mas então lembra-te de meus filhos, e não lhes faças mal.» Commoveram-me estas palavras do ancião. Os seus séculos vieram acompanhar-me respeitosamente até á libata do filho onde estava hospedado, e poucos deixaram, no correr do dia, de me trazer pequenos presentes, já gallinhas, já ovos e já cana de assucar. Na libata do capitão vi uma pequena plantação de cana de assucar, tão viçosa como não vi no litoral, e em que esta enorme graminea tinha um desenvolvimento descommunal.

Notei esta circumstancia, por ter julgado até então, que a uma tão grande altitude, cerca de 1:700 metros, não vegetaria tal planta.

De volta á libata, encontrei ali Francisco Gonçalves (*o Carique*), irmão do Verissimo, que, sabendo da minha chegada, vinha visitar-me.

Este *Carique*, filho do sertanejo Guilherme, como o Verissimo, é comtudo filho de outra mãe, e a elle pertence por herança materna o throno de Caquingue.

Vive junto do sova, seu tio, e é casado com uma filha do futuro sova do Bihé.

Foi educado em Benguella, e possui alguma instrucção e bastante intelligencia. Elle trazia comsigo alguns pretos que foram escravos de

seu pae, e que logo se offereceram para me acompanharem na viagem do Bihé para leste.

Assim, pois, já antes de chegar ao Bihé, arranjei alguns carregadores.

Carique, Albino, o filho do capitão, e outros que fazem commercio sertanejo, sahem d'aquelle ponto para o Mucusso e Sulatebelle, descendo o Cubango até ao Ngami, sempre pela margem direita, vão tambem negociar ao Cuanhama, paiz a leste do Humbe, na margem esquerda do Cunenene.

O artigo principal do trafico é o escravo, que em caminho trocam por bois, e estes e fazendas, por cêra e marfim.

Resolvi demorar-me ali um dia, não só para descansar e enxugar, mas tambem para me informar sobre este paiz, cujos usos já differem muito dos povos que tinha encontrado até ali. De tarde, o Carique e João Albino deram-me largas informações sobre o paiz, das quaes transcrevo do meu diario as mais curiosas.

O paiz de Caquingue limita ao N. com o Bihé, a oeste com o paiz de Moma, a leste e ao sul com povos confederados de raça Ganguela. A raça Ganguela occupa n'esta parte d'Africa um vasto territorio, e está dividida em 4 grandes grupos, os quaes soffrem ainda sub-divisões. A lingua e usos são os mesmos; mas a sua organização politica differente. No paiz de Caquingue tomam os Ganguelas o nome de Gonzellos; estão constituídos em reino, tendo um unico chefe.

Nas suas outras divisões formam confederações, muito vulgares em Africa, sendo cada povoação governada por um chefe independente. Os que demoram a S. E. de Caquingue chamam-se Nhembas, os do sul Massacas, e aquelles que vivem a leste do Bihé, Bundas. D'estes ultimos terei de fallar detidamente no correr d'esta narrativa. Os Gonzellos de Caquingue, são cultivadores e negociantes, e são, de todos os povos da Africa Austral, aquelles que mais se approximam dos Bihenos, em commettimentos de exploração commercial.

No paiz trabalham muito em ferro, e esta industria estabelece entre elles e outros povos activas relações de commercio.

Não tem a menor ideia de uma religião qualquer, e vivem com os seus feitiços, não pensando na existencia de um ente supremo que tudo dirija.

Nos mezes mais frios, junho e julho, os ferreiros Gonzellos deixam as suas libatas, e vão



estabelecer grandes acampamentos junto das minas de ferro, que são abundantes no paiz.

Para extracção do minerio cavam poços circulares de tres a quatro metros, de diametro, que não profundam mais de dois metros, de certo por lhe escacearem os meios de elevarem com facilidade o minerio a maior altura.

Visitei muitos d'esses poços junto ao Cubango. Extrahido que é o minerio que elles julgam sufficiente para o trabalho d'aquelle anno, começa a separação do ferro, que elles fazem em covas pouco profundas, misturando o minerio com carvão vegetal, e elevando a temperatura por meio dos seus instrumentos de insuflação, que consistem em dois cylindros de pau cavados de 10 centimetros, com 30 de diametro e recobertos por duas pelles de cabra curtidas, ás quaes estão ligados dois paus, de 50 centimetros de comprido por 1 de diametro. É por meio d'estes paus que um rapido movimento dado ás pelles produz a corrente de ar, que é dirigida sobre o carvão por dois tubos de pau ligados aos cylindros, e terminados por um bocal de barro.

Depois começa um incessante trabalhar, noite e dia, até que todo o metal é transformado em enxadas, machados, machadinhas de guerra, ferros de frecha, azagaias, pregos, facas e balas para as armas, e até mesmo fuzis para ellas, de ferro temperado com unha de boi e sal. Vi muitos d'esses fuzis darem fogo tambem como os do melhor aço fundido.

Durante todo o tempo que duram os trabalhos é expressamente prohibido a qualquer mulher approximar-se do campo dos ferreiros, porque dizem elles que se estraga logo o ferro. Eu creio que isto foi estabelecido para que os homens se não distraiam do trabalho, em que empregam, como já disse, noite e dia.

Findo que é o metal e transformado em obra, voltam os ferreiros a suas casas carregados com a sua manufactura, que vendem em seguida depois de terem reservado o necessario para seu uso.

Todos estes povos não admittem causas naturaes de doença ou de morte. Sempre que adoecer ou morre alguém, ou foram as almas do outro mundo (uma certa é designada) que produziu o mal, ou então foi algum vivo que fez feitiço ao doente ou ao morto. Logo que morre alguém, se os parentes não estão na localidade, mandam-n'os prevenir, e no entanto penduram o cadaver em um grande pau a 200 ou 300 me-

tros da porta da povoação, e esperam que elles venham para fazer o enterro.

Logo que elles chegam, ou se estão na localidade, procede-se immediatamente á adivinhação para saber a causa da morte.

Para isso amarram o cadaver a uma vara comprida, e pegando dois homens nas extremidades, levam o corpo ao logar destinado ás adivinhações, onde o espera o adivinho e o povo formado em duas alas.

O adivinho tomando na mão direita um coral branco, começa a adivinhação.

Depois de fazer mil momices e grande grita e de ter feito mexer o morto, que o povo acredita que mexeu sem intervenção estranha, o adivinho declara que foi a alma de fulano ou de fulana que o matou, ou então que foi feitiço dado por alguém que elle designa.

No primeiro caso, o enterro faz-se em paz, abrindo uma cova no mato, em qualquer logar indistinctamente, e lançando n'ella o cadaver que cobrem de pedras, paus e terra; mas no segundo caso, a pessoa designada pelo adivinho como feiticeiro é agarrada, e, ou paga ao mais proximo parente a vida do morto, ou lhe cortam ali a cabeça, indo dar parte do occorrido ao sova, a quem tem de levar de presente uma cabra para elle escutar o caso.

Comtudo pôde dar-se o caso de um accusado negar firmemente a sua culpabilidade na morte, e então tem direito de defesa.

Para isso, vae elle buscar um cirurgião que vem, na presença do povo, proceder ás provas da innocencia ou culpabilidade do accusado.

O cirurgião chega á presença dos parentes e do povo, e compõe uma bebida venenosa de que tomam quantidades eguaes o accusado e o mais proximo parente do morto.

A beberagem produz uma especie de loucura temporaria, e é n'aquelle dos dois em que ella se manifesta com mais intensidade que recahe a culpa da morte <sup>1</sup>.

Se é no accusado, ou paga a vida do defunto, ou morre; se é no parente, tem este de indemnizar o accusado pela accusação feita, dando-lhe logo um porco para lhe pagar o trabalho de ir buscar um cirurgião, e depois tem de lhe dar o que o accusado exigir, sejam dois bois, dois escravos, um fardo de fazenda, etc., etc.

<sup>1</sup> Isto é quasi a pratica seguida entre os Maraves, a prova do Muave. (Gamito, o Muata Cazembe.)



Antes de continuar, devo fazer sentir uma grande diferença que existe de tres entidades importantes, nos povos da Africa Austral, e que muitas vezes são confundidas.

São ellas o cirurgião, o adevinho e o feitiçeiro. Effectivamente, estas tres entidades que parecem á primeira vista ter pontos de contacto, nenhum tem na realidade.

O cirurgião fica definido pela palavra. É um curandeiro, tem conhecimento de um certo numero de plantas e raizes, que empega sempre empiricamente, bem como as ventosas sarjadas, de que faz grande uso; sendo bem certo que a sciencia de curar está muito em atraso n'aquelles paizes. O cirurgião, que nunca faz diagnostico da molestia, faz sempre o prognostico. A



CERRADO DE BELMONTE—Desenho de E. Bar, segundo um esboço do major Serpa Pinto

dosagem das plantas medicamentosas é sempre empirica, e nas suas polypharmacias entram os mais absurdos e inuteis componentes. É verdade que entre nós ainda não vae longe o uso da Triaga. O cirurgião, que é ao mesmo tempo pharmaceutico, empega durante a preparação das suas drogas, um certo numero de ceremonias e de palavras, sem as quaes ellas perderiam a virtude. Fazem grande segredo das plantas que empregam, e dão-se ares de sabios pedantes quando a esse respeito são interrogados. O cirurgião é pessoa muito importante, e muitos actos solemnes requerem a sua presença. Elle decide altas questões, porque a sua opinião pre-

valece á do adevinho (Ditangja), sendo que o cirurgião nunca a emite sem fazer antes um certo numero de remedios e ceremonias, já com plantas, já com sangue do homem ou dos irracionais, a que chamam, *fazer os curativos*.

O adevinho só adivinha, e mais nada. No caso de doença, o adevinho é sempre chamado para adivinhar se são almas do outro mundo ou feitiços, e só depois d'elle, vem o cirurgião.

Estes dois sujeitos entendem-se sempre.

O adevinho não é só consultado em caso de doença ou morte, é ouvido em tudo e por tudo, e nada se faz sem que elle adivinhe primeiro.

(Continua.)



## SUPERSTIÇÕES POPULARES EM PORTUGAL

(Continuado da folha 21)

Nas interjeições da lingua portugueza, existem certas palavras emocionaes, formadas pela contracção de phrases que se referem ao poder magico das horas; nos Autos de Gil Vicente, lê-se *Eira-má* e *Iera-má*, abreviadas da phrase vulgar e ainda actual nas Ilhas dos Açores *Eira má te leve*, por *Hora má*, e *Em hora má*. Na ilha de S. Thiago de Cabo Verde existe uma entidade magica, na crença popular chamada *Hirã*, ou *Hiram*, que suppomos ser a personificação do poder maravilhoso da hora, confundindo-se em algumas circumstancias com o Lobishomem; se uma mulher tem consecutivamente sete filhas, a ultima é *hiram*, isto é uma mulher de corpo franzino e cabeça grande, que ao fim de doze annos se transforma em serpente e vaé viver no mar. <sup>1</sup> Evidentemente ha n'esta superstição um resto do mytho indo-europeu, do dragão que symbolisa as trevas da *noite* e do inverno, e os doze annos em que se dá a transformação em serpente representam o anno solar de que a serpente é a expressão mythica. O *thesouro*, que descobre o Entreaterto ou o demonio do *pino do meio dia*, representa o Sol <sup>2</sup> ou a lua escondida pelas trevas da noite ou pelo frio do inverno. Esta concepção mythica tem o duplo sentido do solsticio diurno e annual; é a fórma diurna que se ligam numerosos mythos populares portuguezes, não comprehendidos mas persistentes na fórma de superstição e de agouro, especialmente do *pino do meio dia* e *das onze para a meia noite*. O adverbio *Embora*, contrahido da phrase *Em boa hora*, exprime este agouro geral e já inconsciente, que se acha tambem no anexam:

De hora em hora  
Deus melhora.

Nos *Apologos Dialogaes*, escreve D. Francisco Manuel de Mello: «Perguntou que mais

virtude pôde ter uma de essas Orações a tal, que a tal *hora*? Velha conheci eu já, que ensinava ás moças, que as pragas rogadas *das onze para o meio dia* eram de vez, porque todas empeciam.» (Pag. 24.) No romance de D. Garfos, vem os versos:

*Das onze para a meia noite*  
Teu tio será soltado;

significando assim mysteriosamente que será morto pela justiça do rei.

Em um pequeno artigo sobre *Superstições e festas populares das Ilhas dos Açores*, demos noticia da entidade malefica do Demonio do *meio dia*, pela seguinte fórma: «Nem só a *meia noite* é a hora tremenda dos agouros; á luz do sol, no *pino do meio dia*, é que apparecem os *Encantados*, que sabem onde estão enterrados os *thesouros*. O Encantado mostra-se de repente e traz as costas em uma braza viva; por isso procura encobrir esse tremendo defeito; dirige-se ao individuo que tem a fortuna de o encontrar, e diz-lhe: *Está aqui um thesouro. Cava aqui!* Se o individuo lhe obedece está perdido, porque é logo ali morto e enterrado; a sua segurança está em responder sempre a todas as suas intimações: *Cava tu! Cava tu!* por fim o Encantado obedece e descobre o dinheiro que está enterrado, e some-se. Para que este dinheiro se não converta em carvão, o que teve a dita de o encontrar tem de se ferir e lançar trez pingas de sangue sobre o thesouro, porque só assim é que elle se torna uma realidade. O Encantado é tambem conhecido pelo nome de *Entreaterto*.» (*Harpa*, p. 63.) Encontramos este ultimo nome em um documento da Ilha de S. Miguel, do seculo xvii <sup>1</sup>. O nosso collega Consiglieri Pedroso, no seu estudo sobre as *Tradições populares portuguezas* (*Positivismo*, t. iv, p. 39 e seguintes) traz im-

<sup>1</sup> Consiglieri Pedroso, *Positivismo*, t. iii p. 246, e *Almanach de Lembranças*, de 1872, p. 195.

<sup>2</sup> No processo de Luiz de la Penha de 1626, o Sol liga-se á ideia de riqueza: «e lhe dixé mais que se morasse da parte donde nacesse o sol que teria muitos cruzados.» (Libello, art. 6.º; ap. *Positivismo*, t. iii, p. 186; este importante processo, n.º 8179 da Torre do Tombo foi pela primeira vez publicado pelo nosso amigo Conseglieri Pedroso.)

<sup>1</sup> Na Visita do Vigario Simão da Costa Rebello, na Igreja de S. Pedro, de Ponta Delgada, em 30 de Março de 1696, se lê: «Ha n'esta Ilha umas mulheres a que chamam *Entreatertas*, que por arte diabolica affirmam que as almas vêm da outra vida a esta para atormentar os enfermos...» (Ap. *Almanach do Archipelago açoriano* para 1868.) É notavel este documento pelo caracter feminino das *Entreatertas*, que na crença popular actual se tornaram na entidade malefica do Encantado da hora do meio dia.



portantes factos sobre a generalidade da crença n'esta entidade malefica em varias provincias de Portugal, mas não explica o porquê do character magico da *hora do meio dia*. Compendiaremos aqui os principaes factos colligidos pelo nosso amigo, para tentarmos depois a restauração do seu sentido mythico. Em Lisboa, é crença que no dia de Sam Bartholomeu, quando o diabo anda á solta, isso se dá especialmente ao *meio dia*; em Villa nova d'Anços, são tambem ao *meio dia* as appariações diabolicas; no Porto, as horas aziagas chamam-se *horas abertas*, sobretudo á do *meio dia*, o que não deixa de ter sua relação com o nome de *Entreaberto* dado nos Açores a este genio malefico. Em Bragança chama-se á *hora do meio dia* amaldiçoada; no Algarve no sitio do Cerro Vermelho, é á hora do *meio dia* que apparecia o genio malefico chamado o *Homem das sete dentaduras*. Em geral, em todas as Orações populares portuguezas de esconjuração é imprescindivel a fórmula:

Nem de noite, nem de dia,  
Nem ao pino do meio dia.

É o solsticio do dia das crenças gaulezas, como diz de Belloguet.

As *cartas de tocar* para terem efficacia como se vê pelo processo de Luiz de la Penha, em Evora em 1626, só deviam ser empregadas «em sexta feira, depois do meio dia, e á segunda feira antes que saia o sol...» (Libello, art.º 17.)

A hora magica do *meio dia*, apparece citada entre os hebreus, em um psalmo; entre os gregos, por Luciano e Theocrito, Callimacho e Philostrato; entre os Romanos, pelo poeta Lucano; na Escossia é tambem magica a *hora do meio dia*, segundo Walter Scott; Gervasio de Trilbury, diz que a caçada phantastica do rei Arthur era *circa horam meridianam*, segundo a superstição commum a toda a edade media, entre os povos germanicos, slavos, e bohemios. Na península hispanica tambem se acha o *Demonio meridiano*, descrito na celebre obra inedita de Rodrigo Caro, *Dias geniales ó ludricos*. (*Diálogo* vi, § 3) escripta pelos annos de 1625. <sup>1</sup> Reconhecida a quasi universalidade d'esta crença popular, vê-se que ella deriva de um mytho solar, como se comprehende completando-a com

o poder magico da *meia noite*. O mytho solar, do deus que adoce e succumbe para tornar a resuscitar, repellindo as trevas que o assaltaram e envolveram, appresenta esta dupla acção *diurna* e *annual*, perfeitamente estudada pelos principaes mythographos europeus. Nas festas da igreja catholica, como diz Emile Burnouf, o rito christão apresenta os dois aspectos, *quotidiano*, symbolisado na missa, e *annual*, representado na paschoa. Assim como a parte *annual* do mytho solar subsiste em numerosas festas populares, como descrevemos nas *Origens poeticas do Christianismo*, (cap. iv) a parte *diurna*, é a que explica a superstição do povo pela hora do *meio dia*. É ao *pino do meio dia* que o sol declina e começa a descer para o horisonte, a perder o seu esplendor, até que a sua luz arrefece e as trevas da noite enchem o espaço; é portanto esse o momento critico em que o poder das trevas se manifesta, e d'aí o character malefico d'essa hora, que termina rigorosamente *ao dar da meia noite*, a hora em que cessam todos os encantos. <sup>1</sup> Na tradição popular portugueza as feiticeiras atravessam o oceano em uma casquinha de ovo; mas se *ao dar da meia noite* ainda estão no mar afundam-se. <sup>2</sup> Á meia noite começa o sol a subir o nosso horisonte, conforme o effeito visual, e portanto a repellir as trevas. Tal é a concepção mythica do phenomeno da natureza, em que o influxo maligno começa ao *meio dia* em ponto, e termina das *onze para a meia noite*, segundo as fórmulas esconjuratorias das orações e ainda dos romances populares portuguezes. É á *meia noite* que nasce Christo no presepio:

Em dezembro, vinte e cinco,  
Meio da noite chegado,  
Um anjo ia no ár  
A dizer: Elle é já nado.

(Rom. da Madeira, p. 3.)

Meia noite dada  
Meia noite em pino  
Lo gallo cantando  
Chorou o Menino.

(Ibid., p. 4.)

É tambem a esta crença que se liga o poder

<sup>1</sup> *Epopéas mosarabes*, p. 67.

<sup>2</sup> Para usar a Carta de tocar, ensina o feiticeiro Luiz de la Penha: «sairá a pessoa que d'ella usar á *meia noite* fóra da cidade ou villa, espaço de meia legua...» (*Processo*, art. 20.)

<sup>1</sup> Ap. Rodrigues Marin, *Cantos populares españoles*, t. 1, p. 30.



magico do *canto do gallo*, citado nos hymnos da igreja <sup>1</sup>, e nos nossos cantos populares:

Na noite d'aquelle dia  
*Antes do gallo cantar,*  
 Trez vezes negastes Christo,  
 Trez vezes a porfiar.

(Ib., p. 45.)

Gil Vicente, no *Auto das Fadas*, allude ao canto do gallo, o qual segundo as crenças do Avesta, afugenta os demonios e faz surgir a Aurora. Um anexim portuguez:

Em casa de Gonçalo,  
 Póde mais a gallinha que o gallo.

Gallinha que canta como gallo  
 Põe o dono a cavallo.

refere-se a este poder magico do gallo contra os demonios. Gubernatis allude a esta superstição: «Existe uma superstição muito espalhada na Italia, Allemanha e na Russia, segundo a qual uma gallinha que se põe a cantar como um gallo é de muitissimo máo agoiro, e crê-se geralmente que é preciso matal-a, se se não quer morrer antes d'ella. A mesma crença existe na Persia...»<sup>2</sup> Nas orações populares portuguezas, as horas venturosas annunciam-se pelo canto dos gallos:

Já os gallos cantam, cantam  
 Já os anginhos se alevantam...

(Rom. geral.)

E na *Oração do Peregrino*, a relação mythica do gallo com a luz é evidentissima, no verso: «*Canta o gallo, abre a luz.*»

Na *Confissão de umas Bruxas*, da collecção de Moreira, e pela primeira vez explorada por Consiglieri Pedroso, vem indicado o facto de se quebrarem todos os encantos e poderes malevolos ao *cantar do gallo da meia noite*: «E estando n'estes desenfadamentos e folgares, *cantava no campo um gallo preto*, que estrugia as orelhas, que devia ser algum demonio, que sempre can-

tava á meia noite a modo de gallo. E logo n'um momento se desfaz a festa e o folgar, e todos os demonios desaparecem, e os que lá tem suas amigas e mancebas as tornam n'um momento a trazer do modo que as levaram, ás suas cazas.» Garrett, eminentemente possuido do sentimento e da credulidade popular, descreve esta situação magica do poder do *canto do gallo* ao dar da *meia noite*: no seu poema digressivo da *D. Branca*:

Já indo ás duzias, em casquinha d'ovo  
 Á India de passcio n'uma noite  
 .....  
 E ai se o gallo cartou, que á fatal hora  
 Incantos quebram, e o poder lhe acaba.

Ora assim como á *meia-noite*, quando o sol se eleva no nosso horisonte, acabam os poderes malevolos da escuridão, tambem ao *pino do meio dia*, quando o sol declina, é que predominam as influencias sinistras das trevas. É esta a concepção fundamental do solsticio diurno, sobre a qual a humanidade antiga tanto mythificou; a representação d'esses poderes malevolos é puramente accidental, variando com as diversas fusões de raças, syncretismos de civilisações, decadencia de religiões, apparecendo n'uns povos o mytho ainda na sua simplicidade, n'outros a sua decadencia demoniaca, n'outros a reminiscencia automatica da superstição, e n'outros quasi que a lenda, o conto e a anedocta inintelligivel. O *Entreaberto*, o *Encantado*, e o *Homem das sete dentaduras*, só podem ser comprehendidos na fôrma demoniaca pela sua relação com o Sol que declina; da mesma fôrma que a superstição do *Canto do gallo*, e especialmente o *Lobishomem*, que termina as suas vacações ao dar da meia noite, só podem ser interpretados relacionando-os com o Sol que surge no horisonte. É em volta d'estas concepções mythicas primitivas, que se devem agrupar todos os elementos fragmentados das superstições populares.

Dos *Lobishomens*, nas crenças populares das Ilhas dos Açores, escrevemos: «Se uma mulher tem sete filhos a seguir, o mais novo de todos fica *Lobishomem*, isto é, tem de correr o seu fado; por isso, logo que é noite fechada, elle transforma-se em porco, em burro, ou qualquer outro animal, e só volta á sua fôrma natural depois de uma vacação forçada até ao *despontar da aurora*. Se durante a vacação é encontrado por alguém, se este o ferir e lhe fizer sangue, immediatamente volta á sua fôrma natural; sabendo isto

<sup>1</sup> No hymno de Prudencio:

Ferunt vagantes daemones  
 Lactos tenebris noctium  
 Gallo canente exterritos  
 Sparsim timere et cedere.

<sup>2</sup> Gubernatis, *Myth. zoologique*, t. II, p. 299.



o *Lobishomem* procura os individuos no seu caminho para o ferirem, e os que o encontram montam-lhe em cima, e dão-lhe ordem para os transportar aonde querem.» Esta mesma circumstancia do character magico do *septimo filho*, que se torna *lobishomem*, é vulgar no Porto, e na Ilha de S. Thiago de Cabo Verde; em Lamego, basta o poder de certas palavras ditas por uma bruxa; e em Bragança, o *lobishomem* é o filho das relações illicitas de padrinho com afilhada <sup>1</sup>. A vacação do *lobishomem* é entre as onze e a meia noite, segundo a superstição em Sam Christovam de Mafamude, e outros pontos de Portugal; a luz encommoda-o e enfurece-o: «Em Villa Nova d'Anços, segundo colligiu Consigliere Pedroso, crê-se mesmo que o *lobishomem* quando vê luz n'uma casa, começa aos pinotes á porta para entrar, e se consegue arrombal-a, agarra na lampada ou candieiro e foge com elle deixando todos ás escuras.» <sup>2</sup> Consigliere Pedroso compilou uma abundantissima noticia d'esta superstição popular portugueza, aproximando-a das superstições slavas e allemãs colligidas por Affanasiev e Wilhelm Hertz, mas não descobriu a sua relação com o mytho solar da meia noite, que se completa com o *Entreaberto*, do mytho solar do meio dia. A superstição do *Lobishomem* acha-se em França, e Bonnafox descreve-a, dizendo que os que seguem este fadario vão a um dado logar vestir uma pelle de lobo. Em Portugal temos ainda o adagio: *Quem não quer ser lobo não lhe veste a pelle*. É esta a fôrma simples por onde se recompõe o mytho commum a todos os povos indo-europeus; é por meio da *pelle do lobo* que a Aurora se transfigura em noite. (Gubernatis, *Myth. zool.*, t. II, p. 153.) E n'uma metaphora espontanea, Lafontaine ainda diz em uma fabula: «Ce n'était pas un loup, ce n'était que l'ombre.»

Nas tradições scandinavas é que o Lobo conserva completo o seu character mythico: «Se Gunnar (o heroe solar) perde a vida, o lobo torna-se o senhor do thezouro e da herança de Nifl... (Importa notar que o *Entreaberto*, ao pino do meio dia, revela um thezouro.)—Todas estas particularidades dependendo da lenda do lobo no Edda, concorrem a appresentar-nos este animal como um *monstro tenebroso*. A noite e o

inverno são as epochas do lobo, de que se trata no Voluspa; os deuses, que segundo a tradição germanica entram nas *pelles dos lobos*, representam o sol occultando-se na noite, ou a estação nevosa do inverno (d'aqui o lobo branco demoniaco, que segundo um conto russo se acha no meio de sete lobos negros.) Quando o heroe solar se torna lobo, este lobo é de uma natureza divina; quando ao contrario, o lobo está sob a sua propria fôrma de demonio, é de uma natureza inteiramente maligna. O condemnado, o criminoso que se prescrevia, o bandido, o *ullugatus*, ou *outlav*, levava, dizia-se, na edada media uma *caput lupinum* (em inglez *wulfesheofod*; em francez *teste leue*.) <sup>1</sup> A pelle mythica tornou-se um objecto cultual, entre os Sabinos, cujos sacerdotes da divindade infernal Sorano, representado em fôrma de lobo, se vestiam com ella como os nossos padres com as dalmaticas; eram por isso chamados *Hirpi* (em sabino, lobo.) <sup>2</sup> Os cultos magicos são geralmente orgiasticos, e por isso não admira, que certas populações como os Neures e os Arcadios se tornassem lobos regularmente, isto é, se entregassem á orgia nocturna do culto *hirpino*. D'aqui a confusão do bandido equiparado ao lobo, *Wargus*, e affrontado pelo symbolo da sua proscricção, levando figurada uma cabeça de lobo. Por ultimo, sabemos que os costumes e as crenças reagem sobre as concepções, isto é, a realidade objectiva impõe-se ás vezes á subjectividade mental, quando ha um desarranjo pathologico do cérebro; a *lycantropia* é esta fôrma de hallucinação, que se revelou mais intensa á medida que as condemnações canonicas da Igreja perseguiram as crenças polytheistas da edade media da Europa. De tudo isto, persistiu apenas a fôrma da superstição popular, através de todas estas decadencias, mas com elementos desconnexos bastantes para reconstruir a sua importancia mythica, e por consequencia a sua expressão da mais primitiva concepção da humanidade.

<sup>1</sup> Gubernatis, *Mythologie zoologique*, t. II, p. 157.

<sup>2</sup> Na festa de *Jul*, ou o natal dos germanos, vestiam-se pelles de feras, com as quaes vagueavam. Alfr. Maury, *Fées*, p. 58.

(Continúa.)

THEOPHILO BRAGA.

<sup>1</sup> Ap. Consigliere Pedroso, *Positivismo*, t. III, p. 245 e 246.

<sup>2</sup> *Ibid.*, p. 249.



## CRUZEIROS NA COSTA D'AFRICA

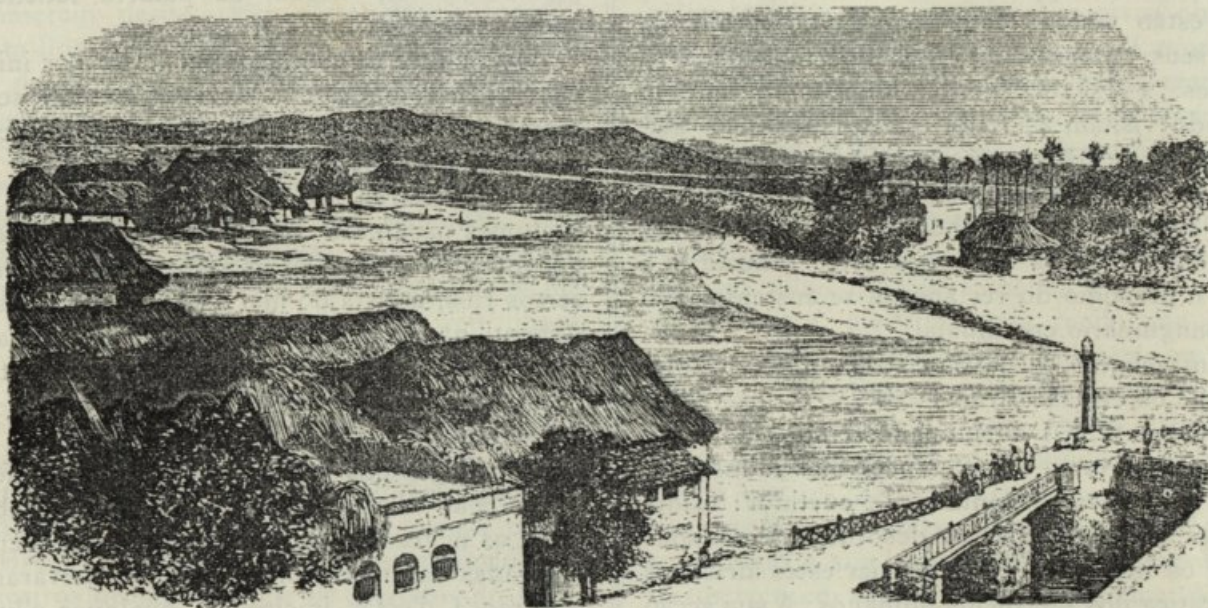
(Continuado da folha 21)

**P**UTR'ORA os reis do Dahomey escondiam-se n'um palacio rodeado pelos seus guardas e só se mostravam ao povo em dias de festa; o actual soberano é mais accessivel e dá audiencia todos os dias; chama-se Bahadon e succedeu a Guéjo. Por occasião da coroação d'um novo soberano os governadores de provincia devem levar a Abomé presentes, em troca do que o soberano lhes concede pequenos favores, que elles recebem com grande humildade.

Os grandes officiaes da corôa acompanham o rei nas ceremonias, que são pomposas. O *agaou*

é uma especie de condestavel que exerce o poder militar; o *tamega* ou *mingou* tem a seu cargo o poder civil; o *paca*, ou carrasco, e o *adanda*, ou seneschal, completam a serie dos grandes dignatarios. O *adanda* ou *papou* tem a seu cargo mandar executar todos os fugitivos. As amazonas do rei formam o nucleo mais solido do exercito dahomeyano e arrecadam muitas vezes as contribuições de guerra que antecedem ou seguem as derrotas.

A politica externa, a justiça, as finanças estão confiadas a ministros especiaes. Esta divisão



RIO D'ELMINA — Desenho de A. de Bar, segundo uma photographia

de poderes indica que estes pretos têm tradições remotas.

A instituição dos enuchos, que apenas servem para vigiar as mulheres do harem do soberano, tornou-se aqui uma instituição governamental. Os *lagredis* ou enuchos são escolhidos d'entre os filhos dos senhores; desde a sua infancia são submettidos ao uso de certas bebidas que lhe fazem perder a virilidade; o chefe d'esta classe desempenha na côrte papel importante e faz parte do conselho d'Estado. Os embaixadores nunca sahem sem serem acompanhados de dois *lagredis*, que devem vigiar todos os seus actos e dar directamente conta ao rei do seu proceder.

Por assim dizer só de nome no Dahomey existem laços de familia. As creanças do sexo masculino na mais tenra idade são entregues ao rei. As raparigas tambem não escapam á sua omnipotencia, pois que não podem casar sem o seu consentimento; as mais bonitas e vigorosas servem para o seu harem e para o seu regimento d'amazonas; as outras são destinadas a mitigar as severidades proclamadas contra o adulterio; são cortezãs encartadas e entregam dos seus salarios um tributo ao rei. A obediencia é passiva; a descripção a primeira das leis; a alegria do lar é aqui desconhecida.

Quando o soberano do Dahomey morre, dois dos grandes dignatarios escolhem o seu succes-



sor e scenas de violencia e de carnagem têm logar no palacio, até que o herdeiro do throno venha reclamar a successão do pae defunto. Deve ter nascido d'uma princeza que toma o nome d'Ada.

Calcula-se que o Dahomey, apenas com uma fronteira maritima de trinta milhas, se estende para o interior umas cento e cinquenta milhas; as successivas guerras emprehendidas pelo pae do rei actual diminuiram consideravelmente a população do Estado, população actualmente calculada em pouco mais de duzentas mil almas. Em 1862 Guezo não pôde tomar d'assalto Abeonkonta, a que tinha declarado guerra, e n'estas lutas as suas mais intrepidas amazonas encontraram a morte.

As finanças do Estado receberam um golpe mortal com a suppressão da escravatura. Os cofres estão vãos: longe d'imitar a liberalidade dos seus antepassados, Bahadon multiplica as multas, e os seus gentis homens imitando-o quando visitam as feitorias, raramente as deixam com as mãos vazias, sendo impossivel contar com o pagamento dos objectos subtraídos. Hoje o exercito do Dahomey é apenas de dez mil homens e as amazonas estão reduzidas a mil; o prestigio do rei apenas se sustenta pelo seu sanguinario ceremonial.

Em religião os povos do Dahomey são tolerantes; os cultos estrangeiros são ali exercidos publicamente. Os musulmanos vindos do valle do Nige exercem algumas pequenas industrias, entre as quaes se conta a de curtidor: esforçam-se por apasiguar as desordens levantadas entre os indigenas e por desviar estes africanos da pratica dos sacrificios humanos. A sua acção é benefica.

A religião do Dahomey assenta n'um naturalismo grosseiro. Priapo, que parece ser o chefe d'este pantheon, é designado com o nome de Ebo ou Bone; está representado em todas as encruzilhadas de Whydah, sob fórma horrenda, e que é esfregada com sangue quando se lhe offerece um sacrificio. Os animaes são adorados; Eddou, um pequeno macaco engraçado, tem templos; os crocodilos são fetiches; o raio é personificado sob o nome de *chango*.

A serpente é uma das divindades tutelares. O papel desempenhado pela serpente nos antigos mythos é consideravel; é provavel que um laço una a serpente d'Epidouro a Urins, que entre os Egypcios symbolisava a realza e a divindade, e que a serpente do Dahomey não faça exce-

ção á regra; as que estão fechadas nos nichos sagrados de Whydah são pequenas boas negras, de dez a doze centimetros de diametro: o comprimento não attinge dois metros; têm o nome de *dam* ou *dacon*. Os Dahomeyanos têm a serpente como representante da grande serpente celeste, dispensadora das riquezas. Os cafres zulus vêem no arco-iris a imagem da serpente. O culto da serpente está espalhado por toda a Africa.

Em Africa os feiticeiros formam uma poderosa corporação; em Whydah usam um bonné branco; muitas vezes vestem-se extravagantemente e trazem o fato coberto de campainhas; praticam bastantes extorsões e vivem do producto das offerendas feitas aos idolos; accumulam as funcções de medico com as de feiticeiro. A palavra *fetchat*, origem da palavra fetiche, é *yoloff* e significa medico.

Esta classe de homens recruta-se por iniciação; têm reuniões e as decisões que ahi se tomam e os exorcismos ahi praticados são feitos em linguagem desconhecida pelo vulgo.

Os feiticeiros são conservadores natos dos costumes nacionaes e o soberano não está isento dos interdictos por elles impostos: certas carnes, certos rios, a vista do mar são-lhe prohibidas. O Ashanti não pôde atravessar o Tando, o Dahomeyano não pôde vêr o mar; não podem tambem usar armas para além de Popo e Porto-Novo, seus limites a este e a oeste.

O collegio das mulheres é gerido por feiticeiros e as filiadas devem-lhe obediencia absoluta: as negras de Cayenna, desde dois seculos separadas da origem primordial, conservaram a lembrança d'estas iniciações; qualquer allusão feita a este assumpto provoca represalias que se traduzem geralmente em murros

### XXIII

Lagôas—Porto-Novo—Lagos—Linguas—Emigração  
—Superstição—Missão christã—O Bénin

A lagôa de Lagos, que se alastra desde Cotonou até Bénin, com o qual communica pela quebrada d'Effra, recebe no seu ramo occidental os rios d'Oono, Oopara e Ogoun; o Oona separa o Dahomey de Porto-Novo.

Descendentes d'um ramo lateral dos soberanos do Dahomey, os chefes de Porto-Novo têm podido, graças ao parentesco, conservar a sua independencia.



As difficuldades provenientes da falta de fronteiras maritimas levaram o chefe de Porto-Novo a pedir o protectorado francez. As nossas antigas relações legitimavam este proceder; a nossa feitoria de Whydah tinha uma succursal em Porto-Novo; o nosso protectorado foi aqui estabelecido em 1863 pelo vice-almirante, barão Didelot, que então commandava a divisão naval franceza das costas occidentaes d'Africa; o tratamento dado pelo rei ao residente francez, o capitão de fragata Lefort, obrigou o vice-almirante Lafou de Ladebat, que succedera ao barão Didelot, a retirar ao rei de Porto-Novo o protectorado que a França lhe dispensára.

A posição commercial de Porto-Novo, que recebe em primeira mão as mercadorias vindas de Yarriba, melhorou com a cedencia de Cotonou, feita pelo rei do Dahomey á França. O nosso commercio desde 1867 restabeleceu feitorias n'esta lingua de terra, situada em frente da lagôa de Notkoné. Porto-Novo pôde assim ter relações com o mar.

Situado a meio caminho de Lagos e Porto-Novo, Badagry teve já os seus dias d'explendor; pôde resistir ás invasões de Dahomey, cujo exercito soffreu na sua costa uma tão completa derrota, que o rei Guéjo-Trudo jurou pelos manes de sua mãe e sobre a cabeça de seu filho tirar estrondosa vingança; os preparativos foram tão bem feitos, a chegada das tropas tão subita, que Bagadry viu seis mil craneos dos seus mais esforçados guerreiros servirem de trophéos ao rei Guéjo, a quem os bardos officiaes poderam então exaltar á sua vontade o seu grande poder.

Badagry restabeleceu-se d'estes abalos; os feiteiros declararam que os exercitos do Dahomey não tornariam a passar o Oono.

O seu commercio reanimou-se. Mais feliz que Porto-Novo possuia sem partilha a costa do mar e por isso não era prejudicada pela inveja de visinhos.

A cidade, situada na margem esquerda da lagôa, a tres milhas do mar, estava no passado seculo ao abrigo dos ataques dos navios de guerra; os francezes, os inglezes e os portuguezes tinham ali fortes ou feitorias fortificadas; Bagadry está dividida em bairros correspondentes á antiga occupação. Desde 1863 que os inglezes a governam com o mesmo direito com que governam Lagos.

Esta povoação communica facilmente com o valle do Niger; a 7 de dezembro de 1825 serviu de ponto de partida á Clapperton, que a deixou

para se embrenhar no interior; ahi chegou Lander depois de ter estudado as boccas do Niger.

Lagos é uma d'estas posições que se impõe ao commercio. Situado n'uma ilha pouca elevada, limitada ao norte pelo lago Cradon está em communicação directa com o Yarriba, cujos rios vem desagoar nas lagôas que formam um delta ininterrompido desde Godomé até Bénin.

As vantagens d'esta posição não tinham escapado aos antigos negociantes e as companhias francezas crearam ali feitorias, pois assim o attestam os documentos de Luiz XIV que mencionam um forte situado em Lagos, então conhecido pelo nome d'Ichou.

Ao abandonar-se as antigas feitorias europêas ficaram existindo em toda a costa uma população de mulatos que monopolisaram nas suas mãos a escravatura. A encarniçada guerra fei'a pelos inglezes á exportação d'escravos obrigou esta nação a vigiar particularmente Lagos e ali estabeleceu um agente central encarregado de desviar os povos d'este trafico. Dous chefes dividiam entre si a soberania d'esta região, Cocioco e Akiloye. O primeiro tratado regular feito com a Inglaterra foi assignado em 1854 pelo consul inglez Benjamim Cambell e Cocioco. Em 1861, Docemo, filho d'Akiloye, cedeu á Inglaterra os seus direitos, mediante uma renda annual de quatro contos e quinhentos mil réis; em 1862 Cocioco cedeu Palmas e Lecké. Desde então o poder da Inglaterra n'esta região estende-se desde o rio Opara até ao Jabbou e ao Lecké.

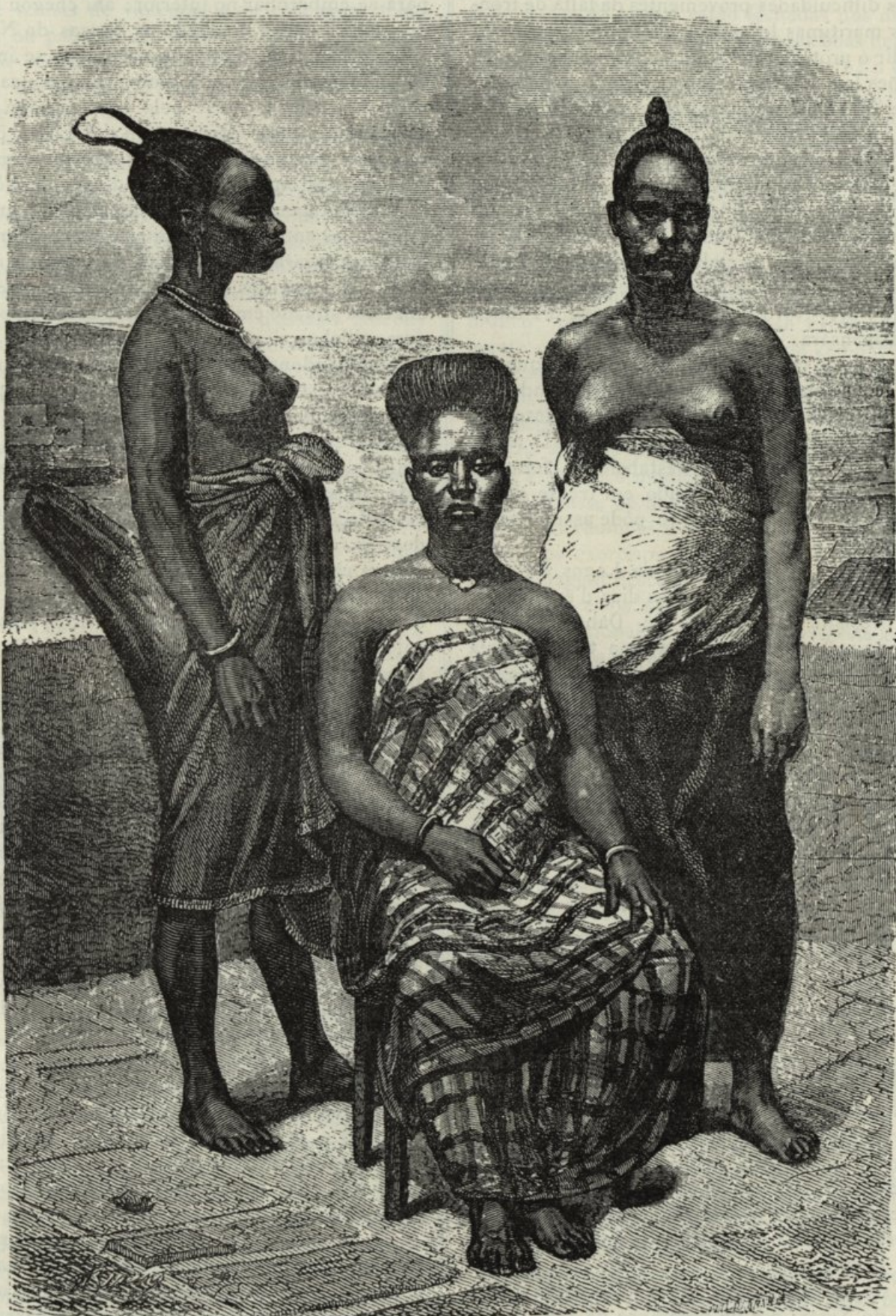
Os estados marginaes do rio e os territorios situados ao norte do lago Cradou têm até agora conservado a sua autonomia. As principaes tribus pertencem aos Egbas e aos Ibadans. Alguns d'estes povos são governados por um conselho d'anciãos.

Abékouta, cidade de oitenta mil almas, é a mais populosa d'estas cidades; o rei do Dahomey não a pôde conquistar d'assalto em 1862; pertence aos Egbas, que têm um rei.

Freeman, missionario anglicano, viu ali, em 1842, uma porção de cavallaria foulana, de que admirou o ar marcial. A invasão musulmana e as revoluções causadas pelas conquistas de Dahomey sem duvida tem contribuido para a constituição d'estes pequenos estados.

A parte oriental da embocadura do rio de Lagos é defendida por um banco d'areia que é preciso contornar para entrar no rio; o mar muitas vezes quebra-se furioso n'esta barra; geralmente a corrente é muito forte e como em





MULHERES D'ELMINA — Desenho de A. Rixens, segundo uma aquarella de M. Leonard e segundo uma photographia



quasi todas as barras africanas é preciso aproveitar a meia maré para a entrada. Esta barra era antigamente julgada a mais perigosa. Desde que os vapores tendem a substituir os navios de vella, Lagos tem vapores que vão ao largo buscar passageiros e correspondencia, e as communicações são desde então d'uma tal facilidade que o commercio duplicou-se.

Logo que se entra no rio vê-se que uma cidade europêa ali se desenvolve rapidamente: pontes-caes permitem aos navios o ancorarem ao longo da margem oriental.

Casas de diversos andares enfileiram-se ao longo do caes; pateos espaçosos ornamentados d'arbustos e d'elegantes mosaicos, feitos com conchas, dão entrada para as casas; jardins po-

voados de laranjeiras e de todas as especies d'arvores de fructo proprios dos tropicos rodeiam de sombra estas habitações; os soalhos são envernissados e a materia com que o são desapparece aqui deante da arte; esse formoso polido é dado pela applicação repetida de bosta de boi, por meio da qual se defendem contra os insectos. Este processo é descripto por Vogel como commum aos povos de Borneo. Os negociantes, abrigados por estes muros espessos, gosam d'um bem estar incontestavel, e o viajante poderia esquecer-se que estava em Africa, se os mosquitos o não torturassem. Só se pôde dormir aqui tendo o cuidado de se cobrir com um mosquiteiro; o calor, a febre, a transpiração que nos inunda n'estes leitos abafadiços têm o cuidado de nos



PENTEADOS D'ELMINA—Desenho de A. Rixens, segundo uma aquarella de M. Leonard, tenente de marinha

lembrarem que estamos em terras d'Africa. Os telhados das casas variam, segundo os haveres e a phantasia de cada um; ha de todos os generos, desde o humilde colono até as mais reluzentes telhas; os terraços não foram adoptados nas colonias inglezas. A Gorêa é a ultima cidade que conservou esse character oriental; os ensaios feitos no Bassam e no Gabão não deram resultado; os terraços defendiam mal as casas das chuvas diluvianas d'estas paragens. Um templo orna a cidade nova d'architectura gothica, onde as missões catholicas exercem a sua propaganda.

Em 1867 entrei em Lagos a bordo do *African*, aviso da estação naval franceza que eu commandava e o governador Glover quiz dar-nos uma festa propria para nos recordarmos com saudade da sua hospitalidade e para patentearem o progresso de Lagos. Muitas mulheres elegantemente vestidas acceitaram o convite. Um

baile europeu é um caso extraordinario em Africa, onde o clima e os costumes prendem todos á vida domestica. A senhora Lewis, esposa do secretario colonial, filha de Benjamim Campbell, antigo consul d'Inglaterra, reunia as graças do seu sexo ao conhecimento perfeito da nossa lingua. A hospitalidade do governador Glover era já bem conhecida. Quando Gerhard Rohlfs se viu na impossibilidade d'atravessar o Onadaï para regressar á Europa pelo Egypto, dirigiu o seu caminho para o sul e chegou a Lagos, onde o governador Glover lhe fez o acolhimento mais cordial.

A maior parte dos sessenta mil habitantes de Lagos pertencem ás raças dos Nagos; as suas tradições dizem que elles chegaram áquella costa embarcados e que os seus barcos ancoraram não longe do logar onde está situada Abéoukouta. Não procurarei calcular o numero de seculos



que foram precisos para entolhar este golpho. Limitar-me-hei a dizer que elle hoje fôrma um delta de dezoito leguas. Já vimos que os habitantes do cabo Monte tem uma tradição analoga e que pertendem descender d'uma colonia da Gorèa.

O vestuario dos habitantes de Lagos appoxima-se do vestuario dos mouros; os homens usam uns calções leves apertados no joelho; as mulheres envolvem a cabeça n'um turbante e usam tanga.

(Continúa.)

## MEMORIAS DO ULTRAMAR

VIAGENS, EXPLORAÇÕES E CONQUISTAS DOS PORTUGUEZES  
COLLECÇÃO DE DOCUMENTOS

POR

LUCIANO CORDEIRO

1574-1620

DA MINA AO CABO NEGRO

SEGUNDO

GARCIA MENDES CASTELLO BRANCO

(Continuado da folha 22)

**Q**UE VOSSA Magestade mande ao provedor de sua fazenda cobre os direitos dos navios que vão ao porto de Angola, de Sevilha, e de S. Lucar, e de todos os portos de Castella, como se paga na cidade de Lisboa aos navios que levam fazenda de Castella, que importará a Vossa Magestade 4:000<sup>000</sup> ou réis 5:000<sup>000</sup> cada anno, e até agora se não tem cobrado cousa alguma.

Que os portuguezes que vão a Castella em seus navios de Portugal lhes fazem pagar tudo o que levam e o cobram com grandes destruições e damnos dos mestres dos navios portuguezes.

Item que os que aforarem os ditos sobas não perturbarão nem mandarão perturbar as feiras reaes á sombra de irem ou manderem cobrar o dito aforamento ou semear suas novidades que fizerem os ditos sobas, sob pena que a fazenda que lhes for achada para esse effeito ser perdida para a fazenda de Sua Magestade, e se pagar com ella aos soldados.

Que as pessoas que aforarem os ditos sobas procurarão por elles em todas as causas que se lhes moverem de qualquer qualidade e condição que sejam, com seus proprios.

Que assim mandarà Vossa Magestade aforar todas as terras baldias que estão ao longo de Loanda, posto que sejam dadas por qualquer

governador que seja, deixando porém uma legua ao redor da dita cidade, para baldios dos gados que será do concelho, e nunca em tempo algum os governadores poderão dar nem repartir a pessoa alguma a dita legua de terra em circuito, que são para pasto dos gados dos moradores da dita cidade.

Em Madrid, a 16 de janeiro de 1620.

III

1621 <sup>1</sup>

Primeiro reconhecimento e conquista de Angola—Projectos de colonisação—Descripção do paiz—Creação de gado cavallar—Fortificação de Loanda—Guerras—Missões religiosas.

O capitão Garcia Mendes Castello Branco, um dos primeiros conquistadores do reino de Angola, tem dado a Sua Magestade um memorial do que lhe pareceu se devia fazer ácerca dos fidalgos negros d'aquelle reino, a que chamam sobas, que estão debaixo da vassallagem de Sua Magestade, que aqui recitará a v. s.<sup>a</sup>

<sup>1</sup> Esta data é simplesmente fundada no facto de dizer Garcia Mendes, no documento que ha quarenta e seis annos que serve em Angola.



mais distinctamente do que o fez em o dito memorial.

E porque ha entendido que o conselho ha reparado no que se ha proposto por dito memorial, especialmente no particular de se haver de aforar aos conquistadores e moradores da cidade de S. Paulo e á mais gente portugueza dos presidios, ditos sobas, por serem gente livre e que sendo não será licito fazerem-se os taes aforamentos de suas terras, responderei dando as causas e razões que me occorrem, pelas quaes me parece que não tão sómente se hão reputar e ter por sujeitos e tributarios, mas que justa e licitamente podem ser captivos de Sua Magestade e de vossos vassallos que os conquistaram e para que Sua Magestade veja e considere e mande ver, sendo servido no seu conselho, farei aqui uma narração verdadeira do que sei em quarenta e seis annos que ha que continúo em dita conquista, e do que ouvi a Paulo Dias de Novaes, primeiro conquistador e governador d'aquelle reino, e outras pessoas a que se podia dar credito, e da origem que teve esta conquista.

E foi que em tempo da Senhora Rainha D. Catharina, que está em gloria, partiu por mandado seu o dito Paulo Dias de Novaes, de Portugal, a reconhecer o dito reino de Angola, que seu avô Bartholomeu Dias havia descoberto, levando comsigo, em tres caravellas que a dita Senhora Rainha lhe mandou dar, alguma gente, com presupposto de concertar com o rei que então reinava houvesse trato e commercio e o reduzir á christandade, para cujo effeito levava comsigo alguns padres da Companhia de Jesus e um presente de importancia para o dito rei, o qual recebeu e aos que o levavam com mostras de amor e amizade, e lh'o levou o dito Novaes a Dongo, d'onde residia, levando comsigo quinze ou vinte homens e os padres, deixando a mais gente nas caravellas, na barra do Coanza, d'onde havia aportado, com ordem que se tardasse até certo tempo se partisse para Portugal, como fizeram, porque o dito rei captivou ao dito Paulo Dias com a gente que levava e aos padres da Companhia, e os teve captivos por espaço de annos, até que obrigado da necessidade e aperto em que o havia posto um vassallo seu, poderoso por nome Quiloange Quacoango, que se lhe havia rebellado, movendo-lhe grande guerra, concertou com o dito Novaes que fosse a Portugal a buscar-lhe soccorro, deixando-lhe em refens os ditos padres da Companhia, promettendo-lhe

que levando-lhe dito soccorro se conseguiria seu intento do trato e commercio e o mais que pretendia.

E assim foi dito Novaes a Lisboa a dar conta d'isso a El-Rei D. Sebastião, que está em gloria, que então reinava, do que se offerecia n'esta empreza, e Sua Alteza mandou que tornasse dito Novaes ao dito reino de Angola a soccorrer o rei, e para esse effeito mandou se aprestassem as embarcações, armas e munições necessarias, com setecentos homens que foram n'esta jornada e por cabo d'elles o dito Novaes, e no tempo que chegamos com a nossa armada ao porto que agora se chama Loanda, cidade de S. Paulo, o dito rei de Angola nos mandou receber por embaixadores seus com mostras de amor e amizade e dadivas de peças, mantimentos, gados e outras coisas, e a elle lhe mandou tambem o governador Paulo Dias, o presente que lhe levava da parte de Sua Alteza, e o soccorreu logo com gente para a guerra que trazia e lhe foi de tanta importancia o soccorro que com elle sujeitou o dito vassallo rebelde e ficou quieto e pacifico em seu reino, e como esteve, mandou por embaixadores seus render as graças do beneficio recebido ao governador e dizer-lhe que se aprestasse e fosse marchando pela terra dentro para conseguir seu designio de trato e commercio e o mais que haviam assentado e que os embaixadores levavam a ordem para nos acompanhar e assegurar dos da terra; e assim nos pozemos ao caminho, via de Cambambe, tanto pela commodidade da navegação do rio Coanza, como pela expectativa que tinhamos de que ali, n'aquelle contorno, havia minas de metaes, e por ficarmos perto de Dongo, d'onde o rei tinha sua côrte, e melhor se poder communicar o commercio, o qual se continuou por espaço de alguns annos com paz e amizade, em que iamos com grande prosperidade e o gentio estava mui contente do bom trato e correspondencia que com elles tinhamos e das mercadorias que lhe levavamos para o resgate das peças, marfim e fructos da terra, e assim com muita confiança ia nossa gente pela terra dentro a fazer resgates e feiras, e debaixo d'esta paz e nossa boa fé dito governador mandou coisa de vinte homens, de que ia por capitão um seu parente que se dizia Pedro da Fonseca, com recados a dito rei e outras gentes, a quem levavam fazendas para resgatar, e o rei os mandou pôr em terreiro, que é a audiencia, e lhes disse que o rei de Congo lhe havia mandado avisar por um



embaixador que ali estava que o governador Paulo Dias lhe ia tomar seu reino para tirar d'elle a prata e mais riquezas que n'elle havia, e sem embargo de que o dito capitão Fonseca deu razões mui vivas de que não era tal nosso intento, senão de commercio e trato amigavel, e convenceu ao dito embaixador do rei de Congo, o de Angola mandou dividir a nossa gente dizendo tinha para fazer certas festas com os negros, e ordenou-se-lhes cortassem as cabeças a todos os portuguezes e assim aos seus escravos que levavam, que eram muitos, ficando-se com grande quantidade de fazenda que ali tinham, que valia mais de um milhão de oiro, e logo mandou dito rei embaixadores a dito governador Novaes, avisando-lhe que não passassemos d'aquella parte d'onde elles nos achassem, e nos acharam no penedo que agora se chama de S. Pedro, junto de Coanza, e vendo o governador isto entendeu devia ser alguma trama, que até então não havia sabido do successo referido, e entrou em conselho, e se tomou a resolução de que nos retirassemos a Anzele, dez ou doze leguas da cidade de S. Paulo e tres ou quatro de Coanza e outras tantas do rio Bengo para ficarmos n'aquelle meio.

Ali fizemos um forte de madeira d'onde asentámos a artilheria que levavamos, e a cabo de vinte dias soubemos da crueldade e traição que havia ousado o dito rei, com a qual nova mandou dito governador apregoar guerra contra elle, e desde então se foi continuando, e todo o gentio seus vassallos se retiraram fazendo-nos guerra cruel e tolhendo-nos os mantimentos, procurando fazer-nos perecer á necessidade e fomes, e assim as passámos grandissimas, porque não havia que comer mais que o que se alcançava com a espingarda e o traziamos ás costas com grande risco das vidas, porque até a nossa gente preta nos desamparou.

E sem embargo de que tudo foi procedido da embaixada maliciosa do rei de Congo, não escusa ao de Angola da grave culpa que commetteu na traição que fez, que nos deu causa a mover guerra contra elle e contra seus vassallos e sobas, com quem a tivemos mui continua, com perda de muita gente nossa e de escravos e fazendas, e de setecentos homens de guerra que fomos ficaram sómente vivos cento e cincoenta, com que continuámos a conquista pela banda de Quiçama, com favor de um fidalgo, vassallo do dito rei de Angola, por nome Mochima Quitangombe e Quizua, por nos pedir soccorro contra

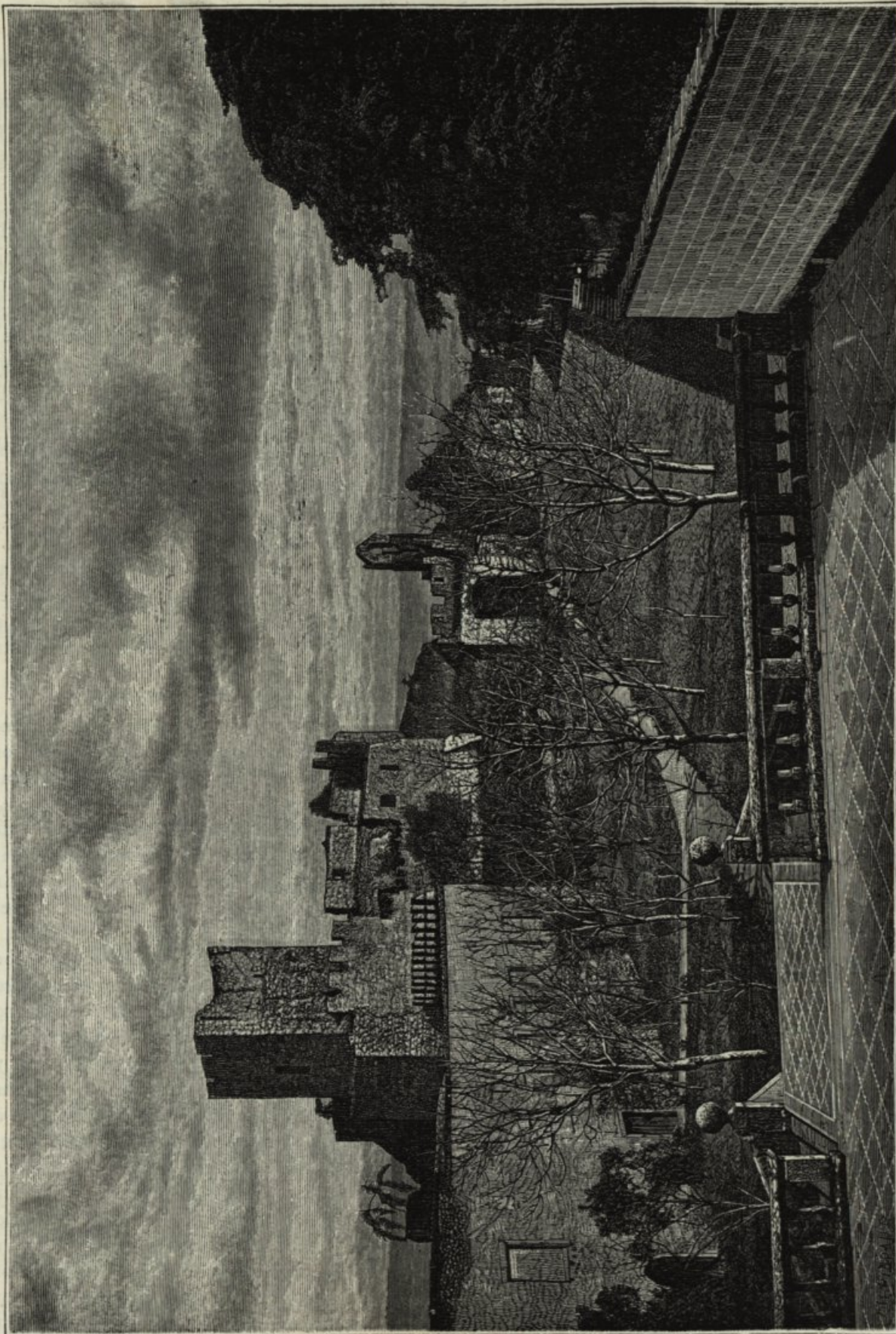
uns imigos seus, e assim fomos seguindo até chegar a Macumbe, de longo do rio Coanza, adonde estivemos tres ou quatro annos, até nos ir soccorro que foi de Portugal com um Diogo Rodrigues dos Colos, com que fomos conquistando mais terras das que hoje temos, ganhando-as por força de armas, e assim parece que licitamente se poderá tomar por captiva toda esta gente, e Paulo Dias, sendo governador, os dava por captivos aos conquistadores, por doação de juro e herdade de sesmaria, para os poderem conquistar e senhoriar, dizendo ser conforme ao regimento da mesa da consciencia, e assás piedade se ha usado com esta gente e se usará em ficar sómente sujeita debaixo de vassallagem para haverem de pagar um tributo moderado a Sua Magestade ou ás pessoas a que se aforem, pagando o que costumavam pagar ao dito rei de Angola, como o digo em meu memorial sobre o aforamento de ditos sobas, quanto mais que se lhes faz grande bem em aforarem-se pelas razões que tenho referidas, de que mediante Deus resultará serviço seu e de Sua Magestade e bem commum.

Porque a pessoa a quem se aforar o soba será seu protector e procurará amparal-os e defendel-os de agravos que costumam fazer-lhes governadores e capitães de companhias e fortalezas e soldados, tyrannizando-os continuamente, quanto mais que pôde haver, parecendo a Sua Magestade um padre da Companhia que seja protector de ditos sobas e fazer-lhes guardar os privilegios que Sua Magestade lhes manda dar.

E se cultivarão as terras, que são fertilissimas, que n'ellas nascem e se criam todas quantas sementes se lhe deitam, assim das que vão de Portugal, como do Brazil e outras partes, e ha muita criação de gado vacum manso com que se poderão lavrar, e deixou-se de fazer até agora por não haver portuguezes que façam conta de viver de assento n'aquellas partes, por ver que as terras que se haviam dado por doação aos conquistadores que as ajudaram a ganhar, com risco de suas vidas, se lhes tirarão, e aforando-se-lhes por mandado de Sua Magestade as terão por seguras e procurarão lavral-as e fazer engenhos de assucar e outras grangeerias, e se estenderá por aquelle reino a nossa gente, e se poderão vir a fazer povoações, com que se accrescentarão os dizimos da igreja e a real fazenda de Sua Magestade.

(Continúa.)





THOMAR — CASTELLO DOS TEMPLARIOS  
Gravura de Hildibrand, segundo uma photographia do distincto amador e nosso amigo o Exc.<sup>mo</sup> Sr. Carlos Itavras



## O CASTELLO DOS TEMPLARIOS

**S**E HA MONUMENTO no nosso paiz, de cujas ruinas se possam evocar as mais encontradas recordações—tristes e gloriosas, jubilosas e sombrias, docemente sympathicas e tragicas sinistramente—é com certeza o Castello dos Templarios.

Cada uma das suas pedras é, por assim dizer, a pagina de granito onde atravez da nebrina dos seculos pôde lêr-se ainda hoje a historia de uma das mais notaveis instituições da Edade Media; por debaixo de cada uma das alas das suas meio derrocadas arcarias parece ainda ouvir-se, como nos dias de grandeza da Ordem, a palavra de senha, compassada e severa dos graves cavalleiros, que, como a biblica legião dos archanjos sempre se achavam prestes para o combate; no alto das suas quasi derruidas ameias afigura-se-nos ainda vêr desenhar-se, circundado por uma vaga aureola de santidade e bravura, e esbatendo-se no meio crepusculo do cair da tarde, o vulto marcial dos freires, empenhados n'uma lucta de morte contra os inimigos da cruz, enquanto pela ladeira do monte se precipitam em apressada fuga os esquadrões agarenos de Yusuf Abu Yacub, deixando fluctuar ás brisas do Nabão os seus alvos burnozes, semelhantes ás azas de um enorme bando de aves de rapina, que se tivesse abatido sobre a encosta.

E depois, se mais de perto tornamos a interrogar os restos do castello edificado por Gualdin Paes, se n'uma hora de recolhimento mais intimamente perguntamos a essas ruinas do passado a que dramas assistiram, que revoluções ou que luctas em volta d'ellas se deram, que dias de gloria lhes douraram os cimos, ou que horas de desventura sobre ellas desdobraram atra nuvem de tristeza, outras recordações nos respondem, como que chamando por um momento á vida as variadas peripecias e os multiplices episodios dos tempos que já lá vão.

Assistimos então em espirito ao nascer d'essa ordem, que de um humilde berço na Palestina se espalhou por toda a Europa, chegando até ao nosso Portugal, logo no seu começo, fortalecida na piedade dos povos, que no braço forte dos seus membros se haviam acostumado a vêr um invencivel ante-paro. Acompanhamol-a a Chypre onde já os seus grão-mestres poderosos como reis, ricos como nababos, dissipados como car-

deaes da Renascença, desafiavam em sua incomparavel altivez a todos os soberanos da terra, impondo-se aos proprios pontifices, que se sentiam pequenos diante de tão deslumbradora auctoridade. Presenciamos os symptomas precusores da sua decadencia e depois esta decadencia cada vez mais accentuada, quando primeiramente as conspirações surdas e disfarçadas, mas por ultimo ousadas e abertas dos monarchas temporaes, que lhe envejavam o poderio e se sentiam humilhados diante da sua omnipotente jurisdicção, lhe preparam a ruina. Finalmente, contemplamos essa funebre tragedia, representada em Pariz entre Filippe o Bello, e Jacques de Molay, tragedia que devia cerrar de um modo extraordinariamente pathetico a vida historica de uma instituição, que saudada com tanto alvoroço ao constituir-se, desapparecia da scena da historia, amaldiçoando, segundo é tradição, pela boca do seu ultimo representante, o papa que era a alma da conjuração contra a sua existencia e o rei que n'esse trama representava o braço armado que executava a sentença.

Mas não são simplesmente lugubres as recordações que se ligam ao castello de Thomar. São gloriosas tambem, e mórmente para o nosso paiz que nellas tem um dos mais bellos capitulos da sua historia.

Em Portugal e depois da abolição da Ordem por Clemente v, graças á iniciativa de D. Diniz os Templarios transformaram-se nos cavalleiros de Christo, e este nome é por si só, no primeiro periodo da nossa vida historica, o symbolo de uma gloriosa epopea. Os freires de Christo, continuadores dos Templarios na guerra sem tregoa aos infieis, passam a guardar as nossas fronteiras, como seus antecessores o haviam feito, e o seu sangue jámais se regateou, toda a vez que com elle foi preciso cimentar a nacionalidade portugueza nascente. Mas quando esta milicia guerreira se eleva ao maior apogeo de gloria, entertecendo ella mesma a immarcescivel corôa de laureis, que a posteridade agradecida lhe havia de conferir como signal de reconhecimento pelos seus altissimos serviços, é no momento em que os seus membros acudindo pressurosos ao chamamento do inspirado visionario de Sagres, põem ao serviço dos gigantescos planos do infante D. Henrique, os importantes re-



curros da Ordem, e tripulando-lhe as galés que iam deflorar as agoas até ahi virgens do ignoto Oceano, abrem de par em par as portas ao theatro das mais puras glorias de Portugal.

Eis o que nos diriam quando interrogadas as ruinas d'esse castello, que hoje olha como uma saudosa reminiscencia do passado para a cidade que, filha d'outra epoca, é a seus pés o symbolo da presente civilisação industrial e não guerreira, dedicada ás fecundas conquistas da paz, que succederam ás estereis victorias dos campos de batalha. Mas no seu isolamento, essas ruinas são assim mesmo o ultimo vestigio de uma instituição, que, como todas as instituições humanas, nasceu quando as necessidades da epoca lhe prepararam o ambiente necessario á sua expansão, cresceu e desenvolveu-se quando as circumstancias a isso se prestaram, e depois quando d'ella se retirou o espirito da epoca, caiu, semelhante ao corpo que tomba, tornado cadaver, por d'elle ter desaparecido a vida.

A austeridade—a grande virtude dos povos e das instituições quando estão no forte vigor da sua primeira vida—deu um extraordinario prestigio aos primeiros Templarios. Hugo de

Payens é o chefe de uma legião de penitentes, como S. Pedro é o representante de uma igreja de santos, e Omar o califa de um imperio de ascetas; mas assim como a igreja de S. Pedro veio a dar na igreja de Leão x, e o califado de Omar no califado de Harun-al-Raschid, assim tambem a Ordem á qual primeiro presidira Hugo de Payens, o forte, veio a consubstanciar-se em Jacques de Molay, o faustoso. É este não ha duvida o motivo da queda dos Templarios, ou antes um dos symptomas que acompanharam essa queda, porquanto a verdadeira causa da ruina das ordens religiosas está na decadencia do espirito de proselytismo catholico, que na Europa desde o seculo xi até ao seculo xiii sobreexcitou as massas, que se precipitaram para o Oriente á busca de um sepulchro que ellas nunca teriam de redimir, mas que, extranha contradição! devia elle proprio contribuir para a redempção do Occidente medieval, impaciente por quebrar as ferreas cadeias da tradição, que o impediam de ir verificar se tinham realidade uns vagos sonhos fascinadores de novos mundos e de mais dilatados horisontes.

Z. CONSIGLIERI PEDROZO.

## COMO EU ÁTRAVESSEI A AFRICA

DO ATLANTICO AO MAR INDICO—VIAGEM DE BENGUELLA Á CONTRA-COSTA—ATRAVÉS REGIÕES DESCONHECIDAS—DETERMINAÇÕES GEOGRAPHICAS E ESTUDOS ETHNOGRAPHICOS

POR

**SERPA PINTO**

PRIMEIRA PARTE

### A CARABINA D'EL-REI

(Continuado da folha 23)

**P**ARA a consulta, colloca-se elle no centro de um circulo formado pelo povo, que deve estar sentado. Arma-se de uma cabaça e um cesto. A cabaça contém missanga grossa e milho secco, o cesto é cheio das coisas mais disparatadas: ossos humanos, legumes seccos, pedras, paus, caroços de frutas, ossos de aves, espinhas de peixes, etc.

Começa por sacudir freneticamente a cabaça, e durante a chocalhada que faz invoca os *espíritos malignos*, ao mesmo tempo sacode o cesto, e nos objectos que vão apparecendo na parte

superior, vae lendo o que se quer saber do passado, do presente, ou do futuro. Este uso encontrei eu desde a costa, mas não tão seguido como aqui.

Fallei em *espíritos malignos*, e é preciso dizer, que ali os *espíritos malignos* emparelham em malignidade com as almas do outro mundo (*Cassumbi*) e com os feiticeiros. Ás vezes entram no corpo de alguém, e custa muito fazel-os sahir. Outras vezes, fazem tropelias maiores, tomando conta de uma povoação, onde durante a noite não deixam socegar ninguem, sendo pre-

★



ciso que o cirurgião faça grandes *curativos* para os expulsar.

Estava ali um adivinho, e eu calculei o partido que podia tirar d'elle.

Chameio-o em particular, e fiz-lhe alguns presentes, mostrando por elle grande respeito, e fingindo acreditar na sua sciencia.

Pedi-lhe para adivinhar o meu futuro, e elle logo convocou o povo da libata, e muito da povoação do capitão, para assistirem á adivinhação.

A cerimonia fez-se com grande aparato, e elle começou a lêr nas trapalhadas do cesto as cousas mais lisongeiras a meu respeito. Eu era o melhor dos brancos, passados, presentes e futuros; a minha viagem seria feita com grande felicidade, e felizes seriam aquelles que fossem commigo.

Este vaticinio produziu o melhor effeito, e teve grande influencia no resultado da minha partida do Bihé.

Já fallei do cirurgião e do adivinho, e vou dizer o que é feiticeiro. Esta palavra tem uma significação que, tendo alguns pontos de contacto com a que lhe damos na Europa, não é comtudo a mesma cousa.

Ali qualquer é, ou pôde ser feiticeiro, e feiticeiro é mais o envenenador do que o homem que governa nos espiritos.

Effectivamente, o *feitico* ali é veneno, e dar *feitico* a alguém, é dar veneno, que determine ou doença, ou morte, ou loucura.

Esta é a rigorosa accepção da palavra, mas ainda assim o feiticeiro pôde causar grandes prejuizos, e como tudo se attribue a *feitico*, a perda de um combate, a epidemia nos gados, as tempestades, etc., tudo provém da sua malevolencia.

Não se julgue porém que se pôde designar o feiticeiro; não pôde. O feiticeiro apparece como causa do effeito, e como essa causa é logo destruida, o feiticeiro é como um meteoro que se desvanece logo depois de apparecer. Esta pratica dá logar a terriveis vinganças, como bem se pôde suppôr.

Além d'estas tres entidades, duas das quaes são definidas e uma indefinida, ha ainda um sujeito que tem certa importancia entre estes povos barbaros.

É elle o homem que dá e tira a chuva. Ha um certo numero de individuos que se attribuem o poder de governar nos meteoros aquosos. Possuindo um espirito observador, attentaram em

que com taes ventos em certa epocha do anno chove, e que com outros estia. E servindo-se d'esses signaes, que são tão vulgarmente observados na Europa, e mesmo recommendados por homens de sciencia, como Fitz-Roy e outros, que se observam na vida dos animaes, sobre tudo das aves, elles que podem com certa probabilidade fazer um prognostico do tempo, attribuem a si o poder, de dar e tirar chuva, tendo previamente annunciado que a vão dar ou tirar.

Estes sujeitos são vulgares, mas acreditam n'elles muito, porque raras vezes se enganam.

Estas praticas que nos causam estranheza, eram ha dois seculos vulgares na Europa, e ainda hoje existem entre nós no baixo povo dos campos.

Não é preciso ir á idade media para se encontrarem os reis consultando os seus astrologos, e mesmo em Portugal existe um livro, impresso, *com todas as licenças necessarias*, em 1712, que o seu auctor *Gaspar Cardozo de Sequeira*, mathematico da villa de Murça, intitulou *The-souro de Prudentes*, livro accrescentado pelo engenheiro Gonçalo Gomes Caldeira, que ensina as coisas mais estupendas e maravilhosas, aos homens cultos d'essas eras, porque o povo de então não sabia lêr. Desculpemos pois os ignaros pretos d'Africa Austral.

Uma lei engraçada d'aquelle paiz, é a respeito das mulheres que morrem de parto.

Logo que uma mulher morre de parto, o marido tem obrigação de a enterrar elle só, levando o cadaver ás costas até á sepultura, e fazendo sósinho o trabalho da inhumação. Em seguida, tem de pagar a vida d'ella aos parentes, e se não tem com que, constitue-se escravo d'elles.

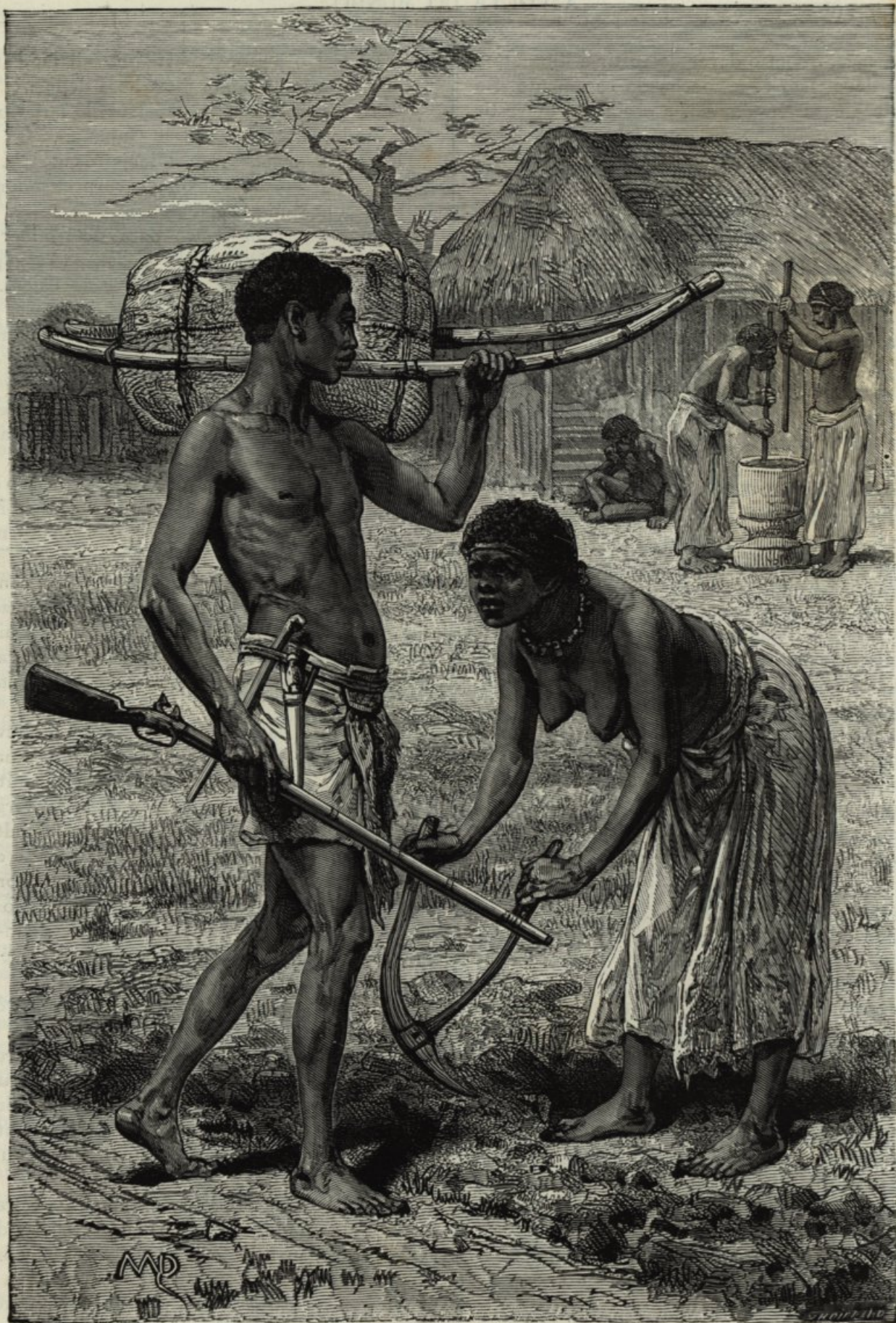
As sepulturas dos proletarios não tem signal algum que as indique, e são feitas em qualquer logar indistinctamente entre o mato.

Quando eu fallar do Bihé, serei mais minucioso em certos costumes que são communs a estes paizes, e que tive depois occasião de estudar detidamente, sobre tudo aquelles que se referem aos sovas e aos grandes.

Um costume que é privativo de Caquingue é o que elles chamam *tratar as mulheres*. Logo que uma mulher está grávida, um sujeito pede ao marido em casamento a filha que ella vae ter, e desde logo é obrigado a *tratal-a*, isto é, dar-lhe vestuario e satisfazer as suas exigencias de *toilette*.

Este costume vigora só entre gente rica. Logo que nasce a creança, o noivo redobra de presen-





HOMENS E MULHERES DO BIHÉ — Composição de D. Maillart, segundo as gravuras da edição inglesa



tes á mãe, e tem o dever de vestir a filha até á puberdade, isto é, á epocha do casamento. Se acontece nascer um varão, a obrigação de vestir mãe e filho subsiste, e este, logo que chega a ser homem, fica para Quissongo do que o *trahou*.

Mais adiante direi o que é um Quissongo.

Este costume não é tão extraordinario como parece á primeira vista, e se em Africa só o encontrei no paiz de Caquingue, cá na Europa é elle vulgar, não na fórma, mas na essencia, e na phrase polida dos salões chama-se a isso, creio eu, *casamentos de conveniencia*.

Amanheceu o dia 5 de março, depois de uma noite tormentosa em que a chuva foi diluvial. Eu estava melhor da febre; mas as dôres rheumaticas eram mais persistentes e estendiam-se dos joelhos aos artelhos. O meu Pépéca estava melhor, e por isso resolvi partir. Receiando porém do meu rheumatismo, fui pedindo uma maca e carregadores para ella, que me foram obsequiosamente cedidos por Francisco Gonçalves (*o Carique*.) Depois de cordiaes despedidas parti ás 10 e meia ao N., e uma hora depois, passei o ribeiro Cassongue, que corre a S. E., para o Cuchi. Tem 6 metros de largo por 2 de fundo. Ao passar o rio, o meu boi-cavallo (Bonito) embarçou-se em umas sarças, perdeu o animo, e foi ao fundo; custou muito salvá-lo, e só pude seguir ao meio dia. Á uma hora e 15 minutos passei o riacho Govêra, de 3 metros de largo por 50 centímetros de fundo, e á 1 e 45 acampava a S. S. O. da povoação de Chindúa. Passei no caminho junto de duas grandes povoações, a de Cacurura, e a de Cachota. Já estava em terras que prestam obediencia ao sova do Bihé. O paiz continúa ali a ser muito povoado e cultivado.

Durante a noite, chuva torrencial e forte trovada de leste. A minha febre tinha desaparecido completamente, mas as dôres rheumaticas recresciam n'uma progressão assustadora, e já ameaçavam estender-se a todo o corpo. Logo de madrugada, o dono da ponte sobre o Cuchi mandou-me avisar para passar a ponte sem demora, porque estas pontes, dando passagem só a um homem de cada vez, leva ella muito tempo, e é lei, que quando uma comitiva toma conta da ponte, ninguem ali pôde passar sem terminar a passagem da gente que primeiro chegou, e constava que uma grande comitiva de gentio se dirigia para ali em sentido inverso ao meu.

Agradei o aviso, e parti immediatamente, tomando conta da ponte meia hora depois.

O rio Cuchi tem ali 25 metros de largo por 5 de fundo, e corre ao sul ao Cubango.

Da ponte avista-se, 2 kilometros ao N., a grande cataracta do Cuchi, de surprehendente belleza, cujo ruido chega até nós.

Demorei-me um pouco para determinar a altitude, e segui depois a E. N. E., passei o pequeno ribeiro Liapêra, que corre ao Cuchi, e mudando de rumo para N. N. E., passei o ribeiro Caruci, que corre a N. E. para o Cuqueima, indo acampar, pelo meio dia, nas mattas do Charo a S. O. da povoação de Ungundo.

Estes dois pequenos riachos, o Liapêra e o Caruci, marcam a separação das aguas para o Cubango e Cuanza.

O secúlo Chaquimbaia, chefe da povoação de Ungundo, veio cumprimentar-me, e trouxe-me um porco e umas gallinhas; retribui o presente e elle deu-me guias para me acompanharem no dia seguinte. Durante o dia, não só em caminho encontrei muitos ranchos de gente armada que vão reunir-se ás forças do sova de Caquingue, mas ainda depois que acampeei, passaram innumerous pretos armados que levavam o mesmo destino.

Das 7 ás 9 da noite houve moderada chuva, e ouvia-se a N. E. uma trovada longiqua; mas, ás 9 horas, formaram-se trovadas em muitos pontos do horisonte, e pareciam todas convergir sobre o meu campo, que era situado em um alto. Ás 10 horas, cinco trovadas encontravam-se em choque immenso sobre o campo, e a mais horriovel tormenta que até então tinha presenciado se desencadeou sobre mim. Os raios succediam-se com intervallos de tres a cinco segundos, e o estalar secco dos trovões era incessante.

Havia perfeita calma e apenas algumas grossas gotas de chuva cahiam aqui e além.

O barometro apenas desceu dois millimetros, e o thermometro conservava uma temperatura de 16 grãos cent. As agulhas magneticas des-norteavam, e conservavam um oscillar constante.

Uma bussola circular Duchemin, chegou a voltar rapidamente.

Durou este estado de coisas até ás 11 horas, hora a que soffreu modificação mais terrivel ainda. Um vento fortissimo, um verdadeiro tufão, começou a soprar de léste e n'um momento correu os quadrantes pelo norte até S. O., onde se fixou com a mesma intensidade. Copiosa chuva começou a çahir então. O vento no seu passar furioso,



soprou aos ares as barracas do meu campo, e nós ficamos expostos á chuva torrencial que cahiu até ás 4 horas, em que a tempestade começou a abrandar.

Quem o não presenciou não avalia o que seja uma tempestade, de noite, no meio das florestas d'África Austral, quando ao rebombar dos trovões se une o grito multisono das feras, que nos vem ferir os ouvidos com acordes terríveis.

A chuva apagou os fogos do campo, o vento soprou longe os frageis abrigos, e o raio descendo em luminoso zig-zag, torna mais escuras as trevas, depois do seu rapido fulgor.

Muitas vezes, ao estalido do raio succede outro estalar medonho. Foi a arvore que levou seculos a crescer, e que n'um momento, ferida por elle, voou em rachas e baqueou no solo.

¡O espectaculo é horrivel, mas grandioso e sublime!

Amanheceu finalmente, e de todo aquelle pelear dos elementos, só restavam para o lembrar, innumeradas arvores derrubadas e um terreno encharcadissimo.

¡A mim restava mais alguma cousa!

O ataque de rheumatismo tinha-se declarado com grande intensidade, e estendendo-se a todas as articulações, tolhia-me os movimentos. Soffria muito. Parti ao meio dia na maca, e fazia esforços enormes para calar na garganta os gritos arrancados pelo soffrimento que infligia o movimento da maca.

Uma hora depois, envolvi-me em um pantano extenso, onde a agua dava pela cintura aos homens que me carregavam.

O terreno, encharcado pela chuva da noite, estava transformado em pantano enorme. Alcançamos um outeiro, quando, ás 2 horas, nova tempestade, vinda de léste, cahiu sobre nós. Da maca, onde gemia dôres atrozes, animei a minha gente a seguir sempre, com intenção de alcançar as povoações de Bilanga, onde queria pernoitar.

Sei que, no dia seguinte, me achei n'uma cubata, e me disse o Verissimo, estar eu n'aquellas povoações, na libata do Vicente; mas não tenho a menor ideia, nem do caminho andado, nem da noite velada, que me disseram os pretos ter sido horrivel. Ao rheumatismo viera juntar-se a febre e o delirio.

A cabeça estava livre, mas o ataque e as dôres recresceram, se era possivel isso.

Não podia fazer o menor movimento nem mesmo com as phalanges das mãos.

Verissimo e os meus pretos dispensavam-me os maiores cuidados.

Soube que o rio Cuqueima levava uma cheia enorme, e não dava passagem no váo; mas, sabendo que existia uma pequena canôa a jusante da cataracta, resolvi seguir e passar o rio ali. Chegados ao rio, tratou-se de calafetar com musgo a canôa já muito velha, e que apenas podia supportar o peso de dois homens. O rio, que trazia uma enorme cheia, ia caudalossissimo. Resaltando por sobre as rochas da cataracta, divide-se, formando uma pequena ilha, e logo depois, une as suas aguas em um só canal largo de 100 metros.

Era ali que iam passar. Eu fui collocado dentro da canôa com mil cuidados, porque o menor movimento que me davam, me arrancava um grito doloroso.

Um habil barqueiro tomou o remo e a canôa deixou a margem. Tinha-mos de atravessar 100 metros de agua, mas de agua animada de violenta corrente, e encrespada por ondas furiosas produzidas pelos baldões da cataracta. O barqueiro dirigiu a canôa para a ilha, e até chegar á junção das aguas tudo foi bem; mas ali o fragil barco preso nos enormes rodoinhos não quiz seguir ávante, apesar da pericia do habil negro. Eu via a agua, em ondas espumantes ainda do salto de ha pouco, reverter em volta de mim, e comeci a comprehender o grande perigo em que estava.

Tentei mover um braço e apenas consegui soltar um grito de dôr! Julguei-me perdido, porque, se a canôa afundasse, eu não poderia nadar. Sempre presa no rodopiar das aguas, não seguia ávante, e de repente começou a rodopiar ella mesma. O preto recebeu que nos afundassemos, e decidiu saltar ao rio para alijar o barco. Preveni-me, e saltou.

Alliviada d'aquelle peso, a canôa fluctuou melhor, mas não deixou o sitio em que estava presa pelas forças desencontradas da agua.

De repente um baldão entrou na barca e molhou-me. Tive um momento de verdadeira imbecilidade, e não sei o que se passou; só me lembra, que de repente me achei nadando com todo o vigor, só com um braço, sustentando fóra d'agua com o outro um dos chronometros que trazia commigo, para que não lhe chegasse a agua.

Sentia um verdadeiro prazer em nadar, e cortava rapido os remoinhos das caudalosas aguas, o que me era facil a mim, que desde creança



aprendi a lutar com os rapidos do meu patrio Douro.

Os pretos, sempre tendentes a admirar a destresa physica, prodigalisavam-me da margem fervorosos applausos.

Tinham desaparecido as dôres, a febre cessou de repente, e sentia-me bem disposto e forte. Ao submergir-se a canôa, do meio de 100 homens que assistiam á scena, e que ficaram boquiabertos e indecisos, um arrojou-se valorosamente á agua para me salvar.

Menos perito nadador do que eu, não alcançou a margem senão depois de mim, e de nenhum auxilio me foi, mas a sua dedicação ficou gravada no meu coração para sempre. Era o meu preto Garanganja, que enlouqueceu depois, não tendo uma alma assás forte para supportar as miserias que experimentamos.

Quando me firmei em terra andei sem dôres, sem febre. Despi-me immediatamente; mas não tinha roupa para mudar, porque as bagagens estavam ainda na outra margem; e tive de estar exposto a um sol abrasador emquanto a elle enxuguei a roupa que trazia. Voltaram as dôres e a febre, e só sei que no outro dia, estava estendido em um leito na libata da Annunciada, morada que tinha sido do sertanejo Guilherme Gonçalves, pae do Verissimo. Cheio de dôres e ardendo em febre, mas um pouco melhor, decidi partir e ir encontrar os meus companheiros.

Parti ás 11 horas, e durante uma grande parte do caminho, atravessei uma planicie coberta de fetos herbaceos enormes, e vi muitas arvores feridas do raio. Vi tambem uma planta que ali abunda, e que é, ou a nossa urze das altas montanhas do norte de Portugal, ou a ella mui semelhante.

Os meus olhos, pouco affeitos ás subtilezas das observações que demanda o estudo do reino vegetal, não são bastante penetrantes para differenciar especies, generos e familias, quando ellas não se differenciam por si mesmo.

Cheguei ao sitio do Silva Porto (Belmonte) pela uma hora, e fazendo um supremo esforço, fui a casa dos meus companheiros.

Elles, confirmando o que me tinham escripto, disseram-me que iam continuar sós, e que me deixariam uma terça parte de fazendas e material, salvo as coisas indivisiveis que guardariam. O Ivens offereceu-se para me acompanhar a Benguella, visto o meu precario estado de saude, se eu quizesse voltar á Europa.

Manifesto-lhe aqui a minha gratidão, por tão generosa offerta.

## CAPITULO VI

PEREIRA DE MELLO E SILVA PORTO

No Bihé — Doença — Melhoras — A casa de Belmonte — Decido ir ao alto Zambeze — Cartas ao governo — Como se organisa uma expedição no Bihé — Difficuldades, e como se vencem — Noticia sobre o Bihé — Os meus trabalhos — Novas difficuldades — Deixo Belmonte — Até ao Cuanza — Escravatura.

Depois de 20 dias de cruel agonia e grandes soffrimentos, estava emfim no Bihé, muito doente é verdade, mas cheio de fé e contente de mim mesmo. Logo que fallei aos meus companheiros deixei a casa de Belmonte, e fui em maca para a libata proxima do Magalhães, onde cahi sem forças sobre as pelles do meu leito. Os primeiros symptomas de uma meningite declararam-se ao passo que redobravam as dôres rheumaticas.

No dia seguinte, foram vêr-me o Capello e Ivens, que me levaram medicamentos. Peorei, e veio o delirio.

Quando despertei, julguei sonhar. Achava-me deitado em magnifico leito, despido e entre lençoes de fina bretanha. O leito era coberto de elegante cortinado de reps cõr de rosa e franjado de branco.

Disseram-me, que Capello viera durante o meu delirio, e me mandara aquella cama; que as havia assim no Bihé, em Belmonte, em casa de Silva Porto.

Tinham-me coberto de sanguesugas, e o muito sangue que me tiraram os pretos, deixara-me em um estado de fraqueza indescriptivel. As dôres tinham cedido um pouco, mas continuava a febre. De tarde, vieram os pretos de Novo Redondo procurar-me, e eu recebi-os deante de Magalhães, Verissimo e Joaquim Guilherme José Gonçalves, irmão mais velho do Verissimo. Vinham elles dizer-me, que não queriam seguir com os meus companheiros, e que ou iam comigo, ou voltavam.

Depois de um grande trabalho, convenci-os a voltarem para elles, e a acompanhal-os. Soube então, que Capello e Ivens estavam construindo um abarracamento a 5 kilometros d'ali, e já lá tinham as bagagens, devendo em breve mudarem-se de Belmonte.

(Continua.)



## CRUZEIROS NA COSTA D'AFRICA

(Continuado da folha 24)

**P**S NAGOS são superiores aos Jedjis pelas suas qualidades moraes; são doces, affaveis, dedicados aos seus senhores; a testa é mais larga do que a dos Jedjis; a sua lingua, cheia de consoantes é, em concorrência com a dos Haoussas, fallada em todos os mercados. A populaça, como na Costa d'Ouro, quando falla com um seu superior deve descobrir o hombro esquerdo; deve descobrir completamente o

busto, quando estão em presença d'um grande chefe.

Os chefes Nagos são sempre muito cortezes: Cacioco tem viva amizade pela França. Depois das perturbações de 1854 elle voltou a Lagos sob a protecção da bandeira franceza: nunca deixa de mandar visitar os viajantes francezes que visitam Lagos.

Os indigenas de Lagos não são admittidos



FEITORIA ITALIANA EM LAGOS — Desenho de A. de Bar, segundo uma photographia

dentro da cidade europêa, onde não podem andar depois das nove horas da noite. As suas povoações parecem-se com as da Costa d'Ouro. As ruas são plantadas e todos os productos d'aquella região são apresentados á venda á sombra das arvores.

Os Bambaras trouxeram para Lagos o mahometismo, assim como os Mandigues o levaram para a Serra Leôa e os Foulahs para o Sene-

gal. Os musulmanos estão organizados militarmente em Lagos, onde formam uma especie de guarda nacional. Durante a guerra dos Achantis secundaram valorosamente o governador Glover. Como todos os negros, gostam das paradas, dos bellos cavallos, das sellas e das armas vistosas. Vieram cumprimentar-me e eu reconheci perfeitamente os typos do alto Senegal; julguei reconhecer alguns como tendo pertencido aos



bandos d'El-Hadji. Diriji a palavra a um d'elles; disse-me que com effeito era de Guoy, mas que nunca combattera contra nós e que era mestre escola. Os Mollens negros percorrem a Africa, prégando a unidade de Deus e a abolição dos sacrificios humanos.

O deus principal da religião seguida em Lagos é chamado Se; mas raras vezes recebe as homenagens dos seus proselytos. Leebá, sem duvida Ebo de Whydah, caracteriza o genio do mal, ou o demonio; em sua homenagem fazem-se sangrentos sacrificios; é facil reconhecer em Se uma divindade egypcia. Seb representa a terra fecunda; o deus Sabin, genio malfasejo está nos ramos d'uma arvore que recebe os despojos das victimas que lhe sacrificam; milhares d'abutres circulam em volta d'este logar maldito, onde se fartam de carnes corrompidas.

Deve-se fazer justiça aos chefes indigenas: começam a envergonhar-se d'estes excessos; e se o rei do Dahomey resiste á introdução nos seus reinos d'uma moral mais elevada é por temer os feiticeiros. A sua psychologia está mais adiantada do que se suppõe. A alma humana é distincta d'estas divindades: os Nagos chegam a invocala como podendo ter um poder determinante. Aos mortos fazem-se ceremonias sangrentas. Alguns nomes celebres recebem um culto, onde se encontra misturados os Kous da Costa Cron, oriundos do Egypto e o deus Se.

A occupação momentanea de Porto-Novo pela França e a presença d'um commissario inglez em Badagry téem feito desapparecer d'esses cultos as repugnantes hecatombes humanas que os caracterisavam.

O estabelecimento de negros libertos na costa dos Grãos levou os bispos americanos a esforçarem-se por crearem ali uma missão catholica, que lançou em 1833 os primeiros fundamentos da sua obra no cabo das Palmas; pouco exito teve e monsenhor Baron regressou commigo em 1843 á Costa do Ouro. Depois de ter perdido os missionarios que o tinham acompanhado retirou-se para a America. Foi só em 1841 que por missionarios francezes foi creado o vicariato das duas Guinés, que em breve se desdobrou e a Senegambia formou o primeiro vicariato sob a direcção d'um bispo; o Gabão tornara-se tambem o centro d'um segundo bispado. Borghero desembarcou em Whydah a 19 d'abril de 1862 e creou ali uma nova missão.

As auctoridades locaes pozeram á sua disposição o forte portuguez, abandonado e cahindo

em ruinas e ahi se construíram vastos abrigos: os mulatos portuguezes, excitados pela moral severa do novo missionario, recorreram para o governador de S. Thomé, que mandou de novo guarnecer o forte; a respeito do reembolso das despezas da reconstrucção do forte houve longos debates.

Depois d'esta expulsão a missão franceza resolveu nunca mais fazer construcções em terrenos d'outrem e o seu poderoso dominio desenvolve-se no terreno doado por Iavoghan e que está assim ao abrigo de qualquer contestação.

Foi aqui que eu em 1866 fui recebido pelo reverendo Bouche, successor de Borghero. Além da missão em Whydah a associação missionaria de Lyon tem um estabelecimento em Porto-Novo e prepara-se para exercer influencia em Lagos. O edificio da missão é vasto, bem arejado, sendo rodeado por muros altos que o isolam; as crianças que então ali aprendiam eram em numero de cincoenta e a lingua portugueza tinha sido substituida pela franceza.

As sociedades abolicionistas da America ha sessenta annos que se esforçam por propagar em Africa as ideias christãs, como unico meio de modificar os usos barbaros d'esta região. Nada tem podido resfriar-lhe o zelo, que é sustentado por abundantes capitaes. O missionario anglicano é casado; muitas vezes é negociante e quasi sempre um homem politico; vimol-os na Serra-Leôa, onde tinha tomado sob sua protecção os libertos; tira da sociedade abolicionista de Londres uma força que lhe permite afrontar as auctoridades locaes com um completo desprezo de qualquer herarchia, caracter dominante que transmite aos seus educandos.

Os *akous*, ou indigenas do Iarriba, que tinham sido arrancados de Lagos ou das circumvisinhanças pela escravatura, pelos cuidados das missões de Badagry e de Lagos foram para ali novamente conduzidos, onde as auctoridades locaes, receiando ter alguma questão com a Inglaterra, os consentiram; assim se estabeleceram uns rudimentos de missão n'estas paragens; missionarios zelosos, Graft e Freeman em breve seguiram os seus cathucumenos e em 1842 fundaram missões em Badagry e Lagos. Os *akous* tinham penetrado até Abéoukouta, cujo chefe, Sodaka, desejou ver os missionarios. Foi para satisfazer este desejo que Freeman emprehen-deu a fatigante viagem de que publicou a descriptção.

Dentro em pouco os consules inglezes vieram



proteger os missionarios e a sua obra, e foi assim que a occupação de Badagry e de Lagos foi preparada pela Inglaterra.

Desde então estas missões têm-se regularizado e estendido; a missão do Sarriba tinha por centro Lagos, d'onde irradiou para Abèoukouta e para Ibadan, onde creou escôlas. Ha seis annos o pessoal activo d'estas missões compunha-se de doze missionarios europeus e de cinco diaconos, sendo ajudados por quarenta e dois propagandistas indigenas. O nucleo christão compunha-s e de quatro ou cinco mil almas.

A partir de Lagos apenas se encontram alguns estabelecimentos commerciaes, situados em Palma, em Sekè, em Jabou, onde se negocia em azeite de palma. O lago Cradou, que serve de via commercial, é na realidade o collector dos rios Ogoun e Ochoun; tem uma largura de, pouco mais ou menos, oito ou nove kilometros do norte ao sul; a grande ilha do Curamo serve-lhe de limite do lado do norte; estende-se desde Lagos até Jabou, embocadura oriental do lago, que tem uma extensão de vinte leguas dèste a oeste; pela quebrada d'Effra liga-se ao systema hydraulico de Bénin.

A costa maritima da ilha de Curamo é baixa; alguns grupos d'arvores elevam-se no horisonte e os indigenas construíram ali cubatas, onde fazem sal, genero d'exploração commum a toda a costa d'Africa.

Por falta d'estudos especiaes é difficil marcarem-se os limites de Bénin. Antigamente esse imperio passava por estender-se desde o primeiro até ao nono grau de latitude norte. O seu soberano, diz-se, podia pôr em pé de guerra cem mil homens; hoje não se deve acreditar em tal.

Bénin em 1876 serviu de ponto de partida ao francez Palissot de Beauvais, que precedeu a pleiade dos viajantes africanos.

#### XXIV

Niger ou Quarra—Escravatura—Bonny—O seu commercio—Cameron—Fernando Pó

O Niger formou um terreno d'alluvião que se estende, pelo menos, por quarenta leguas; começa em Bénin para terminar no velho Calabar. Os terrenos situados do lado de Bénin são baixos e alagadiços; muitas vezes costeei-os a uma distancia de duas e tres milhas; parecem inhabitados: nem uma piroga se vê d'este lado

no mar. A costa é defendida por um recife em que as vagas batem com furor; as barras dos ramos do Niger só se conhecem depois de passadas; vagas enormes as defendem. A propria barra Owere foi abandonada por causa das delongas que havia em penetrar no Ibo.

O braço Nun, tambem chamado braço, é o melhor; é por elle que mais directamente correm para o Atlantico as aguas do Quarra; todos os rios se confundem desde Owere até ao velho Calabar. Ibo é o ponto, onde esta rede se unifica.

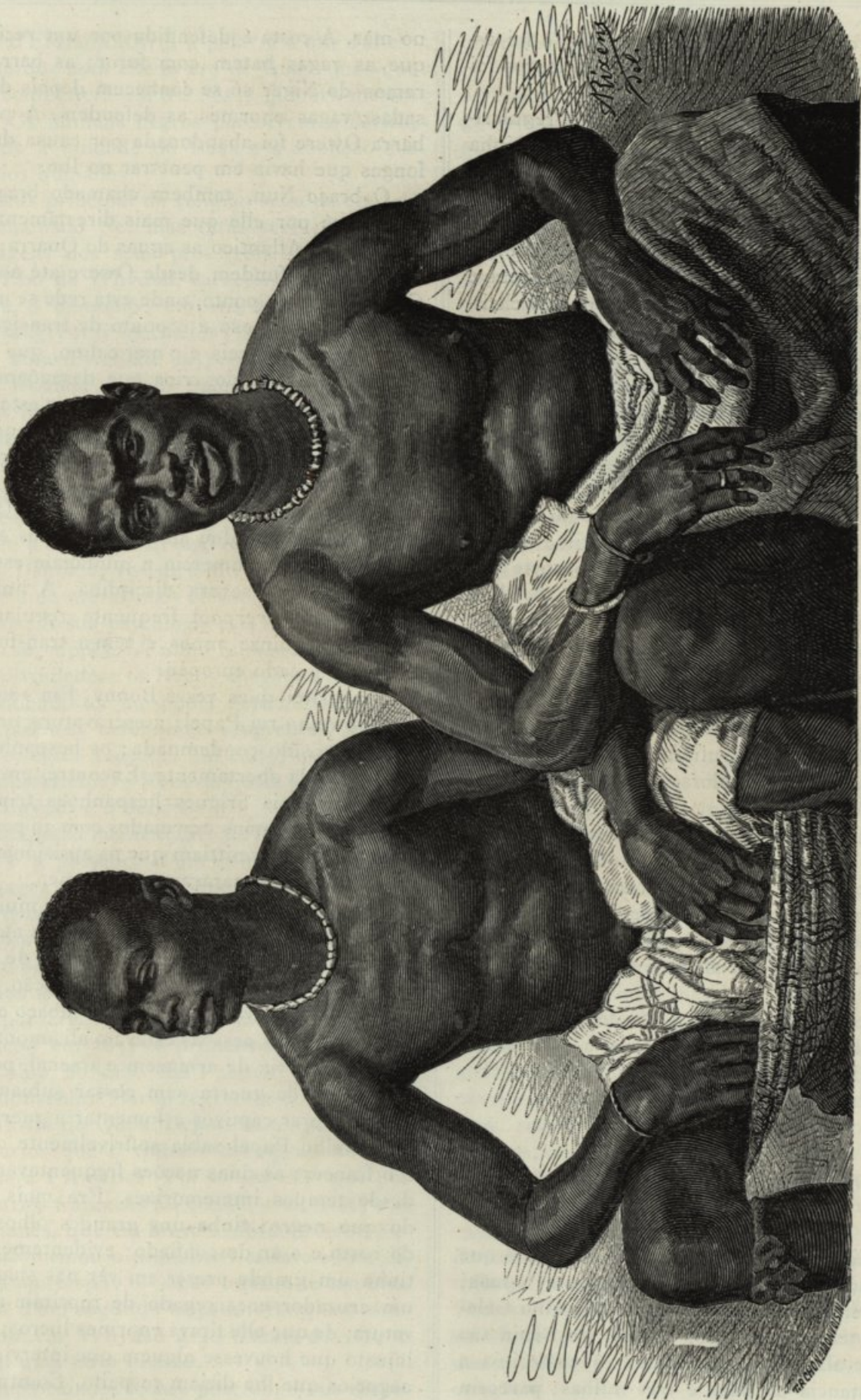
O cabo Formoso é o ponto de transição entre as barras difficeis e o mar calmo, que se encontra á entrada dos rios que desagôam entre este cabo e o velho Calabar. A costa n'este ponto está recortada por largos estuarios. Bonny e o novo Calabar são de facil aproximação; a brisa do largo, sendo a maré favoravel, ajuda a que se passem sem difficuldade os canaes. O commercio inglez mandou ali collocar boias e ainda graças a esse commercio a pilotagem está submettida a uma severa disciplina. A linha dos vapores de Liverpool frequenta regularmente Bonny ha quinze annos e tem-a transformado em um mercado europeu.

Eu visitei duas vezes Bonny. Em 1862 vivia ainda o velho rei Papel; a escravatura tinha havia pouco sido condemnada; os hespanhoes faziam-a ainda abertamente. Encontrei em frente de Bonny dois brigues hespanhoes tripulados por oitenta homens e armados com 20 peças; os tratados não permittiam que os aprisionassemos e por isso nos esperaram a pé firme.

Em 1832, Bonny era uma aldeia muito modesta, semi-inundada por occasião das aguas vivas; as habitações do rei eram feitas de bambú e cobertas de palha; a sala de recepção, negra, defumada, lançava intenso fodor a tabaco e aguardente; algumas pessoas estavam ali amontoadas; esta casa servia de armazem e arsenal, pois que as pirogas de guerra sem cessar subiam o rio para comprar captivos e fomentar a guerra.

O velho Papel sabia soffrivelmente o inglez e o francez; as duas nações frequentavam o rio desde tempos immemoriaes. Era mais pardo, do que negro; tinha uns grandes olhos á flôr do rosto e o ar desconfiado; evidentemente não tinha um grande prazer em vêr nas suas aguas um cruzador encarregado de reprimir a escravatura, de que elle tirava enormes lucros; achava injusto que houvesse alguem que interviesse em negocios que lhe diziam respeito. Comtudo sem muito mau modo aparente assignou um tratado





AGNYS D'ASSINIA — Desenho de A. Rixens, segundo uma photographia

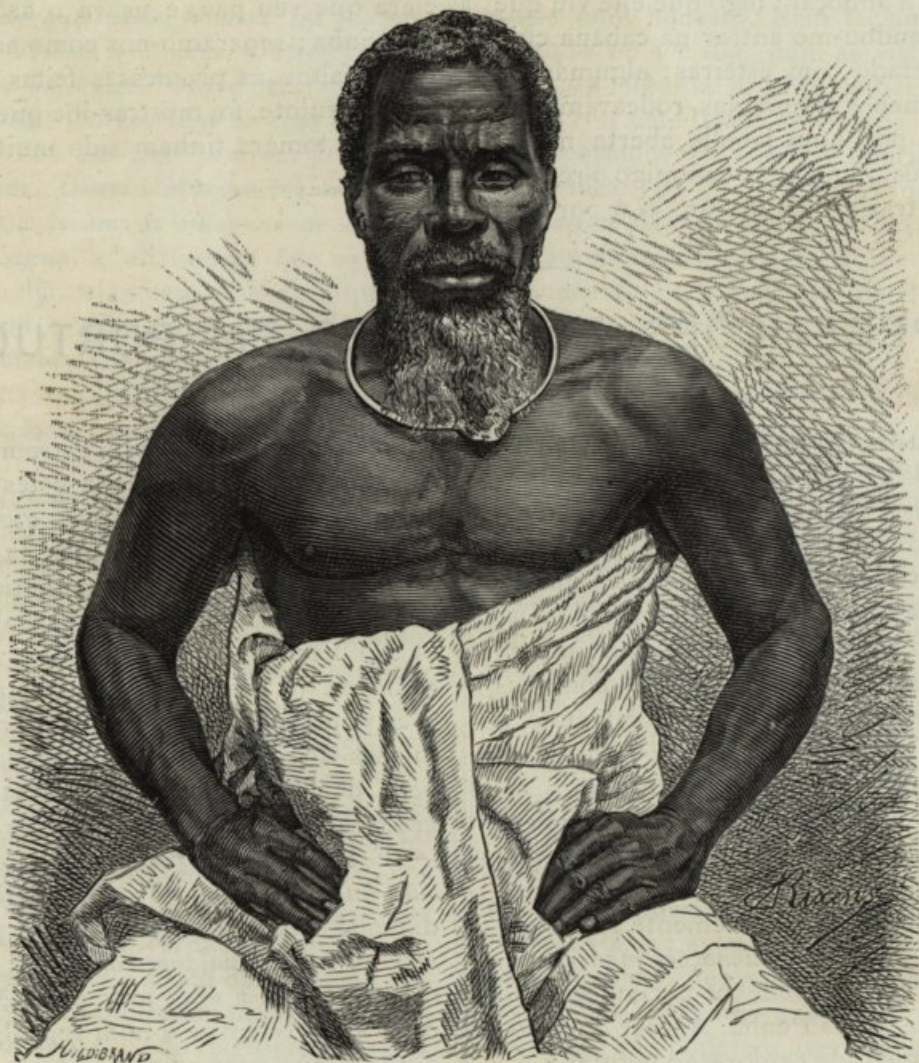


que eu redigi por ordem do meu commandante; esse tratado assegurava á França a clausula de nação mais favorecida. Fez-nos presente d'um boi que foi preciso caçar e que só conseguimos haver á mão depois de lhe termos mettido tres balas no corpo.

O feiticeiro estava, como lhe cumpria, junto

do rei. O seu traje de arlequim e o seu bonné designavam a sua cathegoria.

Em 1842 voltei a Bonny na *Malouine*, que eu commandava; estes dez annos não tinham sido perdidos para Bonny. Dezoito ou vinte navios de oitocentas toneladas estavam ali ancorados e substituíam os negreiros que eu encon-



VELHO AGNY D'ASSINIA — Desenho de A. Rixens, segundo uma photographia

trára. Toldos de palha abrigavam do sol a tripulação e o convez d'esses navios; as aguas do rio eram sulcadas por numerosas pirogas que transportavam para os navios o azeite de palma.

Papel II succedera a seu pae. Eu tinha ordem de renovar com elle o tratado feito com o seu antecessor e rodear o acto da solemnidade devida a taes negociações diplomaticas. Não encontrei n'elle a brutal franqueza de seu pae; estava completamente sob a influencia dos inglezes que queriam fazer excluir de Bonny o nosso com-

mercio, de que temiam a concorrência. Os capitães dos navios ancorados tinham tal influencia no espirito do rei que foi necessario todo o ascendente de Brown, chefe dos pilotos e o do seu irmão Aquanta, grande chefe dos feiticeiros, para o fazer reflectir; o rei não ousou contrariar-os, poderia isso decidir da sua deposição, ou da sua vida; os feiticeiros têm drogas convincentes para os reis recalcitrantes. Resignou-se de muito mau modo, é verdade, pois que, para conseguir os meus fins, tive de o procurar duas



vezes n'um lugar chamado Palema, situado a cinco milhas de Bonny; n'esse sitio tinha o que elle chamava a sua casa de campo. Para a segunda entrevista fui completamente só a Palema; ainda n'essa occasião mostrou pouca vontade em me receber e mandou-me dizer que estava a tomar banho. Como vi n'isto um pretexto para adiamento, sentei-me tranquillamente na relva e comecei a almoçar; logo que elle viu que eu não cedia mandou-me entrar na cabana cujo solo estava tapetado com esteiras; algumas cadeiras, mais ou menos arruinadas, rodeavam uma meza alumiada por uma janella aberta n'uma parede de bambús. Zangou-se commigo o rei por eu não lhe ter trazido d'almoçar. «Lá por isso

não se zangue, ainda ali tenho alguma coisa,» lhe disse eu; e achou muito bom o meu vinho e uma gallinha que o pôz de bom humor. Accusavam-o de mais amiudadas vezes comer os seus subditos do que aves.

Depois de, como qualquer procurador, ter discutido cada artigo do tratado, assignou-o. Fallava correctamente o inglez; era de côr mais clara que seu pae, e usava o cabello cortado á escovinha; separamo-nos como amigos; mas em breve faltou ás promessas feitas e o *Vigie*, no anno seguinte, foi mostrar-lhe que os comprimentos que tomara tinham sido muito serios.

(Continúa.)

## SUPERSTIÇÕES POPULARES EM PORTUGAL

(Continuado da folha 23)

**N**O ESTUDO das superstições populares portuguezas, pela extrema complexidade de ellas, é indispensavel subordinar o trabalho de compilação a um systema qualquer, embora artificial. O systema mais simples que se offerece, é ir seguindo a ordem chronologica, tomando como base o documento mais importante de cada epoca, e desenvolvendo-o com outros documentos secundarios, determinando a sua intensidade pela comparação dos costumes actuaes. Assim procedemos tomando para o seculo XII a XIV o texto dos nossos Cancioneiros provençaes; para o seculo XV, o precioso capitulo do *Leal Conselheiro* do rei Dom Duarte; o seculo XVI acha-se abundantemente representado no livro quinto das *Ordenações manoelinas*, como o seculo XVII se pôde bem conhecer no processo de Luiz de La Penha. Apesar de irmos seguindo como meio de exploração regular a ordem chronologica, de vez em quando reunimos dentro de cada epoca grupos de superstições que se prestam á reconstrucção de um systema de religião decahida ou extincta; taes são os usos e superstições selvagens, o culto da caldeira e da encruzilhada dos povos proto-árícos, a concepção mythica indo-europêa das *horas abertas* do meio dia e meia-noite. Tomando agora a *Ordenação manoelina* como centro de convergencia das nossas compilações, d'entre este acervo de superstições populares do seculo XVI resalta um systema religioso dos cultos chthonianos ou de hetairismo primitivo e da pros-

tituição sagrada, da mais extraordinaria importancia. É pela reducção a estes systemas, que as superstições, como mythos e cultos verdadeiramente decompostos, ainda na fórma a mais absurda podem receber um sentido, que resulta da reducção ao seu destino social primitivo.

No livro quinto das *Ordenações manoelinas*, titulo XXXIII, enumeram-se bastantes superstições populares mais tarde incluídas nas Constituições dos Bispados, e castigadas pela lei com pena de morte; taes são o tomar «de logar sagrado ou não sagrado *pedra dura* ou corporaes.» — «E isso mesmo qualquer pessoa, que em *circulo* ou fóra d'elle, ou em *encruzilhada* espiritos diabolicos invocar, ou a alguma pessoa der a *comer ou beber qualquer coisa para querer bem*, ou mal a outrem a elle, morra por elle morte natural.» § 1. — «Outro si nom seja alguã pessoa tam ousada, que pera adivinhar *lance sortes*, nem *varas pera achar aver*, nem *veja em agua ou em cristal*, ou em *espelho*, ou em *espada*, ou em qualquer outra cousa luzente, nem em *espada de carneiro*, nem façam pera adivinhar *figuras* ou *imagens* alguãs de *metal*, nem de qualquer outra cousa, nem se trabalhe de *adivinhar em cabeça de homem morto* ou de qualquer alimaria, nem traga comsigo *dente* nem *baraço de enforcado*; nem qualquer outro membro de homem morto, nem faça com as ditas cousas, ou cada huã d'ellas nem com outra alguã (posto que aqui não seja nomeada) especie alguã de feitiçaria ou pera adivinhar, ou pera fazer dano a



alguã pessoa, ou fazenda, nem faça cousa alguã por que hua pessoa queira bem ou mal a outra, nem pera *liguar homem ou mulher* para nom poderem aver ajuntamento carnal.» § 2. — «E por quanto nos he dito, que em nossas regnos e senhorios, antre a gente rustica se usam muitas abusões, assim como *passarem doentes por silvão ou machieiro ou lameira virgem*, e assim usam *benzer com espada que matou homem*, ou que *passasse o Doyro e Minho trez vezes*. Outros *cortam solas em figueira baforeira*. Outros *cortam cobro em lumiar de porta*. Outros tem *cabeças de saludadores* encastoadas em ouro, ou em prata, ou em outras cousas. Outros *apreguoam os demoinhados*. Outros *levam as imagens de alguns Santos ácerca d'agua*, e ali fingem que os querem lançar em ella, e tomam fiadores, que se atee certo tempo o dito Santo lhes nom der agoa, ou outra cousa que pedem, que lançaram a dita imagem na agoa. Outros *revolvem penedos* e os lançam na agoa pera aver chuiva. Outros *lançam jueira*. Outros *dam a comer bolo pera saberem parte d'algum furto*. Outros tem *mendraculas* em suas casas, com intenção que tendo-as por ellas averam graças com senhores, ou ganharam nas cousas em que tratarem. Outros *passam agoa por cabeça de cam* pera conseguir algum proveito.» § 3. A *Ordenação manolina* mandada organisar em 1506, e publicada em 1512, é anterior a todas as Constituições dos Bispados, e ao contrario do que afirma o nosso amigo Consiglieri, <sup>1</sup> foi este codigo o que passou a ser copiado pelas Constituições. As *Ordenações affonsinas*, codificando um alvará de D. João 1, não têm a minuciosidade descriptiva das manolinas, que são um verdadeiro inventario em que se reflecte a crise social da expulsão dos Judeus, das pestes periodicas, dos terremotos que hallucinaram no periodo das descobertas a imaginação portugueza. A *Ordenação de 1512*, preenche todo o intervallo que vae até ao anno de 1534, data das *Constituições de Evora*, que copiam palavra por palavra o titulo do codigo manolino, mudando a pena de morte em excommunhão maior, ficando o delinquente *preso e com caroça na cabeça* á porta da igreja. Ha po-

<sup>1</sup> Diz no seu estudo: «As *Ordenações Manoelinas*, (liv. v, tit. 33) e as *Philippinas* (Liv. v, tit. 3) egualmente se occupam das superstições do nosso povo copiando, *póde dizer-se, textualmente as Constituições de Evora*, de 1534.» POSITIVISMO, t. II, p. 222. É o contrario que deve escrever-se.

rém nas Constituições alguns appensos, tirados de disposições disciplinares communs a toda a igreja e não das superstições correntes entre o povo. Taes são:

«Nem *benzam com palavras innotas* e nem entendidas nem approvadas pela igreja; ou *com cutellos de tachas pretas* ou d'outra alguma cõr; nem *per cintas e ourellos* ou por qualquer outro modo nom honesto. Nem façam *camisas fiadas e tecidas em um dia*, nem as vistam, nem usem de outra alguma arte de feiticeria.» (Tit. xxv, c. 1.) Por este texto se vê que as *palavras innotas* pertencem a essa cathegoria das Fórmulas marcellicas, de que em outro logar fallaremos; as *camisas fiadas e tecidas em um só dia* acham-se nas superstições allemãs da idade media, e nos Canones de Sam Martinho de Braga.

Comer ou beber para querer bem, é a superstição dos amavios ou philtros; esta superstição acha-se ainda vigorosa nas ilhas dos Açores. Dá-se a comer *miolos de burro*, ou a beber *agua de cu lavado*. Nas concepções mythicas indo-europêas, o asno tem um sentido phalico, como se vê pelas lendas conservadas por Apuleio: «Durante a noite, o heroe que está submettido aos encantos de uma bella fada, conserva a fôrma de um asno; e é sob esta fôrma, debaixo de uma pelle do asno, que elle leva os mysterios de Priapo, d'onde a expressão de Aristophenes nas *Rans*—o asno que leva os mysterios; estes mysterios não são senão as Phallagia ou as Perifallia de Roma.» (Gubernatis, *Myth. zoolog.*, t. 1, p. 390.) Temos um anexim, que diz *Decoada em cabeça de asno*, que se refere á superstição divinatoria, tambem referida na *Ordenação manolina* ao Passar agua por cabeça de cão. Os ritos phalicos permaneceram em Portugal sob fôrma de superstição, como a de «ligar homem ou mulher para não poderem aver ajuntamento.» Esta superstição, commum a toda a idade media, é ainda vulgar em Portugal; nos Açores o ligamento faz-se obtendo um pouco de spermen e conservando-o debaixo de um pote de agua, ficando assim o individuo sem poder ter relações a não ser com a pessoa que possui o segredo. No processo de Luiz de la Penha, vem o seguinte *ensalmo do Asno*, para fazer que outrem obedeça ao nosso mando:

Asno és e filho de burra  
assim como este asno,  
esta burra não póde estar  
sem a albarda  
e silha e sobreccarga.



Assim como comer  
isto que aqui trago,  
se torne burra e asno,  
e ande a meu mandado,  
e me suba pelos pés  
e me ponha na cabeça.

(Libello, art. 17.)

Na linguagem popular, temos a locução: *Pagar as favas, que o asno comeu*; e também *Favas contadas*, que se ligam à *Sorte das Favas* referida no processo de Luiz de la Penha.<sup>1</sup>

Burchard, bispo de Worms, cita varias superstições de cousas de comer para fazer amar, taes como dar a comer bolo de mel enxuto no corpo de mulher com farinha; bolo amassado em nadegas de mulher, etc. (Dulaure, *Hist. abr. de differents cultes*, t. II, p. 262.) Nos costumes portuguezes existem ainda outros processos curiosos.<sup>2</sup>

Prohibe-se na Ordenação manoelina, o *lançar varas para achar aver*; já notamos a persistencia d'este costume no Minho, citando o cerimonial magico empregado. A sorte das *varas* acha-se descripta por Tacito entre os costumes dos Germanos: «consultam a sorte por meio de pequenos ramos de arvore, sobre os quaes gravam certos signaes, e os lançam depois ao acaso

<sup>1</sup> *Palavras das favas:*

Minhas favas, minhas queridas  
eu vos esconjuro,  
não como favas senão com pessoas,  
com deus padre e deus filho,  
e deus espirito santo,  
e com a santissima trindade  
e com a ostia consagrada  
e com todos os esconjuros  
de Maria Padilha,  
que me faleis verdade  
no que vos pergunto e quero saber.

(Articulado 22.)

N'esta oração cita-se o nome de Maria *Padilha*; o nome de *pada* designa entre o povo o pão, que também se prestava ás sortes magicas, e sobretudo aos philtros amorosos (*jubent ut supra mudas nates conficiatur panis...*)

<sup>2</sup> Escreve o sr. Leite de Vasconcellos: «Quando um homem quer seduzir uma mulher, passa uma agulha, primeiro pelos olhos de uma cobra, e depois pelas saias de uma mulher. Esta fica logo apaixonada d'elle. (Mondim da Beira, Sinfães, Paredes, etc.) N'outras partes a tradição é esta: O homem apanha uma vibora, mata-a e põe-na em agua corrente, de modo que a agua leve toda a carne do animal e deixe só o esqueleto; em seguida toca com o esqueleto na mulher e a mulher fica immediatamente captiva. (S. Martinho de Guifões.) *Vanguarda*, n.º 34.»

sobre um panno branco.» Consideram-se estas varas ou ramos como os *bastões runicos*, aos quaes se refere o verso do romance popular da ilha de S. Jorge:

Pastores que andais aqui  
Escrevei isto a mi madre,  
Se não tiveres papel  
No *bastão d'esta bengala*.

(Rom. açoriano, n.º 50.)

Toma lá tinta e tinteiro  
Escreve n'essa *bengala*...

(Ib., 51.)

Do poder magico das *runas* empregadas pelos scaldos para ganhar victorias, ressuscitar mortos, adivinhar o futuro, aliviar as mulheres de parto e vencer as resistencias de amantes, é que se transita para as *Cartas de tocar*, que foram muitissimo frequentes em Portugal no seculo XVII, como vemos por D. Francisco Manoel de Mello, e especialmente no processo de Luiz de la Penha, em Evora.

Na Ordenação manoelina cita-se a superstição de *vêr em agua, cristal, espelho ou espada*; na idade media, segundo o chronista Rimual, enchia-se uma bacia de agua benta, accendia-se-lhe uma luz, e depois de ditas as palavras de *Angelo bianco*, apparecia a imagem do ladrão no fundo da bacia; segundo Pausanias, existia uma fonte em Palta, diante do templo de Ceres, sob a qual se suspendia um *espelho* na ponta de uma fita, onde se via a imagem do doente no caso de ter cura. O *vêr* a sua imagem na agua, em vespera de Sam João é um bom agoiro; quando não é vista, é signal de morte; é muito vulgar na ilha da Madeira, como nos contou o professor Alvaro Rodrigues de Azevedo. A superstição do espelho ou vidro quebrado, refere-se a esta adivinhação da saude e da vida das pessoas. No Canon 37, do Concilio de Treves, de 1238 prohibe-se com pena de excomunhão o adivinhar pela inspecção de *espada*, ou do fogo.

No processo de Luiz de la Penha, cita-se o sortilegio do fogo para evocar as almas dos mortos, por meio de um rolo acceso, e também para adivinhar a sorte de qualquer pessoa, pondo em volta de uma altamia de agua trez candêas, sendo uma por Nossa Senhora, outra por S. João Evangelista e outra pela pessoa por quem se consulta; conforme a luz que se apaga assim se revela o futuro.

(Continúa.)

THEOPHILO BRAGA.





CAPELLA DE S. JOÃO BAPTISTA NA EGREJA DE S. ROQUE EM LISBOA — Desenho de Farclay e gravura de Hildibrand



## CAPELLA DE S. JOÃO BAPTISTA, NA EGREJA DE S. ROQUE <sup>1</sup>

**F**ESTA CAPELLA é um verdadeiro monumento artistico, o primeiro de Lisboa e de Portugal, se se attender a que aos primores d'arte reúne a riqueza dos materiaes. No seu genero é a unica na Peninsula; e em todo o mundo apenas tem uma companheira, que é a capella Xistina em Roma.

A capella de S. João Baptista, com o precioso thesouro de suas alfaias, é o objecto que a nossa capital encerra mais digno de offerer á contemplação dos estrangeiros. Qualquer que seja a terra d'onde estes venham, tem ali muito que vêr e admirar.

Não é preciso ser muito lido na historia portugueza para adivinhar, sem inquirir, pessoa alguma, quem foi o fundador de uma obra tão grandiosa. D'aquella collecção de pedras e metaes preciosos, em que o trabalho do artista mal deixa aos olhos do observador reparar na riqueza da materia; de toda aquella fabrica magnifica resalta o nome de D. João v, tão claro e brilhante, como se estivesse ali esculpido repetidas vezes em letras de oiro. N'esta capella está retratada uma das qualidades mais proeminentes do character d'el-rei D. João v, e tambem n'ella está escripto moralmente o maior acontecimento da sua epocha, o successo que deu ao seu reinado o vulto e feições que o distinguem de todos os outros. Essa qualidade é o amor da ostentação, que levou aquelle monarcha a esforçar-se por imitar Luiz xiv, o fastoso rei de França, tanto quanto lh'o permitiam os costumes modestos da nação, e a severa etiqueta da sua côrte.

Aquelle successo—foi o descobrimento das minas do oiro e diamantes do Brazil.

A capella de S. João Baptista é o epitome de todas as glorias architectonicas e artisticas do reinado em que mais se construiu n'esta nossa terra, e foi, como o ultimo canto do cysne a derradeira e mais bella de todas as obras de arte do rei magnanimo. Nenhum dos monarchas portuguezes teria animo e posses para dispender tão avultadas quantias na edificação de uma pequena capella, senão o fundador do palacio e basilica de Mafra, o instituidor da patriarchal.

<sup>1</sup> D'um excellente artigo do erudito escriptor o Ex.<sup>mo</sup> Snr. I. de Vilhena Barbosa, publicado no vol. 7.<sup>o</sup> do *Archivo Pittoresco*, extractamos a parte que damos n'este jornal.

A historia da fundação d'esta capella tambem mostra o character caprichoso do soberano.

Emquanto a egreja de S. Roque pertenceu aos jesuitas era muito frequentada pelos nossos monarchas, desde o tempo d'el-rei D. João iii, no reinado do qual se introduziu esta ordem no paiz, e se edificou a dita egreja. O *Te-Deum* que se costuma fazer na Sé patriarchal, com assistencia da côrte, no ultimo dia de dezembro, em acção de graças pelas mercês recebidas do Creador durante o anno findo, celebrava-se no templo de S. Roque, onde foi instituida esta cerimonia pelo patriarcha D. Thomaz de Almeida, no anno de 1718.

Todavia, apesar de estar affeito D. João v a visitar a egreja dos jesuitas, em dias ordinarios e por occasião de festividades, indo uma vez, no anno de 1740, assistir á grande funcção de Santo Ignacio de Loyola, instituidor da companhia de Jesus, reparou, e causou-lhe estranheza, que, achando-se ricamente armada toda a egreja, e parecendo as suas capellas competir entre si na magnificencia das alfaias, e na profusão das luzes e das flores, só uma se via tão singelamente ornada e tão mal allumiada, que se podia julgar, com razão, que ficara esquecida dos festeiros. Inquiriu el-rei os padres sobrê a causa d'esta tão notavel differença, e a resposta foi que, tendo todas as capellas, excepto uma, irmandades que cuidavam do seu ornato, cada uma d'estas se esmerava e lidava por sobresaír ás outras, emquanto que a capella de S. João Baptista, que por excepção se achava mais pobrementemente guardada, não tinha confraria alguma que se encarregasse de a servir e ornar. «Pois bem, disse el-rei, visto esta capella ser do santo do meu nome, e não ter irmandade, ella fica d'esde hoje em diante pertencendo ao meu cuidado.»

Passados poucos dias foram dois architectos tomar as medidas á capella de S. João Baptista. E logo depois enviaram-se essas medidas ao ministro portuguez na côrte de Roma, com ordem d'el-rei para encommendar aos principaes artistas da Italia uma capella, construida dos melhores marmores e de mosaicos, que não fosse inferior em riqueza, guardadas as proporções, á celebrada Xistina.

Querendo, porém, D. João v vêr o modêlo antes de começar a obra, foi satisfeita a vontade real.



Feito o risco da capella pelo architecto Vanvitelli, veio o modêlo para Lisboa, executado com a maior perfeição. <sup>1</sup> El-rei gostou muito d'elle; e a côrte e os architectos, já se sabe, não se cançavam de o applaudir, exaltando a grandeza de animo do soberano que assim ia ennobrecer o templo de S. Roque com uma obra de arte tão dispendiosa. Mandou-se pois executar o modelo, e acompanharam a approvação regia grossas quantias de dinheiro, que repetidas vezes foram renovadas.

Tendo noticia o papa Benedicto xiv que se achava concluida toda a obra da capella, resolveu-se a obsequiar el-rei D. João v de um modo particular e mui delicado. Fez armar a dita capella até á cimalha real dentro da basilica de S. Pedro, e depois de se proceder ás ceremonias da sagração, disse n'ella a primeira missa.

D. João v, que nunca ficara atraz nos certames da cortezia ou da generosidade, enviou ao summo pontifice, como esmola d'aquella missa, um calix de oiro de primoroso lavor, cravejado de diamantes, no valor de quarenta contos de réis. Desmanchada a capella, e encaixotadas todas as suas peças, foi conduzida a Portugal por Alexandre Giusti, distincto esculptor italianô, e por outros artistas que trabalharam n'ella, os quaes vinham encarregados de a collocar na igreja de S. Roque. Não teve D. João v o gosto de vêr o santo do seu nome honrado em tão sumptuosa capella.

Chegando esta a Lisboa em 1748, quando el-rei se achava no ultimo periodo da molestia que o levou á sepultura, falleceu o monarcha durante os trabalhos da construcção. Concluida no reinado de D. José, inaugurou-se, e patenteou-se ao publico no dia 13 de janeiro de 1751.

D'ahi a perto de cinco annos succedeu o fatal terremoto do 1.º de novembro de 1755, mas felizmente nada padeceu a capella de S. João Baptista. O cataclismo apenas arruinou o frontespicio da igreja de S. Roque, e a torre dos sinos, poupando todo o interior do templo.

A capella de S. João Baptista é a primeira do corpo da igreja, junto do cruzeiro, do lado do evangelho.

Exteriormente é o arco da capella de *colorinda*, tendo sobre o fecho o escudo das armas

reaes sustentado por dois anjos, esculpidos em *alabastro*. Interiormente é o mesmo arco de *alabastro*. Uma balaustrada de *verde antiquo* separa a capella do corpo da igreja, vedando-lhe o ingresso pela frente. Entra-se n'ella por duas portas, abertas nas paredes lateraes, uma que dá para a segunda capella da igreja, e a outra para o cruzeiro. Ambas as portas são de bronze curiosamente lavrado e arrendado, sendo as hobreiras e verga de *verde antiquo*. As paredes são de marmore preto no envasamento, ou roda-pé, e d'ahi para cima de *alabastro* e *jaldo antiquo*, com pilastras d'este ultimo precioso marmore; e sobre as portas dos paineis de mosaico com molduras de *porfido*, guarnecidas de ornatos de bronze. A cimalha é toda de *jaldo antiquo* com brincadas guarnições de bronze.

Da mesma pedra e de *verde antiquo* é a abobada, cujas decorações, compostas de varias tarjas, seraphins, e dois paineis com figuras, são de jaspe esculpidas com singular esmero.

Fôrma o retabulo um grande quadro de mosaico com a moldura de *porfido* ornada com esculpturas em bronze. Representa S. João Baptista baptizando a Jesus Christo no rio Jordão. Os quadros lateraes representam a Annunciação, e a descida do Espirito Santo sobre a Virgem e os apóstolos.

O retabulo está entre oito grandes e magnificas columnas de *lapis-lazuli*, com capiteis de bronze doirado, e bases de *alabastro* e *jaldo antiquo*. As paredes por detraz das oito columnas são de *alabastro* e *amethystas*. A cimalha e architrave são de *jaldo*, e as figuras de anjos e outras decorações são de jaspe.

Por baixo do retabulo até ao altar tudo é *colorinda*, *amethystas* e *lapis-lazuli*. O degrau em que poisam a cruz e os castiçaes é de cornalina e bronze doirado. De *jaspe* é feito todo o altar, excepto o frontal que é de *lapis-lazuli* e *amethystas*. Os dois degraus do altar são de *porfido*, e o suppedaneo de granito do Egypto, todos tres assentes sobre bronze lavrado. O pavimento da capella é de *porfido* e de *mosaico*, imitando este uma linda alcatifa de flores de variados e vivos matizes com o globo no centro.

Os tres formosos paineis feitos na celebre e mui antiga officina de mosaicos que ha em Roma, foram copiados de outros tres quadros pintados expressamente para este fim, por Agostinho Massuci, que passava então pelo mais abalizado pintor de toda a Italia. Este eximio artista, não obstante o seu muito talento e repu-

<sup>1</sup> Este modêlo foi dado por D. João v ao architecto do palacio de Mafra, João Frederico Lodovici. O neto d'este vendeu-o no primeiro quartel d'este seculo a João Baptista Verde.



tação, julgou dever copiar dos grandes mestres os quadros que haviam de servir de modelo aos de mosaico. Para o quadro do baptismo de Christo foi buscar um exemplar do mais insigne pintor da escola florentina, Miguel Angelo Bounarotti. Copiou o painel da *Annunciação* do excellente quadro de Guido Reni, um dos mais eminentes professores da escola bolognese. O da *descida do Espirito Santo* sobre a Virgem Maria e os apóstolos é a copia de uma das melhores produções de Raphael Sanzio de Urbino, o fundador da suprema illustração da escola romana. Assim associou Masucci ao monumento artistico por excellencia, aquelles nomes que fizeram a gloria de tres escolas de pintura, e que ainda hoje são objecto de veneração e acatamento.

O quadro principal, que forma o retabulo, é maior que os outros dois. Na parte superior d'elle está o Padre Eterno no meio de tres anjos. Mais abaixo vê-se o Espirito Santo na forma de uma pomba, descendo sobre a cabeça de Jesus Christo, que se acha no rio Jordão, no acto de receber o baptismo das mãos de S. João Baptista. Acompanham o Salvador dois anjos: Nossa Senhora, e outra Maria. Entre muitas bellezas d'este painel, sobresahe a da transparencia das aguas do Jordão onde Christo tem mettidos ambos os pés.

O quadro da descida do Espirito Santo sobre a Virgem Maria e os apóstolos reunidos na casa do cenaculo é de um lindo effeito. Está por cima da porta da capella do lado do evangelho. O da parte da epistola é o da Annunciação.

A toda esta grandeza correspondem perfeitamente, quer na riqueza da materia, quer no primor da arte, como tambem na qualidade dos objectos, os vasos sagrados, paramentos, e mais alfaias do serviço e ornato d'esta capella. Pendem-lhe do tecto tres grandes lampadas, de prata e bronze doirado, com muitas diversidades de labores. Levantam-se do pavimento, á entrada da capella, proximo da balaustrada de *verde antiquo*, dois candelabros de prata doirada que n o tem menos de dois metros e meio de altura, sendo precisos quatro homens para remover, com difficuldade, cada um d'elles. Ambas estas peças são admiraveis pela elegancia do desenho, delicadeza do trabalho, e perfeição da esculptura.

A banquetta que serve diariamente é de bronze doirado, guarnecido de *lapis-lazuli*, e do mesmo metal são as tres sacras, mas tudo isto é de um

trabalho delicadissimo. Todos os mais objectos preciosos, que servem unicamente nos dias festivos, estão guardados no thesoiro da capella, que se compõe de tres salas guarnecidas de armarios e gavetões, dispostas em tres pavimentos ao lado da capella-mór da egreja.

Pelo terremoto de 1755 perderam-se as seguintes preciosidades, pertencentes a esta capella, que se achavam no thesoiro da casa real, estabelecido no palacio dos duques de Bragança na rua do Thesoiro Velho, o qual foi arruinado e incendiado: Um grande magnifico sacrario de prata dourado, todo incrustado de diamantes e outras pedras preciosas; trinta e oito castiças, tambem de prata doirada, irmãos dos dois que servem actualmente de ciriaes, e um pallio riquissimo de lhama de prata coberto de bordaduras de oiro.

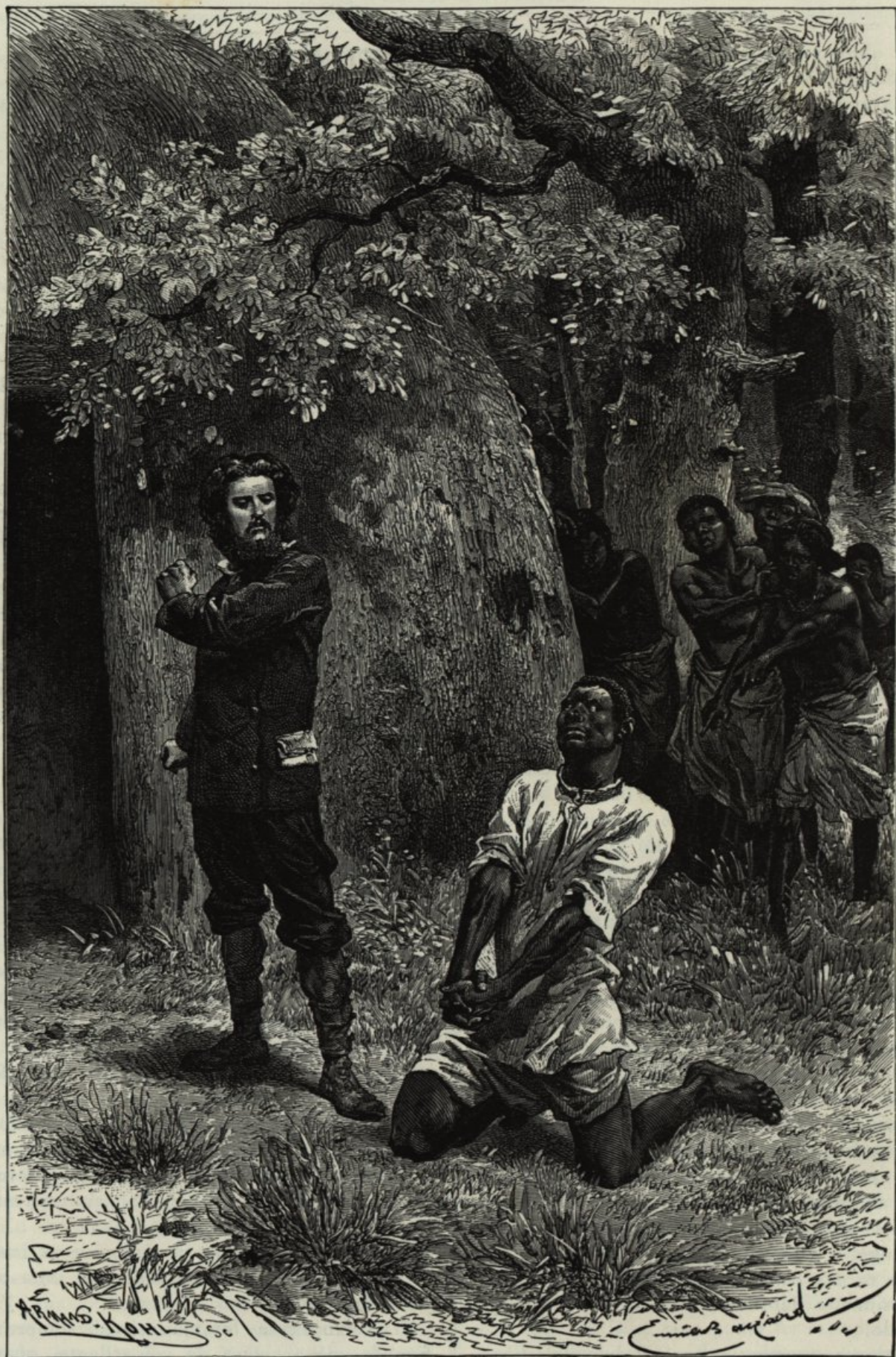
Pela invasão franceza, em 1808, o marechal Junot mandou conduzir toda a prata da capella de S. João Baptista para a casa da moeda, a fim de se fazer d'ella dinheiro.

Observando porém Junot os primores de arte que assim iam ser aniquilados, ordenou que voltasse tudo para a capella, resolvido, segundo parece, a transportar esses objectos para França. A evacuação forçada e repentina do exercito francez, em consequencia da batalha do Vimieiro, e da convenção de Cintra, obistou áquella expoliação. Todavia, quando chegou a ordem de Junot á casa da moeda para suspender a fundição d'aquellas pratas, já tinham sido desfeitos quatro relicarios de muito pezo. O custo total da capella, incluindo os vasos sagrados, paramentos e mais alfaias, eleva-se a oitocentos contos de réis.

Era administrada antigamente a capella de S. João Baptista por um monsenhor da patriarchal, com obrigação de celebrar n'ella missa em certas festividades do anno, durante as quaes estava patente ao publico, e nos outros dias occulta, com as cortinas corridas, pratica esta que ainda hoje dura. Presentemente está essa administração a cargo do sr. D. José Maria de Araujo Corrêa de Lacerda, deão da sé patriarchal.

Goza esta capella da prerogativa de não poderem dizer missa n'ella senão os conegos e dignidades da patriarchal, os deões das sés do reino, os bispos e arcebispos e o nuncio do papa. Accresciam outr'ora a esta lista os preladados geraes das ordens religiosas.





AGOUSTO DE JOELHOS DEANTE DO MAJOR SERPA PINTO — Composição de E. Bayard, segundo as gravuras da edição inglesa



# COMO EU ATRAVESSEI A AFRICA

DO ATLANTICO AO MAR INDICO—VIAGEM DE BENGUELLA Á CONTRA-COSTA—ATRAVÉS REGIÕES DESCONHECIDAS—DETERMINAÇÕES GEOGRAPHICAS E ESTUDOS ETHNOGRAPHICOS

POR

**SERPA PINTO**

PRIMEIRA PARTE

## A CARABINA D'EL-REI

(Continuado da folha 25)

**P**ois dias depois, veio procurar-me o Ivens, com quem tive larga conversa.

Dei-lhe todas as cartas de recommendação que Silva Porto me havia dado em Benguella para obter carregadores, e comprometti-me a não pedir gente ao sova Quilemo, ficando o campo completamente livre a elles. Ivens disse-me, que iam mudar para o abarracamento que tinham, e que em casa de Silva Porto me deixavam o que me pertencia na partilha. Eu mandara-lhes entregar todas as cargas que trouxera commigo, e as que acompañou o preto Barros, que já tinham chegado. O preto Barros declarou-me, que não queria continuar a viagem, e por isso despedi-o, bem como a alguns pretos de Benguella, que manifestaram igual intenção. Escrevi poucas linhas a Pereira de Mello, que o meu estado de saude não me permittia ser extenso. Quando fatigado de determinar tanta cousa, eu ia embrulhar-me nos lençoes e procurar no somno um pouco de descanso, surgiu diante de mim, como um espectro, um homem alto e magro de physionomia enérgica e distincta. Era o meu prisioneiro que eu havia olvidado, era o secúlo Palanca, o conselheiro intimo do sova Dumbo do Sambo.

«Já despachaste toda a tua gente, me disse elle; uns despediste-os, outros ficaste com elles, ¿o que determinas de mim, e qual é a minha sorte?» «Tu vaes voltar a tua casa, lhe respondi, levarás ao Dumbo a espingarda que lhe prometti, e alguma polvora, e para ti terei alguma coisa tambem. Devo-te uma indemnisação por aquella corda que tiveste ao pescoço, proximo do Cubango, e pelos sulcos que te fizeram nos pulsos as cordas com que te amarrei.» Chamei o Verissimo, e dei-lhe as minhas ordens n'esse sentido.

Palanca, sempre impassivel diante da liberdade e dos presentes, como o tinha sido diante

da prisão e da morte, retirou-se, e deixou logo o Bihé.

Dois homens seguiram-se no meu quarto á sahida do secúlo do Sambo. Estava escripto que eu não descançasse no primeiro dia das minhas melhoras. Estes dois pretos eram Cahinga e Jamba, os dois homens de confiança de Silva Porto, que elle me mandava de Benguella.

Depois de lhes ouvir mil protestos de dedicação, muitas vezes repetidos, consegui ficar só. Só, não! Junto de mim estava a unica, a grande dedicação que tive na minha viagem através de Africa, Córa, a minha cabrinha, em pé, com as patas pousadas sobre o leito, berrando e lambendo-me as mãos, pedia-me uma caricia, que eu não lhe fazia ha muito.

No dia seguinte, os meus companheiros avisaram-me de que deixavam a casa de Silva Porto e eu em uma maca mudei para ali. Encontrei 7 cargas de fazenda, 6 caixas de rancho, uma mala com instrumentos, e tres carabinas Snider, que elles me haviam deixado.

A libata de Silva Porto, ou povoação de Belmonte, está situada sobre a parte mais elevada d'um outeiro, cuja vertente norte desce suavemente até ao leito do rio Cuito, que corre a lèste para o Cuqueima.

A posição da libata é muito bonita, e forte como ponto estrategico.

Tem dentro um laranjal, onde as laranjeiras estão sempre em fruto e flôr, o que não acontece a algumas outras no Bihé. O laranjal é cercado d'uma sebe de roseiras, que attingem uma altura de tres metros, e estão sempre floridas.

Sycómoros enormes assombram as ruas e rodeam a povoação, defendida por uma forte paliçada de madeira.

Debaixo d'essas laranjeiras, cuja sombra perfumada me abrigava do sol ardente, quantos dias e quantas horas passei scismando na minha



posição, e elaborando projectos mais ou menos sensatos!

Foi ali que, arrastando ainda os membros tolhidos de dôres; que, queimado da febre, concebi e organizei na minha mente o plano que havia de realizar depois.

Se de alguma coisa me orgulho na minha viagem, é d'esse tempo.

Mais tarde joguei muitas vezes a vida, fui de certo mais de uma vez temerario, mas era obrigado a isso para me salvar.

Ali não! Estava doente, quasi anémico, e sem recursos. Uma facilidade relativa me abria o caminho de Benguella e da Europa. Mil difficuldades, que provinham da minha separação dos meus companheiros, apresentavam-me uma barreira quasi impossivel de transpor, para emprehender uma exploração qualquer. O desanimo reinava na minha pouca gente.

Entrévado e sem forças, não pensar um só momento em voltar face ao desconhecido que se erguia ante mim como um abysmo attrahente; desfazer uma a uma as difficuldades que surgiriam; reconstruir muitas vezes o trabalho feito, que se esvaia como cahe um castello de cartas; crear recursos onde os não havia; conseguir organizar uma expedição sobre as ruinas de outras que se haviam desmembrado; é, aos meus olhos, a parte mais difficil da minha viagem, e de que mais me orgulho, se é que me orgulho de alguma coisa.

Comecei por encontrar Verissimo Gonçaves para me acompanhar, e consegui fazer-me obedecer por elle cegamente.

Depois de muito estudar o caminho a seguir, resolvi ir direito ao alto Zambeze, seguindo a cumiada do paiz onde nascem os rios d'aquella parte d'Africa.

Chegado ao Zambeze, queria seguir a léste, estudar os affluentes da margem esquerda, e descendo ao Zumbo, ir d'ali a Quilimane por Tete e Senna.

Os mais praticos sertanejos, sabedores do meu projecto, diziam-me, que eu não chegava a meio caminho do Zambeze, e creio que me tinham por tolo.

Eu deixava-os fallar e prosegui sempre na organização do pessoal e confecção do material necessario aos meus planos.

No dia 27 de março, primeiro em que pude escrever livremente, escrevi ao governo da Metropole, e ao Pereira de Mello, e Silva Porto. Dava-lhes parte do occorrido até então, e pe-

dia-lhes auxilio e conselho, submettendo á sua critica os meus projectos. Despachei portadores para Benguella com as cartas, e fui trabalhando, mais confiado em mim do que em outrem.

A esse tempo, uma grande parte das cargas deixadas em Benguella, em novembro, «havia 5 mezes», ainda não tinham chegado.

Appareceram-me na libata o ex-chefe de Caconda, alferes Castro, e o degredado Domingos, que iam para Caconda. Contaram-me que, chegados ao Bihé, tinham sido encarregados por Capello e Ivens de ir construir o abarracamento, e de fazer transportar para ali as cargas que estavam em Belmonte.

O alferes Castro voltava sem nenhum conforto, e eu, das 6 caixas de rancho que me tinha deixado o Ivens, dei-lhe o assucar, chá, café, etc., necessario para a viagem.

Creio que aquelle senhor, depois de ter sido a causa de tanto soffrimento que tive, de tantos riscos que corri, não terá motivo de queixar-se do modo por que o recebi no Bihé; se quizer ser justo e verdadeiro.

Quanto ao degredado Domingos, se bem me recordo, dei-lhe uma carta de recommendação para o governador de Benguella, de quem ia solicitar um favor.

Foi assim que tratei os dois homens que mais me fizeram soffrer em Africa, porque quando deram causa a isso, eu ainda não estava habituado ao soffrimento.

No principio de abril, eu já bastante melhor, tinha promptos 60 carregadores, e esperava apenas a chegada das cargas de Benguella, para receber mais alguma fazenda e partir.

A minha vida era um trabalhar incessante, e ao mesmo tempo compilava um livro de lembranças, para ter á mão as formulas que me eram necessarias para os meus calculos; fazia umas taboas de raizes quadradas e raizes cubicas, que calculei para os numeros de 1 a 1:000. Deduzia com trabalho immenso algumas formulas trigonometricas, porque na Europa, para tornar mais portateis as minhas taboas logarithmicas as tinha feito encadernar, supprimindo a parte explicativa; e por um engano deploravel, n'uma remessa de objectos que de Loanda fiz para Portugal, foram incluidos os meus livros mathematicos. Não se riam os sabios, da singeleza com que lhes narro as difficuldades com que lutei no Bihé para poder ter escriptas n'um livrete algumas formulas vulgares. Quem não é explicador de mathematica, vê-se muitas ve-



zes embaraçado para resolver uma questão mui simples, quando lhe falte um livro que lhe avive a memoria preguiçosa. No Bihé faltavam-me todos os livros, e por isso eu fazia um, para meu uso e, ou se riam ou não, declaro-lhes que não me foi facil. Toda a minha bibliotheca consistia em tres almanachs para 1878, 1879 e 1880, as taboas de logarithmos, como já disse, sem texto, taboas sómente, o *Eurico* de Herculano, as poesias de Casimiro d'Abreu, e um livrinho de Flamarion, *As Maravilhas Celestes*.

Em tudo isto não tinha muito onde refazer a memoria para as questões de  $x$  e  $y$ .

Depois havia ainda outra difficuldade. Eu tinha de fazer e de pensar em muitas coisas ao mesmo tempo, e coisas um pouco incompativeis entre si. Às vezes tinha conseguido quasi reconstruir uma das fórmulas de Neper para resolver triangulos esphericos, quando entrava o muleque, e me exigia que dissesse, se a gallinha para o jantar devia ser cozida ou assada (durante a minha estada no Bihé, comi cento e sessenta e nove gallinhas.) Logo, entrava outro pedindo sabão para lavar a roupa; depois, eram carregadores que me vinham fallar; em seguida, enviados do sova que me queriam extorquir mais algumas jardas de fazenda. Um inferno, um verdadeiro inferno.

Eu tinha feito e fazia um grande numero de observações meteorologicas.

Os meus chronometros estavam perfeitamente regulados, e a minha posição determinada. Algumas excursões que fiz no paiz com a bussola na mão, permittiram-me fazer uma carta, de certo grosseira, mas tão approximada

quanto se pôde exigir de um trabalho d'estes em viagem de exploração. Apesar dos meus trabalhos, ou talvez por causa d'elles, eu estava satisfeito, e mal pensava nas tribulações porque tinha de passar ainda nas terras do Bihé.

Antes porém de continuar a narrativa das minhas aventuras, abro um parenthesis para fallar um pouco d'este paiz, tão importante e rico quanto pouco conhecido entre nós, a quem interessa mais o seu conhecimento do que a ninguém.

O Bihé limita ao Norte com o sertão do Andulo, a N. O. com o Bailundo, a Oeste com o paiz de Moma, a S. O. com os Gonzellos de Caquingue, ao S. e L. com os povos Ganguelas livres. O rio Cuqueima é quasi um limite natural do Bihé por Oeste, Sul e Leste, mas, na realidade, a auctoridade do sova do Bihé ainda se exerce para além d'aquelle rio em alguns pontos. O paiz é pequeno, mas muito povoado.

Eu avalio grosseiramente a sua área em 2:500 milhas quadradas, e um calculo ainda mais grosseiro fez-me estimar a sua população em 95 mil habitantes, o que nos dá apenas 38 habitantes por milha quadrada; e ainda que este numero nos pareça mui pequeno, por ser menos

de um terço do que se dá entre nós, é consideravel para a Africa Austral, onde a população está muito pouco accumulada.

Em tempo, como se verá, pouco distante, estas terras do Bihé eram povoadas de mattas densas, onde abundavam elephantes, e onde assentavam raras povoações de raça Ganguela.

O rio Cuanza, depois da sua confluencia com



VERISSIMO — Segundo um esboço do major Serpa Pinto



o Cuqueima, divide o paiz do Andulo do paiz de Gamba, que lhe fica a Leste. Era sova de Gamba um tal Bomba, que possuia uma filha de grande formosura, chamada Cahanda.

Este sova Bomba vivia na margem esquerda do rio Loando, affluente do Cuanza.

A formosa e negra princeza Cahanda, pediu ao pae para ir visitar umas parentas que eram senhoras da povoação de Ungundo, unica de alguma importancia no Bihé de outr'ora.

Estando a filha do sova Bomba n'esta povoação de Ungundo a visitar as parentas, aconteceu chegar ao paiz um ousado caçador de elephantos chamado Bihé, filho do sova do Humbe, que com grande comitiva tinha passado o Cunene e estendido as suas excursões venatorias até áquellas remotas terras. Um dia o selvagem discipulo de Santo Huberto teve fome, e estando perto da povoação de Ungundo, dirigiu-se ali a pedir de comer. Foi então que viu a formosa Cahanda, e é preciso dizel-o, que vê-la e amal-a foi obra d'um momento. Estas questões de amor em Africa são muitos semelhantes ás questões de amor na Europa, e pouco depois do encontro dos dois jovens, Cahanda era raptada, e Bihé plantava a estacada da grande povoação que ainda hoje é a capital do paiz, paiz a que deu o seu nome, fazendo-se acclamar sova. As dispersas tribus Ganguelas foram por elle submettidas, e o pae da primeira soberana do Bihé reconciliando-se com a filha, permittiu uma grande emigração do seu povo para ali. Ao casamento do sova succederam-se muitos outros entre as mulheres do norte e os caçadores do seu sequito, e esta é a origem do povo Biheno.

Assim os Bihenos são Mohumbes, nome que na Africa Austral de Oeste dão aos descendentes da raça do Humbe, os quaes não se encontram só no Bihé, mas estão tambem espalhados em outros pontos, sobretudo em frente da costa entre Mossamedes e Benguella, misturados com os Mundombes, que são a verdadeira raça d'aquelle paiz. Hoje a verdadeira raça Mohumbe, no Bihé, é representada pela nobreza e gente rica do paiz, os descendentes dos caçadores do primeiro sova, e ainda assim, fóra da familia reinante, está ella misturada com sangue de raças muito differentes; porque, sendo o Bihé desde o seu começo um grande emporio de escravatura, e tendo sido colonizado em grande parte por escravos de raças diversas, o baixo povo provém de uma mistura inexplicavel, e a

nobreza mesmo, nas suas bastardias numerosas, tem trazido ás suas descendencias sangue dos paizes mais remotos da Africa Austral.

Da união de Bihé e da formosa Cahanda nasceu um unico filho varão, que teve o nome de Jambi, e succedeu no governo a seu pae. Este Jambi teve dois filhos, dos quaes o primogenito se chamou Giraul, e o segundo Cangombi. Giraul herdou o poder por morte de seu pae, e receiando-se de seu irmão, que tinha grande influencia no povo, o fez prender secretamente de noite, e o vendeu como escravo, a um preto que ia conduzir uma leva de escravos a Loanda.

Cangombi, por acaso, em Loanda foi comprado pelo governador geral, de quem foi escravo. Tempos depois, os despotismos e as arbitrariedades de Giraul fizeram-no detestado do seu povo; houve conspiração, e alguns nobres partiram secretamente para Loanda, com muito marfim, para resgatar seu irmão, e acclamal-o, depois de deporem aquelle. O governador de Angola de então, vendo o partido que podia tirar d'esta questão, para a corôa portugueza, não só entregou Cangombi sem resgate, mas ainda o encheu de presentes, e lhe deu auxilio contra seu irmão; e por isso Cangombi se apresentou no Bihé com grande comitiva, que veio por Pungo-Andongo e subiu o Cuanza, entre a qual se contavam muitos portuguezes. Declarada a guerra, Giraul foi vencido, sendo trahido pelos seus, e entregou as redeas do governo a seu irmão mais novo, que lhe deu uma povoação e um pequeno dominio para viver.

Quatro annos depois, Giraul revoltava-se e vinha pôr cêrco á capital. Novamente vencido e prisioneiro, foi entregue por seu irmão aos Ganguelas de além Cuanza para o comerem; não que estes Ganguelas sejam positivamente canibaes, mas, de vez em quando, não desgostam de comer um bocado de homem assado.

Eu não pude saber o nome do governador que prestou mão-forte ao filho segundo do Jambi para lhe dar o poder, mas estou certo que a esse respeito alguma cousa deve existir no ministerio da marinha e ultramar, porque um passo d'aquelles não podia deixar de ser communicado ao governo da metropole.

Cangombi foi grande sova, e teve oito filhos, dos quaes seis foram sovas do Bihé; o que não é para admirar, porque ali herda o poder o mais proximo da ascendencia. Assim, em quanto existem filhos de um sova, os netos não vão ao poder, e o neto primogenito do filho primoge-



nito só toma as redeas do governo quando não existe nenhum dos seus tios, irmãos mais novos de seu pae.

Por esta lei herdou o poder Cahueue, filho mais velho de Cangombi, e por mortes successivas, seus irmãos Moma, Bandúa, Ungulo, Leamula e Calangula. Os dois filhos de Cangombi que não foram sovas, foram Calali e Óchi, por terem morrido cedo. Este Óchi era immediato ao mais velho Cahueue, e deixou um filho que foi sova por morte de seu tio Caiangula, por não ter deixado filhos o irmão mais velho de seu pae.

Este sova chamava-se Muquinda, e por sua

morte foi o governo a seu primo Gubengui, filho mais velho do sova Moma immediato a seu pae. A este Muquinda seguia-se outro irmão chamado Quitungo, que morreu quando ia ser aclamado, já dentro da capital.

De todos os oito filhos de Cangombi, só existia um descendente legitimo, filho do sova Bandúa, que foi aclamado. É elle Quillemo, o actual sova do Bihé.

Ha comtudo um filho bastardo de Moma, chamado Canhamangole, que está indigitado para succeder a Quillemo; em seguida passarão ao poder, os filhos d'este ultimo, que são muitos.

(Continua.)

## CRUZEIROS NA COSTA D'AFRICA

(Continuado da folha 26)

NADA mais animado do que o rio de Bonny: durante a estação, propria para o commercio do azeite, immensas pirogas, armadas de pequenas peças d'artilharia á popa e á prôa, tripuladas por vinte homens pelo menos, circulam com rapidez e sobem o rio até Ibo, onde é o grande mercado; os agentes do rei andam no meio d'esta confusão e procuram agarrar os devedores do rei a quem foram feitos adiantamentos; um sabre desembainhado é o distinctivo dos agentes fiscaes do rei. A piroga capturada é levada para junto do navio ao qual o rei concedeu o direito de captura. O azeite é transportado quer em barris, quer em grandes cabaças; é vendido falsificado com agua e substancias extranhas de que tem de ser purificado; todos os navios têm a bordo um forno proprio para esta clarificação. São precisos muitos mezes para concluir um carregamento.

A cidade de Bonny tinha, em 1842, uma extensão decupla da que tinha em 1832, todavia as ruas ainda eram inundaveis e ainda havia paues em que se passava ás costas d'homens. O unico monumento de Bonny era o palacio dos Jews-Jews, ornado com cabeças d'elephante; servia de ponto de reunião aos Jews-Jews; era uma especie de parlamento local, metade casa de bolsa, metade parlamento, onde se discutiam os negocios do paiz e as questões commerciaes. O governo de Bonny é oligarchico; o rei tem sempre um ou dois collegas e o grande feiticeiro

exerce uma acção, o mais das vezes perponderante, nos seus conselhos.

As mulheres de Bonny, altas e bem feitas, são muito orgulhosas das suas bellezas; as raparigas, até que se casem, passeiam n'um estado de nudez, unicamente mascarado por uma estreita faixa enrolada em volta da cinta, cujas duas extremidades cahem elegantemente; os seus enfeites consistem em desenhos feitos na pelle; as elegantes sentem-se desvanecidas quando a sua *tatoagem* desperta a attenção dos elegantes.

A aldeia dos Jews-Jews está situada a duas milhas abaixo de Bonny; o chefe dos pilotos e dos feiticeiros reside ali. Aquanta era o chefe em exercicio (estes sacerdotes só são revestidos d'esse poder durante trez annos.) O grande lagarto e os corcodilos são fetiches; um dos meus marinheiros quiz em 1832 agarrar um lagarto, mas eu intervi muito a proposito para apaziguar o tumulto que causára o crime de lesa divindade.

A moeda de Bonny é um anel de ferro, pouco mais ou menos de trez centimetros de diametro, valendo um vintem, que tem curso no valle do Niger e que tambem se encontra no Grã-Bassam; o coril tambem aqui tem curso, assim como em Whidah e em todo o Sudão; estes pequenos buzios vem de Madagascar e de Moçambique. O systema de fiscalisação aduaneira é baseado sobre o tirante d'agua dos na-



vios; os direitos pagam-se em barras, valor local de, pouco mais ou menos, onze vintens.

Em 1842 Bonny era frequentada por alguns navios francezes. Por occasião da minha estada ali encontrei dois, um dos quaes era commandado por um antigo official da marinha imperial que, demittido em 1815, tinha dirigido a sua actividade para a escravatura; era aquella uma empresa aventureosa, que demandava audacia e que promettia abundantes lucros, por isso muitos corsarios foram para ella attrahidos. Modificando mais tarde o seu plano, o ex-official de marinha tinha vindo carregar a Bonny azeite em vez de *madeira d'ebano*, termo generico com o qual são designados os escravos na costa d'Africa. Sem duvida, bem apesar d'elle, não pudera ainda purgar-se completamente da sua indole de patife e pretendia abusar dos negros á sombra d'um negocio honesto. Tinha por corrector um antigo libertado de Papel que fôra regente do reino durante a menoridade do soberano, então reinante, chamava-se Anna Papel, segundo o uso dos libertos, pois que tomam o nome dos seus senhores. O meu compatriota patife dirigiu-me uma queixa contra este corrector que fui procurar, afim de resolver amigavelmente a questão; fui recebido muito cortezmente e recebi a promessa de, no dia seguinte, ser procurado por elle. Anna Papel foi fiel á sua palavra e no dia seguinte procurou-me. A sua piroga de grande gala era remada por oitenta remadores embrulhados elegantemente em pannos de côres variegadas. Os seus bonnés vermelhos formavam um grande contraste com os seus troncos d'ebano reluzentes d'oleo e de suor; as umbrellas, os servos e todo o cortejo d'este grande senhor saltou para bordo do *Malouine*. A piroga, tão comprida como o brigue, ficou prolongada com o navio; depois das saudações do costume e depois de ter comido o que lhe offereci, Anna Papel levantou a questão do litigio e fez desdobrar pelos seus servos tecidos inglezes e em seguida os tecidos francezes que lhe tinham sido dados pelo francez ex-negreiro; o corrector quiz que uns e outros fossem medidos: os estofos inglezes tinham entre vinte e vinte e dois metros; os tecidos francezes, tecidos d'algodão das fabricas de Ruão, só tinham entre dez e onze metros. Anna Papel mostrou-me que os tecidos francezes só tinham ourela d'um dos lados e que umas thesouras tinham partido em duas a peça. Nenhum negociante seria n'este genero capaz de nada ensinar-lhe; elle tinha dado uma

barrica inteira por cada peça ingleza e meia barrica pelas peças francezas. O patife do meu compatriota ficou confundido ao descobrir-se-lhe a tratantada; Salomão não teria julgado melhor do que o fizera Anna Papel e eu curvei-me á sua decisão. O patife não se deu por batido e dirigiu uma queixa official ao ministro da marinha, accusando-me de não ter sustentado o prestigio da bandeira franceza. Não me foi difficil justificar-me e mostrar que patifarias semelhantes só tinham por effeito o desconsiderar a bandeira da minha patria; o capitão negreiro esperava ao abrigo dos meus canhões fazer por meio preço um carregamento completo.

Em 1867 enviei a Bonny um dos avisos da minha divisão naval. Um novo Papel succedera aos dois outros; tinha sido educado em Inglaterra; joguete das intrigas inglezas acolheu mal o official que eu lhe enviara para sustentar os interesses do cuter *José Leão*, no qual um aventureiro tinha carregado algumas pipas de vinho com a intenção de trocar por um abundante carregamento d'azeite. O Bonny é hoje governada pelo vice-consul inglez de Fernando-Pô e a França é d'ali systematicamente afastada; o commercio d'esta praça está perturbado pelas intrigas dos negociantes e dos chefes. Um tribunal chamado d'equidade resolve as difficuldades levantadas entre os capitães dos navios e os negociantes. Este tribunal applica muitas vezes injustamente as condemnações e dá por isso muito trabalho ao consul de Fernando-Pô e aos cruzadores inglezes.

Uma rivalidade que chega até ao cannibalismo existe entre as populações de Bonny e as d'Andony e as de Qua. Ha repetidas escaramuças que obrigam os cruzeiros a envolverem-se n'estas rixas. A antropophagia está nos costumes das raças do interior.

O commercio do velho Calebar e o de Bonny consiste em azeite de palma, a mercadoria por excellencia. Desde o cabo das Palmas até Cameron exportam-se de vinte cinco a trinta mil pipas.

Os chefes, engodados pela procura do azeite sempre crescente, augmentaram as tarifas aduaneiras que agora afastam o commercio. Os direitos no velho Calebar são de quinhentos e quarenta réis por pipa: Creak-Town está em plena decadencia e Duke-Town é o unico ponto onde se faz negocio.

O *duque de Ephraim*, assim como o do *grão Sestro* são de fabrico francez; o seu diploma data





FERNANDO-PÓ : ILHOTA HENRIQUE, PRESIDIO DOS DEPORTADOS POLITICOS — Desenho de Th. Werber, segundo uma photographia



de Luiz XIV e continuam aquelles chefes muito orgulhosos do seu titulo. Os francezes abandonaram estas paragens ha perto de trinta annos; os chefes exprimiram-me as suas sympathias pela França e o desejo de vêr a sua bandeira.

As ilhas d'Ambrosio, situadas no sopé do pico Cameron, são habitadas por uma raça de pescadores que construíram cubatas, como ninhos d'andorinhas, em penedias quasi inacessíveis; têm mantido a sua independencia para

com os povos seus vizinhos; a missão anabatista de Londres creou aqui um estabelecimento. A divisão naval ingleza pelo mesmo tempo occupou Beinbia, onde estabeleceu um posto temporario para o fornecimento da sua marinha.

Este ancoradouro é perfeitamente seguro. O cume do monte Cameron está coberto de povoações, onde unicamente se negocia em azeite de palma.

O velho Calebar tem uma missão escoceza.



BAHIA SANTA IZABEL (ILHA DE FERNANDO-PÓ) — Desenho de A. de Bar, segundo uma photographia

Desde 1846 que os progressos da religião christã são vagarosos; os escravos, que são aquelles que mais tendencia tem para acceitar uma religião que lhes é favoravel, tornando-os eguaes ás pessoas livres, são obrigados a usar um vestuario especial e não podem estar nas egrejas senão em logar inferior.

As viúvas são muito maltratadas no Calebar. Às vezes são obrigadas a estar annos sem sahir de casa; os missionarios anglicanos conseguiram mitigar um pouco esta sua triste posição. Este uso é geral e é proveniente da crença nos espiritos; as viúvas são consideradas como tendo

em si a alma do defunto marido e são-lhe necessarias longas purificações para se livrarem de tão incommodo inquilino. Esta crença anima o deboche nas viúvas.

Fernando-Pó é a maior ilha do golpho de Biaffra; a sua situação faz d'ella a chave dos rios que desagôam no mar, desde cabo Formoso até Malimba.

A tradição conta que esta ilha foi descoberta por um capitão chamado Fernando-Pó, de quem conservou o nome. É provavel que esta descoberta fosse feita, pouco mais ou menos, ao mesmo tempo que a descoberta da ilha de S. Thomé.



Fernando-Pó n'esse tempo já era habitada, ao contrario das ilhas de S. Thomé, do Príncipe e do Anno Bom, onde os navegadores portuguezes não encontraram nenhum ser humano.

A ilha de Fernando-Pó foi cedida á Hespanha por um tratado com data de 1778. N'outros tempos tinha recebido alguns colonos e as feitorias lá creadas pelos portuguezes foram destruidas pelos holandezes no seculo decimo sexto.

Em 1827 a posse temporaria de Fernando-Pó foi cedida á Inglaterra, que fez d'ella o centro d'onde partiam os navios que crusavam na Africa, afim de prohibirem a escravatura. O capitão Owen foi encarregado d'installar os primeiros emigrantes vindos da Serra-Leôa; algumas rampas foram abertas na penedia da bahia do norte, a que elle chamou Clarence.

Em 1842 com o *Malouine* visitei Clarence. A auctoridade era o capitão Becroft, que accumulava o cargo d'agente d'Hespanha com o de director d'uma companhia commercial ingleza. Depois d'esta época voltei a Clarence muitas vezes. Em 1845 por intermedio de Guillemar d'Aragon os hespanhoes tomaram novamente posse, e eu com o seu consentimento, levantei a planta da bahia que chrismaram com o nome de Santa Izabel. Desde esse tempo a ilha tem guarnição hespanhola commandada por um brigadeiro. Depois da reoccupação de 1845 os missionarios anglicanos foram obrigados a evacuar Santa Izabel, os jesuitas foram tambem d'ali expulsos depois das revoluções recentes havidas em Hespanha.

Durante o ultimo anno do governo da rainha

Izabel, Fernando-Pó era o lugar para onde o governo deportava os seus inimigos: a Havana tinha a seu cargo o dar os fundos necessarios para o soldo das forças estacionarias em Fernando-Pó, onde se tinham construido quartéis proprios do clima e um palacio para o governador.

A raça que habita Fernando-Pó, divide-se em muitas tribus, cujas linguas téem entre si muitas affinidades e pouco differem das falladas no continente. Esta raça é pelos europeus chamada Bouvis; é honesta e contenta-se em cultivar o que lhe é necessario para lhe assegurar a subsistencia. O inhame é a base da sua alimentação. As diversas tribus téem o nome de Ba-teti, Ba-ni, Ba-kaski, Ba-loko.

Os jesuitas tinham feito alguns proselytos e alguns ensaios de coltura.

A linha de vapores inglezes concentrou os seus serviços em Fernando-Pó, que está em constantes relações com os rios da costa de que procura centralisar o commercio; é preciso confessar que para tal fim está magnificamente situada e que só lhe falta dinheiro para se tornar o centro d'um commercio importante.

Fernando-Pó está quasi completamente coberto de magnificas florestas. É perigoso saltar a terra do lado do sul, onde vivem os escravos fugitivos que se escapam em pirogas de S. Thomé; vivem nas florestas e apenas se conhecem as suas habitações pelo fumo que se eleva acima das arvores.

(Continúa.)

## SUPERSTIÇÕES POPULARES EM PORTUGAL

(Continuado da folha 26)

**F** NOTAVEL esta relação de adivinhar pela agua simultaneamente com a luz. No Cancioneiro da Vaticana ha muitas referencias ao costume popular de *queimar candêas*; nos Açores as feiticeiras mostram-se de noite com candeias a appagarem-se e a accendem-se.

Um trovador, escreve:

Quer'eu ora mui cedo provar se poderey  
hir queimar unhas *candêas* con gran coita qu'ey,  
e per' veer meu amigo logu'i. <sup>1</sup>

<sup>1</sup> *Canc. da Vaticana*, n.º 265; cf. 336, 339, 807, etc.

No processo de Luiz de la Penha, falla-se na adivinhação por meio de meninos, curando infeitiçados por meio de *crianças pequenas* (Libello, art. 2.) Alfredo Maury cita esta superstição, que se liga á de *ver em espelho*: «Didius Julianus recorreu á adivinhação que se pratica com um *espelho*, detraz do qual crianças, cuja cabeça e olhar foram submettidos a certos encantamentos, lêem segundo, se diz, o futuro.» Segundo Maury, este uso era frequente no Oriente e Egypto. Em uma Carta de D. Jorge de Noronha, de 24 de Março de 1579 a Philippe II, diz que Portugal lhe pertence «e que pôde vir quando



quizer, *porque até as crianças cantam...*» No romance de D. Alarcos, a criança adivinha a morte do rei e de sua filha. No processo de Luiz de la Penha de 1626, se lê: «curava enfeitizados, mas que o não podia fazer senão por meio de *crianças pequenas...*» Liga-se a essa outra superstição de *homem pequeno*, citada no processo de Anna Antonia, e de *menino de dez annos*, do processo do christão velho de Coimbra Pero Affonso, de 1621. Na Beira ainda persiste a crença na virtude curativa das crianças, sobretudo nas quebraduras.

«São muitas as superstições portuguezas relativas ao Sam João, e algumas não as vimos ainda mencionar em outros povos, onde todavia talvez existam. Uma muito curiosa e pouco conhecida é a relativa á *cura das hernias*. No Minho e Traz-os-Montes, na noite de Sam João, serra-se ao meio o tronco de um carvalho cerquinho e passa-se entre a abertura assim feita uma criança que padece d'uma hernia (*quebradura*, na linguagem popular); depois unem-se de novo as duas partes separadas do tronco e liga-se bem em torno; é crença que se as partes se ligam, e o tronco continua verde, a criança está curada, se o contrario se dá a criança não tem cura. Esta crença está profundamente inveterada. Na Beira (pelo menos nas proximidades de Coimbra) o uso tem uma variante. Vão duas *crianças*, uma do sexo masculino, cujo nome de baptismo seja João, outra do sexo femenino cujo nome de baptismo seja Maria, e que possam pela sua idade tomar em seus braços a criança que tem *quebradura*; colloca-se João de um lado, e Maria do outro, e trava-se o seguinte curto dialogo:

JOÃO: Toma lá, Maria.  
MARIA: Que me dás, João?  
JOÃO: Um corpo *quebrado*  
Para m'o pôres são.

«E João passa a criança pela abertura no carvalho para Maria.»<sup>1</sup> Evidentemente este costume é uma notavel persistencia d'aquelle que apparece prohibido nas Ordenações manoelinas de *passar doente por silvão ou machieiro*. Sobre a importancia religiosa do carvalho, em varias povoações de Portugal já colligimos um grande numero de factos nas *Epopéas mosarabes*.<sup>2</sup>

O sr. Leite de Vasconcellos colligiu esta superstição em varios pontos de Portugal: «Quando uma criança está rendida, vão tres Marias a fiar na roca, e tres Joões com ellas, á meia noite de Sam João, ao pé de um vimieiro. Um dos Joões, racha o vime, os outros dois passam a criança pela abertura do vime.

ELLES: O que fazeis vós?  
ELLAS: Fiamos linho assedado,  
Para ligar o vime,  
Que o menino é quebrado.

«Isto diz-se tres vezes. Se o vime soldar, é porque o menino sára; se não, não. (Minho.)» Em Alijó, é um João e uma Maria ambos virgens que passam a criança ao pé d'um armeiro.

—Toma lá João  
O meu menino quebrado,  
E hasde-m'o dar são.

E em Sam Martinho de Guifães, diz a moça Maria:

Assim como a Virgem  
Sarou da sua paridura,  
Sare eu da minha rendedura.

No Porto tambem se passa a criança pelo carvalho cerquinho, passando-se a cerimonia entre o padrinho e a madrinha:

—Aqui tens a tua afilhada  
Que nos dizem que está quebrada.  
«Eu que a accito sã e salva  
Como na hora em que foi nada.»

O facto de preferir-se a noite de Sam João pertence a outra ordem de superstições derivadas dos mythos áricos confundidas com vestigios dos cultos phalicos.

O costume de *revolver penedos*, ainda é actual; em Villa Nova de Foscôa, para pedir chuva, juntam-se nove donzellas, que vão em procissão ao sitio chamado *Lameiro* de Azinhate, e ali viram para baixo uma grande pia de pedra, retirando-se depois seguras de que a chuva não faltará. (Almeida, *Dicc. chorographico*, t. III, p. 229.) Já apontámos o sentido mythico das donzellas com relação á chuva; em Foscôa as preces são feitas a Nossa Senhora. O nome de Maria, é condição essencial para o poder das nove donzellas. D. Joaquin Costa, na *Poesia popular española*, alludindo ao mytho das Donzellas em lucta com a Serpente, (cuja cabeça é esmagada pela virgem Maria) diz: «Não é outra a origem do fa-

<sup>1</sup> F. A. Coelho, *Bibliographia critica*, p. 303.

<sup>2</sup> Op. cit., p. 55.



moso tributo das *Cem Donzellas*, tão popular nas lendas asturianas, portuguezas e catalans, e que deu argumento ao famoso romance *No figueiral figueiredo* e a outros muitos; aqui desaparece o Dragão, substituindo-o os inimigos da patria; porém esse dragão reaparece nas *Mouras encantadas* e na Serpe da batalha de Hacinas, segundo a versão do Poema de Fernão Gonzales...» (Op. cit., p. 311.) D'este mytho subsiste na superstição popular o poder das donzellas chamadas Maria que matam as serpentes com qualquer leve toque. São notaveis estes factos para se comprehender como se opéra a decomposição dos mythos em superstições populares.

As *pedras* e os *lameiros* pertencem á religião chthoniana.

Sobre a persistencia dos cultos phalicos em Portugal, achamos estes factos observados pelo sr. Leite de Vasconcellos: «Na serra de Sam Domingos, ao pé de Lamego, ha uma *pedra comprida* na qual as *mulheres estereis* se vão deitar para serem *secundas*. Nos arredores de Lamego é muito memorada esta Pedra de Sam Domingos (o santo tem na serra uma capella) e uma pessoa da minha familia conhece varias mulheres que lá foram para o fim indicado.» *Vanguarda*, n.º 27. (1880.) «No monte de Santa Luzia, (Minho) ha um Santo Elyseu em um nicho, aonde as moças vão ás quartas feiras, e virando o Santo para ellas, lhe *atiram com uma pedra* e dizem:

Oh meu santo Elyseu  
Casar quero eu.»

(*Vanguarda*, n.º 34.)

Aqui o nome de Elyseu tem a extraordinaria relação com *Elusia* ou a Artemis de Epheso, (Baissac, op. cit. I, 256) e com o epitheto de *Elisa*, a forte Deusa, dada a Dido, hoje equiparada a Anath-Astarte, do culto petanista. «A uma legua da povoação de Peneda, concelho dos Arcos, ha um *penedo dos casamentos*, a que se atira pedra.» (*Vanguarda*, n.º 34.) Na Ordenação manuelina prohibe-se o tomar *pedra de ara*; na superstição popular de Gaia e outras povoações do Minho, ainda lhe chamam *pedra d'era* e emprega-se como meio de um rapaz ser amado por uma rapariga. (*Vanguarda*, ib.)

A superstição de *lançar jueira*, da Ordenação manuelina, acha-se referida tambem no processo de Luiz de la Penha, (lib., art. 18): «E outro papel de palavras de esconjuração da thezoura e *jueira*...» E em appenso: «Tomarão huma te-

soura e metellaam cruzada n'uma *jueira* ou *pineira*, e dirão:

Por Sam Pedro e por Sam Paulo  
e por sam pullão e por sam pero pullão,  
e pellos cinco planetas do mundo,  
que se tal cousa (*o que querem saber*)  
que tu andes para a parte direita,  
e se não he tal cousa que estejas queda.

«Isto dito cinco vezes sobre a tesoura, tomarão pelos aros a tisoura com os dedos.»

É ainda vulgar, e tambem se costuma observar a lua através de *jueira* ou *peneira*.

Na Ordenação manuelina falla-se na superstição de passar doente por *lameiro virgem*; é este um dos vestigios mais importantes do culto chthoniano das Virgens-mães, de que *Martha* da oração magica do seculo xvii comprova a relação dogmatica, bem como a outra superstição de *levar os santos junto da agua*. Os sanctuarios de Artemis, eram junto dos charcos e lameiros, e aonde quer que chegou este culto de um periodo de hetairismo apparecem sempre estes monumentos. «Os pantanos, como diz Baissac, eram na primitiva uma das condições exigidas para estas construcções sagradas, que, quando os homens se agruparam, e que a ideia de sanctuario se estendeu a toda a cidade, foi geralmente nos logares baixos e pantanosos, e ao abrigo dos ventos seccos que esse centro foi estabelecido. Na nossa antiga Gallia, para não ir mais longe, as cidades de Marselha e de Vienne, entre outras de origem chthoniana, tinham em parte esta situação, e tudo prova que a escolha fôra determinada por um pensamento religioso.»<sup>1</sup> O caracter sagrado do *lameiro virgem* é o ultimo resto de um systema religioso, de que existem fragmentos, como o revolver penedos para provocar chuva, a adivinhação pelas *crianças* (Artemis era chamada *kourotrophos*, amamentadora de crianças) os tanques ou *fontes santas* (Artemis *elaia*, ou dos lameiros) e os ritos do sabath nocturno junto das *bordas dos rios*. (Artemis *potamia*.) A *pedra* que se revolve representa ainda a pedra que symbolisava a deusa-mãe Cybele, cujas festas terminavam por leval-a a mergulhar n'um rio; d'aqui ainda o rito popular supersticioso citado na Ordenação, de levar os Santos junto da agua.

<sup>1</sup> *Origines de la Religion*, t. I, p. 144.

(*Continúa.*)





O TALISMAN ESMIGALHADO. — Composição de E. Bayard, segundo o texto

## COMO EU ATRAVESSEI A AFRICA

DO ATLANTICO AO MAR INDICO — VIAGEM DE BENGUELLA Á CONTRA-COSTA — ATRAVÉS REGIÕES DESCONHECIDAS — DETERMINAÇÕES GEOGRAPHICAS E ESTUDOS ETHNOGRAPHICOS

POR

**SERPA PINTO**

PRIMEIRA PARTE

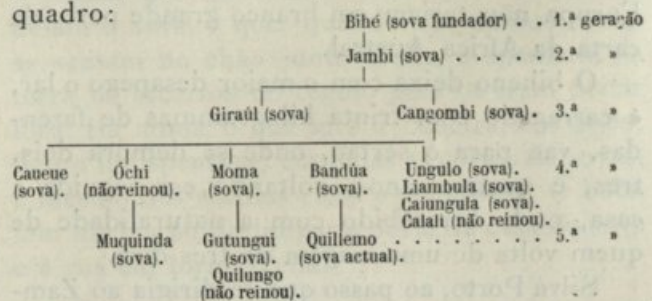
### A CARABINA D'EL-REI

(Continuado da folha 27)

POR ESTE breve resumo da historia do Bihé se vê, que aquelle paiz é de fundação recente, e que desde o seu começo quasi, existiram relações intimas entre os portuguezes e bihenos, pela intervenção tomada pelo governador geral de Angola, na aclamação do sova Cangombi, avô do actual sova Quillemo, e neto do fundador da monarchia bihena.

Assim, pois, o Bihé, desde a sua fundação tem sido governado por treze sovas em cinco

gerações, que vão representadas no seguinte quadro:





Na carta de Angola, de Pinheiro Furtado, já vem indicado o Bihé, mas a sua origem não deve ir muito além da coordenação d'aquella carta. Os bihenos são pouco agricultores e pouco industriosos, e ali todo o trabalho é feito pelas mulheres, que só ellas cultivam a terrá.

Os homens são dados a viajar, talvez de origem, que o seu primeiro régulo de longe veio, e atrevem-se a ir commerciar nos remotos sertões onde vão traficar em marfim e escravos. Aproveitando estas disposições, alguns homens ousados, taes como Silva Porto, Guilherme (o Candimba,) Pernambucano, Ladislao Magiar, e outros negociantes sertanejos, começaram a dirigir os bihenos nas suas excursões, e fizeram n'isso um grande serviço ao mundo; porque, abrindo novos mercados ao commercio, abriram novos horisontes á civilisação. Não foi só o seu trafico que veio augmentar o movimento commercial da praça de Benguella, mas, ainda animado por elles, e perdido o receio dos brancos, o gentio dos mais remotos paizes, desceu a vir permutar directamente os seus generos nas casas commerciaes de Benguella.

Nas viagens sertanejas, aos brancos seguiram-se os pretos, e obtendo, primeiro alguns, depois muitos, um certo credito na praça de Benguella, foram ao Bihé organizar expedições d'onde partem a procurar a cera e o marfim nos sertões mais distantes.

Muitos pretos conheço eu que negociam com um credito de 4 e 5 contos de réis, e alguns com mais, como o preto Chaquingunde, que foi escravo de Silva Porto, que, durante a minha permanencia no Bihé, chegou do sertão, onde tinha negociado por sua conta uma factura de 14 contos de réis!

Não é difficil no Bihé encontrar um branco portuguez, escapado dos presidios da costa, secretario de um preto commerciante rico.

Para o bihenos, em questões de viagens de trafico, nada é impossivel, e tudo lhe parece natural. Se elles soubessem dizer onde tem estado e descrever o que tem visto, os geographos da Europa não teriam em branco grande parte da carta da Africa Austral.

O bihenos deixa com o maior desapego o lar, e carregado com trinta kilogrammas de fazendas, vae para o sertão, onde se demora dois, tres, e quatro annos, voltando em seguida a casa, onde é recebido com a naturalidade de quem volta de uma viagem de tres dias.

Silva Porto, ao passo que se dirige ao Zam-

beze, enviava pretos seus em outras direcções, e negociava ao mesmo tempo no Mucusso, na Lunda e no Luapula.

A fama dos bihenos tinha chegado longe, e Graça quando intentou a viagem ao Matianvo, foi ali procurar carregadores.

É mui raro que um bihenos deserte da comitativa, e roube algum fardo; o que acontece frequentemente com os Zanzibares.

Além d'isso, os bihenos tem outra grande vantagem sobre os Zanzibares. Ainda que muito dados ao commercio de escravos, não promovem elles mesmos no interior guerras para os haverem; comprando-os a quem os vende, mas nunca tratando de os obter por força. Isto quando em viagem de trafico sertanejo, que, nas guerras com paizes circumvizinhos, fazem o que podem, e são dotados de inaudita crueldade.

Os bihenos, apesar das suas grandes qualidades, coragem e habito de viajar, possuem grandes defeitos, e não conheço em Africa povo mais profundamente viciado, mais abertamente depravado, mais duramente cruel, e mais sagazmente hypocrita.

Tem esta gente uma certa emulação entre si como viajantes, e muitos conheço eu que se ufamam de ter ido onde outros não foram, ao que elles chamam *descobrir terras novas*. Elles são educados na vida de caminheiros, e todas as comitivas levam innumeradas creanças, que, com cargas proporcionaes ás suas forças, acompanham os paes ou parentes nas mais longinquas correrias; e é por isso que não causa estranheza encontrarmos ali um homem de 25 annos que tenha estado no Matianvo, no Niangué, no Luapula, no Zambeze, e no Mucusso, se elle viajou desde os 9 annos.

Ao homem que chega ao Bihé para seguir em viagem sertaneja, offerecem-se dois meios de obter carregadores. Um é por meio de presentes ao sova e aos potentados, obtel-os, pedindo-os; o outro é annunciar a viagem, e esperar que elles se venham offerecer.

O primeiro é mau, porque, além do grande dispendio feito com os presentes que é preciso dar ás pessoas a quem se pedem os carregadores, estes são obrigados a ir, e o que os pediu é responsavel pela vida d'elles para com as familias ou senhores. Além d'isso, as pessoas a quem se pedem, com o intuito de extorquir mais presentes, vão demorando quanto podem a partida, e quando se está na sua dependencia as exigencias crescem.



O segundo meio é bom, porque os que se vem offerecer são pretos livres, vem por sua vontade, e se algum morre, segundo a lei do paiz, como foi elle que se offereceu, não tem o que o aceitou a menor responsabilidade do facto.

É occasião de fallar em Quissongos e Pombeiros. Os carregadores, não só os bihenos, mas sim todos em geral, formam grupos pequenos debaixo do commando de um d'elles que é chefe do grupo. Este chefe, desde a costa até a Caquingue chama-se *Quissongo*, e no Bihé e Bailundo *Pombeiro*.

São estes pombeiros que se vem offerecer, trazendo uns dez, outros mais, outros menos carregadores. Estes grupos são de diferentes naturezas. Uns são constituídos por parentes que escolheram um para pombeiro, e n'estes são todos livres. Outros são formados por gente livre, que combinam ir debaixo das ordens de um certo pombeiro em quem tem confiança. Outros ainda, são grupos de escravos dos pombeiros que os commandam.

A obrigação do pombeiro é vigiar pela sua gente, e responder por ella ante o chefe da comitiva. Come e dorme com elles, é emfim o cabo de esquadra da caravana.

O pombeiro não leva carga, mas, em caso de doença ou morte de algum dos seus, substitue-o como carregador temporariamente. Durante a marcha o seu logar é no couce da comitiva, e logo que um seu carregador se atraza, elle fica para o acompanhar.

O pagamento dos carregadores nunca é feito adiantado, e nas viagens de trafico regulares é diminutissimo.

Assim, um carregador, para ir do Bihé á Garanganja (Luapula), recebe 12 pannos ou valor de 2400 réis, e na volta uma ponta de marfim escravelho, talvez de 4000 réis, ao tudo 6400 réis, comida á parte, porque o chefe da comitiva tem obrigação de sustentar toda a sua gente durante a viagem, excepto nos primeiros tres dias da sahida do Bihé, para os quaes cada um leva de comer.

Esta regra tem ainda uma excepção. Muitos sertanejos, ao sahirem do Bihé, destinam um certo número de pombeiros para destacarem no caminho, ou no termo da sua viagem, para diferentes pontos.

A estes pombeiros dão um certo numero de fazendas, pelas quaes lhes devem trazer um certo producto. Estas fazendas dos pombeiros

que vão traficar livremente, chamam-se *Banzos*, e d'ellas comem o pombeiro e carregadores desde o começo da jornada. Afóra este caso, em todos os mais o chefe sustenta pombeiros e carregadores.

Os pombeiros não sahem nunca por tempo determinado, e tanto ganham demorando-se pouco como muito. É sabido que os negros em Africa não dão valor ao tempo.

Os costumes bihenos são approximadamente os mesmos de Caquingue, e o contacto com brancos não tem trazido o menor adiantamento a essa gente.

Não tem a menor ideia de uma religião qualquer, não adoram nem sol, nem lua, nem idolo, e vivem com os seus feitiços e adivinhações.

Todavia, parecem acreditar na immortalidade da alma, ou antes no desassocego d'ella em quanto não cumprem certos preceitos ou vinganças em favor do morto.

A fôrma do governo é monarchica absoluta, e tem muito do feudalismo.

Cada um é, muitas vezes, juiz em causa propria, e quando eu fallar dos *mucanos* direi como ali se faz justiça.

Os maiores acontecimentos entre os bihenos são aquelles que se ligam aos sovas, e sobre tudo á sua morte e á aclamação do novo régulo. Antes porém de descrever estes dois grandes acontecimentos, preciso é fallar da sua côrte.

O sova é rodeado de um certo numero de sujeitos, a que chamam *Macotas*, que muitos julgam corresponderem aos ministros entre nós, mas que assim não é. Os macotas formam apenas uma especie de conselho a que o sova submete sempre as suas deliberações, mas de cuja opinião poucas vezes faz caso. São secúlos e favoritos do sova, e nada mais. Secúlo é o fidalgo, filho de nobre, ou enobrecido pelo sova.

Muitos secúlos que possuem libatas, dentro d'ellas tem o tratamento de sovas, e os seus povos, quando lhe dirigem a palavra, dizem *Ná cóco*, o que quer dizer Vossa Magestade.

Além dos macotas, ha tres pretos que rodeiam o sova, e que, quando elle dá audiencia, se sentam no chão junto d'elle, e apanham da terra os escarros do régulo para os irem deitar fóra. Ha ainda o que leva a cadeira, e o bôbo, figura indispensavel em todas as côrtes de sovas, e mesmo dos secúlos ricos e poderosos. O bôbo tem obrigação de limpar a porta da casa do sova e a rua em torno d'ella.

(Continua.)

\*





UMA CASA HOLLANDEZA EM TERNATE

## VIAGEM À NOVA-GUINÉ

POR

ACHILLE RAFFRAY

ENCARREGADO D'UMA MISSÃO SCIENTIFICA PELO MINISTERIO D'INSTRUCÇÃO PUBLICA EM FRANÇA

### TERNATE — AS MOLUCAS

Ternate — A cidade — As casas — Os habitantes — A vida que ali se passa — O exercito hollandez — A ilha de Gilolo — Os alfuros — Uma lição d'esgrima — Caçada ao tohokko — Preparativos da expedição — Um armador malaio — A sua casa — A sua urbanidade — A partida.

FU OBTIVERA do ministerio da instrução publica uma missão gratuita para ir explorar as Molucas e a Nova-Guiné e fôra autorisado a levar commigo, para me ajudar nos trabalhos de historia natural, M. Mauricio Maindron.

A 20 de julho de 1876 partimos de Toulon a bordo do transporte de guerra *Corrèze*, que, fazendo derrota para Saigon, nos largou em Singapura.

D'aqui partimos para Batavia, a capital de Java e das Indias neerlandezas.

Um vapor hollandez devia levar-nos de Batavia ás Molucas, ultimo ponto a percorrer antes d'entrar na Nova-Guiné; mas antes de seguir mais adiante devo agradecer ás pessoas que em Batavia tão amavelmente nos prestaram os seus serviços.

O nosso consul M. Heitor Delabarre tornou-me a estada em Batavia tão agradável que de bom agrado ali me teria esquecido.

S. ex.<sup>a</sup> M. Van Lausberg, governador das Indias neerlandezas, dedica à entomologia todos os instantes não reclamados pelo alto cargo que desempenha, cargo que os menos modestos mui bem poderiam chamar cargo de vice-rei. Graças à sua protecção, duplicadamente valiosa pela



amabilidade com que era dispensada, muitas dificuldades me foram aplanadas.

Mas, ainda que com muita saudade, foi preciso deixar Batavia e continuar a nossa viagem.

A 15 de novembro embarcamos no vapor o *Gouverneur Général Myer*, em viagem para Ternate.

Apenas avistamos Socrabaya, Makassar e o

nordeste de Célebes, e a 4 de dezembro o sol, rompendo os vapores acumulados durante a noite, illuminou o cone de Tidore e o vulcão de Ternate. Ainda algumas horas e o navio encostou a uma ponte-caes que se prolonga pelo mar. Uma multidão d'indigenas precipita-se a bordo e eis-nos desembarcados no solo das Molucas, sentinella perdida da civilisação do Occidente.



A MESQUITA DE TERNATE

Um hollandez, M. Bruijn, naturalista, quasi um collega, fiel ás tradições hospitaleiras dos seus compatriotas, amavelmente pôz á nossa disposição uma vasta habitação, aonde nos installamos com todas as nossas bagagens.

Um dos meus primeiros cuidados foi visitar o representante da Hollanda, a quem vinha recommendado por s. ex.<sup>o</sup> o governador geral.

Encontramos n'elle um homem encantador, fallando perfeitamente o francez, como todos os hollandezes bem educados. Tendo chegado a Ternate havia apenas um mez e não tendo ainda casa sua pediu-nos desculpa por não nos poder hospedar e prometteu-nos todo o seu apoio

para nos facilitar a viagem para a Nova-Guiné.

Ternate designa simultaneamente a cidade e a ilha sobre que está edificada. Como ilha, Ternate é apenas uma montanha com a altitude de mil e quinhentos metros e cujo vertice tem vasta cratera d'onde constantemente se ergue uma columna de fumo, monstruoso resfolgar d'um vulcão adormecido cujo despertar é terrivel. Um pensador poderia dizer que a pequena cidade, tantas vezes levantada das proprias ruinas, sempre socegada e risonha n'um solo agitado, está ali para testemunhar um sentimento humano que chamaria coragem ou indiferença, segundo elle fosse amigo ou inimigo da humanidade e que



eu muito simplesmente chamarei amor pelo ouro nos europeus, rotina e apathia nos indigenas.

A cidade construida na costa compõe-se de duas partes distinctas: a cidade europêa e a cidade indigena, claramente limitadas e separadas por um forte, o forte d'Orange, vestigio do poderoso dominio, mas desaparecido, de Portugal.

Na primeira d'estas cidades vive o residente hollandez, poder real com modesta nomenclatura.

Na outra cidade vive o sultão, titulo pomposo, auctoridade ficticia: o Oriente e as suas vaidades balofas curvam-se sob o jugo do Occidente prosaico, mas pratico. Entre os dois, o chinez, raça sobria e laboriosa, que não se mistura nem com um nem com o outro, tem com o primeiro affinidades— a sede do ouro e a sua sciencia do commercio, e com o segundo as superstições; tem amigos n'um e n'outro campo, que explora separada ou simultaneamente, como melhor convém aos seus interesses.

As casas europêas são vastas e espaçosas, tendo um unico andar: prudente medida n'uma região periodicamente abalada por tremores de terra.

Quem viu uma casa hollandeza na Malesia, viu-as todas: o modêlo é bom, para que mudar? diria um hollandez. É um pouco monotonico. O espirito d'um povo apalpa-se nos detalhes do meio em que elle vive.

Descrevamos a immensa habitação que M. Bruijn tão cordialmente nos offerecera. Em toda a fachada corria uma varanda a que davam accesso alguns degraus; no centro havia um compartimento espaçoso, com pavimento de marmore, especie de salão de recepção que comportaria uma meza para cem pessoas; a cada lado d'este compartimento havia dois quartos; nas trazeiras uma outra varanda, ladeada dos dois pequenos compartimentos e que se prolongava n'uma especie de vestibulo coberto que conduz a uma outra casa mais pequena e toda construida de madeira, emquanto que a casa principal é toda construida de pedra. É na casa construida de madeira, que são os quartos de dormir, o gyneco: a sua construcção leve torna-a menos perigosa quando haja tremores de terra.

Os ternatezes têm pois duas casas como nós temos dois vestuarios: uma *rob de chambre* e uma casaca, uma para estar á vontade e outra para os casos ceremoniosos. Em volta d'esta grande casa, em que a sombra e as correntes

d'ar conservam uma frescura apreciavel nas regiões tropicaes, ha um vasto jardim, uma pequena floresta onde crescem as bananeiras, as arecas, as palmeiras, as arvores do pão e as cannas da India; perto estão as dependencias da casa: cosinha, casa de banho, quartos dos numerosos criados, que todo o europeu que se presa tem ao seu serviço.

Passemos á mobilia: na varanda estão suspensos candieiros de petroleo que illuminam uma meza de madeira, cadeiras de bambú e as famosas cadeiras a que nós chamamos «*plaisir des Indes*.» Os pés estão fixos a dois arcos, o que permite fazel-as balançar de deante para traz, occupação inoffensiva que de longe dá a um grupo o aspecto de *marionettes*, que uma mão invisivel puzesse em movimento. Na sala do centro uma grande esteira cobre o chão, e a mobilia é a mesma da varanda.

No quarto de dormir ha uma cama de ferro immensa, de columnas, convenientemente defendida por um mosquiteiro, tendo em cima um cobertor d'uma grande leveza. Os travesseiros, esses são em grande quantidade, sendo um destinado a sustentar as pernas. Os moveis são apenas uma pallida copia dos da Europa. Em todas as casas as paredes são caiadas.

N'estas casas, sem duvida bem divididas, attendendo ao calor constante d'aquella região, a vida é d'uma grande regularidade. A manhã dedica-se aos negocios, depois do meio dia descansa-se, depois de pôr o sol passeia-se e fazem-se visitas, e de noite dorme-se. Cada um d'estes intervallos é separado por uma refeição.

O levantar é cedo; é o melhor momento do dia. Depois d'um banho vestem-se e vão tratar dos seus negocios.

Antes do meio dia tomam o *paït*; é de rigor para abrir o appetite e tanto nos hoteis de Java como nos paquetes hollandezes, um ou muitos calix de *paït* não são tidos como extraordinarios. O *paït*, que quasi faz parte d'alimentação hollandeza, é um calix de genebra em que se lançam algumas gotas de bitter, singular mistura que, para ser bem apreciada, precisa larga iniciação.

Entre o meio dia e a uma hora serve-se o arroz: é a refeição principal. Se a abundancia e a variedade podesse substituir a qualidade, esta cosinha mestiça que mistura o arroz e especias dos malaios com as batatas e a carne dos Frisos ou do Brabant, sem duvida seria a suprema arte culinaria. Mister era ser Boileau



para descrever este jantar, onde sobre montanhas d'arroz, misturado com kari, se amontoam ovos, peixe, carnes, pimentos, etc., etc. Eu prefiro nada descrever.

Depois de jantar saboreia-se uma chavena de delicioso café, veste-se o *sarong koubai* e dorme-se a sêsta.

Às quatro toma-se um novo banho: bebe-se uma chavena de chá acompanhada d'alguns biscoitos e vestem-se. O sol declina no horisonte; pôde-se sahir de cabeça descoberta. Nas Indias hollandezas o chapéu é um luxo inutil: nem homens, nem mulheres o usam e nem por isso se dão mal.

Às seis horas começam as visitas; é-se sempre recebido na varanda, sem duvida a parte mais agradável das casas.

Quer seja um homem ou uma senhora que visita a regra é invariavel: aos visitantes offercem charutos e *pail*, às visitantes vinho do Porto, ou outro refresco.

Depois de se terem baloiçado durante uma hora n'uma cadeira volta-se para casa para jantar, refeição substancial, mas menos abundante que a do meio dia e onde não é admittida a cozinha malaia.

Depois de jantar baloizam-se novamente na varanda. Algumas vezes toma-se mais tarde chá e em seguida deitam-se.

É bom não concluir d'estas informações que os hollandezes sejam preguiçosos; nada d'isso! para que qualquer se convença da sua actividade basta observar os admiraveis resultados por elles obtidos nas suas colonias.

Não, não são ociosos, mas têm essa actividade paciente e socegada que dura, e comprehenderam perfeitamente que, para viver nos tropicos, é preciso accomodar a maneira de viver ao clima e poupar as forças, e por isso não é raro o encontrarem-se pessoas, que ha mais de quarenta annos vivem nas Indias neerlandezas, gosando magnifica saude.

Algumas casas particulares, as secretarias, o palacio do residente, o club, logar de reunião muito agradável e que por toda a parte se encontram nas Indias neerlandezas, alinham-se ao longo do caés. Por detraz d'estas, outras casas menos faustuosas se erguem.

N'uma extremidade d'esta pequena cidade europêa acha-se o bairro chinez, composto d'algumas ruas estreitas, ladeadas de lojas, onde se vendem n'um cahos pittoresco os productos da Europa e do Celeste Imperio.

Um pouco mais distante encontra-se o forte de que já fallei e finalmente a cidade indigena semi-construida de pedra e semi-construida com bambús.

O monumento mais curioso d'esta cidade malaia é a mesquita. Ao longo da rua corre uma especie de claustro feito de columnas e no meio d'um pateo ergue-se um edificio rectangular, pesado e que unicamente tem de notavel a parte superior formada de cinco tectos sobrepostos e cobertos com folhas de coqueiro.

Para além d'estas duas cidades estendem-se plantações de café, que se prolongam até á montanha. A inclinação torna-se cada vez mais forte e depressa se depara com a floresta que se continúa, sendo as arvores, á maneira que se sobe, mais pequenas, até ao vertice onde desaparecem completamente para dar logar a montões de detritos vulcanicos que cercam a cratera.

Em quanto não partia para a Nova-Guiné eu desejava visitar Gilolo; mas esta ilha estava em plena insurreição: um certo Hassan, descendente d'alguma familia desherdada de rajahs ou de sultões, querendo reconquistar o imperio dos seus maiores, tinha levantado o estandarte da revolta contra os dois sultões de Ternate e de Tidore, pupilos dos hollandezes. Quando se é tutor de sultões é dever defendel-os e além d'isso era esse o interesse dos hollandezes; não hesitaram um instante. Mas a ilha de Gilolo é immensa, coberta de montanhas e de florestas impenetraveis. Hassan era um homem intelligente e ousado; os hollandezes, apesar d'habilidade do seu residente, M. Tobias, tão valente soldado como bom administrador, tiveram muito que fazer.

Fiel á promessa que nos fizera, M. Tobias offerceu-nos a companhia do inspector M. Van Oldenborgh, que nós já conheciamos por ter conosco feito a viagem de Batavia para Ternate e que com alguns soldados ia occupar o antigo forte portuguez de Dodinga.

A partida fôra fixada para as cinco horas da manhã: se a partida unicamente estivesse subordinada á administração hollandeza, com certeza teriamos partido á hora prefixa; mas o sultão de Tidore devia fornecer os praos; era o menos que podia fazer: dar transporte aos soldados que o iam defender. Era portanto natural que nada estivesse arranjado a horas; seria muito para admirar se o contrario succedesse. Feito bem o calculo havia trinta soldados a transportar com as suas mulheres, com as suas baga-





O RIO DE DODINGA



gens particulares, as munições e as provisões. Era carga para tres praos e o sultão só tinha dois. Foi necessario arranjar um terceiro.

Por mais actividade que M. Van Oldenborgh desenvolvesse, por mais esforços que fez e chuva

que apanhou, eram mais d'onze horas quando levantamos ancora. Um prao levava as bagagens, o outro os soldados; no terceiro iam o inspector, um official, nós e alguns soldados.

(Continúa).



VIVENDA EM FERNANDO-PÓ — Desenho de A. de Bar, segundo uma photographia

## CRUZEIROS NA COSTA D'AFRICA

(Continuado da folha 28)

**P**S INGLEZES tinham explorado as florestas proximas de Santa Izabel. A difficuldade do transporte fez cessar esse commercio. Os cavallos e bois difficilmente vivem em Fernando-Pó.

VOLUME II

As regiões marginaes dos rios que desagdam no golpho de Biafra têm por anno duas colheitas d'azeite de palma que correspondem ás passagens do sol na vertical. A primeira colheita faz-se desde maio aos fins de julho: é a grande

FOLHA 30



colheita; a segunda começa em meados de novembro, mas está longe de ser tão abundante como a primeira.

A estação das chuvas termina em outubro; então o tempo torna-se variavel.

O mez d'outubro é excessivamente insalubre, um sol de grande intensidade succede ás chuvas, e o ar carrega-se dos miasmas transudados pelos terrenos inundados. Muitos annos d'experiencia demonstraram-me que a estação das chuvas (junho, julho, agosto e setembro) é aquella em que os europeus logram melhor saude.

As nevoas, predominantes desde dezembro até fevereiro, não produzem grande insalubridade. A maior mortalidade nos europeus dá-se no começo e no fim das chuvas.

## XXV

Exploração do Niger—O *Ethiops*—Trotter—Glover—A biblia de Mungo—Park—Mau exito das explorações—Relancear d'olhos sobre os caminhos do Sudão.

A viagem de Lander, que descobriu a embocadura do Niger, deixando-se arrastar pela corrente, chamou para este rio a attenção dos negociantes de Liverpool: n'esta cidade formou-se uma companhia, á frente da qual estavam M. M. Lair e Oldefield, para a exploração d'aquella via commercial. Dois pequenos vapores, o *Quorra* e o *Albourka*, foram em 1832 destinados áquella navegação.

As vezes que estes barcos encalharam e as enfermidades nas tripulações inutilisaram esta primeira expedição.

Este mau exito tornou o commercio muitos annos indifferente ás transacções do Niger. Contudo em 1840 a casa Jamieson equipou um vapor, o *Ethiops*, que explorou os rios visinhos de Fernando-Pó; esta exploração era commandada pelo capitão Becroft. Becroft esteve seis mezes no Niger e a população de Babba gostou tanto d'elle que, por occasião da sua partida, toda ella correu a despedir-se e a saudal-o.

O partido abulocionista fazia em 1840 novos esforços em Inglaterra para conseguir a emancipação dos escravos nas colonias europeas, e, pôr assim termo á escravatura, supprimindo os mercados d'escravos, sempre abertos no Brazil e nas Antilhas hespanholas. Não só a isto se limitava a ambição dos negrophilos; queriam tambem fazer adoptar na Africa os costumes da Europa e tentar suavisar os costumes barbaros d'estes povos em quem a escravidão e os sacrificios

humanos tinham extinguido todo o sentimento de misericordia.

O governo inglez cedeu ao ascendente de sir Thomas Folwel Buxton, *baronnet*, presidente da sociedade para a extincção da escravatura e para a civilisação d'Africa e resolveu-se em 1841 a fazer as despezas de uma exploração no Niger, a fim de que tratados assignados com os chefes os obrigasse a renunciar á escravatura e a com elle abrir relações commerciaes.

Esta expedição era composta de tres barcos a vapor chamados, o *Albert*, o *Wilberforce* e o *Soudan*. O almirante Trotter, da marinha real, foi o encarregado do commando da expedição. Alguns sabios foram aggregados á expedição; mas quasi todos morreram em Fernando-Pó em outubro de 1842.

A 15 de agosto de 1841 a expedição aproava á barra de Num. N'esta época o rio tem aguas abundantes. A 10 de setembro tinham chegado a Attah, onde foram bem recebidos. O commandante Trotter comprou a um chefe independente a aldeia de Lokoja, situada na confluencia do Quorra e do Binoué; este ponto tornou-se depois o nucleo d'uma pequena colonia ingleza, cuja vida tem sido cheia de peripecias.

A expedição do commandante Trotter, confirmou-nos o que as anteriores expedições nos tinham tornado conhecido. As regiões marginaes do Niger são ricas de gado, as palmeiras productoras d'azeite são aqui abundantes e rebanhos d'elephantes percorrem as margens do Binoué.

O governo francez tinha muito interesse na expedição. Eu n'este tempo commandava uma canhoneira, a *Malouine*, e recebi ordem d'auxiliar o commandante Trotter se fôsse preciso.

A 26 de setembro de 1841 cruzava eu nas alturas do golfo Benin. Ao passar avistei dois navios ancorados em frente do Rio-Num; apressei-me em ir em pessoa offerecer os meus serviços ao commandante da expedição ingleza: enormes vagas e uma corrente impetuosa impediram a minha boa vontade.

Pela noite os navios inglezes fizeram-se ao largo sem que me fôsse possivel communicar com elles.

Alguns dias mais tarde, regressando de Bony, toquei em Fernando-Pó. A expedição já tinha largado d'esta ilha; uma parte dos navios tinham ido para Ascensão; o *Soudan* tinha voltado para traz; muitos membros da commissão, entre os quaes estava o doutor Roscher, tinham ficado



em Fernando-Pó, onde as enfermidades os retinham; este sabio encarregado da parte geologica e mineralogica mostrou-me os seus albuns.

A ideia de penetrar na Africa central estava muito arreigada para que a recordação dos maus exitos não desapparecesse facilmente. Assim vemos em 1854 o capitão Becroft pôr-se á testa d'uma nova expedição que tinha por fim fazer reconhecimentos no Bénoui, para o curso superior do qual Barth acabava de chamar a attenção da Europa.

O doutor Baikie fez parte d'esta expedição, cuja direcção tomou depois da morte de Becroft. O tenente May levantou a planta do Binoué; o *Dayspring*, em que elle navegava, naufragou em 1857 em Babba, o que obrigou Baikie a continuar os seus reconhecimentos por terra.

É impossivel o fallar nos exploradores do Niger sem mencionar o capitão Glover, ao qual se deve o trabalho mais completo feito sobre este rio. Este official superior contava em 1867, durante o tempo em que em Lagos fui seu hospede, que quando elle percorria os arredores de Boussa tinha sido intrigado pela insistencia com que um mollah o seguia, tendo-se-lhe esgotado a paciencia, chamou o musulmano que lhe apresentou um livro encadernado á europêa; Mr. Glover reconheceu n'este volume uma biblia na qual estava escripto o nome de Mungo-Park. Era o unico despojo que se tinha podido encontrar da perda do grande viajante escocez.

O tenente Molyneux, encarregado de castigar o assassinato do consul Fell, entrou no Niger em julho de 1870, chegando a Iddah a 29 de setembro. No seu relatorio este official queixa-se da errada posição dos bancos marcados nos mappaes, o que lhe causou embaraços pelas repetidas vezes que deu em secco: os rios africanos sujeitos a grandes cheias, estão ainda longe de terem sido estudados com sufficiente exactidão; seria necessario dedicar a vida d'um homem a este fatigante trabalho que deve ser empreendido na estação sêcca.

Depois de ter visitado as differentes localidades abaixo do confluente, o tenente Molyneux foi a Bedda, cidade onde o governador da provincia de Nuffi, o emir de Massabah, vive. Este emir acolheu com distincção os officiaes inglezes, a quem enviára cavallos para irem a Bedda, cidade defendida por boas muralhas e afastada do rio muitas legoas.

Massabah pretendia estender os seus dominios; queria fazer a guerra ao rei d'Iddah para

vingar o assassinato do consul Fell. Queria apoderar-se de Lokoja, ainda que não fôsse senão a titulo de protectorado; mas ao tenente Molyneux não pareceu prudente deixar que o ambicioso Foulah se intromettesse nos negocios da Inglaterra.

A companhia africana, que tem a sua sêde em Lagos, frequenta regularmente o Niger; a hydrographia do rio vae-se aperfeiçoando; a capital, já a braços com tentativas, talvez temerarias, reformar-se-ha; o Binoué tem um immenso futuro; o marfim, os oleos, devem dar resultados commerciaes que são tidos como certos.

Este relancear d'olhos sobre o Sudão e sobre o valle do Niger, mostra-nos que nada ha mais inconstante do que os imperios africanos: ali as revoluções são tão repentinas como sanguinolentas; as cidades ali erguem-se e são destruidas como por encanto. Konkona, Sakaton, Gando, substituiram as antigas capitaes do Bornon; Jacoba, Zaria, Yola, foram edificadas para dominar Zeg-Zeg, Baotchis, Adamavoua. Rabba, que em 1842 tinha quarenta mil habitantes e saudava amigavelmente a partida de Becroft, foi queimada, assim como Katonga que recebera Claperton.

Habil em aproveitar as vias commerciaes, a Inglaterra ataca o Sudão por todos os lados, enviando caravanas de Marrocos, da Tunisia, de Tripoli e do Egypto; espera o momento em que as perturbações occasionadas pela invasão d'El-Hadji-Omar se apasiguarão. Windwood Read, partindo da Serra Leôa, penetrou no Niger por uma via mais curta do que a percorrida por Laing; os chefes dos Limbas e dos Curankos inimigos dos Foulahs, comprehendem hoje ser do seu interesse o approximarem-se da Inglaterra, que pôde n'elles encontrar auxiliares.

As expedições de Ghadanie, d'Insalah e as recentes publicações chamam a attenção da França sobre a Africa central. Estes viajantes estudam os caminhos do Sudão. Ha uma escolha a fazer. O caminho de Ghadanie não é pratico, o de Insalah deve merecer as nossas attenções. Tempo virá em que Tell servirá de testa ao caminho de ferro do Grã-Sudão; as difficuldades vencidas pelos americanos no seu caminho de ferro transcontinental oram infinitamente maiores que as que podem haver no caminho de ferro africano.

D'Insalah poderemos dominar o Sudão oriental e occidental e dirigirmos-nos, quer seja sobre Asouad, quer sobre Aïr, cujos principaes mercados são Tombouctu e Aghadès. O leito do



Niger muito estreito a baixo de Tombouctu — Air sem duvida impedirá de se tornar uma via commercial. Mas Aghadês é o ponto de junção dos caminhos que passam por Bilma. É esta a via mais curta para penetrar em Sakaton; abrimos-a o Damergon e o Gouber e conduzir-nos-ha ao centro do reino Foulan em Sakaton.

Por outro lado ver-se-ha que a fracção da costa comprehendida entre a costa d'Ouro e o cabo Formoso é arida, o que fôrma notavel contraste com o interior, onde existe luxuriante vegetação; os terrenos são n'esta região compostos de quartzo hyalino, de mica e d'argilla, productos da decomposição das rochas do interior.

A entrada dos rios está pejada por uma vegetação parasita que desaparece logo que deixa d'existir agua salgada; a flora dos altos planaltos é rica; as palmeiras productoras de azeite formam immensas florestas; a zona onde ellas crescem não é muito elevada; existe tambem uma outra especie de palmeira cujo fructo é agradável ao paladar e cujo parenchyma dá um oleo aproveitavel; os boababs, esses gigantes vegetaes são o ornamento das planices. As amoreiras, as malvaceas tem cascas textis. O coqueiro só cresce junto das vivendas dos homens, de que é sempre o fiel companheiro.

As brisas da terra e do mar alternam-se n'estas paragens e esta regularidade só é interrompida pelas chuvas do inverno. O *harmattan* é o vento que sopra desde o grande deserto até ao Niger; é geralmente frio e indica o desapparecimento da época das chuvas. As particulas que arrasta caracterizam os terrenos que atravessa; vem carregado de pó vermelho do Sahara; ao longo da costa dos Escravos arrasta poeira branca; o nevoeiro que o acompanha é

de natureza especial; é geralmente sêcco; é raro que não cesse ás onze horas; a brisa do largo, vindo do sudoeste, substitue-o.

A fauna d'estas regiões é pobre em quadrupedes. O cavallo só vive na costa occidental d'África.

Os bois pequenos, os carneiros raros, os cabritos e as cabras, assim como as aves de todas as especies, são abundantes.

## XXVI

O Monni — O Moondah — O Gabão — O capitão Blanchard — Fim d'uma mulher aborrecedora — Caça ao elephante — Um homem comido pelas formigas.

A parte da costa comprehendida entre o Cameron e o cabo S. João é montanhosa; as bahias que aqui se abrem não se prolongam muito pelo interior; os dois rios que ahi desagôam são o Rio Campo e o Benito; são profundos e estreitos e prolongam-se até ao sopé das montanhas, onde a sua navegação é interceptada por cataractas.

O commercio d'oleo não vae além de Cameron; o marfim, as madeiras proprias para mercenaria e resinas são as unicas mercadorias offerecidas por estes po-

vos aos estrangeiros, a quem fazem bom acolhimento: estas tribus pertencem no seu maior numero aos Battangas, intrepidos caçadores d'elephantes.

Uma grande vegetação cobre estas montanhas desde a base ao cume e as povoações estão escondidas pelo arvoredado que as abriga.

Um pico agudo, o Mitre, domina a cordilheira Benoit e estende os seus contrafortes até ao cabo S. João. Uma vasta bahia se abre desde este cabo até ao Gabão; está entulhada por bancos d'areia, do meio dos quaes se levantam algumas ilhotas. Dois rios, o Monni e o Moondah desagôam aqui. Pelo primeiro faz-se um com-



MONSENHOR DE BESSIEUX, B'PO DAS DUAS GUINÉS  
Desenho de E. Roujat, segundo uma photographia



mercio consideravel; os negociantes installaram-se em Élobei, uma das ilhotas situadas na sua embocadura; a Hespanha disputa-o á França: não quero entrar nas peripecias d'esta lucta diplomatica. Os reconhecimentos feitos provam que este rio não tem quantidade d'agoa importante; recebe os riachos que se despenham das montanhas; divide-se em tres ramos, um dos quaes nasce junto do monte Mitre: é o N'tongo, cuja corrente se deve approximar da do rio S. Bento; o N'tambonnay vem do este e recebe as agoas das vertentes occidentaes da Serra de Cristal; o terceiro ramo, o Noya serpêa por entre os paletuvios que se acumulam nas terras baixas. O Noya estabelece algumas communicações

com o rio Moondah e por conseguinte com o Gabão: esta rede hydrographica é um verdadeiro delta.

A ilha de Gandé, situada a desasete milhas da embocadura do Monni é habitada pelos agentes das feitorias europeas; está situada na confluencia do N'tongo com o N'tambonnay; visitei-a em 1867; a paisagem é esplendida; grandes arvores substituem os paletuvios que invadem os terrenos baixos, onde existem as agoas salgadas. A ponta do N'tongo foi outr'ora fortificada. Algumas peças enferrujadas, que pareciam d'origem hollandeza, estavam no chão, onde os demais vestigios de edificios europeus tinham desaparecido.



PICO DE FERNANDO-PÓ—Desenho de A. de Bar, segundo uma photographia

As margens do rio Monni são povoadas por muitas tribus: as da costa do oeste, os Baillinguis, ramificam-se com os povos que habitam Banoko; as do sul são Bengas ou Sequianis; a região mais elevada é habitada por Battangas alliados dos Shebas e dos Pahonius. Estes povos irradiam até aos rios de S. Bento e Campos que os gabonezes chamam Rembo Tenoko. Os americanos têm uma missão em S. Bento.

Commercia-se em marfim, gomma e cautchuc no Monni, cujos chefes adheriram todos ao tratado geral de 1843 que serve de base á nossa soberania no territorio que cerca o Gabão e o Ogôoué.

A ilha de Corisco é habitada pelos Bengas; está sob o protectorado hespanhol e possui uma missão americana; a sua população, pouco densa

em outros tempos, vivia da escravatura; o seu chefe, Monga, é apaixonado pela Hespanha, recebe do governador do Gabão alguns presentes annuaes pelos bons serviços que faz, aplanando difficuldades entre os commerciantes e indigenas; é muito intelligente e tem uma grande sympathia por nós.

O rio Moondah é principalmente habitado pelos Sequianis ou Bulous; communica com o Gabão. Era antigamente o deposito das madeiras de tinturaria, e de mercenaria; a gomma elastica substitue agora esses elementos de commercio local; o ebano só se encontra hoje nas vertentes afastadas das montanhas do interior e o seu transporte, assim como o das madeiras de tinturaria faz-se ás costas d'homens, o que exige o fraccionamento das madeiras: será bom



dizer que aqui a besta de carga é sempre a mulher.

Os annos de 1838, 1839 e 1840 foram empregados pela França em estudar os recursos commerciaes d'Africa. O Gabão foi um dos pontos escolhidos para ser creado um centro commercial. Desde 1785 possuíamos ali feitorias que se annullaram completamente depois da revolu-

ção de 1789; mas o francez ficára sendo a lingua commercial de Gabão.

O Gabão é um vasto golpho situado sob o equador. O capitão Owen fez no Gabão um reconhecimento superficial, insufficiente para que se podesse frequentar com segurança; em 1843, tendo por base uma triangulação regular, levantei eu uma planta geral.

(Continúa.)

## SUPERSTIÇÕES POPULARES EM PORTUGAL

(Continuado da folha 28)

**P**IZ JULES Baissac, nas *Origens da Religião*: «Um velho pontifice, vestido de purpura (temos ainda a *opa vermelha*) vinha cada anno mergulhar a pedra na corrente, no meio de alaridos freneticos do côro dos padres, uns flagellando-se com disciplinas com pontas de ossos ou seixinhos, *flagella tassellata*, e os outros batendo sobre um pandeiro ou soprando com toda a força em charamellas. Esta cerimonia faz lembrar a chegada da deusa syria e de todos os deuses do seu templo ao lago sagrado de Hierapolis, e os gritos, as macerações dos padres, o tambor, as charamellas, tudo isto é essencialmente oriental e nada tem de commum com as religiões patricias.»<sup>1</sup> Em Portugal muitas procições (ex. a de S. Sebastião no Algarve) tem este character orgiastico, mas sobretudo as que levam os santos junto d'agua tem o character de penitencia. Estas superstições pertencem a esse subsolo ethnico sobre que assentaram os dois polytheismos semita e árico; para serem entendidas, as superstições precisam ser agrupadas de modo que pela recomposição do systema religioso de que formaram parte se conheça a sua seriedade e importancia inicial.

No processo de Luiz de la Penha, de 1626, cita-se com frequencia a superstição de *Santa Martha*, com orações especiaes de encantamento para que uma pessoa ame outra, e fique á disposição de todas as suas vontades. Este facto é importantissimo, para se recompôr o culto chthoniano que existiu na Europa antes do christianismo, e que tanto facilitou a sua introdução, confundindo-se com o culto da Virgem Mãe ou da Virgem Maria. Jules Baissac, nas *Origens da*

*Religião*, falla do culto de *Martha* em todo o occidente europeu; principalmente no litoral do Mediterraneo: «Na Provença e ao longo do Rhone, até Vienna e em Lyon, conservaram-se tradições, de que o Christianismo habilissimamente, inconscientemente talvez, se apropriou, mas que no seu estado de transformação actual, accusam evidentissimamente uma outra origem para que seja possivel o equivoco. No numero d'estas tradições, de character eneano, figuram as de *Santa Martha* e Magdalena em Marselha, em Tarascon, em Avignon, em Aix, sobre as margens de Durance e em Sainte-Baume; etc.» (Op. cit., II, 100.) Nos cultos semitas, a relação do homem para com Deus é a do escravo (*abd*) para com o Senhor; assim este epitheto de Senhor (*Adon, Baal*,) tem tambem a forma feminina de *Marah* e *Marth*. Este nome foi dado ás divindades femininas equivalentes a *Baalath*, e em Creta, Diana é chamada Brito-*Martis* como Jupiter é equiparado por Estevam de Byzancio a *Marna*, de Gaza (isto é *Mar-na*, nosso Senhor), achando-se assim completo o par divino. Sobre a costa punica, como diz Baissac, existe uma localidade chamada *Maraza* (de *Marah-aza*, a forte Senhora; assim Epiphanio cita as duas divindades femininas *Marth* e *Marthana*, adoradas pelos judeos-pagãos ou gnosticos da Palestina. «A denominação de *Martha* era um nome de uso frequente no semitismo para designar a Mãe divina, da qual os gregos fizeram a sua Artemis e Diana. Por opposição a Magdalena, que representava o lado hetairista d'esta Deusa-Mãe, *Martha* representava o seu aspecto verginal.»<sup>1</sup> Este dualismo é importantissimo

<sup>1</sup> Op. cit., t. II, p. 74.

<sup>1</sup> *Origines de la Religion*, II 103.



e também apparece citado no processo de Luiz de la Penha, em *Martha a dina*, ou a sancta, (*Martha-na*, na forma grega *Mardiana*) e *Martha*, a que o peccado encanta. O character demoniaco d'esta ultima confirma-se pelas proprias tradições da feiticaria medieval, por que o nome de Astaroth, não é senão o nome de *Astoreth* dado a esta divindade. Plutarcho, na vida de Marius, cita uma prophetisa nas Gallias, dois seculos antes de Christo, chamada *Martha*, consultada antes do general romano dar batalhas. «A denominação de *Martha*, a *Senhora*, é anterior na Gallia, ao Christianismo e ao Evangelho, como denominação religiosa e objecto de culto.»<sup>1</sup> Em Portugal, existe no Minho uma romaria de *Santa Martha*, no alto de uma *montanha*, á qual concorrem as mulheres, que soffrem do *utero* e de perturbações menstruaes.

Nada mais evidente do que esta origem chthoniana. A adivinhação pela *mão*, verdadeiro symbolo phalico, liga-se a este culto em que o principio masculino (*marcos*, *frades*, *picotas*, ou columnas de *menhir*) se substituiu aos symbolos do chteis (*cavernas*, *lapas*, *lameiros* e *mamôas*.) O character semitico d'esta superstição acha-se referido no Cancioneiro de Resende:

Pareceys mouro alfenado  
que adivinha pela mão (fl. 225.)

No processo de Luiz de la Penha, art.º 4.º do Libello, se lê: «Que usa de adivinhar e o faz assi *vendo as mãos dar pessoas...*» O mesmo se repete no articulado septimo e oitavo. O character sensual d'estes cultos chthonianos conservava-se nas praticas da feiticaria da idade media, e no processo de Luiz de la Penha verêmos as accusações d'esses ritos orgiasticos da prostituição sagrada. Agora comprehendemos o valor das Orações a *Santa Martha*, a *não dina*, para que uma pessoa ame irresistivelmente outra; no articulado 170 de libello vem: «Que sendo o réo de Luiz de la Penha perguntado pelos ditos papeis, confessou que a letra de huns papeis maiores, de que alguns vão juntos nas culpas, eram de sua mão; está escripta uma devação a *Santa Martha* em que conclue assi:

queiraes vós prender e sugigar o coração  
a tódos aquelles que contra mim são.  
Alleluya!

«e apoz isto que chama devação, está outra que chama *Oração de Santa Martha*, que diz ser a *não dina*, que diz assi:

*Martha*, não já a dina,  
nem a sancta,  
senão *aquella*  
que o peccado encanta;  
detrás da porta estarás,  
de luto te vestirás;  
com trez varas te mandarei,  
a meu mando estarás;  
depressa e logo irás,  
a embaixada tu trarás.

Com trez varas te mandarei,  
quatro cantos catarei  
com a vara de maior alçada  
tu não comerás,  
nem beberás  
até commigo á conta vires estar.»

No articulado 22.º, cita-se um livro de Luiz de la Penha, (fl. 137 a 151) no qual «estão muitas e varias cousas com titulo de *devações para querer bem e vir a pessoa d'onde quizerem*, e a primeira entre o mais tem as palavras seguintes:

.....  
Valham-te aquellas trez irmãs,  
que eu tenho por convidadas,  
huma é a sombra,  
e outra a solombra,  
e outra *Martha*, *não a dina*,  
nem a santa  
senão *aquella* maldita  
que os demonios encanta;  
esta te hade trazer  
preso e atado  
e *ligado* e encantado,  
de pisão e de calhão  
e de rinhão,  
e de estaco e de abuss (ão)  
que de todas as tuas conjuncturas  
o não deixes durar,  
nem aquietar,  
nem repousar,  
até que a mim (*foão* ou *foã*)  
me venha buşcar;  
e quanto tiver  
me venha dar;  
e quanto souber  
me venha dizer.»

É importantissimo este texto; a *Martha*, que aqui se invoca é a demoniaca, isto é, a *Senhora*, a Deusa hetairista dos cultos chthonianos da prostituição sagrada. Nos livros magicos de Luiz de la Penha abundavam as Orações a *Santa Martha*, confundidas com as da *Virgem*: «E assi

<sup>1</sup> Ibid. p. 108.



outra devaçam a *Sancta Martha para prender e subjugar o coração das pessoas*. E outra de *Martha não a dina* para uma pessoa vir a outra. E outra devação da Virgem da Piedade» (Art.º 22). E no articulado 24: «E na mesma folha diz que *tomou as mãos a nove mulheres* dizendo-lhe as sinas *com algumas deshonestidades*. E apos isto está escripta uma Carta de tocar. E apos ella está escripto o que chama *Oração de Martha, não a digna*, e no cabo diz que é defesa. E no mesmo livro (da letra E, ás folhas, 101, 105, 112, e 113, diz que disse as sinas a sento e seis pessoas casadas e solteiras *com muitas torpesas sujas e deshonestas, e diz que lhe vio com seus olhos todos seus corpos*. E ás folhas 115 e 123 verso, e 24 verso e 127, e 128, do mesmo livro, nomêa por seus nomes treze mulheres que diz ter benzido tambem com muitas torpezas sujas e deshonestas. E no mesmo livro da letra E, ás folhas 130 até 157, entre outras cousas nomêa por seus nomes trinta e nove mulheres solteiras, casadas e viúvas, que diz ter benzido com muitas torpezas e deshonestidades e com algumas estava espaço de huma e duas horas. E nomêa mais quatorze mulheres...» É um nunca acabar; este feiticeiro, de que a Inquisição de Evora tomou conta, e que já era herdeiro das tradições magicas de seu pae (articulado 8.º do libello) conservava a pura tradição do culto chthoniano de *Martha*, a Deusa-Mãe, que precedeu no occidente o culto da Virgem. Entre os papeis avulsos appensados ao processo vem esta outra:

*Devoção de Santa Martha*

Bem aventurada Santa Martha,  
pellas terras do Egypto passastes,  
a Serpente féra encontrastes,  
com a santa caldeira da agua benta  
e issope na mão saudastes,  
e com ella amançastes,  
e com a vossa preciosa cinta atastes;  
á cidade a trouxestes mança e pacifiqua,  
aos inficis a entregastes.  
Assim como isto é verdade etc.

Os cultos phalicos, que se substituíram ao hetairismo, apparecem simultaneamente nas superstições.

Na Ordenação manuelina, prohibe-se o ter *Mandraculas* em casa para exercer seducção de favor sobre qualquer pessoa. Na idade media acreditava-se no poder benefico da planta *Mandragora*, cujas raizes similhavam figuras de homem ou de mulher; sobre este ponto Leroux

de Lincy apresenta a auctoridade de *Le grand Herbier français*, do fim do seculo xv, em que se allude a esta crença da gente do campo. (*Livre des Legendes*, p. 135). Segundo os documentos reunidos por Dulaure, a *Mandragora* esteve na maior voga no seculo xv, e empregava-se para desfazer maleficios, attrahir a felicidade e tornar fecundas as mulheres; apparece citada no *Genesis* (xxx, 14) como um fetiche phallico, empregado por Lia e Rachel; os Templarios foram accusados de adorarem uma *Mandragora*, e no seculo xii usava-se trazel-a envolvida em seda, para nunca ser pobre. A mandragora, apresenta nas suas raizes a fórma de um homem ou de mulher, e a sua cultura foi descripta por Jacques Grévin, no livro *De l'imposture des Diables*. O abbade Rosier, no seu *Curso de Agricultura*, diz: «Tenho visto mandragoras que representam perfeitamente as partes do homem e da mulher; etc.» Dulaure dá como etymologia d'este nome a phrase *main de gloire*, dos conhecidos symbolos ityphalicos antigos <sup>1</sup>. O *barbasco* é tambem uma planta com virtudes magicas, como se vê pela esconjuração de Luiz de la Penha; a *arruda* afugenta os espiritos malevolos. Esta botanica magica explica-se pela acção sedativa das solaneas no systema nervoso, e pelos terriveis effeitos dos emenagogos. Já fallámos do costume de *queimar alfazema* em casa; no processo de Luiz de la Penha (art.º 8.º) falla-se em benzeduras, queimando um pequeno ramo de *alecrim*. Os cultos agricolas ligam-se ás praticas orgiasticas do hetairismo; as *hervas*, na linguagem symbolica do direito, são a expressão metaphorica da prostituição, como se vê na phrase ainda vulgar: *filho das hervas*. Em uma das fórmulas de Luiz de la Penha, vem o verso:

*Sam Marcos te marque*

cujo sentido se comprehende pelo verso popular de Andaluzia:

*Agua, señor Sam Marcos,  
Rei de los charcos... 2*

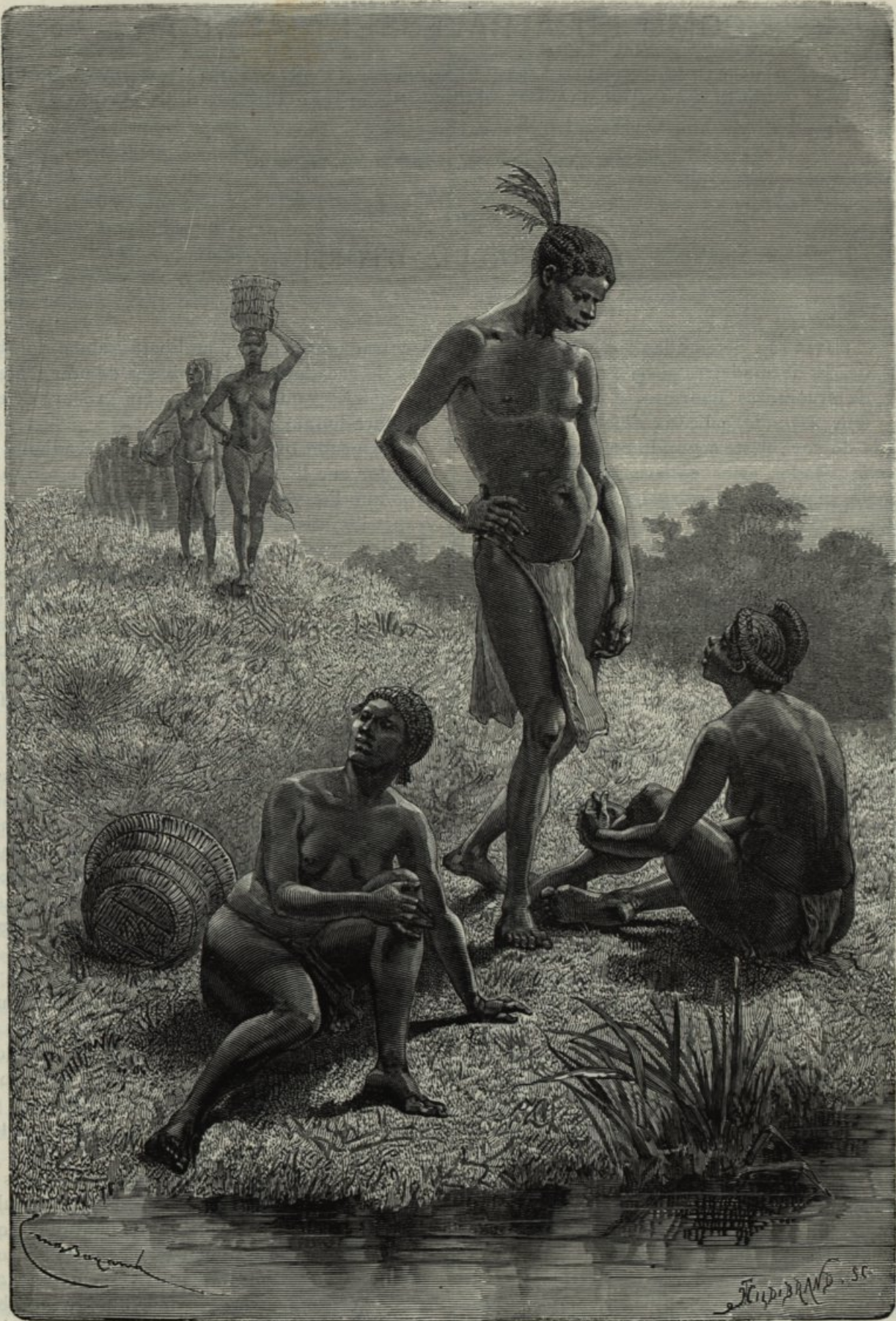
<sup>1</sup> *Histoire abrégée des différents cultes*, t. II, p. 256. — Nas romarias de alguns Santos, como a de S. Gonçalo de Amarante, no 1.º sabbado de Junho, as raparigas vendem pelas ruas bolos de maça cobertos de assucar chamados testiculos de S. Gonçalo. (Comunicação de S. Rodrigues Ferreira). Dulaure cita os pães phallicos em França no Bas Lيمousin, no Auvergne, nas cidades de Saintes, e S. Jean d'Angely; vê-se aqui o culto persistindo a par da superstição.

<sup>2</sup> Rodrigues Maria, *Cantos populares*, t. I, p. 58.

(Continúa).

THEOPHILO BRAGA.





HOMENS E MULHERES QUIMBANDÉS — Composição de E. Bayard



# COMO EU ATRAVESSEI A AFRICA

DO ATLANTICO AO MAR INDICO—VIAGEM DE BENGUELLA Á CONTRA-COSTA—ATRAVÉS REGIÕES DESCONHECIDAS—DETERMINAÇÕES GEOGRAPHICAS E ESTUDOS ETHNOGRAPHICOS

POR

**SERPA PINTO**

PRIMEIRA PARTE

## A CARABINA D'EL-REI

(Continuado da folha 29)

**A**S LIBATAS são defendidas por uma forte paliçada de madeira, quasi sempre coberta de sycómoros enormes, e dentro d'ellas uma segunda paliçada defende e fecha a morada do sova. Este segundo recinto chama-se o *Lombe*. Dados estes esclarecimentos, vamos vêr o que se passa pela morte ou aclamação dos régulos.

Logo que morre o sova, o acontecimento é sabido dos macotas, que guardam o maior segredo. Dão parte ao povo de que o sova está doente e por isso não apparece. O cadaver é deitado na cama, na cubata, e coberto com um panno; isto em Caquingue, porque no Bihé, é dependurado pelo pescoço ao tecto da cubata.

O corpo ali jaz até que a putrefacção e os insectos deixam a ossada nua, no paiz de Caquingue; no Bihé, até que a cabeça se separa do corpo.

É então que annunciam a morte do régulo, e que se procede ao enterro. Os ossos são metidos em uma pelle de boi e enterrados em uma cubata que existe no *Lombe*, sarcophago de todos os sovas. A cubata em que apodreceu o cadaver é demolida, e todo o material é transportado fóra da libata, e abandonado no matto. Será desnecessario dizer, que a morte de um sova é sempre produzida por feitiço, e que um desgraçado paga com a vida, não o feitiço, que não fez, mas a vingança particular de um dos macotas. Logo que se annuncia a morte do sova, o povo sahe furioso, e durante alguns dias, são roubados todos os que passam proximo da capital, sendo que se apossam das pessoas mesmas, que escravizam para venderem depois.

Os macotas vão buscar o herdeiro, e acompanham-no até á libata grande (capital); mas ali elle não entra no *Lombe*, e fica vivendo na povoação como qualquer do seu povo. Em seguida

á entrada do herdeiro na libata, sahem dois bandos de caçadores, um em busca de uma malanca (*Catoblepas taurina*), e outro em procura de uma creatura humana.

Do grupo que vê o antilope, se adianta um caçador que lhe atira, fugindo logo, e são os outros que lhe vão cortar a cabeça, porque se fór o que lhe atirou é logo assassinado, e nunca pôde dizer que foi elle que o matou.

O bando que procura a creatura humana, apossa-se da primeira que encontra (homem ou mulher), e arrastando-a para o matto, cortam-lhe a cabeça, que trazem com todo o cuidado, abandonando o corpo. Chegados á libata, esperam pelo bando que foi caçar o antilope, porque mais facil sempre é encontrar e matar um homem do que encontrar e matar uma malanca.

Reunidas em uma cesta as duas cabeças, a do homem e a do antilope, vem o cirurgião, e começa a fazer *os curativos* precisos para que o novo sova possa tomar as redeas do governo, e quando acaba a sua magia, declara que elle pôde entrar no *Lombe*. Acompanhado dos macotas, o sova entra no *Lombe*, no meio de grande grita e muita fuzilaria.

O primeiro passo que dá o sova no seu governo, é escolher entre as suas amantes uma que apresenta como sua mulher, a qual fica morando com elle, e toma o nome de Ináculo, e o governo caseiro; as outras ficam vivendo no *Lombe*, mas fóra do recinto do régulo.

No Bihé, como em toda a Africa Austral, está estabelecida a polygamia.

Os crimes no Bihé são sempre julgados em primeira instancia pelo lesado, e só se o culpado se não sujeita ao pagamento da multa, é que, algumas vezes, sobe a causa ao conhecimento do sova, porque em outras a justiça é feita pelo lesado. A palavra terrivel no Bihé, o vocabulo *Mucano*, não exprime simplesmente o crime,



mas designa uma idéa que envolve ao mesmo tempo o crime e o pagamento da multa.

Ali todos os crimes são remiveis a dinheiro, isto é, ao pagamento de multas; e não ha penalidades intermediarias entre a multa e a pena de morte. Se alguém rico, sobre quem pesa um mucano, se recusa a pagar, e o lesado é poderoso, faz presa ao culpado em valor muito superior á multa, ficando a presa em deposito, para ser vendida ou ficar pertencendo ao que a fez.

Aquelle que faz uma presa injusta é obrigado pelo sova á restituição, e a dar um porco ao prejudicado.

Este systema é azado a roubos, e todos os dias apparecem mucanos os mais estupendos.

Um dos mais vulgares é o do adulterio das mulheres, a quem os maridos mandam que se façam seduzir por este ou aquelle homem que possui alguma cousa, para lhe fazerem depois pagar o mucano. O chefe de uma comitiva é obrigado a pagar os mucanos dos seus pretos, e responsavel pelo comportamento d'elles.

Quando um branco, responsavel pelos mucanos dos seus pretos, tem por seu lado força bastante e se recusa a pagar, elles esperam, ás vezes, annos até poderem atacar outro branco mais fraco, e fazerem-lhe presas, dizendo-lhe que é por causa do outro e que se entenda com elle.

Se o que teve um mucano é fallecido, o desgraçado que vem habitar a sua povoação paga por elle.

O modo por que se *faz justiça* no Bihé é a causa do grande transtorno que soffre o commercio e das importantes perdas das casas de Benguella.

Durante a minha estada em casa de Silva Porto, vieram ali uns pretos que traziam uma gallinha para fazer uns *curativos*, e o hortelão vendo-a disse que tinha uma muito parecida com ella. Foram estas palavras objecto de um mucano, em que o hortelão teve de pagar 16 covados de algodão ao dono da gallinha.

Logo que chega alguém ao Bihé e traz fazendas, procuram arranjar-lhe innumerous mucanos, e roubam-lhe assim uma grande parte d'ellas.

Os sertanejos, quando chegam ao Bihé, são tão defraudados pelos mucanos, que muitas vezes não lhes fica para ir negociar no interior mais do que a terça parte das facturas trazidas. Guilherme (o Candimba), pae do Verissimo, a ultima vez que ali foi em viagem de trafico, foi

obrigado a dar fazendas no valor de 600.000 réis por um mucano que lhe arranjaram, de um seu preto ter comprado um bocado de carne de carneiro por tres cartuxos de polvora, e não os ter dado no dia aprasado, mas sim no seguinte, em que já não foram aceites. Durante a minha estada no Bihé, Silva Porto teve de pagar um mucano de 700.000 réis por uma bagatela ainda maior.

É o mucano, esse roubo infame, porque é legal e authorisado, a causa principal do estorvo ao commercio e da decadencia do Bihé.

Foi o mucano que expulsou do Bihé a Silva Porto e aos sertanejos honrados.

Supprima-se o mucano, segure-se o caminho de Benguella, organize-se e legisle-se para as comitivas sertanejas, e dentro em pouco triplicará o commercio de Benguella, e novas fontes de riqueza, atrophiadas hoje pela pouca segurança, virão alimentar as industrias europeas.

O povo do Bihé é azado a grandes commettimentos. Esmague-se no seu seio a vibora da ignorancia que o corroe; levantem-se esses brutos ignaros á altura de homens; dê-se-lhes uma direcção, e elles caminharão na via do progresso e chegarão aonde difficilmente chegará outro povo africano.

Os pretos d'Africa são como os cavallos de fina raça: quanto mais fogosos e bravos, mais promptamente se tornam doces e obedientes.

Aquelles em que predomina a inercia e a cobardia, difficilmente se poderão civilisar; aos outros não será difficil tarefa trazel-os ao caminho do bem.

Os bihenos, como todos os povos d'esta parte da Africa, são muito dados á embriaguez.

Ali ainda chega a aguardente, e na falta d'ella fabrica-se muita capata.

A capata, quimbombo ou chimbombo, que lhe chamam de qualquer d'estes modos, é uma especie de cerveja feita de milho.

Nas terras onde cultivam o lúpulo (*Humulus lupulus*), servem-se das conicas sementes d'esta trepadeira para confeccionarem a bebida.

Para isso reduzem as sementes a pó, e misturado este pó com fuba de milho em uma enorme panella, ferve por espaço de oito ou dez horas em muita agua, e logo retirada do fogo e fria, é a capata, que se bebe immediatamente.

N'este preparado a fermentação acetica predomina, e é tão pequena a fermentação alcoolica, que não embriaga senão em grande quantidade. Como a bebida não é filtrada, fica cheia



de farinha em suspensão, e é mais uma massa muito fluida, do que puramente um liquido. É muito substancial, e ha pretos que passam um e mais dias sem comer, bebendo só capata.

Nas terras onde não ha lúpulo é este substituido por uma farinha feita de milho em estado de germinação, que elles fazem produzir, já enterrando o milho, já deitando-o em agua por alguns dias.

No tempo do mel, fazem produzir na capata uma grande fermentação alçoolica, addicionando-lhe mel, que no fim de alguns dias está em parte transformado em alçool.

Esta bebida assim preparada embriaga muito, e tem o nome de Quiassa.

Preparam ali ainda outra bebida que apenas pôde considerar-se refresco, mas que é agradável e muito nutriente.

É ella feita com a raiz de uma planta herbacea, que os meus poucos conhecimentos botanicos não me permittiram classificar, a que os pretos chamam *imbundi*. Uma forte decocção da raiz do *imbundi*, depois de fria e de uma ligeira fermentação em uma grande cabaça, e addicionada, a frio á fuba, fervida como para a capata.

A raiz do *imbundi* contém grande quantidade de materia sacharina.

Esta bebida chama-se Quissangua.

A alimentação do povo do Bihé é quasi toda vegetal, e tendo elles poucos gados, que nunca matam para comer, apenas uma ou outra vez comem carne de porco, animaes estes que abundam ali no estado domestico. Creio que foram introduzidos por Silva Porto. No paiz muito povoado escaceia a caça, e a pouca que ha são pequenos antilopes (*Cephalophus mergens*), difficeis de matar por muito esquivos.

Os bihenos comem toda a carne que encontram e a preferem no estado de putrefacção.

O leão, o chacal, a hyena, o crocodilo e todos os carnivoros são para elles finos manjares, mas sobre tudo o que mais amam são os cães, que engordam para comerem. Isto talvez prove-

nha da falta de alimentação animal que têm no seu paiz. Elles não são positivamente canibaes, mas comem de tempos a tempos um bocado de homem cozido. Preferem os velhos, e um ancião de cabelleira branca é optimo presente que recebe um sova ou algum rico século para um banquete.

Os sovas do Bihé fazem repetidas vezes uma festa, na sua libata, a que chamam a festa do Quissunge, em que são immoladas e devoradas cinco pessoas, sendo um homem e quatro mulheres, d'esta sorte: — uma mulher que faça pannelsas, uma do primeiro parto, uma que tenha papeira (é vulgar ali), uma cesteira e um caçador de cõrças.

Presas as victimas são degoladas e as cabeças lançadas ao matto. Os corpos entram de noite para o Lombe da libata grande, onde são esquarterados, e morto um boi, a sua carne é cozida com a carne humana, parte da qual é tambem fervida na capata; sendo que tudo o que apparecer no banquete deve levar sangue humano. Logo

que está prompta a sinistra e repugnante ceia, o sova manda participar que vai começar o Quissunge, e todos os habitantes da povoação correm pressurosos ao festim.

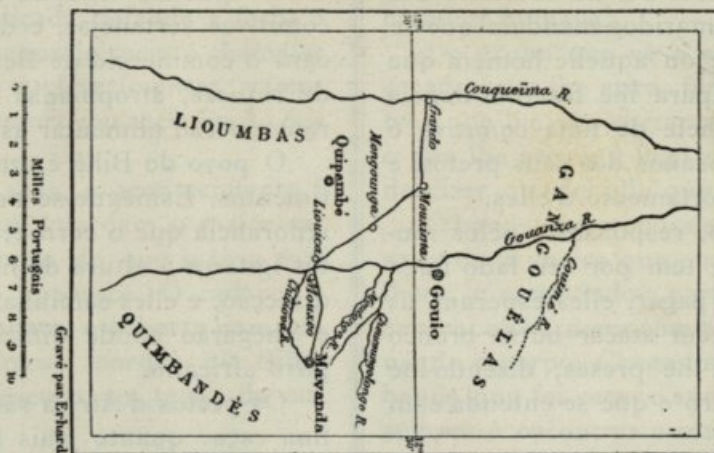
Os bihenos gostam muito das termites, e destroem as suas habitações para as comerem cruas.

O biheno é altamente ladrão, e furta sempre que pôde algum objecto, logo que esrá no seu paiz; fóra d'elle, não só se abstem de roubar, mas, como carregador, respeita a carga que lhe confiaram.

Quando uma comitiva acampa no mato, no Bihé, é preciso logo dar parte d'isso ao século dono da terra, mandando-lhe um pequeno presente; sem o que, ficam auctorizados os pretos da povoação visinha a roubarem quanto possam. Logo que se dá o presente ao dono da terra, é elle o responsavel por qualquer roubo que haja.

(Continúa).

SERPA PINTO.



CARTA DO PAIZ DOS GUIMBANDÉS





MULHER MALAIA DE DODINGA E SUA FILHA

## VIAGEM Á NOVA-GUINÉ

POR

ACHILLE RAFFRAY

ENCARREGADO D'UMA MISSÃO SCIENTIFICA PELO MINISTERIO D'INSTRUCÇÃO PUBLICA EM FRANÇA

(Continuado da folha 29)

SINTO a necessidade d'abrir um parenthesis para fallar dos soldados do exercito holandez nas Indias. As cinco sextas partes d'este exercito são compostas d'indigenas voluntariamente alistados e o resto de mercenarios suissos, allemães, mas principalmente belgas e francezes. Indigenas e europeus estão ali com o engodo de largos soldos. Todos os officiaes, e a maior parte dos sargentos, são hollandezes.

Esta organização explica como a Hollanda, pequeno povo de quatro milhões d'habitantes, pôde sustentar na Malesia um exercito de mais de trinta mil homens.

Em todos os paizes do Oriente, o indigena se dá mal com o celibato. Os hollandezes, com o espirito pratico que os caracteriza, comprehenderam isto e sem se deterem com considerações moraes que fazem lei nos nossos paizes civilizados, julgaram poder dizer: *Cada terra com seu uso...* É um mal, é um bem? não queremos ser seus juizes; mas, sem querer dar inteira approvação aos hollandezes, aconselharemos as pessoas que com este proceder se sintam escandalizadas que vão viver durante alguns annos no meio d'estas raças. Seja bom,

seja mau, cada soldado é auctorisado a possuir uma mulher indigena e nada tão curioso como vêr um quartel na Malesia, onde cada soldado com a sua familia occupa um espaço restricto em vastas casernas. É um pequeno mundo.

Aqui uma mulher nova lustra o correame, vigiando um garotito mestiço que se espoja no chão, emquanto que o pae está estirado, gosando bemaventuradamente a preguiça. Ali uma malaia, já entrada em annos, desejosa de accumular economias para dias peiores, montou uma quitanda onde vende pasteis feitos com azeite de côco e pequenos nadas de todos os generos e de todas as proveniencias.

A melhor harmonia reina n'estes agrupamentos e chegada a hora da visita dos officiaes, mulheres e creanças desaparecem como por encanto, sem deixar atraz de si o menor vestigio.

A auctoridade militar quer sem duvida mostrar assim que a presença das mulheres nos quartéis não é um direito, mas apenas tolerancia. Todavia essa mesma auctoridade não é estranha a este estado de coisas, pois que a mulher do soldado recebe ração; é transportada com o soldado á custa do Estado, quando este muda de guarnição, e o mais das vezes é ella



auctorizada a acompanhá-lo em campanha, ocasião em que ella presta ao soldado verdadeiros serviços em regiões em que a administração militar não pôde funcionar tão regularmente como entre nós. Mas quando as exigencias da guerra não permitem á mulher o acompanhar o soldado ficam nos quartéis arrigimentadas e o Estado alimenta-as. As creanças, productos d'estes casamentos temporarios (para me servir d'uma expressão d'um viajante illustre) não são abandonadas pelo Estado, que tacitamente protege estes enlacs. As raparigas succedem ás mães no mister e os rapazes são enviados a escolas onde lhe ensinam a lèr e a manejar a espingarda.

Mas voltemos á nossa viagem. Eis o caminho de Almaheira, a maior das ilhas Molucas.

Os nossos navios não são de certo fragatas couraçadas de primeira ordem, mas a sua construcção não deixa de ter originalidade. Sobre as bordas d'um barco esbelto e alongado, em fôrma de piroga, cuja pôpa e prôa se erguem em curva graciosa, como se fossem dois formosos collos de cisnes, apoia-se uma plata-fôrma, tres vezes mais larga que o casco da embarcação.

No centro d'esta plata-fôrma, para proteger contra o sol e a chuva os passageiros que amontoadamente vão misturados com as mercadorias, o constructor levantou um tecto coberto com folhas de coqueiro. Só resta livre uma galeria circular, onde se instalam vinte remadores alfuros.

Um immenso remo serve de leme. O mastro, esse, é uma invenção d'uma grande simplicidade engenhosa. O problema era podel-o levantar e desmontar facilmente, a fim d'utilisar o vento e de não prejudicar pela sua resistencia no ar os esforços dos remadores. Os ovens e as cordas são difficeis de manobrar; é um estorvo e um producto raro e caro; era necessario suprimil-os. Os malaio imaginaram um mastro com tripé, que se sustenta em pé por si proprio e a que o vento augmenta a solidez. As compridas varas de bambú servem magnificamente para este fim.

A vela é um vasto quadrilatero d'estofo, feito de fibras de palmeira que se enrola e desenrola n'um bambú, como os nossos mappas, e que é manobrada com tres cordas.

A ancora, d'um e mais, raramente de dois dentes, é de pau. Escolhe-se um ramo cuja curvatura em angulo agudo é robustecida com ligaduras de rotim. Uma pedra amarrada á an-

cora serve-lhe de lastro para que não sobre-nade e a corrente, a que a ancora está amarrada, sahe das immensas forjas da natureza; um malaio cortou-a com o *scupéda* na floresta mais proxima, é um rotim-trepadeira de quinze ou vinte metros de comprido.

As ligaduras feitas com rotim substituem em todos os casos os pregos e as cavilhas.

Depois do meio dia o vento começou de soprar e alou-se a vela, com que os remadores se mostraram satisfeitos, e perto das quatro horas da tarde, passando entre pequenas ilhas cobertas de verdura, entramos n'uma bahia rodeada de paletuvios, por entre os quaes desagôa o rio Dodinga. A pouca profundidade da agua impediu que nos approximassemos da praia: lançou-se ancora, espetaram-se paus para amarrar o prao e nós desembarcamos em grupos de tres e quatro, indo até á praia em pequenas pirogas.

Entramos no rio por sob um caramanchel de verdura e depois de percorrermos alguns cotovelos do rio chegamos ao pé d'uma pequena eminencia, onde casas em ruina, montões de bambús quebrados e queimados pela passagem recente dos bandos de Hassan, indicavam o logar onde existira a aldeia de Dodinga. M. Van Oldenborgh, que tinha sido o primeiro a desembarcar, recebeu-nos solemnemente, desejando-nos prosperidades no territorio d'Almaheira, de que elle era agora o governador.

Atravessamos o rio n'uma ponte rustica, feita com troncos d'arvores; subimos uma vereda ingreme e chegamos ao vertice da eminencia onde estavam ainda erguidos vestigios dos muros e vigias do antigo forte portuguez defendido por duas ou tres peças, tão velhas como elle, deitadas hoje entre as plantas parasitas sobre os blocos de pedra que lhe tinham servido de reparos.

Mediante uma piastra um malaio cedeu-nos um alpendre que convertemos em quarto de cama e simultaneamente em sala de jantar, cozinha e casa de trabalho.

Estavamos aqui perfeitamente tranquilllos e isolados, escondidos entre a verdura e só nos restava começar os nossos trabalhos.

A grande ilha de Gilolo, situada junto do equador, parece formada de quatro ilhas unidas umas ás outras, das quaes a do norte, a maior, está unida ás outras tres por um isthmo muito estreito, o isthmo de Dodinga, onde estavamos.

De norte a sul corre uma cadeia de montanhas com todas as suas ramificações cobertas de florestas seculares.



Algumas casas arruinadas, uma mesquita de tectos sobrepostos, humilde copia da de Ternate, tudo escondido entre o arvoredo, formavam a aldeia de Dodinga, em volta da qual os antigos campos lavrados se tinham transformado em prados naturaes cortados n'um e n'outro ponto por moitas d'arvoredo.

Anteriormente esta região era rica e povoada, mas a guerra devastou-a e os seus habitantes refugiaram-se nas florestas para escapar a um inimigo que nem o sexo nem as edades respeita.

A pequena força hollandeza, cuja chegada foi logo conhecida, deu-lhes coragem e logo no dia seguinte vimos reaparecer os habitantes de Dodinga. São de duas raças, uns malaios, outros alfuros, estes autochtones, os primeiros conquistadores. Vivem bem uns com os outros. Na aldeia, não distante da mesquita dos malaios musulmanos, viam-se os fetiches dos alfuros, bustos de madeira de tamanho natural ornados com cabelleiras humanas. Alpendres de folhas de palmeira protegiam das intemperies das estações estas imagens; vasos rachados e quebrados e farrapos d'estofos multicolores attestavam o culto prestado áquellas imagens, grosseiros emblemas da credulidade que secretamente corroia uma colonia.

Não tardou que vissemos alguns dos ingenuos adoradores d'estes idolos; eram homens tão parecidos como nós com os malaios. A sua estatura é mais alta e elegante que a do malaio. O seu rosto oval tem uma fronte alta e descoberta, o nariz aquilino, os olhos horisontalmente fendidos distinguem-os profundamente dos malaios; as maçãs do rosto são muito salientes e o nariz é achatado.

Algumas vezes têm a barba abundante; os membros são musculosos; o tronco não é cabeludo; mas as pernas e as côxas são abundantemente cobertas de pellos negros e frisados; a côr da sua pelle é d'um amarello canella. Os seus compridos cabellos ligeiramente crespos são atados atraz, formando uma especie de cuia e presos com um pente de pau. O seu traje compõe-se d'um cinto de corda, no qual se prende pela parte de traz um bocado de tecido vermelho ou azul, que, passando por entre as côxas, se vem prender adeante no cinto e cahe na frente como se fôra um avental. Braceletes de latão em espiral, largos anneis feitos de conchas brancas e um collar de missanga completam os seus enfeites.

As suas armas são lanças dentadas quasi

d'alto a baixo, feitas de ferro, um pequeno arco e flexas de bambú não envenenadas.

O alfuro que serviu de typo a esta descrição, o qual, graças á intervenção hollandeza, se sujeitou a collocar-se defronte do meu aparelho photographico <sup>1</sup>, era um bello rapaz chamado Niron, cujo olhar inquieto, caracterisava bem o selvagem que em contacto com a civilização se assusta com tudo que não comprehende. Comparando com Niron e com os demais alfuros do mesmo typo que eu vi, os malaios, mesmo os mais selvagens, nota-se n'estes ultimos maior civilização.

Os verdadeiros alfuros (pois que ha outros malaios, e muito differentes uns dos outros, confundidos debaixo d'este mesmo nome) estão espalhados na parte meridional da ilha Gilolo. Vivem, dizem, em grupos de habitações sacustres nas florestas. Dizem que são muito ferozes e que cortam muitas cabeças humanas, de que fazem horrorosas colleções.

O difficil trabalho de classificar todas as raças humanas que habitam o vasto archipelago malaio tem por mais d'uma vez tentado os ethnographos de todos os paizes, tarefa reputada quasi impossivel em virtude dos productos dos numerosos cruzamentos feitos pelos portuguezes, pelos chinezes, arabes, alfuros, papus, etc.

Os selvagens que ora estamos estudando encontram-se todavia, sem mistura d'outro sangue, em Gilolo, em Ceram, em Célèbes, em Borneo sob o nome de Dyaks, em Sumatra sob o nome de Battahs.

Comparando as descrições isoladas dos differentes viajantes, os ethnographos chegaram a reunir todos estes selvagens insulares sob uma mesma familia ethnica e o dr. Hamy condensou n'uma memoria apresentada á Sociedade de Geographia os apontamentos que lhe enviei sobre os alfuros de Gilolo durante a minha viagem por estas regiões. N'essa memoria o doutor propunha que d'então em deante os alfuros fossem considerados como Indonésios, recordando assim d'um modo feliz, pela mesma terminologia, os Polynésios com os quaes os Indonésios parecem ter laços de parentesco que cada vez se estão evidenciando mais.

<sup>1</sup> Foi com um aparelho photographico, tão pouco volumoso como facil de manejar, o *scenographo*, do meu amigo E. Deyrolle, que eu pude nas Molucas e na Nova Guiné tirar as photographias que illustram esta descrição de viagem, o que lhe dá um character absoluto de veracidade.



Os alfuros não eram os únicos visitantes que vinham animar a nossa solidão, todos os habitantes de Dodinga tinham curiosidade em nos ver e principalmente observar o que fazíamos; eu estimava immenso estas visitas, quando ellas podiam enriquecer a minha collecção de photographias, muitas vezes difficieis de tirar por causa dos prejuizos d'estes pobres selvagens.

Havia todavia um d'estes visitantes que o seu

titulo de *orang-kapal* (chefe d'aldeia) em tradução litteral *homem-cabeça* obrigava a tornar-se menos reservado. Kimalaha (assim se chamava esta auctoridade) era um homem entre as duas edades, mas mais velho do que novo e feio, um verdadeiro malaio de rosto chato, mas que possuia duas coisas que lhe davam grande realce; o seu chapéu e as suas pantomimas. O chapéu de Kimalaha! Quantas coisas, mesmo dinheiro



A NOSSA COSINHA E CASA DE TRABALHO EM DODINGA

em prata, eu lhe fiz reluzir deante dos olhos para que me cedesse esse precioso objecto.

Eu tinha adquirido para as minhas collecções ethnographicas, escudos alfuromalaios muito curiosos. São feitos d'um bocado de pau do comprimento de sessenta centímetros e tendo a largura de dez centímetros no centro, onde por uma curva assás elegante a espessura diminue. O escudo é pintado de preto e incrustações de conchas brancas formam sobre aquelle fundo bonitos desenhos. Vi alguns d'estes escudos com incrustações de nacar e outros mesmos ornamentados com cabelleiras humanas.

N'um dia esse Kimalaha veio-nos visitar na esperança de obter algum tabaco e viu esses escudos: sem duvida recordaram-lhe algum alto feito da sua mocidade. Como um velho cavallo de batalha que rincha ao som do canhão, este chefe, ordinariamente tão socegado, animou-se, pegou n'um dos escudos, mirou-o e perguntou-nos se nós sabiamos o manejo d'aquella arma. Evidentemente elle só esperava o nosso consentimento para nos mostrar a sua sciencia. Eu decerto não recusava a este bom homem prazer tão innocente e, adivinhando-lhe os desejos, pedi-lhe que nos desse uma lição d'esgrima.





A MESQUITA DE DODINGA



Immediatamente pegou com arrogancia no seu bastão em ar de sabre e, cobrindo-se com o escudo, pôz-se em defeza contra um inimigo imaginario; em seguida começou uma serie de saltos: pulando para a frente, pulando para traz, abaixando-se, erguendo-se, movendo o braço esquerdo armado com o escudo como se fôra um telegrapho de signaes, ora protegendo a cabeça, ora as pernas, ora o tronco; era uma serie successiva de posições academicas capaz de espantar toda uma escola de bellas artes. A esta esgrima que parecia ter regras fixas não faltava nem sciencia, nem elegancia.

Juntando a theoria á pratica o *orang-kapal* ensinou-nos certas defezas e fez-nos comprehender que este escudo comprido e estreito só era util para o ataque com o sabre, mas que n'esse caso em mãos exercitadas tornava-se uma muralha impenetravel.

N'essa noite e mesmo no dia seguinte ao da nossa chegada, o revoltado Hassam, que diziam estar nas florestas a mui pequena distancia, podia ter-nos agarrado e massacrado a todos. Eu com certo receio admirei o pouco caso que em volta de mim faziam d'esse inimigo reputado tão temivel. Seria coragem ou negligencia? Uma e ou-

tra coisa, creio eu. Os malaios são naturalmente valentes, posto que excepções tenha esta regra; Saabar era uma. A maior parte são musulmanos e adquiriram com esta religião o desprezo pela morte que sempre fez dos soldados musulmanos terriveis adversarios. A ultima guerra do Oriente é d'isso uma prova. Os holandezes, esses téem confiança no prestigio que lhes dá a sua organização superior; a maior parte d'elles, tendo vindo ainda novos para as Indias neerlandezas, habituaram-se a considerar os malaios como seres tão inferiores que não os temem; além d'isso téem um grande patriotismo e sabem que as colonias sustentam a mãe patria. Da mistura de todos estes sentimentos, onde certamente domina o amor do lucro, fizeram uma coragem que certamente não é a dos bravos, mas que nem por isso é menos util e esforçada. É a coragem pratica que não nasce d'um enthusiasmo cavalheiresco, mas que está baseada nos proprios interesses e que faz soldados que valentemente morrem no seu posto.

Fosse qual fosse a causa, todo o mundo vivia na mais completa tranquillidade: em inimigos e em combates ninguem pensava.

(*Continua.*)

## CRUZEIROS NA COSTA D'AFRICA

(*Continuado da folha 30*)

**R**ECONHECI bancos que tinham escapado ao hydrographo inglez; as boias e as balisas que os designam dão todas as seguranças possiveis aos navios que procuram o Gabão de dia, e hoje os paquetes, que se contentavam em frequentar Fernando-Pó, vem ancorar em frente das nossas feitorias de Libreville.

O commercio do Gabão está aberto a todas as nacionalidades; as transações gosam d'uma liberdade absoluta; alguns direitos de posto e uns pequenos impostos enchem o cofre colonial e ajudam-o a occorrer ás despezas das balisas, dos caes, das estradas, que sem isso depressa cahiriam em ruinas. Em 1870 foi retirada a força militar e hoje só ha ali alguns crumanos pertencentes á direcção do porto.

Nantes tinha muitas relações com o Gabão e rios proximos. O gabonez é astutoso e medroso, mas os Sekiamis são d'outra tempera. Um navio de Nantes, commandado por um tal Blan-

chard, depois de ter naufragado foi assaltado: o capitão e mais tripulação foram feitos prisioneiros. O pobre Blanchard preso a um tronco d'arvore viu-se reduzido ao papel de Sysipho e, por excesso de crueldade, era obrigado a arrastar o tronco para vir buscar um alimento reles que lhe era dado com muita parcimonia.

Em 1841 fui encarregado d'obrigar aquelles povos a pagar uma indemnisação por terem commettido tal feito. Aproveitei essa demora n'estas paragens para estudar esses povos e as regiões que habitam.

A costa sul do Gabão é formada de savanas entrecortadas por pequenos pantanos, d'onde se erguem alguns grupos d'arvores, algumas das quaes téem dimensões colossaes; não é raro encontrarem-se arvores com um diametro de sete metros.

A costa norte é formada de elevações, as maiores das quaes não vão além de duzentos



metros d'altura; alguns ribeiros formados nos valles veem desagoar no estuario no meio de terrenos calcareos, onde se vêem encrustados alguns cristaes de carbonato de cal; estes calcareos e uma rocha ferruginosa que parece eruptiva caracterisam estes terrenos. Esta rocha é identica á que se encontra em Cayenna, onde ella surge no meio de terrenos graniticos; em Cayenna tem o nome de rocha á *Bavet*.

Os povos circumvisinhos do Gabão vivem no estado de tribus fraccionarias; nenhum laço politico os une; os chefes hereditarios usam o nome de *hoghas*.

O chefe Diniz, residente na margem esquerda, tinha um irmão que servira no exercito francez; conservára da França saudosas recordações que fazia compartilhar aos seus patricios. Diniz collocou desde 1839 o seu paiz sob a protecção da França.

O rei Luiz, chefe na margem direita, os Kringers e os Quaben, os Bulus Bulaben vieram prestar-nos vassallagem; os chefes de Glass foram os proprios que adheriram ao tratado; as duas margens do Gabão, o Moondah e o Monni ficaram portanto submettidas á França.

Estes tratados geraes, successivamente aceites por todos os chefes reunidos, tornaram-se a origem dos nossos direitos sobre aquella região. Os Oronghons do baixo Ogôoué, de Cama, do cabo Lopez adheriram tambem, assim como egualmente as tribus do Ogôoué superior, Ivilis, Galoi e outros; desde então a policia n'estes estuarios tornou-se facil; se ainda ha alguns embarques clandestinos d'escravos, são elles de pouca importancia e feitos em barcos a remos ou em pequenas pirogas que se arriscam a navegar pelo mar alto para ir á ilha do Principe, colonia portugueza, onde os escravos são vendidos secretamente; a emancipação dos escravos nas colonias portuguezas vae pôr fim a este hediondo trafico e nós só teremos a desenvolver nos africanos, nossos subditos, os germens da civilisação.

Alguns pequenos barcos de guerra são hoje o bastante para nos assegurar as nossas relações com os povos marginaes. Edificios espaçosos e bem arejados annunciam no Gabão a presença da Europa: o hospital, o palacio do governador, um quartel, a capella da Immaculada Conceição de Castres estão em volta d'uma praça arborizada: são os prologomenos d'uma cidade futura.

A fôrma quadrangular d'estes edificios pesados, de tectos chatos, a sua brancura, que contrasta com a verdura do meio da qual sahem,

fazem com que de longe sejam avistados pelos navios que entram no rio com vento do largo.

A aldeia que cerca estas construcções recebeu o nome de *Libreville*. Pobres escravos arrancados a um negreiro foram os seus primeiros habitantes; foram educados em Dakar pela missão catholica.

D'estes libertos os que tinham entre vinte e vinte e dois annos, e as raparigas que tinham de quinze annos para dezaseis, foram transportadas para o Gabão em 1849.

Em 1850 a nascente colonia compunha-se de cincoenta e tres individuos; tinha á sua disposição trinta choças com jardins; monsenhor Bes-sieux, bispo das duas Guinés (de que já publicamos o retrato precedentemente) deu a benção nupcial a estes casaes.

Avenidas plantadas de coqueiros, de mangas e d'arvores de pão enfeitam hoje Libreville.

A missão catholica occupa o valle Huz, onde primitivamente se levantara o *blokhause*. O bispo dá ahi educação profissional ás crianças do sexo masculino que lhes são confiadas pelas suas familias ou pela administração. As irmãs da Imaculada Conceição des Castres educam umas quarenta raparigas em quem inoculam os principios das mães christãs.

A população do Gabão propriamente dita compõe-se de Pongonés; os Oronghons do cabo Lopez e do baixo Ogôoué fallam a mesma lingua e vieram como elles do interior em época pouco remota; a pequena população de Libreville pertencia originariamente ao Congo; falla um dialecto das linguas bunda, ao qual misturaram francez, yoloff e pongoné.

As populações pongonés são pouco distinctas das tribus Sequianis ou Bulus e Akalais ou Bakalais; os Fans ou Bafans vieram, haverá quarenta annos, fixar-se nas margens dos affluentes do Como, um dos rios que fôrma o golfo do Gabão; os Pongonés só dão as suas filhas aos Oronghons. N'esta tribu são prohibidos os casamentos entre consanguineos até ao quarto grau. Muitas raparigas, por causa d'esta restricção que conserva a belleza e a pureza da raça, não se casam.

Os Pongonés e Oronghons têm por habito possuir muitas mulheres; o costume local exige que lhe seja dado um dote, em lingoagem d'elles *kaliki*; ellas fazem geralmente parte da confraria das mulheres, o que lhes assegura uma certa independencia para com os maridos.

Em 1841 fui testemunha d'uma scena de costumes que dá bem a ideia do espirito d'estes po-



vos. Um negociante que vivia na margem direita assassinara uma filha do chefe Diniz, cujo nome gabonez é *Raptchongo*, o que significa—*supplantei-o*—porque seu pae lhe entregara o poder em detrimento do seu irmão mais velho; é muito tímido por estar iniciado nos mysterios da feitiçaria. O assassinato da filha do Raptchongo era caso grave. O seu sobrinho, a quem chamaremos o pequeno Diniz, atravessou o rio e chegou a bordo da *Malouine* açudado ás sete horas da manhã; vinha-me pedir a minha intervenção, a fim de regular este assumpto que podia fazer rebentar uma guerra. Eu estava ancorado em frente da aldeia Glass, nas visinhanças da qual morava o assassino. Depois de me ter informado, mandei chamar o culpado, que era um preto magnifico; vinha com a cabeça rapada em signal de luto. O preto fallava correntemente o hespanhol e soffrivelmente o francez, de modo que não me foi preciso interprete. Depois de acres exprobações, perguntei-lhe: «Porque a mataste tu?» Elle com a maior ingenuidade respondeu-me: «Porque me aborrecia.» O aborrecimento não foi apresentado como argumento nos elequentes trechos de Alexandre Dumas e Emilio Girardin a proposito do *mata-a*. Aviso ás mulheres: não vão ao Gabão, minhas senhoras, senão sendo alegres.

O pequeno Diniz morria positivamente de susto em face do seu adversario, cujo ar sombrio o atterrorisava; fitava-o para não dar a conhecer o medo, esbogalhando os olhos que queria tornar ameaçadores: facas, punhaes, campainhas adornavam o seu busto coberto d'ouropéis; o tio devia ter-lhe dado os philtros mais efficazes; trazia uma cauda de tigre <sup>1</sup> que se erguia ameaçadora ao fundo das suas costas; esgotara todos os meios e todos os segredos mavorcios; todavia Cherubim não lhe devia ter uma grande inveja. Confessado o crime, os debates não foram longos; a lei do paiz admite em taes casos a composição; a composição por uma pessoa livre é computada em dois escravos; a mãe e a irmã do assassino são os refens da familia da victima. O pequeno Diniz afastou-se com a mãe do culpado, que levou em triumpho para a aldeia de seu tio. O assassino não tinha consciencia alguma da acção, que não lhe creara remorsos nem arrependimento; vinha todos os dias á hora do passeio esperar-me

á praia; lançava-se precipitadamente á agua para ser o primeiro a offerecer-me os hombros para eu desembarcar; tinha por mim tal affeição que me queria seguir até ao fim do mundo; um dia disse-lhe:

—E se eu te aborrecesse?

—Oh! respondeu elle, o caso era diverso!

Atára a mulher com os dois braços para o ar a um tronco e tinha-a assassinado á paulada. Eu já referi um exemplo d'assassinato analogo, commettido no Grã-Bassam, com a mesma falta de sensibilidade e de remorsos.

A sorte das mulheres em Africa não é digna d'inveja, onde os mais pesados trabalhos lhes são reservados; os homens fazem os serviços mais leves, as mulheres, essas são umas verdadeiras bestas de carga.

Os elephantes afastaram-se do Gabão; raramente rebanhos perdidos veem até as terras de Bilagone e Bhemboë. Durante uma das minhas visitas a este rio vieram avisar-me que tinha sido visto um rebanho de quarenta cabeças a duas horas do rio; era um acaso feliz: preparava-me para seguir o mensageiro, quando um segundo, chegando a correr, nos disse que os elephantes tinham fugido.

Monga e Diniz affirmaram-me que o elephante, dotado d'um finissimo olphato, conhece, a grandes distancias, certos aromas; logo que se descobre um rebanho d'elephantes, reúnem-se as aldeias e fazem em aspiral uma paliçada que se vae tornando mais estreita á maneira que a aspiral se aproxima do seu centro; esse centro de pequenissimo raio é formado por estacas de trinta centímetros de diametro bem ligadas entre si. Logo que os animaes se encontram n'aquelle pequeno recinto, não se podendo voltar, ficam presos e são vencidos pela fome. O feitiçeiro dos elephantes, depois d'esta longa abstinencia, dá-lhes bananas e uma certa droga que os mergulha n'uma completa somnolencia, graças á qual podem ser mortos sem que se corra o menor perigo. Arranjei uma pouca d'esta substancia, que conheci ser a casca de uma arvore. Quando cheguei a Pariz dei este especifico aos doutores Danet e Maret: provavelmente os principios venenosos tinham-se evaporado durante a sua longa demora a bordo: as rãs e passaros sujeitos á sua acção pelo doutor Maret não ficaram incommodados; talvez que a acção d'este alcaloide seja mais energica sobre os mamiferos. Não pude conhecer de que arvore os negros tinham arrancado este liber esponjoso.

<sup>1</sup> O mais efficaz dos talismans.



Os africanos conservam muito mysteriosamente o segredo dos seus venenos e só os iniciados de maior graduação conhecem os contra-venenos. Eu vi algumas cicutas, algumas raizes das quaes extrahem as substancias com que envenenam as frechas; as mulheres enrolam nas mãos esta substancia que coagula depois de ter sido preparada ao lume.

Diniz não brincava com os feiticeiros. Em 1841, antes da occupação franceza, passeava eu nas savanas que ficam por detraz da aldeia d'este regulo, quando a minha attenção foi despertada por um negro que eu descobri n'esta solidão; estava cer-

cado pelo vapor vacilante dos climas tropicaes, que parece fazer tremer a paisagem envolvida n'um nevoeiro que lhe torna indecisos os contornos. Em breve vi que não era por prazer que este individuo estava exposto á incidencia dos raios solares, que os negros evitam mais do que nós; estava amarrado a uma estaca; disse-me que era escravo; tinha sido arrebatado á sua familia que vivia em paiz distante; a sua tribu era habil em servir-se de venenos; elle conhecia a sciencia fatal que lhe permittia vingar-se dos seus inimigos e affrontar-lhes a colera tornando-se completamente insensivel.



ALEXANDRE DE BAR

CH. BERNIER

RIO MOONDAH — Desenho de A. de Bar, segundo uma photographia

Teria dezasete ou dezoito annos este escravo; um longo jejum tinha-lhe emagrecido o corpo coberto de chagas repugnantes; estava condemnado a ser devorado pelas formigas.

A face era energica, os olhos, injectados de sangue, tinham extranha expressão, os labios estavam-lhe contrahidos n'um riso sardonico que parecia um desafio; vestigio algum de dôr physica, nenhum signal d'abatimento patenteava; mostrou-me com expressão d'orgulho selvagem o seu talisman: um corno de cabra cheio de cinzas; eu não dava por elle dez réis. O seu espirito parecia recolhido no saborear da sua vingança; os seus pensares tinham-se refugiado nas regiões serenas da felicidade infinita.

Os negros têm uma fé robusta na vida futura; os casos de suicidio eram frequentes nos navios negreiros e nas colonias; não se punha co-

bro a estas epidemias senão separando a cabeça do suicida do tronco. Não ha resurreição sem cabeça; o horrivel costume dos arabes provém sem duvida d'essa crença.

O escravo conserva reminiscencias da patria dos seus avós. Vi no Perú, em Lima, um sitio onde se reuniam os escravos; cobriam os muros grandes desenhos a carvão: caçadas ao elephante, triumphos, feitos de guerras, estavam alli tratados; n'aquelle logar os chefes de tribus tomavam durante algumas horas os logares dos seus antepassados e sahiam d'alli para responder ao appello do senhor e soffrer castigos barbaros.

Exprobei a Diniz a sua crueldade inutil, dizendo-lhe que mandasse matar o homem se o seu crime exigia tal pena; mas que era horrivel entregar um ser vivo á voracidade das formi-



gas; respondeu-me que aquelle escravo era feiticeiro e envenenador.

No dia seguinte já não encontrei o escravo.

Os philtros de Diniz são temidos em todas as povoações; pôde, segundo ali era crença, transformar-se em tigre, ou enviar tigres que devorem os seus inimigos. Mas nem sempre o homem era senhor da vontade dos animaes ferozes; no pantano proximo da sua aldeia havia um corcodillo

que muitas vezes devorava as mulheres, assim como tambem os marinheiros negros ou brancos que ali iam pescar; um marinheiro da *Zenobie* succumbiu na lucta terrivel que sustentou com o terrivel amphibio que o atacou quando estava a levantar a rede. Em 1846 um outro marinheiro foi analogamente morto no mesmo logar.

(Continúa.)

## SUPERSTIÇÕES POPULARES EM PORTUGAL

(Continuado da folha 30)

O loureiro tambem possui virtudes magicas, como se vê por esta:

### Oração de quebranto

Estava Santa Anna ó pé do loureiro,  
Veu o Anjo por mensageiro,  
Vae-te á porta do ouro,  
Acharás teu parceiro;  
Tira a roca e abraça-o primeiro.  
Vae Joaquim apoz o carneiro,  
E n'aquella hora que Deus verdadeiro  
Concebeu Anna em limpo celleiro,  
A Sancta Maria rezam o salteiro,  
Que já o quebranto cahiu no ribeiro.

(Gil Vicente II, 13.)

Esta oração parece referir-se á superstição descripta na Ordenação manuelina, de *cortar cobro em lumiar de porta*. É incalculavel a somma de Orações persistentes na tradição popular para a cura de doenças; o nosso amigo Leite de Vasconcellos colligiu um bom numero d'ellas publicadas sob o titulo *Carmina magica*. Constituem um ramo especial das superstições populares, que estudaremos em separado quando tratarmos da sua origem erudita.

O romance picaresco da *Lozana andalusa*, do Padre Francisco Delicado, traz a enumeração de toda a medicina magica da primeira metade do seculo XVI na peninsula; sobre este caracter do livro escrevemos; «*Lozana*, n'essa epoca em que a medicina era toda empirica, porque não podia romper com a tradição de Avicena, fez-se tambem curandeira, como modo de vida; diz ella, com a fina astucia; «quien veza á los papagayos á hablar, me vezará á mi á ganar. Yo sé *ensalmar*, y *encomendar* y *santiguar*, cuando alguno está ahogado, que una vieja me vezó, que era *saludadera* y buena como yo; sé *quitar ahitos*, sé

para *lombrices*, sé *encantar la terciãna*, sé remedio para *las cuartanas*, y para el *mal de madre*, só *cortar frenillos de bobos* e no bobos, sé hacer que no duelan los *riñones* y sanar las *renes*, y sé medicar la natura de la mujer y la del hombre, sé sanar la sordera, y sé ensolver sueños, sé conecer en la frente la phisionomia, y la *chirromancia* en la mano, y *prenosticar*.»<sup>1</sup> Na tradição popular portugueza existem quasi todas as Orações e Esconjuros com que se combatem estas doenças.

No *Retrato de la Lozana andalusa*, acha-se uma curiosa fórmula inventada ao gosto antigo para conjurar essa doença extraordinaria do seculo XVI, — a syphlis; é o *Ensalmo del mal francorum*:

Eran tres cortezanas  
Y tenian tres amigos,  
Pajes de Franquilano;  
La una lo tiene publico,  
Y la otra muy calado;  
A la otra  
Le vuelta con el lunario.  
Quien esta Oracion dixere  
Tres veces á rimano,  
Quando nace sea sano.  
Amen! <sup>2</sup>

Entre o povo portuguez esta doença é tratada ainda por meios supersticiosos, e existe um, que é o que fornece aos tribunaes os criminosos de estupro bestial contra crianças menores de dez annos. N'esta Oração citam-se tres cortezanas, as quaes correspondem a *aquellas tres irmãs*, da

<sup>1</sup> *Retrato de la Lozana andalusa*, p. 216. Vid. *Bibliographia critica*, p. 97 a 105.

<sup>2</sup> *Ibidem*, p. 88.



Oração de Marta, no processo de Luiz de la Penha. <sup>1</sup> Nos Ensalmos populares, ainda se diz:

A senhora tem trez filhas,  
Uma cöse, outra fia,  
Outra corta o raminho da azia.  
Padre nosso, Ave-maria.  
(*Era Nova*, p. 519.)

Efrica, Efrica,  
*Trez filhas tinha,*  
Uma ia pela agua,  
Outra ia pelo lume,  
Outra em fogo ardia.  
(*Ib.*, 525.)

Sam Lapo, Sam Lapinho  
*Tres filhas tinha,*  
Uma cosia,  
Outra urdia,  
Outra em fogo ardente ardia,  
(*Ib.*, p. 252, coll. por Leite de Vasconcellos.)

No Concilio de Leodicêa, de 364, canon 36, prohibe-se o fazer uso de ligaduras ou philacteria; é esta superstição que apparece citada nas Constituições do Bispado de Évora, prohibindo *benzer per cintas ou ourellos*. Na linguagem vulgar a palavra *filateria*, significa embuste; é corrente no Porto.

*Dar a comer bolo para saber algum furto*; acha-se prohibida no Concilio de Auxerre, de 525, canon 4.º; tornou-se uma especie de ordalio ou prova judiciaria da idade media.

Adivinhar fazendo figuras em metal; no processo de Luiz de la Penha, acha-se a *sorte do chumbo* descripta pela seguinte fórma: «tomarão um gral de pedra ou outro vaso, enchel-o-ão de agua limpa; e n'ella deitarão huma pouca de agua benta; então derreterão o chumbo que quizerem derretido, dirão primeiro sobre a agua estas seguintes, benzendo a agua:

Em nome de Deus Padre, que criou o mundo  
e o céu e a terra, e todas as cousas,  
nacidias creou com sua santa palavra;  
Deus filho as remiu com seu precioso sangue,  
Deus espirito santo que alumiou a Virgem  
e aos Apostolos na casa da escuridade,  
me alumiai meu entendimento  
para que vos saiba servir, padre, filho, espirito santo,  
tres pessoas e um só deus.

<sup>1</sup> Na citada formula diz-se:

huma é a *sombra*  
e outra a *salombra*,  
e outra Martha, *não a dina*...

Nas crenças populares nós temos *duas sombras*, uma a do anjo da guarda, e outra a do diabo que nos tenta. (Famalicão.)

«então depois de ditas tres vezes, deitarão o chumbo derretido na dita agua pela cousa que querem e verão em figuras o que desejam saber e ver, e ade ser feito isto em quarta feira ou em sexta feira ás onze horas do dia.» Esta sorte fazia-se com outros metaes derretidos, e tambem com cêra; Guibert de Nogent refere o caso de uma cruz feita com cêra derramada em uma pia baptismal; a sorte do copo de agua e da clara de ovo, na vespera de S. João, é a decadencia da superstição em brinquedo infantil.

Nas Constituições do Bispado de Évora, falla-se na superstição das *camisas tecidas e fiadas em um só dia*, já citada no Canon LXXV de S. Martinho de Braga, e na tradição peninsular consignada no *Poema de Alexandre*, de Berceo. (est. 89.) É ao que se chamava *camisa de socorro*, e entre os germanos *Nothehendi*; aquelle que a vestia ficava invulneravel, e resistia a todos os perigos. No romance da *Sylvana*, da tradição oral, cita-se a *camisa* com um poder magico:

Mas deixai-me ir a palacio  
Vestire outra *camisa*,  
Que esta que tenho no corpo  
Peccado não o faria.

O dinheiro magico, com que se paga todas as despezas voltando outra vez á algibeira, acha-se entre as superstições portuguezas do seculo xvii, citado por D. Francisco Manoel de Mello sob o nome de *Vintem de Sam Luiz*. Nos *Tischereden*, de Luthero, vem uma minuciosa descripção d'este dinheiro maravilhoso, que transcrevemos para avaliar melhor o alcance do rito magico: «Por occasião da missa que se celebra na madrugada da festa do Natal, as feiticeiras e as bruxas fazem muitos sortilegios, e eis aqui um d'entre muitos: um feiticeiro assenta-se, depois do sol posto, em uma encrusilhada; pega em trinta florins e traça um circulo em volta de si, não olha para traz senão o diabo esganava-o immediatamente. Põe-se em seguida a contar este dinheiro até que sõe a hora da missa, contando o dinheiro na ordem regular, e depois ás avessas, 30, 29, 28, 27, etc. Se se enganar na enunciação d'estes algarismos, o diabo torce-lhe o pescoço logo. Depois o diabo aproxima-se d'elle e mostra-lhe muita gente degollada, enforcados, e horriveis supplicios. Por fim recebe do diabo um florim magico, que cada noite produz um outro.» <sup>1</sup> No *Escriptorio de Averno*,

<sup>1</sup> *Propos de table*, trad. de Gustave Brunet, pag. 52.



diálogo de D. Francisco Manoel de Mello, falla um Vintem dizendo: «dei na vida santária, com que me achei melhor que tudo. Furou-me ella com uma agulha aqui na borda, como quem fura orelhas a caxorrinha;... eu, furado, campei ao outro dia por *Vintem de Sam Luiz*, bom para o ár, para a enxaqueca, quartans, aflacto, mal de olhos, quebranto, e mulheres de parto. Tão santas informações deu de minha habili-dade, que todo o dia andava de mão em mão como conta benta, sempre querido e estimado, ora ao pescoço de innocentes, ora nos pulsos das donzellas, atado com corda de viola a quem servia de trasto para fazer consonancia de saude nos braços d'aquellas que me traziam.»<sup>1</sup> O Vintem conta a sua historia, e do que fez d'elle uma beata: «outra tal foi a que me recolheu, e creio que foi em um lenço, em cuja ponta me atou, com duas conchas de peixe-mulher, huma veronica ferrugenta (não quizera mentir) e com um dente de finado, que tudo tinha seu mysterio e serventia. Logo d'ali foi correndo a folha a comadres, discipulas, afillhadas, e devotas, mostrando a todas seu achadego; ás menos trin-cadas affirmava que um passarinho me levava no bico (e era de vêr a devoção com que o pintava!) d'onde como de proposito viera a seu poder: por onde ali logo levantava taes enredos, e tão bem fabricados, que eu proprio estava um és não és de lhe crêr quanto de mim fingia. Já entre aquella gente ninguem me chamava senão o *Vintem dos milagres*, chegando a tanto o negocio que por dez testões (que ella dizia de esmola) me encampou a uma filha de um mercador, mimosa e rica, a quem a minha beata deu em puridade seis remoques de ser moeda, ainda que pequena, com vezes de *medrasol* e *vara de condão*, e *Carta de tocar* em materia de casamento: etc.»<sup>2</sup>

Vejamos como então se fazia a *Carta de tocar*: «que se avia a pessoa de despir em uma casa só com elle, (Luiz de la Penha) e lhe havia de tirar da perna esquerda uma pequenina de carne que fizesse sangue, e que lhe poria uma pequena de massa que elle avia de fazer, e que com isso haveria uma *carta de tocar*...» (Libello, art. 3.) Na Carta de tocar tem «declarações dos tempos e modos e cousas e evangelhos com que se hade usar d'ellas.» (art. 17.º) «E apòs isto outra *carta de tocar* com mais algumas palavras e escripto

o evangelho de S. João, e declarando o que se hade fazer, e diz que se hão de dizer os trez evangelhos em trez sextas feiras sobre ella, e que depois a hão de tomar e metel-a debaixo da terra outras tantas sextas feiras em hum adro secretamente, e que depois d'isto hão de fazer as devações que n'ella diz e que hão de tocar em sexta feira depois de meio dia, e a segunda feira antes que saya o sol, com estas palavras:

As, barrabás!  
á pessoa que quero  
por mim virás, e farás  
o que a mim me praz.

«Estas letras nos cantos do cabo (e em baixo tem humas letras em trez partes) depois de tudo cumprido em dia de sabado, porá debaixo d'uma pedra d'ara até que se diga a primeira missa sobre ella, e então servirá; e que hamde dizer estas palavras o dia que houver de tocar pela manhã á primeira cousa que vir:

Com dous te vejo,  
Com cinco te escanto,  
o sangue te bebo,  
o coração te parto, etc. (Art. 17.º)

«E outro papel com as palavras da conjuração das *cartas de tocar*, em que mete a:

Deus Padre e a Virgem Maria,  
E todos os apóstolos,  
E santos e santas da còrte do céo  
(e com elles juntamente diabos)  
e santa Leona e santa Trebuca,  
e santa Maruta e Montenegro,  
e seus irmãos e companheiros  
que levarão as cartas e a esconjuração;  
e por poples, e por poples, e por poples  
lhe diga o seu coração,  
e a pescadeira e o banqueiro  
e a diaba, e que morrão  
por elle todos os que foram tocados,  
e todos estejam a seu mandado,  
e lhe deem o que tiverem  
e lhe pedir, e lhe digam o que souberem. (art. 18.)

Na lista do Auto de fé celebrado em Coimbra em 28 de Novembro de 1621, apparece sentenciada a mulher de Francisco Dias «por que fazia ás sextas feiras as camas com roupas lavadas.» Agostinho de Castro levou sambenito, porque dizia a seguinte oração:

Padre nosso pequenino  
Tem as chaves do paraiso;  
Elle as tem, elle as terá,  
Todas as almas salvará.

(Continua.)

THEOPHILO BRAGA.

<sup>1</sup> *Apologos dialogaes*, p. 98.

<sup>2</sup> *Ibidem*, p. 92.





O LAGO LIGUORI



# COMO EU ATRAVESSEI A AFRICA

DO ATLANTICO AO MAR INDICO—VIAGEM DE BENGUELLA Á CONTRA-COSTA—ATRAVÉS REGIÕES DESCONHECIDAS—DETERMINAÇÕES GEOGRAPHICAS E ESTUDOS ETHNOGRAPHICOS

POR

**SERPA PINTO**

PRIMEIRA PARTE

## A CARABINA D'EL-REI

(Continuado da folha 31)

**F** TAMBEM necessario mandar um presente, ou antes um tributo ao sova; ao que se chama dar a *Quibonda*. Elles nunca ficam satisfeitos, e exigem sempre mais do que se lhes manda.

As libatas ou povoações fortificadas (que todas o são, desde a costa ao Bihé) têm as mesmas condições, salvo pequenas modificações, devidas á disposição do terreno. São grupos de cubatas feitas de madeiras e cobertas de côlmo, cercadas por uma paliçada, que varia entre 2, 3 e 5 metros de altura. Esta paliçada é formada por estacas de pau-ferro de vinte centímetros de diametro, umas apenas cravadas no terreno, outras amarradas com travessas e cascas leguminosas, e outras amparadas por travessas encaixadas em forquilhas enormes.

Outra paliçada egual á exterior, senão mais forte, rodeia o Lombe, ou morada do chefe da povoação. Em muitas vi grupos de casas rodeadas de paliçada.

As libatas, e sobretudo as antigas, são cobertas de frondosas arvores, e estão junto do rio ou ribeiro, sendo que em algumas lhes fazem passar a agua por dentro.

São quasi todas rectangulares, mas muitas ha ellipticas ou circulares, e outras formando polygonos irregularissimos. Não ha a menor ordem nas construcções, e em geral é a disposição do terreno que as determina.

As povoações são fortificadas com o receio dos ataques do homem, que feras não abundam muito no paiz, e não é mesmo isso necessario para feras, porque no interior, onde as ha em bandos, as povoações são abertas.

As guerras dos pretos ali são, a maior parte das vezes, sem causa, e basta a riqueza de um povo para que elle seja atacado.

São verdadeiros ataques de salteadores.

Logo que um régulo decide ir fazer a guerra

a outro, ou a um povo qualquer, manda emisarios seus aos sovas e secúlos circumvisinhos, convidando-os a tomar parte na campanha, e estes, como na Europa no tempo do Feudalismo, sahem com os seus guerreiros a reunirem-se ao que os convoca.

Alguns povos fazem periodica e systematicamente a guerra, e no Nano, por exemplo, vão, de tres em tres annos, roubar os gados ao Mulondo, Camba e Quillengués, e dizem, que estes povos criam gados para elles, e são os seus pastores.

Uma circumstancia muito notavel das guerras n'esta parte de Africa, é a de ser sempre vencedor o que ataca.

Ha excepções, mas muito raras.

Uma das excepções foi o ataque dirigido por Quillemo, o actual sova do Bihé, contra o paiz de Caquingue, em que os Bihenos foram derrotados pelos Gonzellos, e em que o proprio sova Quillemo foi prisioneiro do sova de Caquingue, onde seria degolado, se por elle não pagassem um grande resgate Silva Porto e Guilherme José Gonçalves (o Candimba).

Nas guerras entre os povos d'estes paizes, pôde contar-se que apenas um quinto dos combatentes são armados de espingardas, e os outros 4 quintos de arcos e frechas, machadinhas e azagaias. Dizem, que uma guerra vai muito poderosa e forte, quando leva trinta tiros por espingarda. As armas de que usam são as chamadas no commercio Lazarinas, são muito compridas, de pequeno adarme, e de silex. Estas armas são fabricadas na Belgica, e tiram o seu nome de um celebre armeiro portuguez que viveu na cidade de Braga, no principio d'este seculo, cujos trabalhos chegaram a adquirir grande fama em Portugal e Colonias. Nas armas fabricadas na Belgica para os pretos, que são uma imitação grosseira dos perfeitos trabalhos do ar-



meiro portuguez, lê-se nos canos o nome d'elle —Lazaro—Lazarino, natural de Braga.

Os bihenos não usam balas de chumbo, que são, dizem elles, muito pesadas, e fabricam-as de ferro forjado. Os cartuchos, que elles fabricam também, levam 15 grammas de polvora, e têm 22 centímetros de comprido.

As balas de ferro são de diametro muito inferior ao adarme, pesando apenas 6 a 7 grammas. Como são forjadas são mais polyedros irregulares do que esferas.

As armas assim carregadas, de nenhuma precisão, como se pode bem julgar, têm um alcance de cem metros apenas.

O alcance da frecha é de 50 a 60 metros, mas a grosseira precisão do tiro de frecha, entre os pretos, não vae além de 25 a 30 metros. As azagaias são todas de ferro, curtas e ornadas de pello de carneiro ou de cabra, não são de arremêso, e o bihenos em combate nunca as deixa da mão.

Talvez haja reparo em eu escrever *pello* de carneiro, mas cabe dizer, já que fallei n'isso, que os carneiros ali não tem lâ. Existem no paiz duas differentes espécies, que os pretos em Hambundo designam pelos nomes de Ongue e Omême. O ongue tem um pello grosso e curto; e o omême, que tem o pello mais longo, differe muito da lâ.

Estes carneiros, de raças exóticas, degeneraram de certo por effeito do clima e das pastagens. Têm os bihenos cabras de uma raça muito inferior, e o seu gado bovino é pouco e de raça muito pequena e fraca. As gallinhas abundam, mas são, como todos os animaes domesticos no bihé, de pequeno corpo.

Deixo aqui o que nos meus apontamentos encontrei de mais curioso a respeito d'este paiz, cujas posições e condições climatericas se encontrarão em um capitulo especial; e retomo o meu diario no dia 14 de abril de 1878.

As ultimas chuvas tinham cahido das 6 ás 9 da noite do dia primeiro de abril, produzindo apenas 17 millimetros d'agua, o que mostra terem sido já muito fracas. O tempo estava esplendido e alguns cirrus alvissimos, que em seguida ás chuvas tinham pairado nos ares a enorme altura, desapareceram, para deixar logar a um firmamento limpido, esclarecido de dia por um sol brilhante, e á noite constellado d'estrellas, que dardejavam sobre a terra escura d'Africa essa luz melancólica e scintillante que ellas só têm nas regiões tropicaes.

Era o bom tempo de viajar, era já o dia 14 de abril, e eu estava ainda no Bihé!

Eram 14 de abril, e eu não partia, porque ainda não tinham chegado as fazendas e as cargas que deixamos em Benguella, em novembro de 1877, isto é, uma grande parte d'ellas, que outras tinham chegado em principio de março. Esta demora estava sendo de grande prejuizo para mim. Dos sete fardos de fazendas que me deixaram Capello e Ivens, quatro tinham sido gastos com a sustentação da minha gente de Benguella e com a minha.

Ainda não tinha dado presente ao sova, que teimava em m'o pedir, e comecei a ver um sombrio futuro na minha empresa.

Reduzi as minhas despesas pessoases, e por isso tive de dispor de duas horas por dia para caçar. Na falta de caça grossa, tinha, na margem esquerda do rio Cuito, nas terras cultivadas de Silva Porto, muitas perdizes.

Chamei-lhe a minha capoeira, e todos os dias ia ali matar uma ou duas, não excedendo nunca esse numero para não destruir a provisão. Semelhante ao jogador que faz da banca meio de vida e que, sopeando os impulsos do vicio, se levanta com um pequeno ganho que lhe assegura a sustentação diaria, assim eu, contendo os instinctos de caçador, deixei muitas vezes a caça que podia matar; fazendo sobre mim supremo esforço, para não proseguir n'um prazer, que destruiria ao mesmo tempo as munições pouco abundantes, e a caça necessaria ao meu sustento futuro.

Não eram só as bandas de perdizes dos campos de Silva Porto que forneciam um prato á minha modesta mesa. Centenares de rolas africanas esvoaçavam continuamente sobre as arvores das margens do Cuito, e vinham beber ao rio de manhã e de tarde. Os meus muleques pequenos, por meio de armadilhas caçavam algumas, que vinham figurar na minha mesa a par das perdizes e de um prato de massa, feita com farinha de milho cozida em agua, que me servia de pão.

Assim pude reduzir a minha despesa, que era pelo menos de quatro jardas de algodão branco por dia, custo de duas gallinhas.

A demora e com ella o decrescimento rapido dos meus recursos, fez modificar o meu plano de viajar. O *mucano* aterrava-me, e se eu tivesse de pagar algum, ficava impossibilitado de sahir do Bihé. A demora da minha gente, tinha, com a ociosidade, feito despertar n'elles os vicios



adormecidos pelas fadigas e pelos trabalhos da jornada.

O perigo pairava sobre mim, e estava suspenso por um fio, como a espada sobre a cabeça de Damocles. Resolvi, depois de muito cogitar, collocar-me em circumstancias de ter a força de meu lado, e de defender a todo o trance a minha propriedade.

Para isso precisava armar-me, e depois de ter armas precisava ainda de munições de guerra. Eu tinha dez carabinas Snider, que me tinham dado Capello e Ivens; pude obter mais onze das deixadas por Cameron no fim da sua viagem, e para estas armas tinha quatro mil cartuchos. Além d'estas, possuia umas vinte espingardas de silex, das ultimas d'esse systema usadas pelos exercitos na Europa. Para estas não tinha munições. Fiz correr a noticia de que comprava todas as armas inutilizadas que me trouxessem. Principiaram a affluir ellas, e eu ia comprando as que poderia concertar, o que me não era difficil, por ter aprendido o officio de serralheiro e espingardeiro, com meu pai, que é habil artifice, e que ainda hoje emprega as horas de ocio trabalhando na sua officina, mais bem montada que as d'aquelles que as têm por profissão. Lembra-me aqui uma anedota engraçada. Um dia, entra na nossa quinta do Douro um cavalheiro que ia procurar meu pai, e ouvindo um martellar estridente n'uma casa proxima á de habitação, dirigio-se para ali. Era uma vasta forja, onde dois homens de tamanços nos pés, carapuças vermelhas na cabeça, largos aventaes de couro pendentes do pescoço e justos á cintura, a cara e mãos negras do carvão e do ferro, estendiam em enorme bigorna uma grossa barra, que projectava em todas as direcções chispas ardentes, ao bater cadenciado de dois pesados martellos, puxados por braços nus até ao cotovelo.

O cavalheiro parou á porta e perguntou: «O sr. dr. está em casa?» Meu pai, que era elle um dos ferreiros, respondeu-lhe com uma pergunta: «Que lhe quer o senhor?»

O cavalheiro, que não era de genio brando, não gostou da pergunta do ferreiro, que tomou por insolencia, e respondeu pouco convenientemente, dizendo, que vinha procurar sua ex.ª, e que não admittia que um ferreiro que trabalhava em sua casa respondesse com perguntas a elle.

Meu pai quiz explicar o caso, dizendo, que o ferreiro e o doutor eram a mesma pessoa, o que mais fez exasperar o seu interlocutor, que

julgou lhe juntavam a zombaria á insolencia. Ambos de genio irritavel, iam ter uma desagradavel contenda, quando o outro ferreiro, que era eu, entreveio e fez cessar a guerilha; dando o visitante as suas desculpas logo que se convenceu da nossa identidade.

Esta pequena circumstancia de ter aprendido um officio, serviu-me de grande auxilio, e foi um dos pequenos ribeiros que veio engrossar o rio dos felizes resultados da minha tentativa.

Assim, pois, mais um trabalho se veio juntar ao meu incessante labutar de todos os dias, e dentro em pouco pude aproveitar umas vinte e cinco espingardas que o gentio julgava inutilizadas.

Faltavam as munições, e era preciso fazel-as. Em casa de Silva Porto encontrei uma collecção completa da *Gazeta de Portugal*, e n'ella o papel necessario aos cartuchos. Nas cargas que esperava de Benguella devia vir muita polvora, e por isso apenas me faltavam as balas. Obter chumbo era impossivel, e decidi logo fazer balas de ferro forjado. Faltava o ferro é verdade, mas esse era possivel obter-se.

Annunciei que comprava todo o ferro velho que me trouxessem, e não tardou a apparecer grande quantidade de enxadas inutilizadas, e sobretudo de arcos de barris de aguardente. Só suspendi a compra de ferro quando tinha uns duzentos kilogrammas.

Mandei chamar 4 ferreiros do paiz, estabeleci duas forjas indigenas no pateo interior, com grande escandalo da preta Rosa, administradora da povoação de Belmonte, e emquanto, fóra da libata, os meus pretos faziam carvão queimando os restos de uma paliçada de pau ferro, de uma libata abandonada, começou no pateo um forjar continuo.

O primeiro trabalho a fazer era reduzir todo aquelle ferro a varão cylindrico do diametro das balas. Os ferreiros haviam-se com grande destreza. Dobravam os arcos em mólhos de 20 centimetros de comprido por 4 de espessura, e levando-os ao rubro, mergulhavam-nos em uma massa de caliça e agua. Depois de frios voltavam á forja, e chegados á tempera da fusão eram facilmente caldeados, tornando-se em massa unica e homogenea. Depois d'isso o trabalho era facil.

A compra das armas e do ferro tinha diminuido consideravelmente o meu haver.

(Continua.)



# VIAGEM À NOVA-GUINÉ

POR

ACHILLE RAFFRAY

ENCARREGADO D'UMA MISSÃO SCIENTIFICA PELO MINISTERIO D'INSTRUCÇÃO PUBLICA EM FRANÇA

(Continuado da folha 31)

**F**RA necessario tudo fazer para a instalação permanente do pequeno destacamento. O forte era um montão d'alvenaria derrocada em cuja plata-fôrma ainda se viam vestígios de cabanas em ruína. Tive então occasião de comprehender os serviços que em campanha fazem os soldados indigenas aos exercitos holandezes. Na Europa seria preciso numeroso estado-maior e um regimento de sapadores para construir um abarracamento que muito tempo levaria a levantar. Em Dodinga os soldados malaios, que, mais ou menos, todos tinham vivido nas florestas e ahi tinham construido cabanas, pozeram logo mãos á obra. N'um instante foi desentulhado o terreno. Viam-se partir em grupos para a floresta e voltar carregados com bambús. Em menos de tres ou quatro dias sob a plata-fôrma do castello erguia-se uma construcção capaz de accommodar toda a guarnição. E não eram só os homens que trabalhavam; as mulheres cosinhavam, teciam esteiras, e acarretavam agua.

Dodinga renasceu assim das proprias ruinas; á solidão succedia a vida. A região estava todavia muito empobrecida; os viveres para todos se tornavam raros; as proprias conservas se iam esgotando e bem depressa fomos reduzidos a



KIMALAHA, PROFESSOR D'ESGRIMA

fazer cursos d'ornithologia gastronomica, em que abundavam os papagaios e os alcatrazes, os primeiros duros e coriáceos, os segundos assás succulentos (talvez á falta de melhor.)

Felizmente as nossas colleccões augmentavam; uma das nossas melhores caçadas foi um passaro *tohokko* dos malaios, o *pitta-gigas* dos naturalistas, tambem chamado *breve* por não ter cauda.

Os *breves* estão espalhados na Asia e pelas ilhas Malesias, desde a Cochinchina até á Nova Guiné; mas estes passaros são mui raros, ou pelo menos mui difficeis d'apanhar.

Cada região, cada pequena ilha parece possuir uma especie particular. O preto avelludado, o azul, o encarnado e o branco enriquecem as pennas sedosas d'estes formosos passaros, cujas attitudes recordam, se exceptuarmos a cauda a nossa pêga. Mas o rei

dos *breves* é precisamente o que vive em Dodinga e que nós ahi vinhamos procurar. É um passaro como duas vezes o nosso melro: as costas, a cabeça, as grandes pennas das azas são de um negro avelludado, o peito d'um branco deslumbrante, o ventre d'um vermelho afogueado e as espaduas d'um azul; nacarado incomparavel.

Querendo um dia caçar levei commigo um



indigena habil. Penetramos, evitando o menor ruído, no mais denso da floresta. O nosso guia, quasi completamente nú, rastejava pelas folhas seccas como uma serpente, de pescoço estendido e d'ouvido á escuta. Não tardamos em ouvir um grito distante, solitario e modulado; *tohokko!* d'onde o passaro tira o nome. O meu guia respondeu-lhe imitando-o de tal modo que era impossivel não ser enganado. Depois d'um minuto de silencio ouvimos de novo—*tohokko!*—mas a voz approximava-se. Este dialogo entre o passaro e o homem, entre a victima e o algoz, durou mais d'um quarto d'hora; o passaro ia-se avezinando sempre, estava junto de nós, o meu guia via-o, mas eu não via nada.

Os *breves* quasi que não vòam; correm, ou antes saltitam, ora adiante, ora detraz, ora aos lados do caçador. Chegam quasi a bater-vos com as azas e nada vereis a menos que não tenhaes olhos de selvagem.

Teria querido ter o jubilo de eu mesmo matar tão formosa peça de caça, prazer cruel de que n'esta vez não tive a coragem; o naturalista dominou o caçador; preferi dever a presa á destreza d'outrem: passei a espingarda ao meu guia... e o cadaver do *tohokko* adorna hoje a estante d'um dos nossos museus nacionaes.

As nossas caçadas em Dodinga eram apenas um preludio, um entretenimento; a epocha fixada para a partida para a Nova-Guiné approximava-se; era preciso voltar para Ternate.

Ternate, capital d'um sultão, hoje tutelado, mas outr'ora poderoso, foi sempre o centro d'importante commercio; o seu clima perfeitamente salubre, a sua posição geographica, nas proximidades de Gilolo, da Nova-Guiné, de Célébes, o seu porto natural, excellente e muito vasto, em todos os tempos attrahiu os que se dedicam a aventuras commerciaes.

Hoje que os vapores de marcha regular e rapida transformaram a navegação, Ternate apenas gosa d'um reflexo do seu antigo esplendor. Apenas no seu porto se vê uma flotilha de cinco ou seis *schooners* que continuam as suas relações commerciaes com a Nova-Guiné. Quasi todos estes navios pertencem a ricos malaios, marinheiros, armadores de paes a filhos, em quem a sciencia nautica é uma tradição.

Quando nas proximidades do mez de janeiro os ventos se tornam favoraveis, estes *schooners* partem para uma viagem de seis ou oito mezes. O porto para onde se dirigem é geralmente a grande bahia de Geelurink, ao nordeste da No-

va-Guiné onde vão buscar conchas, madreperola, *tripang*, comestivel muito estimado pelos chinezes, *massoi*, casca medicinal de que a Malesia consume mais de oitocentos *pikuls* por anno (cerca de cincoenta toneladas) e emfim pennas de aves do paraíso para enfeitar as damas da Europa ou os mandarins da China.

Tudo isto se obtém dos Papús dando-lhe em troca tecidos, missangas, ferro, facas, etc.

Estes pequenos navios de cerca de vinte metros de comprimento são construidos e armados no paiz. Eu primeiro tivera tenção de fretar um unicamente para nós, afim de muito á nossa vontade visitarmos este, ou aquelle ponto da costa que mais interessante me parecesse. Offerecendo-nos asylo seguro e relativamente confortavel, este modo de viajar teria além d'isso a vantagem de nos poupar bastantes fadigas e perigos, mas tive de renunciar a esse projecto que me acarretaria despezas pouco em relação com os meus recursos pecuniarios. Reduzi-me pois á ideia de apenas tomar passagem n'um d'esses *schooners* para ir á Nova-Guiné e voltar pelo mesmo processo.

Era um bom negocio para os *schooners*, por isso tive muito por onde escolher. Mas era difficil a escolha, pois que eu queria com um bom barco e um bom capitão diminuir as probabilidades de naufragar que tem esta travessia perigosa. Ao ouvir-os, cada armador era proprietario do melhor navio e era o mais honrado e o mais habil marinheiro.

M. Bruijn, desde muito servindo no paiz, deu-me um bom conselho. Depois de muitos dias gastos em ajustes, fechei o negocio com um malaio chamado Hassan, dono do mais bello *schooner* de Ternate, o *Makassar*, e commandado por seu filho Idriss, que já tinha feito doze ou quatorze vezes a viagem da Nova-Guiné.

Hassan e sua familia pertenciam á aristocracia commercial do paiz, ao que no nosso se chamaria burguezia, e gosavam de geral consideração.

Hassan era um homem de elevada estatura, digno, polido e modesto, mas sabendo sustentar a propria dignidade. Seu filho Idriss era com elle muito parecido, sem que todavia possuisse no mesmo grau as qualidades do pae.

Tinham nas veias algum sangue chinez, como eu á primeira vista suspeitára.

Não tinham barba alguma. Nos dias de festa usavam sapatos de verniz, um jaquetão preto e roupa branca da maior alvura. O *sarong*, que lhe



tapava a cabeça, e cujo nó lhe cahia para traz, dava-lhe á phisionomia um ar particular.

Desde o dia em que definitivamente fechei com elles o contracto para a nossa passagem de Ternate para Dorey, Hassan teve para commigo mil delicadezas e prestou á nossa installação a bordo os seus maiores cuidados.

Uma noite convidou-me a ir tomar chá a casa d'elle, situada n'um bairro musulmano de que já fallei.

Hassan e seu filho Idriss habitavam duas casas contiguas, menos luxuosas que as casas europeas, mas feitas segundo a mesma planta. Estavam separadas do carreiro que se adorna com o pomposo nome de rua por uma cançada guardada de trepadeiras. Um pequeno pateo ajardinado dava accesso para a varanda. Foi aqui que Hassan me recebeu. Estavamos sentados em volta de uma meza coberta com um tapete europeu; um candieiro de petroleo suspenso do tecto illuminava a casa. Serviram o chá em chavenas de porcellana, com flores e filetes dourados, eguaes aos que se vêem nas barracas das nossas feiras aldeãs. Era em Ternate um luxo dispendioso ao qual eu teria preferido a mais grosseira das porcellanas chinezas, sempre pitorescas com os seus arabescos phantasticos e que apenas custam aqui alguns reaes; mas ninguem é propheta na sua terra, o que custa caro e vem de longe é que tem valor. Em toda a parte é a moda.

O chá, por exemplo, era chinez, isto é, excellente. Entre muitos pratos de gloseimas figuravam as conhecidas bolachas inglezas Huntley et Palmers. Aqui estão dois homens universalmente conhecidos! Que principe, que genio guerreiro ou politico, que sabio poude alguma vez, n'uma grande sede de gloria, sonhar uma fama egual á d'estes dois fabricantes! Alexandre, Cesar, Napoleão, são conhecidos em paizes distantes, mas os Huntley-Palmers! Encontra-se a sua marca sobre os braceletes de lata com que se adornam as beldades papús.

Ao lado d'estas bolachas mostravam-se humildemente alguns productos da confeitaria malaia ás quaes, por curiosidade, eu dava a preferencia.

Na casa de Hassan, como em casa de todos os bons musulmanos, o sexo feminino conservou-se invisivel. E era para ter pena porque Hassan, segundo diziam, tinha filhas notavelmente formosas.

Em Ternate havia numerosos alfuros de Ga-

léla, aldeia situada ao norte da ilha. M. Tobias, usando da sua auctoridade, obsequiou-me mandando-me um grande numero d'elles que photographei. Foi um acontecimento na cidade; por uma bella manhã estes alfuros apresentaram-se-me com as suas armas engrinaldadas com folhas de palmeiras e seguidos por enorme multidão de curiosos, homens, mulheres, creanças. D'estes alfuros, depois da descripção que fiz dos de Dodinga, nada tenho a dizer, pois com elles se parecem, se todavia exceptuarmos o traje que é o dos malaios, no meio dos quaes vivem, o que lhes dá um ar menos selvagem.

Não foi pouco difficil o fazer os nossos ultimos preparativos de viagem.

A Nova-Guiné nada produz, nem mesmo arroz; era-nos preciso levar viveres para seis pessoas e para sete ou oito mezes, além d'um volume com objectos de troca para os indigenas e os nossos materiaes de naturalista. Possuimos quinhentos litros d'alcool, munições para oito mil tiros d'espingarda, algodão para embalsamar mais de duas mil aves e o resto em proporção.

Eu tinha de pensar em que nada faltasse; um esquecimento qualquer teria sido uma falta irreparavel e poderia comprometter o exito da expedição. Tanto em caixas como em saccas d'arroz tinhamos mais de cento e cincoenta volumes.

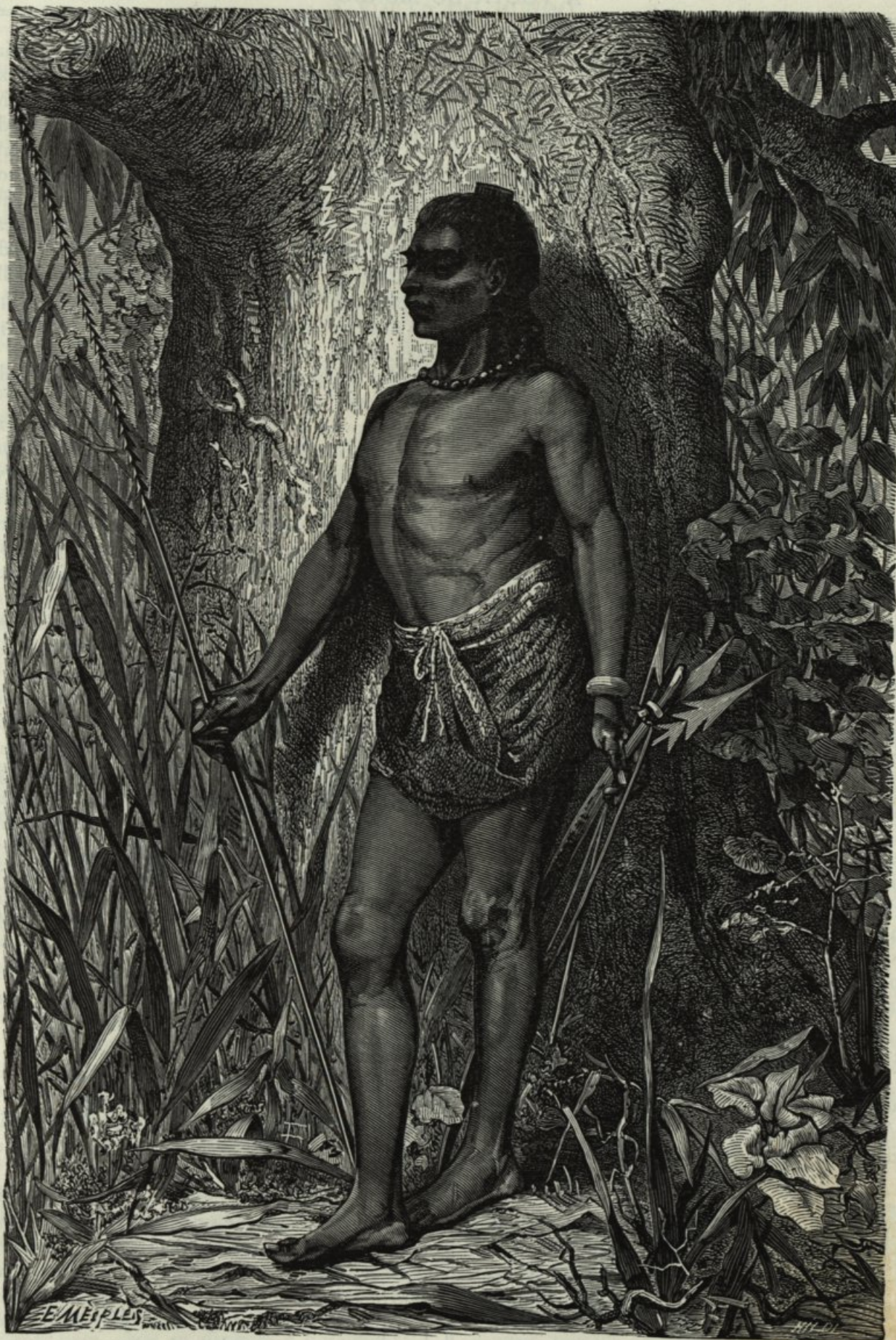
M. Maindron tinha feito um grave ferimento n'uma perna em resultado d'uma pancada que dera. Em França teria sido uma arranhadura sem consequencias; mas n'estas regiões quentes e humidas o caso ia-se tornando muito grave, como elle o reconheceu pela propria experiencia.

Estavamos já promptos e o dia da partida ainda não estava determinado, mas para isso havia razão de peso.

O revoltado de Gilolo, Hassan, tinha uma pequena esquadra e não se sabia até que ponto seria para receiar. Era preciso fazer aguada na ilha de Salwaty e ahi havia um rajah de má fama que julgavam alliado de Hassan. Tinha-se pois decidido que todos os schooners de Ternate navegariam de conserva para oppôr ao inimigo, em caso de necessidade, uma esquadra respeitavel.

M. Bruijn enviava tambem á Nova Guiné um pequeno schooner tripulado por caçadores malaios que deviam fazer collecções e tinha confiado o commando d'esta expedição ao joven naturalista francez M. Leon Laglaize. Compatriotas e collegas, nem tanto nos era preciso para que nos tornassemos amigos e posto que o nosso





NIROU, ALFURO DE DODINGA



objectivo na Nova-Guiné não fosse o mesmo, tinhamos resolvido que atravessaríamos juntos os logares perigosos. O capitão do schooner de M. Bruijn era o segundo filho d'Hassan, o pae do nosso commandante, nova razão para a nossa aliança offensiva e defensiva. Entretanto os interesses d'uns e d'outros nem sempre eram os mesmos: d'isto resultava alguma difficuldade na fixação do dia da partida. Depois de dilatadas hesitações, determinou-se que o dia da partida fosse o dia 16 de janeiro de 1877.

Estes pequenos schooners não são positivamente construidos para barcos de recreio. Todo o porão é reservado para as mercadorias. No tombadilho, á ré, ha um gabinete que é a camara do commandante. Um tabique dividia essa camara em duas; Idriss cedeu-nos a parte mais ampla em que duas tarimbas de pau nos serviam de leitos. Ávante uma pequena construção muito semelhante á casinhola d'um cão servia de cosinha ao ar livre.

No dia 16 á noite, pontuaes á hora aprazada, fomos dormir a bordo. Idriss, *que sua grandeza detinha em terra*, não appareceu. N'ausencia do capitão os marinheiros fizeram toda a noite tal alarme que nos não deixaram pregar olho.

No dia seguinte pela manhã fomos a terra fazer as ultimas despedidas aos nossos amigos e

M.<sup>me</sup> Bruijn teve a delicada lembrança de me presentear com uma bandeira franceza, que ella fizera pelas suas proprias mãos. Voltamos para bordo. Idriss appareceu com seu pae, a disciplina restabeleceu-se na tripulação e o navio foi revistado. Logo que a minha bandeira franceza foi içada no mastro grande, junto da bandeira hollandeza, levantou-se ferro e o Macassar começou a rodar sobre si mesmo; mas, arrastado pela corrente, antes que houvesse tempo de largar as velas, veio dar com o guropés n'um outro schooner. Ouviram-se estalidos nos mastros e o arrebentar de cordas; os nossos marinheiros lançavam-se para os ovens como um bando de macacos; todos gritavam e mandavam ao mesmo tempo; pouco faltou para que tivessemos avaria grossa; felizmente dois golpes de machado dados a tempo safaram-nos.

Emfim as velas foram soltas ao vento que as enfunou. Hassan apertou-nos a mão pela ultima vez; para nós e para o navio invocou as benções d'Allah!... e partimos: momento sempre cheio de commoções quando se sabe que durante largos mezes se vae viver separado do mundo civilisado, privado de noticias d'uma patria tão querida, onde doces affectos muitas vezes esperam anciosos o regresso do viajante.

(Continúa.)

## A RUSSIA LIVRE

(Continuado da folha 16)

**P**S ODIOS dos buddhistas e dos mahometanos facilitaram o triumpho definitivo da Cruz n'estas regiões.

N'este mesmo steppe russo, onde durante vinte gerações elles combateram, ainda hoje se vêem as tendas das tribus asiaticas Kalmukos, adoradores de Buddha, Kirghiz musulmanos, Gypsies de problematica religião.

Os Kalmukos, povo pastoril e guerreiro que nunca habitou n'uma casa, são os verdadeiros senhores do steppe. Comtudo já o abandonaram, pelo menos em parte, pois que no reinado da imperatriz Catharina, quinhentos mil atravessaram o rio Ural para nunca mais voltarem. Os Kirghiz, os Turcomanos e os Nogais vieram substituil-os.

Os Kalmukos que ficaram n'aquella região vivem em acampamentos formados de tendas agru-

padas em volta da que é habitada pelo grande sacerdote.

Uma série de estacas dispostas em circulo e no centro d'este uma vara mais alta formam o esqueleto d'uma tenda kalmuk. Um grosseiro feltro cinzento cobre tudo aquillo.

No interior o solo está tapetado de pelles sobre as quaes os seus proprietarios se deitam para conversar e dormir. Dez, vinte e ás vezes mesmo cincoenta pessoas, vivem debaixo do mesmo tecto. O selvagem não se arreceia de ter numerosos companheiros mesmo de noite quando repousa. O grande numero aquece o ambiente e dá-lhe sensações de bem estar. Um rebanho de carneiros, um outro de camellos, uma manada de cavallo, pastam em volta do acampamento; cavallo, carneiros e camellos são a unica riqueza das tribus não agricolas. O rosto achatado, a côr bron-



zeada, a robustez do Kalmuko fazem d'elle o typo mais repellente da especie humana e todavia do seu crusamento nasce um ser agil e delicado, o circassiano, de feições nobres e de fórmas puras. Buddhista fervoroso, mantenedor escrupuloso das antigas tradições mongolicas, discipulos de Dañai-Lama, o Kalmuko come carne de boi mal cosida e bebe leite de egoa. Um instincto commum a toda a sua raça impelle-os a roubar a vacca, o camello, o cavallo do seu visinho, amigo ou inimigo, logo que para isso tenha occasião. É em theoria, obrigado a certos actos de submissão, taes como pagamento de impostos e ao serviço militar: mas tudo isso é apenas nominal, excepto nos districtos em que os Cossacos são bastante numerosos para lhes impôr o cumprimento.

Estes selvagens vão para onde querem, andam errantes desde a muralha da China até ás regiões regadas pelo Don. Chegam em hordas e voltam em exercitos. No reinado de Miguel Romanoff, cincoenta mil kalmukos penetraram no steppe oriental; a estes veio mais tarde juntar-se uma outra horda de dez mil tendas. Sentindo a força do numero trataram com Pedro I de potencia a potencia e durante muitas gerações não pagaram tributo algum á corôa, a não ser um contingente de cavallaria que davam em tempo de guerra. Uma outra horda igualmente numerosa chegou novamente. Oubascha, o chefe que a commandava, encaminhou-se para o Danubio á frente de um exercito de trinta mil cavalleiros e marchou contra os turcos, que elle odiava como os asiaticos sabem odiar. Tendo a grande Catharina tentado submeter essas hordas ao jugo da lei esse mesmo Oubascha reconduziu as tribus kalmuks, quinhentas mil pessoas, com numerosos rebanhos de camellos, cavallos e gado lanigero, dos steppes do Volga para Asia central, despojando provincias inteiras das suas riquezas, reduzindo cidades inteiras á fome, arrancando das regiões por onde passou as forças mais vivas. Ferido no seu orgulho por algumas palavras de desdem soltadas pela imperatriz o chefe quiz partir com todo o seu povo; todavia por o inverno ter sido serodio n'esse anno e a pouca expessura do gelo no rio tornar a passagem difficil deixou atraz de si quinze mil tendas. São os descendentes d'esses retardatarios que se encontram nas planicies, satisfazendo aos seus ritos religiosos ou preparando as suas magras refeições em tendas grosseiras. Tem-se tentado muitas vezes fixal-os ao solo, mas tudo que

se tem feito tem sido inutil ou quasi inutil. Algumas familias fundidas com os cossacos têm-se submettido ás leis e têm mesmo adoptado o christianismo, todavia a immensa maioria vive a sua vida selvagem com os seus costumes asiaticos e com as leis buddhicas

Os individuos das classes elevadas receberam o nome de *Branços*; os das classes inferiores são designados pelo o de *Negros*. Este uso asiatico encontra-se tambem na Russia, onde os mesmos nomes designam os nobres e os aldeões.

Os Kirghiz são d'origem turca e fallam o idioma usbek. Divididos em tres ramos o Grande bando, o bando Medio e o Pequeno bando, percorrem, para não dizer possuem, os steppes que se desdobram desde o Volga até ao lago Balkasch. Este vasto espaço é em grande parte um deserto areento, a grandes intervallos animado por pequenas manchas de verdura. Na região sujeita ao dominio russo ainda se encontra uma certa ordem social; mas nos steppes independentes os maus instinctos dos Kirghiz patenteiam-se em toda a sua plenitude. Estes filhos do deserto roubam amigos e inimigos, apoderam-se dos gados, atacam as caravanas, roubam para os vender homens e mulheres. Desde o forte Aralsk até a Daman-i-Koh floresce a escravatura; os bandidos têm sempre os mercados de Khiva e de Bokhara bem providos de raparigas e rapazes para quem mais dêr. E este odioso trafico continuará subsistindo e assolando os steppes em quanto que a bandeira d'algum povo civilizado não fluctuar na torre de Timour-Bey, pois que os Khirghiz, n'um grande odio hereditario, julgam todos os individuos de origem mongolica ou buddhica como uma preza legitima. Perseguem-os nos campos, atacam-lhes as tendas, apoderam-se-lhes dos gados, prendem-os e fazem-os escravos. Se estes despojos não são abundantes invadem e saqueiam sem escrupulo o territorio dos seus alliados; um grande numero de prisioneiros por elles levados a Khiva e a Bokhara são oriundos dos valles persas, Etrek e Mesched. As raparigas d'estas regiões são vendidas por alto preço e a Persia não é forte bastante para proteger os seus nacionaes contra as correrias d'estes nomadas.

Quando á frente das hordas dos Kalmukos Oubascha retirava do steppe russo, os Kirghiz satisfizeram a sua vingança; emboscavam-se na passagem dos seus inimigos protegidos pelas escuridões da noite assaltavam os acampamentos, apoderavam-se dos cavallos, roubavam os



viveres, raptavam as mulheres. Inquietando incessantemente os flancos e a retaguarda do exercito, massacravam os retardatarios, cortavam as communicações, entolhavam os poços, n'uma palavra causavam aos Kalmukos mais damno do que lhes tinham feito todos os generaes enviados contra elles pela imperatriz Catharina.

Desejosos tambem de penetrar na Europa os Kirghiz passaram as fronteiras e appareceram nas margens do Volga. Foram bem acolhidos. O seu khan é rico, poderoso; as suas relações com os europeus ensinaram-lhes a avaliar a sciencia; julgou-se poder reduzir á vida sedentaria estes emigrantes, mas todas as tentativas têm falhado. O imperador mandou construir uma habitação para o khan; este proprio chefe, preferindo a vida livre e aventureira, fez erguer a sua tenda na clareira d'uma floresta. É tão facil civilisar um Khirghiz dos steppes, como um Beduino do deserto arabe.

N'esta ennumeração das tribus que vagueiam pelos plainos do Volga não devemos esquecer os Nogaïs, ramo da raça mongolica. Chegados com Jani Beg espalharam-se pelas regiões meredionaes, casaram aqui e abraçaram a religião mahometana. Primeiro guerreiros nomadas, vivendo nos campos e não conhecendo, mesmo em tempo de paz, outra habitação do que as suas carroças em que percorriam o paiz e que lhes servia para mudar de logar a seu bello prazer.

«A nossa vivenda é sobre rodas, costumavam elles dizer. Uns homens têm habitações fixas, outros têm as moveis, tal é a vontade d'Allah.»

Todavia, nos ultimos cinco seculos, os Nogaïs, posto que conservam a mesma religião, têm modificado alguma cousa os seus costumes. Muitos se têm fixado ao solo e agriculturam-o d'um modo grosseiro, contentando-se em fazer produzir milho, uvas e melões. Mahometanos exemplares, não bebem vinho, mas casam com duas ou tres mulheres pagas com dinheiro á vista. Digamos em seu favor que apesar da extrema facilidade dada ao divorcio pela lei musulmana, raras vezes d'ella se aproveitam. Têm orgulho na sua nacionalidade e na sua religião; a Corôa respeita este sentimento e deixa que os seus cadis ou os seus mollahs intervenham na maior parte dos atrictos que entre elles se levantam. Pagam um imposto, mas não estão sujeitos ao serviço militar.

Estes mongols occupam as planicies comprehendidas entre Molochnaia e o mar d'Azof.

Os Gypsies, em russo chamados *Tsiganes*, levam no steppe oriental como em toda a parte, a vida errante que tão cara lhes é, abrigando-se sob tendas de panno sujo e chafordando na lama como os cães e porcos. Possuem algumas carroças puxadas por uns cavallos magros e pequenos em que vão ás feiras para furtar aves, lèr a buenadicha, ferrar cavallos, emfim ganhar o pouco com que vivem. Não querem trabalhar... não querem aprender. Alguns possuem uma certa aptidão musical e ás vezes as raparigas, que são notaveis pela sua belleza, tornam-se cantoras notaveis. Ás vezes succede que uma Tsigane de dotes excepcionaes faça, como a princeza Sergia Galitzin de Moscou, um casamento magnifico. Mas o instincto da sua raça leva-os a não estarem em contacto com o povo russo, vagueando em volta dos casaes aldeões, esmolando de casa em casa, roubando n'outras; formando uma casta de parias que muita gente teme e que acarreta com o odio de todos. No verão vivem ao ar livre; no inverno cavam fundos buracos no chão, incommodando-se pouco que faça calor, que chova ou neve. Têm uma côr de pelle tão escura como os seus grandes olhos ferozes e olhares famintos.

## XX

## OS COSSACOS DO DON

Desde a partida dos seus compatriotas sob o commando d'Oubascha, os Kalmukos foram sempre perseguidos pelos musulmanos.

Os seus mais encarniçados adversarios vinham do Caucaso; era d'estas montanhas que os Nogaïs e os Turcomanos, eternos inimigos da sua raça e da sua religião, desciam para invadir os seus pastos, roubar os seus carneiros e os seus camellos, desvastar os seus acampamentos e profanar os seus ritos religiosos. Governo algum podia impedir estas correrias sem perseguir os ladrões até aos antros para onde levavam os seus latrocinios. Ora os Turcomanos formavam tribus independentes; as suas habitações eram construidas em elevações situadas para além das fronteiras russas; o czar, obrigado a defender o seu proprio territorio contra os ataques dos bandidos, interessado em manter a paz entre os buddhistas e os musulmanos, achou n'estas correrias o pretexto para se apoderar d'estas regiões montanhosas. Os Kalmukos, apertados pelos seus inimigos, tinham pedido soccorro



à Corôa; muitos d'elles tinham vindo pôr-se sob a protecção das tropas cossacas.

Os acampamentos escallonados ao longo das fronteiras do imperio, na linha do Ural e na do Volga são povoados por uma mistura de Malo-Russos, de Kalmukos e Kirghiz; o elemento que une estas forças hostis vem da velha e livre Ukraina, é eslavo pela raça e pela religião.

Um cossaco do Don e do Volga não é um russo de Moscou, mas de NovegorodeKiev, um homem que atravez de seculos tem salva-guardado os seus direitos. O seu cavallo está sempre arreado, a sua lança sempre afiada. Dia e noite a sua frente sempre voltada para o inimigo, o seu acampamento prestes sempre a repellir um ataque. Alegre companheiro, entusiasta, ironico, tem sempre uma canção nos labios e o amor no coração.

Perto do Ural, o cossaco tem menos de Kirghiz e mais de Kalmuko; mas n'elle, como no seu irmão do Volga e do Don, é o sangue da Ukraina que domina. Nunca o Kalmuko e o Kirghiz viveriam em paz, se estes filhos do Propheta e do Grão Lama não fossem contidos pelos cossacos.

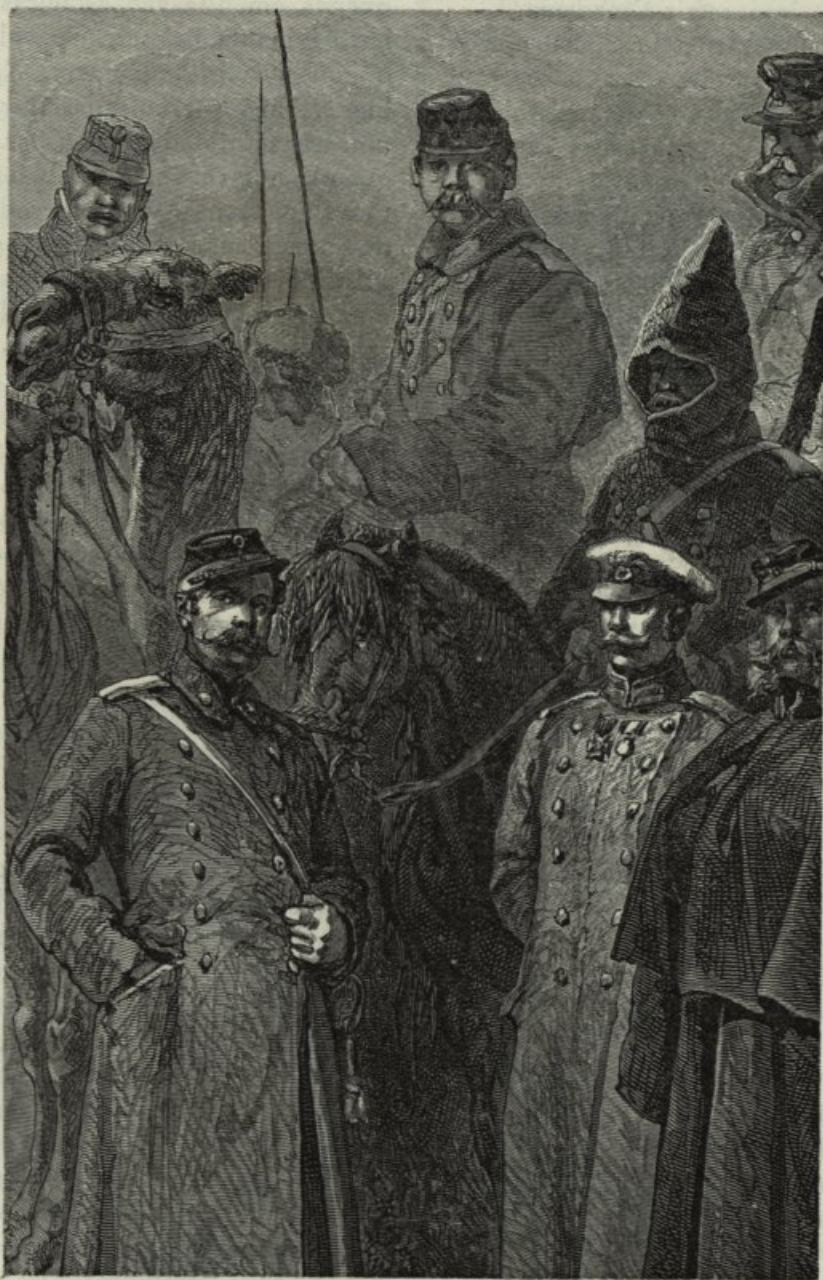
Em S. Romanof, em Cemikarakorskoe e em muitos outros acampamentos do Don vivi eu a vida dos cossacos; comia e bebia com elles, os

meus divertimentos eram os d'elles, via-os dançar, ouvia-lhe as canções, presencava-lhe os combates. Um velho que tinha na memoria recordações de todos os generos vinha em S. Romanof para o meu quarto e fazia-me longas descrições

de empresas aventurosas dos cossacos durante as campanhas do Caucaso. Uma cousa me surpreendeu nas façanhas narradas por este velho guerreiro; todas estas façanhas eram ciladas, estratagemas, nunca combates viris dados de dia, frente a frente; eram astucias com as quaes um destacamento d'embuscada cahia sobre uma povoação, destruia-a e sahia de lá trazendo atraz de si ricos despojos! Nas occasiões em que o narrador fallava n'uma surpresa bem succedida, n'um rebanho roubado, o seu olhar animava-se; os rapazes que o escutavam batiam palmas, batiam com os pés nochão, impacientes por devorar o espaço em procura d'eguaes aventuras. Se o velho descrevia a inva-

são n'um harem, uma mesquita saqueada, os Kalmukos presentes estremeciam com uma alegria toda asiatica.

Os cossacos vivem em povoações em que as casas e os jardins se crusam de modo a formar um labyrintho; as habitações cobertas de colmo são pintadas d'amarello; uma paliçada com-



MILITARES RUSSOS — Desenho de A. de Neville, segundo um esboço tirado do natural



mum, tendo apenas duas ou tres aberturas, fecha-as a todas. As entradas e as sahidas são de difficil accesso; cães ferozes guardam as passagens: o acampamento simultaneamente serve de parque para os gados e de fortaleza para os homens. Uma egreja, que não atrahê as vistas nem pelas dimensões nem pela riqueza architectonica,

ergue-se no ponto culminante da povoação; os cosacos dos steppes orientaes pertencem quasi todos ao antigo rito eslavo. Um rebanho de carneiros faz ouvir a pouca distancia os seus balidos, uma fila de carroças e dois bois caminha pela estrada.

(Continúa).

## CRUZEIROS NA COSTA D'AFRICA

(Continuado da folha 33)

### XXVII

O Gabão e os seus affluentes — Os Fans — Emigrações — O lago Tem — Designação dos numeros africanos — Costumes dos Fans.

**M**A TRINTA annos para cá que a hydrographia e hydrologia do Gabão tem sido, assim como tambem a sua geographia, o objecto de serios estudos. O seu principal affluente, o Como, bifurca-se a sessenta milhas da sua embocadura; um dos ramos conserva o nome de Como; o segundo toma o de Boqué. N'uma cadeia de montanhas pedregosas que se succedem á serra de Christal existem as nascentes d'estes rios; a gente do Gabão dá-lhe o nome característico de *etuenga N'pala*, garrafa d'agua. Entre estas montanhas ha valles que têm servido de passagem ás tribus que successivamente têm descido até ás margens do Gabão.

D'estas montanhas têm tambem descido alluviões que têm entulhado o golpho. O Maga, o Sambo, o Rhemboë serpeam por entre estas alluviões cobertos de florestas impenetraveis.

Por muito tempo conservamos um casco de navio no alto Como, explorado pelos officiaes a bordo d'este pontão.

Tres tribus principaes, os Sequianis, os Akalais e os Fans vivem nas margens d'este rio e dos seus affluentes; só ali têm acampamentos, chegando a parecer terem apenas ali pernoitado na vespera.

Laço algum politico une entre si estas tribus da mesma familia; as aldeias de cada um d'estes povos alternam-se e cada um vive sem se importar com o seu visinho; as lingoas por elles falladas têm um tronco commum facil de perceber; os prefixos e os sufixos são as unicas mudanças observadas; os radicaes são geralmente

invariaveis de modo que fallando-se uma d'estas lingoas é facilimo fallar as demais.

Os Fans ou Pahouins, os ultimos d'estas tribus que até hoje chegaram, são mal vistos pelos seus visinhos a quem elles se avantajam pela força physica e pela energia; os Gabonezes temem-os e procuram isolal-os dos Europeos. Em 1839 ou 1840 um escaler inglez, tripulado por oito marinheiros e um aspirante de marinha, aventurou-se Como acima em procura d'um negreiro que elle suppunha ali escondido; os Fans, importando-se pouco que o escaler fosse de nacionalidade estrangeira, depois de porfiado combate capturaram-o, quatro pessoas da tripulação apanhadas com vida foram aprisionadas e os cadaveres dos mortos, segundo o costume, serviram para banquetear os vencedores. Foi necessario toda a diplomacia de Diniz para resgatar os marinheiros inglezes que tinham escapado. Diniz usa hoje com muito orgulho uma medalha d'ouro dada pela rainha Victoria como recompensa da sua generosa intervenção. S. Magestade Britannica mandou-lhe tambem entregar um bonné de baronet que elle usa em dias de galla; com a cabelleira, Diniz parece um velho burgrave dos tempos passados.

Depois da nossa occupação foram feitas algumas expedições para acalmar o ardor guerreiro dos Fans do Como e o proprio Rhemboë foi tambem o theatro d'algumas escaramuças. Em 1867 o tenente Poudra, commandante do *Protée*, foi d'improviso atacado em frente da aldeia de Cocéjé. N'um momento tudo se preparou para o combate; o *Protée* varreu as margens de Rhemboë que são obstruidas por immensos paletuvios com altura de vinte metros; as raizes d'estas arvores sobem a cima do nivel das aguas uns tres metros e formam uma rede d'arcadas por meio



das quaes os selvagens correm com prodigiosa destreza e d'onde elles podem atirar escondidos.

O tenente Poudra foi ferido com uma barra de ferro n'uma perna. O piloto José, Gabonez, vendo-se o alvo dos Pahouins, abandonou o posto que occupava junto do commandante. Esta falta de coragem foi assumpto para muita troça; mas elle explicava a sua retirada dizendo que tinha ido apanhar o bonné do commandante cahido sobre o tombadilho no mais vivo do combate.

Bitta, o chefe de Cocojé, veio a bordo do *Pro-tée* prestar vassallagem e trouxe ao tenente Poudra dois carneiros, como preço da sua ferida; pedindo tambem o preço do sangue para tres dos seus homens mortos durante a acção; o commandante regeitou-lhe as pretensões, Bitta desde então tornou-se o nosso mais fiel alliado. A sua aldeia tem perto de duas mil almas.

Estas aggressões, quasi sempre occasionadas pela má fé dos Gabonezes, tendem a desaparecer e as embarcações circulam em liberdade tocando nas aldeias em que estão abertos mercados. Todavia devem ir precavidas e armadas.

Visitei muitas vezes as aldeias estabelecidas no alto Como e no Rhemboë. As populações estão sempre na defensiva e é prudente fallar com os chefes antes de penetrar nas aldeias que estão sempre em pé de guerra.

As aldeias dos Fans do Como são cercadas por fortes paliçadas e só se ali pôde entrar pelas duas extremidades, onde existem as barreiras guardadas por gente armada.

Os tectos das casas cobertos de palha assentam sobre estacas cujos intervallos são cheios com greda e cascas d'arvores: isto tambem assim é usado em Madagascar.

N'estas aldeias, onde os habitantes não são numerosos, ha uma unica rua: os homens têm os seus aposentos á direita quando se entra; os quartos das mulheres, das creanças e as cozinhas são á esquerda; toda a gente cerca curiosamente os viajantes que entram nas aldeias; as entrevistas fazem-se com muita solemnidade no meio do mais absoluto silencio.

Ha quarenta annos para cá que a corrente dos povos africanos se encaminha para o oeste; o grosso dos grupos que acampavam nas proximidades do Gabão em 1869 attingia o numero de oitenta mil individuos pertencentes ás raças acima innumeradas.

Tinha curiosidade em saber d'onde vinham estes povos e os chefes a quem perguntei no

Boqué affirmaram-me todos ter vindo d'um territorio chamado N'dona, onde havia um lago chamado Tem: segundo elles diziam, essa região era fertil, o lago abundante em peixe, mas guerras incessantemente assolavam aquellas paragens, de modo que nenhuma segurança offereciam aos povos pacificos que se tinham visto na necessidade de emigrar. A pedido meu disseram o nome dos rios e das montanhas existentes na região N'dona. Os principaes rios são chamados Lomon e Bakoul e as montanhas, Mendiff e Kolaké; algumas tribus tinham levado onze mezes, outras cinco para fazer a viagem até ao Gabão; têm o costume de descançarem dois dias depois de terem andado tres o que reduz a sua marcha a tres quintas partes.

Nada ha de extraordinario no vagar da marcha, se considerarmos serem as tribus acompanhadas por creanças na mais tenra idade e por mulheres gravidas; os viveres são bananas cosidas no forno e seccas, milho e farinha de mandioca.

As tribus do N'dona fallam todas o fan; os elephantes são ali numerosos e os seus dentes muito baratos. Entre Tem e Seoni ha unicamente oito centros de população; o colector da vertente oriental da cordilheira d'Anenga N'pala desagoa no Ogoouë. As tribus tinham atravessado extensas planicies cheias de hervas mui altas. O desejo de crear um melhor futuro approximando-se dos brancos foi o seu mobil. Nos seus antigos domicilios não tinham communições com a costa oriental; as suas espingardas e a polvora vinham do oeste.

O lago Tem, esse é difficil de determinar; comtudo Vogel, Overweg e Barth referem terem encontrado immensos pantanos chamados Temsa, cuja extensão teria, segundo o que affirmam, pouco mais ou menos cem milhas; affluentes consideraveis alimentavam estas lagôas; os lagos da Africa e as quantidades d'agoa que durante as estações das chuvas se accumulam n'um dado ponto são muitas vezes devidas a refluentes; unicamente um prolongado estudo poderá determinar qual seja a verdadeira direcção seguida pelas agoas.

As tribus habitantes do Temsa visitado pelos viajantes allemães pertenciam aos Mosgons e aos Marghis que usam nos braços e nas pernas manilhas de ferro; enfeitavam a cabeça e orelha esquerda com feixes de pennas; mas as suas cubatas eram de fórma arredondada e as dos Fans são quadradas.



Estas indicações permittiram-me o eu determinar o ponto de partida dos Fans, appoian-do-me em Barth que nos faz conhecer que o grande affluente do lago Tchad, o Chary, recebe no seu seio muitos rios que mudam frequentemente de nome conforme o territorio das tribus. O Logon, o Serbenel, Lomon e o Bakoul parecem poder identificarem-se com estes affluentes. As montanhas que estão a oeste do lago Tchad chamam-se Mendiff e Guluck; estes nomes parecem identificarem-se perfeitamente com os nomes citados pelos chefes Fans por mim interrogados.

Entre os Mosgons, os homens têm por uso o perfurar uma narina; as mulheres perfuram o labio inferior e ahí intruduzem um disco de metal ou de madeira. Tanto um como outro sexo fazem quatro incisões nas maçãs do rosto; andam quasi nus e os homens são bem feitos.

Alguns d'estes habitos são communs aos Fans que usam manilhas de ferro e traçam no busto linhas em zigzag <sup>1</sup>; mas não perfuram os labios, nem o nariz; posto que os nomes dos logares da partida, pareçam indicar as margens do lago Tchad, os Fans differem muito das tribus designadas por Barth e Vogel para que sejam os povos Mosgons; além d'isso as tribus do Tchad fallam differentes lingoas pois que o Chary tem os nomes de *Bamhe* e *Bagoun* conforme as tribus que atravessa.

O Kibbi, o N'jering, o Mory o Ballero formam correntes d'agoa importantes e navegaveis e que se escoam para o sul.

Ha já uma duzia de annos que se affirma que as correntes dos rios equatoriaes se devem dirigir para o Ogoouë, uma das grandes arterias africanas.

O Oggouë, é um rio notavel; agitou-se mesmo a questão da sua identidade com o grande rio descoberto por Liwingstone ao norte da bacia do Zambeze (rio que provavelmente é o Congo) e ultimamente um sabio duvidava se o famoso lago Albert, tão proximo do Nilo, não faria parte da bacia do Ogoouë.

Posto que os usos e costumes dos povos visitados por Barth, Vogel e Overweg não sejam identicos aos dos Pahouins, é certo que os seus idiomas têm pontos de contacto confirmados evidentemente pelos nomes dados aos numeros de que uns e outros se servem.

<sup>1</sup> As linhas em zigzag fazem lembrar o hiéroglypho egypcio que significa agoa e por tanto purificação.

A analyse da designação dos numeros conduzir-nos-ha á elucidação d'este problema anthropologico que até aqui se tem apresentado como insolúvel. O corpo humano foi a base da primeira arithmetica; a mão, o pé serviram de termos de comparação a que o homem primitivo referiu os objectos que queria contar; os cabellos, a barba serviram para exprimir adjectivos de quantidades superiores ás já dadas pela mão e pelo pé.

A comparação das lingoas que têm conservado estes primeiros vestigios da numeração não será bastante para fixar o ponto de partida d'uma raça unica, mas indicar-nos-ha summariamente que muitas raças tiveram relações muito intimas e tanto que usam vocabulos tirados d'uma mesma origem.

Entre os povos de cõr ha familias tão pobres d'ideias que a sua arithmetica não vae além do numero tres; a sua numeração dá-nos exemplos de reduplicação. Alguns outros adoptaram o numero cinco como base e servem-se egualmente da reduplicação; o dictionario de outras familias foi tão rico que lhes permittiu o poderem contar até dez. Limitar-nos-hemos a examinar os nomes dos numeros que nos pôdem auxiliar no seguimento das migrações africanas, desprezando o exame dos tres primeiros numeros que nos parecem irreductiveis.

Em todos cinco e dez presta-se a um estudo fertil em comparações: a mão, o pé, o corpo humano, os dois lados do corpo, a barba serviram em todos para nomenclatura dos numeros. Algumas vezes encontram-se designados pela propria expressão do corpo humano, outras apenas alterados: por exemplo a mão, *rima* em polynesio, deu a este idioma o vocabulo *rima*, que significa cinco. No malaio apresenta-se apenas alterado, *lima*: o corpo *yaram* em Yoloff, deu *dirom* que na mesma lingua significa cinco; por tanto o numero cinco põe-nos em presença de duas raizes, uma africana, outra polynesia.

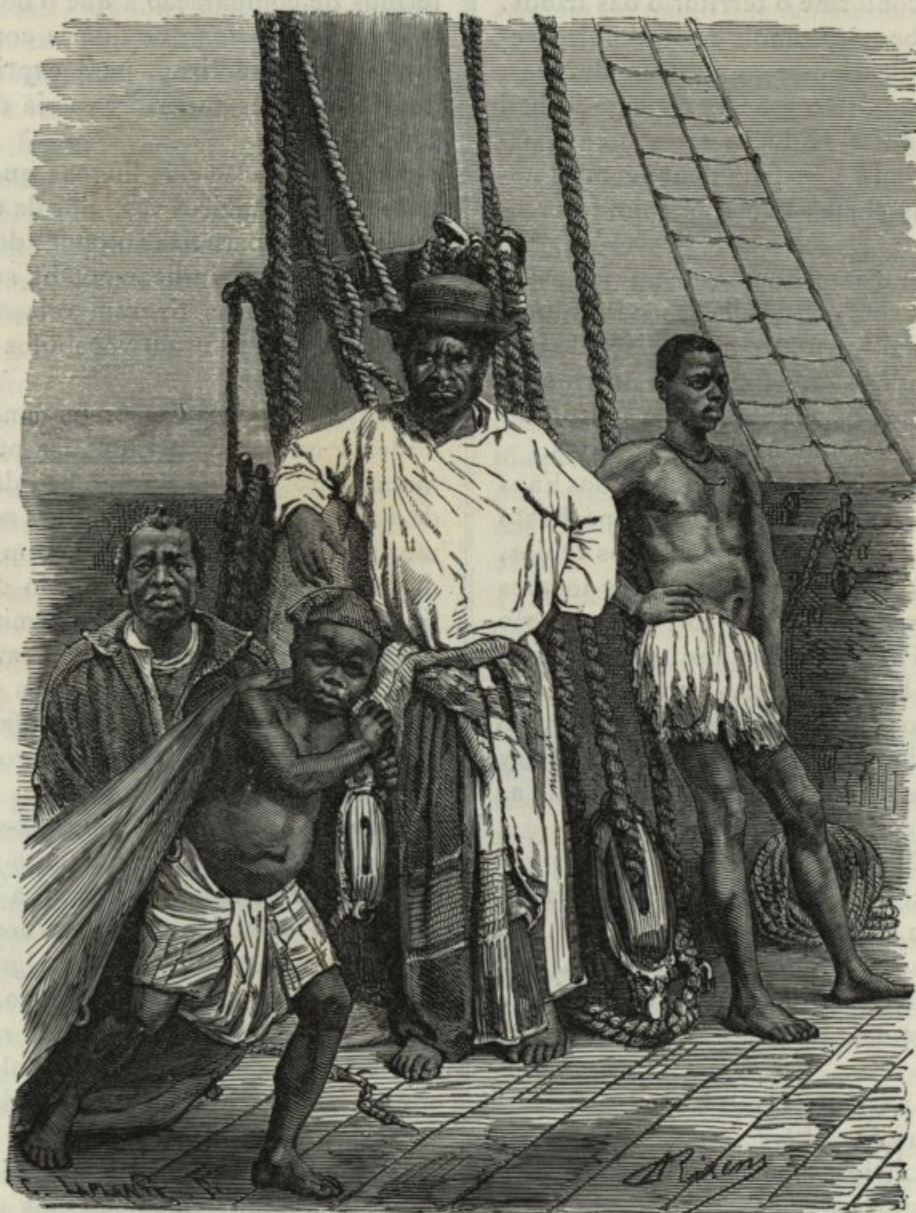
A palavra sete é commum aos Gondes e aos Soninkés; *iron*, e *hieron* são evidentemente identicos e provam antigas relações. Os Soninkés vieram do este quando formaram o grande reino de Gangara e fundaram Walata. O fan e as lingoas bundas falladas em Angola, colonia portugueza, servem-se para exprimir sete de termos semelhantes que pertencem a idiomas desconhecidos; *n'sanqua* e *sambua* são sem duvida da mesma familia mas a que lingua se deve attribuir a prioridade?



Oito ainda mais uma vez nos transporta à Índia; *anomay* em *gond* evidentemente pouco difere de *nanai* em *pongoue*, de *n'nuam* em *fan*, de *naque* em *bunda*; emquanto que em a Nova

Caledonia o mesmo numero nos é dado por uma reduplicação *nom beti*.

Nove dá-nos tambem uma ideia da extensão geographica das linguas africanas; em *fan* diz-se



O PILOTO JOSÉ E ALGUNS BULUS — Desenho de A. Rixens, segundo uma photographia

*ebu*, em *bunda hioua* e em linguagem polynesia encontra-se sobre fôrma identica o vocabulo *hiva*. Por onde foi transmittido este vocabulo? Portanto o vocabulo nove tem na Africa e Polynesia uma mesma fôrma. As palavras pelas quaes é designado o numero dez prestam-se a variado estudo; os adjectivos de quantidade a *barba* e o *pé* são as suas principaes raizes; os povos aryanos não fazem excepção a esta regra: *deka* tem a sua dupla origem no prefixo *de*, podendo ex-

primir uma duplicação e na raiz *ki*, ligar, *kaca*, cabellos, *carana pé*, conservado no malaio *karani pé*; no celta *cas pé*.

Os povos malaios e africanos derivam dez dos adjectivos de quantidade em que se reconhecem duas raizes constantes: o sãoskrito *ful* reunir que se encontra no soninké *fonfoun*, mais, no grego *pokos*, toção, *pogon*, barba.

(Continúa.)





VI OS MEUS NEGROS ESPANTADOS E FUGINDO

## COMO EU ATRAVESSEI A AFRICA

DO ATLANTICO AO MAR INDICO—VIAGEM DE BENGUELLA Á CONTRA-COSTA—ATRAVÉS REGIÕES  
DESCONHECIDAS—DETERMINAÇÕES GEOGRAPHICAS E ESTUDOS ETHNOGRAPHICOS

POR

**SERPA PINTO**

PRIMEIRA PARTE

### A CARABINA D'EL-REI

(Continuado da folha 33)

**F**U NÃO possuía missangas, porque um sacco que me mandaram os meus companheiros não tinha curso nos sertões para onde me dirigia. Tratei de procurar alguma no Bihé e pude comprar aos pretos aqui e além uma pequena porção, que me fez a carga de um homem.

Esta compra veio dar um novo golpe na minha fazenda de algodão, e por 17 de abril, possuía apenas um fardo.

Sentia desde a minha chegada ao Bihé uma

grande falta, e era ella a de um despertador. Foi olvido que me custou no correr da viagem muitos incommodos e algumas febres. Sempre que tinha de fazer observações depois da meia noite, tinha de estar acordado até á hora precisa; e asseguro que é triste passar uma noite a lutar com o somno, sem luz, e por isso sem nada poder fazer para matar o tempo.

No dia 19, o Ivens veio vêr-me, e causou-me funda impressão o seu estado.

Estava muito magro, de uma pallidez cada-



verica, e accusava nas feições um soffrimento constante. Eu pedi-lhe para vir jantar commigo no dia immediato, que era o dia dos meus annos. Elle disse-me que talvez não pudesse vir, pelo seu estado de saude.

Dois dias depois, fui ao acampamento dos meus companheiros pagar a visita ao Ivens. Cappello estava ausente, pois tinha ido determinar a posição da nascente do Cuanza.

No dia 25, tinha eu dez mil balas, ou antes dez mil bocados de ferro, toscamente forjados, com pretenções a terem uma fôrma espherica. Era o que me bastava, e despedi os ferreiros. N'esse dia chegaram os primeiros Bailundos com as cargas de Benguella, e nos seguintes dias foram apparecendo novas levas com cargas. Estes Bailundos eram insolentes, e iam fazendo uma grande desordem em Belmonte, que teria tomado serias proporções se eu não intervisse. Tirei das cargas dez fardos de fazenda, tres barris de aguardente, e dois saccos de caurim.

Faltava-me a polvora e o sal, que tinham ficado atraz.

Tratei logo de mandar o presente ao sova e de me preparar para partir, porque, tendo os cartuchos promptos e embalados, em dois ou tres dias os carregaria de polvora. Mandeí emissarios a reunir os carregadores, que todos estavam justos e promptos.

No dia 29 de abril, os pretos de Silva Porto fizeram-me um pequeno furto, e eu zanguiei-me muito com elles, e ameacei-os de os mandar para Benguella. Elles, para entrarem nas minhas boas graças, vieram denunciar-me que sabiam onde estavam quatro espingardas que tinham sido roubadas á expedição no caminho de Benguella. Uma d'ellas fôra furtada pelo sr. Magalhães, dono da povoação onde primeiro estive no Bihé.

Pude havel-as todas.

A esse tempo eu mal tinha occasião de comer. Arranjava as cargas, e era preciso estar presente a tudo, para não ser roubado, porque todos os pretos, os de Silva Porto e os meus, eram uma quadrilha de ladrões.

Havia uma excepção, uma unica. Era o meu preto Augusto, que me deu sempre prova da maior fidelidade.

Quando contratei os carregadores em Benguella, contratei entre elles o Augusto, de quem nunca fiz caso, porque elle se não distinguia dos outros, a não ser talvez por ser um poucò mais dado á embriaguez.

Na distribuição das armas, os pretos fizeram repugnancia em receber as de Snider, e só o Augusto me pediu logo uma. Foi a primeira vez que attentei n'elle. Um dia, no Dombe, fiz um exercicio ao alvo, e vi que elle era um soffrivel atirador. Depois, em Quillengues, soube, que elle dissera entre os pretos, que me não deixaria nunca, e como, pela sua força herculea e pela sua coragem, elle tinha tomado um grande ascendente sobre os outros pretos, chamei-o a mim.

Ao tempo em que vae a minha narrativa elle tinha subido de posição, e de simples carregador, estava chefe da comitiva.

Alguns eram seus amigos, outros respeitavam-n'o, e muitos temiam-n'o.

Augusto é o melhor preto que eu tenho encontrado em Africa; mas ninguem é perfeito n'este mundo, e Augusto não quer ser excepção á regra. Entre os seus defeitos avulta um, que eu sou propenso a desculpar, e que sendo um grande defeito em viageiro africano, fôra d'ali poderia passar por virtude.

Augusto é louco pelo bello sexo.

Forte como um bufalo, corajoso como um leão, entende que deve protecção e apoio ás creaturas frageis que encontra no seu caminho.

Já não tinham conta as suas aventuras galantes desde Benguella ao Bihé. Casado em Benguella, casou de novo no Dombe, em Quillengues, Caconda, no Huambo, e desde a sua chegada ao Bihé, já tinha feito ali tres ou quatro casamentos. É um verdadeiro D. Juan de còr preta.

Obediente em tudo o mais, despresava completamente as minhas admoestações n'esta parte.

Um dia, como as queixas das mulheres fossem muitas, chamei-o e reprehendi-o severamente, ameaçando de o abandonar se elle continuasse. Chorou muito, lançou-se de joelhos aos meus pés, fez mil protestos de emenda, e pediu-me para lhe dar uma peça de fazenda, que com isso iria contentar as mulheres, e só ficaria com Marcolina, a sua mulher de Benguella.

Dei-lhe a peça de panno, e fiquei satisfeito de tão sincero arrependimento.

Na tarde d'esse dia ouvi grande batuque para um canto da povoação, e cantos e festas que annunciavam um acontecimento desusado.

Tive curiosidade de saber o que era, e mandei alguém a vêr. Qual não é o meu espanto, sabendo que o Augusto festejava o seu novo casamento com uma rapariga da libata de Jamba!



Vi que o furor de casar-se era superior ás suas forças, e decidi não mais me importar com os seus negocios galantes, mesmo porque elle não compromettia ninguem, e casava sempre legalmente.

Estavamos a 2 de maio, e ainda não tinha podido reunir os carregadores, e ainda não tinham chegado do Bailundo, nem a polvora nem o sal vindos de Benguella.

O Verissimo andava por lá reunindo a gente; mas ainda nem um só se tinha apresentado.

Na manhã do dia tres, estando eu em casa, ouvi fóra da porta os acordes de uma rabeca, onde se tocavam arias muito melodiosas, coisa mui differente da musica monotona dos pretos.

Mandei chamar o menestrel, e appareceu-me um preto alto e magro, quasi nu, de physionomia triste e expressiva.

Tocava em uma rabeca fabricada por elle, que dava sons tão melodiosos e fortes como o melhor Stradivarius. Este instrumento, mui semelhante em fórma ás nossas rabecas, era cavado em uma só peça de pau, que formava a caixa e o braço, sendo o tampo de uma tabua fina da mesma madeira.

Tinha tres cordas de tripa, fabricadas pelo musico, e o arco era guarnecido de duas cordas eguaes, em lugar de clina.

Era decerto uma imitação das rabecas da Europa, e não um instrumento primitivo.

A madeira de que era feita chama-se no paiz *Bôle*, e abunda nas matas da Africa de oeste. Não seria talvez para despresar o ensaio d'esta madeira na fabricação de instrumentos de corda.

O barbaro musico cantou uma aria em meu louvor, a *mezzo petto*, com voz muito agradavel, acompanhando-se na tosca mas harmoniosa rabeca. Foi muito applaudido pelos pretos que tinha attraído em volta de si, e eu mesmo gostei d'aquella musica original.

Chegaram á libata uns pretos do sertão do Andulo, que vinham vender tabaco muito bom, que n'aquelle paiz cultivam em quantidade. É este tabaco do Andulo que os Bihenos compram e mandam para Benguella, vendendo-o ali com o nome de tabaco do Bihé.

Eu comprei grande provisão, e calculei que me ficou por 500 réis o kilogramma.

Os preços dos differentes generos no Bihé não são aquelles que me têm forçado a pagar, e são os seguintes:

Uma gallinha, uma jarda de fazenda de algodão; seis ovos, uma jarda; um cabrito de dois

annos, oito jardas; um porco de 5 a 6 arrobas (75 a 90 kilogrammas), uma peça de algodão branco e outra de zuarte; o alqueire de farinha de milho, duas jardas; o de farinha de mandioca ou de feijão, tres jardas. Isto são jardas de fazendas das mais ordinarias, cujo preço no Bihé não se deve calcular superior a 200 réis.

Uma jarda de fazenda chama-se no Bihé um *pano*, 2 jardas uma *béca*, 4 jardas um *lençol*, 8 jardas uma *quirana*.

As fazendas de negocio proprias para o Bihé e sertões explorados pelos Bihenos, são: algodão branco, zuarte, zuarte pintado, lenços de zuarte pintado, lenços finos, lenços cangengos, fazendas de lei e riscados, tudo da mais inferior qualidade.

As peças de algodão branco tem 28 jardas umas, e outras de melhor qualidade 30. Os zuartes e riscados 18 jardas, os lenços pintados 8 jardas, os lenços cangengos 6, e a fazenda de lei 12 jardas.

As fazendas boas são muito inconvenientes ao viajante que percorre esta parte de Africa, porque, não tendo muito mais importancia para o gentio, são consideravelmente mais pesadas.

Eu tinha dois fardos de fazenda que tinha preparado ali, cada um dos quaes continha 624 jardas, e os outros, de algodão fino, tem apenas 180 jardas, e são mais pesados.<sup>1</sup>

Já se deduz d'aquí a inconveniencia das fazendas de boa qualidade, que além de ser grande o seu custo, é grande tambem a difficuldade do seu transporte, pois que tres homens carregam d'ellas tanto quanto um carrega de fazenda ordinaria.

E sobretudo para o viajante explorador, como o seu dispender de fazenda é em troco de alimento, tantas jardas de fazenda boa tem de dar por um objecto, como de jardas de má fazenda dará pelo mesmo objecto.

O algodão branco de inferior qualidade e o zuarte são o melhor dinheiro que pôde levar o viajante n'aquellas paragens.

Nas missangas já se não dá o mesmo caso, e a que é moda aquí, não é recebida além, ás vezes em pontos pouco distantes, por exemplo no Bailundo querem muito a missanga preta, que já no Bihé não tem curso.

Ha comtudo uma missanga que é quasi ge-

<sup>1</sup> Eu chamo fardo á carga de um homem, proxima-mente trinta kilogrammas.





HOMENS E MULHERES LITCHAZÉS COM OS SEUS UTENSÍLIOS — Composição de D. Maillart, segundo o texto



ralmente bem recebida em toda a Africa Austral. É ella uma missanga miuda encarnada, de olho branco, a que no commercio em Benguella dão o nome de Maria 2.<sup>a</sup>

O buzio miudo (caurim) serve além Cuanza até ao Zambeze, mas o graudo não é recebido.

O arame de latão ou de cobre vermelho é estimado para manilhas; mas, n'estas paragens, não deve ter mais de 3 a 5 millímetros de espessura. Os barretes vermelhos, sapatos de liga, fardas de soldados, etc., são frandulagens, que, sendo muito estimados presentes para sovas e séculos, são pessima moeda.

Os cobertores, e sobretudo aquelles vistosos que na Europa usamos para embrulhar as pernas em viagem, são muito cubiçados do gentio; estando porém no caso das fardas e barretes, que, sendo optimo presente, não são boa moeda.

Os realejos, caixas de musica, e outros objectos d'este genero, estão no mesmo caso.

Prestigiações, sortes de physica e chimica, produzem certa impressão no gentio, mas não tanta como se julga na Europa. Não comprehendendo as causas que determinam certos phenomenos, lançam a cousa á conta de feiticaria, com que explicam tudo que não sabem explicar de outro modo.

Às vezes até pòdem ser contraproducentes, e prejudicarem aquelle que as fizer.

De tudo o que eu vi fazer impressão em pretos, aquillo que mais os admira é verem um bom atirador.

Metta qualquer, diante de um ajuntamento de pretos, 6 balas em alvo pequeno e distante, corte o pequeno fructo de uma arvore, mate um passarinho, e fique certo de que ganha logo a maior consideração, e será objecto das conversações por muito tempo.

A este respeito vou narrar um factu que se deu na libata, commigo. Um dia, um cirurgião Biheno appareceu ali trazendo um remedio que era preservativo contra as balas, áquelle que o tomasse.

Isto é crença geral entre Bihenos, e muitos ha que gastam tudo o que téem para adquirirem aquelle abençoado remedio, que os torna mais invulneraveis do que Achilles, porque nem mesmo lhes deixa a possibilidade de receberem a morte por um calcanhar.

Um mestiço civilizado, e educado em Benguella, encontrei eu, que se ria de mim quando eu lhe dizia que se lhe dêsse um tiro furava-o

de lado a lado, apesar do remedio contra as balas de que elle fazia uso.

Mas vamos ao conto. O cirurgião Biheno trazia uma panellinha de meio litro cheia do precioso preservativo, e apregoava que aquelle que o tomasse seria depois tão invulneravel como o era a panella que continha o liquido, panella a que todo o mundo, no seu dizer, tinha atirado sem que as balas lhe fizessem o menor damno. Quiz elle dar ao publico uma prova irrefutavel, e desafiou-me de atirar á panella; tendo previamente o cuidado de me marcar a distancia (uns 80 passos) a que elle julgava ser impossivel acertar em tão pequeno alvo.

Tomei a carabina, atirei, e fiz a panella em cacos, derramando-se o precioso licor.

Nunca vi applaudir mais phreneticamente alguém, do que eu fui applaudido então pelo gentio entusiasmado.

O pobre cirurgião foi completamente corrido no meio de geral assuada.

Este pobre homem foi ali buscar o seu descredito.

Os melhores atiradores do sertão são grandes mediocridades, e são bem mais para temer pretos de frecha e azagaia, do que de arma carregada.

O Verissimo partiu a reunir os carregadores, voltando a 5 de maio com alguns, e dizendo que outros chegariam no dia seguinte.

N'esse dia recebi cartas e cargas de Benguella, enviadas para mim por Pereira de Mello e Silva Porto.

Fizeram-me uma tal impressão aquellas cartas, que no meu diario escrevi então, na cabeça do capitulo em que fallo do Bihé, aquelles dois nomes, e hoje ainda os conservo, como preito e homenagem áquelles dois cavalheiros.

Enviava-me Pereira de Mello 16 espingardas, 30 kilogrammas de sabão, um relógio e uma carga de sal, tudo objectos de subido valor para mim.

Não é todavia esta valiosa remessa que me dictou a immensa gratidão para com o governador de Benguella; foi a sua carta e foram as expressões dos seus sentimentos a meu respeito.

Dizia-me o governador que não hesitasse em seguir a minha viagem, que contasse com todo o apoio que elle me podia dar como auctoridade, e se acaso ordens superiores coarctassem o governador, que podia contar com o homem, com Pereira de Mello.

(Continua.)



## A RUSSIA LIVRE

(Continuado da folha 34)

**P**M CAÇADOR armado com a sua espingarda atravessa as pastagens. Por todos os lados a vista encontra signaes de vida, a planície é ainda monotona e secca, mas o amor dos cossacos pelos jardins, os tectos e a côr das casas dão á Russia meridional um encanto que em parte alguma do norte se encontra.

Um milhar d'habitantes acampam no burgo de S. Romanof. Cada casa com o seu pateo, jardim, com a sua vinha e o seu meloal está isolada e guardada por um cão. O typo da população é o Malo-Russo de côr amarellada, quasi tendo a mesma côr do tartaro; estes cossacos têm formosos dentes e os olhos animam-se-lhes com fogo sombrio. Os rapazes e os homens feitos môtam todos a cavallo e as crianças n'isso se exercitam desde a mais tenra idade. Apesar dos seus habitos guerreiros é aos homens a quem compete o cuidar das crianças de peito, emquanto que as mulheres fazem os mais duros trabalhos. Uma superstição dos steppes explica como os valentes filhos da Ukrania foram levados a trazer nos braços os seus recém-nascidos. Imaginam que se o pae não presta os seus cuidados ao recém-nascido a mãe morrerá no segundo parto, e como uma mulher custa muitas vaccas e muitos cavallos é uma coisa séria o perdel-a.

Para evitar os incendios é prohibido fumar nos acampamentos, o que todavia não impediu que o meu hospedeiro de Cemikarakorskoe gozasse d'esse prazer e de convidar os seus convivas a compartilha-lo. Cá fôra as mulheres frigiam talhadas de melão e fabricavam vinho, singular liquido, espesso como melaço, mas de sabor mais agradável. Este antigo processo a não ser nas margens do Don em mais parte alguma é usado. Uma igreja de estylo muito simples encimada por um campanario adorna o burgo; digo adorna e effectivamente o edificio para outra cousa não serve, pois que sendo a maior parte dos cossacos velhos crêntes, pode-se affirmar que a população do burgo não ouve missa. Estes valentes, sempre promptos para se baterem ou para saquear, n'esse momento parecem esmagados pela dôr causada pelas peias postas ao seu culto.

O seu bispo, o P. Plator, foi arrancado do bispado de Novo Tcherkask e enclausurado no convento de Kremouskoe, perto de Kalatch.

Muito adiantado em edade está recluso n'esse convento, sem que ninguem saiba os erros ou crimes que lhe imputam. Uma irritação surda lavra entre os cossacos; reputam o Santo-Synado não só como um conclave que excede as suas attribuições, ma stambem o suppõem ser o proprio demonio, o espirito incarnado do mal.

Cemikarakorskoe é um acampamento de primeira classe, ou antes, uma cidade edificada nas margens do Don inferior.

«Quantas almas ha aqui? perguntei eu ao homem em casa de quem estava hospedado.

—Não sei; os meus compatriotas não gostam de ser recenseados; mas ha sempre 500 homens promptos a montar.

Os homens têm um aspecto selvagem, notando-se todavia tendencias para se civilisarem. Magnificos rebanhos pastam nos campos circumvisinhos da povoação e vêem-se tambem alguns com trigo e milho semeados. Vindimam uma grande quantidade d'uvas vermelhas de que fazem um vinho espumante de grande força alcoolica. O homem que me hospedava abriu algumas garrafas que faziam lembrar o vinho d'Asti. Gente ha que reputa os vinhedos do Don superiores aos do Garona e do Marne.

As culturas dos cossacos são muito extensas não só para proverem ás suas necessidades, mas tambem para fornecerem os mercados de fóra. Ha trinta e dois annos para cá que as terras não têm sido divididas. Em face da aldeia desenrola-se a perder de vista a planície infinita, o mais pobre habitante da communa possui dez ou doze hectares de terra. A sua organização é um Estado n'um Estado. O seu hetman foi abolido; têm por grande ataman o príncipe herdeiro; mas as suas funcções são puramente honorarias, pois que elles elegem os chefes e os juizes que são os possuidores da auctoridade real. Todos podem aspirar á dignidade d'ataman local, chefe militar d'aldeia, governador durante a paz e a guerra; nomeado por tres annos não pôde abandonar o cargo senão depois de expirar o mandato. O governo de S. Petersburgo envia um official para instruir e commandar os soldados. Igualmente ás funcções de juiz pôde qualquer aspirar: a eleição decide entre os candidatos e, medeante o ordenado annual de quarenta rublos, o magistrado decide em todos os processos.



Temporario como o ataman não pôde também afastar-se da aldeia, nem mesmo em tempo de guerra.

N'este momento uma grande reforma se executa nos territorios habitados pelos cossacos. Todos os empregados de cathegoria superior á d'ataman e de juiz são agora nomeados pela Corôa, segundo as regras adoptadas nos outros ramos de serviços publicos. O ataman, commandante em chefe, reside em Novo Tcherkask, cidade situada para aquem do Don e cuja posição deve ser defendida contra um golpe de mão; as ruas em vez de serem só guardadas por cães são também illuminadas; Novo Teherkask é uma cidade russa e não um acampamento cossaco; um official russo desempenha as funcções d'ataman geral; n'uma palavra empregam-se todos os meios para sem violencia reduzir estes velhos colonos militares dos steppes a viver sob a auctoridade da lei imperial.

Todavia uma tal transformação não se pôde operar sem largo espaço. O general Potapoff, homem de merito real, que ultimamente governava Novo Tcherkask, tentou fazer tão violentamente essa transformação que quasi ia provocando uma revolta em toda a linha do Don. A Côrte apressou-se em dimittir este muito zeloso reformador e confiou-lhe em Vilna um cargo mais apropriado aos seus talentos, nomeou-o commandante em chefe do quarto districto militar; o general Tchertkoff, de quem era conhecido o espirito conservador, foi mandado de S. Petersburgo para acalmar a irritação e manter a ordem nos steppes. Dizem que a respeito d'estes dois nomes o imperador fizera um dito de espirito «Depois da inundação, o diabo;» *potop* em russo significa *diluvio* e *chert*, *diabo*. Os cossacos riram com a graça do imperador e durante algum tempo refloresceu n'aquellas regiões a velha rotina.

N'um paiz livre, todos devem ser eguaes perante a lei e os privilegios dos cossacos, como os das demais classes, desapparecerão na Russia. Não é para admirar a resistencia dos cossacos; que corpo social abandona voluntariamente as prerogativas consagradas pelo tempo?

O cossaco é por essencia refractario ás mudanças. O chefe do Estado não o deve esquecer. Por isso não se deve esperar d'um principe, que constantemente tem os seus olhos voltados para os steppes orientaes e para as cidades ainda mais distantes de Khiva e Bokhara, d'onde se têm arremessado tantas tribus selvagens, que

se resolva a quebrar uma preciosa linha de defeza, a impellir os seus fieis soldados para a revolta, ainda que seja para nos seus estados fazer triumphar os grandes principios das sociedades modernas.

XXI

O EXERCITO RUSSO

Em qualquer paiz livre ou escravizado, o exercito tem por base ou a tradição, ou o privilegio. Para inocular na Russia um espirito novo, o imperador deve, é isto d'uma necessidade absoluta, crear relações mais estreitas entre o organismo militar e o paiz que liberta.

Primeiro é necessario nobilitar a profissão das armas, fazendo que o soldado, durante o tempo de serviço, comparti-lhe do antigo privilegio do principe e do boyardo que, isentos das penas corporaes, não podiam ser condemnados ao affrontoso castigo do knout. Hoje o castigo corporal deve ser banido dos exercitos. Anteriormente ao actual reinado o exercito, pelo menos em theoria, era uma escola aberta ao merito e algumas vezes um homem proveniente, como o general Skobelev, d'uma familia d'aldeões, elevava-se aos mais altos postos; mas o illustre general tinha um d'esses merecimentos excepçoes que abrem sempre larga passagem e que chegam aos pontos mais culminantes. Escriptor distincto, soldado illustrado, estava infallivelmente destinado a uma carreira brilhante e a sua nomeação para governador da praça de S. Petersburgo a ninguem surprehendeu. Taes exemplos, raros na Russia, na Austria e na Inglaterra, pouco ou nada provam. Outra coisa succede agora depois de estarem em execução as reformas de Alexandre II; essas reformas dão a qualquer homem as probabilidades de subir postos. Os soldados são mais bem instruidos, melhor vestidos, têm melhores quartéis. É verdade que nas provincias distantes as tropas não podem rivalisar com as que se admiram em Tsarkoe Selve; mas são ainda assim objecto de cuidados anteriormente desconhecidos. Cada soldado tem um par de botas, um capote e um bonnet quente. A alimentação é melhor: dão-lhe carne e já não é obrigado a jejuar. As infames varadas foram abolidas.

Um soldado que servira um pouco antes da guerra da Crimea resumia-me d'um modo evidente a differença que separa o antigo do novo systema.

(Continua.)





ALFUROS DE GALILA VINDO PHOTOGRAPHAR-SE

## VIAGEM À NOVA-GUINÉ

POR

ACHILLE RAFFRAY

ENCARREGADO D'UMA MISSÃO SCIENTIFICA PELO MINISTERIO D'INSTRUCÇÃO PUBLICA EM FRANÇA

(Continuado da folha 33)

### TERNATE — AS MOLUCAS

A ilha de Salwaty — O rajah Abou-Kassin e o principe de Tidoro — Dorey — Os Papus Mafors — Costumes — Enfeites — Armas — Arithmetica papu — Deslealdade — Governo — Individualidade — Solidariedade — Casamentos — Escrupulos — Paixões — Religião — Casa sagrada — Idolos e legenda buddhica ou christã — A arte papu — Lingoas — A aldeia d'Aiambori — Habitações — Os Papus Arfaks — Penteados — Costumes sanguinarios — Roubo d'um escravo e singular vingança.

**P**EPOIS de muitos dias de viagem o primeiro ponto de terras papus a que aportamos foi a aldeia de Salwaty, situada a nordeste da ilha do mesmo nome á entrada do estreito de Galévo. As terras mui baixas n'este ponto prolongam-se muito pelo mar em bancos d'areia

e de coral que se erguem no meio das agoas e que cobertos de verdura obrigam os navios a ancorar muito distante da ilha.

Idriss e eu desembarcamos para visitar o rajah. M. Maindron, que continuava soffrendo da ferida na perna, ficou a bordo.

Havia excellentes razões para suppôr que Abou-Kassin, rajah da ilha de Salwaty, era aliado do revoltoso Hassan. Por isso para mais segurança Idriss recommendou-me que levasse o meu revolver e que entregasse a minha espingarda a um dos homens do meu sequito. Elle tomou as mesmas precauções e assim armados até aos dentes desembarcamos na primeira terra papu.

O rajah estava prevenido da nossa visita. Logo



que chegamos defronte da sua habitação, alguns servos offereceram-nos cadeiras malaias e nós sentamo-nos n'uma varanda rustica.

O senhor não se fez esperar. Era um homem decentemente vestido com o traje malaio: sarong em lugar de calças, um jaquetão de fazenda d'algodão e na cabeça um barrete meio tecido de-lã e meio tecido d'esparto. D'estatura pequena, magro, muito trigueiro, d'apparencia inezada, o rajah Abou-Kassin nada parecia um malaio;

tomar-se-hia antes por um arabe, o que não seria para admirar, pois que é provavel que os arabes ahi pelo seculo decimo quarto tivessem estado em Ternate.

Abou-Kassin (não duvido que ainda viva) tem á primeira vista um ar modesto e reservado, polido e mesmo adocicado. Falla pouco, mas a observação mais superficial da sua pessoa basta para convencer que tudo são apparencias para occultar os seus detestaveis instinctos e maus desi-



HASSAN E SEU FILHO IDRIS

gnios. Poucas vezes tenho encontrado uma phisionomia tão manifestamente falsa, uma expressão de face tão cruel.

Um servo offereceu-nos cigarros. Acceitei-os, mas guardei-os e só accendi um quando vi o rajah fumar dos mesmos, pois que se não receiava que elle recorresse a alguma violencia, não tinha comtudo confiança n'elle e posto que o dissessem valente, julgava-o mais disposto a servir-se de veneno do que do punhal.

Um outro personagem importante acompanhava o rajah: era o principe Tidoro, filho ou sobrinho do sultão. Em Ternate julgavam-o assassinado na ilha de Guébé. Mas elle tinha o cuidado de não comprometter a sua vida e em vez de andar crusando no mar, segundo as ordens

que recebera do seu real senhor e parente, viera para Salwaty, entregar-se a um delicioso *farniente*. Era hospede de Abou-Kassin.

Olhando para um e outro pensei que seria difficil encontrar dois homens com mais dissimilhanças. O principe era alto, forte, de côr clara, com face bonacheirona, mesmo até estúpida, e vaidoso; fallava alto, com sons nasaes e era muito palrador.

O rajah estava sentado na borda da cadeira, pouco á vontade, como se tivesse por assento uma almofada de espinhos. O principe, pelo contrario, enterrara-se na sua e crusara as pernas commodamente. Um era cauteloso por malvadez, o outro era franco por toleima.

Adivinhando as nossas suspeitas o rajah mos-



trou-nos uma carta que recebera do revoltoso Hassan. Este pedia-lhe para que fizesse causa commum com elle; mas o perfido Abou-Kassin era muito fino para aceitar a proposta; nada tinha a ganhar com tão compromettedora alliança e conhecia muito bem os hollandezes para estar convencido que, mais cedo ou mais tarde, elles seriam os vencedores; tinha já muitos crimes fazer perdoar para ir sobrecarregar as suas culpas que muito modestamente lhe davam meritos para o dependurarem n'uma força.

Suspeitei mesmo que, dando hospedagem ao principe Tidoro, se queria servir d'elle como para-raios, para testemunhar a sua fidelidade aos hollandezes, fidelidade de que, deante de nós, em phrases discretas mas bem sentidas fez o pro-testo.

Tendo a conversa tomado um tom amigavel communiquei-lhe o desejo que tinha de caçar na sua ilha; respondeu-me elle em termos muito simples que, emquanto eu me conservasse nos arredores da povoação, sob a sua protecção immediata, nada eu tinha a temer; mas que, se eu tentasse a embrenhar-me pelo interior, não podia responder pela minha segurança e que corria o perigo quasi certo de ser assassinado.

«O paiz está hoje socegado, mas eu não posso prever o estado em que amanhã se encontrará.»

As populações do interior de Salwaty são certamente perigosas, mas creio que se o rajah o tivesse querido nada de serio haveria a receiar; mas o rajah não o quer e é um motivo de interesse pecuniario que lhe determina o proceder. A ilha de Salwaty é a patria de uma das mais formosas aves do paraizo (*Seleucides alba*). As costas de reflexos violaceos, o peito de velludo preto ornado com uma bordadura de um verde metalico e as poupas de amarello limão tornam esta ave muito procurada para enfeites que custam preços fabulosos. O rajah deseja guardar para si este thesouro e todas estas aves do paraizo lhe passam pelas mãos. Era esta a causa do seu caridoso aviso; mas, seja qual fôr a causa, é util segui-lo, pois que Abou-Kassin não teria escrupulo em fazer desaparecer o viajante temerario, desculpando-se depois com os seus subditos que apenas teriam executado as ordens por elle dadas.

Deixamos Salwaty a 26 de janeiro e impellidos por um vento muito fraco e com mar de grossa vaga difficultosamente costeamos a costa norte da Nova-Guiné, que d'ora avante chamarei pelo seu nome indigena «a Papuasias».

No dia 30 á noite passamos perto da pequena ilha Aori, onde voltarei mais tarde, e no 31 de manhã estavamos á entrada da bahia de Dorey, termo da nossa viagem.

Era preciso sem tardança construir uma baraca, trabalho que felizmente na Papuasias nem é demorado nem difficil e tanto menos que Idriss trazia um carregamento de folhas de coqueiro preparadas para cobertura e que, medeante a paga de um sarong e de uma pequena faca por cada homem, vinte papus consentiram em construir. Mas antes de ir mais longe o leitor quererá, penso eu, visitar a aldeia de Dorey, conhecer os seus habitantes, os seus usos e costumes.

Ao norte da grande bahia de Geelwink encontra-se uma depressão que fórma a bahia de Dorey; na costa septentrional enfileiram-se tres pequenas aldeias. Konavi a éste, onde nos tinhamos estabelecido, Baoudi ao centro e Monnonkanari a oeste.

A bahia está protegida dos ventos do éste pela ilha de Manasonari, mais conhecida pelo nome de Mansinam, nome da sua unica povoação.

Uma outra ilha mais pequena e completamente inhabitada, ilha de Monsmapi, felizmente, graças aos altos rochedos, põe uma barreira aos tufões vindos do sul.

Todas as casas das aldeias de Dorey e de Mansinam são construidas no mar sobre estacaria a cincoenta ou sessenta metros da praia com a qual estão em communicação por meio de uma ponte feita de troncos d'arvores collocados sobre estacas.

Estas casas da fórma de um quadrilatero mais ou menos regular tem um immenso tecto coberto com folhas de coqueiro, semelhando a querena de um navio.

Cada casa está dividida em quatro partes: ao centro, no sentido longitudinal, ha um corredor, continuação da ponte e que dá de cada lado accesso por uma unica porta a pequenos quartos quasi completamente escuros; havendo de cada lado cinco, seis ou sete compartimentos. Em frente da casa, do lado do mar, o corredor desemboca sobre uma especie de terraço aberto por tres lados mas coberto.

Os processos da construcção de que os papus me tinham já offerecido um exemplo indicam sufficientemente o que devem ser exteriormente taes habitações; mas o que ninguem pôde imaginar é interiormente o spectaculo de desordem, mais pittoresco, do que confortavel, em



que troncos, ramos, bambus, cortiças, esteiras se enterlaçam e amontoam, tudo movel, vacillante, escorregadio, deixando abertos espaços largos, parecendo bocças immensas capazes de engulir um homem e preparando por toda a parte precipícios, necessitando-se uma grande destreza e equilibrio para andar pelo meio de taes abysmos.

É bom que se não julgue que cada um d'estes quartos, que se alinham dos dois lados do corredor, tem um destino particular para o serviço de cada familia; não, as necessidades do papu não são multiplas. Qualquer d'estas casas é ella só uma pequena aldeia, uma pequena colonia e cada quarto é occupado por uma familia distincta, comprehendendo pae, mãe e filhos. Todavia a casa pertence, nominalmente pelo menos, a um individuo que se poderá chamar chefe de familia, *pater familias* e todos que a habitam, dez, vinte, trinta e mesmo cincoenta, são seus parentes, seus amigos e seus escravos. Estes ultimos contribuíram todos para a construcção do edificio visto que vivem em commum, ligados uns aos outros pelos mesmos interesses, pelas mesmas necessidades e pela mesma lucta pela vida. Só os rapazes que tenham attingido a nubilidadade são excluidos da casa e nós veremos logo a razão porque e como, quando fallar dos costumes e da religião dos papus.

A mobilia é ainda mais primitiva; as cadeiras e as mezas são-lhes desconhecidas: mesmo quando ha um assento qualquer os papus acocoram-se apoiando-se sobre os calcanhares. Duas ou tres taboas talhadas n'um tronco com uma machada e cobertas com uma esteira são o seu leito; uma grade de bambus coberta com uma camada de terra serve-lhe de lar; os alimentos, quando não são crus, são quasi sempre assados debaixo da cinza ou grelhados. Os potes de barro, posto que se fabriquem em Dorey, são um luxo raro. Compridos e grossos bambus interiormente perfurados servem de depositos para a agoa; se ajuntarmos alguns saccos feitos de esparto, arpêos, arcos, flechas, lanças teremos a lista completa da mobilia papu.

Que abysmo entre o homem que vive como um animal n'este estado de barbaria e o homem civilisado que em todas as funcções da vida animal procura um goso para o seu espirito! Se não fôra a palavra e uma perfectibilidade relativa, o homem selvagem teria mais semelhança com o animal, do que com o homem civilisado.

Os papus são de bella estatura e mais altos

que os malaios, têm os braços e as pernas um pouco secas, o rosto oval, as maçãs da face prominentes, a testa pouco espaçosa, os olhos sem obliquidade, o nariz aquilino (differindo n'isso essencialmente dos malaios que o tem achatado.)

Salvo raras excepções, os labios são mais ou menos espessos; o conjuncto do rosto não apresenta signal algum de prognatismo; a côr da pelle varia entre os numeros 27, 28, 29 e 30 do quadro chromatico da Sociedade de anthropologia, isto é entre o pardo escuro e o amarello côr de canella com cambiantes levemente avermelhados. As côres claras são raras e só se encontram nas mulheres.

Os cabellos são muito variaveis nas differentes tribus; mas sempre pretos retintos e lanosos; a barba é pouco abundante, mas raras vezes ha completa carencia d'ella, posto que não se desenvolva antes das edades avançadas.

Nas mulheres uma espessa camada de porcaria, excoriações, vestigios repellentes d'enfermidades cutaneas, resultado d'alimentação má e insufficiente, torna-as pouco seductoras. Raras vezes agradaveis na adolescencia e cedo disformes pela maternidade precoce e trabalhos pesados depressa se tornam d'uma fealdade repellente. O seu trajar é o mais primitivo que ser pode. O que lhes serve para cobrir os órgãos genitais nem é um tecido, nem a pelle d'um animal: é uma casca d'uma certa especie de figueira cortida e preparada depois de ter sido molhada e por muito tempo batida com um masso de pau. A côr é um amarello cru e com effeito pela consistencia, elasticidade e apparencia aproxima-se tanto do papel como de qualquer tecido. Cortada em longa tira serve de cinto e passando por entre pernas vem cahir na frente em fôrma d'avental mais ou menos comprido. Em rigor é este o trajar dos papus. Algumas vezes as mulheres usam este cinto um pouco mais largo e atado em volta dos rins, de maneira que, cahindo até aos joelhos, fôrma uma curta saia. O mesmo acontece em Dorey (os velhos e bons costumes vão desaparecendo!) onde usam *sarongs*.

Os enfeites são grosseiros mas numerosos e algumas vezes tendo certa originalidade.

O penteado varia nas diversas tribus papus. Os Mafors, habitantes de Dorey, de que agora estamos fallando, penteiam-se com bastante originalidade. Os cabellos naturalmente encarapinhados são desgrenhados com um comprido pente de bambu, que mais parece um garfo do



que outra cousa, até que formem uma massa eriçada attingindo duas ou tres vezes o volume da cabeça. Para egualar os cabellos e dar-lhe apparencia de mais frisados passa-se-lhe por cima um tição incandescente; n'esta massa lanosa espeta-se horisontalmente um pente de bambu esculpido e algumas vezes guarnecido de

pennas ou pelles, pente que se prolonga testa fóra vinte e cinco ou trinta centímetros. Este é o sonho de todo o papu elegante. Ao vel-os recordamo-nos dos espanadores com que em França limpam as abobadas d'egrejas e os tectos dos palacios.

(Continúa.)

## CRUZEIROS NA COSTA D'AFRICA

(Continuado da folha 34)

AS LINGOAS do sul d'Africa conservaram o typo *kumi* que encontramos no pongoné *igomi*, no fan *du om*, no souhely *koumi*; o vocabulo soninké *tammou* com aquelles tem afinidade. As lingoas do norte d'Africa derivam dez do primitivo *pul*, em Yoloff *fouqs*. *Sapo*, em peul, tem uma grande semelhança com o malaio *sapofoulou* que serve de transição ao antalote *foulou* e ao polynesio *ongo foulou*: o gond serve-se de *poud* que pôde ter a raiz ou no pé ou na barba.

Portanto as palavras cinco, nove e dez indicam que houve expansões da Asia para a Africa ou reciprocamente. A presença dos negros na Nova Guiné faz-nos suppôr que poderiam ter d'este ponto irradiado para o archipelago polynesio. O centro d'Africa, ponto de contacto das lingoas e das raças, poderia ter sido o ponto de partida d'esta migração; os Gallas conservaram a tradição de terem habitado as margens do lago Tchad; hoje a marcha dos Fans é para o sudoeste.

Dois pontos teriam podido servir de partida á expansão africana para este: o mar Vermelho e a costa Zanzibar; a regularidade das monções nos mares das Indias favoreciam estas emigrações. Admittida a origem africana, estes pontos parecem pois ter sido os logares provaveis por onde passaram os povos negros que se dirigiam para o Oriente. Madagascar e uma parte da costa oriental d'Africa conservaram os rudimentos da piroga dupla ou de balanceiro que se tornou um instrumento mais completo de navegação nas mãos dos Polynesios. O malgacho é uma lingua malaia modificada por vocabulos africanos. E' pois provavel que os navegadores africanos depois de terem abandonado o seu continente fossem para a Nova Guiné e Nova Caledonia, d'onde depois irradiaram para as Marian-

nas e d'onde mais tarde partiram a conquistar Havaï, onde introduziram as palavras africanas que ahi se encontram. Encontra-se tambem em Pomotu um povo cuja origem é evidentemente africana.

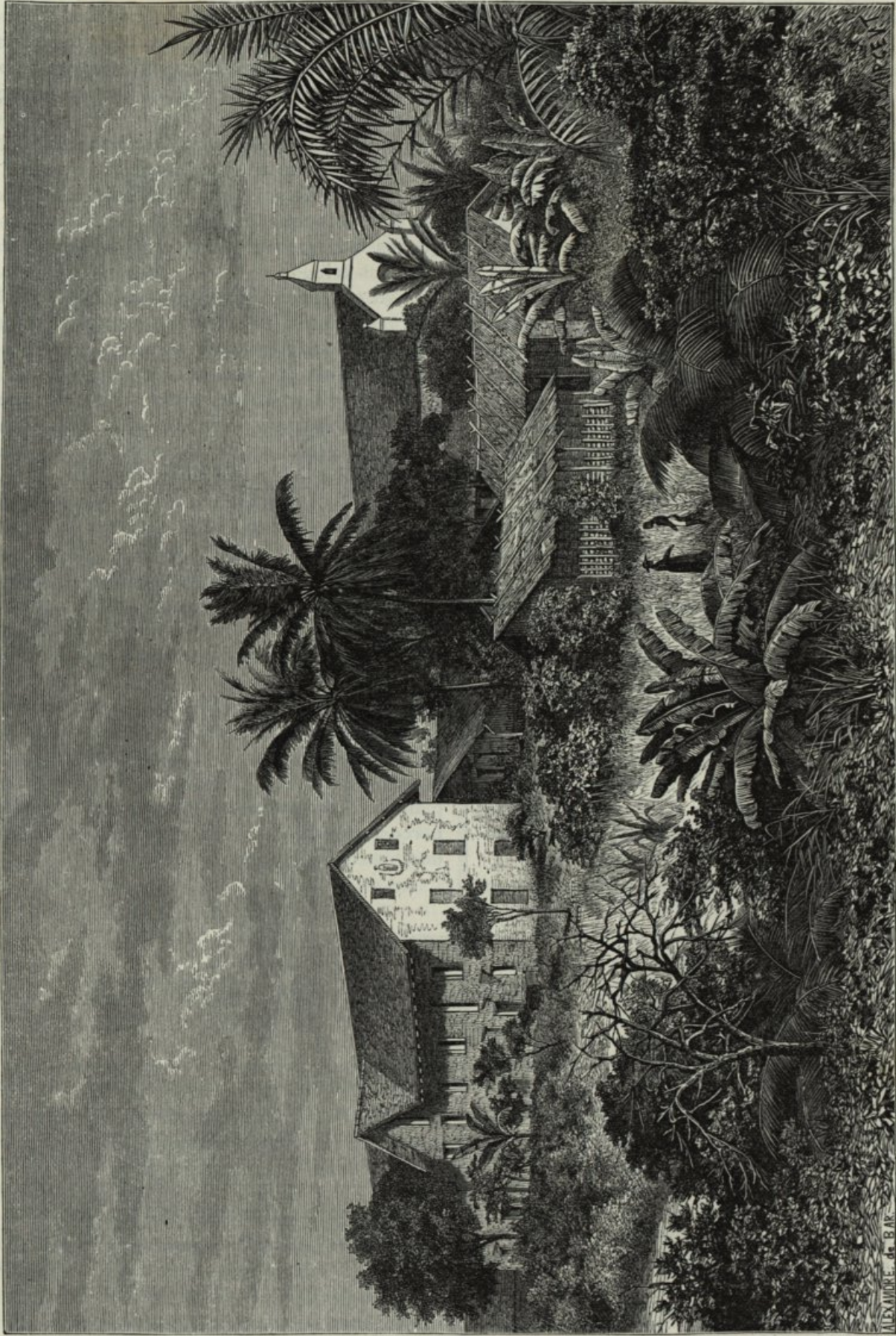
Parece pois que os nomes dos numeros são os ellos da cadeia que entre si ligam a Africa, Asia e a Polynesia. Quando melhor se tiverem classificado os vocabularios d'estes povos, as comparações serão mais fecundas e permitirão aos philologos o acompanhar com mais precisão essas antigas migrações.

A exposição internacional de geographia de Paris offereceu uma occasião unica para comparar os conhecimentos dos antigos a respeito d'Africa com os que nós hoje possuímos conquistados á custa de tantos perigos e fadigas. Eu consultei com o interesse que merecia a copia do famoso mappa-mundo de Henrique II, exposto pela familia de M. Gomard. O velho Calebar é n'esse mappa representado como tendo extensa corrente. Perto do undecimo grau norte vê-se um lago isolado. A latitude dada aos pantanos de Tem por Vogel é de 10,°3', pouco differindo da que lhe attribue Overweg que é 10,°9'. O lago Tabury, quasi tão importante, tem a latitude de 9,°30'.

O mappa de Henrique II parece principalmente uma reminiscencia de Ptolomeu que recolhera as informações dadas *de visu*, visto que entre o nono e o decimo grau de latitude norte existe uma grande depressão.

O Pahouin ou Fan é um famoso typo africano; tem o corpo admiravelmente proporcionado; pela musculatura do tronco faz lembrar os bronzes florentinos de que tem a côr; a cabeça bem proporcionada está ligada ao busto por um pescoço que sem ser atarracado é forte e apparenta extremo vigor; os dentes são muitas ve-





EDIFÍCIO DAS MISSÕES NO GABÃO — Desenho de A. de Bar, segundo uma photographia



zes inclinados para a frente como os dos Foulahs; o penteado é excêntrico; os cabellos são rapados á navalha por cima das orelhas, nas fontes e na nuca; os cabellos do alto da cabeça, conservados com cuidado, são entrançados e formam pequenas tranças que cahem por cima das orelhas, duas outras tranças maiores andam cahidas nas costas: dois feixes de cabelo amarrados com arame e enfeitados com missanga sahem ponteagudos da frente simulando cornos; um pennacho de pennas da cauda de papagaio completam este penteado.

O corpo anda completamente nu, á excepção dos órgãos genitales, cobertos por uma facha de casca de arvores tecida que lhes passa por entre as pernas. Esta facha abre-se em leque ao fundo da espinha dorsal, dando ao selvagem um aspecto singular. Este appendice pode talvez ter sido a origem dos celebres contos a respeito do homem de cauda. Um punhal de larga folha é ordinariamente trazida n'esta cinta, adiante.

As pernas são grossas e musculosas, os pés pequenos. A arma favorita do Fan é a espingarda, trazendo sempre tambem uma ou duas zagaia para não ficar desarmado depois de ter disparado a espingarda; a bayoneta não foi adoptada pelos negros. O Sacalavo de Madagascar tem os mesmos habitos. O velho *finarite* de Baly mostrava-me orgulhoso a zagaia com que pela sua propria mão matára quarenta Hovas.

A companheira do Fan, quando jovem, tem fórmas elegantes; mas as glandulas mamarias não são n'ellas tão bem conformadas como nas raças do norte. É comprada pelo marido.

As mulheres Pahouins, ao contrario do que

se dá com as demais raças negras, concebem em edades muito avançadas e se se não quer ser mal recebido não se commetta a indiscripção de perguntar a uma velha de quem é a creança de que ella parece ser a avó.

O governador de Yola, de quem Barth obtivera as informações ethnographicas que deu no seu livro de viagens, citava os Sokos no numero dos povos conquistados; eu adquiri a certeza de que os Fans reconheciam os Sokos como uma das suas tribus.

Este governador disse a Barth que os Foulahs, querendo entrar no reino de Moropoë, tinham feito uma expedição para o sul e que depois de terem andado errantes dois mezes por meio de bosques, voltaram tendo unicamente encontrado dois seres humanos, subditos de uma rainha cuja cidade teria umas quinze legoas de circumferencia. Sempre a exaggeração do negro.

Como factio geral nota-se que os povos situados ao oeste do lago Tchad cultivam o algodão que tecem com habilidade. São industriosos, têm grandes mercados, emquanto que uma selvageria extrema ha nas tribus comprehendidas entre este lago e as origens do Nilo. Aqui vestigio algum de industrias textis; entre elles o algodão é substituido pela casca das arvores.

Um factio ressalta de tudo isto: que os sete ou oito graus que separam Yola do Gabão, são cobertos por hervas espessas desporvidos d'habitantes e que deve haver n'estas paragens um planalto das vertentes do qual sahem os rios que percorrem estas immensidades; os rios até agora descobertos correm para oeste.

(Continua.)

## SUPERSTIÇÕES POPULARES EM PORTUGAL

(Continuado da folha 32)

**P**ROCESSO da Inquisição de Evora, contra Luiz de la Penha, em 1626 (Arch. nacional, n.º 8179) é um vastissimo inventario das superstições portuguezas do fim do seculo xvi e primeiro quartel do seculo xvii. Muitos dos segredos e esconjuros da feiticeira já tinham sido transmittidos a Luiz de la Penha por seu pae; <sup>1</sup> assim a epoca, a vida provincial e as

<sup>1</sup> Libello, art. 8.º «tem livros de advinhar, os quaes dizem que lhe ficaram já do pae...»

crises historicas por que passara a sociedade portugueza, reflectem-se n'este processo com uma immensa luz sobre os nossos costumes. A primeira devassa contra Luiz de la Penha realisou-se em setembro de 1616. Elle attribuia-se poderes magicos, porque chorara no ventre da mãe: «E assi confessou que entendia que adivinhava algumas cousas, *porque chorou no ventre da mãe, segundo lhe ella diz.*» (Art. 10.) <sup>2</sup>

<sup>2</sup> Esta superstição ainda é vulgar.



No Repertorio do Archivo da Camara Municipal de Lisboa, entre 1630 a 1632, fala-se dos Pôs pestíferos: «O vereador Diogo da Cunha, estivesse em Belem, quando se temiam os pôs, que se dizia, traziam os estrangeiros para causarem peste.» E mais: «Ao provedor da saude de Belem, se concedeu usar vara vermelha, em quanto Diogo da Cunha permanecesse em Belem, e por causa dos pôs, que se dizia traziam pessoas suspeitosas.» Estas credices surgiram pelas noticias atterradoras da peste de Londres de 1631. Sobre este assumpto escreveu Frei Manoel de Lacerda um *Memorial e antidoto contra os Pôs venenosos, que o demonio inventou, e que seus confederados espalham em odio da christandade*. Lisboa, 1639. (Vid. Ribeiro Guimarães. *Summ.*, III, p. 145.) No processo de Luiz de la Penha (articulados 14, 15 e 16) citam-se os objectos dos seus bruxedos: um saquinho pequeno de linho, *uns pôs pardos, grãositos com uma cousa branca maior, pequena pedra amarella*, cousa como um feijão, dois pedacinhos de *pedra de ara*, etc.

No Auto de fé de 28 de novembro de 1621 saiu condemnada a sambenito perpetuo Luiza de Sousa, porque resava esta Oração:

Deus diante e eu detraz  
Deus de traz e eu diante...

O christão velho Pedro Affonso foi tambem condemnado, além de ter communicação com o diabo em fôrma de *menino de dez annos*, porque: «Tinha um *livro* intitulado de *S. Cyprião*, e n'elle se diziam as curas que se haviam de fazer. Querendo curar alguns doentes, os levava *ao longo de um rio*, e ali os sangrava na testa com um al finete, e lhes fazia dizer estas palavras:

Estou picado e enfeitçado,  
Jesus, nome de Jesus,  
Despicæ-me e desenfeitçæ-me...

«Não curava senão ao domingo, dizendo que assim lh'o mandava o *livro de S. Cyprião*. Aconteceu que uma vez lhe achou este livro um clérigo, e vendo as torpezas e parvoices que n'elle estavam escriptas, o rompeu e botou debaixo dos seus pés, e o pisou com elles, e por fazer isto, fez com que os diabos tomassem o clérigo e o levassem a *um monte* onde estava um mato, e o trataram ali muito mal, e tanto que o não puderam d'ali trazer senão em um carro. Outra vez fez com que os mesmos diabos para irem a casa do mesmo clérigo, e lhe quebraram toda a

loiza que tinha.» <sup>1</sup> Tambem no Auto de fé de 29 de Agosto de 1559 em Lisboa, se diz de «Gil Vaz Bogalho, que foi Juiz de fôra da cidade de Evora e Desembargador da Casa do Civel; sendo christão velho, morreu queimado por judeu de crença, confitente e diminuto; cujos hereticos erros lhe introduziu sua mulher, que era christã nova, e em sua attenção compoz trovas em louvor da lei de Moysés, as quaes fazia cantar na sé de Lisboa, da qual era parochiano.» Antes da Inquisição farejar a tradição semitica das superstições populares sob a fôrma de judaismo, já um poeta satyrico do Cancioneiro de Resende escrevia:

Vi esta vossa cantigua  
que da *toura muy antiga*  
me parece ser forjada.

(*Canc. ger.*, t. I, p. 249.)

As Orações populares, condemnadas pela Inquisição, levavam á fogueira aquelles que as repetiam tradicionalmente. Ainda hoje se resa o *Padre Nosso pequenino*, e ninguem suspeitará da sua antiguidade, nem que por elle derramou sangue o pobre povo. A critica é muito mais humana do que a fé. Frei Antonio de Portalegre, na *Paixão metrificada*, insurge-se contra o uso de cantar cantigas profanas nos templos; no seculo XVI um Bispo de Coimbra prohibia que os trabalhadores do campo cantassem cantigas, e Frei Luiz de Sousa conta que na visita do Arcebispo Bartholomeu dos Martyres á serra do Bouro, o prelado bracharense se contristara ouvindo esta cantiga:

Benta seja a Santa Trindade  
Irmã de Nossa Senhora.

Isto revela o que o povo percebe da metaphysica catholica; dá aos seus velhos mythos as designações da nova hierologia. As Orações a Santa Anna conformam-se em tudo com os vestigios do culto da prostituição sagrada; em Vianna do Castello canta-se:

Senhora Santa Anna  
Subiu ao monte,  
Aonde se assentou  
Abriu uma fonte.  
Oh agua tão doce,  
Oh agua tão bella!  
Anjinhos do céo  
Vinde beber d'ella. <sup>2</sup>

<sup>1</sup> Apud *Summario de varia Historia*, do Dr. Ribeiro Guimarães, t. IV, p. 88.

<sup>2</sup> Ap. Leite de Vasconcellos, *Tradições*, p. 75.



*Anah* é a Venus babilónica, que apparece em Roma com o mesmo character orgiastico; as festas sensuaes eram nos Idos de Março, e isto nos explica o sentido de um documento citado por Viterbo, de 1346, em que se prohibe ás mulheres tocarem adufe no mez de Fevereiro: «E disse que *qualquer outra mulher que no dito mez de Fevereiro tanger adufe, que o mordomo a achará e chamará a juizo, até que se avenha com o Mordomo.*» (Vb.<sup>o</sup> ACHACAR.) Em outro lugar Viterbo diz que não comprehende o intuito d'esta prohibição; mas evidentemente refere-se ao culto da prostituição sagrada das Sucoth e Benot. O templo da deusa-mãe era em fôrma de monte, o adufe era o tympanum dos hierodulas e das galas da deusa syria; as aguas symbolisam a concepção do annuos universal. Por todo o litoral do Mediterraneo se estendeu este culto pela influencia simultanea dos phenicios e dos jonios, e onde quer que se acha estabelecido um templo á Deusa-Mãe, facilmente foi aproveitado pelo Christianismo para a propagação do culto da Virgem Maria. O povo ainda liga á devoção da Virgem Maria a ideia de um culto chtoniano; na Guarda diz-se:

Esta *agua encharcada,*  
Valha-me a *Virgem sagrada.*<sup>1</sup>

Nas orações populares encontram-se vestigios de outros cultos; no articulado 18.<sup>o</sup> do processo contra Luiz de la Penha, vem esta accusação: «E outro papel com as palavras da conjuração das Cartas de tocar, em que mete a Deus Padre, e a Virgem Maria, e todos os apóstolos e santos e santas da côrte do céu, e com elles juntamente diabos, e Santa *Leona*, e Santa *Trebuca* e Santa *Maruta*, e *Monte-Negro* e seus irmãos e companheiros...» O nome de *Maruta* é de uma importancia extraordinaria para a comprehensão d'estes cultos decahidos; no Alcorão prohibe-se o invocar os *Harut* e *Marut*. O vento, no mytho vedico, é adorado na fôrma de Rudra, (isto é o terrivel) e de *Maruta* (isto é os zephiros ou rapidos) e ambas estas fôrmas são condemnadas pelo mahometismo apesar dos numerosos elementos zendicistas que entraram na redação do texto do Koran.<sup>2</sup> Vê-se por tanto que esta invocação a *Maruta*, na feiticaria

<sup>1</sup> Ap. Leite de Vasconcellos, *Tradições*, p. 68.

<sup>2</sup> A relação de Rudra com *Marut*, leva-nos a achar o sentido com que na feiticaria entrou o nome de *Trebuca*; um dos doze Rudras era chamado *Triambaka*. Compreende-se como na tradição medieval se converteram em Santa *Trebuca* e Santa *Maruta*. O nome de Santa *Leona* é uma personi-

portuguesa do seculo xvi, era um vestigio da tradição dos Arabes conservada entre as classes populares. Não se devem confundir estas duas entidades *Martha* e *Maruta*; a primeira é objecto de um culto immensamente generalizado, como vimos pelos seus elementos dispersos das superstições dos montes, dos charcos, dos lameiros, dos rios e fontes santas; da prohibição de tanger adufe em fevereiro, do sabbath e até das orações a *Marta a não dina*.

Na linguagem popular existem algumas locuções em que transparece ainda o character sensual d'este antigo culto decahido, mas persistente na feiticaria do seculo xvi e xvii; *Morra Martha*, *morra farta*, é um anexim que só se comprehende diante dos factos de hallucinação orgiastica, que ficam acima expostos; *Lá vai tudo quanto Martha fiou*, é uma locução que condiz com a realidade do que se passa na romaria a *Santha Martha*, no Minho, á qual as mulheres levam offertas de meadas, que se empregam como remedio nas hernias scrotaes.

A este systema cultural da Deusa-Mãe, ou do chtonismo plebeu, pertencem essas cerimoniaes orgiasticas do Sabbath nocturno, de que fallamos moralistas da idade media, e os demonologistas do seculo xvi e xvii; o nome de *Marta*, dado ao rio que alagava as planicies em que se estabeleceram as colonias asiaticas da Etruria, e o character de conjuração politica com que se descobriram as thiasas ou confrarias orgiasticas no consulado de Postumiur Albinus, (186 annos a. de C.) levam a considerar este culto como um vestigio da religião dos antigos povos italicos conquistados pelos Romanos. Tito-Livio descreve as cerimoniaes sensuaes d'este culto, reveladas por um inquerito official, do qual resultou uma excessão de perto de quatro mil pessoas accusadas de tomarem parte nos mysterios bachanaes. Baisac considera estes ritos como persistindo nos Sabbats da idade media, apoiado na comparação entre os factos do inquerito romano e os depoimentos colligidos por Bodin na *Demenomania*, e por Delancre, no *Quadro da inconstancia dos máos anjos e dos demonios*.

(Continúa).

THEOPHILO BRAGA.

ficação das festas mythriacas, a que os gregos chamaram *Leonticas*, o que se justifica pela extraordinaria propagação do culto de Mithra no occidente, como o prova Beugnot. Essa outra entidade chamada *Monte-Negro*, decompõe-se em *Monkir-Nekir*, os dois anjos negros da crença mussulmana, que fazem os primeiros interrogatorios aos mortos.





AGUSTO E SEU COMPANHEIRO CONDUZEM O MAIOR PARA UM LUGAR MAIS SECCO — Composição de D. Maillart, segundo o texto



# COMO EU ATRAVESSEI A AFRICA

DO ATLANTICO AO MAR INDICO—VIAGEM DE BENGUELLA Á CONTRA-COSTA—ATRAVÉS REGIÕES DESCONHECIDAS—DETERMINAÇÕES GEOGRAPHICAS E ESTUDOS ETHNOGRAPHICOS

POR

**SERPA PINTO**

PRIMEIRA PARTE

## A CARABINA D'EL-REI

(Continuado da folha 35)

**P**IZIA-ME elle, que não tinha recebido de superior auctoridade ordem alguma para não me fornecer os meios de que eu carecesse; mas que, se tal ordem viesse a receber, elle e os negociantes de Benguella estavam promptos a enviar-me tudo o que eu pedisse.

Vinha depois a carta de Silva Porto, que não menos valiosa era.

Dizia-me o velho sertanejo que não partisse sem recursos. Que requisitasse para Benguella o que eu julgasse necessario, e que elle se encarregaria de me fazer chegar ao Bihé aquillo que eu pedisse.

Terminava o honrado ancião por estas palavras: «Estou velho, mas rijo e forte; se o meu amigo se vir n'um d'esses trances, vulgares no sertão, em que a esperança se perde, sustente-se no ponto em que estiver, e dê tudo ao gentio para me fazer chegar ás mãos uma carta sua. Não hesite em o fazer, e tenha esperança; porque no mais curto espaço possivel eu serei commigo, e commigo irão todos os recursos, todos os socorros. Sabe que eu não uso fazer offerecimentos vãos, quando precisar escreva, e eu irei logo.» A estas palavras não preciso eu de fazer commentarios, e nem mesmo aqui lhe juntarei uma palavra de agradecimento, que seria ridicula.

Aquella remessa que recebi de Benguella foi-me trazida por um irmão do Verissimo, Joaquim Guilherme, que me disse deverem chegar no dia seguinte o resto das cargas da expedição, e com ellas a polvora por que eu almejava.

Como sempre que chegava um portador de Benguella, Joaquim Gonçalves trazia-me uma lembrança de Antonio Ferreira Marques.

Eram sempre alguns regalos para a pobre mesa do sertanejo.

Chegou finalmente o 6 de maio, e começou logo grande tarefa de encher cartuchos, porque de manhã recebi a polvora.

Durante 4 dias empreguei entre 36 e 40 homens no encher dos cartuchos, que estavam promptos, e só era deitar-lhes polvora e dobral-os.

Ficou tudo prompto a 10 de maio, e no dia 11 tinha eu reunidos todos os carregadores, prompto a seguir no dia immediato. Fiz a distribuição das cargas, e dei as ordens para a partida.

Na manhã de 12, quando esperava pôr-me a caminho, vejo que só tinha uns trinta homens, tendo fugido todos os outros.

Soube então, que na tarde da vespera, tinha andado o preto Muene-hombo de Silva Porto, com uns pretos desconhecidos, dizendo aos bihenos que eu os queria levar para o mar, e que aquelles que fossem commigo não voltariam mais, porque eu os venderia.

O preto Muene-hombo fugira com os bihenos, e d'elle não havia mais noticia.

Esta nova deu-me um profundo golpe de desanimo.

Os carregadores, que eu a tanto custo tinha reunido, que eu com trabalho immenso tinha contratado, a quem fôra preciso desfazer uma a uma todas as apprehensões que tinham contra a minha empreza, fugiam-me, convictos de que eu os ia encaminhar á perdição.

Era um golpe terrivel.

Breve se espalharia no Bihé a noticia do facto; breve se arreigaria entre os pretos aquella convicção, mal destruida pelos meus reiterados argumentos, e então seria impossivel obter um só carregador mais.

Quasi desanimei.

Pela primeira vez, depois que em Lisboa tinha pensado em ser explorador, entrou no meu animo o desalento.

Eu sabia que lutar com uma convicção de pretos era baldado esforço.

Quem seria aquelle que levou o preto Muene-hombo a trahir-me?



Quem seriam os pretos que com elle estiveram na libata no dia anterior?

Qual seria a mão occulta que moveu aquella intriga?

Fazia a mim mesmo estas perguntas, às quaes, nem então nem depois, encontrei resposta que fosse além de suspeita muito vaga.

Perdi a esperança, e fiquei possuido de um verdadeiro desalento.

Meditei todo o dia, e veio o pensamento de voltar a Benguella, mas de repente lembrou-me a carta de Silva Porto recebida dias antes, e lembrou-me a carta de Pereira de Mello em que me dizia «Avante!»

Porque não aceitaria eu o offerecimento de Silva Porto? Se elle viesse ao Bihé elle me obteria carregadores.

Decidi escrever-lhe no dia seguinte, e esta ideia tranquillizou um pouco o meu animo alquebrado.

Com a noite veio a reflexão, e eu escudado no ultimo recurso, o pedir o auxilio do velho sertanejo, resolvi já forte com aquelle apoio, trabalhar, lutar ainda, antes de recorrer a elle.

Na madrugada de 13, fiz marchar o Verissimo e alguns pretos de confiança do Silva Porto a procurarem contratar nova gente.

Voltaram elles, dando-me algumas esperanças, e então começou de novo o trabalho de organizar nova comitiva, trabalho mais difficil então do que antes.

Aconselharam-me sahir de Belmonte e ir acampar no mato a alguma distancia; por que me diziam, que uma comitiva em marcha despertava nos bihenos vontade de se alistar n'ella.

A 22 de maio já eu tinha podido obter alguns carregadores, ainda que poucos, e resolvi com os meus Quimbares, aquelles carregadores e gente de ganho, seguir no dia 23 para um acampamento, ideia que levei a effeito, indo estabelecer o campo nas matas do Cabir.

Nesse dia ao escurecer, appareceram uns 11 carregadores trazidos por um preto Antonio, homem já velho, natural de Pungo Andongo, que estivera ao serviço de dois sertanejos de nomeada, Luiz Albino, e Guilherme Gonçalves.

Durante a noite houve muito frio, forçando-nos a passar a maior parte d'ella dispertos junto às fogueiras.

O soveta de Cabir veio visitar-me no dia immediato, trazendo-me um porco de presente, que eu retribui, ficando nós nos melhores termos.

Emprestou-me elle alguns pilões, e mandou mulheres para fazerem farinha de milho.

Indo agradecer-lhe á sua povoação, passei pelas plantações, onde andavam algumas mulheres cavando, completamente curvadas, empunhando as enxadas pelos seus dois cabos.

De volta ao acampamento encontrei um preto, dos de Novo Redondo, que não tinha podido seguir com Capello e Ivens, pelo seu estado de saude. Não se sustinha em pé, e uma ardente febre o devorava.

Vi que o seu estado era melindroso e que pouco poderia viver; mas elle pediu-me que o não abandonasse, e eu agasalhei-o no campo, entregando-o aos cuidados do doutor Chacaiombe.

Veio visitar-me Tiberio José Coimbra, filho do Coimbra, major do Bihé, o qual me obteve alguns carregadores de gente da sua povoação.

Nesse dia appareceram mais uns 12 carregadores com que eu já não contava, e eram capitaneados pelo preto Chaquiçonde, irmão da mãe de Verissimo.

Ia renascendo a esperança, e de novo se ia organisando a nova comitiva.

Resolvi partir no dia 27, e ir acampar junto da casa de José Alves, com esperança de completar ali o numero de gente que carecia. Obtive do soveta de Cabir alguns homens para me transportarem as cargas que não tinham carregador, e tambem 4 homens e uma maca para o doente de Novo Redondo.

Pude seguir no dia marcado, parando, meia hora depois de ter sahido, na povoação de Cuionja, de Tiberio José Coimbra, onde me esperava um optimo almoço, com optimo chá. Até havia guardanapos!

Depois de duas horas que ali me demorei, segui ávante, chegando á povoação de Caque-nha, com 4 horas de caminho.

Ali parei para ver o velho Domingos Chacahanga, dono da povoação.

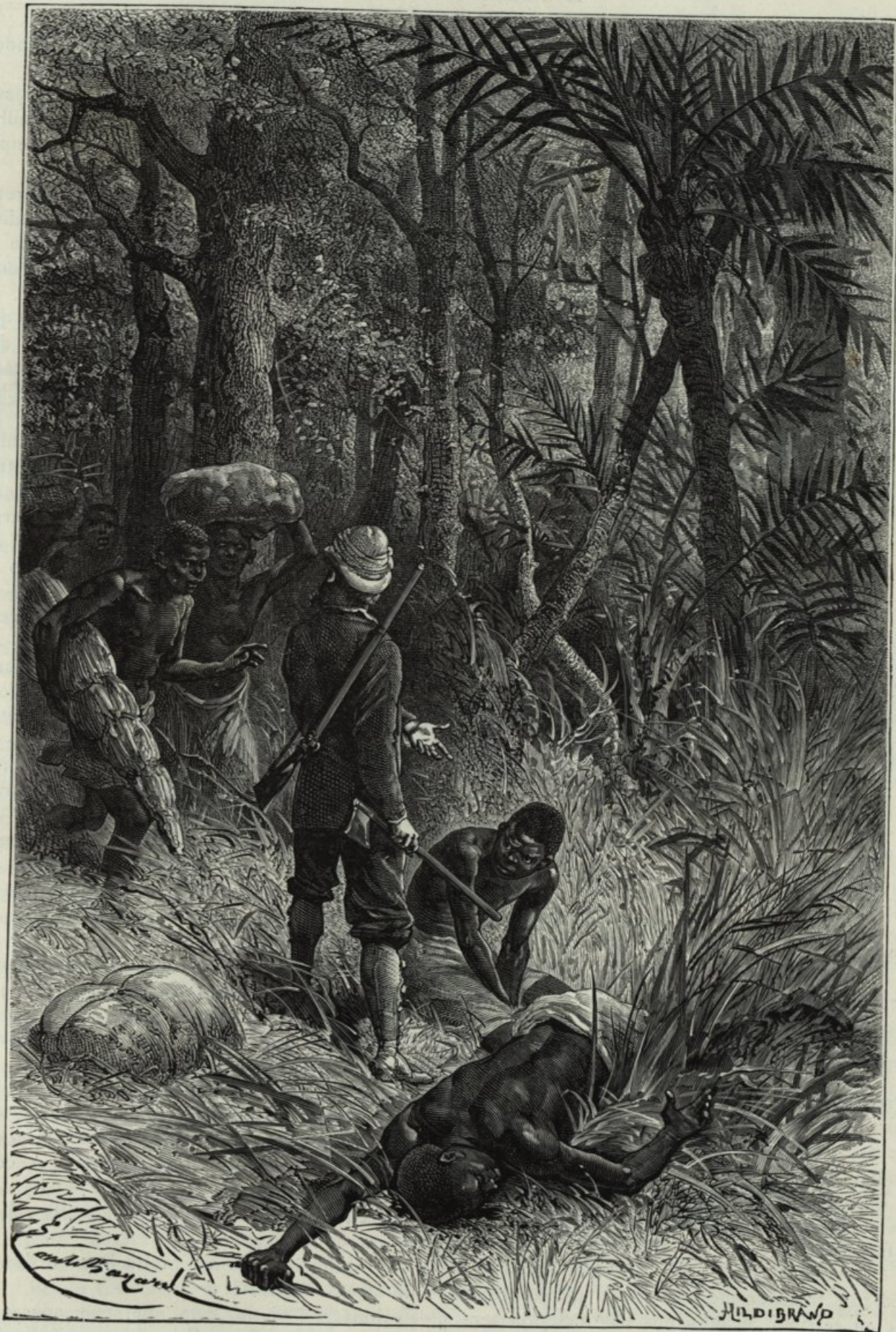
Este Chacahanga, antigo escravo de Silva Porto, fôra o chefe da celebre expedição que Silva Porto mandou do Bihé a Moçambique, e que conseguiu alcançar Cabo Delgado, na costa do mar Indico.

É elle o unico dos homens d'aquella expedição que hoje vive.

O velho recebeu-me muito bem, e deu-me um alentado cabrito.

Conversei muito com elle, mas apesar de todos os meus esforços foi-me impossivel colher





CASTIGO DE CHAQUIÇONDÉ — Composição de E. Bayard, segundo o texto



d'elle dados com que podesse marcar com alguma segurança o seu trajecto.

De que foi muito mais ao norte do que vem indicado nas cartas não me restou a menor duvida, porque ha tres pontos que elle precisa perfeitamente.

Um é ter, no Zambeze, deixado ao sul o paiz dos Machachas: outro ter atravessado o Lupula; e terceiro ter contornado pelo norte o Lago Nyassa.

Duas horas depois de ter deixado o velho Chacahanga, acampava nas matas do commandante, dois kilometros a S. E. da libata de José Alves.

Era já noite, e por isso guardei-me para ir no dia seguinte ver este personagem, que Cameron tornou conhecido de todo o mundo.

Effectivamente, a 28 de maio estava eu em presença do tão fallado sertanejo.

José Antonio Alves é um preto, (*pur sang*) de Pungo Andongo, que, como muitos d'ali e de Ambaca, sabe ler e escrever.

No Bihé chamam-lhe branco, porque ali todo o preto que usa calças e sapatos de liga e guarda-sol, é tratado assim. <sup>1</sup> Em Benguella levam a condescendencia a chamarem-no mulato, um pouco escuro; mas a verdade é, que nas suas veias não ha uma gota de sangue europeu, e que elle é preto não só na côr como na ascendencia, e quiçá na alma.

Veio para o Bihé em 1845, onde foi empregado de um sertanejo, e depois começou a negociar por conta propria, abonado pela casa Ferramenta de Benguella, que hoje faz avultado commercio sob a firma J. Ferreira Gonçalves.

José Alves é homem de 58 annos, já um pouco grisalho, de corpo franzino, e soffrendo de uma affecção pulmonar.

Vive como preto, tendo todos os costumes e crendices do gentio ignaro.

Quando cheguei a casa de José Alves, estava elle decidindo um *mucano*.

Informado da questão, soube que um empregado mulato do José Alves seduzira uma das amantes d'este, e como o rapaz nada tinha de seu, elle fez-lhe um *mucano* á familia da mãe, que possuia alguma cousa, exigindo, em paga do

delicto, um boi, ou uma *cabecinha*, para ficar limpo o seu coração. Isto me disse elle, passando a palma branqueada da mão negra por sobre a parte da caixa thoraxica onde se alberga aquella viscera, nos que a têm para cousa differente de alimentar a vida physica com os seus movimentos de sistole e diastole.

Que a elle servia para ser limpa de vez em quando com um *mucano*, percebi eu.

Depois de decidido o *mucano*, fallei-lhe da minha viagem, que elle duvidou podesse levar a effeito com os pequenos recursos de que dispunha.

Combinou ceder-me uma pouca de missanga, e fallando-lhe em carregadores, evadiu-se a responder-me, dizendo-me saber que Capello e Ivens estavam junto ao Cuanza luctando com falta de gente; mas que, se elles lhe quizessem pagar bem, não teria difficuldade em os arranjar. Era o mesmo que dizer-me que lhe pagasse bem para os ter.

Retirei-me lastimando pela primeira vez a Cameron, por ter sido forçado a tal companhia, por tanto tempo.

N'esta parte do Bihé a vegetação arborea começa a ser mais vigorosa, e junto ao rio Cuito apresenta o terreno a mesma disposição termittica que descrevi na margem do Cutato dos Ganguellas.

Com uns carregadores que me chegaram no dia 29, enviados pelo irmão de Verissimo, Joaquim Guilherme, tinha eu a gente sufficiente para seguir viagem, e dei as ordens n'esse sentido para o dia 30.

Quem rege as cousas d'este mundo tinha decidido porém de outro modo.

Na tarde d'esse dia alguém espalhou entre os meus carregadores as mesmas atoardas de Belmonte, e vieram muitos d'elles declarar-me que voltavam a suas casas e não me seguiriam.

Fiz esforços de eloquencia para os convencer a seguirem-me, mas poucos me escutaram.

Era a segunda vez que, em vespera de partida, no Bihé, ficava eu sem gente.

Ali ficaram comtudo alguns Bihenos, e decidido a prescindir de todas as commodidades e a abandonar toda a alimentação que levava, com poucos mais poderia seguir.

Era preciso arranjar esses poucos mais, e eu não desanimei na empreza. Um estranho episodio, acontecido no dia 30, veio coroar de resultado feliz a minha esperanza.

(Continua.)

<sup>1</sup> Lembra-me aqui do que me dizia o Ivens, com aquella graça que nunca perdeu nos trances mais dolorosos. Dizia elle: «Em eu vendo entrar no meu campo preto de sapatos de liga e guarda-sol, já sei que é branco, e estou logo a tremer.»



## A RUSSIA LIVRE

(Continuado da folha 35)

QUE Deus, dizia elle, proteja o imperador! salvou-me e por isso a minha vida d'elle é.

—Estava preso?

—Eu era novo e ardente. Tinha nas veias sangue cossaco; não pude como os servos supportar que me batessem e para escapar a esse castigo infame calquei aos pés os meus deveres de soldado.

«Que crime commetteu?

—Eu era um doido. Um doido! Era amoroso e arrisquei a minha liberdade por uma linda rapariga. Um beijo perdeu-me.

—Isso tem acontecido aos mais valentes generaes. Arriscou o seu futuro por uns labios rosados?

—É verdade!... arrisquei, respondeu Miguel. Como vê, eu era então muito novo. Quando apenas se contam dezanove annos não se é um velho; dois olhos formosos, um sorriso fresco são um perigo para um rapaz, principalmente quando elle tem uma alma apaixonada.

O meu regimento compunha-se todo elle de rapazes novos. Iamos para o sul combater pela Santa Cruz; os Francos e os Turcos vinham ás nossas povoações insultar a nossa religião e roubar as nossas mulheres. Depois de se ter concluido na egreja a cerimonia religiosa, e depois de cada um de nós ter beijado as reliquias emolduradas em ouro partimos para Saroslav acompanhados pelas benções dos sacerdotes ao som d'hymnos religiosos e do rufar do tambor. A cidade desapparecia lentamente atraz de nós, o steppe immenso e monotono desenrolava-se na frente; muitas vezes voltamos a cabeça para mais uma vez tornarmos a vêr as altas torres, os zimbórios de côres vivas que poucos tornariam a vêr. Durante tres dias tudo correu bem; no quarto alguns soldados faltaram á chamada; os caminhos eram difficeis, os poços estavam quasi seccos e o regimento ia mal calçado. Muitos iam realmente doentes; mas muitos fingiam estal-o e estas coisas são severamente castigadas. Alto, magro, direito como uma lança, nunca se sentindo fatigado, o nosso coronel era severo para com os que ficavam atraz; cada um de nós foi pois successivamente nomeado para castigar os seus camaradas, o que tornou o character do regimento sombrio e feroz. N'esse tempo, ha de-

zoito annos, applicava-se uma pena brutal, as das varadas.

—Em que consistia esse castigo?

—Quando um homem adormecia no seu posto, quando faltava ao respeito a um superior, quando roubava um cachimbo a um camarada, ou se faltava á chamada levavam-o para a parada da guarda, desarmavam-o e mandavam despil-o até á cinta; ligavam-se as mãos do criminoso junto da bocca d'uma espingarda, de modo que, collocando esta horisontalmente, a bayoneta ficasse a pequenissima distancia do peito do paciente. A companhia abria fileiras e davam a cada soldado uma vergasta recentemente cortada e que na noite anterior tinha ficado de molho. Então o condemnado passava por entre as fileiras levado pela espingarda de que elle devia seguir os movimentos, sob pena de se espetar na bayoneta, e os soldados quer quizessem, quer não, tinham de, com toda a força, dar com a chibata no paciente. O supplicio era sempre cruel, porque o réo não podia recuar com receio de ser atravessado pela bayoneta que lhe estava no peito. Comtudo era maior a vergonha, do que o soffrimento. Alguns habituavam-se; eram os que tinham perdido todos os sentimentos de dignidade. Emquanto a mim, eu reputava um tal castigo peor que a morte e o inferno.

—Não se sujeitou a elle?

—Nunca! Vou contar-lhe essa historia. Haveriamos andado trinta verstes. As fileiras do regimento tinham rareado; metade dos que tinham deixado Jaroslau com alegria no coração e cantando psalms, tinham ficado atraz, ou nos hospitaes, ou nos steppes... o maior numero no steppe. Tinham desertado: uns por que não se queriam bater; outros porque tinham commettido ligeiras faltas. Ainda faltavam quinze dias para chegar ás linhas de Pérékop, onde os tartaros tinham por costume o entrincheirarem-se; o coronel não cessava de repetir que se continuassemos a desertar não só não entrariamos em Constantinopla, mas que os Turcos entrariam em Moscou.

—Sério!

—Por infelicidade os meus camaradas estavam cançadissimos e fomos obrigados a demorarmos-nos tres dias n'uma aldeia para reparar



as nossas forças e o nosso calçado. Esta demora devia ser-me fatal. Os olhos risonhos e as gaíntices da rapariga que servia a agoardente á minha companhia conquistaram o meu coração. O pae da rapariga era o proprietário da hospedaria e da posta na aldeia; estávamos aquartelados em casa d'elle.

De manhã á tarde o diabrete saracoteava-se em volta do alpendre em que estávamos instalados. Não quero dizer que Katinka me *désse cavaco*, posto que, sem vaidade seja dito, sempre passei por um galante rapaz; mas a rapariga era namoradeira e na cavalharia, e em toda a parte, as suas gargalhadas e o seu chilrear provocavam a perseguição e a beijal-a. Era um exercicio agradável; contudo alguns dos meus camaradas muito fatigados para pensarem no amor, tinham-me inveja e prognosticavam-me que tudo aquillo terminaria mal. Quando o tambor deu ao regimento o signal de partir, não encontrei o meu capote; remechi tudo o que havia no alpendre em que estiveramos os tres dias e não o encontrei. Emquanto andava n'esta fadiga, volteando tudo, avistei á janella o rosto zombeteador de Katinka, ao mesmo tempo que na rua a voz do coronel gritava: «Regimento, ordinario marche!» Eu não tinha tenção de desertar; mas queria haver o meu capote para nem me expôr á colera do meu capitão, nem aos rigores do inverno. Corri atraz de Katinka que fugiu para fundo do alpendre com o capote no braço lançando gritos de triumpho; vinte vezes estive quasi a agarral-a e sempre o diabrete conseguia escapar-se, até que offegante se deixou cair a um canto. Tirar-lhe o capote foi trabalho d'um segundo; mas para me indemnizar com beijos da diabrura que me fizera, era preciso maior espaço de tempo; e retirava-me já, quando dois soldados da minha companhia appareceram e me levaram preso. Soldados velhos que se gabavam de ter já muito visto aparentaram dar tanta importancia á linda rapariga como a dariam a um sermão; disseram ao coronel que eu me quizera esconder para depois fugir. Fui como desertor condemnado ás varadas.

—Fugiu a essa vergonha?

—Fugi, expondo-me á morte. O coronel estava ali, olhando-me do alto da sua severidade, com a mão apoiada sobre o pescoço do cavallo. Eu não sabia bem o que em tempo de guerra era preciso fazer para merecer ser fuzilado; d'um pulo, e antes que qualquer pessoa me pudesse deter, lancei-me para o coronel e esbofetei-o.

Uns instantes depois tinha as mãos e pés amarrados, era lançado sobre um carro, e duas sentinellas sentadas ao meu lado vigiavam-me. Em Pérókop fui julgado por um conselho de guerra e condemnado á morte; mas n'esse momento os Francos atravessavam o mar negro e o principe imperial, commandante em chefe na Crimeia, queria tornar a lucta popular mostrando-se indulgente; sabendo que eu até a occasião do meu crime era tido como bom soldado, commutou a minha sentença em prisão perpetua n'uma fortaleza. Os meus camaradas pensavam que dentro de poucas semanas me seria dado o perdão e que me mandariam servir em outro regimento. Nada d'isso succedeu; commettera um crime muito grave para n'esse reinado de ferro poder ser amnistiado.

—Que diz! um reinado de ferro?

—Por que não! Poder-se-ha dar outro nome ao reinado de Niculau? Fui enviado para uma fortaleza e ahi estive até que o actual soberano succedeu a seu pae.

—Viveu então dois annos na prisão?

—Viver! n'uma enxovia d'aquellas não se vive, morre-se. Mas Deus em desconto dos nossos peccados permite ás vezes que os soffrimentos dos presos se prolonguem por muito tempo.

—Desejava a morte?

—Francamente, não a desejava. Desejava dormir, esquecer o meu crime, e fugir da vista do meu carcereiro. Quando se téem os pés e as mãos agrilhoados deixa-se de ser um homem. As pernas incham e os ossos parecem quebrar-se.

—O que é que mais soffrimentos produz: a grilheta, ou as algemas?

—As algemas. Quando as tiram, o homem que as trazia torna-se quasi louco d'alegria. Bate as palmas, junta as mãos, colloca-as em diversas posições; pôde enfim enxotar as aranhas e matar as moscas que lhe martyrisavam o rosto. Mas o peor dos supplicios para o prisioneiro é o buraco atravez do qual a sentinella lhe vigia constantemente os menores actos. Posto que só, está sempre acompanhado. Por mais que faça, aquelles terriveis buracos estão sempre escancarados e um olhar frio está sempre fixo no infeliz preso. Durante o seu somno e emquanto está desperto ha sempre uns olhos que o espiam. Algumas vezes dirige-se resolutamente a um d'esses buracos, escarra atravez d'elles, uiva como um animal feroz e obriga a sentinella e retirar-se vergonhosamente.



— Alcançou a sua liberdade por ocasião da amnistia geral?

— Alcancei; quando o príncipe imperial subiu ao throno, abriu as portas das prisões. Esteve já alguma vez preso? Não! Então não pôde saber o que é ser livre. Passa-se das trevas para a luz, da miseria para a alegria. O ar que então se respira fortifica como um copo de vinho velho. Parece que o Deus bom e poderoso está conosco.»

Durante o imperio de Niculau, os soldados andavam mal vestidos, eram tão mal alimentados que um grande numero estava sempre doente. Nos hospitaes estava sempre um terço do exercito e metade dos que tinham alta ficavam inutilizados para o serviço militar. Com o estomago vazio e o corpo gelado os soldados afastavam-se da fôrma para irem beber. Ao longo das estradas encontravam-se montões d'estes infelizes empilhados uns sobre os outros, cosendo enormes bebedeiras.

Agora tudo está transformado; tendo mais que comer o soldado mostra menos avidez pela bebida. Nos quartéis ha escolas e obrigam os soldados a frequental-as. Nos regimentos assignam-se jornaes e revistas scientificas, formam-se bibliothecas e dentro em pouco o exercito russo egualará os exercitos francez e allemão.

## XXII

ALEXANDRE

A guerra da Crimeia deu ao povo russo a sua vida nacional.

«Sebastopol! disse-me um official general, Sebastopol cahiu, mas das suas ruinas rebentou a liberdade do nosso paiz.»

O imperio Tartaro fundado por Ivan, o Terrível, reformado por Pedro, o Grande, continuou existindo sob formulas e nomes tirados da Europa occidental até ao momento em que o exercito colligado poz o pé no nosso solo. Desbaratado em Alma, derrotado em Balaklava, tendo feito um ultimo esforço nas alturas d'Inkerman, exalando o ultimo alento n'esse valle de Baidar, do qual o resto das tribus de Baton-Khan e de Timour-Bey habitam ainda os rochedos e as cavernas; esse velho imperio combateu por entre as neves e nevoeiros, nos altos cerros e nos valles, gloriosamente, mas sem esperança. Os acontecimentos que se seguiram á batalha d'Inkerman foram secundarios; n'este triste e

ennevoado dia o antigo imperio perdeu a sua ultima gota de sangue.

A Russia asiatica morrera, a Russia europèa nascera.

Posto que suavizado n'esta ou n'aquella occasião, talvez por um patriotismo mystico, o systema tartaro durara até o reinado de Alexandre II. N'esta organização o príncipe era tudo e o povo nada, o exercito era um bando, a nobreza uma multidão official, a egreja uma dependencia da policia, as communas um rebanho de escravos.

Niculau gostava d'este systema; caracter de tempera forte, espirito arrojado, levou o systema até ás suas ultimas consequencias e fez retrogradar o paiz até aos tempos de Pedro, o Grande. Mas longe de, como este príncipe, admirar os serviços e as artes da Europa occidental, odiava os caminhos de ferro, abominava a imprensa. A sua còrte assemelhava-se a um acampamento, obrigara os estudantes a usar do uniforme, fizera da educação um exercicio militar, Elle só era o Estado, a Egreja, o Exercito. A exemplo dos Khans de Khina e de Bokara, pertendendo fechar o seu imperio, estabeleceu nas fronteiras um cordão de tropas tão difficil d'atravessar pelo estrangeiro que queria visitar a Russia, como para aquelle que da Russia queria sahir; emquanto se conservou no throno a sua nação foi para o occidente um enigma impenetravel.

A organização da Russia era mongolica e não eslava; o autocrata poderoso que sustentava este edificio e que com elle morreu, foi simultaneamente o ultimo imperador asiatico e o ultimo khan europèo.

Antes de morrer, o imperador Niculau conheceu a verdade; evidenciou-se-lhe atravez das suas cidades em chammassas, dos seus exercitos derrotados e dos seus inuteis bombardeamentos. Viu que todas as nações livres eram contra elle e que a nação d'escravos em que elle pesava com sceptro de ferro não lhe pertencia.

Ferido no seu immenso orgulho, sentindo-se mortalmente ferido, mostrou, dizem, a seu filho as causas dos desastres, taes quaes então lhe appareciam. Aconselhou-lhe, a que aproveitasse a experiencia adquirida á custa de tantos males e a que adoptasse uma politica differente.

Será exacta esta versão? Quem poderá dizel-o? Quem conhece os segredos d'um muribundo?

Seja como for, o novo soberano procedeu



como se recebera e acceitára aquelle salutar conselho. Inaugurou o seu reinado com actos de clemencia. Abriu as prisões, repatriou os exilados.

A immensa maioria dos seus subditos compunha-se de servos. De dez, um saberia ler, de cincoenta, um saberia escrever o seu nome. Um grande numero andava fóra da Igreja official. Os servos eram opprimidos pelos nobres, os velhos crentes perseguidos pelos frades e todavia eram estas duas classes a seiva, a força do paiz, a propria nação. Se á falta d'exercito, á falta d'administração, que não soubera ou não pudera impedir os desastres do imperio, Alexandre procurasse em volta d'elle um ponto d'apoio mais solido, onde poderia elle encontrar a não ser entre os servos dos campos e entre os velhos crentes das cidades? Mas como conciliar as sympathias d'estas populações, ulceradas pela escravidão e pelos odios religiosos?

O problema era de difficil resolução. O imperador começou por estudar o character e as necessidades dos que eram chamados a governar. Percorreu as cidades e as communas ruraes, foi do oceano Artico ao mar Caspio, do Vistula ao Volga, no meio dos seus subditos prostrou-se deante dos sanctuarios de Troïtsa e de Solovetsk; conversou com elles á beira das estradas e nas margens dos lagos, visitou-os nas florestas e nas minas, até que teve a consciencia de conhecer o solo russo e os seus habitantes melhor que qualquer dos seus ministros.

Escudado nas noções que adquirira tão conscienciosamente atacou a questão dos servos e teve a feliz audacia de defender o principio da *liberdade com a terra*, contra as commissões por elle nomeadas que eram d'opinião que se dêsse a liberdade ao aldeão sem lhe dar a propriedade do solo.

Simultaneamente Alexandre emprehendeu a reforma do exercito. Aboliu o knout e as varadas, abriu escolas nos quartéis, levantou o nivel do soldado. Arrancou as espadas e os uniformes aos estudantes e desapossou-os de todos os seus privilegios. O ensino deixou de ser militarizado. As cadeiras foram occupadas por professores civis e os discipulos, ficando sujeitos ao direito commum, eram punidos pelo mesmo codigo e condemnados pelos mesmos juizes como outro qualquer cidadão.

Um decreto, que para a nação devia ser um immenso beneficio, seguiu de perto este melhoramento. O imperador tirou ás repartições poli-

ciaes o direito de julgar dos crimes e entregou esse direito aos tribunaes; substituiu assim o arbitrario, e muitas vezes a venalidade dos juizes, pela imparcialidade d'um jury apoiado n'um juiz versado no conhecimento das leis.

Pela mesma epoca foram creados os parlamentos locaes, assembléas de districtos e assembléas provinciaes, onde os homens aprendem a pensar e a fallar, a resolver, a submetter-se á logica, a respeitar opiniões diversas das suas, a exercer as virtudes da vida civica.

Tarefa incomparavelmente mais delicada restava ainda a fazer. Era necessario examinar a situação da Igreja, as relações do clero *Branco* com o clero *Negro*, conhecer das posições dos orthodoxos e dos velhos crentes, do Santo-Sinodo e das seitas dissidentes, enfim regular a influencia exercida pela Igreja na educação secular, escolher entre a lei clerical e a lei civil.

N'um paiz como o imperio russo parece que cada uma d'estas reformas devia exigir os esforços de uma existencia inteira; todavia no reinado d'este principe bondoso e persistente todas ellas caminham a par. Obrigado a combater os tres corpos mais poderosos do imperio, o clero Negro que sente fugir-lhe das mãos o poder, os antigos chefes militares que julgam não poder manter a disciplina sem lhe tirarem o direito de applicar o knout e as varadas, os nobres que preferem residir em Hamburgo e Paris a viverem a vida monotona que passariam nos seus dominios, o czar não afrouxa na execução da sua obra. Como surprehendermos-nos d'elle ser adorado pelos camponeses, pelos burguezes, por todos aquelles que desejam viver em paz, cultivar os campos, fazer as suas operações commerciaes e fazer as suas rezas?

Uma Russia livre é uma Russia pácifica.

A Russia para se organizar internamente necessita viver em paz durante um seculo; mas não gosará tranquillidade duradoira emquanto não tiver fechado a passagem do steppes, arvorando a bandeira de S. Jorge no alto da torre de Timour-Bey.

Apesar de todos os obstaculos o czar reformador prosegue no seu caminho. E todavia é elle só, agitado por mil cuidados, ferido nas suas affeições de familia, torturado na sua vida publica.

.....  
Por um dia sombrio de dezembro dois Inglezes, ao cahir da noite, navegavam no Neva e deslisavam rapidamente apesar dos gelos com rumo



para a lugubre fortaleza de S. Pedro e S. Paulo, em que repousam todos os czares reinantes na Russia desde Pedro I. Quando se approximavam do monumento, os dois estrangeiros viram os barqueiros pousar os remos e tirarem respeitosamente os bonnês; surprehendidos, olharam em volta. Não distante, o escaler imperial, impellido por vinte remadores, caminhava a meio do rio. N'esta embarcação ia o czar acompanhado por um unico official. O imperador, ao passar perto dos Inglezes, comprimenta-os, salta em terra, abotoa o seu capote pardo e dirige-se para a Igreja. Ninguem o seguiu. Os cinco ou seis passeiantes que encontra afastam-se para o deixar passar. A porta principal do lugubre edificio está fechada; o imperador encaminha-se com uma especie de precipitação febril para uma porta lateral. Avista um guarda e faz-se reconhecer. No fim d'um instante a porta abre-se; o senhor de mais de noventa milhões d'homens entra na igreja que um dia deve ser a sua ultima morada. Os Inglezes approximaram-se.

«Esperem um pouco», diz-lhe o guarda. Depois acrescenta: «Podem entrar no portico; Sua Magestade não se demora muito.»

O portico está separado da igreja por portas envidraçadas; os Inglezes viam o interior do monumento. Uma extensa nave ladeada por colum-

nas estende-se em frente dos seus olhos. Bandeiras ganhas em cem batalhas ornamentam os muros sombrios; aqui e ali uma lampada de prata arde em frente de uma imagem. Por entre as columnas veem-se as fiadas dos tumulos imperiaes.

Só, com o chapéu carregado sobre a fronte, envolvido no seu capote, o imperador vae d'um lado para o outro; umas vezes pára como para ler uma inscripção gravada n'uma pedra; outras vezes atravessa a nave de cabeça baixa, com ar pensativo; desaparece no meio das trevas, escoa-se por entre as columnas. Está rodeado de mortos: Pedro, Catharina, Paulo, guerreiros ferozes, meigas mulheres, creanças arrebatadas do berço, todos ali, debaixo d'aquellas abobadas, descansam juntos: e por cima vagarosas ondulações agitam os trophéos das victorias. Que motivo attrae aqui o czar n'um dia frio e ennevoado. Será o pezo da vida? Será o amor pela morte? Descobre-se e ajoelha junto d'um tumulo, o de sua mãe! Mais adeante pára ainda, por muito tempo fica absorto n'uma oração silenciosa, depois levanta-se e beija a cruz d'ouro; é o mau soleo funebre de seu filho mais velho!

(Conclusão.)

WILLIAM HEPWORTH DIXON.

## VIAGEM À NOVA-GUINÉ

POR

ACHILLE RAFFRAY

ENCARREGADO D'UMA MISSÃO SCIENTIFICA PELO MINISTERIO D'INSTRUCÇÃO PUBLICA EM FRANÇA

(Continuado da folha 35)

**P**ORDINARIAMENTE trazem nas orelhas brincos de cobre, de vidro ou de conchas. Em volta do pescoço usam um collar de missanga de que trazem pendent objectos mui diversos: uma grande concha branca, um amuleto de madeira, representando uma figura humana cujo corpo, feito de pau como já dissemos, está embrulhado em farrapos que pelo seu longo uso tem já uma côr indiscriptivel, um d'esses grandes espinhos que nas azas dos ca-soares substituem as pennas.

Nos dias de galla usam ao lado uma concha singelamente layrada e ornada com missanga.

Se juntarmos a isto algumas *tatuagens* azues nos braços e no peito, fiadas de cicatrizes feitas com carvão incandescente teremos completos os enfeitês papus, privilegio quasi exclusivo do homem, como é costume entre quasi todos os selvagens, quer sejam os negros repellentes d'Africa, ou os ferozes habitadores das florestas do Novo-Mundo, ou os perfidos insulares da Oceania.

Muito felizmente para os viajantes os papus não usam ainda armas de fogo. Mais previdentes que os negociantes arabes d'Africa, os malaios, apesar do engodo do lucro, ainda não



quizeram metter nos seus fardos com fazendas de troca as espingardas com que armariam as mãos dos seus assassinos. Estão ainda reduzidos ao arco e á lança, armas sem duvida perigosas em mãos habeis, mas impotentes deante d'uma espingarda de tiro rapido. Os seus arcos de bambu ou de pau muito flexivel são muito grandes; a corda é de rotina. As flechas de combate são quasi d'altura d'um homem feitas de bambu muito direito, muito leve, com uma ponta de pau, ou d'osso, dentada; são quasi sempre ornadas com altos relevos figurando arabescos e mesmo figuras humanas. Deviam fazer feridas terriveis, mas, posto que estas flechas sejam lançadas por mãos vigorosas e possam alcançar grandes distancias, a cem e mesmo a cento e cincoenta metros, são pouco perigosas pois que os papus são pouco habeis no manejo d'estas armas. Vi-os por muitas vezes exercitarem-se tendo por alvo pombos sem que nunca lhes acertassem e durante toda a minha estada em a Nova-Guiné só uma ou duas vezes me trouxeram passaros mortos á flecha.

As suas lanças são compridas com a haste mais ou menos esculpida e o mais das vezes ornada com pennas de casoar; algumas vezes a ponta é de ferro o que as torna objecto de grande valor; o mais commumente a ponta é feita de bambu perfeitamente afiado.

O seu armamento completa-se com a *péda*, sabre-machado que geralmente os malaios importam como objecto de troca. Um papu nunca esquece o seu *péda*, instrumento proprio para todos os usos, que decepa cabeças humanas e corta troncos de arvores, que serve para cortar as unhas e até para fazer a barba.

Taes eram os papus no meio dos quaes viviamos e que tinhamos todo o vagar de ver e estudar; pois que desde de manhã até á noite entravam livremente na nossa cabana, cuja porta mais incommoda do que util foi logo ao principio por nós supprimida. Tinhaos mesmo tomado alguns ao nosso serviço, para guiar os caçadores nas florestas e acompanhar-me nas minhas excursões. Comiam com os nossos homens e muitas vezes passavam a noite em nossa casa. Todavia para não sermos constantemente importunados á porta do nosso quarto traçamos uma linha de limites, perfeitamente ideal, que unicamente dois papus tinham auctorisação para atravessar, duas especies de chefes, gosando entre os seus de certa auctoridade, um dos quaes, Sakoï, fallava regularmente o malaio, o

que nos era vantajoso para as nossas relações com os indigenas. Sakoï era um homem velho, com ar hypocrita, adocicado, horrivelmente feio, trazendo envolvida a cabeça calva n'um lenço ainda mais porco do que a sua propria pessoa; o outro Founaouò, nem velho nem novo, tinha uma enorme cabelleira, nariz levemente levantado na ponta e finalmente ar estúpido.

Estes dois homens, de que diaramente recebiamos a visita e que nunca se esqueciam de, saudando-nos com um *Tabé touan* (Bons dias, senhor), nos apertarem a mão e de pedir algum tabaco, nunca vinha um sem o outro. Sobre as enganadoras apparencias de relações amigaveis eram evidentemente dois rivaes que cuidadosamente se espiavam a fim de que um não explorasse mais do que o outro os estrangeiros. Qualquer d'elles nos prodigalisava as maiores manifestações de affecto e dedicação. Sakoï chegava a ser comicamente pathetico, quando me convidava a ser generoso para com um velho amigo dos Francezes, afim de deixar na sua alma recordação dos meus beneficios. Este velho não me inspirava confiança alguma, não acreditava nos seus protestos, mas tinha necessidade d'elle e, franqueza por franqueza, dizia-lhe batendo-lhe familiarmente no hombro que elle era o meu melhor amigo.

Um dos guias dos meus caçadores, que, como a sua patria, se chamava Dorey, era um homem de vinte annos, um perfeito papu tanto moral como physicamente. Uma immensa cabelleira, um grande numero de conchas, d'anneis, de contas, de pequenos aamuletos, davam a apparencia d'uma grande creança a este indigena, sempre risonho, fallador, mas ladrão como um rato.

Eu, diante de Sakoï e de Founaouò e por seu intermedio, contratára Dorey por um mez para o nosso serviço, no fim do qual lhe devia dar uma certa paga em tecidos, facas e missangas. Tinha entrado no ajuste que o mez era de trinta dias e as condições foram accites de uma e d'outra parte. Tudo correu bem nos primeiros dias; mas no fim de doze dias Dorey afrouxou no trabalho; ouvindo as minhas observações tornou-se grave, magestoso e não respondeu; mas no dia seguinte reclamou o pagamento de tres mezes; ora não me tendo elle feito serviço mais do que doze dias recusei-lhe tudo. No dia seguinte não quiz acompanhar os caçadores e persistiu nas suas extravagantes exigencias: mandei então chamar Sakoï para me servir de in-



terprete, porque Markus, posto que soubesse alguma coisa de papu, não sabia o bastante para um debate tanto mais importante, quanto era preciso desde o principio da nossa estada n'estas terras reagir vigorosamente contra esta exploração deshonesta, que, a cedermos a ella, ter-nos-ia levantado mil difficuldades e incommodos.

Sakoï chegou acompanhando-o Dorey seguido dos seus parentes e amigos e o debate abriu-se. Tratei, por um modo peremptorio e por um calculo primitivo pelos meus dedos e pelos dos assistentes, de estabelecer que o mez tinha trinta dias e que, tendo Dorey servido unicamente doze dias, lhe faltavam dezoito para ganhar o salario ajustado e que portanto infundadas eram as suas



A MINHA VIVENDA EM DOREY

reclamações. A minha arithmetica foi tida como justa nos seus principios, mas como falsa nas conclusões. Dorey e os seus partidarios, pertendendo que os mezes papus eram de quatro dias, continuavam a reclamar o pagamento de tres mezes.

Depois de larga discussão não tinhamos chegado a um accordo. Isto contrariava-me um pouco, porque temia o rompimento das minhas relações amigaveis com os papus. Mas Markus que já tinha feito varias viagens á Nova Guiné aconselhou-me a fechar a discussão offerecendo o pagamento dos doze dias segundo o ajuste

primitivo, nem mais nem menos. Os papus foram-se sem ter querido aceitar.

No dia seguinte Dorey veio-me rondar a cabana, mas ninguem fez caso d'elle. Durou isto muitos dias até que por fim decidio-se a novamente pedir o pagamento. Offereci-lhe então de novo o pagamento dos doze dias que elle teimou em recusar, mas dependurei este preço, que se compunha de tecidos e missangas, no quarto dos nossos serviçaes dizendo-lhe que quando quizesse o viesse buscar; pois que tinha mais que fazer, do que discutir com elle.

(Continua.)





DESEMBARCADOURO DA POVOAÇÃO DO REI LUIZ — Desenho de A. de Bar, segundo uma photographia

## CRUZEIROS NA COSTA D'AFRICA

(Continuado da folha 36)

### XXVIII

Exploração do Ogôoué — Estado politico das tribus — Aspecto do rio — A sacerdotisa d'Igalavé — O confluente — Intrigas dos Oronghons — Ponta Fetiche — A região d'Aloria — M. Walker — M. M. de Compiègne e Marche — Systema religioso.

EM 1867 organizei uma expedição destinada a subir o Ogôoué cujo commando confiei a M. Aymés, primeiro tenente commandante do *Pionnier*. M. Walker, conhecido pelas tentativas que precedentemente fizera para subir o Okanda, era muito sabedor dos costumes, usos e lingoas d'aquella região; M. Walker quiz fazer parte da expedição e eu ordenei a M. Franck e a M. Barbedor, medico e pharmaceutico de marinha, que se pozessem á disposição do commandante do *Pionnier* a quem tambem dei por companheiros alguns atiradores senegalezes da maior confiança.

O *Pionnier* largou do Gabão a 25 de abril de 1867, epoca das agoas altas.

O Ogôoué na sua embocadura divide-se em innumerous braços; o piloto Bouka fez entrar o aviso no rio por um estreito com a profundidade constante de dois metros.

Dos dois lados do rio os paletuvios formavam uma barreira continua; mas logo que navegamos em agoa doce as palmeiras e as altas arvores substituiram a vegetação da agoa salgada; o rio alarga-se então e apresenta o aspecto magestoso d'um immenso volume d'agoa levando na sua corrente algumas ilhas fluctuantes. A 29 d'abril deu-se avaria na caldeira do *Pionnier*; a sua reparação levou muito tempo e nada depois fez ganhar o tempo perdido.

Os cinco annos que se tinham passado entre a visita de M. Serval e a de M. Aymés tinham produzido os seus fructos.

N'deboulia, o successor de Pass-Oll, morrera



tambem; seu irmão N'tchiéga, compreendendo que era do seu interesse approximar-se do commercio do Gabão, viera receber das minhas mãos a investidura; governava os Oronghons; os Comis tinham-se conservado hostis á introdução dos Europêos nas agoas interiores do seu rio Cama, onde a escravatura parecia ser-lhes sufficiente e não comprehendiam ainda o laço que os unia ao centro commercial; mais tarde com as mesmas condições dadas aos chefes do Gabão elles alliam-se tambem comnosco.

Os Senagalezes domiciliados no Gabão tinham conservado os seus habitos aventureiros; Amaidou-Seydou e Gay-N'Gay eram arrojados operarios da civilisação; os Martiniquezes em nada lhe eram inferiores; o *Pionnier* encontrou Gay-N'Gay subindo o Ogôoué n'uma grande piroga á ré da qual tinha construido uma barraca. A presença das suas mulheres e os seus tamtams faziam lembrar os costumes do Senegal e de Falémé.

O *Pionnier* só pôde continuar a sua derrota no dia 6 de maio; no dia 10 estava em frente d'Orvoy com tenção de castigar o chefe Amale d'uma povoação Comis que tinha recebido mal Mr. Serval e o seu companheiro. Amale tinha morrido e seu irmão Reggennué desfez-se em desculpas e protestou muita amizade aos brancos.

Em frente d'Igané o rio levava tal enchente que apresentou aos exploradores uma massa de agoa prodigiosa; algumas montanhas delimitavam o horisonte. Renonelé, o chefe d'Igané, veio em pessoa comprimentar os brancos de quem comprehendia a benefica missão. Este chefe é poderoso e ouvido; a sua boa vontade pôde ter uma feliz influencia no futuro commercial de Ogôoué; foi por nós muito bem tratado.

As margens do rio ao chegar a Igalavé atteiam-se apresentando um aspecto risonho, semelhante um parque inglez.

Igalavé era o ultimo ponto a que em 1862 chegara M. Serval.

Os habitantes são Igallezes ou Gallezes; são timidos e querem tornar os brancos seus amigos. Uma donzella tinha consultado os deuzes; estava ainda muito commovida e tremula por causa do espirito Ilogo, que n'ella tinha entrado, quando veio prestar homenagem ao commandante do *Pionnier*.

Igalavé está situado em frente do lago Jonanga, onde existem as ilhas Fetiches, descritas por M. Griffon du Bellay. M. M. de Compié-

gne e Marche estudaram profundamente este lago em 1873 e fizeram conhecida a sua extensão.

As colinas que n'este ponto se avistam no horisonte têm cento e cincoenta a duzentos metros d'altura. O *Pionnier* passa além da ilha Ourivia; a aldeia Adolina longo (vejo de longe), ou Adanlinanlango, sentinella avançada do confluyente, mostrou-se aos olhos dos viajantes.

O *Pionnier* dobrou a ponta que termina a margem esquerda, deixou esta ilha á direita e avistou afinal um lençol d'agoa semelhante a um mar; era o confluyente do Okanda e do N'gouye, ainda não sulcado por prôa d'algum navio.

Os nossos exploradores arrearam ferro entre as aldeias Alegouma e Lambarene, onde habitam os dois principaes chefes dos Inengas.

Rempolé é um negociante habil, Banoqué é cego; é o chefe dos Agondos que têm o privilegio de pilotar no rio Okanda. Foi n'estas duas aldeias que M. Walker viveu de 1865 a 1866 e o que lhe dispertou o desejo de penetrar no Okanda superior.

O primeiro acolhimento feito ao commandante do *Pionnier* fôra excellente; mas os Inengas, por suggestões dos Oronghons e dos Comis, que tinham vindo negociar a Alegouma, mudaram de proceder; a presença dos Europêos ia-lhes esgotar o manancial do seu commercio. Foram necessarias longas conferencias para demonstrar aos Inengas que os seus interesses eram identicos aos dos Europêos, que deviam emancipar-se da tutella em que eram tidos pela gente da parte baixa do rio que os lesavam na compra das mercadorias, vendendo-as elles depois pelo decupulo.

Estas rasões acabaram por triumphar de todas as resistencias e finalmente o *Pionnier* mostrou a nossa bandeira nas agoas do Okanda; a 18 de maio ancorava em frente das ilhas do Zorocotcho, cuja posição foi determinada astronomicamente em  $0^{\circ},27'$  sul e  $8^{\circ},16'$  de longitude oriental de Paris. As agoas do rio começavam a diminuir, era preciso abandonar a ideia de levar a exploração mais longe.

M. Aymés veio ancorar em frente da ponta Fetiche; na sua qualidade d'iniciado o Agondo, que servira de piloto ao *Pionnier*, levou os officiaes francezes ao sanctuario dos Inengas, onde ainda Europêo algum entrára.

Os reflexos do sol poente illuminavam as clareiras abertas no meio das florestas seculares, da Africa equatorial. Alguns alpendres sustentados sobre estacas tornavam-se salientes; estas



ligeiras construcções abrigavam as cinzas dos antepassados. O contacto com estas reliquias sagradas communica um poder sobrenatural aos iniciados, que para isso se preparam com longos jejuns.

Os fieis, que vêem retemperar a sua fé n'este santuario, encontram ali o socego e repouso necessario á meditação. Choças construidas ao longo da praia permitem que ahi se demorem o tempo necessario para praticarem as suas devoções e receber do grande feiticeiro a iniciação dos ritos vedados ao vulgo.

Segundo as suas crenças este personagem tem um poder sobrenatural; toda a natureza obedece aos seus feitiços. Dia e noite arde uma lampada no santuario em que está encerrado. Os tremores de terra e as tempestades andam á sua ordem. O espirito das massas commove-se fortemente, quando estes phenomenos se dão quasi á hora annunciada. Na ponta Fetiche vê-se o sobrenatural em todas as partes e imprime a estes logares um grande cunho de mysticismo.

A honra de ser o primeiro a entrar no Okanda superior pertence a M. Walker, negociante inglez estabelecido no Gabão. Partindo de Rhemboë em 1865 atravessou com difficuldade a lingua de terra que separa os dois rios. Os guias bakalezes que levava roubaram-lhe uma parte das mercadorias e foi só depois de muitas contrariedades e fadigas e depois de ter desenvolvido uma grande energia que chegou ás aldeias Inengas em Alegouma.

Foi-lhe preciso demorar-se seis mezes para conseguir obter dos chefes Rempolé e Ranoqué que o deixassem ir para as aldeias d'Okanda. Partiu em julho na epoca das pequenas agoas e não passou além das primeiras quedas d'agoa. A sua viagem não foi inutil nem para a sciencia, nem para o commercio: determinou por observações astronomicas diversos pontos do Ogôoué e do Okanda e assim tornou mais facil o trabalho dos seus successores.

Em 1874 o marquez de Compiègne e M. Marché tentaram tambem explorar o Okanda. Um estudo mais sério do regimen do rio fez-lhes apprehender em janeiro nova viagem. No fim do mez chegaram a Okanda, onde Ajoudo Ranoqué, que até ali se tinha mostrado favoravel aos Eu-

ropeus, fez todos os esforços para impedir que os viajantes fossem mais além.

Só em 28 de feveireiro os viajantes poderam resolver os Okandas a leval-os ao paiz dos Madoumas, passando pelo territorio que occupam os Osyébas. A exploração concluiu-se a dez de março. Os Osyébas em armas impediram a passagem do rio em frente d'Ivindo e, arrastados pelos Okandas, tiveram de fugir e de passar os rapidos perigosos do rio com uma velocidade vertiginosa. Chegados ás aldeias dos Okandas ahi foram recebidos pelas exprobrações d'aquelles cujos parentes tinham succumbido pelo fogo dos Osyébas ou que se tinham afogado ao passar as cataractas.

Esta exploração determinou a embocadura d'alguns rios que desagoam no Ogôoué. O primeiro, o rio Aban, é bem conhecido; o segundo, que M. M. de Compiègne e Marche chamam Okongo é chamado Icon, Iconi; o primeiro tenente de marinha Braonézee tinha-o tornado conhecido e o chefe Fan-M'boga fallara-me n'elle; ambos desagoam na margem direita. Estes viajantes poderam reconhecer que os volcões descriptos a M. Walker eram apenas montanhas cobertas de nuvens.

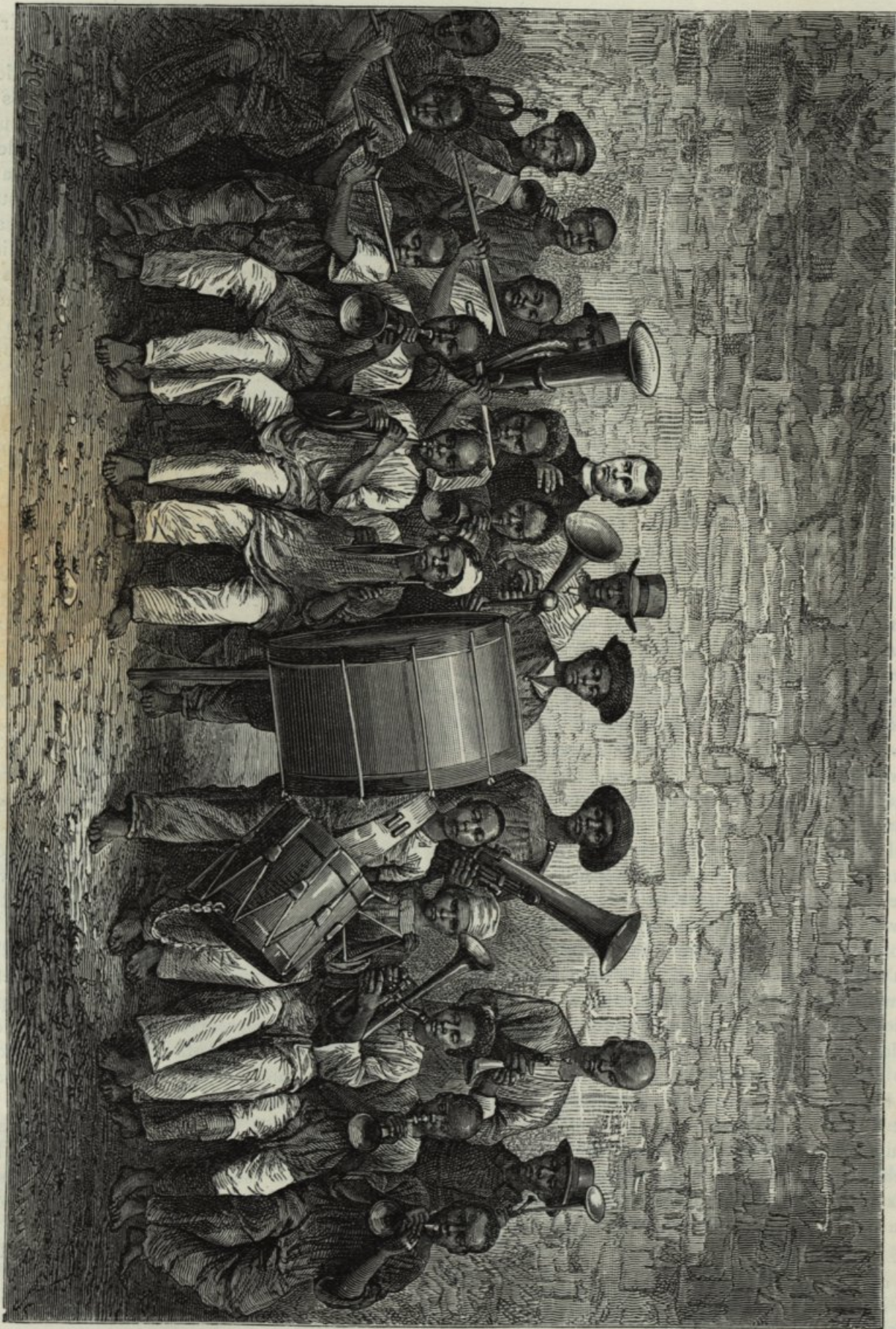
O grande rio Ivindo que foi o termo da sua viagem, antes d'elles era desconhecido, assim como tambem o era um grande tributario, o Ofoné, que desagoa na margem esquerda; a crese no que dizem os Okandas esse rio atravessa as tribus Shibés. Atravessaram cento e dez milhas de rapidos antes de chegar ás cataractas de Ivindo, onde o fogo dos Osyébas os fez retrogradar. Segundo as informações tomadas, o Ivindo sahe de lagos que devem estar situados entre as montanhas de Banoko e as de S. Bento. A mais perigosa d'estas cataractas, *Boné*, precisa d'uma passagem por terra; a sua altura é d'oito metros; necessita-se portanto d'um barco que se possa desmontar para percorrer o Okanda superior.

Os Comis e a gente do Ogôoué *tatuam-se* d'um modo que não deixa de ser bonito; as linhas desenhadas no corpo harmonizam-se com certa elegancia e impedem de pensar em a nudez d'objecto que ellas parecem cobrir. Os Fans usam no lado esquerdo do peito signaes em forma de ferradura compostos de cinco arcos de circulo concentricos, muito semelhantes ás figuras que na Bretanha se encontram em alguns tumulos megalithicos.

(Continua.)

<sup>1</sup> Quem não conhece a habilidade dos feiticeiros cafres, que são excellentes meteorologistas e que aproveitam a sua sciencia para viver á custa do vulgo.





EDIFICANDOS DA MISSÃO DO GABÃO — Presente de E. Roujot, segundo uma photographia





TERCEIRA ENTREVISTA COM O REI LOBOSSI — Desenho de Yvan Pranishnikoff

## COMO EU ATRAVESSEI A AFRICA

DO ATLANTICO AO MAR INDICO.—VIAGEM DE BENGUELLA Á CONTRA-COSTA— ATRAVÉS REGIÕES  
DESCONHECIDAS— DETERMINAÇÕES GEOGRAPHICAS E ESTUDOS ETHNOGRAPHICOS

POR

**SERPA PINTO**

PRIMEIRA PARTE

### A CARABINA D'EL-REI

(Continuado da folha 37)

**N**o Bihé andam a monte muitos degradados e desertores, escapados dos presidios da Costa.

Um d'estes honrados cidadãos veio procurar-me, e pronunciou uma estudada arenga, que, pela profusa troca da primeira consoante pela decima-setima, e repetido emprego de termos só usados na minha provincia, me denunciou n'elle um conterraneo.

Se a fôrma do discurso era picaresca, a sua

essencia mostrava que a alma do orador era sentina de todas as podridões, em decomposição n'um clima tropical, transcalando fedores em cada phrase evaporada d'aquelle espirito imundo.

Depois de me aconselhar a dispôr das armas e munições que tinha, n'uma empresa abjecta, a que elle me fazia a honra de se ligar, terminou por me dizer positivamente, que, ou eu o associava a mim, fosse para o que fosse, ou elle,



empregando manhas que tinha de geito para o gentio, faria que todos me abandonassem, e me poria na impossibilidade de dar um passo.

Terminada esta peroração, que o homem julgou ser argumento triumphante nas minhas decisões, exigiu immediata resposta.

Eu dei-lh'a logo. Chamei os meus Quimbares, e mandei amarrar o sujeito, a quem mandei applicar logo cincoenta açoutes, para fazermos maior conhecimento; porque se eu o conheci ás primeiras palavras, elle não me conhecia ainda.

Depois de castigado, fiz-lhe um pequeno discurso, em que lhe disse, que o constituia meu prisioneiro, durante o tempo que estivesse em terras do Bihé, com ração de comida e de chicote todos os dias.

Reuni toda a minha gente, e mostrei-lhe, que a alma d'aquelle branco era mais negra do que a pelle d'elles ouvintes.

A nova da minha justiça espalhou-se nas povoações circumvizinhas, e deu-me credito entre os pretos, que tinham em má conta o meu prisioneiro.

No dia seguinte, alguns pombeiros do sitio vieram offerecer-me carregadores, e que m'os traziam dentro de dois dias.

Todos os dias tinha promessas, mas os carregadores não chegavam, e a 5 de junho, já no maior desespero, decidi abandonar muitas cargas e seguir ávante.

Reuni os meus pombeiros, e communiquei-lhes a minha decisão.

Tivemos um longo conselho, em que eu sustentei a minha resolução, dando ordem para que os carregadores me acompanhassem ao rio Cuito com as cargas que eu tinha decidido abandonar, para as lançar ao rio.

Já se ia executar esta deliberação, quando o doutor Chacaiombe tomou a palavra, e me pediu para adiar alguns dias a execução d'ella, dizendo-me que obtivesse nas povoações vizinhas gente de ganho que transportasse tudo até ao Cuanza; que elle ia tentar um esforço junto de um sova seu amigo, e me iria encontrar no Cuanza.

Discutido este alvitre, decidi partir no dia 6, e demorar-me no Cuanza até 14; por isso, concedi 8 dias a Chacaiombe, declarando-lhe positivamente que não esperaria um só dia mais.

Os meus pombeiros mostravam-me a maior dedicação, e depois de uma proposta de Miguel (o caçador de elephantes), decidiram pegar tam-

bem elles em cargas, ainda que isso seja não só contra os usos, mas também inconveniente em marcha, onde elles têm o seu serviço especial a desempenhar.

Obtida a gente de ganho, preparei tudo para seguir no dia immediato.

N'esse dia morreu o homem de Novo Redondo que eu tinha recolhido no Cabir.

Levantei campo ás 9 horas do dia 6, tendo muita gente de ganho á razão de um panno por dia.

Segui a Léste, e duas horas depois acampeii junto da povoação de Cassamba.

Fica esta povoação no meio de grande e espessa floresta, onde fui caçar, encontrando apenas algumas *pintadas*, que matei.

Quando, a 7 de junho, levantei campo, saí-me ao encontro o sovetá de Cassamba, que me vinha comprimentar, e trazer um boi de presente.

Desculpei-me de não lhe dar immediatamente um presente, por estarem os carregadores em marcha, e pedi-lhe que mandasse gente sua ao meu novo acampamento, d'onde lhe enviaria uma lembrança.

Depois de tres horas de marcha e de ter nas duas ultimas atravessado grandes planicies pantanosas, alcancei a margem esquerda do rio Cunqueima, que ali corre ao Norte, tendo 80 metros de largo por tres de fundo, com uma velocidade de 12 metros por minuto.

Armei o meu bote Macintosh, e n'elle se effeituou a passagem da gente e cargas com grande morosidade, porque a pequena embarcação não tinha capacidade para mais de cinco pessoas, ainda que o poder de fluctuação da sua caixa de ar era muito superior.

Terminada a passagem, e achando-me na margem direita em terreno apaulado e nú de arvoredos, mandei pedir ao sova do Gando para me dar algumas cubatas onde eu podesse pernoitar com a minha gente.

Elle veio ao meu encontro, dizendo-me que punha á minha disposição o lombe da sua povoação, que aceitei e onde me fui estabelecer.

Chegaram uns pretos de mando do sovetá de Cassamba a reclamar o presente que eu lhe havia promettido, e para se fazerem reconhecer como vindo da sua parte, traziam a azagaia do sovetá, que de manhã eu lhe vira na mão.

É costume entre estes povos, onde a ignorancia da leitura e escripta existe, o mandarem um objecto conhecido pelo portador de uma



mensagem, para que não se duvide que elles vão da parte de quem os envia.

Mandei o promettido presente.

O sova Iumbi, do Gando, conversou muito commigo, e era para elle motivo de espanto tudo quanto eu trazia. Deu-me um magnifico boi, ficando muito satisfeito com uma peça de algodão riscado e algumas cargas de polvora que lhe dei.

No dia immediato levantei campo logo de manhã, e duas horas depois, fui acampar um kilometro a Oeste da povoação de Muzinda.

Antes de partir mandei soltar e pôr na outra margem o meu prisioneiro branco, já impossibilitado de me fazer mal, porque, passando o Cuqueima, eu estava fóra das terras do Bihé.

Vieram ao meu acampamento muitas mulheres da povoação de Muzinda, algumas das quaes traziam a cara pintada de verde, sendo dois riscos transversaes sobre a testa, de orelha a orelha, e outros dois descendo d'esses, cruzando-se entre os olhos, passando aos lados do nariz, ligados por um sobre o labio superior.

Os penteados d'essas Ganguellas são originalissimos, e alguns, a certa distancia, arremedam um chapéu de dama Europêa.

Todos os homens cortam em triangulo os dois incisivos da frente na maxila superior, formando uma abertura triangular com o vertice apoiado na gengive. Esta operação é feita com uma faca em que vão batendo pequenas pancadas.

Deu-me um indigena uma cana sacharina de 2 metros e 30 centimetros de comprido por 50 milimetros de diametro, affirmando-me que a producção d'aquella rica graminea é abundante ali.

Sahiu de Muzinda uma pequena comitiva que ia para além do Cuanza comprar cêra a troco de peixe secco do Cuqueima.

Estes indigenas andam quasi nus, tendo por unico vestuario duas pequenas pelles, que pendem de um estreito cinto de couro.

As mulheres, essas andam ainda um pouco menos cobertas!

O soveta de Muzinda veio visitar-me, e trouxe-me um boi, que eu retribui com presente igual ao que dei ao sova Iumbi do Gando.

A 9 de junho fui acampar na margem esquerda do rio Cuanza, a E. N. E. da povoação de Liuica. N'aquelle ponto o Cuanza é mais modesto do que o Cuqueima, porque tem 50 metros de largo por 2 de fundo, com uma corrente de 15 metros por minuto.

O seu leito é de areia branca e fina, e notavel a transparencia das suas aguas.

O rio serpêa n'uma vasta planicie de dois a tres kilometros de largo, que encosta de um e outro lado a pequena elevação de vertentes doces, cobertas do arvoredos.

Na planicie vegetam gramineas altissimas, tão bastas que difficil é romper por entre ellas.

O terreno da planicie é mais ou menos pantanoso.

Como eu devia esperar ali cinco dias pelo cirurgião Chacaiombe, tinha, logo que cheguei, mandado construir um acampamento mais vasto do que aquelles que construia só para uma noite.

Veio ali visitar-me o sova de Quipembe, a quem obedecem os sovetas de entre Cuqueima e Cuanza, e que é elle mesmo tributario do sova do Bihé, a quem só obedece quando lhe faz conta; porque não teme os seus ataques, sendo-lhe facil defender a linha do Cuqueima, e sendo a maior parte, senão todos, os barcos que navegam ali, das povoações Ganguellas.

Trouxe-me um carneiro de presente, desculpando-se de me não dar um boi, por ser a sua povoação muito distante.

Recebi tambem a visita do soveta de Liuica, que me offereceu um boi.

Este soveta, homem de boa feição, frequentou muito o meu campo durante a minha permanencia na sua visinhança.

Um dia que elle me tinha visto atirar ao alvo e que admirava a justeza dos tiros, passou o seu grande rebanho bovino por ali.

Eu propuz-lhe dar-me elle um boi se o meu muleque Pépéca o matasse com um tiro.

Elle olhou para a criança e aceitou.

O Pépéca, soffrivel atirador, ensinado por mim, tomou a carabina, e fez fogo a um boi que ia mais separado dos outros, e que cahiu fulminado. Ouve espanto geral da parte dos Ganguellas, e o soveta disse-me que mandasse tomar conta do boi e lhe desse a pelle, e um bocado de carne para elle comer, o que eu fiz logo.

Entre Cuqueima e Cuanza os Ganguellas, que são de differente raça dos outros povos designados pelo mesmo nome, chamam-se Luimbas junto ao Cuqueima, e Loenas junto ao Cuanza.

No dia 12, aconteceu-me uma aventura extraordinaria, que não posso deixar de narrar aqui.

Andava eu fóra, quando alguns dos meus



pretos vieram encontrar-me com um mulato, desconhecido para mim, que me disseram ser chefe de uma comitiva, que me vinha procurar, para me pedir licença de ir commigo até ás margens do rio Cuito, e deixal-o acampar nos meus acampamentos, para segurança sua.

Consenti no pedido, ainda que não de bom grado.

N'essa noite, demorei-me a conversar com os meus pombeiros até tarde, e sentados á porta da minha barraca, discursavamos sobre as probabilidades que haveria de ser bem succedido o meu cirurgião Chacaiombe na sua empresa, quando eu senti para uma parte do campo um tinido singular.

Era como o bater de martello em safra. Tive a curiosidade de saber o que era aquillo, e mandei lá o meu Augusto.

Voltou elle a dizer-me que na parte do campo occupada pelas barracas do pombeiro Biheno, que me pedira agasalho, se acorrentava uma leva de escravos chegados n'essa noite do Bihé.

Nas barracas dos meus tudo dormia, excepto tres ou quatro pombeiros que estavam junto de mim.

Contive a cólera que me dominou por um momento, e mandei chamar o meu hospede.

Elle compareceu logo, e veio sentar-se junto da fogueira defronte de mim.

Perguntei-lhe: O que era aquillo: bater de ferro? Respondendo-me elle que era a acorrentar umas *cabecinhas* que levava para vender no sertão. No meu acampamento! onde tremulava a bandeira portugueza, acorrentava-se uma leva de escravos!

Continuei a fazer um grande esforço para me conter, e disse ao pombeiro que fosse soltar todos aquelles desgraçados e m'os trouxesse livres.

Elle negou-se a fazel-o, e respondeu-me com uma gargalhada de riso alvar.

Perdi então a paciência, e a raiva contida a custo transbordou violenta.

Cego de furor, lancei-me por sobre a fogueira áquelle boçal mulato, e já a minha faca o ia ferir de morte, quando vi, que algumas espingardas dos meus Quimbares lhe ameaçavam a cabeça, e por um d'esses reviramentos tão vulgares como rapidos no meu espirito, só pensei em salvar-lhe a vida.

Ao meu grito de raiva, e ao barulho da luta, tinha-se levantado toda a minha gente, e ameaçavam exterminar toda a comitiva Bihena.

Eu, que conheço a ferocidade dos negros logo que se sentem fortes, tremi pela vida dos innocentes que podiam ser immolados.

Era uma balburdia em que ninguem se entendia, e á excepção de cinco dos meus pombeiros que assistiram ao começo da scena, todos ignoravam o que era aquillo, e só proferiam palavras de morte.

Consegui dominar o tumulto e fazer-me ouvir.

Mandei o meu Augusto soltar os escravos, e trazel-os á minha presença, assim como todas as correntes e prisões que encontrassem nas barracas onde elles estavam.

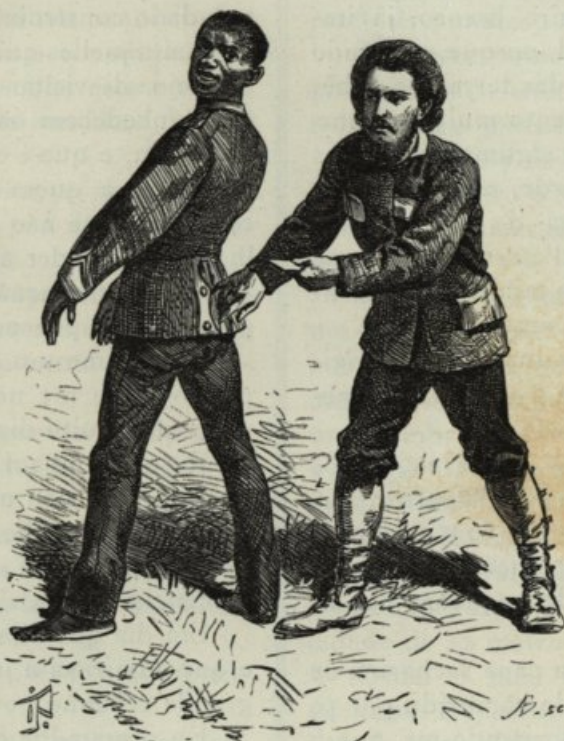
Mandei lançar ao rio Cuanza as prisões de ferro, reservando só aquellas com que preendi os pretos, guardas da leva.

Declarei aos escravos que podiam ir-se, se quizessem, porque teria os seus guardas presos o tempo sufficiente para os não poderem alcançar. Desappareceram todos, excepto uma pequena, que quiz ficar commigo, por não saber onde ir; e só na occasião de deixar o meu acampamento soltei e dei liberdade aos chefes e guardas d'aquelle rebanho de escravos.

Passou-se o dia 13 sem haver noticias do meu cirurgião, e na noite d'esse dia distribui eu as cargas que pude distribuir, umas 87, separando ainda umas 12 que me custava a abandonar, e pondo em pilha aquellas que estavam irremediavelmente condemnadas.

Declaro que é difficil tal escolha.

Creio que um dos peores problemas a resol-



UMA CARTA D'AMOR  
Desenho de Yvan Pranishnikoff, segundo o texto



ver por um explorador, é escolher entre as cargas, indispensáveis todas, aquella que hade dispensar.

Se não é mais difficil, é pelo menos tanto como achar o modo de determinar uma boa longitude.

Ali abandonei tudo o que de commodidades eu tinha, toda a alimentação que para mim levava, e parte da que levava para a minha gente e algumas cargas de missanga que os meus companheiros me haviam cedido, e que, comprada em Loanda, era de valor problematico nos sertões em que me ia internar.

Se no dia 14 de manhã não tivesse novas do Chacaiombe, as cargas condemnadas seriam destruidas, queimando umas e lançando outras ao Cuanza.

Para que? me perguntarão os meus leitores.

Eu lhes respondo. O chefe de uma comitiva em marcha nos sertões da Africa, onde tiver de empregar carregadores, tem de inutilisar e tornar inaproveitaveis todos os objectos que fôr forçado a abandonar, e isto por duas razões, uma

que diz respeito á sua propria gente, e outra ao gentio dos paizes que atravessa.

Se consentiu que os seus proprios carregadores aproveitem alguma cousa da carga abandonada, todos os dias terá carregadores doentes, que o obrigarão a abandonar cargas, para d'ali retirarem objectos em proveito proprio; organisando assim um industrioso roubo permanente.

Por outro lado, sabendo o gentio da terra, que lhe deixam cargas por falta de carregadores, não deixará de ministrar ás comitivas futuras, na muita capata que lhe offerecem, um tóxico qualquer, que, se não matar, os torne doentes, obrigando assim o chefe a abandonar cargas em seu favor; o que não fazem, sabendo que nada aproveitam, porque tudo o que houver de ser abandonado é inutilisado.

Foi isto lição de Silva Porto, de que sempre fiz uso.

No dia 14 de manhã, não tendo noticia do Chacaiombe inutilisei 61 cargas!

(Continua.)

## VIAGEM Á NOVA-GUINÉ

POR

ACHILLE RAFFRAY

ENCARREGADO D'UMA MISSÃO SCIENTIFICA PELO MINISTERIO D'INSTRUCÇÃO PUBLICA EM FRANÇA

(Continuado da folha 38)

**A**LGUNS dias depois os tecidos e as missangas tinham desaparecido. Dorey pagara-se pelas suas mãos.

É muito difficil fazer contas com os Papus, pois que só sabem contar até dez; mas Sakoï indicou-me o processo de as ajustar. Quando queria contratar um homem para o meu serviço, fazia um molho de tantos bocados de pau quantos eram os dias que eu o queria ter a trabalhar por minha conta. Estendia diante do Papu, d'um lado os bocados de pau e do outro os objectos que lhe offerecia em pagamento, tendo comtudo o cuidado de não offerecer logo tudo quanto queria pagar; era mister regatear. Quando emfim o Papu, depois de ter largamente reflexionado, consultado os seus amigos, mirado as mercadorias, desdobrado os tecidos, contado e recontado os bocados de pau, dividindo-os em lo-

tes de cinco e de dez, reunindo-os, redividindo-os ainda, se resolvia a acceitar, guardava todos os bocados de pau, entregando-me todos os dias de manhã um, até final conclusão do tempo para que tinha sido contratado, lançando em seguida a mão aos estofos e missangas ajustadas que tinham ficado em logar em que elle as pudesse apalpar todas as vezes que o quizesse; era raro que quizesse renovar o contrato. Tinha engordado durante um mez; possuia o que n'estas regiões substitue o dinheiro; estava rico. Nada o podia já tentar, a preguiça, que afugentara durante instantes, apoderava-se novamente d'elle e, impellido além d'isso pela inconstancia e natural versatilidade do seu character, ia-se para não voltar.

Todavia as cousas nem sempre se passavam com esta simplicidade; muitas vezes renovavam



um contrato que queriam quebrar no fim de tres ou quatro dias trazendo-me todos os bocados de pau, o que, para fazer o pagamento, dava logar a grandes discussões.

Comtudo procuravam-nos insectos que nós compravamos com missangas; eu dava uma, duas, tres e até sete e oito contas azues, por insectos, conchas, peixes, serpentes, por um animal qualquer terrestre, dos rios ou do mar. Ao principio, para animar os caçadores, compravamos tudo o que nos traziam, embora depois tivéssemos de fazer escrupulosa escolha. Tínhamos collocado na janella a caixa dos insectos, para onde a toda a hora corriam as crianças, os homens e menos vezes as mulheres. Depois para evitar a grande quantidade e para poupar a nossa moeda miuda fomos obrigados a sermos escrupulosos na escolha; mas, para evitar a astucia e a deslealdade dos Papus que pretendiam fazer-nos comprar um insecto mutilado ou uma concha quebrada, era preciso lutar. Uma primeira recusa não os desanimava e nos dias seguintes mandavam offerecer-nos por outros individuos a mesma mercadoria avariada.

Desde o principio ao fim do dia resoavam sem sessar aos nossos ouvidos as seguintes palavras: *Tonan binatang, binatang* (Senhor, bichos, bichos.)

Era necessario ter uma paciencia de viajante robustecida pela paciencia de naturalista para os aturar. E eram estes os mais insignificantes incommodos que nos causava a má fé dos Papus. Um dia Markus e William voltaram da caça trazendo um molho de pequenas hastes de bambu muito aguçadas que tinham encontrado espetadas no chão em toda a floresta e principalmente nas veredas que a cortam. A intenção era evidentemente malevola; para os nossos caçadores d'insectos que andavam descalços o perigo era grande; eu mesmo sahia muitas vezes descalço fóra da porta da cabana, onde tambem se encontraram grande quantidade de bambus espetados, tendo as pontas aguçadas com o comprimento de quatro, cinco e seis centímetros.

Os Papus diziam terem cercado a nossa cabana com aquelles espetos para nos preservar do ataque das tribus arfaks, esses terriveis decepadores de cabeças, de quem só o nome enche de terror os mais animosos malaios. Por mais que eu lhes dissesse que não temia os Arfaks e que os espetos eram para nós bem mais perigosos, não os queriam tirar; todos os dias a minha gente arrancava um grande numero e todos os dias

mãos invisiveis iam substituir os arrancados, até que dois Papus foram victimas da sua esperteza e atravessaram os pés com as proprias armadilhas. Um d'elles veio-me pedir que o curasse; tive grande vontade de nada lhe fazer, mas como recusar? Resolvi-me a applicar-lhe um remedio que lhe duplicasse o castigo, fiz-lhe uma applicação profunda e prolongada de collodio. Todos sabem que este medicamento, sendo todavia excellente, produz nas chagas a impressão do ferro em braza. O doente curou-se e com grande alegria nossa ao mesmo tempo desapareceram as hastes de bambu.

Como é d'esperar em povos tão primitivos a sua organização social está ainda no periodo embryonario: não téem governo, nem leis, nem praxes, nem sacerdotes, nem auctoridades obedecidas e respeitadas; são apenas um agregado de individuos absolutamente livres e independentes, unicamente ligados entre si emquanto os seus interesses o exigem e todavia, coisa curiosa, são todos solidarios. Alguns chefes transmittem de paes a filhos um poder nominal e illusorio que não querem nem podem impôr aos demais.

Cada um vae viver para onde quer; mas ameace-os um perigo commum e todos os vagabundos se agrupam. Apareça um bom negocio e cada um quer a sua parte, seja grande, seja pequena. Um papu possuidor d'uma folha de tabaco, d'um bocado de canna d'assucar era obrigado a dividir esses objectos por todos que estavam com elle; muitas vezes se eu necessitava de guias, de quem me transportasse qualquer cousa, de remadores, tinha de contratar com todos os presentes, pois que todos queriam a sua quota parte no ajuste.

Geralmente os Papus são monogamos; possuem muitas mulheres, mas successivamente; quando a primeira mulher envelhece põem-a de lado como um movel inutil para tomar outra que tambem terá a sorte da primeira e assim successivamente, emquanto o macho é bastante rico para renovar assim este dispendioso accessorio. A mulher é sempre o objecto d'uma transacção commercial, na qual o esposo paga ao sogro uma somma proporcional aos seus haveres. Não deixa de ter interesse o observar terem estes povos um certo respeito pelas leis da moral que muitas vezes degenera, é verdade, em especulação. O bom comportamento das donzellas considera-se como um capital, que dá a esperanza de poder fazer-se mais vantajosamente a transacção matrimonial.



Se um homem tenciona tomar uma rapariga por esposa não deve procurar vel-a, nem mesmo tendo para isso ensejo. Se a encontra em qualquer caminho deve voltar-lhe as costas e esconder o rosto entre as mãos até que ella passe. Procedendo d'outro modo expõe-se a pagar grande multa.

Os missionarios holandezes contaram-me singulares anedoctas a respeito de factos succedidos na aldeia de Mansinam e que, se a cobiça não era o mobil evidente da sollicitude paternal, poderia deixar suppôr uma delicadeza de costumes muito differente da que se pôde julgar existir n'um estado muito inferior de civilisação d'um povo.

Os casamentos dão logar a festas que, por não ter assistido a nenhuma, não posso descrever.

Essas ceremonias levam-me a fallar da religião, assumpto muito impòrtante mas da qual, pessoa alguma que eu saiba, tem conhecimentos precisos. Sobre este assumpto os Papus guardam a mais completa reserva. Perguntei aos meus dois intimos Papus, procurei informações entre os malaios que varias vezes tinham estado na Nova-Guiné, perguntei aos missionarios holandezes que fallam perfeitamente a lingua maffor e nem uns nem outros estavam mais bem informados do que eu. E, coisa estranha, os missionarios tinham conquistado aos indigenas alguns neophytos que lhes são dedicados, o que têm provado em circumstancias difficeis: mas estes proprios Papus, convertidos á religião de Christo, nada querem revelar da religião da sua patria.

Os indigenas trazem consigo objectos por mim já descriptos e que evidentemente são amuletos; têm tambem umas pequenas figuras a que ligam um grande valor.

Os templos de Dorey e de Mansinam são celebres. Estas casas sagradas, como em Dorey são chamadas, são como as vivendas dos indigenas, edificadas sobre estacaria, mas muito mais altas e compridas. Nas duas extremidades o tecto em vez de descair, ergue-se e alonga-se, terminando com ornatos de madeira e abrigando em cada extremidade uma plataforma, onde estão duas estatuas de tamanho natural, uma de homem, outra de mulher, tendo os membros articulados e cabelleiras naturaes. Uma descripção d'estas estatuas e das suas abominaveis attitudes é coisa impossivel; só podia inspirar nojo.

Qualquer viajante pôde visitar estas casas

sagradas; mas saber a que culto são destinadas e quaes são as ceremonias e ritos tem sido até hoje impossivel. Tudo o que eu pude saber é que o templo serve de habitação aos homens não casados, que, como já tive occasião de dizer, não dormem em casa das suas familias; disseram-me que se reuniam ali sob a presidencia d'uma velha repugnante.

As pequenas figuras, tendo entre quinze a vinte centimetros d'altura, representam um individuo sem sexo, em pé, com os dois braços apoiados sobre uma balaustrada de madeira, melhor ou peor trabalhada. Geralmente entre o corpo e a cabeça não existem proporções algumas; esta é duas ou tres vezes mais volumosa do que deveria ser. Os Papus dizem que, quando um homem perde o pae, esculpe uma d'estas pequenas figuras e põem-a em sua casa, onde substitue o logar occupado pelo morto e invoca-o em todas as circumstancias difficeis, quer seja para obter uma coisa boa, quer seja para evitar uma desgraça. Mas se o esculptor morre, o seu filho esculpe uma outra que vem substituir a do avô, agora inutil e sem virtude e de que elles facilmente tambem se desfazem.

Junto com este paganismo desanimadore com o culto mais puro dos antepassados encontra-se em Dorey e em Mansinam uma tradição curiosissima muito accreditada pelos Mafors. Reproduzo-a textualmente, tal como me foi contada pelo velho Sakoï, confirmada por outros Papus e pelos missionarios.

Um individuo chamado Mongoundi, homem superior, sem duvida algum genio ou deus, tendo subido a uma arvore viu vir para elle uma formosa rapariga e atirou-lhe com um fructo d'essa arvore. A virgem concebeu então um filho, que vindo á luz, foi chamado Konoro.

Mongoundi e Konoro viveram durante algum tempo sobre a terra que então era mansão de felicidades e innocencia; mas, tendo-se os homens deixado arrastar pela sua paixão e tendo-se tornado maus, as duas divindades desappareceram promettendo voltar, quando o mal tivesse desapparecido e que então os homens não morreriam, gosariam d'eterna mocidade, que nunca mais haveriam guerras nem enfermidades e que a terra sem ser cultivada produziria tudo quanto fosse necessario.

Seja qual for a opinião que se tenha das incarnações divinas, não é menos incontestavel que a tradição papu é identica á antiga tradição buddhista.





POVOAÇÃO E HABITANTES DE SALWATY

POVOAÇÃO DO MUNDO



Aqui levanta-se uma controversia que eu deixo *disputationibus eorum* e que simplesmente quero fazer notar. Tratou-se d'averiguar d'onde teriam os Papus herdado esta tradição. Este problema complica-se com a anthropologia. Os

viajantes italianos, que antes de mim visitaram a Nova-Guiné, julgaram ter encontrado sangue indiano nos selvagens d'esta grande terra da Oceania melanesia e a tradição que acabo de referir é um dos seus principaes argumentos em fa-



PAYSAGEM DE DOREY — PAPUS LANÇANDO Á AGUA AS SUAS PIROGAS

vor d'uma hypothese rejeitada pelos sabios anthropologistas francezes.

Se me é permittido apresentar a minha opinião sobre assumpto tão obscuro, direi que não vejo affinidades possiveis entre os Papus e os Indianos. Emquanto á tradição religiosa parece-me poder dar uma explicação assaz plausivel fazendo-a derivar do christianismo. Ninguem

ignora que os portuguezes foram os primeiros navegadores que descobriram a Nova-Guiné; ora os navios do rei de Portugal nunca se aventuravam a tão longe sem levar a bordo um capellão e que ha para admirar que uma predica feita a estes selvagens lhe deixasse uma noção vaga de que esqueceram a origem, ao mesmo tempo que alteraram a narrativa; os tempos e



os numeros são para estes selvagens abstracções que o seu espirito não pôde comprehender.

Antes de commigo levar o leitor aos diversos pontos da Nova-Guiné que eu visitei e para concluir este rapido estudo dos Papus do Norte só me resta dizer algumas palavras sobre o que eu posso chamar, sem muita impropriedade d'expressão, a arte na Papuasias. As collecções ethnographicas que eu trouxe provam que os Papus têm realmente uma arte, bem rudimentar é verdade, mas que se manifesta em todos os objectos d'uso e sempre pelos mesmos processos: 1.º a copia exagerada do typo Papu que se encontra nas pequenas figuras, nos amuletos, principalmente nas prôas das pirogas e até nas hastes das flechas e das lanças; 2.º um emaranhado d'arabescos em que a espira parece ser a ideia predominante. Encontra-se esta ornamentação principalmente nas taboas que ornão a prôa das pirogas e nos bambus que servem de caixas para o betel. Notam-se tambem, particularmente nas obras feitas de esparto, gregas, ou os seus derivados e d'um gosto assaz puro. Algumas vezes combinam tudo para fazer um todo harmonioso e, n'estes desenhos, os viajantes italianos procuraram um argumento em pro da sua hypothese sobre a origem dos Papus. Muitas vezes na base d'uma espiral está representada uma figura humana, cujo nariz, que deve formar a primeira espira, se allonga e recurva para a bocca. Algumas vezes artistas mais audaciosos e inovadores esculpíram uma cabeça isolada com um nariz em fórma de tromba e quizeram vêr n'esse appendice uma recordação da tromba do elephante! Mas, julgo eu, que o desenhador foi necessariamente levado a fazer esse prolongamento do nariz para chegar a uma combinação possivel d'uma figura humana com espiras, thema habitual da sua ornamentação. A lingua Papu differe em cada aldeia. Eu não tive tempo d'aprender qualquer d'estes numerosos dialectos; unicamente pude recolher com o auxilio do malaio um vocabulario de cerca de trezentas palavras em dois dialectos, o mafors fallado em Dorey, e o amberbaki usado n'uma das costas Papus, onde dentro em pouco levarei o leitor. Julguei perceber que os verbos se conjugavam, o que torna sob o ponto de vista grammatical estas linguas superiores ao malaio. A pronuncia é em geral sonora e prodiga de diphthongos. Passei assim os primeiros quinze dias em Dorey. Empreguei-os activamente na minha installação e ao mesmo tempo em enriquecer as

minhas collecções. Comtudo, segundo o meu programma, Dorey só me devia servir de base de operações e como um centro de que eu tencionava irradiar para os pontos mais favoraveis ás minhas pesquisas.

Desde principio a minha tenção tinha sido confiar a guarda da nossa vivenda em Dorey a M. Maïndron, por mais util que me tivesse sido a sua companhia nas minhas excursões. E, embora não fosse esse o meu pensamento, ser-me-hia impossivel leval-o commigo; estava em estado de não poder supportar as fadigas da mais pequena marcha; a ferida resistia a todos os tratamentos: era das mais communs e das mais perigosas nas regiões equatoriaes.

Sem me afastar de Dorey tinha em mira fazer estudos interessantes. Por exemplo, ouvia fallar muitas vezes dos Arfaks, esses terriveis decepadores de cabeças. Desejava tanto mais visital-os, quanto eu, uma ou outra vez, via alguns que desciam d'aldeia d'Aïambori e se misturavam com os Mafors de quem momentaneamente pareciam amigos.

Tratei de arranjar os meios de entrar em relações com elles e depois de bastante trabalho o sanadi d'Aïambori, em nome dos seus cohabitantes, consentiu em receber a minha visita.

Ao nascer do dia partimos atravez da floresta, que começava a conhecer, e tivemos de subir por um carreiro muito ingreme uma collina talhada a pique de cem metros de altura. No planalto a floresta estava coberta de arvores novas, o que evidentemente indicava que n'aquella zona de terreno as arvores tinham, havia poucos annos, sido plantadas. Admirei-me por encontrar um solo absolutamente madreporico.

Vi alguns insectos e passaros que não appareciam na praia.

Atravessamos um pequeno regato muito pittoresco. Emfim, depois de uma hora de marcha, chegamos deante de uma depressão do terreno, onde se viam tres casas; era Aïambori, povoação arfak.

Os Papus que me acompanhavam precederam-me para annunciar a minha chegada. Primeiro fui recebido pelo sanadi que habitava uma casa construida doze pés acima do solo. Ao entrar vi tres mulheres de idade muito differentes.

O meu apparecimento repentino assustou-as sem duvida, pois que se foram refugiar n'um canto, junto da fogueira, onde se estavam assando os fructos d'uma especie de arvore de pão e algumas raizes.

(Continua.)



## CRUZEIROS NA COSTA D'AFRICA

(Continuado da folha 38)

**A**FFIRMARAM-ME que estas *tatuagens* lhe eram feitas na ocasião do casamento; alguns têm uma especie de signaes ou cruzeiros latinas e outros flores; o valor d'estes signaes symbolicos ou não é por elles conhecido, ou não o querem revelar.

As ideias dos negros do Gabão a respeito de Deus, do seu poder e da alma humana são muito vagas. Aniemié é o nome de Deus que tem um rival em Aniembia, que é o diabo. Aniemié vive nas esferas superiores; julgam nunca poder estar na sua presença; Aniembia exerce o seu poder sobre os homens; as doenças são um dom seu; o Ouganga tem sobre elle um grande poder; se mister fôr incarna-se n'um paciente que Aniembia tyrannisa; Ouganga pôde, quer seja fazer-lhe abandonar a sua victima, quer seja fazel-o occupar o corpo d'um inimigo: o Pongoné receia dos maus olhados, bebe ás escondidas para exconjurar os maleficios; nunca se senta n'uma cadeira que tenha sido occupada sem lhe pôr em cima uma tanga: podia ser contaminado ou envenenado; é naturalmente muito desconfiado.

O espirito Uhuk, tambem chamado N'setyo ou Ambambou, vive nas entranhas da terra; dedicam-lhe casas fetiches, onde vae logo que o convidam. A iniciação dos homens, que dura quinze dias, faz-se n'estas casas, onde os iniciados são chamados pelo som d'um volumoso apito; passam-se aqui scenas de ventriloquo que podem illudir gente selvagem.

A iniciação da mulher faz-se em nome de Zombi<sup>1</sup>; a noviça toma o nome de Igouji e deve jejuar durante os tres dias que dura a cerimonia. Uma mulher velha sustenta o fogo que deve queimar na casa mysteriosa em que está encerrada a noviça, repetindo incessantemente «que o fogo nunca se deve extinguir»; os Ougangas tocam tambor durante a cerimonia.

As mulheres procuram muito ser iniciadas; põem-as ao abrigo de serem maltratadas pelos seus maridos; depois da iniciação ficam sob a protecção da associação que é um poder e to-

mam tambem logar na classe das matronas que se casam segundo o regimen dotal.

Os Gabonezes mal crêem n'uma outra vida; pensam todavia que a alma, depois de se ter libertado do corpo, pôde dar bons conselhos aos amigos e prejudicar os inimigos. Os F'ans são mais affirmativos. *Akhou* ou alma humana anda errante entre o céu e a terra; sempre maldita, procura introduzir-se no corpo d'um homem que anima com uma vida ficticia; um branco representa aos olhos dos negros d'Africa equatorial um Oouenga, ou um N'Kou.

Ilogo e Ogonayli são espiritos que habitam a lua; as mulheres adoram-os conjuntamente com Zombi; a invocação de Ilogo faz-se ao som do tam-tam; as ceremonias feitas em honra de Ilogo são fatigantes; as mulheres cahem catalepticas durante ellas. Têm muita analogia com as ceremonias de Rhamsos em Madagascar; esta é tambem uma cerimonia onde se tiram augures; a um rapaz é dada uma bebida que lhe produz profundo somno e durante o qual as palavras que inconscientemente articula são recolhidas e explicadas como mais conveniente parece aos sacerdotes. Os Ougangas usam o mesmo processo com as mulheres catalepticas.

Os idolos dos Oronghons são dualistas, *Pangeo* é o principio macho, *Aleka* é o principio femea. Além d'estes têm tambem uma especie de trindade. *Makambi* representa n'essa trindade o principio macho, *Abiab* o principio femea. *Numba* é o Mercurio e o Neptuno do Oronghon. É o *Poros* e o *Penia* de Platão e a trindade dos Cabiras e dos Indos. Como no Egipto aqui tambem predomina o principio femea. *Numba* representa o mar e os logares infernaes.

Ambambou, tambem chamado Ocoucou M'vety, é o diabo dos Comis; é mau e malfasejo; vive nos tumulos, pôde fazer adoecer e matar aquelle que o offender; tem altares adornados com pennas; uma lampada deve continuamente illuminar estes altares.

O Imburi é o bom espirito, que como o seu rival tambem tem altares; mas, sendo menos temido, é tambem menos adorado; geralmente cada espirito tem a sua femea de fórma a representar a dualidade sexual; é a androgynia na sua fórma mais brutal.

<sup>1</sup> Zombi em linguagem do Congo significa alma. Muitas vezes ouvi ás negras da Martinica invocar o Zombi que era um duende.



Ouenga representa o vampirismo; participa da vida humana e da vida sobrenatural. Ao homem é permittido lutar com elle e mesmo vencel-o: todavia Oouenga é dotado de tal vitalidade que renascera, se não fôr reduzido a cinzas. Esta superstição alastra-se até Madagascar, onde os mais corajosos Sakalaves não ousam dar um passo de noite com medo de encontrar um d'esses seres sobrenaturaes de que tanto lhes fallaram em toda a sua infancia <sup>1</sup>.

A familia dos Fans tem as suas legendas particulares: N'ghou-Mazo é o seu heroe deificado, N'zamma o seu grande deus unico; o espirito do mal é N'kou. As almas humanas são N'kous. Já fiz observar que esta doutrina, como na costa dos Crous, parecia originaria do Egypto.

Os Gangas ou Ougangas formam uma poderosa associação que, como o Poura, domina a sociedade civil e sabe impôr a sua vontade, quando não são as suas ordens aos proprios chefes. Esta associação existe com o mesmo nome desde o Congo até á costa oriental, banhada pelo mar das Indias; em Madagascar chama-se Ampí,

## XXIX

Fernão Vaz—Estado politico—Ravenjigoy—O Rhembo-Ouenga—Obongos—José—Os Ginnas—Futuro do Gabão—M. Saborguan de Brazza.

M. du Chaillu fizera-nos conhecer que o chefe Comis Rigondo tinha em Aniembra agrupado em volta de si tres mil almas. Seu filho, Alenga-Yombi, em vão tomára tambem o nome de Rigondo; este nome perdera o prestigio e a auctoridade fugira-lhe; os pequenos chefes, ciosos

<sup>1</sup> A origem d'esta superstição encontra-se no Egypto, onde certa parte dos ossos diziam conter o principio vital que favorecia a resurreição.

uns dos outros, uniam-se para esmagar aquelle que aparentemente se elevava mais. A mais completa anarchia reinava no Cama. A familia Abonyas tinha o privilegio de fechar o Rhemboe-Ouenga, principal manancial do commercio de Cama. Quenqueza, seu chefe, que tinha a residencia em Gombi a noventa milhas acima de Cama, tinha protegido M. du Chaillu; este chefe já tinha morrido quando o *Pionnier* appareceu em frente d'Eliva <sup>1</sup> de Cama. Os assassina-

tos e os crimes contra pessoas tinham-se tornado muito frequentes n'estas paragens desde que desaparecera a auctoridade de Pass-Oll e de Rigondo e este estado d'anarchia ameaçava esgotar as origens do commercio que se tinha começado a fazer com a Europa. Por instigações de M. M. du Chaillu e de Windwood Read, os chefes d'Eliva, d'accordo com Quenqueza, resolveram estabelecer a solidariedade das tribus e de as tornar responsaveis pelos crimes commettidos pelos individuos da comunidade.

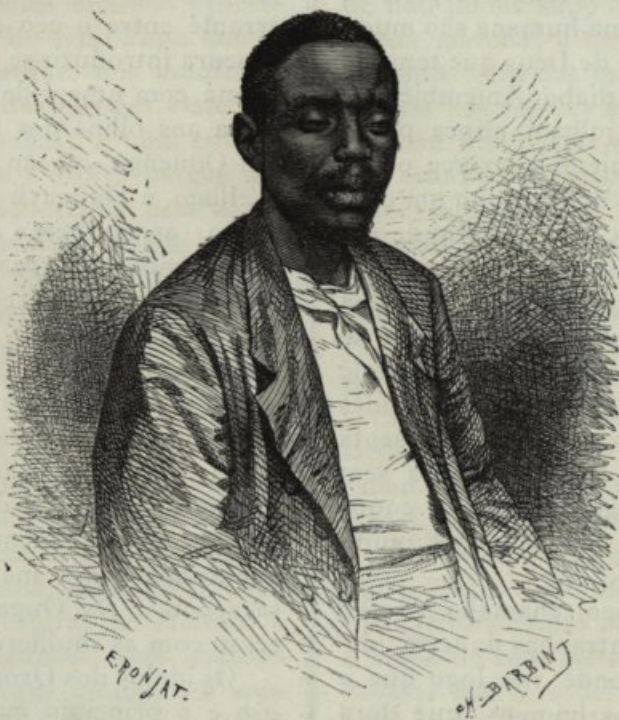
O *Pionnier* entrou no Fernão Vaz por um canal differente d'aquelle por onde entrára o *Arabe*; a

violencia das correntes, as areias arrastadas pelo rio e pelo mar, modificam continuamente a entrada dos rios africanos.

A missão do *Pionnier* era indagar as circumstancias d'um crime attribuido a um portuguez, açuçado de ter mandado, diziam, empalar uma das suas escravas.

As indagações laboriosas de uma tal accusação chegavam ao seu termo, quando os chefes Comis pediram uma entrevista a M. Aymés que foi a Agogogo, logar aprasado para a reunião. Exposeram-lhes os Comis em termos energicos que a sua auctoridade não era reconhecida, que o commercio estava ameaçado na sua origem, se não se pozessem diques aos assassinatos e roubos

<sup>1</sup> Eliva em poungoné tem a significação de lago.



UM INDIGENA DO GABÃO  
Desenho de E. Bonjat, segundo uma photographia



repetidamente commettidos na maior impunidade; era para pôr termo a esta desordem que se tinham reunido: queriam castigar Ravenjigoy, o antigo makaga <sup>1</sup> de Rigongo, que matára um homem a Quenqueza.

O chefe dos Aboyas podia á sua vontade fechar o Oouenga, bastante estreito para a sua navegação poder ser impedida com umas estacas que se espetassem no leito do rio, além d'isso ameaçava fazer represalias se o crime ficasse impune. O makaga estava cercado por mar e por terra; reduzido a esta extremidade inspirava ainda aos chefes Comis bastante medo para os obrigar a solicitar a coadjuvação do commandante Aymés. Vieram ao *Pionnier* collectivamente para conseguir de M. Aymés que deixasse caminhar a sua acção judiciaria. Ravenjigoy quiz tambem tornar os brancos favoraveis; uma piroga muito pequena, tripulada por duas creanças, largou do matto: estes moleques escravos vinham pedir que fosse dado a seu senhor gosar do favor concedido aos seus inimigos; queria tambem ter uma entrevista com o chefe francez. Com bastante custo o commandante Aymés conseguiu uma especie de tregoa, o que permittiu ao ma-

kaga o apresentar-se a bordo do *Pionnier*. Este homem tinha adquirido um ascendente incontestavel e é provavel que os seus inimigos quizessem n'elle punir mais um rival, do que um criminoso; teria cincoenta annos; o seu ar energico contrastava com o dos seus rivaes, nos quaes a bebedeira deixara vestigios indeleveis. Pediu a M. Aymés para que convocasse para o *Pionnier* um grande conselho deante do qual podesse apresentar a sua defeza. Os chefes Comis recusaram-lhe este tribunal; sem duvida temiam o ascendente de Ravenjigoy e a sua eloquencia, ao que os negros são muito sensiveis.

Esta resposta não o abateu, a sua attitude tornou-se ainda mais altiva e tomando posições d'Agare exclamou: «Ainda não será facil deitar-me a mão e mais d'um cahirá aos meus pés.»

Passado este relampago de altivez reapareceu o negro. Só pensou em passar bem os ultimos momentos: o branco é tão rico, os N'bui ri favoreceram-o tanto que os negros julgam uma mina onde se podem lucupletar. O makaga, esquecendo a sua dignidade, dirigiu-se ao commandante com ar de censura: «Pois que, disse elle, um homem tão generoso como tu vae deixar-me partir sem me dar uma unica garrafa de agoardente!...»

(Continua.)

<sup>1</sup> Makaga é o chefe de guerra.

## SUPERSTIÇÕES POPULARES EM PORTUGAL

(Continuado da folha 36)

EM GERAL OS processos da Inquisição portugueza do seculo XVI descrevem estes conciliabulos ou thiasas, com as mesmas circumstancias referidas por Delancre, signal de que existia uma tradição commum a todo o occidente. Na *Confissão de umas Bruxas que queymaram na cidade de Lisboa, anno de 1559*, existe a promiscuidade a mais desenfreada, danças vertiginosas, banquete, e as luzes são archotes *enxofrados*, como nas thiasas de Roma; o Mayoral ou archigeta usava um *capuz* frisado como o chapéo de bicos dos ritos phalicos; <sup>1</sup> figurava a mãe do diabo, com um *pandeirinho* (o adufe prohibido,) e um novello de linha, como

<sup>1</sup> Usado pelos *Foliões*, nos Açores, no culto phalico da Pombinha ou do Espirito Santo.

n'este culto hetairista celebrando a thiasa *junto do rio*. Apesar das perseguições, o culto chtoniano subsistiu á sombra da heresia christã de que—a fé pôde mais do que as obras; de modo que a exaltação dos sentidos tornou-se a manifestação exterior da fé, ficando os actos ainda os mais monstruosos indifferentes á responsabilidade moral. O quietismo e o molinismo são este espirito penetrando na Igreja, que pelas fórmulas mais atrozes procurou extinguir nas camadas populares os vestigios da religião hetairista, que tornaram o culto da Virgem a crença unanime do Occidente.

Maravilha-nos em verdade a persistencia de uma crença na Beira Alta presentemente, como vemos por esta descripção de um curandeiro do povo, feita sobre o vivo pelo nosso amigo Leite



de Vasconcellos; chama-se-lhes um *bento*: «Este homem de virtude tinha chorado no ventre materno, porque ninguém é bento sem tal condição. Todas aquellas povoações por ali em volta, inclusivamente Lamego, o chamavam nas doenças. Elle tinha um ar grave, uma voz pausada e grossa como de propheta, — só gostava muito do liquido de S. Martinho. Quando o rogavam montava na sua burrinha, punha os alforges adiante, lançava um Santo Christo ao pescoço, e lá ia curar a humanidade enferma. As suas receitas não se afastavam das de todos os charlatães: uns chás de hervas secas, umas bebidas de camisas queimadas dos doentes, umas rezas e eis tudo. A justiça por vezes o tinha interrompido nas funções sagradas, mas nem o olhar austero do juiz, nem as paredes negras do calabouço o puderam afastar do caminho seguido. Elle chorara no ventre da mãe; recebia de toda a parte as provas evidentes da sua virtude; ao longe estendiam-lhe os braços; em casa, á porta sempre uma multidão de doentes, como eu presenciei; que mais queria elle? Não costumava receber dinheiro; recebia fructos, carnes, etc.; para isso levava sempre os alforges em cima da burrinha. Outras vezes tambem os parochos das freguezias corriam-no, e elle, sempre firme na sua missão predestinada, o mais que lhes dizia, era: *Eu cá sou bento, e vós não.*»<sup>1</sup> Por este typo actual podemos comprehender o perstigio que exerciam nas povoações os curandeiros com o poder das palavras, quer escriptas, como nas *Cartas de tocar*, quer pronunciadas, e tanto mais efficazes quanto são *innotas* ou incompreensíveis. O curandeiro tende para revestir-se de uma certa erudição transmittida, como vimos em Luiz de la Penha; no seu processo da Inquisição é accusado de *curar com palavras*, (Libello, art.º 2 e 8) e de ter livros com receitas e declarações d'ellas, (ib., art.º 3) e *Livros com sinas, rodas da fortuna, livrinho de cheiromancia, livros de letra de fôrma e de mão, papeis meudos*. (ib., art.º 9, 10, 11 e 12.) Vê-se que n'este grupo das superstições da medicina popular prepondera o caracter erudito, e que é sob este ponto de vista que ellas devem ser estudadas remontando ás tradições primitivas. O *Curandeiro*, é simultaneamente *benzedor* e *pessoa de virtude*, qualidades que constituíam na magia da Chaldêa entidades separadas, como os *Khartumin*, ou os que esconjuravam os espiritos, os *Hakamin*, ou que possuíam

<sup>1</sup> *Encyclopedia republicana*, p. 188. Lisboa, 1882.

as orações contra as doenças, e os *Assaphin*, ou que faziam as devoções propiciatorias; o syncretismo veio de uma longa decadencia, mas a divisão primitiva deve ser conservada no estudo.

Além dos *bentos*, que choraram no ventre da mãe, como La Penha, existem outras entidades com poder sobrenatural; nas superstições francezas, os *reis* têm o poder de curar impondo as mãos (vid. o Romance de S. Isabel); os *loucos* e *cretinos* são consagrados em quasi todas as povoações ruraes da Europa, da mesma fôrma que entre os Esquimaux; os *padres* tem um caracter de azango entre o povo, bem como os *corcundas* quando encontrados em jejum. Diniz, no *Hyssope*, refere a crença que existia no Alemtejo e Minho do poder das mãe e irmãs dos frades curarem as lombrigas e benzer feitiços:

O benzer dos feitiços e lombrigas  
O grande e *extraordinario privilegio*  
De irmãs e mãe de frades, e outros pios  
E santos institutos que inventaram  
Devotos e subteis nossos antigos,  
E que nós pelo povo propagamos  
Com zelo e com destreza, maiormente  
Entre o devoto feminino sexo,  
Inda pingando vão de quando em quando.

(Ed. princeps, p. 194.)

As *crianças* tambem se consideram com poderes maravilhosos, e ainda oficialmente são empregadas em todos os actos que dependem da fôrma irracional do sorteio; as *velhas* infundem sempre suspeita de bruxaria,<sup>1</sup> No Algarve a palavra *Free-maçom*, com que no seculo XVIII se designava o pedreiro-livre, aportuguezou-se em *Flamazan*, e tomou um caracter malevolo e demoniaco que se attribue a todo o que hostilisa os padres.<sup>2</sup>

Muitas d'estas superstições pertencem ainda á epoca celtiberica; Silio Italico cita um velho ensalmador, que com Orações rythmicas sabia temperar o ferro tornando-o o mais duro aço; na Chronica anonyma do Condestavel allude-se á lenda do armeiro que temperou a espada de Nuno Alvares Pereira dando-lh'a como in-

<sup>1</sup> Existem ainda outras individualidades com poderes sobrenaturaes mais ou menos extensos; nas aldeias acredita-se que a pessoa que nasceu envolta nas secundinas é feliz em todas as cousas. D'aqui a locução: *Nasceu n'um fole*, para significar que tudo lhe corre bem. O que tem as orelhas pegadas na extremidade inferior é tambem venturoso; e aquelle que tem uma cruz de cabello no peito está isempto de todo o influxo maligno.

<sup>2</sup> Vid. *Scenographias*, de Reis Damaso.



vencível, thema de que a intuição genial de Garrett fez o *Alfageme de Santarem*. As Orações dos numeros tinham um extraordinario poder; cita-se a vetustissima oração das *Novem glandulae sorores*, conservada por Marcello Burdigalense. Esta fórmula supersticiosa é importantissima e acha-se empregada por Luiz de la Penha, na *Devação da Estrella fermosa*:

A ti me omilho  
 Estrella fermosa,  
 a huma, as duas,  
 as duas, as trez,  
 as trez, as quatro,  
 as quatro as cinco,  
 as cinco, as seis,  
 as seis, as sete,  
 as sete, as oito,  
 as oito, as nove,  
 as nove;  
 Todas nove vós ajuntae,  
 este ceo me corteis,  
 e nove varas  
 de zimbro me colhereis;  
 na moo do Caifaz  
 m'as amolareis  
 bem amoladas,  
 e bem aguçadas,  
 e bem metidas  
 e bem tranquadas:  
 uma no coração,  
 e outra pelo sentido  
 que de mim — foão,  
 não seja esquecido;  
 e pelos olhos  
 que não veja mais qu'a mim  
 e outra pelos pés  
 que só a mim busqueis. Fim. <sup>1</sup>

A Oração dos numeros, de que a *Devação da Estrella fermosa*, do processo de Luiz de la Penha é um typo completo, pertence a uma classe de superstições de origem complexa, que importa discriminar. O poder dos *numeros* é analogo ao poder magico da palavra (*nomen, omen*); o *numero* corresponde em primeiro logar ao rigor do rito, ou successão dos actos cultuaes, assim como a liturgia (de *litus*, a vara) é a norma da pratica e execussão d'esses actos. Quanto mais antiga é uma religião, tanto mais ella é exclusivamente cultual; é isto tambem o que mais resiste, e o que permanece, quer na forma prohibida de magia, quer na forma indifferente de superstição. Quando se esquecem os actos liturgicos, subsiste a sua *enumeração* successiva; é este ainda um poder mysterioso deri-

vado da importancia dos actos a que allude. Desde porém que a allusão é que lhe conserva o perstigio, a allusão é o estimulo de interpretações allegoricas, e os *numeros* passam a exprimir entidades divinas. Assim a fórmula dos numeros, originaria de um culto decahido de uma raça ou civilização inferior, pode adaptar-se pela allegoria a uma religião theologica. Podemos acompanhar a sobrevivencia das fórmulas numericas, até á mais elevada interpretação allegorica. O character esconjurativo com que o *numero* apparece, prova-nos uma decadencia de um culto substituido. Em um hymno do *Atharvaveda*, (Brahma 15, no kanda v) conserva-se este perstigio do numero; referindo-se ás pragas:

«A *uma* e as *dez* se afastarão de mim, oh erva da saude! Faze para meu bem os doces madhus, oh tu que nasces segundo o *rita* e tens a natureza do rita.

- «As *duas* e as *vinte* se afastarão de mim...
- «As *trez* e as *trinta*...
- «As *quatro* e as *quarenta*...
- «As *cinco* e as *cincoenta*...
- «As *seis* e as *sessenta*...
- «As *sete* e as *setenta*...
- «As *oito* e as *oventa*...
- «As *nove* e as *noventa*...
- «As *dez* e as *cem*...
- «As *cem* e as *mil*...» <sup>1</sup>

Depois d'este hymno segue-se um outro com uma ordem numeral até onze. Basta o simples factio de apparecerem estes hymnos no *Atharvaveda*, para se conhecer que elles pertencem a uma raça e civilização inferior, que não a árica e vedica. O character esconjuratorio do *Atharvaveda* distingue-o completamente do Rig-Veda, e muitas das suas cerimonias de imprecação pertencem aos Vratinas, ou tribus occidentaes que se não submetteram á constituição sacerdotal brahmanica; emquanto á linguagem, como diz Weber, o *Atharvaveda* tem formas archaicas e populares, e pode considerar-se como um producto da assimilação do elemento negroide, e raças inferiores, como os Angas, os Magadhas e outros submettidos á sociedade brahmanica. Isto mesmo se comprova com a interpretação do hymno que citámos, no qual o valor dos *numeros* é procurado na *ordem* ritualistica da producção do madhu.

A fórmula numerica conservada por Marcello Burdigalense:

Nuvem glandulae sorores.

<sup>1</sup> No processo publicado por C. Pedroso, no *Positivismo*, t. III.

<sup>1</sup> V. Abreu, *Contribuições mythologicas*, p. 2.



em ordem decrescente, até ao verso: «*Nulla fit glandula*» é na Europa da idade media um importante documento ethnico, que se aprecia com mais clareza aproximando-o do hymno do Atharvaveda. Marcello, medico de Bordeos, do seculo iv, colheu as tradições populares da medicina empirica do seu *Liber demedicamentis*, n'essa zona chamada da Aquitania, onde persistiu mais tempo a raça da alta Asia que precedeu e foi invadida na Europa pelos Celtas, como hoje o affirmam todos os antropologistas. Assim não sendo o hymno do Atharvaveda árico na sua origem, tambem as fórmulas de Marcello não são celticas como pretendia Jacob Grimm. Pertencem a essa raça cuja civilização mais elevada na Asia é a dos Accádios, e na Europa a dos Iberos. É por tanto natural que as Fórmulas numericas appareçam na tradição popular breton, como a que colligiu Sauvé:

Le bubon a neuf filles  
De neuf elles sont reduites à huit.

ou como a da *Estrellá fermosa*, em Portugal, no seculo xvii, ou como a Oração do Anjo Custodio, prohibida nos Indices Expurgatorios do seculo xvi, e ainda corrente nas versões oraes.

Belloguet, cita um canto popular da Bretanha colligido por La Villemarquê, com o titulo de *Arrannu*, ou as séries, no qual se ennumeram até doze as cousas que se fixam por cada numero: «Elle lhe ensina, nos termos os mais concisos, a serie das cousas de que a recordação se liga a cada numero, desde um até doze, uma só para o primeiro, duas para o segundo, trez para o terceiro, e assim por diante, fazendo repetir ao que aprende a cada vez todas as séries dos numeros precedentes. Este exercicio devia sem duvida, para conseguir o seu fim,—que era o gravar na memoria todas estas séries successivas—fazer recommençar a criança do numero doze ao numero um, sem o que as séries mais desenvolvidas, que eram as ultimas, teriam sido repetidas menos vezes do que as primeiras ou as mais faceis. O *filho branco de Druida* assim ficava sabendo que o numero um era a morte, a necessidade que nenhuma outra eguala; o numero dois a parilha de bois, etc. A maior parte d'estas séries tornaram-se para nós obscuros enigmas concernentes á mythologia bretã, á cosmogonia, á astronomia e a antigos feitos de guerra.»<sup>1</sup> Le Men nega a authenticidade d'este

<sup>1</sup> *Ethnogenie gauloise*, III, p. 360.

canto das séries, mas a fórmula poetica, que é o que nos interessa tem uma existencia popular como o proprio critico reconhece no canto da *Gousperou ar raned*; Belloguet, acha um grande interesse n'este canto das séries para mostrar como entre as Druidas, onde era prohibido o ensino pela escripta, se exercitava a memoria.

A transição para a interpretação *cabalística* dos numeros foi operada pelos rabinos, como se vê no *Sepher Haggadah*, e o seu apparecimento entre os Judeus confirma a sua origem, attendendo a que a cabala se desenvolveu ao contacto dos cultos da Media na epoca babilonica, e nas escholas do Egypto, d'onde passou pelos Gnosticos para os padres da Igreja. O ultimo rito d'estas Orações numericas acha-se na idade media, no modo de contar de traz para diante o dinheiro magico, e nas parlendas dos jogos infantis, de que já publicamos bastantes exemplos.

Transcreveremos aqui como o typo completo e persistente da fórmula numerica a Oração de San Custodio, tal como a colligimos no Minho (freguezia de S. João de Airão):

—Custodio! salva; queres-te salvar?  
«Sim, senhor, quero.»<sup>1</sup>  
—Dize-me qual é a *uma*?  
«A uma é o sol, mais claro que a lua.  
—Dize-me quantas são as *duas*?  
«As duas são as Tabelletinhas  
De Maria Mousinha,  
Que correu a santa casa de Jerusalem  
Onde Christo morreu por nós amen.  
—«As trez, são os trez prophetas;  
As quatro são os quatro Avangelistas;  
As cinco são as cinco chagas;  
As seis são os seis Seribentos (*cirios bentos*)?  
As sete são os sete Sacramentos,  
As oito são os oito Corpos Santos  
As nove são os nove Goivos, (sc. *mezes*?)  
As dez são os dez mandamentos.  
As onze são as onze mil Virgens  
As doze são dos doze Apostolos  
Doze raios tem o sol,  
O sol mais claro que a lua;  
Arrebenta tu diabo  
Que a minha alma não é tua.

<sup>1</sup> Em uma versão de Coimbra, começa por esta forma:

—Custodio, amigo meu,  
«Amigo, sim; mas não teu.  
—Dize-me as santas palavras  
Ditas e repinçadas.  
«Eu t'as digo eu t'as direi.

No *Positivismo*, n.º 2 de iv vol. ha uma variante da Terra da Feira.

(Continúa).

THEOPHILO BRAGA.





O REI LOBOSSI — Desenho de E. Bayard, segundo uma gravura da edição inglesa e o texto



# COMO EU ATRAVESSEI A AFRICA

DO ATLANTICO AO MAR INDICO—VIAGEM DE BENGUELLA Á CONTRA-COSTA—ATRAVÉS REGIÕES DESCONHECIDAS—DETERMINAÇÕES GEOGRAPHICAS E ESTUDOS ETHNOGRAPHICOS

POR

**SERPA PINTO**

PRIMEIRA PARTE

## A CARABINA D'EL-REI

(Continuado da folha 39)

### RAPIDO GOLPE DE VISTA RETROSPECTIVO

O MAPPA junto mostra o meu caminho de Benguella ao Bihé.

Procurei designar n'elle tudo o que em viagem de exploração se pôde colher de dados geographicos e topographicos.

Muitos dos pontos marcados são determinados astronomicamente, sendo os intermediarios achados grosseiramente pelos rumos da agulha e projecção das distancias percorridas, distancias avaliadas pelos pedómetros e pelo tempo gasto a percorrel-as.

As posições de Benguella, Dombe, Quilengues, Ngola e Caconda, que empreguei na carta, são determinadas por Capello e Ivens, e como eu apenas tinha os resultados dos calculos, ahi os designo taes como m'os deu o Ivens, sem as observações iniciaes. De Caconda ao rio Cuanza as posições astronomicamente determinadas por mim vão precedidas das observações iniciaes.

Tendo-me separado dos meus companheiros em Caconda, prosegui nos trabalhos que tinhamos começado, não podendo fazer observações de inclinometro e força magnetica, porque

os unicos instrumentos que para isso levavamos ficaram em poder de Capello.

Começarei a expôr os meus trabalhos pela determinação das coordenadas geographicas de Caconda á margem esquerda do Cuanza, onde pára a minha narrativa no precedente capitulo.

Resultado das observações de Capello e Ivens, da Costa a Caconda.

Nome dos logares	Longitude E. d. Greenwich			Latitude Sul		Declinação da Agulha		Inclinação da Agulha		Altitude em metros		
	o	'	''	o	'	o	'	o	'			
Benguella . . . . .	13	25	20	12	34	17	23	30	0.	39	37	7
Dombe Grande . . . . .	13	7	45	12	55	12	23	26		39	44	98
Quilengues . . . . .	14	5	3	14	3	10	23	3		40	40	900
Ngola . . . . .	14	39	1	14	16	46						1,410
Caconda . . . . .	15	1	51	13	44	0	23	30				1,676

No seguinte quadro procurei compendiar os necessarios dados para se poderem verificar os resultados que designo.

Todas estas observações calculadas em Africa foram recalculadas em Londres pelo 1.º tenente calculador da marinha ingleza, Selwyn Sugden.

### QUADRO DAS OBSERVAÇÕES ASTRONOMICAS FEITAS PELO MAJOR SERPA PINTO ENTRE CACONDA E O RIO CUANZA

Anno de 1878	Logares onde observei	Hora dos chronometros		Estado para Greenwich	Natureza da observação	Dupla altura do astro			Latitu- de Sul	Long. em tempo	Erro do instrum.	N.º de obs.	Resultados	
		H. M. S.	H. M. S.			o	'	''					o	'
Janeiro	14	Vicete (junto ao Cunene)	8 10 24	1 0 15	Alt. Mer.	101 3 0	..	..	11. M.	3 30	1	1	Latitude	14 2 S.
"	"	"	10 27 44	3 23 2	Chron.	101 2 0	14 2	..	"	"	1	1	Longitude	15 14 E.
"	16	Fende (Cunene)	5 10 2	3 23 16	"	104 31 0	"	"	"	"	1	1	"	15 25 E.
Fevereiro	12	Libata do Paianca	7 55 0	1 0 0	Alt. Mer.	97 3 10	..	..	0 50	1	1	1	Lat.	13 20 S.
"	"	"	10 30 56	3 27 18	Chron.	99 6 30	13 20	..	"	"	1	1	Long.	15 27 E.
"	13	Libata do Capóco	9 3 0	1 0 0	Alt. Mer.	98 30 30	..	..	"	"	1	1	Lat.	13 9 S.
"	"	"	9 57 15	3 27 27	Chron.	115 5 30	13 9	..	"	"	1	1	ng.	15 30 E.
"	18	"	10 18 14	3 28 8	"	104 15 30	..	..	"	"	1	1	"	15 28 E.
Março	16	Belmonte (Bihé)	10 25 0	1 4 0	Alt. Mer.	131 38 30	..	..	"	"	1	1	Lat.	12 22 S.
"	18	"	5 6 10	3 31 43	Chron.	104 58 40	12 22	..	"	"	1	1	Long.	16 51 E.
"	22	"	5 3 1	..	Alt. e gnaes.	103 21 10	"	..	"	"	2	2	Estado	3h 31' 54"
"	"	"	9 51 41	..	"	"	"	..	"	"	"	"	"	"
Abril	2	"	..	..	Alt. Mer.	144 49 0	..	1 8	3 30	1	1	1	Lat.	12° 23' S.
"	3	"	..	..	"	144 4 0	..	"	"	1	1	1	"	12 23 S.
"	4	"	..	..	"	143 20 0	..	"	"	1	1	1	"	12 22 S.
"	5	"	..	..	"	142 32 0	..	"	"	1	1	1	"	12 23 S.
"	6	"	4 53 40	3 34 29	Azimuth 206-30	93 34 20	12 22	..	1	1	1	1	Varição	21 11 (Oes.)
"	7	"	..	..	Alt. Mer.	141 47 0	..	1 8	3 30	1	1	1	Lat.	12 22 S.
"	8	"	..	..	"	141 3 0	..	"	"	1	1	1	"	12 22 S.
"	9	"	0 8 32	0 57 43	Alt. prox. do Mer.	140 14 0	..	"	"	1	1	1	"	12 22 S.
"	10	"	10 50 54	..	Eclipse do 1.º satel. de Jup.	..	..	..	"	"	1	1	Long.	16 46 E.
"	11	"	10 55 6	3 34 54	Chron.	65 48 0	12 22	..	1 0	1	1	1	Dif. para o logar	4h 42m 23"
"	12	"	9 4 25	..	Eclipse do 1.º satel. de Jup.	..	..	..	"	"	1	1	Long.	16° 49' E.
"	13	"	9 38 16	3 37 26	Chron.	71 31 40	..	0 30	1	1	1	1	Atrazado	4h 44m 56"
Maio	24	Matas do Cabir (Bihé)	..	..	Alt. Mer.	113 10 40	..	1 7	1 25	1	1	1	Lat.	12° 22' S.
"	25	"	9 38 55	3 42 47	Chron.	79 22 50	12 22	..	"	"	1	1	Long.	16 53 E.
"	31	Matas do Commandante	9 12 5	3 43 56	"	86 38 10	12 28	..	"	"	3	3	"	17 9 E.
Junho	1	Liunca (marg. do Cuanza)	..	..	Alt. Mer.	110 26 40	..	..	"	"	1	1	Lat.	12 28 S.
"	9	"	6 22 33	3 45 52	Chron.	63 59 30	12 35	1 9	35	1	1	1	Dif. para o logar	4h 54m 34"
"	10	"	6 6 53	..	Eclipse do 2.º satel. de Jup.	..	..	..	"	"	1	1	Long.	17° 25' E.
"	10	"	..	..	Alt. Mer.	108 15 20	..	1 9	0 40	1	1	1	Lat.	12 35 S.
"	10	"	9 17 21	3 45 57	Chron.	82 43 23	12 35	..	"	"	3	3	Long.	17 25 E.



TRANSITO DE MERCURIO ATRAVÉS DO SOL  
EM 6 DE MAIO DE 1878

Data	Local da observação	Latitude	Longitude	Horas do chronometro a hora local	Altura do sol do sext. -1° 25'	Estado a traçado de Greenwich	Horas do 1.º contacto interno	Longitude
6 Maio-1878	Belmonte	0° 12' 22" 40"	0° 16' 49" 24"	MEDIA DE 4 H. M. S. 10 6 50	MEDIA DE 4 0° 7' 11"	H. M. S. 3 39 39	NO CHRONOMETRO H. M. S. 11 35 29	0° 16' 50" 15"

É muito notavel que a primeira longitude que determinei em Belmonte pelo chronometro é muito proxima da verdadeira obtida pelo transito de Mercurio. Esta longitude muito pouco differê tambem da obtida pelo eclipse do 1.º Satélite de Jupiter a 23 de abril.

Não inclui n'este quadro as innumeradas observações feitas para estudar as marchas dos chronometros, que publicarei em separado um dia.

Nos estados dos chronometros a grande differença que se nota entre alguns provém de pertencerem a differentes chronometros.

Como se vê, o instrumento empregado por mim foi o sextante com o horizonte artificial de mercurio, que outro não tinha, tendo ficado em poder dos meus companheiros o Abba, unico theodolito universal que possuíamos.

Os meus sextantes eram: um de Casela, de Londres, contando 5"; e outro de Lorieux, de Paris, contando 30". As minhas bussolas azimutaes eram fabricadas em Berlim, e tinham pertencido ao infeliz barão de Barth.

Os meus chronometros eram de Dent, de Londres, sendo dois de algibeira, e um, que depois de Benguella me enviaram ao Bihé, de marinha, tambem de Dent.

Este ultimo era mau, mas os primeiros excellentes, sobretudo o que eu designo com a letra S, nos calculos.

Das altitudes muitas são determinadas pelo hypsometro, e outras pelo aneroides, cotisado com o hypsometro.

Essas altitudes vão marcadas na carta em metros.

A carta do paiz do Bihé, muito grosseira e incompleta de certo, foi levantada á bussola, nas minhas excursões venatorias; mas, ainda assim, possui a sufficiente exactidão para se julgar do paiz, e prouvera a Deus que as cartas de pontos muito mais proximas da costa em que dominamos, estivessem tão proximas da verdade como ella.

Ponho ponto aqui nos detalhes das minhas cartas, para fallar rapidamente do paiz que ellas representam.

De Benguella ao Dombe, como se vê, costeei o mar, em terreno calcareo, abundante de minerios diversos.

As aguas faltam ali na estação secca, e apenas o valle do Dombe Grande tem a sufficiente para ser enormemente productivo. A vegetação, sem ser pobre, não tem, todavia, a opulencia peculiar aos paizes intertropicaes. Entre Benguella e o Dombe apenas se encontra agua potavel n'um pequeno charco na Quipupa.

O paiz é abundante de caça, e encontra-se n'elle grande variedade de antilopes, sendo os mais vulgares o *Strepsiceros kudu*, o *Cephalophus mergens*, o *Cervicapra bohor*, e o *Oreos canna*. Nas rochas de carbonato de cal que formam o systema orographico do Dombe Grande, abundam os *hyrax*, e na planicie, entre as grandes e pomposas plantações de mandioca, vivem muitos *hystrix*, maiores um pouco do que os da Europa, e que causam ali grande estrago nas terras cultivadas. O valle do Dombe Grande é de certo a melhor porção

de terreno da provincia de Angola. As suas condições de salubridade não são más, e o solo é de grande fertilidade. Um porto de mar, o Cúio, dista apenas alguns kilometros do maior centro de produção.

As montanhas que enquadram o valle, são cheias de minério, e já tem estado em exploração, sempre em pequena escala, por falta de capitaes. Ha ali enxofre e cobre.

A população indigena é de boa indole e trabalhadora, tanto quanto o pôde ser um preto abandonado a si mesmo.

Entre o Dombe e Quilengues o paiz é deserto. Pelo caminho que segui ha falta de agua, e a vegetação, pobre ao principio, toma luxuriante esplendor ao passo que nos aproximamos de Quilengues.

Seguindo o curso do rio Coporolo não ha falta de agua, e ouvi dizer, que se encontra sempre uma vegetação rica. Comtudo, o paiz mesmo por ali não é habitado.

Ao sahir do Dombe o terreno eleva-se bruscamente a 550 metros, e um systema de montanhas que corre N.S. fórma pequenos valles que se vão elevando gradualmente até attingir 900 metros em Quilengues. No rio Canga começa o terreno granitico, e com elle uma vegetação mais pomposa. Todos os rios designados no mappa até Quilengues são apenas torrentes na estação chuvosa, mas em muitos é possivel encontrar agua na estia, cavando poços nos seus leitos arenosos. O proprio Coporolo está sujeito a esta condição de pobreza.

Quilengues é um extenso e fertil valle, em condições eguaes ao do Dombe, tendo por emquanto muito menos valor, por falta de communicações com a costa.

A sua população é densa, e nas suas campinas pastam milhares de cabeças de gado vacuum de excellente raça.

Os Quilengues são fortes e aguerridos, e nos ataques que dirigem contra os Mundombes são sempre vencedores, o que os não impede de serem vencidos pelos povos do Nano, que descem ali a roubar gados e gente.

Estes povos de Quilengues, como os do Dombe, são avas-salados a El-Rei de Portugal, mas não são tão submissos como os Mundombes.

Tem de certo um futuro o paiz de Quilengues, quando faceis communicações o ligarem á costa, á Huila e a Caconda, e quando for administrado como o deve ser.

De Quilengues a Caconda o caminho é por Caluqueime, paiz muito povoado; mas eu segui outro, por motivos que cito na minha narrativa.

Ao sahir de Quilengues para o S.E. encontra-se a alta serra de Quilengues, que se eleva rapidamente a 1750 metros, e que eu passei na parte chamada Monte Quissécua.

Ali começa o grande planalto da Africa Austral, e d'ali ao Bihé a planicie enorme conserva aquella altitude, tendo apenas ligeiras depressões nos leitos dos rios, e um ou outro pequeno systema de montanhas isoladas.

D'este planalto já correm rios permanentes, sendo o primeiro que encontrei n'estas condições affluente do Cunene.

A vegetação arborea no planalto não é já tão forte como em Quilengues, mas a herbacea é mais rica, se é possivel sel-o.

O terreno continúa granitico, e começa a apparecer n'elle maior abundancia de termites. As unicas povoações que se encontram no caminho que segui são Ngola e Catonga, de que já fallei detidamente.

Em Caconda o paiz é um pouco mais accidentado, devendo ser não menos rico e productivo do que o de Quilengues.

É cortado de rios permanentes, que o regam em todas as direcções, affluindo ao Catapi, affluente do Cunene.



A febre miasmática é endêmica em Caconda, como em Quilengues e como na costa; mas apresenta ali um caracter mais benigno, e raras vezes faz victimas.

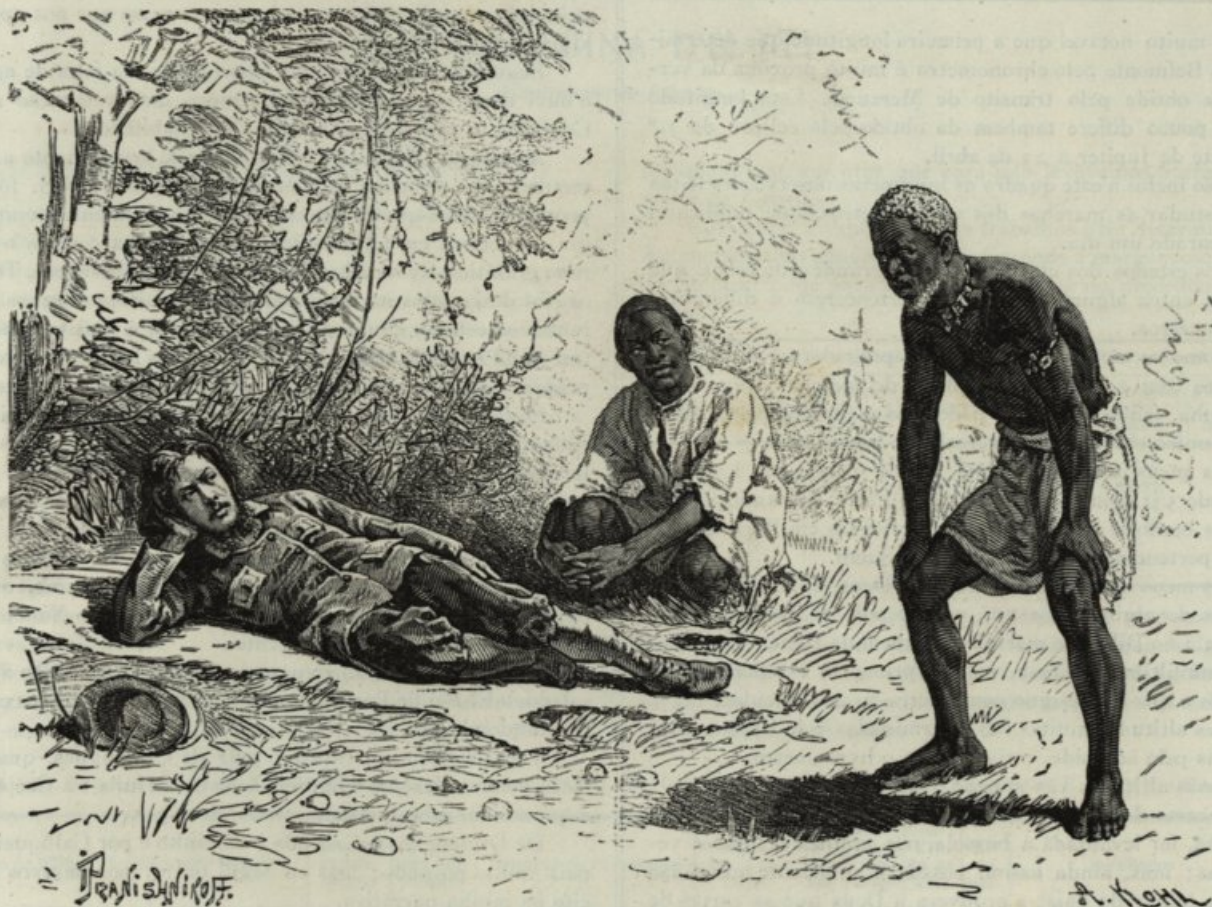
Eu julgo Quilengues nas mesmas condições de salubridade de Caconda.

As condições climatológicas do paiz de Caconda é que já differem essencialmente das da costa, e mesmo das de Quilengues.

Apenas 13° e 44' distante do Equador, o clima, que de-

veria ser ardente, é temperado pela altitude enorme a que se encontra; mas está por isso mesmo sujeito ás bruscas mudanças que se dão entre o dia e a noite em todo o planalto. Ha ali uma lucta constante entre a altitude e a latitude, sendo que esta impera de dia quando um sol a prumo dardeja raios de fogo, e aquella de noite quando uma altura de 1:700 metros nos faz viver n'uma atmospherá tão rarefeita.

Lembra-me aqui o que Anchieta me dizia, que se viveria optimamente em Caconda, se uma machina em contacto



VISITA DO DOUTOR — Desenho de Ivan Pranišnikoff, segundo o texto

com um thermometro, nos fosse deitando cobertores na cama á medida que o thermometro descesse, durante o somno.

Esta grande desigualdade de temperatura entre o dia e a noite dá-se quando o sol tem declinação Norte, porque durante o tempo em que elle anda ao sul do Equador é ella muito menor.

Sempre ouvi dizer, que em Caconda produzem as fructas da Europa, mas infelizmente não o sei de sciencia propria, que nenhuma ali encontrei; todavia, creio que se poderão ali aclimatar. A batata é muito boa e produz muito, não só ali como em todo o planalto; mas é tão difficil o seu transporte para Benguella, que a batata que se consome ali vae de Lisboa.

Ha muito boa hortaliça e legumes da Europa, que se dão bem em todo o planalto.

Perto da fortaleza a população é rara, mas a uma certa distancia está condensada, sendo governada por chefes independentes.

De Caconda ao Bihé o paiz é muito populoso, e, se menos pastores do que os povos até Caconda, são um pouco mais agricultores.

Nos paizes do Nano, Huambo, Sambo e Moma, os povos são mais bruscos, mais aguerridos e independentes.

Os terrenos, como se vê no mappa, são cortados de rios que dividem as suas aguas para tres grandes arterias, o Cunenene, o Cubango e o Cuanza.

Ao N. das terras do Sambo, o planalto fórma um enorme descampado, a que chamam no paiz a *Enhana* de Ambamba, terreno alagadiço onde nascem cinco rios importantes, dois dos quaes vão ao Norte e tres ao Sul.

Dos que vão ao Norte, um é o Québe, que vae entrar no mar por 10° 50' de Latitude S., junto ás Tres Pontas, entre Novo Redondo e Benguella Velha.

Este rio na parte inferior do seu curso toma o nome de Cuvo. O outro é o Cutato das Mongoiás, que corre ao N. a afluir ao Cuanza.



Os tres que correm ao S. são o Cunene, o Cubango e o Cutato dos Ganguellas, que se une ao Cutango.

O maior systema de montanhas que encontrei é uma serra que corre de N.E. a S.O. ao N. do paiz do Huambo, em cujas vertentes nascem o Caláe e o Cuçúce, que se unem para affluir ao Cunene.

Uma grosseira observação do aneroide indicou-me o seu cume a mais de 2:500 metros acima do nivel do mar.

Fazendo excepção á minha regra de não baptisar em Africa rios ou montes, dei a esta serra o nome de Andrade Corvo, por ser designada no paiz apenas por serra do Huambo.

Não encontrei entre os indigenas vestigios de ter o paiz outro minerio além do ferro, o que não quer dizer que o não haja.

O terreno é ainda granitico, e o solo póde dizer-se que em muitos pontos é de formação animal, pois que é construido pelas termitas.

Além da disposição especial que encontrei no terreno termitico das margens do Cutato dos Ganguellas, encontram-se 4 differentes construcções termiticas, que supponho pertencerem a 4 differentes especies.

Ha abundancia de caça, sobretudo nas faldas da serra de Andrade Corvo, entre o Caláe e o Cuçúce, que nunca vi tanta em Africa, a não ser no Zambeze.

Além dos antilopos que já citei fallando do Dombe, abundam ali o *Hippotragus equimus*, o *Catoblepas taurina*, e o *Bubalus Caffer*.

As florestas são em grande parte formadas de leguminosas, sobresahindo um sem-numero de especies da acacia.

Ha muito poucas plantas trepadeiras.

Passamos a linha divisoria das aguas entre o Cubango e o Cuanza, e entramos no paiz do Bihé, de certo o mais importante do Sudoeste d' Africa.

O paiz do Bihé, de cujos povos fallo detidamente no capitulo anterior, é cortado por dois rios importantes, ainda que innavegaveis, o Cuqueima e o Cuito. Innumeros riachos sulcam em todas as direcções o terreno, e vão affluir áquellas arterias principaes.

O clima é egual ao de Caconda, e subsistem ali as mesmas condições atmosphericas.

O terreno é granitico e de uma admiravel força productiva. As pastagens são optimas para todos os gados. É pobre de caça; mas, em compensação, é desinfestado de feras.

Não creio muito que seja rico em productos mineralogicos, porque a sua densa população não tem encontrado vestigios de minerios ricos, e eu tenho visto em Africa, que os primeiros a encontrarem o ouro, o cobre, o chumbo e o ferro são os indigenas.

No Bihé o que é verdadeiramente rico é o terreno, e não sei de paiz Africano que mais podesse prosperar pela agricultura e commercio.

A raça europêa vive ali muito bem, e o producto do cruzamento d'ella com as raças do paiz é physicamente admiravel.

Durante a minha permanencia em Belmonte, fiz um estudo detido das condições climatologicas, e sobretudo no primeiro mez, em que o pertinaz rheumatismo, contrahido em viagem, me impediu de sahir, observei regularmente o barometro e o thermometro de 3 em 3 horas durante o dia.

Adiante apresento um quadro d'essas observações, durante trinta dias, fazendo notar, que a egualdade de temperatura que se nota durante o dia é devida á estação do anno

em que foram feitas as observações, estação que corresponde ao nosso outono.

As chuvas tem duas epochas, com uma interrupção de estiagem que se dá em dezembro e janeiro. As primeiras chuvas cahem em meado de outubro, e duram até principio de dezembro, sendo mais moderadas do que as segundas que cahem do fim de janeiro ao principio de março.

Os ventos reinantes são dos quadrantes de léste, sendo muitas vezes persistente o vento léste bastante forte; isto na estiagem, porque na estação chuvosa as maiores tormentas que observei vinham do oes-sudoeste, e dos quadrantes do sul. As chuvas vem sempre, sobretudo as de fevereiro, envoltas com meteoros electricos, e cahem no meio de terriveis trovoadas.

O seguinte quadro apresenta as minhas observações desde o dia 25 de março ao dia 23 de abril de 1878.

Por esta serie de observações se vê quão ameno é o clima do Bihé n'esta epocha do anno.

Anno de 1878		6 Horas		9 Horas		Meio dia		3 Horas		6 Horas	
Mez	Dia	Barometro	Thermometro	Barometro	Thermometro	Barometro	Thermometro	Barometro	Thermometro	Barometro	Thermometro
Março	25	629.8	19.1	630.5	20.4	629.2	22.4	628.8	23.2	630.0	21.6
	26	632.0	20.1	631.9	21.2	630.8	21.6	629.8	21.5	629.5	21.0
	27	629.5	19.4	632.0	19.9	629.6	21.0	628.5	21.3	630.0	20.6
	28	630.0	19.4	631.6	19.9	629.5	20.4	629.0	22.1	629.0	21.6
	29	630.2	20.6	632.3	20.8	630.0	21.6	628.5	22.5	629.2	22.1
	30	631.0	18.3	632.0	20.6	631.0	21.9	630.0	22.2	629.9	21.3
Abril	31	631.0	19.2	632.3	20.0	631.2	20.9	629.2	21.3	631.0	20.4
	1	630.5	18.6	632.0	19.5	630.6	20.4	630.0	19.9	630.0	19.8
	2	631.0	17.5	632.0	18.7	630.0	21.1	629.3	20.2	630.0	20.2
	3	630.0	18.8	632.5	20.0	630.5	21.1	630.0	21.2	629.0	20.9
	4	632.0	18.6	632.0	20.2	630.0	21.2	629.5	21.6	630.0	20.7
	5	630.0	18.8	632.0	20.0	630.3	21.1	630.0	22.0	629.8	20.1
	6	630.0	17.2	632.3	19.8	631.0	20.4	630.5	21.7	630.0	20.2
	7	630.0	17.8	632.0	19.7	630.5	21.0	629.0	22.7	630.0	21.5
	8	629.0	17.6	632.0	19.9	630.0	21.5	629.5	22.8	630.0	21.3
	9	629.5	18.4	631.5	20.4	631.0	21.8	629.3	22.6	629.8	21.1
	10	631.2	18.1	632.8	20.5	631.5	21.7	629.4	22.4	630.0	21.5
	11	630.5	16.6	631.9	20.2	631.0	21.4	629.5	23.0	629.8	21.7
	12	629.0	16.4	629.9	20.1	629.0	21.1	627.0	22.6	629.0	21.8
13	628.3	18.2	630.0	20.2	629.6	21.6	629.4	22.3	629.5	21.1	
14	629.0	18.6	631.5	20.4	630.6	22.0	629.5	23.1	630.0	21.7	
15	631.4	17.2	632.6	19.7	631.0	21.3	630.5	22.4	630.5	20.7	
16	630.6	16.1	632.0	19.0	630.3	21.3	629.0	22.8	630.0	20.2	
17	632.6	19.4	633.0	20.7	631.0	22.0	630.0	22.2	630.0	20.0	
18	631.6	18.0	632.0	20.1	630.0	20.4	629.7	22.7	629.9	19.8	
19	631.2	17.8	632.2	20.3	630.6	21.0	630.1	23.0	630.5	19.7	
20	630.7	16.5	631.9	20.1	630.4	21.2	630.0	22.7	630.0	20.1	
21	631.0	15.6	632.1	17.8	630.3	19.8	629.3	20.6	629.8	19.5	
22	630.0	14.6	632.0	17.1	630.0	19.2	628.7	20.4	629.0	19.4	
23	530.3	14.9	632.0	17.9	630.5	20.0	629.2	21.3	630.0	20.0	

É muito notavel a marcha diurna do barometro, que ali é inalteravel em presença das mudanças bruscas da atmospherica. Um boletim meteorologico feito a 0<sup>h</sup>. 43<sup>m</sup>. de Greenwich, ou 1<sup>h</sup>. 50<sup>m</sup>. do logar, completa o estudo atmospherico d'este paiz n'aquella epocha.

Este boletim de que agora dou conta em trinta dias, foi continuado durante toda a viagem, tendo apenas as interrupções provenientes de doencas ou de estorvos occasionaes.

O terreno de Belmonte para léste desce um pouco até ao Cuqueima, na parte em que este rio corre de S. ao N. Na margem direita do Cuqueima eleva-se um pouco para descer ao valle do Cuanza.

Na parte léste do paiz reaparece a vegetação arborea mais rica, e ha pequenas mas densas florestas.

Em todo o vasto territorio comprehendido entre o Bihé e Benguella, não existe o zé-zé, esse flagello de muitos pontos da Africa Austral, que, matando o cavallo e o boi, priva o homem de dois dos seus maiores auxiliares na vida pratica.

Uma especie de epizotia, que no paiz chamam *cahônha*, ataca o gado bovino e lanigero, não fazendo ainda assim os



estragos que na Europa e outras partes d'Africa produz a epizotia.

Boletim meteorologico feito a 0 h. 43 m. de Greenwich ou 1 h. 51 m. do Bihé

Mez	Dia	Barometro	Thermometro secco	Thermometro molhado	Chuva em millimetros	Direcção do vento	Estado da atmosphaera
Março	25	628,7	22,9	20,2	40	S. S. O. fraco	Durante a noite trovoadas, hoje sem limpo.
"	26	629,6	22,1	20,0	2	O, S. O. fraco	Nublado de noite, de dia cirrus.
"	27	629,1	21,0	20,1	31	E. forte	Chuva durante a noite.
"	28	628,8	21,5	21,2	0	Calma	Algumas nuvens, cirrus.
"	29	629,0	22,3	21,6	0	"	"
"	30	630,0	22,0	21,0	0	"	"
"	31	629,5	21,5	20,8	0	E. forte	Nublado.
Abril	1	630,5	20,2	19,4	17	Calma	Nublado. De noite trovoadas a S. O.
"	2	629,3	19,8	19,1	0	E. forte	Algumas nuvens, cirrus.
"	3	630,0	20,9	19,1	0	E. moderado	"
"	4	630,3	21,5	20,2	0	"	"
"	5	630,5	21,8	20,6	0	"	"
"	6	630,0	21,1	19,2	0	"	"
"	7	629,3	21,8	19,7	0	"	"
"	8	628,1	22,5	19,8	0	"	"
"	9	629,6	22,2	20,6	0	Calma	"
"	10	629,0	21,8	19,9	0	"	Ceu limpo.
"	11	629,8	21,9	19,8	0	"	"
"	12	627,8	21,8	19,8	0	"	Alguns cirrus.
"	13	629,5	22,0	20,1	0	"	Nublado.
"	14	630,0	22,5	20,2	0	"	Alguns cirrus.
"	15	630,5	21,6	19,6	0	E. forte	Ceu limpo.
"	16	629,8	21,6	19,7	0	Calma	Alguns cirrus.
"	17	630,0	22,0	18,6	0	E. forte	"
"	18	630,0	22,2	20,3	0	"	"
"	19	630,4	22,5	20,1	0	E. moderado	"
"	20	630,2	22,0	20,2	0	"	"
"	21	629,8	19,9	15,5	0	"	Ceu limpo.
"	22	629,6	19,9	16,1	0	"	"
"	23	630,0	20,5	18,3	0	E. forte	"

Não existe ali a molestia que mata tantos cavallos no Transvaal e no Calaári, a que os inglezes chamam *Horse-sickness*. Em toda a parte o gado suino prospera e desenvolve-se como na Europa, sendo facil a conservação da carne, o que já não acontece perto da costa.

O paiz até ao Cuanza, e ainda para além, tem grande carencia de sal, sendo todo o que ali se gasta proveniente da costa.

Não ha minas de sal gemma, e as aguas, mesmo as das lagoas, são potaveis.

N'este succinto resumo, procurei compendiar o resultado das minhas observações, dando uma noticia geral do paiz, e terminarei com um curto juizo meu acerca d'elle.

Collocado em uma posição geographica muito differente da do Transvaal, o paiz comprehendido entre a costa e o Bihé, aproxima-se d'elle pelo clima, e possui um solo mais fertil. A comparação entre a mesma planta vegetando nos dois paizes indica isso.

Tem uma população indigena muito mais condensada do que a do Transvaal e muito mais agricultora. Não é menos abundante em boas pastagens, e é mais rico em florestas.

O Transvaal possui uma grande riqueza mineralogica, que escaccia ali, mas eu creio que estará reservado a este paiz um futuro mais prospero do que aquelle, porque o Transvaal está isolado do resto d'Africa pelos desertos aridos e pela mosca zé-zé, enquanto estes terrenos estão em facil comunicação com um interior quiçá mais rico.

(Continua.)

## CRUZEIROS NA COSTA D'AFRICA

(Continuado da folha 30)

EMQUANTO esteve em Fernão Vaz M. du Chailu ligou-se com os chefes que governavam esta região. Os chefes das margens do rio assenhorearam-se da entrada dos rios; um rito religioso consagrou-lhes os direitos.

Esta muralha levantada pelos Aboyas do Oouenga foi aberta em favor de M. du Chaillu; no seu livro *Afrique equatoriale*, publicado em 1857, descreve os costumes e habitos dos povos com que esteve em contacto. N'uma segunda viagem empreendida com mais socego elle levou as suas investigações até  $1^{\circ}58'54''$  de latitude sul, e  $9^{\circ}36'$  de longitude a Éste de Paris. Uma imprudencia commettida por um dos seus carregadores tornou-lhe hostis todos os povos do interior, onde o receio das bexigas o fizera embrenhar e d'onde foi obrigado a retrogradar rapidamente. N'esta fuga esteve quasi a perder as suas collecções e o seu diario, resultados de infinitas fadigas. Tendo partido de Obinji no Rhemboe-Oouenga cortara a linha que separa o

valle d'este rio do dos affluentes do Ngoyé, um dos braços do Ogooué superior. Tinha atravessado quatro affluentes do Ngoué, alcançara o Odinganga que parece ser o mais importante d'estes rios e atravessou uma collina de cem a cento e vinte metros de altura; o leito de Odiganga está a quatrocentos metros de altitude.

Aos Bakalés succedem-se os Achiras, que elles dividem em Achiras, Kambas e N'gojés; os Sekianis ou Bulus, que vivem ao norte do Gabão, estão aqui representados por um ramo chamado Aknas que se interpõem entre os Achiras e os Achangos; os Aponos seguem-se-lhe; assim como os Achangos parecem pertencer á grande raça dos Achiras de que fallam a lingua. Os Ichogos, que se interpõem entre elles, parecem pertencer aos Apingis do dialecto dos quaes usam.

O Odiganga serve de limite aos territorios dos Ichogos e dos Achangos. Os N'javis, impel-



lidos para o oeste por poderosos visinhos, estão contíguos aos Achangos.

Os Obongos, ou anões que vivem nos bosques, vivem nas visinhanças de Niembonai, ultimo ponto aonde chegou M. du Chaillu; têm um metro e trinta e dois centímetros a um metro e trinta e quatro d'altura segundo o sexo; a sua côr é amarella escura; não vivem com os seus visinhos.

Entre os escravos libertados pelo *Africain* no cabo Lopez, em 1868, estava um anão que era muito bem feito; mandei tirar-lhe a photographia; sem duvida pertencia aos Ahnas; não entendendo a linguagem dos interpretes do Gabão, não pude conseguir d'elle informação alguma sobre o lugar em que nascera.

Os negros que interrogavamos citavam-nos como limitrophe do N'javi a raça solipede dos Spadis. Parece evidente que querem assim designar as raças que montam a cavallo ou em bois, confundindo o homem, com o animal montado.

O homem morcego deixa o homem solipede a perder de vista. Os negros contam muitas fabulas: mas não nos falla Santo Agostinho em acephalos africanos? O exemplo do grande doutor dá aos negros o direito de crear centauros e homens morcegos. Este ultimo genero foi-me descripto por um negro chamado José.

José era um dos escravos apprehendidos no Eliva; tendo-se tornado christão era casado e educava soffrivelmente os filhos. Tendo-se dedicado á jardinagem era assaz habil no seu officio. O seu bom humor attrahia-lhe geraes sympathias e era bem raro que me não apparecesse quando eu passeava no meu jardim. Nada o espantava; vira homens com cauda de que sabia a lingua; descrevia-me os seus assentos que eram aptos para poderem accomodar o appendice. Mas o grande triumpho d'este bom e ingenuo narrador era a historia dos homens morcegos: «de noite desciam das arvores para caçar e fazer a guerra contra os pretos;» podiam manejar toda a especie d'armas. É geralmente admittido pelos negros do Ogooué que os *ginnas*, bem impropriamente chamados gorillas pelos americanos, não se sabe porque, podem ser as encarnações das almas dos mortos. Estes animaes compartilham com os brancos d'esta honra. As mulheres gravidas não devem ver *ginnas*, pois que a creança que trazem no ventre pode ser influenciada pelo quadrumano.

Mr. du Chaillu fez a este quadrumano uma

reputação de ferocidade que elle não merece; todos os negros a quem perguntei me disseram ser animal inoffensivo. Em 1841 prometti uma somma relativamente forte a quem me trouxesse um; esta minha vontade só foi cumprida muitos annos mais tarde e foi o almirante Penaud que teve a honra de enviar para França o gorilla que hoje está no museo do Jardim das plantas de Paris. Desde então tornou-se mais facil encontral-os. Os negros espreitam o momento em que elle está repleto e então prendem-o á sua vontade.

Eu criei na *Zenobie* dois pequenos *ginnas*, que me tinham sido trazidos em 1866 e 1867; pude então observar que eram muito mansos e perfeitamente inoffensivos. É necessario trazer-os em liberdade; não se sujeitam como os macacos pequenos a estarem presos; deixar-se-hiam morrer d'innanição. Davam-se todos os dias ao prazer de subir ao alto dos mastros e só á noite eram recolhidos.

Estes quadrumanos são muito sensiveis, a ponto de, quando têm um desgosto, deixarem de comer. Foi o que succedeu a Jayme 1. Jayme 11 foi objecto de particulares cuidados: tinha recebido na cabeça alguns grãos de chumbo e depois amarrado pelo pescoço e o laço arrancara-lhe a pelle: depressa se curou d'estas feridas. Ambos gritavam extraordinariamente de noite, o que fazia julgar serem animaes nocturnos. Quando se fazia a lavagem a bordo, Jayme vinha regularmente bater-me á janella, sentava-se aos meus pés, seguia attentiosamente todos os meus movimentos ao barbear-me, acompanhava-me ao gabinete, sentava-se ao meu lado emquanto eu escrevia, e acabava por se pôr em cima das almofadas d'um sophá e de lá saltava-me para os hombros; quando eu deixava a penna, rapido como um raio, escarranchava-se sobre o meu peito, como um pesadello dos contos allemães; então átingia o cumulo da sua felicidade, fitava ardentemente os seus olhos sobre mim; era inutil tentar livrar-me d'elle; tocava a campainha e o criado da camara vinha ajudar-me a tirar o casaco que o macaco segurava com as suas quatro mãos; deixava fazer tudo isso e o meu casaco era levado com Jayme que só o largava, quando conhecia que nas suas mãos só estava um casaco. Sem duvida esta posição recordava-lhe a que occupava quando a mãe o aquecia junto do peito. Pobre Jayme! Quando navegamos para o sul começou a soffrer do peito; ao chegar a Santa Helena já não era senão uma sombra, posto que



a sua intelligencia se conservasse lucida. Quando lhe disse que apertasse a mão a s. ex.º o governador de Santa Helena estendeu-lhe a mão de um moribundo fitando n'elle um olhar bem triste. O almirante Eliot impressionou-se com aquelle olhar e com o gesto que parecera reflectido. Passados dois dias morreu este pobre animal. O almirante pediu-me o esqueleto para Sir Charles Lyell.

Ao contrario dos macacos das pequenas especies, que quando andam põem as palmas das quatro mãos no chão, as grandes especies só pousam no chão a parte interna das mãos inferiores; as mãos superiores apoiam-as no chão cerradas de modo que é na parte superior dos dedos que se firmam, o que torna o andar d'estes animais pesado e oscilante.

Ha apenas trinta annos que o Gabão é francez. Os primeiros annos do dominio francez n'aquella possessão foram nullos para o commercio, todos oscuidados d'administração europêa dedicavam-se ao abastecimento dos cruzadores; mas, pouco a pouco, o commercio foi-se aclimatando; os inglezes foram os primeiros a reconhecer a necessidade de ligar por meio de linhas postaes as possessões que têm na costa occidental até Fernando Pó.

A linha ingleza em serviço para o Brazil e a linha franceza que faz escalla pela Gorea deram-lhe occasião de estabelecer rapidas communicações entre Portugal, o Brazil e as nossas possessões situadas ao norte e ao sul do equador.

A linha portugueza que toca no Archipelago de Cabo Verde e em S. Thomé vae depois tocar em Mossamedes, ponto extremo das muitas colonias portuguezas.

O caoutchouc, o marfim, o ebano são os tres productos em que mais se commercia na Africa equatorial. As pacientes investigações dos officiaes e medicos da marinha franceza fizeram conhecer que a estas substancias se podem juntar,

em primeiro logar os oleos de muitas plantas; umas, como as *jathropeas* dão um oleo medicinal, podendo, como o oleo de palma, condensar-se e converter-se em sabão e serem empregados nas artes; outros como o *oba*, dão uma verdadeira manteiga vegetal, susceptivel de ser empregada na preparação dos alimentos. A arvore da manteiga, tão commum nos affluentes do Niger, existe provavelmente no alto Ogooué e poderá servir para completar os oleos vegetaes, a palmeira, productora do chamado oleo de

palma, é commum a todo o estuario de Ogooué e do Fernão Vaz; o *enimba* ou *raffia* produz um fructo, cuja polpa pouco espessa, coberta de brilhantes escamas, dá um oleo de peor qualidade; a *abacateira* dá um fructo em fôrma de pera que produz um oleo de melhor especie; começa a vulgarisar-se nos jardins dos negros do Gabão; o *amendoim* dá-se muito bem, assim como tambem as *encurbitaceas*, cujas sementes dão um oleo excellente.

A missão franceza n'um terreno de vinte e cinco hectares ensaiara a cultura do cacao e do café; as principaes sementes d'estas plantas foram fornecidas pelo defunto snr.

Carneiro, notavel agricultor da ilha do Principe, que teve a amabilidade de presentear com ellas os differentes commandantes das estações navaes, entre outros ao almirante Baudin e a mim. As arvores do pão originarias do mar do Sul multiplicaram-se sob as suas duas fôrmas e dão-se muito bem; a que dá castanhas faltava á collecção de Monsenhor Bassieux e eu fui bastante feliz por poder encontral-as em Serra-Leôa e está hoje aclimatada no Gabão. A arvore de pão ou *mayoré* da Polynesia não tem sementes e reproduz-se por estacas. A arvore das castanhas é a *rima* da Polynesia; dá um fructo que germina e em que pôde ser enxertado o *mayoré*; a folha e o aspecto do *mayoré* e do *rima* são identicos: a folha parece-se com uma mão aberta. (Continúa.)



UMA RAPARIGA DO GABÃO  
Desenho de E. Ronjat, segundo uma photographia





UM TEMPLO DE DOREY

## VIAGEM À NOVA-GUINÉ

POR

ACHILLE RAFFRAY

ENCARREGADO D'UMA MISSÃO SCIENTIFICA PELO MINISTERIO D'INSTRUCÇÃO PUBLICA EM FRANÇA

(Continuado da folha 39)

**S**AKOI, apresentando-me, ora fallando papu, ora malaio, desenvolveu uma grande eloquencia. O que comprehendí d'esta ultima lingua era um elogio do orador e em seguida de mim que era, dizia elle, o grande possuidor dos estofos e missangas. O sanadi ouviu-o com grande attenção, direi mesmo com favor e, concluido o discurso, passou-se aos apertos de mão e á distribuição do tabaco.

Em seguida levaram-me á maior das casas que, como a de Dorey, podia conter cincoenta ou sessenta pessoas. Era como todas as outras construida sobre estacaria, mas a uma altura de vinte pés, onde só se podia chegar passando por

cima d'um tronco de arvore inclinado, tendo uns degraus grosseiros em que os pés nus dos indigenas encontravam apoio.

Aventurar-se alguem, calçado, sobre esta delgada ponte seria uma imprudencia. Julguei prudente descalçar-me e, com muita cautella, mas sem mostrar o menor receio, trepei. Em poucos segundos cheguei ao termo são e salvo; mas o mais difficil restava ainda fazer. Quando entrei a porta deparei com um soalho formado de ramos transversaes da grossura d'um braço e separados uns dos outros cincoenta ou sessenta centimetros. Agora já se não tratava de caminhar, mas sim de dar uma serie de saltos,



cahindo de cada vez justamente sobre um dos troncos sem perder o equilibrio. Por mais desesperado que fosse o meu appello a tudo quanto eu sabia de gymnastica, as minhas hesitações nem por isso se tornaram menos patentes e fui vencido n'esta corrida de novo genero por uma creança de tres ou quatro annos, que saltava de tronco em tronco com a segurança e rapidez de um macaco. Comtudo sempre consegui chegar a um pavimento em que os troncos estavam mais unidos e onde me offereceram uma esteira. Depressa fui rodeado por toda a povoação; membro algum da communitate faltava, nem mesmo os porcos que, como a creança a que acima me referia, saltavam tambem com uma agilidade que eu ainda não conhecia n'estes pachidermes e que, dando um grunhido de satisfação, se vinham refugiar entre os braços d'alguma mulher Papu de quem eram os favoritos, exactamente como em França um pequeno cão havanez se vem esconder entre as sedas e as rendas da sua dona. Devo confessar que estes porcos, menos favorecidos, em vez de rendas e sedas encontravam apenas uma pelle negra, porca, escuriada e umas mamas que se prolongavam até a cinta.

Em volta de mim todos fallavam, mirando-me com curiosidade, principalmente as mulheres; os homens quasi todos me conheciam.

Posto que unicamente a quatro kilometros da povoação de Dorey, habitada pelos Papus Mafors, encontrava-me em Aïambori no meio d'um outro ramo da raça Papu, os Arfaks, como era facil de notar á primeira vista.

A estatura dos homens é mais alta, os membros são mais musculosos, o rosto mais oval, o nariz mais aquilino e a côr da pelle mais escura. Quasi todos perfuram a cartilagem que separa as narinas para ahi introduzirem um osso, algumas vezes tão comprido que, excedendo o eixo menor da face, vae d'orelha a orelha.

Em vez da immensa cabeleira dos Mafors, que já descrevi, vi em volta de mim uma grande variedade de penteados. Os cabellos estavam divididos em novellos e na raiz amarrados com uma corda; o numero d'estes novellos variava d'um a vinte e mais talvez. Um novello formava uma cuia volumosa no alto da cabeça. Dois outros estavam dispostos aos lados, um atraz e um outro sobre a frente. No resto da cabeça os cabellos estavam geralmente distribuidos em circulos concentricos de pequenos novellos em fórma de peras, mais ou menos rijos, conforme os

cabellos estavam mais ou menos apertados na raiz.

Afóra isto o traje era o mesmo dos Mafors, com menos enfeites de conchas e de missangas, o que facilmente se explica pelo seu afastamento da costa do mar, d'onde os negociantes malaios nunca se distanceiam.

Por intermedio de Sakoï combinou-se que eu e os meus caçadores podiamos ir caçar todas as vezes que o quizessemos ás suas florestas e que eu teria a especial licença de procurar insectos nos terrenos em que os detritos em decomposição das florestas abatidas por elles me permittiam numerosas e ricas caçadas. Fiz então pequenos presentes a muitos Arfaks para conservar com elles relações cordeaes e em seguida, como n'esse dia chovia torrencialmente, voltei para Dorey.

Passei ainda perto d'um mez em Dorey, indo todas as manhãs a Aïambori, onde arranjei magnificas colleções d'insectos. Durante todo este tempo nunca tive a menor difficuldade com os Arfaks d'esta localidade. Logo que eu chegava as mulheres e as creanças punham-se a caçar commigo, desfazendo os troncos pôdres das arvores, perseguindo com phenomenal agilidade por entre os troncos e ramos cahidos uma borboleta ou escaravelho que sem elles seria impossivel agarrar. Naturalmente cada uma d'estas visitas terminava por uma distribuição de missanga.

Ao principio levava sempre commigo as minhas armas; mas por fim, achando-as pesadas e incommodas, entregava-as descarregadas ao rapaz Mafor que me trazia os tubos e os frascos.

Os Arfaks poderiam ter-me assassinado á sua vontade; nunca n'isso pensaram, creio eu e comtudo ainda não abandonaram os costumes sanguinarios da sua raça. Os Mafors affirmavam-me que os Arfaks escondiam no mais recondito da floresta, n'um tronco ôco d'uma arvore, ossos humanos, tropheus de guerra que em certos dias de festa, a que nenhum estrangeiro era dado assistir, tiravam para adornar as casas. Ainda que sejam amigos os Mafors temem-os e com razão.

Todavia durante a nossa estada em Dorey os habitantes d'Aïambori deram uma prova da confiança que n'elles se pôde ter.

Um dos missionarios hollandezes tinha adoptado uma infeliz creança Papu um pouco disforme e que gostava de passar sósinho dias inteiros na floresta. Um dia não voltou. Se tinha



sido victima d'um assassinato, d'elle só podiam ser suspeitos os Arfaks, visto que na Nova-Guiné não ha animaes ferozes. Indagou-se, procurou-se e com effeito encontrou-se o cadaver da creança decapitado; provavelmente os Arfaks não puderam resistir ao desejo d'augmentar as suas collecções de tropheus. Muitas vezes tambem, apesar das precauções tomadas pelos Mafors que rodeiam os tumulos de muitas paliçadas de bambu, ou que collocam em cima das covas pesadas construcções de pedra, cujo modelo foi copiado dos Malaios, se elles proprios não são os architectos, têm violado as sepulturas.

Em Dorey, por uma d'essas noites equatorias, mais luminosas que os nossos tristes e frios dias d'inverno, fui acordado por vozes ameaçadoras d'homens e por gritos assustados de mulheres. Levantei-me, porque se é indispensavel mostrar aos Papus uma grande confiança, não é menos prudente estar sempre acautelado. Olhando para fóra, simplesmente vi duas sombras de Papus que pareciam querer vir ás mãos. Julgando que nada tinha que vêr em tal desordem tornei-me a deitar muito tranquillamente. No dia seguinte soube que eram dois Mafors, um de Monsinam e outro de Mononkonari que disputavam a propriedade d'uma escrava que o ultimo tinha roubado ao primeiro. O habitante de Mansinam estava perplexo, porque elle e os seus amigos não se sentiam bastante fortes para obrigar o visinho de Mononkonari a entregar a escrava roubada; d'aqui resultou um odio surdo que durante alguns dias não se patenteou por incidente algum. Como já disse, os Aïambori vinham frequentes vezes a Dorey e arriscavam-se mesmo a ir embarcados em pirogas até á povoação de Mansinam, onde eram sempre bem recebidos. Alguns dias depois da discussão nocturna de que eu fóra testemunha soube-se que em Mansinam tres Arfaks tinham sido atacados, ligeiramente feridos e feitos prisioneiros pelo Papu Mafor a quem tinham roubado a escrava. Era incomprehensivel o acto, visto que os Arfaks estavam completamente innocentes do roubo e serem tão numerosos e principalmente tão belicosos que sem duvida derrotariam todos os Mafors de Konavi, de Mononkonari, de Mansinam e outras povoações.

Pareceu-me que este facto devia ser seguido de funestas consequencias e esperava assistir ao massacre geral d'estes ultimos; mas com grande surpresa minha os Mafors nada se inquietavam.

Dois ou tres dias se passaram assim sem que nada succedesse, quando uma manhã, no momento em que me dispunha a partir para uma das minhas excursões todos os meus amigos Aïamboris me sahiram ao encontro; apertaram-me a mão, mas gravemente e sem parar como de costume para me vender toda a especie de animaes. Eu nunca os vira tão bellos; os cabellos tinham sido havia pouco penteados e levavam o armamento completo. Não duvidei que fossem reclamar os tres prisioneiros e portanto julguei prudente addiar a minha sahida.

Caminharam até á beira-mar e começaram a chamar. Vieram então Sakoï e outros Mafors creio eu, pois que me limitei a vêl-os de longe.

Acocoraram-se em circulo e Sakoï orou; depois os Arfaks começaram a dançar, a dar pulos e gritos brandindo as armas e todos se dirigiram para a povoação de Monoukonari.

Mandei chamar Sakoï a quem offereci um pouco de tabaco para o incitar a explicar-me o fim d'aquella expedição. Contou-me com muito socego e ingenuidade que em tudo aquillo nada havia de muito perigoso e que se tratava de uma simples combinação para obrigar o ladrão de Monoukonari a entregar a escrava.

Confesso que cada vez comprehendia menos.

«E é todavia bem simples, replicou elle; Mansinam, o roubado, não é bastante forte para lutar contra Monoukonari, o ladrão. Por isso aproveitou a occasião de prender tres Arfaks para interessar aquella tribu na sua causa. Os Arfaks vão atacar Monoukonari, rehver a escrava que entregarão a Mansinam para que este lhes entregue os tres Arfaks e estes ultimos, assim como a tribu a que pertencem, serão indemnizados da sua intervenção forçada pelo saque de Monoukonari. É tudo quanto ha para receiar; mas não haverá combate, isso não está nos nossos habitos; pode-se surprehender alguém na floresta, mas nunca atacamos frente a frente. Comprehede bem que, sendo Monoukonari menos forte, cederá ás ameaças dos Arfaks; entregará a escrava e pagará a indemnisação de guerra.»

O que Sakoï me predissera aconteceu fielmente e tudo voltou á mais santa paz.

Este facto parece-me não necessitar commentario, para evidenciar o sentimento de solidariedade que, modificando o que pôde ter de excessivo a liberdade individual, fórma a base da sociedade Papu.



## TERNATE — AS MOLUCAS

Povoação d'Andaï — As pirogas papús — Partida para Amberbaki — Inimizade dos Prafis e dos Mafors — Caça ás aves do paraíso e aos kangarus — Fallemos em geographia — Rebate falso — Na praia d'Amberbaki — Um novo genero de imposto — A povoação de Mémiaoua — Casas aerias — Installado em casa dos Papus — Um formoso prisioneiro — Riqueza do solo e pobreza dos habitantes — Os Papus Ouosaonis — Os Karons anthropophagos e erpetophagos — Piratas biaks — Triste regresso a Dorey.

Desde os começos de março que a minha piroga estava prompta. Metidos os mantimentos a bordo parti.

Ia visitar Andaï, onde um missionario hollandez, M. Woelders, me offerecia hospitalidade. E' uma pequena povoação situada a algumas leguas ao sul de Dorey, junto da embocadura d'um pequeno rio d'onde tirou o nome. E', como Aiambori, construida sobre estacaria no meio de culturas um pouco mais cuidadas, e n'um sitio pittoresco refrescado pelo pequeno rio e alguns regatos.

Os habitantes são tambem d'origem arfak e depois das descripções que fiz dos Papus d'Aiambori pouco tenho a dizer d'estes. Ha onze annos já que um missionario calvinista hollandez vive em Andaï com sua esposa; exceptuando o edificio da missão e a casa de M. Woelders por elle construida com o auxilio d'uma familia malaia naufragada, não observei que a prolongada presença do missionario tenha tido por consequencia entre os selvagens que o cercam uma modificação apreciavel, ou que compense o dispendio de forças civilisadas feito n'este lugar.

Visitando Andaï, o meu fim era penetrar no interior dos montes arfaks, mas uma guerra que rebentára entre as tribus costeiras e montanhas fez com que renunciasse ao meu projecto.

No meu regresso a Dorey chamei o maior e o *captain-laut* e a proposito da minha viagem a Amberbaki travei com elles negociações, negociações que duraram quinze dias, mais do que é necessario a um congresso de diplomatas para refazerem o equilibrio europeu.

Tratava-se tambem para mim de modificar, até então muito incompleta, a carta da Nova Guiné; pois que eu tinha tenção de a costear em piroga durante mais de cem kilometros, costa que ainda não fôra reconhecida, senão a grande distancia, do mar alto, desembarcar em Amberbaki e penetrar nas montanhas tanto, quanto me fosse possivel levando os objectos indispensaveis aos meus trabalhos d'istoria natural.

Pelo menos eram-me necessarias duas grandes pirogas podendo supportar o choque de pequenas vagas e vinte remadores Papus. Levava commigo os meus dois caçadores e o nosso pequeno criado Maksout, confiando a M. Maindron, ainda doente, e a Soabar a guarda da nossa casa em Dorey.

Julgo inutil descrever as pirogas ordinarias; apenas fallarei das grandes pirogas de viagem.

Algumas não têm menos de cinco a seis metros de comprimento por sessenta ou setenta de largo; o casco é feito d'uma só peça e escavado n'um tronco d'arvore perfeitamente são e sem rachadella alguma. Para que o casco seja mais leve só tem dois centimetros d'espessura, o que os obriga a guarnecer a parte interna de cavernas para que as bordas não empenem. As duas extremidades são levantadas em curva e fortalecidas por um esporão de pau: para fazer erguer a piroga á sua linha de fluctuação em lugar de taboas servem-se de nervuras de folhas de sagueiro; nervuras naturalmente envernizadas, muito fortes, mais grossas do que um braço, concavas d'um lado, convexas do outro e que encaixando muito bem umas nas outras e solidamente presas ás cavernas formam uma superficie imbricada e estanque.

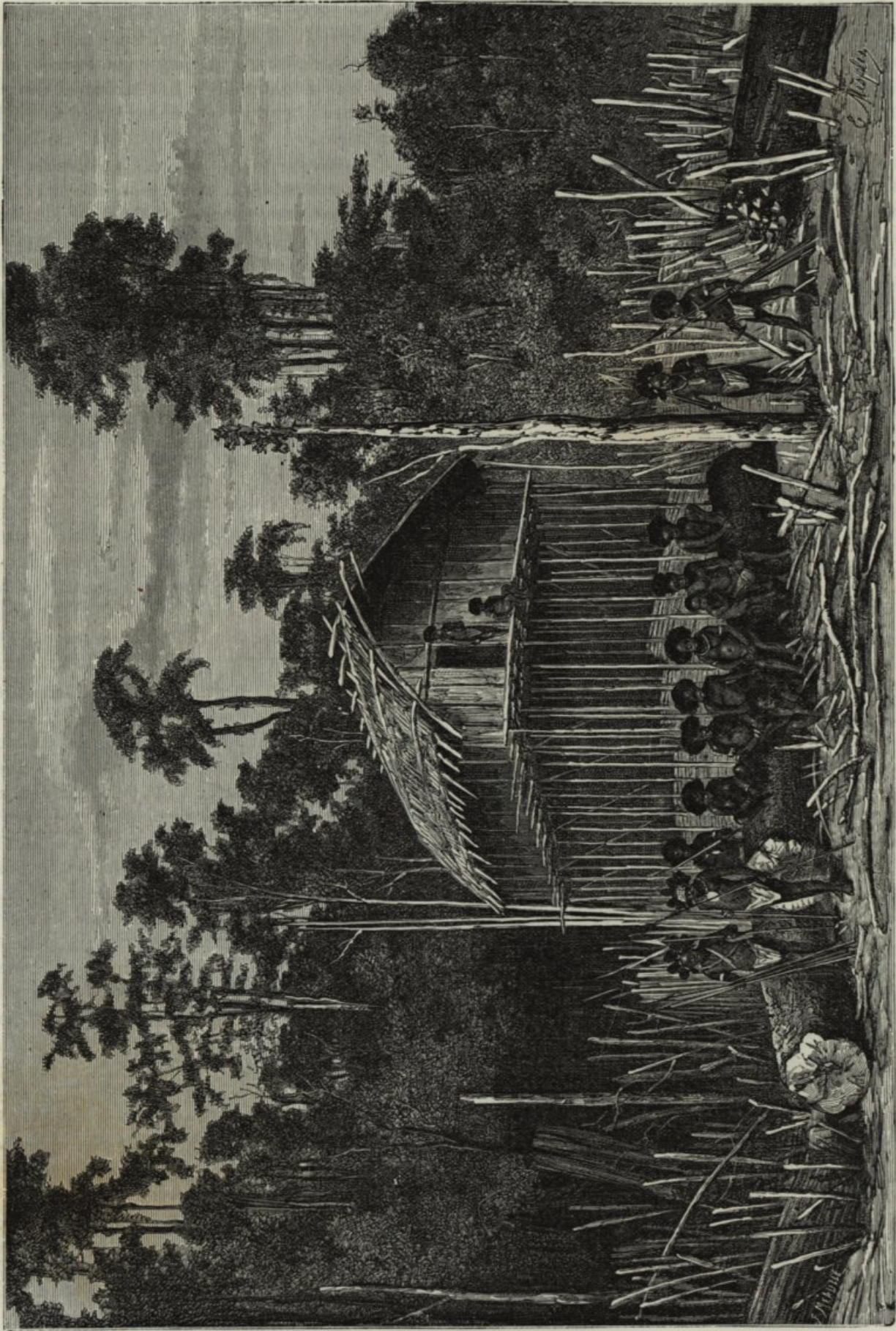
Nas bordas collocam transversalmente paus muito leves e que de cada lado, sahem fôra da piroga pelo menos um metro e cincoenta centimetros. Estão solidamente amarrados com cordas de rotim ás bordas da piroga. Na extremidade estes paus têm um outro amarrado formando com elles um angulo recto e a cujas extremidades está fixa uma grande trave tão leve como a cortiça e que serve de fluctuador.

Compreende-se que a piroga assim construida seja quasi insubmergivel. No centro da piroga, assente de cada lado em travessas, ha uma especie de caixa quadrada feita de bambu; desde avante até á ré ha umas pequenas pilastras sustentando um tecto coberto com folhas de coqueiro, precaução muito apreciada n'um paiz em que a chuva e o sol disputam o direito de nos incommodarem.

O esporão da prôa alonga-se erguendo-se e sustenta taboas cortadas em arabescos e ornadas de figuras, de pennas, de conchas e algumas vezes pintadas de branco, de vermelho ou preto, pinturas que vem até ao costado da piroga.

O barco completa-se com um mastro e uma vela que eu já descrevi quando fallei d'um prao de Ternate.





A POVOAÇÃO D'AIAMBOI



Com algumas taboas fiz alguns melhoramentos na caixa de bambu; no meio da piroga installei o meu leito no sentido da diagonal, o que quasi consentia que eu me estendesse. No momento de partir surgiram difficuldades que eu previra; os remadores Papis, pagos adiantadamente, acharam insufficiente o seu salario. Discuti um pouco, mas como eu já conhecia os Papis dei-lhes mais algumas missangas e facas. Só dois homens haviam de ser pagos no regresso. Eram o maior e o capitaint-laut que eu queria tornar responsaveis pelo resto da tripulação.

Partimos no dia 30 d'abril depois do meio-dia, e costeando a costa que se inclina para o norte-noroeste, chegamos no dia 7 à ilha Aori, muito proxima da costa que outra coisa mais não é do que um jazigo de madreporas coberto de vegetação.

Passamos entre a ponta norte da ilha Aori e

um promontorio da Grande-Terra, o cabo Bori; e apenas uma estreita passagem, que unicamente pôde servir a pequenos barcos e tanto mais que a oeste do cabo encontrei uma série de rochedos contra os quaes o mar se quebrava com furor.

Não tendo nada que nos protegesse da vaga e do vento do norte-noroeste tivemos de nos abrigarmos n'uma pequena bahia chamada Sãobeba. O logar era como se devia esperar na Nova-Guiné, algumas rochas madreporicas cobertas de paletuvios e por acaso um pequeno banco d'areia com o qual nos prolongamos.

Enviei immediatamente os meus caçadores para a floresta que me trouxeram a nova de terem encontrado alguns Papis da tribu dos Prafis, inimigos jurados dos Mafors, o que notavelmente inquietou todos os meus companheiros.

(Continua.)

## SUPERSTIÇÕES POPULARES EM PORTUGAL

(Continuado da folha 40)

**A** MEDIDA que se avança uma unidade, é obrigatorio repetir todas as outras já ditas, e isto com muita correcção sob pena de fazer muito mal à pessoa que diz a Oração; e em Coimbra ouvimos dizer, que todo o homem chamado Custodio, logo que lhe digam:

Dize-me as santas palavras  
Ditas e repinicasas,

elle é obrigado a repetir a Oração tantas vezes quantas o pedido, sob pena de ir para o inferno. Na linguagem popular ainda se reflecte a crença no poder dos numeros, como na locução: *Trez, é a conta que Deus fez. Sete, o diabo que te espete.* As Orações catholicas, são em grande parte enumerativas, como os Dez mandamentos, os Sete sacramentos, e outras. De todo o nosso exame o que pretendemos concluir é que esta superstição na Europa é uma das mais fortes persistencias de uma civilização inferior sobre que se desenvolveram os Celtas, como comprovaremos ao ensaiar uma nova interpretação das fórmulas marcellicas.

Pelo que hoje se sabe dos cultos magicos da Chaldæa, toda a hierarchia demonologica era

representada por numeros, não só nas imprecções como nas especulações theologicas. Diz Lenormant: «Em virtude d'estas especulações, cada um dos deuses, era designado por um numero inteiro na série de 1 até 60 correspondendo à sua cathegoria na hierarchia celeste; um dos tijolos da bibliotheca de Nineve dá a lista dos deuses principaes, cada um com o seu numero mystico. Parece que a par da escala de numeros inteiros applicados aos deuses, havia uma escala de numeros fraccionarios applicados aos demonios e assim correspondendo à cathegoria reciproca.» Nas fórmulas numericas da tradição popular o valor da imprecção reside na passagem de um inteiro para outro inteiro; e a enumeração em ordem inversa e decrescente liga-se ao sentido da demonologia chaldaica, que os espiritos malignos: «movem-se e obram assim às vessas do curso natural das cousas e do movimento regular dos astros...»<sup>1</sup> Aos sete deuses dos planetas que governam o universo, a theologia chaldaica oppoz-lhe os *sete phantasmas de chamma*, de que os nossos *sete peccados mortaes* são ainda uma allegorisação. Em uma imprec-

<sup>1</sup> *La Magie chez les Chaldéens*, p. 24.



ção chaldaica das publicadas por Norris e Rawlinson, se diz: «Tu que és conhecedor das acções dos Sete, ensina-me os logares em que elles habitam. — Meu filho, os sete habitam a terra; os Sete, saem da terra; os Sete que nascem da terra; os Sete que se metem pela terra, abalam as muralhas do abysmo das aguas.» Aqui temos o *numero* a tornar-se uma entidade maligna por si, tal como veiu a prevalecer quando pela decadencia completa de uma mythologia o nome do deus ficou totalmente esquecido. N'esta imprecação acima citada fragmentariamente, revela-se o poder contra os Sete, o qual reside em uma arvore conifera, cypreste ou cedro; <sup>1</sup> na Oração da Estrella fermosa, apparece tambem esta circumstancia:

e nove varas  
de zimbro me colhereis  
.....  
bem amoladas  
e bem aguçadas etc.

Aqui o *zimbro* parece-nos ter um sentido phallico, como deprehendemos da sua forma verbal usada no Cancioneiro de Resende, onde Gil Moniz escreve: «Meninas, *zimbrar* ou casar.»

O conservado poder magico dos numeros na parlenda de *Tranglomango* é o exemplo da sua decadencia nas rimas e jogos infantis. As terriveis perseguições da Inquisição, de que temos mais de quatorze mil processos no Archivo nacional, não fizeram mais do que produzir um estado de hallucinação no povo; as proprias auctoridades governativas estavam debaixo d'essa exacerbação mental, e ellas mesmas propagavam o delirio demoniaco pela sua intervenção estúpida. Citaremos dois factos importantes, o dos *Semeadores da Peste*, em 1630, e o do *poder das palavras* de um soldado que fazia curas maravilhosas.

No Repertorio do Archivo da Camara Municipal de Lisboa, entre 1630 a 1632, fala-se dos Pôs pestiferos: «O vereador Diogo da Cunha, estivesse em Belem, quando se temiam os pós, que se dizia, traziam os estrangeiros para causarem peste.» E mais: «Ao provedor da saude de Belem, se concedeu usar vara vermelha, emquanto Diogo da Cunha permanecesse em Belem, e *por causa dos pós*, que se dizia traziam pessoas suspeitosas.» Estas crendices surgiram pelas noticias aterradoras da peste de Londres de 1631. Sobre este assumpto escreveu Frei Ma-

noel de Lacerda um *Memorial e antidoto contra os Pôs venenosos, que o demonio inventou, e que seus confederados espalham em odio da christandade*. Lisboa, 1639. (Ap. Ribeiro Guimarães, *Summ.*, 111, p. 145.) No processo de Luiz de la Penha (articulados 14, 15 e 16) citam-se como objectos dos seus bruxedos: um saquinho pequeno de linho, *uns pós pardos*, grãositos com *uma cousa branca maior, pequena pedra amarella*, coussa como um feijão, dois pedacinhos de *pedra de ara*, etc. <sup>1</sup>

No processo de Luiz de la Penha, vem a accusação de curar *com palavras desconhecidas*. Este poder magico das palavras foi reconhecido por um Alvará de 15 de Outubro de 1654, no qual o rei D. João IV concede a um soldado a immuniidade *para curar com palavras*, empregando o seu poder em beneficio dos militares. <sup>2</sup> Quando as forças dirigentes de uma nação descem a esta imbecilidade, pôde-se dizer que essa nação subsiste pela força da inercia. A vida social era uma calamidade permanente; o individuo em vez de encontrar nas instituições garantias para a sua inviolabilidade, era a victima impotente de todos os absurdos impostos como systema. Basta lançar um relance sobre os motivos que levavam qualquer pessoa á fogueira.

No processo da Inquisição de Maria Soares, accusada por sua propria filha *aconselhada pelos seus confessores* (provavelmente por que a mãe não aprovava a prostituição com os ditos confessores) em 1623, acham-se dados curiosos para conhecer algumas superstições domesticas que ainda hoje persistem. A pobre mãe era accusada:

«De guardar os *sabbados* de trabalho, vestindo n'elles camisas lavadas e melhores vestidos. (Ainda hoje os trabalhadores largam a obra mais cedo n'este dia, e costumam aciear-se raspando a barba.)

«De não comer carne de porco, lebre, coelho, nem peixe sem escama.

«De jejuar em segundas e quintas feiras, sem comer senão á noite cousas que não eram de carne.

«De jejuar o jejum do dia grande, que vem no mez de setembro.

«De quando morria alguma pessoa em casa

<sup>1</sup> No *Jornal de Coimbra*; apontado por João Pedro Ribeiro.

<sup>2</sup> No processo de uma feiticeira do Piemonte, em 1474; figuram tambem os pós pestiferos. Gubernatis, *Mythologie des Plantes*, t. 1, p. 109.

<sup>1</sup> Lenormant, *La Magie*, p. 27.



ou na visinhança, botava fóra a agua que tinha para beber. (Ainda se usa nos Açores.)

«De zombar dos christãos e do seu modo de viver e do Santissimo sacramento quando passa pela rua.

«De lavar a carne quando vinha do açougue até lhe tirar todo o sangue, tirando-lhe tambem a gordura. (É usual, e sem character supersticioso.)

«De concertar a casa á sexta feira á tarde, alimpando os candieiros e lançando-lhes azeite limpo e com torcidas novas, deixando-as accesas até por si se apagarem.

«De dizer que aquellas candêas eram tochas no céu, e de resar com os olhos n'elle, lavando primeiro as mãos, e de não dizer no fim do Padre-nosso: *Amen. Jesus.*

«De que, quando certa pessoa saia para fóra não consentir que se varresse a casa...»<sup>1</sup>

Terminando a serie das superstições prohibidas pela Ordenação manoelina, falta-nos historiar a adivinhação *Scapulomançia*, a que na legislação penal do seculo xvi se chama «ver em *espada de carneiro*.» Tylor, seguindo as noticias de Klemm, de Burton e Walker, diz que este systema de adivinhação pela *omoplatoscopia* é antiquissimo e ainda está em vigor na Tartaria «d'onde por ventura se diffundi para todas as regiões onde o encontramos.»<sup>2</sup> Segundo este ponto de vista de tão auctorizado ethnologo, pertence esta superstição generalizada na Europa a essa camada de população que precedeu a entrada das tribus áricas, a qual pertencia ás raças amarellas da alta Asia. Pallas conta como entre os tartaros se adivinha pela *espada de carneiro*; põem-na ao lume, e ella estala; se ella estala em linhas rectas longitudinaes é prognostico feliz, se em linhas tortuosas ou transversas é signal de desventura. No poema medieval de *Estache le Moine*, publicado por Francisque Michel, vem os versos que se referem a esta superstição:

Et par l'espaule au monton  
Faisoit pertes rendre à fuison.

O fundador do *Folk Lore*, Wiliams J. Thoms, em um curioso artigo commentando estes versos, appresenta alguns factos de persistencia da superstição conhecida ainda na Escossia pelo nome de *Airich* ou *Slinnairachd*, adivinhação pela

<sup>1</sup> Joaquim Martins de Carvalho, no *O Algarve illustrado*, n.º 17.

<sup>2</sup> *La Civilisation primitive*, t. 1, p. 146.

espada: «Antes de se inspecionar a omoplata, deve ser descarnada com esmero sem fazer uso de nenhum metal, nem faca de madeira, nem dos dentes. A maior parte d'estas adivinhações fazem-se inspecionando as manchas que se observam na parte semitransparente da espada, ainda que os grandes mestres penetrem o futuro estudando as partes opacas. Nada se pode averiguar do que hade succeder alem do anno seguinte. Os prognosticos relacionam-se sempre com as pessoas por quem é e para quem se faz o sacrificio.»<sup>1</sup> Tylor, allude a este mesmo costume supersticioso na Irlanda; na Grecia moderna, o celticista Mac-Pherson e Ampère encontraram tambem este systema de adivinhação.<sup>2</sup> Wiliams Thoms considera a *Spatulomançia* (nome que lhe dá Hartlieb) como formando parte de um systema divinatório dos Druidas, de que a inspecção das aves, que já investigámos nos nossos Cancioneiros, é tambem uma parte integrante.

A *chiromancia* ou leitura das linhas da palma da mão, vulgarissima na Grecia e na Italia antiga, é ainda hoje vigorosa entré os ledores da buena-dicha; o sentido de fatalidade contido na phrase popular da India: *está escripto na palma da mão*, repete-se em uma cantiga da tradição oral portugueza:

O papel com que te escrevo  
Tiro-o da palma da mão;  
A pena sac-me do peito,  
A tinta do coração.

A *cartomançia*, ou adivinhação pelas cartas de jogar tornou-se uma industria sob a alçada da policia. Quando a forza era o elemento de ordem no systema monarchico absoluto, era costume ter em casa um pedaço de corda que tivesse servido á execução da alta justiça. Segundo nos contaram no Porto, ainda na primeira metade d'este seculo era frequente nas casas burguezas o guardarem estes pedaços do *baraço de enforcado*, já desde o seculo xvi prohibida pela Ordenação manoelina; explicavam o uso por um intuito moral, dizendo que era para os paes aterrarem os filhos para que não fossem mal comportados. Ainda é usual a locução: *Falar em corda, em casa de enforcado*.

<sup>1</sup> Traduzido no *Folk-lore andaluz*, p. 267.

<sup>2</sup> Vid. *Grèce, Rome et Dante*.

(Continúa).

THEOPHILO BRAGA.





TENTATIVA D'ASSASSINATO — Desenho de E. Bayard, segundo o texto



# COMO EU ATRAVESSEI A AFRICA

DO ATLANTICO AO MAR INDICO—VIAGEM DE BENGUELLA Á CONTRA-COSTA—ATRAVÉS REGIÕES DESCONHECIDAS—DETERMINAÇÕES GEOGRAPHICAS E ESTUDOS ETHNOGRAPHICOS

POR

**SERPA PINTO**

PRIMEIRA PARTE

## A CARABINA D'EL-REI

(Continuado da folha 41)

### CAPITULO VII

ENTRE OS BENGUELLAS

Passagem do Cuanza—Os Quimbandes—O sova Mavanda—Os rios Varea e Onda—Fetus arboreos—Atribuições—Escravos—O rio Cuito—Os Luchazes—Emigração de Quibocos—Cambuta—O Cuando—Leopardos—Os Ambuelas—O sova Moem-Cahenda—Descida do rio Cubanguí—Os Quichobos—Peripecias—Parto para o Cuchibi.

**N**O DIA 14 de junho, como eu tinha decidido, levantei campo, e ás 10 horas comecei a passagem do Cuanza, que durou duas horas.

Prestou-me valiosos serviços o meu barco de caoutchouc da casa Macintosh de Londres; mas ainda assim, o sova de Liúica emprestou-me quatro canôas, que muito me auxiliaram.

Não houve o menor accidente durante a passagem, e ao meio dia seguia a Léste internandome no paiz dos Quimbandes. Tendo passado junto das povoações de Muzeu e Caiáio, fui acampar pelas 2 horas a E. S. E. da povoação de Mavanda, junto da nascente do riacho Mutango, que corre a N. O. para o Cuanza. As povoações ali não são já tão solidamente fortificadas como as de além Cuanza. Os Quimbandes formam uma confederação, sendo o paiz dividido em pequenos estados, que se unem sempre para protecção mutua. Todas as numerosas povoações em torno do meu campo obedecem ao sova Mavanda, que é tributario do sova do Cuio ou Mucuzo, na mesma margem do Cuanza um pouco ao N. A cousa que primeiro me feriu a attenção entre os Quimbandes, foi o penteado das mulheres, que são os mais extraordinarios que tenho visto. Algumas entrançam o cabello de fôrma que, depois de ornado com buzio (caurim), assimelha um chapéo de dama europea.

Outras dão-lhe tal fôrma, que parecem trazer na cabeça um capacete Romano.

O buzio (caurim) é distribuido ou accumulado com profusão nas cabeças feminis, e o coral branco ou encarnado apparece ainda, mas muito mais raramente, do que entre os povos de Oeste-Cuanza.

O cabelo n'estes penteados estupendos, é fixo com um cosmetico nauseabundo, massa formada de tacula em pó e oleo de ricino, que lhe dá uma côr avermelhada. O oleo de ricino é preparado em grande quantidade entre estes povos. Depois de extrahirem as sementes do *Ricinus cummunis*, dão-lhe uma ligeira torrefacção e reduzem-nas a pó. Este pó conservado por muitas horas em agua ebulliente, fornece o oleo, que a frio é separado grosseiramente da agua, e guardado em cabaças pequenas.

Estes povos não o empregam como purgante. Notei logo, que o typo feminino entre os Quimbandes se approxima um pouco do typo caucasio, e vi algumas mulheres que se poderiam chamar bonitas se não fossem pretas.

Logo que cheguei, mandei um pequeno presente ao sova Mavanda, que me agradeceu muito, mandando comtudo pedir-me uma camisa.

Igual pedido me tem sido já feito por outros, o que mostra a tendencia que téem para se vestirem.

Os homens Quimbandes cobrem a sua nudez com duas pelles de pequenos antilopes que cahem adiante e atraz de um largo cinto de couro de boi. Só os sovas usam pelles de leopardo. As mulheres andam quasi nuas, e algum farrapo de pano, ou de liconte, substitue a folha de vinha classica.

No dia seguinte logo de manhã, vieram uns portadores do sova dar-me parte, de que a gente que eu esperava chegara de noute á outra margem do Cuanza, onde estavam acampados.

Não dei o menor credito á noticia, porque, já conhecedor das manhas do gentio, sabia que



elles têm costume de indagar o que mais desejamos, para nos virem burlar com uma noticia agradavel e pedir alviçaras. Comtudo, disse ao indigena que me certificou tel-os visto, que fosse a elles, e pedisse ao Doutor Chacaiombe, que me mandasse um signal seu para ficar certo de que vinha a caminho.

Ainda de manhã, o sova Mavanda mandou-me uns enviados dizendo, que sahia n'aquelle dia a combater uma povoação vizinha onde um seu subdito se revoltara contra o seu poder, e ao mesmo tempo pedindo-me que o auxiliasse n'aquelle campanha. Recusei dar-lhe auxilio, mas procurei fazel-o de modo a não me indispor com o sova, o que consegui com boas razões.

Seria meio dia, quando passou junto ao meu campo o exercito de Mavanda.

À frente ia, em pau muito alto, uma bandeira tricolor como a Franceza, mas com as cores invertidas. Depois seguiam-se dois homens levando a pau e corda uma enorme caixa de polvora, provavelmente vazia. Seguia-se o sova rodeado dos seus grandes, e após este estado maior o exercito a um de fundo. Seriam uns 600 homens armados de arcos e frechas, levando ao todo 8 espingardas. Alguns passos á frente da bandeira, dois pretos tocavam os tambores de guerra, fazendo um barulho infernal.

Ao anoutecer voltou o exercito sem ter combatido; porque o inimigo rendeu-se á discricção.

Logo que passaram o meu campo, principiaram a fazer exercicio, simulando um ataque á povoação do regulo.

Estenderam em linha de atiradores, tomando a bandeira o centro da linha, e sempre atraz d'ella a caixa da polvora e o sova.

Esta grande linha singela, porque cada homem estava isolado, começou a envolver a povoação, já avançando, já recuando, sempre em acelerado.

A uma voz do sova, precipitaram-se sobre a povoação, dando saltos enormes, e fazendo toda a especie de momices que usam para aterrar os adversarios, com uma grita infernal.

Quando eu pensava que elles iam direitos a suas casas atacar o jantar, vejo que voltavam á posição que tinham antes do ataque, e que reunidos á voz do chefe, entraram na povoação na mesma ordem de marcha em que tinham saído.

À noute voltou o Quimbande a dizer-me, que esteve com o meu doutor, mas que elle não lhe quizera dar signal algum para mim. Vi que se

verificavam as minhas previsões, e que era tudo falso.

O meu acampamento dava-me serios receios, porque, coberto de erva secca, podia incendiar-se de um momento a outro, e os meus pretos transidos de frio, não calculavam o perigo, e alimentavam dentro das barracas fogueiras enormes.

Desde o rio Cuqueima até Mavanda, e ainda mais além, produz vigorosamente a cana de asucar e o algodoeiro. Os Quimbandes cultivam o algodão, que fiam para fazer linhas onde enfiar o buzio e a missanga.

No dia seguinte, continuaram a asseverar-me que os carregadores estavam na margem do Cuanza, e não podiam passar o rio por não lhes emprestarem as canoas os indigenas d'ali.

Decidi-me a mandar lá o Augusto, acompanhado de um guia Quimbande.

Pelas 11 horas, chegou um enviado do sova, a participar-me que este viria visitar-me.

Pouco depois chegava Mavanda, rodeado da sua cõrte, e se ficou espantado a olhar para mim; eu não fiquei menos a olhar para elle, porque era o maior homem que tenho visto em minha vida. A uma altura enorme reunia uma grossura e gordura verdadeiramente phenomenaes. Cobria a cintura com um pano usado, sobre o qual cahiam tres pelles de leopardo.

Muitos amuletos lhe pendiam de um collar de missangas.

Se Mavanda é grande, possui coisas grandes tambem, porque me trazia de presente o maior boi que vi em Africa.

Depois dos extensos cumprimentos do costume, elle disse-me ex-abrupto, que me vinha pedir um favor, e era o de lhe fazer um curativo ao rebanho de gado bovino, que costumava ir pastar muito longe, pernoitando ás vezes fóra do curral, e sendo, nas florestas em que se acoutava, atacado por feras que lhe causavam grande damno.

Dei-lhe immediatamente o remedio com um conselho, e foi elle, o de ter um pastor; porque, se o gado entregue a si mesmo ia longe, se fosse guiado ás pastagens iria onde o pastor o conduzisse. Elle não achou mau o conselho, e disse-me, que apesar de ser contra os usos do paiz o fazer vigiar o gado, daria um pastor ao seu, para evitar as continuas perdas.

Mostrei-lhe o realejo, as armas, etc., atirei diante d'elle, e vi-o com prazer caminhar de espanto em espanto. Pela tarde retirou-se muito satisfeito, e nos melhores termos de amizade.



Logo que se retirou o sova, chegaram uns enviados do sova Capôco com uma carta para mim. Dava-me noticia do Chacaiombe, e dizia-me, que me mandava os carregadores, pedindo-me para eu consentir que fosse commigo uma comitiva sua, que desejava enviar aos ser-tões do Zambeze a fazer negocio.

Em vista da carta, decidi demorar-me ali uns 6 dias a esperar os carregadores, não contando muito, ainda assim, que elles viessem, e n'esse sentido respondi ao sova Capôco.

Em vista d'aquella deliberação, ordenei a reconstrucção do acampamento para o dia seguinte mandando cobrir todas as barracas de ramos verdes, com receio de um incendio.

No dia seguinte, houve grande actividade na reconstrucção do campo, que estava prompto ao meio dia, apresentando um bonito aspecto.

O campo era formado de barracas cônicas, de troncos de arvore, medindo tres metros de diametro na base, por dois e meio de alto.

A minha barraca, feita pelos Bihenos com mais esmero do que as outras, media cinco metros de diametro na base, por tres e meio de alto.

O acampamento era formado por uma linha circular de barracas, ligadas por uma fileira de abatizes de arvores espinhosas.

A minha barraca occupava o centro, e em frente d'ella as cargas estavam em pilha. A minha gente de serviço estabeleceu o seu campo em torno de mim, ao alcance da voz.

Tinha finalizado o trabalho do campo, quando me vieram avisar de que uns enviados do sova do Gando me procuravam. Mandei-os vir à minha presença, e conheci em um d'elles um dos grandes do sova, que tinha visto junto d'elle no Gando. Trazia-me uma carta, e uma encomenda, que não sei que soveta lhe tinha enviado para mim.

Abri a carta, e vi ser ella do meu amigo Galvão da Catumbella, que me enviava um presente, que tinha dirigido ao Bihé, julgando que eu estivesse ainda ali. A boa harmonia que eu tinha guardado com as povoações por onde passei, fez com que aquella carta e o presente chegassem até mim vindo de mão em mão.

Abri a caixa, e encontrei uma porção de passas de Málaga, que vieram a proposito adocçar um pouco a monotonia da minha já bem pobre alimentação.

Na carta dava-me elle algumas noticias da Europa, as ultimas que tive até chegar a Pre-

toria. Pensei n'isso então; e quão profunda não foi a minha tristeza ao lembrar-me de quanto tempo teria de ficar sem noticias dos meus, noticias que já me faltavam havia tanto!

Deitei-me debaixo de uma triste impressão de saudade. Ao alvorecer, vieram avisar-me de que uma pequena comitiva, capitaneada por um preto, levando cêra, se dirigia ao Bihé. Mandei chamar o chefe, e pedi-lhe que me levasse uma carta, que entregaria a alguem no Bihé, pedindo-lhe que a fizesse chegar a Benguella. Elle accedeu, dizendo-me logo, que não se podia demorar, porque queria ir dormir junto ao Cuqueima.

Tinha pouco tempo; a quem escrever? Não podia perder este portador do acaso para dizer aos meus: Ainda sou vivo.

Peguei na penna, e escrevi algumas linhas ao Doutor Bocage. Na carta inclui dois pequenos bilhetes, um para minha mulher, outro para Luciano Cordeiro.

O chefe da pequena caravana, já impaciente, recebeu a carta e partiu.

Hoje sei que aquella carta chegou à Europa, e foi recebida pelo seu destinatario. Como ella foi do Bihé a Benguella não sei.

Era essa protecção que tinha levantado em volta de mim Silva Porto, que ainda se fazia sentir.

O sova Mavanda passou o dia commigo, e conversamos muito. Eu dei-lhe alguns pequenos objectos, e entre elles uma caixa de phosphoros, com que ficou maravilhado.

Na occasião de retirar-se, disse elle aos seus macotas estas palavras, que me impressionaram pela figura empregada.

«Não vêdes de longe um passaro que voa muito alto, e vai pousar em arvore distante, e dizeis é uma rola; depois caminhaes e abeiraisvos d'elle, e ficais admirados do tamanho; era uma aguia. Assim foi o Manjoro (nome que me davam); passou ao largo da povoação, e nós dissemos é a rola; agora vivemos com elle e conhecemol-o, e dizemos é a aguia.»

Nos passeios que dei nas cercanias, perseguindo os antilopes, que são escassos, levantei a carta do paiz, ou antes, pude concluir a carta do paiz comprehendido entre o Cuqueima e Cuanza.

O sova Mavanda mandou-me dizer que o maior pedido que me podia dirigir era, o de lhe eu dar um par de calças. Resolvi logo fazer-lhe a vontade, e chamei o velho Antonio.



Arvorei-o em alfaiate, cousa que muito o surpreendeu, e enviei-o a tomar medida ás calças do sova. Talhei depois as calças, que foram cosidas pelo velho Antonio, e levaram 5 jardas de algodão largo! Este rei é um verdadeiro hipopotamo, mas muito boa pessoa.

No dia 20 de manhã, veio um enviado do sova dizer-me que, por ser então a epocha em que festejam uma especie de carnaval, o sova, para me fazer honra, viria ao meu campo mascarado, e dançaria diante de mim.

Pelas 8 horas, chegaram os batuques, e juntou-se grande concurso de povo.

Meia hora depois, appareceu o sova, com a cabeça mettida em uma cabaça, pintada de branco e preto, e o enorme corpo, augmentado por uma armação de varas coberta de liconde, egualmente pintado de preto e branco.

Um saio de clinas e caudas de animaes completavam o traje.

Logo que elle chegou os homens formaram em linha, com os batuques atraz, e as mulheres e rapazio desviaram-se para longe. Começaram os batuques, e os homens immoveis do corpo, cantando as suas monotonas toadas e batendo as palmas.

O sova foi collocar-se a uns trinta passos em frente da linha, e começou uma grutesca dança, em que parecia fera enraivecida, conquistando os maiores applausos da sua e da minha gente. Meia hora depois correu, e foi sumir-se na sua povoação, sendo seguido pelos seus. Pouco tempo mais tarde, voltou ao meu campo, já sem o seu traje feroz, e andou commigo até á noute. Decididamente eu tinha-lhe cahido em graça.

Tinha aproveitado todo o tempo que podia tirar aos meus trabalhos, dando melhor arrumação ás cargas, tendente a diminuir o numero d'ellas. A fazenda que tinha era já quasi nenhuma, e toda a minha riqueza monetaria consistia em um sacco de buzio e na missanga comprada ao José Alves; mas o gasto para sustentar a minha gente era grande, e eu via com horror a diminuição do meu pequeno haver. No paiz a caça era pouca e miuda, pois apenas se encontravam algumas gazellas (*Cervicapra bohor*).

Quantas vezes a pobre rima pouco volumosa das fazendas e missangas me não despertava uma atroz angustia!

Quantas vezes uma dôr pungente me não cerrava o coração, fazendo-me antever um futuro bem sombrio!

Quantas vezes ficavam sem resposta as cari-

cias da minha cabrinha Cora, e os cantares folgazões do meu meigo papagaio, que voava para o meu hombro pedindo-me uma meiguice!

Quantas vezes uma fé sem limites me invadia o coração, e o desalento era banido do meu animo!

A razão queria lutar contra esses raios de infundada esperanza que me alegravam o espirito; mas essa esperanza era tão tenaz que procurava argumentos e sophismas para combater a razão.

São momentos indescriptiveis, essas lutas do espirito, estando o homem isolado, sendo elle mesmo o pró e o contra das suas ideias, sem um amigo, ou um inimigo, que lhe adule um pensamento ou lhe combata outro.

Fui joven e tive amores, e com elles as penas dos amores; fui pae, e vi morrer-me nos braços uma filha que adorava; mas confesso que nunca senti n'alma tão profunda tristeza, tão cruel melancolia, como a que por vezes, em dias aziagos, experimentei em Africa.

Só! sósinho, no meio de uma multidão ignara e estridente, cuja lingua e fallares não comprehendia, tinha momentos horriveis, que se traduziam logo em febre e doença!

Não conto como soffrimento as fomes, as doenças, a miseria. Não! que o homem é e deve ser superior á materia bruta, que deve dominar, para se afastar do irracional.

O soffrimento é a duvida. O soffrimento é não saber como se hade vencer o abysmo que a razão nos mostra cavado ante os passos que queremos dar. O soffrimento é vêr dezenas de pessoas, que nos acompanham cegas, dizendo: «Elle sabe o que faz;» e que arrastamos comnosco ao abysmo! O soffrimento é a responsabilidade tremenda da missão que nos impozemos. Se me não importava hoje muito que os meus detractores experimentassem um pouco da fome, da sede e das privações que passei, não lhes desejo, mesmo a elles, que soffressem a millesima parte do que eu soffri moralmente. É verdade, que para soffrer, como eu soffri, é preciso ter alma, coração e uma consciencia.

A carta que de Mavanda escrevi ao dr. Bocache, ressentia-se já do que eu soffria então. Foi escripta n'um dos meus dias nebulosos.

Deixemos porém esta divagação, que pouco interessa, e fallemos dos acontecimentos de então. Os Quimbandes fabricam alguns objectos de ferro e de madeira, muito mais perfectos do que os fabricados no Oeste-Cuanza.



O frio de noite era muito intenso, e já era grande a diferença entre as máximas e as mínimas. Apesar da carta que recebi do sova Capôco, não acreditava muito na promessa dos carregadores, nem na volta do meu doutor Chacaiombe, e por isso, ia sempre reduzindo as cargas quanto era possível, o que só podia fazer distribuindo o conteúdo de uma pelas outras. Isto tinha um limite, com o limite do peso que podiam carregar os homens.

Estavamos a 22 de junho, dia em que expirava o prazo que eu decidira esperar por os carregadores do sova do Capôco.

A minha angustia era grande, e só então avalei bem o mau bocado porque têm passado outros exploradores, tendo de abandonar cargas que lhes são absolutamente precisas.

A escolha é coisa séria, quando todas se nos afiguram indispensáveis.

O pouco que de commodidades eu levava já tinha sido abandonado; o resto de algumas latas de comida dei-as aos muleques.

Os meus carregadores, vendo o meu embaraço, pedem-me que os carregue até ao máximo peso com que poderem caminhar; mas, ainda assim, é impossível ir tudo.

Depois de todas as reduções, e de ter distribuído as cargas, ficam 4 sem carregadores.

São ellas as duas do meu barco Macintosh, um barril de aguardente, e 50 libras de pólvora.

Decidi abandonar o barco, com grande pesar, e pedir ao sova Mavanda dois homens para me levarem a pólvora e o barril d'aguardente de acampamento em acampamento, até que dois dos meus carregadores ficassem sem carga, o que não tardaria a succeder pelo grande gasto que faziamos.

O sova tomou conta do barco, e deu-me os dois homens que lhe pedi, ficando tudo prompto para seguirmos no dia immediato.

Levantei campo no dia 23 ás 8 horas, e depois de tres e meia horas, cheguei á margem esquerda do rio Varea, que passei sobre uma soffrível ponte de madeira.

O soveta de Divindica, povoação que assenta na margem esquerda do Varea, na confluencia do riacho Moconco, veio pedir-me alguma coisa pela passagem da ponte, e dando-lhe eu quatro jardas de fazenda retirou-se satisfeito.

O rio Varea corre ali ao N., e vaé affluir ao Cuime. Tem 25 metros de largo por 2 de fundo, e pequena corrente, não tendo cataractas a ju-

sante de Divindica. Marquei a uma milha ao Sul as povoações de Moairo e Moaringonga.

Segui a Leste, indo acampar, pelas 2 horas, na margem esquerda do rio Onda, em frênte á grande povoação de Cabango, capital dos povos Quimbandes de Leste.

Eu levava duas garrafas de vinho do Porto de 1815, resto de um presente do meu amigo E. Borges de Castro, e ao chegar ao ponto em que acampeí, o muleque Moero, que as levava, caiu, quebrando-se uma d'ellas, e entornando-se o precioso nectar, sem que se podesse aproveitar uma gota.

Desde Mavanda até ás nascentes do riacho Moconco, cujo curso segui até á confluencia com o Varea, a vegetação arborea é esplendida, e no cimo dos montes que marginam o riacho é também pomposa. Para além do Varea é ainda mais rica.

Desde que passei o Cuanza ouvia fallar no rio Cuime, como o rio maior do paiz dos Quimbandes, affirmação que me era confirmada pelos grandes affluentes que lhe ia encontrando, o que me fazia arder em desejos de lhe ir lançar uma vista d'olhos.

Do Cuanza a Leste o planalto apresenta um aspecto muito differente do que até ali.

As paizagens são mais pittorescas e não apresentam a monotonia do Bihé. Os rios e ribeiros cavam os seus leitos mais fundos, tornando mais sensíveis os accidentes do terreno. As margens dos rios e ribeiros além dos limites das cheias, já se apresentam cobertas de vigorosa vegetação arborea, e a vegetação arborescente fórma barreiras impassáveis nas florestas.

Na parte Leste do paiz dos Quimbandes, a população começa a rarear. O sova de Cabango é ainda tributario do sova do Cuio ou Mucuzo.

Os costumes d'estes povos são os mesmos dos Bihenos, salvo na actividade, que é entre os Quimbandes substituida pela mais vergonhosa preguiça.

Os Quimbandes andam quasi nus, não trabalham, não viajam e não negociam.

Poucos têm espingardas, por não terem com que as comprar. Já apanham alguma cera, que os Bailundos lhes vêem permutar a buzios e missangas, mas isto em pequenissima escala.

A terra é cultivada pelas mulheres, e a sua produção é rica. O que mais tenho visto nas plantações é mandioca e ginguba.

Este paiz deve merecer particular attenção. Cortado com rios navegáveis que vão affluir a



um grande traço navegavel do Cuanza, tendo um clima magnifico e uberrimos terrenos, onde produz bem o algodão, a cana de assucar, os cereaes e virentes pastagens, occupado por uma população que facilmente se submette, está nas melhores condições de um desenvolvimento rapido.

No dia 24 de junho passei o rio Onda, e fui acampar na sua margem direita, tres milhas além do meu campo anterior.

O rio Onda tem, em Cabango, 15 metros de largo por 5 de fundo, e vindo de Leste corre depois a N. O. a affluir ao Varea.

Depois de ter determinado a posição do meu acampamento, fui passear rio acima, e encontrei bastante caça. Logo acima de Cabango, o Onda estreita a 10 metros, mas profunda a 6, tendo uma corrente de 10 metros por minuto, corrente que se estende até ao fundo, o que me foi denunciado não só pela sonda, mas tambem pela inclinação que tomam as plantas que vegetam no fundo; o que se vê facilmente, por serem as aguas muito crystallinas e o fundo de areia alvissima.

N'este rio não vi outro peixe, a não ser um que os naturaes chamam *Ditassoa*, e que é soffrivel.

Percorrendo as margens do rio, vi, a distancia, um grupo de arvores que se destacava da paisagem, e que julguei serem palmeiras; mas approximando-me reconheci um lindo grupo de Fetus arboreos, da mais elegante belleza.

As margens do rio são cortadas verticalmente e por isso apresentam junto á borda a mesma profundidade que no meio.

Retirei do meu passeio, satisfeito com o que vira. O rio Onda era outro rio navegavel, outra estrada natural, que encontrava n'este soberbo paiz.

Ao chegar ao meu campo aguardava-me uma agradavel surpresa.

O doutor Chacaiombe foi a primeira pessoa que veio cumprimentar-me.

Eu, que julgava não mais vel-o, saudei-o com o maior jubilo, porque o seu desaparecimento era uma nuvem negra na minha viagem.

Já por vezes tenho fallado no doutor Chacaiombe, e não disse quem era.

Este homem foi o adevinho que, em casa do filho do capitão do Quingue, me predisse as coisas mais agradaveis á respeito do meu futuro.

Accumulando as funcções de cirurgião com as de adevinho, veio elle estabelecer-se junto a

mim no Bihé, e não mais me deixou até que se encarregou da missão de obter carregadores no Capôco, d'onde julguei que não mais voltaria.

Depois de muitos cumprimentos, annunciou-me Chacaiombe que os carregadores chegariam dentro de dois dias, e eu resolvi esperal-os.

O meu Augusto veio dar-me parte de que o sova de Cabango viera visitar-me, e se retirara muito contrariado por me não encontrar.

Mandei logo o pombeiro Chaquiçonde ao sova pedir-lhe dois homens para mandar a Mavanda buscar o barco que ali tinha deixado, com bem pesar meu e da minha gente, que viram os serviços que elle nos prestou nas passagens do Cunqueima e do Cuanza.

Fui em seguida enxugar-me ao fogo, pois que cheguei do rio muito molhado, e ainda me lembrava com horror do rheumatismo no Bihé.

No dia seguinte, parti de madrugada para a caça, dirigindo-me ao Norte, onde o paiz é coberto de densas florestas. Depois de ter andado oito milhas, encontrei o rio Cuime, a jusante da sua grande cataracta. Voltei e já era noute quando alcancei o meu campo, extenuado de fadiga, mas tendo feito boa caçada, e tendo visto o rio que ardia em desejos de vêr, e que effectivamente é uma via importante, sendo como me asseguraram os naturaes, navegavel desde a sua grande cataracta até ao Cuanza.

No seguinte dia voltei ao rio Onda, e ali surpreendeu-me a vista mais de uma povoação que divisava ao longe. Ao approximar-me, conheci que eram, não povoações de pretos, mas sim de formigas brancas (*termites*), que juntavam em grandes grupos as suas construcções conicas, cuja cõr alvacenta, devida á da argila que iam buscar ao sub-solo, lhes dava toda a apparencia de aldeias de indigenas. De volta ao meu campo, encontrei o sova de Cabango, que ali tinha chegado havia pouco, com uma comitiva de 60 homens e muitas mulheres.

Esta gente, que se apresenta quasi em completa nudez, faz consistir todo o seu luxo nos penteados. Variam-nos ao infinito e são elles verdadeiras obras d'arte, e téem tecnologia propria. Nas mulheres o cabelo, que fica em fórma de cimeira de elmo Romano, chama-se *tronda*, e o que cahe em trancinhas, dos lados, *cahengue*.

Os penteados masculinos, que formam tufos encrespados, chamam-se *sanica*.

O sova offereceu-me um boi, e eu dei-lhe um presente com que elle pareceu retirar-se satisfeito.



Chegaram n'esse dia os carregadores que vinham do Capôco e eram apenas quatro, mas eram os suficientes, sendo dois para o barco, e outros dois para alliviar algumas cargas mais pesadas.

À noite os meus pretos e os da terra fizeram grande batuque, que durou até depois das 10 horas.

O frio de noite continuava intenso, sendo que ás 3 e meia horas da manhã d'esse dia, o

thermometro marcara 0° C. A desigualdade entre a maxima e a minima era já muito extraordinaria, e grande a seccura da atmospherá, como se verá dos boletins meteorologicos.

O sova voltou a ver-me, e deu-me alguns esclarecimentos sobre o paiz. Diz elle, que já não reconhece a soberania do sova do Cuio ou Mucuzo, e se considera independente.

As matas tem muita cera, e os Bailundos vêem ali permutal-a a buzio (caurim) e missan-



MULHERES LUINAS — Desenho de Yvan Pranishnikoff, segundo uma gravura da edição ingleza

gas. Trabalham em ferro, e fazem machados grandes, balas e facas.

Os machados de guerra, frechas e azagaias, vem-lhes dos Luchazes, e as enxadas dos Ganguellas, Nhembas e Gonzellos.

Este soba, que se chama Chaquiunde, é um pouco falto de probidade, o que não admira muito. Veio, depois de larga conversa, fazer-me exigencias, allegando ter-me dado um boi. Vi-me na necessidade de o pôr fóra do acampamento; mas elle, vendo a aspreza com que eu o tratava mostrou-se contente, e explicou a sua impertinencia, desculpando-se com os seus macotas, que o tinham aconselhado a fazer grandes exi-

gencias, e que o que pedia era para elles, pois que a elle eu tinha dado um presente superior ao valor do boi.

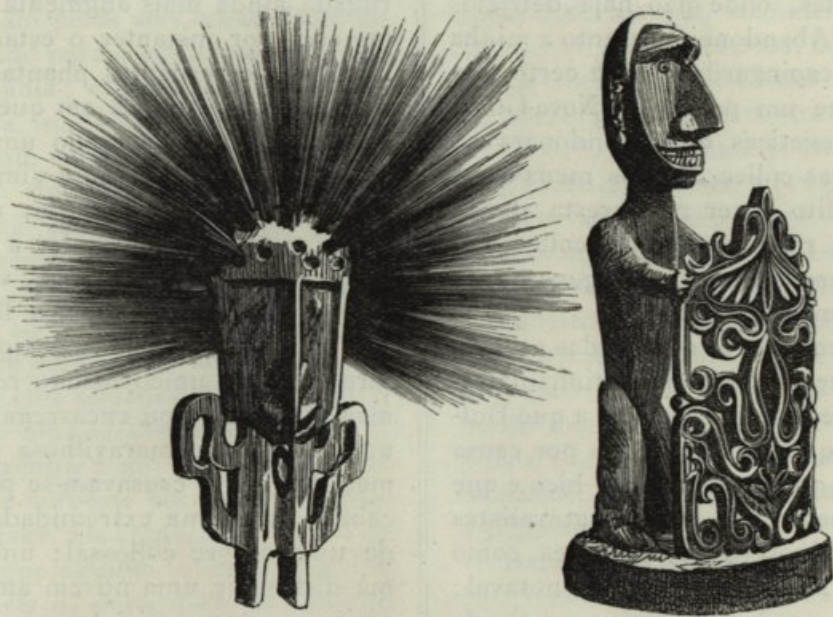
Tendo chegado os dois Quimbandes com o meu barco, resolvi seguir no dia immediato.

O dia 28 amanheceu frigidissimo, pois que o thermometro, ás 6 horas marcava apenas dois graus acima de zero; e por isso pude só levantar campo ás 8 horas, indo acampar 10 e 40 junto da margem do Onda, tendo andado a E. S. E.

Precisava fazer pequenas marchas, porque os meus carregadores iam muito pesados.

(Continua.)





DIVINDADES PAPUS

## VIAGEM À NOVA-GUINÉ

POR

ACHILLE RAFFRAY

ENCARREGADO D'UMA MISSÃO SCIENTIFICA PELO MINISTERIO D'INSTRUCÇÃO PUBLICA EM FRANÇA

(Continuado da folha 42)

**F**ogo que anoiteceu accenderam-se fogueiras. Cada um dos Papus se armou com arco e frechas e alguns mesmo, julgando ver sombras, dispararam ao acaso para a floresta, sendo no dia seguinte as frechas encontradas espetadas em arvores. Felizmente a maré subiu e permittiu pôr a nado as pirogas. Todos ficamos a bordo das pirogas deixando as bagagens em terra proximas das fogueiras, para que ninguem se approximasse d'ellas sem ser visto. Assim pude dormir socegado; até então os Papus não consentiram que eu me deitasse, tendo, creio eu, uma grande confiança nas minhas armas para os defender. Nada perturbou o nosso somno, se exceptuarmos uma chuva miuda.

Effectivamente no dia seguinte appareceu-me um bando de Papus, homens, mulheres e creanças em numero de treze que pareciam trazer todos os seus utensilios e emigrarem sem duvida em procura do logar mais vantajoso, do que aquelle em que tinham o seu acampamento. Pararam um instante, trocaram apenas algumas palavras com os meus Papus e continuaram o

seu caminhar aavez da floresta. Pareciam-se muito com os Arfaks d'Aiambori.

O velho maior explicou-me a razão por que os Prafis lhe causavam um tão grande medo. A pequena bahia em que estavamos fundiados e que os indigenas designavam pelo nome de Saobéba tinha outr'ora sido habitada pelos Mafors, asserção que algumas estacas descobertas na vassante confirmavam. Além d'isso o maior pretendia lembrar-se d'elle proprio ter habitado este logar; mas, acrescentou elle, rebentou uma guerra entre os Prafis e os Mafors e estes ultimos, constantemente massacrados, dezimados, tiveram de fugir para Dorey, afim de escaparem ás correrias dos Prafis que se conservaram seus inimigos.

O vento não mudava e como era provavel que nos demorassemos mais tempo n'aquella bahia do que eu esperára, construi uma cabana, metade com esteiras, de que trazia largo fornecimento, e metade com folhas de pandanus.

Tratei d'empregar utilmente os dias; foi preciso renunciar á caça dos insectos, os quaes não



existem em florestas, onde não haja detritos em decomposição. Abandonei por tanto a minha rede e peguei na espingarda. Tinha certo prazer em entregar-me um pouco na Nova-Guiné ás distrações cynegeticas que abandonára no interesse das minhas collecções. Os meus caçadores tinham-me dito haver na floresta alguns pequenos kangarus, raros nas minhas collecções; como estes animaes são muito selvagens nunca se deixam approximar.

Eu ouvia tambem o grito sonoro das aves do paraíso machos, que completamente tinham desaparecido de Dorey. Esta especie é a que Buffon chamava «a pequena Esmeralda» por causa das pennas verdes que lhe cercam o bico e que lhe descem pelo pescoço e que os naturalistas chamam hoje (*Paradisæa papua*). A femea, como a de todas estas especies, nada tem de notavel; as suas pennas passam da côr parda para côr de castanha por gradações suaves. No primeiro anno os machos são semelhantes ás femeas; mas a cada muda as pennas, que substituem as que cahem, tornam-se mais compridas até que no fim d'alguns annos, sem duvida quatro ou cinco, como parecem mostral-o as séries d'aves do paraíso de diferentes edades por mim trazidas, o macho adulto está em toda a sua belleza, com o seu barrete e peitoral de velludo verde, com os dois largos filetes que lhe partem da cauda, cinzentos na extremidade, com as suas pennas compridas, destacadas, vaporosas, emfim com os seus mais brilhantes ornamentos. Posto que esta ave não tenha já um grande valor e raridade e que já tivesse visto alguns vivos em gaiolas, eu tinha desejos de os caçar na sua floresta natal.

É de manhã, quando os raios do sol penetram indecisos por entre a espessa folhagem, que se logra vêr as aves do paraíso machos. É preciso trajar roupa cinzenta, caminhar sem ruido e mesmo, quando se pôde, ir descalço; de todas as aves é a do paraíso a mais selvagem e difficil de caçar; a menor coisa lhe faz levantar o vôo. Quando se penetra em plena floresta, sob uma abobada de verdura impenetravel, sustentada á altura de sessenta pés por troncos gigantes de arvores seculares, a que nem a foice do tempo feriu ainda a casca; quando, deixando-se escorregar por entre as trepadeiras que se entrelaçam, se enrolam e desenrolam, se torcem e recurvam, deixando cahir com suavidade ou erguendo ameaçadoras as suas hastes flexiveis, cuja casca brilhante, viscosa e en-

rugada ainda mais augmenta a illusão que nos faz crer por instantes o estarmos n'um mundo fabuloso de serpentes phantasticas; quando no meio d'estas solidões em que parece ouvir-se o silencio resôa inesperado um grito rouco, sonoro, uma nota vibrante simultaneamente respirando alegria e audacia, deve-se parar, fazer-se pequeno, suspender a respiração; a ave do paraíso não está longe, vêr-se-ha depressa, principalmente se a femea lhe responde. Outros gritos se ouvem e se approximam, pois é raro que um unico macho responda a uma femea. O meu Papu encarregava-se d'imitar com uma habilidade maravilhosa o grito da ave femea. Os gritos crusavam-se por cima da minha cabeça na ultima extremidade do ultimo ramo de uma arvore collossal; umas vezes parecia-me distinguir uma nuvem amarella, outras parecia-me ver um cometa; mas depressa comprehendí que a oitenta pés acima da minha cabeça havia tres ou quatro aves machos, um complexo de bellezas, de seducções; umas vezes agitavam suavemente a sua longa plumagem, outras abriam as suas azas vibrantes e eriçava mas pennas parecendo envolver-se em um aureo nevoeiro.

Todo eu era olhos e não me cançava de admirar; até esquecia a espingarda que apertava com mãos febris. Quando a uma palavra do meu Papu pensei em fazer fogo, já não era tempo; as aves tinham levantado o vôo e não tive pezar; eu não queria ser n'aquella floresta unicamente o mensageiro da morte, desejava vêr e surprehender a natureza viva para conservar a recordação dos seus encantos.

Mas que os irmãos da irmandade de Santo Huberto soceguem: eu nem sempre fui tomado de tão platónica admiração, e duas vezes n'esta mesma floresta de Saobéba tive a satisfação cruel, mas necessaria, de ver cahir a meus pés estes graciosos volateis.

Nas partes da floresta onde o solo não era muito pedregoso, ás vezes ouvia um ruido surdo como o de um galope d'um cavallo afastado; via como um relampago cinzento atravessar o macisso da verdura; era um kangaru que saltava.

O primeiro d'estes animaes que matei era uma femea que trazia no sacco um filho já grande e que poderia ter perfeitamente fugido pois não tinha a menor arranhadura; mas preferiu deixar-se agarrar a abandonar a mãe. Como não tinha leite, não o pude crear.



A dez d'abril, ahí pelas seis horas da tarde, tendo o vento rodado para o oeste, pudemos sem perigo sahir da bahia; ergueu-se a pedra que nos servia d'ancora, mas só ás tres horas da manhã é que realmente começamos a navegar.

Depois de ter dobrado o cabo Manuarki achamos-nos n'uma vasta bahia, a bahia Moséni, rodeada de terrenos pouco elevados, cobertos de florestas; contraste singular, pois que desde Dorey até ao cabo Manuarki a costa é sempre bordada de collinas de uma centena de metros d'altura. Estes terrenos planos eram limitados ao sul por uma cadeia de montanhas de cerca de mil e duzentos a mil e quinhentos metros, indo do oeste-noroeste para o este-sudoeste ligar-se aos Arfaks. Os cumes, que eu via em frente de mim e que calculei terem a altura de mil e duzentos metros, pertenciam aos montes Nekoorri e Onéteki.

N'esta bahia de Moséni, correspondendo perfeitamente, excepto na fórma, á marcada no mappa como servindo de foz ao rio Prafi e chamada golpho de Gelwinck, desagoam tambem tres rios: Aroni, Adopi, Oiori. Este ultimo, segundo o dizer dos indigenas, é muito consideravel, o que eu acreditei vendo no mar em frente da sua foz, uma esteira de agua barrenta.

Fiquei convencido que não tinha sido confundida a foz do rio Prafi com a do Oiori que eu acabava de descobrir. Esta opinião confirmei-a eu, quando na minha volta fundeei na foz do Prafi que está mais a este. Duas collinas bastante acentuadas que separam as duas bacias, do Prafi e do Oiori, fazem-me mesmo suppor que estes dois rios não têm nascentes proximas.

Quiz entrar um pouco rio acima pelo Oiori, mas os meus Mafors recusaram terminantemente a approximarem-se da costa. Estas florestas, diziam elles, eram percorridas por tribus de Pappus Mosuavi, segundo elles extremamente feroces. Tendo o vento saltado para o sul fizemos-nos de vela.

Na extremidade oeste da bahia de Moséni, isolada no meio da planicie e muito perto da costa, ha uma pequena montanha em fórma de ballão d'altura de duzentos metros; em seguida, depois de breve intervallo, ha uma collina alongada com metade da altura. A primeira chama-se Smunfui, e a segunda Mambékauí.

Navegamos assim lentamente durante todo o dia; e á noite tornando-se mais violento o vento e agitando-se o mar mais, do que convinha á

nossa casca de noz, escondemos-nos por detraz d'um cabo entre rochedos, onde estavamos muito mal abrigados. Passamos uma noite horrrosa, sacudidos violentamente pelas vagas.

Quando amanheceu já estavamos no mar havia trinta e seis horas; a provisão d'agua doce esgotara-se até á ultima gota. Todavia era impossivel abordar á costa, em todos os sitios só se viam recifes cobertos d'escuma. Os meus Pappus, verdadeiros amphibios, deitaram-se a nado e uns com garrafas e outros com bambus, depois de prodigios de natação conseguiram trazer-nos para bordo todos esses vasos cheios d'uma agua limpida e excellente que os nossos alimentos absolutamente seccos, biscoito para mim e sagu para a tripulação, ainda tornavam mais preciosa.

Depois do cabo Mombrani, a costa seguindo para o sul mudava completamente d'aspecto. As montanhas approximavam-se do mar a ponto de n'elle banharem os contrafortes de flancos muito escarpados.

Não tardei em avistar em cima d'estes cerros umas manchas pardacentas, signaes de desmontes de terras e por tanto da presença do homem, que ainda por cousa alguma nos tinha sido revelada depois da nossa sahida de Dorey. Ali vivia a tribu dos Rumbiaks, alliada dos Mafors e sem duvida da mesma raça.

N'esse mesmo dia, a 12 d'abril, chegamos em frente d'um promontorio formado de terras baixas. Um pequeno rio arrastando areias na sua corrente tinha formado uma barra que nós tivemos muita difficuldade em passar, segunda e ultima paragem antes de chegar a Amberbaki, de que não estavamos muito afastados.

Era na pequena povoação visinha d'Onépaí que M. Laglaize, de que já fallei, tinha fixado o centro d'operações. Sentia-me alegre por o ir vêr, mas, com grande desapontamento meu, soube que andava, e por muitas semanas, em excursão pelas montanhas.

A 16 d'abril partimos de Sãokorem ao amanhecer. Pouco depois um Papu chamou-nos da costa e a minha tripulação pediu-me que olhasse com o meu binoculo para ver se descobria uma ou muitas pirogas. Com effeito vi, e pouco depois todos como eu avistaram, uma embarcação assaz grande e que vinha á vela.

Os meus Pappus supposeram ser embarcação de piratas: suspeita alimentada por uma outra piroga tripulada por gente d'Onépaí que passou por nós como uma flecha para se ir refugiar na praia. A minha tripulação queria fazer outro



tanto; mas eu observei-lhes que na costa de São-korem estaríamos tão seguros como ali e que tínhamos bastantes espingardas para nos defendermos d'uma piroga, embora ella fosse tripulada por quarenta homens.

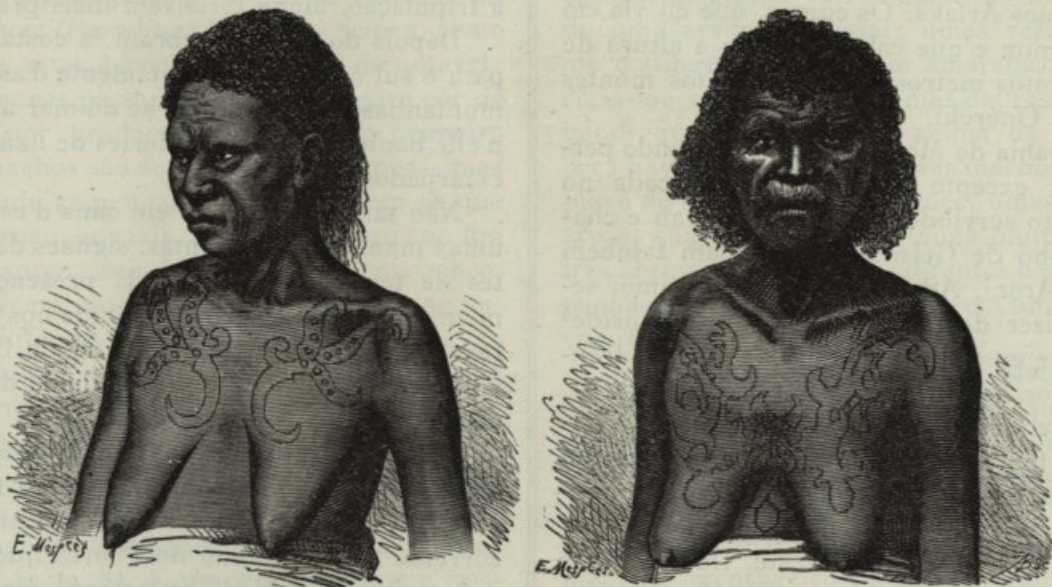
Largamos mais panno e depressa reconhecemos, feliz surpresa! que era a piroga d'um amigo, o sanadi Brouss de Mosinam, com o qual o leitor mais tarde trará conhecimento.

Emfim ahi pelo meio dia os meus Papus entraram n'um canal estreito entre perigosos rochedos e desembarcaram-me entre o mar e a floresta, n'uma lingua d'areia de seis metros de largura, dizendo-me: «Estamos em Amberbaki!»

Cruel decepção! depois de dezasete dias de viagem estava como um naufrago n'uma praia deserta. O velho maior deu-me algumas explicações que me consolaram; disse-me que a um dia de marcha, na montanha, havia uma povoação habitada por Papus aliados dos Mafors.

Combinou-se que no dia seguinte seria mandado um mensageiro que traria os principaes habitantes para se entenderem commigo a respeito do transporte das minhas bagagens.

Com grande espanto meu esta promessa foi pontualmente executada. Dois homens desceram da montanha com o mensageiro e como esta costa nunca é visitada pelos negociantes malaios,



MULHERES MAFORS

os estolos e as missangas têm aqui um valor que não têm em Dorey, o que facilitou o negocio. Mediante um certo numero de peças d'estofo, de facas, de missangas e de braceletes de cobre estes Papus consentiam em levar-me e permittiam que eu vivesse na sua povoação habitando uma das suas cabanas. Era quanto eu desejava. Eram-me necessarios vinte carregadores e por isso qual não foi o meu espanto dois dias depois quando ao acordar, vi chegar a povoação toda, homens, mulheres, creanças, sem esquecer os porcos. Uma rapariga trazia até ao colo dois leitões que ella acariciava com um olhar maternal.

Em vez de vinte carregadores eu tinha mais de cincoenta e cada um queria levar um fardo para ter direito ao salario. Era um novo genero d'imposto a que tive de me submeter; havia

alguns que levavam uma pequena caixa, outros um pau, outros emfim que nada levavam, mas a quem eu tive de pagar do mesmo modo.

Partimos seguindo atravez da floresta um caminho pouco trilhado.

A subida da montanha, abrupta e escorregadia começou quasi immediatamente.

Encontramos uma pequena torrente que se despenhava de rocha em rocha. Depois de a ter atravessado foi necessario escalar, agarrando-nos aos ramos e ás raizes, uma montanha quasi a pique.

Muitas vezes tivemos d'abrir com as machadas caminho para as bagagens; em seguida chegamos a um planalto com a altitude de quinhentos e cincoenta metros.

(Continua.)



## CRUZEIROS NA COSTA D'AFRICA

(Continuado da folha 41)

**P**A MARTINICA foram enviadas para o Gabão plantas muito uteis; o jardim d'acclimação criado por M. Aubry le Comte conservou com muito cuidado essas plantas que depois se propagaram. A estas plantas, que prometem um grande futuro, devem acrescentar-se os

productos de certas arvores pertencentes ás malvaceas que dão annualmente uma certa quantidade de casca filamentososa. Estas especies são abundantes; a casca da *baobab* é tambem filamentososa. Os inglezes tentaram substituir no fabrico do papel o farrapo por esta casca. Esta primeira experiencia não deu resultado por causa do alto preço do transporte; mas as margens do rio abundam em outras plantas filamentosas. A bananeira tem uma caule forte de que nas antilhas fazem cordas conhecidas pelo nome de *pita*. A folha do ananaz dá uns fios com que se fabrica cambraia finissima; as redes de pescar feitas com esses fios são muito duradoiras. Os *gombos* dão fios superiores á pita; o algodão é indigena e as especies das Antilhas acclimaram-se facilmente no Gabão. Estes ensaios de cultura estão ainda no estado embryonario.

A casca do *mangle* offerece aos cortumes substancias inexgotaveis: o tanino que esta casca contém parece ser de primeira qualidade para o cortume dos coiros.

É bom comtudo não ter illusões; durante largos annos o Gabão será apenas um ponto commercial. A administração franceza tem feito muito para a segurança do commercio; pelo seu ascendente tem podido manter em respeito os

noventa mil Fans espalhados pelos estuarios do Gabão; poude abrir ao commercio novas vias, o Fernão Vaz e o Cama; a sua acção civilisadora evidentemente penetrará nas extensas savanas habitadas pelos Fans; actuará sobre os Osyebas e disciplinal-os-ha como disciplinou os seus ir-

mãos, os Fans e os seus primos, os Apingis e os Bakalezes.

Tem-se fallado muito do clima do Gabão; sempre se tem apresentado o clima como o maior obstaculo a qualquer tentativa séria da colonisação; será merecida essa reputação de lethal que lhe fizeram? Penso que não.

Eu vi missionarios e negociantes viverem alli vinte annos ininterrompidamente. M. Walker, missionario americano, é o mais antigo habitante d'origem europea no Gabão. Monsenhor de Besiene e o seu primeiro vigario, o padre Seberre, esquecidos de si proprios, consagraram trinta annos da sua vida a evangelisar os povos do Gabão. São os exemplos mais frisantes que se podem oppôr aos argumentos produzidos contra este

clima. Não se creia que estas tres pessoas passaram aquelles annos na ociosidade. Monsenhor dedica oito horas por dia ao amanho da terra, trabalhando quer com o alvião, quer com o ancinho, quer com a foice; trabalha como um jornaleiro; a todos dá exemplo. M. Walker, esse intrepido viajante que foi o primeiro a visitar Okanda, acaba de passar dez annos na Africa equatorial antes de ter vindo retemperar-se á Europa; está prompto a voltar para aquelle meio, onde terá passado os melho-



INTERPRETE PAHUIN

Desenho de E. Ronjat, segundo uma photographia



res dias da sua vida. M. Saberre anda continuamente em caminho para sustentar a fê dos seus catachumenos. Os differentes membros da missão catholica ensinam aos seus jovens discipulos todos os trabalhos manuaes.

É a possibilidade d'encontrar trabalho que falta aos discipulos educados pela Missão; entre elles ha cordoeiros, marceneiros e pedreiros. Uns tõem instrucção bastante para serem bachareis em letras; mas no horisonte não encontram emprego: concluida a sua educação, dispersam-se e vão para Fernando Pó principalmente procurar, onde possam exercer as suas aptidões. Alguns sobem até à Costa d'Ouro em procura d'empregos retribuidos.

Este estado é passageiro. Necessariamente formar-se-ha um centro no Ogoocé. Fizemos notar a facilidade com que as aldeias se tinham agrupado em volta do centro aberto ao commercio no Sudão e no Niger; dar-se-ha o mesmo phenomeno no Gabão e no Ogoocé superior; o caminhar dos Fans, dos Osyêbas, dos Apingis é um feliz presagio para o futuro. «Dae-me uma alavanca» dizia Archimedes; aqui já existe a alavanca.

A mortalidade do clima da Africa equatorial tem sido exagerada; tem a maior analogia com a que se dá na America e na Asia sob o mesmo paralelo.

A temperatura na Africa equatorial não é muito elevada; varia, segundo a estação, entre vinte e trinta graus do thermometro centigrado. A tensão da electricidade é aqui grande; durante as estações das chuvas as tempestades repetem-se de dois em dois, ou de tres em tres dias; mas na estação secca não ha chuvas; o que favorece as expedições por terra; os terrenos altos, como em todas as regiões tropicaes, estão geralmente ao abrigo dos efluvios deleterios com os quaes os homens estão em contacto nas regiões proximas do mar.

Os animaes emigram durante a estação secca; as aves igualmente seguem as diversas alternativas do clima.

As habitações que o homem faz para se abrigar devem modificar-se segundo o clima: em Africa é indispensavel que as casas estejam isoladas do solo; o ar deve livremente circular por baixo do pavimento habitado. O uso do fogo é necessario; a alimentação não é indifferente. Por muito tempo os Portuguezes estabelecidos na India e na Africa recommendaram a carne assada e o uso das sangrias. Os primeiros France-

zes que colonisaram Madagascar tinham adoptado este systema que depois regeitaram. Agora está reconhecido que o uso dos estimulantes deve ser moderado e que se os alcools tomados em abundancia prejudicam a saude, o café, o vinho generoso nunca damnificaram a saude de ninguém. Ao contrario estas duas bebidas na costa occidental e na costa oriental são uma das condições para a existencia dos Europeus.

É para notar que a febre amarella, que tantos estragos produziu em Fernando Pó e no Congo, nunca se declarou epidemicamente no Gabão.

M. du Chaillu em 1857 encontrara Oschebas estabelecidos no alto das montanhas que co-roam Muni ou Angra; é provavel que este povo seja o mesmo que os Osyêbas. A nova tentativa da exploração do Ogoocé é feita por M. Savorgnan de Brazza ha pouco partido para o Gabão com meios consideraveis d'investigação e com o apoio do governo; vae percorrer um terreno conhecido até Ivindo.

M. Marche, que faz parte d'esta expedição, vae encontrar povos que já estiveram em relações com elle; o prestigio d'official da marinha franceza de que está revestido M. de Brazza dar-lhe-ha a consideração necessaria para desempenhar o seu papel d'explorador junto dos chefes negros, que são ordinariamente muito orgulhosos. O aparato militar por um lado, o engodo do ferro, da aguardente, da missanga, das fazendas pelo outro, actuarão por um modo decisivo sobre os Osyêbas e a expedição sem duvida poderá penetrar até aos Madomas que, segundo dizem os viajantes, são os mais susceptiveis de civilisação. O Ogoocé, largo e poderoso, vae da região dos Madomas para os lagos desconhecidos d'onde transborda para o mar. O rio d'Ofoné permittirá que seja estudada a região dos Chibês; provavelmente levará os exploradores até aos affluentes superiores do Congo que não devem estar distantes. Ardentemente desejamos que a missão de M. de Brazza obtenha o mais triumphante exito.

### XXX

As ilhas do golpho de Biafra — S. Thomé ou S. Thomaz — Colonisação do Brazil — Aspecto geral — Sant'Anna de Chaves — Ilha do Principe — Aspecto geral — Origem do seu actual nome — O Black-Jock — Os srs. Carneiro e Burnay — Os tubarões da bahia — Anno-bom.

As ilhas do golpho de Biafra são quatro. De Fernando Pó já fallamos e portanto escusado é repetirmos o que já dissemos.



A sua descoberta perde-se na noite dos tempos; o merecimento dos Portuguezes está em ter tirado partido d'ellas colonizando-as. Os primeiros navegadores portuguezes mostraram grandes hesitações; parece que os seus navios seguiam a medo as costas, indo de cabo a cabo, enquanto que os navegadores italianos, francezes e hespanhoes navegavam pelo alto mar. <sup>1</sup>

Estes ousados exemplos por fim igualmente foram adoptados pelos Portuguezes; pois que da narrativa de João Escobar vemos que elles descobriram S. Thomé a 23 de dezembro de 1470 e Anno-bom a 1 de janeiro de 1471.

Não ha datas certas a respeito da descoberta da ilha do Principe, sem duvida descoberta pelo mesmo tempo.

Estas ilhas eram deshabitadas quando foram visitadas pelos Portuguezes. Já fiz observar, como factio geologico, que estas ilhas estão no mesmo alinhamento do monte Camérones. O Atlantico e as suas calmas variaveis ainda não eram conhecidos por esse tempo, e os navios que queriam ir á India seguiram por muito tempo a derrota traçada por Bartholomeu Dias.

As derrotas do Oeste, tentadas por Pedro Alvares Cabral, o descobridor do Brazil, não se tornaram frequentadas senão depois que as Provincias-Unidas da Hollanda conquistaram a sua independencia.

Os engenhos d'assucar multiplicaram-se e S. Thomé que servia, tanto á ida como á volta, de ponto d'escalla aos navios que navegavam para a India, tornou-se prospera pela exportação dos productos do seu solo que attingio consideravel valor. Esta riqueza agricola e a frequencia dos navios que arribavam a S. Thomé atrahiram ás costas da Guiné piratas que as devastaram. No seculo decimo sexto, no anno de 1567, piratas francezes saquearam S. Thomé.

Logo que um estudo mais bem feito dos ventos e das correntes fizeram conhecer que o verdadeiro caminho para a India era mais pelo oeste, a antiga derrota foi despresada. A mudança de derrota para a India e as desgraças que cahiram

sobre estas ilhas fizeram com que os habitantes europeus de S. Thomé emigrassem; desmontaram os seus engenhos d'assucar e embarcaram com os seus escravos para o Brazil, para onde então Portugal tinha voltadas as suas atenções.

A ilha de S. Thomé, cujo eixo maior está inclinado do norte-noroeste para o sul-sud'este, tem dez leguas de comprimento, vinte e tres a vinte e quatro leguas de circumferencia; a superficie é approximadamente de novecentos kilometros quadrados ou noventa mil hectares.

Vista do mar esta ilha tem um aspecto phantastico. Á vista a sua massa apresenta um montão de picos agudos, de montanhas que se escondem nas nuvens; as planiceis que começam no sopé das montanhas vêem terminar á beiramar, onde uma penedia perpendicular as defende da invasão das ondas; os rios desagoam no mar em enseadas d'areia de facil accesso.

Por medidas feitas no alto mar o pico mais elevado da ilha está dois mil metros acima do nivel das aguas.

A cidade está assente nas duas margens d'um rio que desagoa n'uma enseada que lhe serve de porto. A cidade occupa uma milha quadrada; algumas egrejas de pedra quebram a monotonia das suas casas, que são baixas e cobertas de telha; um pequeno forte edificado na margem direita do rio defende o porto e a cidade.

Posto que S. Thomé seja a capital das ilhas portuguezas do golpho de Guiné, a distancia a que os navios crusadores têm d'estar do porto faz com que elles ali não vão repetidas vezes.

A ilha do Principe está situada a vinte e seis leguas ao norte-noroeste de S. Thomé, o seu eixo maior corre do norte a sul e a sua superficie é de cento e vinte e cinco kilometros quadrados. É montanhosa. Parece que o seu solo é formado de lavas incandescentes repentinamente resfriadas. O seu aspecto é indiscriptivel; a parte do norte apresenta algumas planicies cortadas por profundos precipicios, onde roncam torrentes caudalosas; por estas torrentes correm para o mar as agoas condensadas nos altos picos das ilhas e as que durante o inverno ensopam o seu solo pedregoso.

A parte meridional da ilha é montanhosa. Um pico elevado, chamado Bico de papagaio, ergue-se no centro; a fôrma geral dos contornos da ilha faz lembrar a figura d'um 8. Esta configuração, estrangulada no centro, tem muitas bahias bem abrigadas.

O porto de Santo Antonio, situado a éste é

<sup>1</sup> Embora tenhamos a maxima consideração pelo author d'estes artigos, o almirante Langle, ha pouco fallecido, não podemos comtudo deixar passar sem protesto tão grandes inexactidões. Dos povos modernos foram os Portuguezes os mais ousados navegadores e só depois dos seus exitos na navegação os Francezes se abalançaram a crusar os mares. Esta asserção demonstra-se cabalmente consultando as memorias mais antigas dos dois paizes.



um bom ancoradouro; mas os navios no inverno são ahi batidos por ventos ás vezes d'extrema violencia. Por esta causa os navios de guerra preferem a bahia do oeste para refrescar.

Poucos habitantes existem na ilha do Principe. O primeiro alvará conhecido referindo-se a esta ilha remonta a 1500. Foi passado a favor d'Antonio Carneiro que agriculturou as terras do norte; os engenhos d'assucar ali estabelecidos depressa alcançaram uma certa importancia e o imposto cobrado pela coroa foi concedido ao filho mais velho dos reis de Portugal.

Em virtude d'applicação dos seus rendimentos esta ilha, que se chamava de Santo Antonio passou a chamar-se do Principe, nome que ainda hoje conserva. Esta ilha soffreu como S. Thomé as mesmas calamidades e os seus colonos emigraram tambem para o Brazil.

A ilha do Principe no fim do seculo dezoito foi a sêde da companhia de Cacheo; abriu-se ali um grande mercado d'escravos alimentado pelos rios Cameron e Gabão; este mercado fornecia os trabalhadores para as Antilhas hespanholas. Em 1694 foi para esta ilha destacada uma companhia d'infanteria que tinha o seu quartel no forte da Ponta da Mina, forte construido para defender a bahia de Santo Antonio; em 1706 uma esquadra franceza apoderou-se da cidade e do forte. Depois d'esta conquista a ilha do Principe cessou d'enviar escravos para as possessões hespanholas e unicamente os exportava para o Brazil. Em 1799, o capitão Landolphe, que fundára uma feitoria fortificada em Owen, á frente de forças francezas apoderou-se da ilha do Principe e só a evacuou depois de ter recebido uma contribuição de tres mil e quinhentas onças d'ouro, estipulando tambem que d'ahi em diante o porto de Santo Antonio seria considerado como neutro.

A ilha do Principe não acompanhou o movimento commercial de S. Thomé; a agricultura está ali n'um grande abatimento; os esforços feitos por Carneiro e Ferreira não foram imitados e a maior parte dos terrenos estão incultos por falta de braços e de dinheiro. (Em 1872 a ilha do Principe só tinha quarenta brancos, emquanto que S. Thomé tinha quinhentos e setenta e quatro.)

Emquanto durou a nossa estação de 1832 frequentavamos de preferencia a bahia do oeste; Ferreira tinha ahi uma magnifica vivenda onde á noite sua esposa reunia os officiaes da pequena esquadra.

A escravatura estava ainda muito radicada nos costumes africanos e um navio inglez julgando avistar um negreiro forcejou por alcançar o molhe. Ventos descontraídos retinham-o ao largo, onde era joguete das correntes; sobreveio uma tempestade e o *Black-Jock*, assim se chamava o navio, não se pode aguentar. Carregou imprudente o panno e nós vimos a sua mastreação, cedendo aos esforços do vento, cahir sobre o convez. O brigue, depois que os mastros se lhes partiram, endireitou-se e veio para a bahia rebocado pelos nossos escaleres.

O commandante inglez admirou-se de ter tomado por negreiro uma fragata de quarenta e quatro peças como a *Hermione*; é verdade que tinhamos uma presa o *Fernando Septimo* a quem a bordo encontramos tantos commandantes e tantos papeis que não se sabia a que nação pertencesse; deixamos o *Black-Jock* a reparar as avarias e fizemos derrota para o norte para regressarmos á Gorêa. Mais tarde encontrei na Havana os armadores de *Fernando Septimo* que pertenciam á melhor sociedade.

M. Burnay, moço Belga, cuja familia estabelecida em Lisboa estava em constantes relações com as ilhas de Cabo Verde, comprou a quinta de Carneiro e a casa, a mais importante da cidade de Santo Antonio e empreheceu novamente o cultivar os terrenos fertilissimos que se alastram desde o norte da ilha do Principe até ao mar. M.<sup>me</sup> Burnay e sua familia animosamente o acompanharam. Esta familia muito branca de cabellos loiros e olhos azues apresenta um contraste frisante no meio dos trabalhadores negros de cabellos encarapinhados.

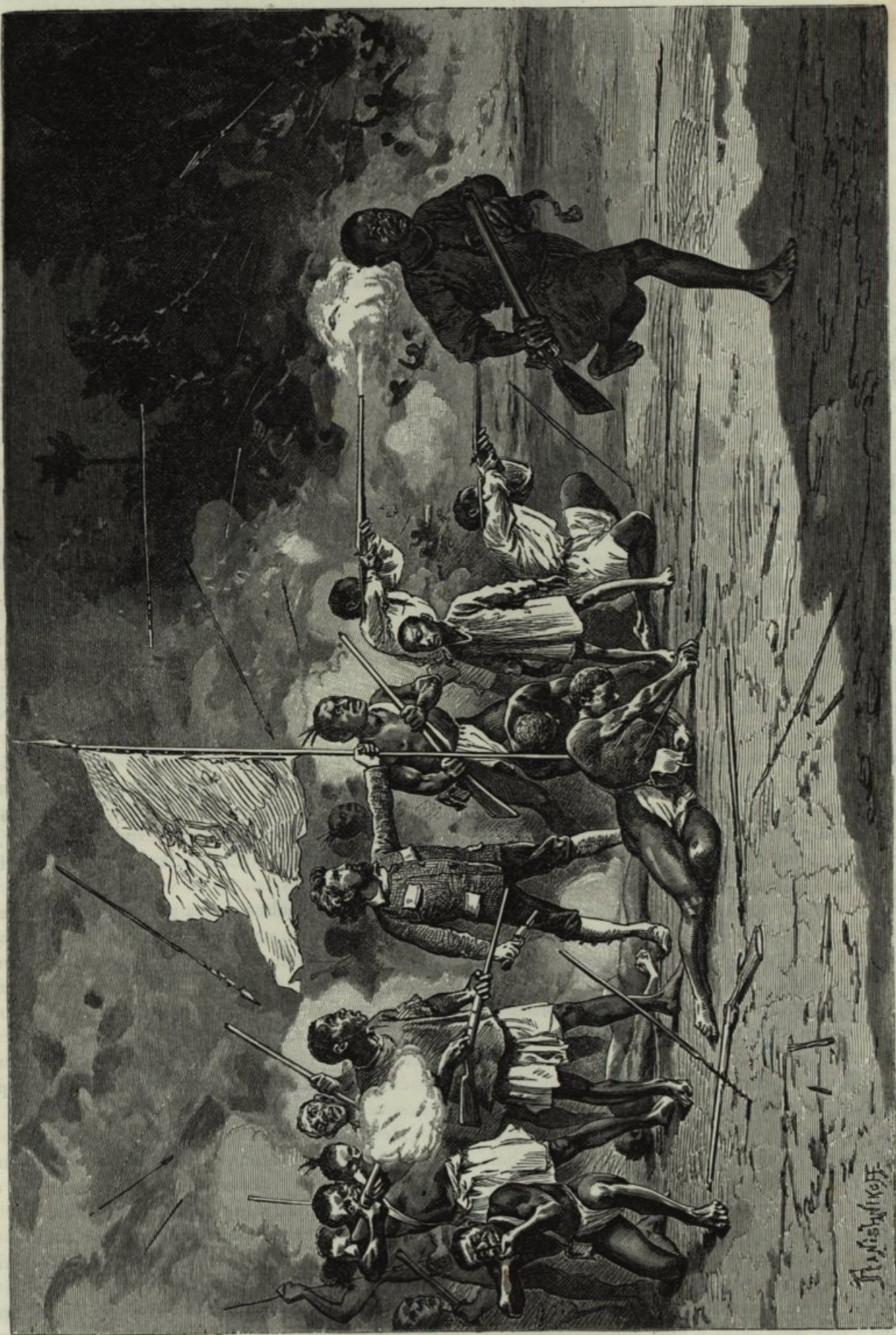
A estrada que de Santo Antonio conduz á quinta é em extremo pittoresca; é ornada d'arvores seculares cobertas de viçosas trepadeiras. As senhoras percorrem este caminho em machila. Uma extensa avenida arborizada leva-nos á habitação, onde uma varanda nos faz gosar d'um prazer mui raro n'estas regiões, uma deliciosa frescura.

Pombas, rolas e muitas outras aves crusam o seu vôo no espaço e estão desafiando os caçadores.

A dois passos d'esta hospitaleira casa umas pequenas grutas bem seccas offerecem magnifica sombra e a vista proxima do mar. Foi d'uma d'essas grutas que eu vi um tubarão cortar em dois o filho mais velho de M. Burnay.

(Continúa.)





O ATAQUE AO CAMPO — Descrição de Yvan Pramsnikoff, segundo uma gravura da edição inglesa



# COMO EU ATRAVESSEI A AFRICA

DO ATLANTICO AO MAR INDICO—VIAGEM DE BENGUELLA Á CONTRA-COSTA—ATRAVÉS REGIÕES DESCONHECIDAS—DETERMINAÇÕES GEOGRAPHICAS E ESTUDOS ETHNOGRAPHICOS

POR

**SERPA PINTO**

PRIMEIRA PARTE

## A CARABINA D'EL-REI

(Continuado da folha 43)

**P**TERRENO desde o rio Varea até ali é coberto de uma camada arenosa, sendo o sub-solo formado por uma argila de côr cinzenta, variando desde o branco sujo até ao azul acinzentado.

Junto ao leito do Onda o solo é formado por uma forte camada de humos, que ainda assim assenta sobre o sub-solo da mesma argila acinzentada. Junto ao rio vi alguns montes termiticos, apresentando a côr azul cobalto.

O terreno das clareiras é habitado por uma especie de termites differente d'aquella que habita as florestas. As termites das clareiras constroem montes mamelados, apresentando o aspecto de cones truncados cobertos por cupulas hemisphericas, tendo de 80 centimetros a um metro de diametro na base, por egual altura. Nas florestas formam ellas verdadeiros cones, tendo de 4 a 6 centimetros de diametro na base, por 25 a 30 centimetros de altura.

São muito approximados, e semelham um eriçado de espinhos que parecem brotar da terra.

Estas termites das florestas vão buscar os materiaes das suas construcções muito perto da superficie da terra, porque nas suas architecturas figura como materia prima a terra vegetal que fôrma o solo dos mattos, e estas, apesar do cimento empregado, não têm a ligação e dureza das termites das clareiras, que, empregando uma argila consistente, formam verdadeiras petrificações. Nas habitações das termites das clareiras, apesar do seu interior ser formado de células como as de um favo de abelhas, a bala Snider não penetra n'ellas a mais de 10 centimetros.

Como já disse, nas encostas que abeiram o Onda, estas formigas accumulam as suas habitações em limitados espaços, figurando, a quem de longe as vê, verdadeiras povoações Quimbandes.

Por espaço de uma hora, depois que deixei o acampamento, caminhei na margem do rio em terreno descoberto, mas depois entrei em uma esplendida floresta, cortada de riachos affluentes do Onda.

Por vezes, a floresta tomava o aspecto de um d'esses grandes parques do norte da Europa, onde uma viçosa relva cobria completamente o solo. No meio da matta os meus passos foram suspensos para contemplar uma das mais pittorescas paisagens que tenho visto.

Uma vasta clareira era occupada por uma lagôa de agua crystallina e fundo arenoso. Arvores enormes assombravam o pequeno lago, que reflectia os seus ramos de um bello verde-escuro, onde chilravam mil passaros.

A relva descia dos lados até á agua, e só desapparecia para deixar logar a uma areia alva e fina. Os pretos d'este paiz, que não são muito poetas, acham encanto n'este pequeno lago, a que chamam Lago Liguri, e em que já me haviam fallado.

Todos os riachos d'este paiz têm as margens apauladas, e na agua estagnada ha um deposito de côr vermelha, que ao principio attribui á presença de ferro, o que conheci ser engano, porque o chá verde feito com aquella agua não denunciava ferrea, pela formação do tanato de ferro. Só, talvez, por uma accumulção de animaculos infusorios se produzem aquelles depositos vermelhos.

Desde o Bihé, observei, que em todos os pontos onde ha aguas estagnadas abundam sanguessugas, mas n'estes corregos affluentes do Onda são ellas em maior numero.

O rio continúa a ter entre 10 e 12 metros de largo, por 4 a 5 de fundo, e tem corrente muito insensivel. Abunda a caça.

No dia seguinte, caminhei a S. E., sempre na margem direita do Onda, por espaço de tres



horas, sendo difficil a passagem de uma emmanhada floresta, e mais difficil ainda o vadear o ribeiro Cobongo, de 4 metros de largo por 1 de fundo, e cujo leito lodoso embaraçava o andar.

Depois de tres horas de caminho, afastei-me do Onda, seguindo a margem do ribeiro Cangombo, que passei indo acampar na margem esquerda do ribeiro Bitovo.

A 30 de junho, segui a Lêste, aproveitando toda a margem do Bitovo, para caminhar livre de floresta, e d'ali passei ao valle do ribeiro Chiconde, cujo curso segui até ao Cuito, onde acampe. Fez-me profunda impressão o contemplar as aguas do ribeiro Chiconde, correndo velozes para o Cuito. Até ali tinha encontrado aguas correndo ao oceano Atlantico, e essas aguas, cujo murmurio acalentava o meu somno, eram como um laço que me prendia á minha patria, indo cahir no mesmo mar que banhava o meu Portugal. Se ellas podessem converter o seu murmurio em fallas, que de saudades, que de angustias que viram, podiam ir contar aos meus!

Ao deixar o Bitovo partiu-se esse laço que me ligava á costa do Oeste. Que pungente saudade não foi a minha!

Fazia um anno n'aquelle dia que eu fôra dar o abraço de despedida a meu velho pai, e recordou-me mais do que nunca que elle me deixára com o presentimento de não mais me vêr.

N'aquelle dia já assentava o meu campo no paiz dos Luchazes, tendo deixado o dos Quimbandes com o ribeiro Bitovo.

Vieram alguns homens e mulheres das povoações da margem direita do Cuito ao meu campo, mas nada trouxeram que vender, e nós precisavamos de comida. Prometteram comtudo que no dia seguinte trariam algum massango, porque não cultivam milho nem mesmo Masambala.

Nos seus arimbo cultivam o massango, alguma mandioca, feijão fradinho, ginguba, mamona e algodão, tudo em pequena escala, apenas o necessario para o consumo do cultivador.

Colhem bastante cêra, já apanhada nas florestas, e já de colmêas que collocam sobre as arvores, e onde os enxames vêem habitar.

A cêra é um genero que elles permutam por peixe secco do Cuanza, que os Quimbandes ali vão levar. O rio Cuito ali não tem peixe.

Os povos Luchazes são pouco viajantes, e apenas deixam as suas povoações para fazerem pequenas caçadas aos antilopes, afim de obterem pelles para se vestirem.

A pequena cultura é feita por homens e mulheres.

O soveta que governa as poucas povoações da margem do rio Cuito é o Muene-Calengo, que paga tributo a outro sova Muene-Mutemba, cuja povoação não pude precisar bem onde fica.

Estes Luchazes trabalham em ferro e fazem todas as obras de que precisam. O ferro é encontrado no paiz.

Uma cousa unica que vi entre os povos barbaros que visitei, é usarem os Luchazes de isqueiros para fazerem fogo, com fusil e pederneira. As pederneiras são trazidas pelos Quibocos, ou Quiocos, que as vêem trocar a cêra; e os fuzis fabricados por elles são de ferro forjado e temperados em agua fria, onde os lançam, estando o ferro rubro. A isca é preparada com algodão misturado com a amendoa pisada, contida no endocarpio de um fruto chamado micha.

As mulheres Luchazes usam cestos differentes dos empregados pelas Quimbandes, e differentemente os trazem, porque são suspensos da cabeça por uma larga tira de casca de arvore, e cahem sobre as costas.

Este modo de trazer os cestos impede-as de trazerem os filhos, como é uso geral em Africa, sobre os rins, trazendo-os ao lado.

No dia seguinte, vieram de manhã algumas mulheres trazer massango, mas em tão pequena quantidade, que mais fez sentir a fome que já tinhamos.

O rio Cuito tem no ponto em que o passei 7 metros de largo por 1 de fundo, com uma corrente de 25 metros por minuto.

É affluente do Cubango, e na sua confluençia assenta a grande povoação de Darico.

Nasce na planicie de Cangaba, onde têm nascente muito proxima o Cuime e o Cuiba, affluentes do Cuanza, e o Lungo-é-ungo, affluente do Zambeze.

Não podendo obter viveres, resolvi seguir ávante, e quando dava ordens para levantar campo, chegava á margem do rio Cuito uma comitiva de escravos, capitaneada por tres pretos.

Apoderei-me dos tres pretos, e soltei todas as escravas, pois que na comitiva não iam escravos. Fiz com que entrassem no meu campo, e disse-lhes que eram livres, e se quizessem acompanhar-me eu as fazia chegar a Benguella.

Disse-lhes que nada receiassem dos seus guardas, e que se convencessem de que eram livres. Declararam-me uma a uma, que não queriam a



minha protecção, e que as deixasse ir como tinham vindo.

D'onde eram? Não m'o sabiam dizer. Que fazer? Repugnou-me leval-as commigo a despeito seu. Depois de algumas instancias resolvi deixar aquellas desgraçadas seguirem o triste fado a que não queriam esquivar-se.

Demais, seria elle melhor se me seguissem? Não é facil, ainda que isso se afigure na Europa, libertar uma leva de escravos, quando essa leva é encontrada longe dos dominios Europeus.

Uma leva de escravos tem gente de naturalidades differentes, e muitas vezes longiquas.

Se aquelle que os pôde libertar os quizer restituir ás suas familias, tem de percorrer uma grande parte d'Africa á busca dos lares dos seus protegidos, o que é praticamente impossivel.

Abandonal-os e dizer-lhes:—*Ide-vos*—é fazel-os novamente escravos dos primeiros povos que encontrarem.

Muitas vezes, aquelles desgraçados, arrancados das povoações em tenros annos, perderam da memoria o sitio onde nasceram, e fallando já uma lingua differente da que balbuciam em creanças, e esqueceram longe dos seus, têm por sua patria a terra da escravidão, e não conhecem



A CAÇA AOS PATOS — Desenho de Yvan Pranishnikoff, segundo o texto

outra. Hoje, depois que os navios de guerra, portuguezes e inglezes, cruzam no Atlantico e no Indico, e impedem a exportação do homem, a escravatura é genero de permutação apenas no interior, e o seu systema tem-se modificado.

O escravo apparece em Africa por dois modos. Ou é o prisioneiro de guerra, ou é o genero de pagamento de divida pelos parentes.

Outr'ora fazia-se a guerra expressamente para se fazer o prisioneiro, e infelizmente ainda hoje se faz, posto que em menor escala.

O ente humano dado pelo parente proletario em pagamento da divida contrahida, ou da multa decretada, é vulgar.

No caso de guerra, outr'ora todo prisioneiro servia para escravo, porque lhe não era facil, adulto que fosse, voltar da America á Africa. O Atlantico era garantia segura.

Os adultos mesmo, podendo logo produzir um trabalho maior, eram preferidos ao adolescente e á creança.

Hoje não é assim. O homem feito foge, e tem sempre na ideia o voltar ao ninho d'onde o arrancaram, e essa esperanza não o abandona em quanto pisa o continente onde tem seu paiz.

Disse-me a mim um negreiro:—*são muito fugitivos*. A creança, o adolescente e a mulher, offerecem ao commercio maior garantia, porque, espiritos mais irresolutos, não ousam encarar o pensamento de atravessar paizes enormes para voltar ao seu.

Tem por isso mais valor, hoje, na Africa Austral, a creança e a mulher, e nas levas de desgraçados que infelizmente ainda arrastam os duros grilhões atravez do solo Africano, é raro vermos um homem feito.

(Continúa.)



## CRUZEIROS NA COSTA D'AFRICA

(Continuado da folha AA)

**A** INFELIZ victima ainda conservou forças para chamar sua mãe que estava na quinta. Julgue-se do desespero d'esta mãe quando viu seu filho n'aquelle misero estado!

Os tubarões frequentam muito a bahia de Santo Antonio, onde encontram farta alimentação em todos os detritos que os habitantes lançam ao mar.

A cidade está situada ao fundo d'esta bahia estreita entre dois pequenos rios lodosos; as casas construídas sobre escacaria têm uma escada exterior; o ar circula-lhes por baixo.

A ilha d'Anno-bom, rochedo perdido no meio do mar, quasi que não vale a pena que n'ella se falle. Pertence nominalmente á Hespanha que de vez em quando lá manda um padre baptisar e fazer os casamentos; é elevada e fértil; passa por ser a mais saudavel das ilhas do golpho da Guiné, o que é attribuido ás correntes d'agua fria que a rodeiam para irem para o golpho de Biafra, onde a corrente do golpho da Guiné as encontra. As correntes emergem d'este golpho em contra-correntes que se manifestam ao sudoeste e ao noroeste.

## XXXI

A Africa meridional—Estações—Rios  
O imperio do Congo—Religião—Aspecto do Congo.

A Africa meridional só tem duas estações; nas proximidades do tropico de Capricornio as chuvas começam mais cedo que nas regiões situadas mais ao norte; á medida que se avança

n'esta direcção, as chuvas cada vez são mais tardias e isto até chegarmos ao tropico de Cancer.

Os grandes rios da Africa meridional que desagdam no Atlantico são mais de quarenta; o Congo, o Quanza, o Cunene e o Orange são os mais importantes. O unico d'estes rios completamente navegavel é o Congo ou Zaire, cuja margem esquerda é muito saudavel; foi descoberto em 1844 pelo portuguez Diogo Cão. Os povos habitadores das suas margens até a uma certa distancia tinham certo grau de civilisação e um systema politico e religioso bem estabelecido.

N'Zambi Ampongo, uno e todo poderoso, é o deus do Congo; Quibondo é o deus principal dos Jaghas, verdadeiro Siva, sanguinario e cynico; ao mar chamam Calinga, o infinito, o deus desconhecido subjugado por Quibondo; Havie e Cassombé são idolos machos e femeas; as raças gangas adoram Cassuto, Mangi e Ibondo, as principaes personificações da

divindade. Estes idolos reunidos muitas vezes tomam o nome d'Iteque.

Os gangas ou ogangas são os ministros do culto; ordinariamente tomam o nome do idolo que servem; Ganga Iteque é o chefe. Esta corporação gosa de muitos privilegios, confiada á sua guarda estão as tradições da patria; são os ministros da chuva; concededores dos efeitos do raio recommendam que se não suba ás arvores; sabem fazer resuscitar os fulminados pelas scintillas electricas. Adoram o bode e a serpente que cura a loucura; possuem um grande numero



E. RONJAT

PAHUIN

Desenho de E. Ronjat, segundo uma photographia



de remedios; parecem ter conhecimento da pilla electrica, pois que sabem obrigar os cadaveres a terem movimentos authomaticos. <sup>1</sup>

O *chitomé*, uma especie de bispo, tem jurisdicção sobre os gangas; não deve morrer de morte natural. O *n'gombo*, logar immediatamente inferior, encarrega-se de o estrangular e succedelle; deve conservar as reliquias do assassinado. O *n'gosa* deve ter onze mulheres, nem uma de mais, nem uma de menos. Sem duvida este numero é um symbolo ainda desconhecido. A primeira visita que os governadores negros têm a fazer é ao *chitomé*. O culto dos mortos está muito em uso no Congo. Assim como em toda a Africa estes povos temem os duendes e as almas penadas, *zinzé-uminé*. A seita dos *n'quiti* é timivel: fórma uma sociedade analoga aos *areois* do Taïti; esta seita tem por costume iniciar os individuos disformes; a iniciação prepara-se pela ingestão d'uma bebida que faz cahir o iniciado em catalepsia. Os segredos da ordem são inviolaveis. O culto d'estes povos tem vestigios d'um pantheismo grosseiro. Ampongo transforma-se em rocha como o *mooui* do Taïti; adoram as arvores, os rios e fazem ceremonias para tornarem a pesca abundante, ou afastar os jacarés quando atravessam um vau; conhecem diversos filtros para agarrar elephantes, bois selvagens e mesmo homens que vendem. A crença nos feitiços, nos *bezoards* é geral; os miolos do porco montez e o estomago das gazellas fornecem os *bezoards* mais apreciados, os que curam uma infinidade de males e que se vendem mui caros.

Os productos da Africa meridional differem pouco dos do norte; o ouro existe ali em ricos filões, mas a politica dos soberanos africanos tem sido desde tempos immemoriaes o occultar estas minas aos Europeus de quem receiam invasões. O cobre sobre a fórma de malachites, o ferro e o sal são os unicos productos explorados; estes productos apresentam-se nos mercados da costa juntamente com o marfim, oleos e madeiras de marcenaria. No Congo o unico meio de transporte é o homem, o que muito restringe as transacções.

Hoje o reino de Caongo é o mais florescente dos pequenos Estados ao norte do Congo; é atravessado pelo Chilongo, rio que desagoa no mar ahi por cinco graus de latitude sul; os Eu-

<sup>1</sup> Nesta parte da Africa ha fortes magnetes naturaes.

ropeus fundaram em Laudana feitorias pertencentes a Francezes e Hollandezes. O Loanda de que o Caongo é um resto tinha sido antigamente a séde d'uma missão franceza.

Malemba, Ambriz foi outr'ora celebre pela quantidade d'escravos que d'ali eram expedidos para o Brazil e Antilhas; n'estes ultimos tempos o Congo parece ter centralizado o commercio feito antigamente pelas suas bahias que não são distantes e servem a mesma bacia.

A foz do Zaire tem mais de duas leguas de largura; um banco chamado Mona Mazea que se formou do lado direito atira com as aguas para a margem esquerda, que ao norte do cabo Padrão cavaram um leito estreito, mas profundo, no qual se encontram entre noventa e seiscientos metros de profundidade. A violencia da corrente está na razão directa da profundidade e por isso os navios, que não sejam a vapor, para subir o Zaire devem esperar bom vento do largo; d'este modo dobra-se sem grandes difficuldades o cabo Padrão, a que os Inglezes chamam ponta do Tubarão. O immenso volume d'agua expellido pelo rio estende-se para bem longe, podendo-se a mais de tres leguas ao largo encontrar-se agua doce.

A margem direita é elevada e sadia; os povos são aqui doces, offerecendo ao commercio a segurança que o attrahiu. Uma pequena enseada chamada Banana converteu-se n'uma pequena colonia europea, onde fluctuam as bandeiras dos diversos paizes que ahi têm feitorias. Ponta da Lenha na mesma margem está situada vinte e cinco milhas agua arriba; n'esta altura o rio estreita; o leito que ahi só tem dois mil metros de largura é obstruido por immensas ilhas. Embora está a doze leguas acima de Ponta da Lenha. Estes dois pontos são centros de activo commercio e os negociantes europeus fazem ahi fluctuar as suas bandeiras; uma grande quantidade d'escaleres e lanchas a vapor unem entre si estes centros e dão ao rio um aspecto cheio d'actividade. As cataractas de Yellala estão a cincoenta milhas de Emboma; interceptam a navegação, mas na parte do rio que as precede as aguas são tranquillias.

Entrei no Zaire ou Congo na fragata *Zenobie* a 16 de setembro de 1867; encontrei ali a corveta ingleza *o Grey-Hound* e dois outros navios da divisão naval ingleza, um dos quaes installára no cabo Padrão uma enfermaria para tratamento dos enfermos atacados de variola.



## XXXII

Angola — S. Paulo de Loanda — Orçamento colonial  
— Forças militares

Quando se deixa o Congo em direcção a S. Paulo de Loanda, ou unicamente Loanda, encontram-se algumas feitorias europeas, estabelecidas no Mang-Grande, no Ambriset e em Kissimbo; os chefes dos territorios em que ellas estão situadas não reconhecem a soberania do rei de Portugal. Com effeito a primeira cidade da colonia d'Angola é Ambriz situada nas margens do rio Loge. Por traz d'Ambriz encontram-se os terrenos accidentados de Bamba; os seus vertices, envolvidos em nevoeiros, do largo parecem outras tantas ilhas que nascem do Oceano e produzem um agradável aspecto, quebrando a monotonia d'esta viagem.

O granito abunda n'estas montanhas, onde se encontram minas de ferro e de cobre; os terrenos secundarios fornecem cal e lousa; vastos valles cortados por numerosos ribeiros cortam estas cordilheiras; as aldeias são abundantes n'esta região montanhosa e as communicações faceis; os caminhos são veredas escabrosas que serpeiam por montes e valles e que obrigam a passar muitas vezes a mesma corrente d'agua. As ruínas dos conventos que cobrem a região attestam os esforços feitos pelos missionarios para ali implantarem a fé christã. Os jardins que embellezam estas construcções estão cheios dos melhores fructos da Europa, Asia e America.

Rochedos avermelhados, onde o mar se quebra com furor, são aqui o limite do continente; os rios dão accesso ás regiões do interior, cuja fertilidade contrasta com a aridez da costa desporvida de vegetação; os rios Daudi e Bengo são os mais proximos de S. Paulo.

Em seguida avista-se o Morro das Lagostas; marca a entrada da bahia de S. Paulo de Loanda. Loanda está dividida em cidade alta e cidade baixa; um passeio publico estende-se ao longo da costa servindo de recreio aos ociosos que podem passear até ao forte do Penedo, de baixo dos muros do qual têm as Messageries um deposito de carvão.

S. Paulo de Loanda tem o aspecto d'uma pequena metropole: uma vasta igreja, ruas arborizadas, casas á europea ornem a cidade baixa habitada pela classe commercial; uma rampa de declive forte conduz á cidade alta habitada

pelos funcionarios do Estado. É alli que estão o palacio do bispo, do governador, o hospital, o observatorio e as egrejas pertencentes aos conventos supprimidos. Os costumes de Loanda são mais brasileiros do que portuguezes. Raro se anda ali a pé; as machilas crusam-se em todos os sentidos; algumas carruagens tiradas a mulas percorrem as ruas e fazem recordar o aspecto das grandes cidades.

Loanda tem falta d'agua; alguns poços, poucos, foram abertos na parte alta e não se sabe qual admirar mais, se a paciencia das criadas que esperam a vez, se a destreza com que ellas atiram ao poço as suas cabaças suspensas de tres cordeis e as pucham com prodigios d'equilibrio trazendo... um copo d'agua.

Os barcos cisternas todo o dia fazem viagens pelo rio Bengo para trazerem a agua necessaria aos habitantes em numero de quatorze ou quinze mil; os Europeus ou filhos d'Europeus são em numero de mil e quinhentos a dois mil.

A ilha de Loanda é muito areenta; em diversas epochas, em tempos de guerra, tem sido a residencia d'um grande numero d'Europeus, que a abandonaram logo que a segurança pessoal lhe era garantida no continente. Hoje é moda ter uma casa de recreio na ilha que os coqueiros animam com uma deliciosa verdura.

O palacio do governador geral é vasto e faz recordar uma epocha em que as antecamaras estavam pejadas de criados de libré; hoje o governador vê-se obrigado a restringir as despesas coloniaes ao estricamento necessario e as antecamaras estão vacias.

N'uma das visitas que fiz a s. ex.<sup>a</sup> o governador geral d'Angola encontrei nos seus vastos salões um principe do Congo que o viera comprimentar; trazia o uniforme da infantaria portugueza. Uma immensa espada de fôrma antiga, cujo punho era ornado de pedras falsas era trazida por um dos do seu sequito. O seu ar humilde attestava a decadencia da dymnastia Laquemi. As suas feições eram regulares; tinha a cabeça redonda que carecterisa a raça congo; a côr bastante clara e os olhos á flor do rosto; fallava correntemente o portuguez e conversava de boa vontade.

Quantas recordações desperta uma visita aos palacios dos governadores e visoreis portuguezes! Já d'outra vez descrevi no *Tour du Monde* as ruínas que se têm accumulado em volta da velha Goa e os esforços que se têm feito para fazer reviver uma colonia que se definha.



Visitei Moçambique, vi essa fortaleza da qual cada pedra veio aparelhada da Europa nas naus d'Albuquerque e que foi construída debaixo das vistas do grande capitão, quasi pelas suas proprias mãos. Visitei tambem o palacio do governador e ahi tambem n'essas extensas galerias e nas salas d'espera encontrei o mesmo silencio e solidão que em Loanda. Em quanto que eu almoçava com o governador um ichneumon <sup>1</sup> veio-me pedir algumas migalhas; era o commensal de todos os dias do governador. Davam-lhe um ovo que quebrava com suprema habilitade.

Este pequeno quadrupede terminada a refeição desaparecia e ninguem lhe sabia do esconderijo; pareceu-me vêr n'elle o genio familiar da Africa, vindo pronunciar o *Mane Thicel Phares!* d'uma colonia que agonisa.

Depois d'esta minha visita a velha colonia portugueza rejuvenesceu. Os signaes d'um progresso geral são evidentes; a população branca augmenta, principalmente na capital e no sul nos arredores de Mossamedes; a agricultura e o commercio tomam cada dia maior desenvolvimento; um serviço de barcos a vapor está estabelecido entre Loanda e Dondo.

O orçamento feito em 1866 estabelecia para o exercito colonial um effectivo de oito mil e setecentas praças de infantaria, a maior parte das quaes são ali recrutadas; os officiaes e os sargentos são europeus ou mulatos. O exercito está espalhado pelos cinco districtos que formam a divisão territorial da colonia de Angola.

O Ambriz que conta vinte e dois mil habitantes dispõe d'uma força militar de seiscentos e trinta e oito soldados. Benguella conta setenta e cinco mil habitantes e a sua força militar é de trezentas e setenta e duas praças. Mossamedes tem egualmente setenta e cinco mil habitantes e a força militar ali estacionada é de duzentas e setenta e uma praças. Colongo Alto conta duzentos e trinta e oito mil habitantes e dispõe de uma força militar de tres mil quinhentos e noventa e sete praças.

A totalidade dos habitantes submettidos á corôa de Portugal é de quatrocentos e setenta e cinco mil individuos, duzentos e desasete mil dos quaes são christãos. Esta população é governada por setenta chefes chamados *dembos*, que

têem sob as suas ordens quatrocentos e quarenta e quatro *sovas*, e por trezentos e dezanove *sovas* que obedecem directamente ao governador geral.

A colonia tinha vinte e tres mil libertos. Portugal por um decreto de 25 de janeiro de 1859 aboliu em principio a escravatura e os escravos são livres desde de 29 de abril de 1878.

Contentas havidas entre os negociantes portuguezes e os regulos do interior motivaram uma guerra na qual o forte de Cassange cahiu no poder dos Sundas e Benguelas. Os regulos têem um grande interesse em conservar as relações commerciaes para que este estado de guerra se prolongue por muito tempo. O regulo em 1864 pediu para tratar directamente com o governador geral. O seu filho abjurou dos erros dos seus antepassados para tomar ordens e fazer-se missionario.

### XXXIII

O Quanza—A arte africana: esculptura—Esculpturas em alto relevo feitas em marfim—escravatura—Benguella, Bahía dos elephantes—Mossamedes.

O Quanza, o maior rio de Angola, desagôa a algumas leguas acima da ilha de Loanda; a barra é perigosa e os barcos a vapor que a frequentam muitas vezes naufragam. Portugal tem feito altos esforços para regular o leito d'este rio que é navegavel por espaço de duzentos kilometros, até Cabambe, onde ha umas cataractas que se não podem passar. O commercio depois do serviço dos barcos a vapor centralisa-se em Colombo e principalmente no Dondo. Não têem faltado planos para levar as aguas doces do Quanza por um canal á cidade, nem traçados de caminhos de ferro; mas as finanças coloniaes estão desequilibradas e a metropole tem todos os annos de enviar dos seus cofres cerca de cento e oito contos.

A arte africana conserva-se ainda rudimentar; o desenho limita-se a representar grosseiramente nas paredes das cubatas dos chefes alguns animaes.

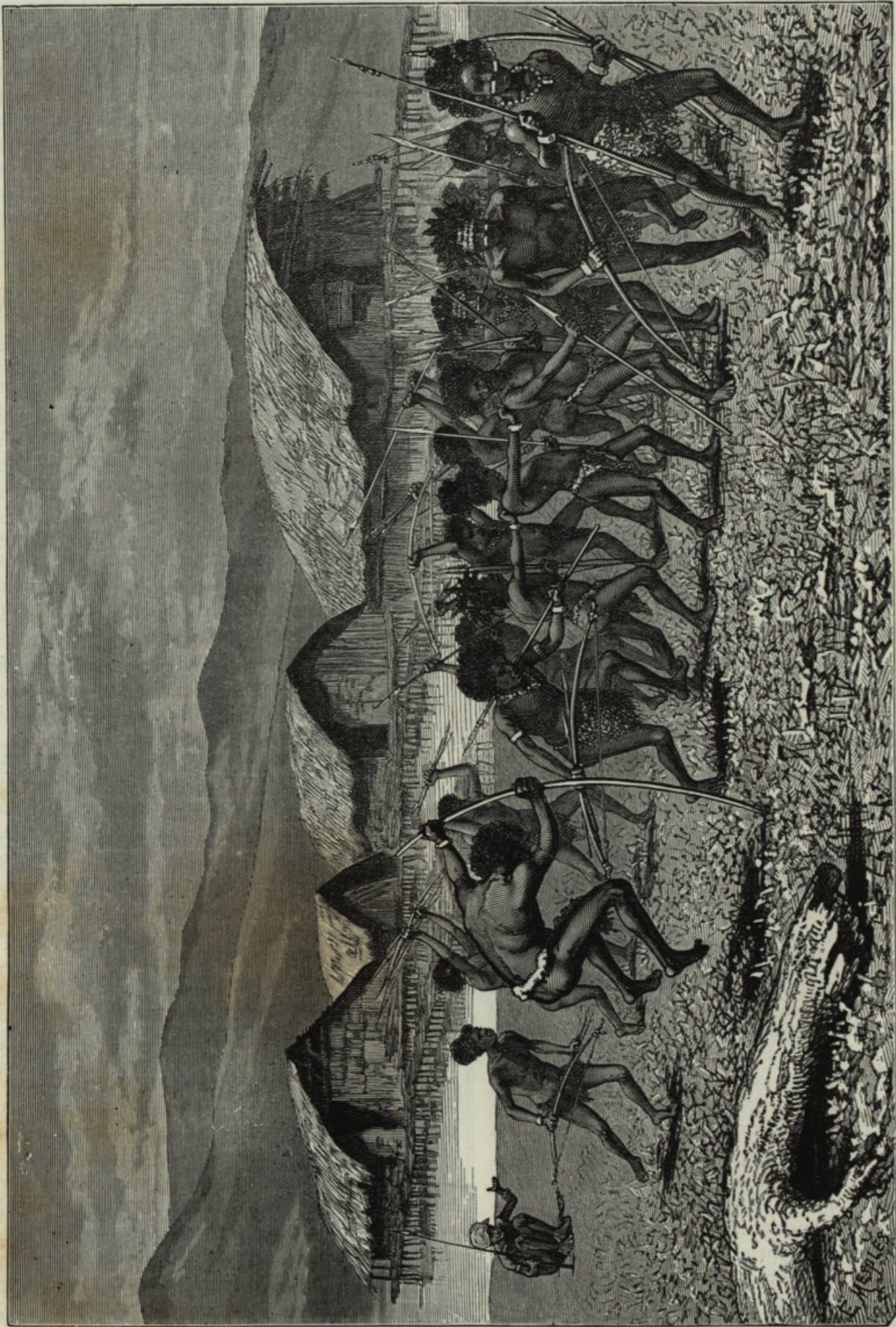
A tecelagem está mais adiantada; as tramas são tiradas de duas plantas textis, o algodão e a palmeira. O algodão é fiado por meio de fusos; graças a esta manipulação adquire uma força e elasticidade que os processos mechanicos da Europa não lhe dão.

Fazem-se muitos tecidos de folhas de palmeira: é o *enimbas* do Gabão, o *raflia* de Madagascar que fornecem esta preciosa materia.

(Continua.)

<sup>1</sup> Genero de mamiferos carnivoros digitigrados.





DESCIDA DOS GUERREIROS ARFAKS A DOREY



# VIAGEM Á NOVA-GUINÉ

POR

ACHILLE RAFFRAY

ENCARREGADO D'UMA MISSÃO SCIENTIFICA PELO MINISTERIO D'INSTRUCCÃO PUBLICA EM FRANÇA

(Continuado da folha 41)

**A** TRAVESSAMOS um outro pequeno valle e novamente tornamos a subir; emfim depois de cerca de sete horas de marcha, durante as quaes não chegamos a percorrer oito kilometros e meio, uma clareira na floresta fez-me presentir que estavamos a chegar. Alguns passos mais e desembocamos sobre o flanco muito abrupto da montanha, profundamente cavada pelas torrentes. Em quatro collinas isoladas estavam quatro cabanas que compunham toda a povoação de Mémiaona.

Gosei d'uma esplendida vista: a este havia por horisonte a immensidade do oceano Pacifico; não longe um largo e profundo valle, onde corria, de sul a norte, o rio Ouosaoni, que desce do pico do mesmo nome, que eu avistava por detraz de mim.

Estava na região d'Amberbaki. Já fallei das cabanas construidas sobre estacaria que eu visitei em Aïambori; estas ultimas eram apenas um ensaio timido d'architectura aerea dos Papis, cujos especimens mais perfeitos tinha agora ante os olhos. Perguntava a mim mesmo, como era que uma rajada de vento não arrebatava estas habitações que pareciam ninhos d'aguas sustentadas no ar a quinze metros sobre delgadas estacas, cuja solidez consistia no crusamento que as escorava umas ás outras. A sua posição geralmente escolhida sobre o ponto mais elevado d'uma collina de lados quasi verticaes dava a estas arrojadas construcções um aspecto vertiginoso. O mais das vezes, em virtude da altura a que se tinha de chegar, o tronco d'arvore inclinado servindo d'escada era dividido em duas partes deseguaes por uma especie de patamar, tambem construido sobre estacaria.

Subi a uma d'estas casas, cujo proprietario me offerecia hospitalidade e em vez de encontrar o corredor central e os quartos lateraes que encontrára em Dorey e em Aïambori, encontrei apenas um extenso alpendre tendo em cada extremidade uma pequena abertura servindo de ja-

nella e de porta que dava sobre a varanda. O soalho era dividido longitudinalmente em tres partes. No meio estava o corredor, separado dos dois lados, onde deveriam estar os quartos, por bambus collocados perpendicularmente de espaço a espaço; os dois corredores lateraes tinham sobre o soalho uma especie de esteira grosseira, mas bastante confortavel, feita de finas laminas de bambu.

O meu primeiro cuidado foi fazer n'esta habitação dois melhoramentos notaveis. Fiz tapestar o corredor central com cascas e pôr, em vez da escada lá existente, um tronco de arvore inclinado a pequenos espaços ornado com pequenos e fortes paus formando cruz com o principal a modo de uma escada, de forma que a subida e a descida não fossem para mim um continuado exercicio gymnastico.

Cederam-me ao fundo da casa um canto junto da porta-janella. Ahi instalei o meu leito de campanha, e o meu mosquiteiro; uma peça de fazenda serviu de cortina para me proteger da curiosidade inconveniente dos Papis. Da tampa das minhas caixas fiz *etageres* e declarei-me satisfeito, pois que era evidente a boa vontade com que me recebiam, o que me tirava o direito de mostrar-me muito exigente.

Até então ainda não vivera em tal promiscuidade com selvagens, homens, mulheres e creanças. Apesar de tudo, exceptuando o fumo e as emanações com que os olphatos, mais sensiveis do que o meu, se teriam incommodado, exceptuando ainda o ruido nocturno, os gritos das creanças, o grunhir dos porcos, o ressonar d'alguns adolescentes fatigados por um dia laborioso, eu estava menos mal em Mémiaona, tão verdade é que a satisfação moral ajuda notavelmente a supportar as fadigas e as privações phisicas. Eu estava em boa disposição d'espírito por a minha excursão a Chuberbaki se apresentar como devendo ser muito proveitosa.

Os que me davam hospitalidade, os Papis



d'Amberbaki, não differiam dos Maforos que me tinham acompanhado, a não ser pelos cabellos cortados rentes e pelo dialecto que parece ser muito differente, posto que todos comprehendessem o mafor. Elles são os proprios a dizerem, e o velho maior de Dorey m'o affirmava tambem, que eram d'origem mafor, assim como egualmente o são os Rumbiaks e os habitantes da povoação d'Onépaï com a unica differença de se terem tornado exclusivamente cultivadores. Eu creio que esta raça mafor, vinda do Este, emigrou para o Oeste para maior distancia do que Amberbaki e que é ella a que formou a povoação de Salwaty.

De todos os Papus que eu conheço, os Maforos são sem duvida os que têm o temperamento mais doce e mais sociavel e os Amberbakis, puros ainda do contacto malaio, caracterisam-se tambem pela grande timidez que eu vencia dando-lhes pequenos presentes.

Tinha já notado e em Amberbaki observei o pouco que dormem os Papus. Em vez de se estenderem e dormir, acoravam-se em roda da fogueira e travavam conversas interminaveis que duravam até ás tres ou quatro horas da manhã. Algumas vezes cantavam e tocavam tambor d'um modo discordante e desagradavel para ouvidos europeos, que outra coisa mais não queriam do que fechar-se momentaneamente aos ruidos da terra e refugiar-se na região dos sonhos.

A região em que assentava a povoação era tão pittoresca como fatigadora ao explorar; era uma serie de despenhadeiros a pique que corriam parallelamente ao mar estriando o flanco da montanha.

Sobre estes precipicios havia ás vezes, como pontes, troncos d'arvores polidos e ensebados pelos pés dos indigenas e que, posto que encurtassem o caminho, tornavam-o muito mais perigoso. Sem difficuldade se comprehende que eu tinha pressa de caçar para pelas minhas proprias mãos colher as riquezas zoologicas que esta região me promettia.

Não me cançarei repetindo mais uma vez a descripção d'esta natureza maravilhosa toda entrelaçada de formosos fetos arborescentes e coberta por essas abobadas impenetraveis de verdura, por baixo dos quaes se precipitavam as torrentes. Era alli, n'esse crepusculo artificial, n'essas folhas humidas d'orvalho que volteavam as mais formosas borboletas, o Ulysses cujas azas parecem feitas de saphyras e os ornithopté-

ros, cujo nome, que significa «azas d'ave» indica as suas roupagens magestosas. Como são bellos quando, agitando as suas grandes azas de veludo negras salpicadas d'ouro ou d'esmeraldas, borboloteam por cima d'uma cascata ou por sobre um abysmo! Quantos outros habitantes do ar eu desejaria descrever, se não receiasse o transformar esta singella narrativa de viagem n'um tratado de historia natural? Todavia não posso deixar de fallar n'uma maravilhosa ave do paraíso que um Papú me trouxe viva, a que Bufon chamava «o magnifico».

(*Diphylloides magnificus*).—É uma ave um pouco maior do que um melro, cinzento, com as pennas da cabeça curtas e avelludadas: o pescoço e as costas adornadas por dois collares moveis, o superior amarello-palha, o inferior vermelho-escuro. O peito é completamente coberto d'uma camada verde de pennas sedosas, as azas são amarellas e a cauda mui curta tem duas pennas mui finas como um fio d'um verde metalico que se alongam e recurvam em espiraes. Os olhos têm uma côr negra profunda e o bico e as patas azues; a parte interna do bico é esverdeada.

Mas descripção alguma pôde dar ideia da elegancia d'esta ave, nem da disposição das suas pennas. É um dos factos mais curiosos nas aves do paraíso a faculdade que ellas têm de, á sua vontade, eriçarem todas as pennas nas differentes partes do seu corpo.

O meu gentil prisioneiro encolhia o pescoço de fôrma que o corpo parecia uma bola. O seu collar e o plastrão formavam um unico collar de côres brilhantes, do centro do qual lhe sahia a cabeça. Ao contrario de outras especies das aves do paraíso que vivem no cume das mais altas arvores, o *Diphylloides* gosta de saltitar pelo chão no meio das folhas seccas, onde procura a alimentação e os Papús apanham-o a laço.

A delicada creatura era d'aquellas que morrem ao contacto profano e só as florestas virgens eram dignas de lhe servir d'asylo. Recusando toda a alimentação só viveu o tempo necessario para que meus olhos se saciassem.

O solo d'estas montanhas parece ser muito mais fertil que o de Dorey, posto que não seja cultivado com mais cuidado. O arroz e o tabaco crescem ali e dariam boas colheitas, necessitadas só d'alguns cuidados para serem excellentes. Em volta das cabanas vi grosseiros arroteamentos em que o *bété* attingia dimensões desconhecidas em Dorey. Vi tambem algumas



batatas doces e algumas cannas d'assucar, cuja vegetação evidenciavam a riqueza do solo. Os habitantes apesar d'isso não tinham alimentação mais confortavel; peor ainda talvez, pois que era essencialmente vegetal, sem mistura d'algum peixe ou mariscos, o que muitas vezes melhora a cosinha primitiva dos habitantes das costas.

Os Amberbakis além das raizes assadas de *bété* comem tambem algumas folhas de plantas selvagens cosidas dentro d'um bambu verde fechado nas suas duas extremidades. Quando o bambu começa a carbonisar-se, estão cosidos os legumes. Este processo não é sem inconvenientes e até sem perigos para os cosinheiros e para os que estão proximos. Muitas vezes o bambu muito bem fechado nas extremidades pela pressão do vapor rebenta e a iguaria é projectada em volta com grande pezar dos esfomeados, cujo espanto provoca uma hilaridade geral.

Diga-se todavia que, quando os leitões se tornam porcos, os comem; mas é uma iguaria rara, pois que os porcos são em pequena quantidade; quando muito poderá haver um para cincoenta ou sessenta habitantes.

Por causa d'estes pachydermes ia-me acontecendo uma cousa assaz desagradavel. Markus andando a caçar na floresta encontrou, disse elle,

dois magnificos leitões que julgou serem, ou fingiu que fossem, dois animaes selvagens. Avistal-os, pôr a arma à cara, fazer fogo e estendel-os um sem vida e o outro ferido foi obra d'um momento. Em seguida ajudado de William trouxe triumphante a caçada; apenas tinha chegado, quando uma velha, uma d'essas decripitudes humanas como só se vêem en-

tre os selvagens, reconheceu nas duas victimas os seus porquinhos muito amados, que ella creára nos seus braços magros e enrugados. Não havia que duvidar: o que ainda conservava alguma vida parecia arrastando-se para ella reconhecel-a como mãe adoptiva. Em resultado d'isto uma scena de prantos e lamentações, em que suspeitei o desejo de obter larga indemnisação.

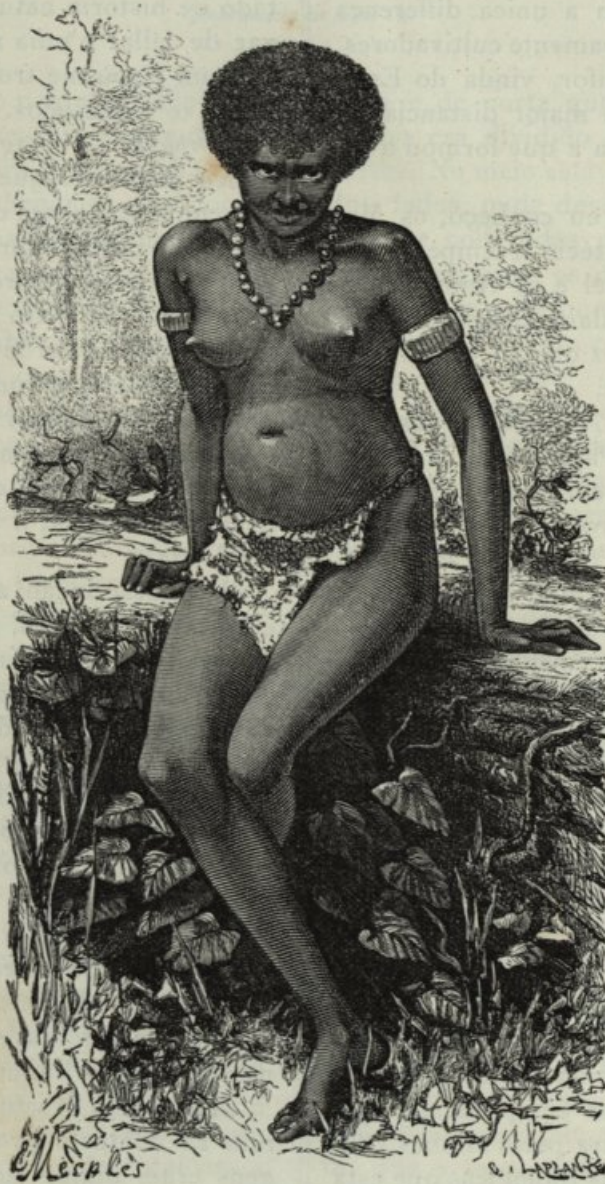
O mal era irreparavel; eu só tinha a propôr o pagar o preço do sangue derramado, mas o raciocinio dos Papus foi mais habil do que eu esperava; eu só queria pagar os leitões mortos e reclamavam-me o preço de dois porcos adultos com o pretexto de que os leitões teriam crescido e no fim d'alguns mezes alcançariam o preço que hoje me exigiam. Graças ao maior a quem promettera um bocado de carne das victimas terminou-se a questão; eu só pagava o valor dos leitões, de que dava as quatro pás à velha e aos seus amigos. Tudo isto me custou duas peças de fazenda, cuja perda me foi largamente compensada pela provisão de carne fresca que a mim e aos meus homens fez um grande bem.

Eu tambem não podia ralhar com Markus, cuja dedicação e habili-

dade muito contribuíram para enriquecer as minhas collecções com as mais bellas e mais raras aves.

Os boatos da minha presença em Mémiaona tinham-se espalhado pelas montanhas visinhas e impellidos pela curiosidade alguns Papus vieram de muito longe vêr o homem branco.

Os primeiros visitantes foram dois Ouosonnis, pae e filho. Usavam os cabellos curtos e



RAPARIGA ARPAK



o pae principalmente, era um verdadeiro typographo. Viviam a tres dias de marcha no interior sobre o monte Ouosaoni, cujo vertice eu avistava atraz da montanha em que estava. Fiz-lhe alguns presentes para os dispôr a concederem-me duas cousas, primeiro que me deixassem photographal-os e em seguida que me deixassem acompanhar-os. Depois de muitas promessas con-

seguir obter a primeira, mas a respeito da segunda mantiveram uma recusa formal, allegando que seria impossivel transportar as bagagens. Comtudo, custasse o que custasse, era necessario ir mais longe e principalmente subir mais para encontrar certas aves do paraizo que ainda me faltavam.

(Continúa.)

## SUPERSTIÇÕES POPULARES EM PORTUGAL

(Continuado da folha 40)

AS DOENÇAS pareceram sempre o effeito de uma entidade malévola; a impossibilidade da observação e o empirismo dos remedios revestiram de imponente maravilhoso a arte de curar, passando a Medicina, antes de se constituir em sciencia concreta, por um verdadeiro periodo theologico ou mystico. Nos deltas do Egypto e da Chaldêa, antes da civilisação primitiva conseguir o regimen das aguas e da cultura, as febres paludicas provocaram a necessidade de organisar um systema de tratamento, segundo as noções dominantes. No Egypto, principalmente, as praticas medicinaes tomaram um exclusivo caracter magico, que nunca mais perderam, e que, pelo encontro das duas civilisações, accádica e kuschita receberam um certo syncretismo com que se espalharam na Europa, pelas invasões dos Romanos no Oriente e dos Arabes no Occidente. As primitivas fórmulas magicas tinham com certeza um sentido, como se descobriu pela leitura e interpretação dos velhos cuneiformes, porém na tradição da Europa repetiram-se inconscientemente. É por isso, que ao passo que persistem as imprecações *Hilca, hilca, becha, becha*, na feiticeria da idade media, a Igreja condemna o emprego de palavras intelligiveis. Nas *Constituições do Bispado de Evora* de 1534, prohibe-se o uso de *palavras innotas*. Vamos tratar d'este ramo importante das superstições populares, hoje abandonado á credulidade popular, mas que em rigor teve uma origem erudita e constituiu nos primeiros seculos da civilisação europêa uma sciencia theurgica. No processo de feiticeria de Luiz de la Penha, elle é accusado de curar com *palavras desconhecidas*, e ainda modernamente, para fazer um bruxedo, é necessario invocar o diabo com estas palavras:

Tenato,  
Ferrato,  
Andato,  
Passe por baixo. <sup>1</sup>

A palavra, pela circumstancia de ser *desconhecida* ou *innota*, tem um poder magico especial; este caracter conservado ainda na feiticeria moderna, já apparece nos vetustissimos rituaes egypcios, e pôde-se dizer que d'elles deriva esta superstição. Alfred Maury, no seu livro da *Magia e Astrologia na antiguidade e idade media*, cita um trecho do tratado dos *Mysterios dos Egypcios*, em que se accentua este poder da palavra abstruza e incomprehensivel: «Considerou-se desde então como indispensavel quando mesmo o magico não comprehendia a lingua a que pertencia o nome do Deus, conservar esse nome sob a sua fórmula primitiva, porque uma outra palavra não teria a mesma virtude. O auctor dos *Mysterios dos Egypcios*, attribuido a Jamblico, pretende que os nomes barbaros tirados dos idiomas dos Assyrios e dos Egypcios, têm uma virtude mystica e ineffavel derivada da alta antiguidade d'estas linguas, e da origem divina e revelada da theologia d'estes povos.»<sup>2</sup> Com relação aos nomes tomados da lingua dos assyrios, esses nomes são accádicos, e por isso muitos d'elles vieram transmittidos até á Idade Media, como veremos pelas Fórmulas marcellicas; com relação ao Egypto, o seu uso remonta a uma antiguidade que o torna

<sup>1</sup> Herculano, *Superstições populares*. (Panorama, t. iv, p. 164.) Foi o primeiro estudo que se fez em Portugal sobre este assumpto, e é esta a sua unica importancia.

<sup>2</sup> Maury, *Magie*, p. 42, 3.<sup>a</sup> ed.



uma crença independente do theurgismo da decadencia alexandrina. Diz Lenormant: «Nós encontramos nomes d'este genero, dos quaes nenhum é egypcio, designando Set e Osiris, na imprecação magica de natureza funeraria que se lê sobre um papyrus do Louvre, datado do reinado de Ramses II:—Oh *Ualbpaga!* Oh *Kemmara!* Oh *Kamalo!* Oh *Karkhenmu!* Oh *Aamagaaa!* Os *Uana!* Os *Remu!* Os *Uthun!* inimigos do Sol.—Os nomes mysticos e magicos de physionomia barbara designando os deuses, têm um logar considerabilissimo nos quatro ultimos capitulos que se acham no fim do *Ritual funerario...* que Mr. Birch considera compostos pela epoca da XVI dynastia; ali descobre-se com certeza um certo numero de radicaes semiticos. Em termos formaes os nomes do capitulo CLX são tomados da lingua dos Anu da Nubia.»<sup>1</sup> Como diz Lenormant, nomes analogos são tomados da lingua dos negros do Punt, os *nahasi*, o que revela uma influencia da magia das populações africanas no Egypto.

Causas historicas provocaram a fusão dos diversos ritos magicos do Egypto e da Chaldèa, resultando uma propagação erudita na Europa, chegando a formar uma eschola secreta e uma litteratura apocrypha do chaldaismo. As Fórmulas inintelligiveis colligidas pelo medico de Bordeus, Marcello, do quarto seculo da era moderna, ao passo que nos revelam a corrente predominante do chaldaismo, são de proveniencia popular, o que nos comprova a existencia de um fundo popular de superstições na região da Aquitania, isto é, onde o elemento iberico resistiu mais tempo ás invasões celticas. O facto de serem populares na Aquitania leva-nos a inferir a sua origem iberica, e por tanto tendo relações tradicionaes com os cultos accadicos, e a precisar pela ethnologia a rasão da unidade das superstições occidentaes. Diz Ernest Charrière; «Nós não vemos difficuldades para crêr que na primitiva, a raça hespanhola e a italiana eram identicas e vinham juntar-se pelo laço natural da *Aquitania* e pelo meio-dia da Gallia, como o indicam todas as relações actuaes. A analogia da raça iberica com esta antiga raça autochtone que apresentam todas as antiguidades da Italia, tão completamente obliterada na historia sob a triplíce invasão dos Gaulezes, dos Etruscos e dos Gregos, deve ter sido anterior mesmo áquella que se estabeleceu depois pela imigração dos Sicanos e

Ligurios, e as denominações ibericas da Italia podem pertencer a esta communhão natural, que nós attribuímos ás duas populações.»<sup>1</sup> Não poderíamos apresentar com mais clareza o problema ethnico do occidente da Europa por onde se conhece a importancia do estudo das Fórmulas de Marcello para a comprehensão das mais remotas origens das nossas superstições e em especial da tradição das *palavras desconhecidas*.

Na magia popular da Europa conservaram-se as palavras de imprecação *Hilca, Becha*, que Lenormant vae encontrar nos livros accadicos da Chaldèa; este facto indica um caminho para a critica, e poder-se-ha suppôr, que as *palavras desconhecidas* reconhecidas com certas virtudes nas superstições populares serão muitas d'ellas conservadas como fórmulas tradicionaes accadicas, mas sem a consciencia da sua origem. No livro de Marcello, *De Medicamentis*, escripto no fim do IV seculo, vem muitas fórmulas de medicina popular, palavras inintelligiveis de imprecações, que o medico burdigalense colligiu dos costumes e da tradição oral, como elle proprio o confessa; *Ab agrestibus et plebeis... dedici*. Jacob Grimm, o homem que alliou o genio com a erudição, publicou em 1849 um estudo *Sobre as Fórmulas de Marcello*, em que procurava provar que as palavras inintelligiveis eram vestigios de um dialecto gaélico fallado na Aquitania, para o que cortou essas fórmulas segundo a conveniencia da approximação de palavras celticas, apoiando-se ao mesmo tempo nos nomes celticas de plantas empregadas por Marcello. O grande celtista Zeus não se conformou com as explicações de Grimm, adherindo em 1855 ao modo de vêr d'este philologo Adolpho Pictet, o que fez com que Jacob Grimm dêsse um novo vigor ao problema. Belloguet, na *Ethnogenia gauleza*, deixa em desconfiança a interpretação de Grimm, porque essa these parte da hypothese que o gaulez da Celtica invadira a Aquitania extinguindo a lingua que aí se fallava no tempo de Cesar, lingua que se julga ter sido o *ibero* ou basco.

A região a que pertencia Marcello Burdigalense, a Aquitania, onde os Ausci ou Iberos persistiram resistindo ás invasões dos Arias na Europa, leva-nos pela particularidade da sua ethnologia, a procurar uma outra solução para este problema. Só depois que em 1866, Rawlinson e Norris publicaram as fórmulas da magia accadica, é que se produziram os elementos para

<sup>1</sup> Lenormant, *La Magie chez les Chaldéens*, p. 25.

<sup>1</sup> *La Politique de l'Histoire*, t. I, p. 81.



determinar os paradigmas das primitivas superstições da Europa, assim como pelo lyrismo accadico se determinam tambem os typos das canções trabadorescas do occidente. No tempo em que trabalharam Grimm e Pictet, ainda não eram conhecidos estes inesperados recursos scientificos, e é por isso que os seus resultados, partindo de uma hypothese gratuita, apenas chegam a explicações engenhosas. Conhecidas as palavras accadicas protomedicas, susianas e assyricas usadas nas imprecações e esconjuros da magia chaldeo-babylonica, é necessario com estes dados novos que se retome o problema como o deixou Grimm, e se considerem as Fórmulas marcellicas, que foram colligidas da bocca do povo, como vestigios tradicionaes da raça que estacionou na Aquitania e aí resistiu ás invações celticas. Recuamos o campo historico, e damos uma base positiva, isto é, os ritos magicos e a medicina augural, que os Celtas não tinham mas sim os Iberos acantonados na Aquitania, para a aproximação e intelligencia das Fórmulas.

Eis a primeira das fórmulas de Marcello burdigalense (cap. 8.):

I EXCICUMACRIOSUS.

Pela aproximação das imprecações accadicas, leriamos: *Excicu Ma Cr Rios (us)*, que correspondem ás seguintes imprecações:

- Asakku* (a febre) em assyrico
- Ma* (o paiz) em accadico
- Kur* (a mantanha) »
- Rus* (o choque) »

Ainda hoje nas imprecações populares, o mal é repellido para longe, para lá das montanhas, para os mares amarells, etc.; a parte medicinal nunca tem relação com as fórmulas populares, e foi esta errada preocupação explicativa que levou Grimm e Pictet a traduzirem as fórmulas á priori pela analogia com os remedios indicados por Marcello.

II A segunda fórmula é: TETUNCRESONCO, BREGAN, GRESSO, que dividiriamos segundo as palavras accádicas imprecativas do seguinte modo: *T-etunc Res Onco Bre-gan Gresso*. Correspondem as accadicas:

- Zi* (espírito)
- Utua* (demonio favoravel)
- Res* (choque)
- s'unki* (imperio) em susiano
- Bil-gê* (chamma ardente)
- Gurus* (elevado)

III A terceira fórmula é INMON DERCOMARCOS AXATISON, a qual dividiriamos segundo as pala-

avras correspondentes das fórmulas magicas da Chaldêa: *In mon d' erco mar cós ax sa ta son..*

- Inne* (não) em proto-medico
- Mun* (bemfazejo) em accadico
- de* (mudar) »
- hur-ki* (proteger, illuminar) »
- mar* (caminho) »
- kus* (dirigir) »
- as* (imprecação) »
- sa* (campo) »
- da* (ir) »
- sû* (forçar) »

IV RICA RICA SORO.

- Ruk* (homem) proto-med.
- sera* (por) »

V KURIA KURIA KASSARIASOURORBI.

- Kurra* (oriente) acc.
- kas* (dois) »
- hur* (proteger) »
- As* (encanto) »
- ir* (nadir) »
- ub* (região) »

VI VIGARIA GASARIA.

- Ua* (casa) sus.
- galla* (demonio) ass.
- ge* (inferior) acc.
- zi* (espírito) »
- ria* (correr) »

VII ARGIDAM, MARGIDAM, STURGIDAM.

- Ar* (região) »
- ge* (inferior) »
- dam* (esposa) »
- Mar* (caminho) »
- ge* — »
- dam* — »
- As* (seis) »
- tur* (passar) »
- ge* — »
- dam* — »

VIII CRISI, CRASI, CONCRASI.

- kû* (elevado) acc.
- rus* (choque) »
- kra* (face) »
- khon* (feixe) »

IX HEILEN PROSAGGERI UOME SIPOLLA NABULIET

- ONODIENI IDEN ELITON.
- Oulom* (deus phenicio) p. 122, Len.
- par* (brilhante) acc.
- zakuz* (brilhante) acc.
- ua* (casa) prot, med.
- me* (não) acc.
- Soubulal* (deus caldeo-blab.) p. 110.
- Nabirtu* (deus susiano) 321.



*Tuoni* (deus finl.) 230.

*Dunyas* (deus cissiense).

*id* (um).

*en* (encanto).

*in Zuna* (o deus Sin) 16, 127.

X XI EXUCRICONE XU CRIGRIONAISUS SCRISUMIOUE-  
LOR EXUGRICONEXUGRILAU.

*Zi* (espírito) vè: si.

*sakri* (filho) prot. med.

*aur kinuw* (o ser existente) assys.

*gur* (restabelecer) ou.

*nazi* (senhor) sus.

....

....

....

*sakri*

*aur kinuw*

*Zi*

....

XI SICYCUMA CUCUMA UCUMA CUMA, UMA MA A.

*Sikku* (deus cissiense).

*Khumba* (deus cissiense).

*Khumbume* (id. susiano.)

É possível que as palavras para que não achamos analogas nas imprecações mágicas da Chaldêa provenham d'outras linguas falladas na Europa depois do seculo iv, ou mesmo que estas fórmulas estejam deturpadas pela pronuncia popular de uma lingua não escripta ou reduzida á escripta sob a pronuncia da baixa latinidade. Se o nosso ponto de partida, que julgamos admissivel, se justifica pelos trabalhos linguisticos dos assyriologos, então pôde dizer-se que se determinou a mais profunda camada das superstições ante-historicas da Europa e a verdadeira base para a unidade das tradições occidentaes. Tentaremos esta exploração aproximando as imprecações accádicas das superstições populares.

Rawlinson e Norris publicaram uma série de vinte e oito fórmulas de imprecações da Chaldêa, achadas nas ruinas do palacio real de Niveve, e escriptas no velho accadico, lingua sagrada, que foi para a civilização assyrio-babylo-nica o mesmo que o latim foi para os crentes da idade media da Europa. Estas vinte e oito fórmulas, traduzidas do texto primitivo por Lenormant, encerram riquissimos elementos comparativos para recompormos a camada turaniana ou iberica das superstições populares, que ainda subsistem. Na primeira fórmula do encantamento deprecatorio cita-se o *demonio do deserto*; <sup>1</sup>

nas ilhas chama-se-lhe o Entreaberto e só apparece nos logares solitarios, á hora magica do meio dia. O *demonio do mar* corresponde ás *fadadas marinhas* e á crença de que o mar todos os dias devora um folego vivo; é tambem no mar que andam os diabos á solta no dia de S. Bartholomeu.

Na segunda fórmula, falla-se no *Demonio que se apossa do homem*, e a esta superstição corresponde a possessão demoniaca, que recrudescceu no seculo xvi, sendo o pretexto para os tremendos processos judiciarios da Allemanha, e das fogueiras da Inquisição em Hespanha e Portugal. Na terceira fórmula fala-se na prostituição sagrada, que apparece nos costumes da Edade media, e allude-se ao periodo magico do *começo do mez incompleto*; tambem na fórmula xv ainda se repete *no começo de um mez incompleto*. Em uma nota ajunta Lenormant: «Parece que o *mez incompleto*, expressão que nós não podemos explicar por ora de um modo satisfatorio, mas que se reproduz muitissimas vezes nos documentos magicos, era um momento particularmente nefasto.» <sup>1</sup> Nos cantos populares portuguezes e hespanhoes é frequente este prazo magico:

Era pelo *mez de abril*,  
De maio antes um dia.

Na fórmula iv vem a imprecação contra o *demonio que fórma nós*, e contra a *ulcera que se propaga*. O rachitismo é ainda considerado pelo povo como *nós* que não deixam crescer a criança, e chamam atado ao homem que não pode ter relações senão com uma mulher por effeito de sortilegios. Na medicina do povo, os *cobros*, ou a *cobrella* são as ulceras que se propagam, as quaes se curam com uma oração especial. Na fórmula v, ha a imprecação contra o *pezadello*, superstição ainda vulgar em todas as classes sociaes. A fórmula vi é cheia de referencias a superstições ainda vigorosas; impreca-se ahi contra *aquelle que fabrica a imagem*, contra o *olho mão*, e a *palavra malfazeja*; a primeira referencia é a dos feitiços contra uma pessoa, praticados na imagem d'ella fabricada para esse fim; o *olho mão* é o poder que tem o olhar de certas pessoas para causarem desastres, ou dar quebranto; é esta a fonte de todos os males entre o povo, e as curas começam sempre por uma oração para tirar o quebranto. A *palavra malfazeja*, é a praga rogada, que tem um tremendo poder.

(Continúa).

THEOPHILO BRAGA.

<sup>1</sup> Ap. Lenormant, *La Magie chez les Chaldéens*, p. 3.

<sup>1</sup> Op. cit., p. 7.





TRAHIDO! — Desenho de E. Bayard, segundo o texto

## COMO EU ATRAVESSEI A AFRICA

DO ATLANTICO AO MAR INDICO—VIAGEM DE BENGUELLA Á CONTRA-COSTA—ATRAVÉS REGIÕES  
DESCONHECIDAS—DETERMINAÇÕES GEOGRAPHICAS E ESTUDOS ETHNOGRAPHICOS

POR

**SERPA PINTO**

PRIMEIRA PARTE

### A CARABINA D'EL-REI

(Continuado da folha 45)

**P**MA vez que fallei na escravatura, direi ainda mais algumas palavras sobre ella.

Portugal, a Inglaterra e a França tem nos ultimos tempos empenhado uma verdadeira lucta contra o commercio da carne humana, e as modificações feitas nas antigas praxes americanas, concorreram para que esse commercio diminuisse consideravelmente, e se modificasse essencialmente na Africa Austral.

Comtudo, eu atrevo-me a dizer, que não será

ainda a geração que ora começa, aquella que verá desaparecer o escravo do solo Africano.

O mesmo principio que imperava outr'ora na America, fazendo colonisar com os escravos, existe e existirá por muito tempo em Africa.

Os governos pretos tambem tem a sua politica colonisadora, e entre elles e os logares de procedencia do escravo, falta-nos um Oceano, onde possamos fazer singrar as nossas esquadras, e proteger os mesquinhos com as nossas



baterias d'aço. Só os principios civilisadores poderão fazer cessar um dia a escravidão; mas infelizmente esse dia está longe, porque os argumentos de que se servem esses principios, são menos eloquentes e menos energicos do que os projecteis cylindro-cónicos o foram no Atlantico e no Indico.

Eu tenho para mim, que a abolição da escravatura, no interior da Africa Austral ha-de existir de facto, quando deixar de existir a polygamia entre os pretos; porque, ainda que os principios civilisadores façam desaparecer o escravo, a sensualidade azinina do negro fará substituir a escrava.

Isto não quer dizer que eu descreia de que se possam dar alguns rudes golpes de immediato effeito no reprovado commercio, mas sim que penso na difficuldade do seu completo terminio. Já vae longa a divagação, voltemos ao assumpto.

Dizia eu, que as raparigas não quizeram ser livres, e seguiram os seus conductores.

Eu preparei-me tambem para partir, forçado sobre tudo pelas imperiosas necessidades dos estomagos, que em viagens de exploração governam tanto e mais do que as sociedades de geographia.

Segui quasi a Leste, e depois de marcha de duas horas, avistava uma povoação e acampava na margem de um ribeiro perto d'ella. Soube que ribeiro e povoação se chamavam Bembe.

Quando começava a faina de cortar madeira para acampar, vi de repente os meus pretos dispersarem-se em varias direcções, fugindo espavoridos. Não atinava eu com a causa de tal terror, e dirigi-me ao sitio onde elles trabalhavam, a investigar o que seria. No logar onde eu tinha mandado construir o campo, milhões da terrivel formiga chamada pelos Bihenos Quissonde, sahiam da terra, e d'ella fugiram os meus homens. A formiga Quissonde é uma das mais temiveis feras do continente Africano. Dizem os naturaes que ataca e mata o elephante, introduzindo-se-lhe na tromba e nos ouvidos. É inimigo que se não pôde combater, e atacando aos milhares, só se lhe pôde escapar na fuga. O Quissonde tem entre 6 e 8 milímetros de comprimento, cor castanho-clara muito luzidia.

As mandibulas d'este feroz hymenoptero, são fortissimas e de grandeza desproporcionada.

Da sua mordedura no homem sahe logo um jacto de sangue.

Os chefes conduzem as suas phalanges a

grandes distancias, e atacam todo animal que encontram no seu caminho.

Por mais de uma vez, durante a minha viagem, tive de fugir aos ataques d'este feroz insecto. Algumas vezes vi nos caminhos centenas d'ellas esfregadas aos pés, levantarem-se, e continuarem a sua marcha, primeiro lentamente depois com a sua celeridade ordinaria, tanta é a sua vitalidade.

Vem a proposito fallar aqui de outras formigas mais vulgares do que o Quissonde.

Uma é pequena, de tres milímetros a quatro de comprimento, negra e como o Quissonde armada de fortes mandibulas. Chamam-lhe os Bihenos Olunginge. É o maior inimigo das termites, contra as quaes dirige terriveis ataques, e que vence apesar da desproporção do seu tamanho.

Estas pequenas formigas são um verdadeiro beneficio, pela enorme destruição que causam nas larvas, nymphas e ovas das termites.

Em alguns pontos encontrei nas habitações das termites uma grande quantidade de formigas enormes, attingindo o comprimento de 20 milímetros, que vivem em communidade com os abundantes nevropteros da Africa Austral.

Estas formigas, supponho eu, que, pouco dadas ao trabalho de construir habitações, vão procurar nas construcções termiticas abrigo e morada.

Nenhum d'estes pequenos insectos ataca o homem além do Quissonde, que o ataca sempre, e ainda nas margens do rio Bembe fez dispersar os meus carregadores.

Tive pois de ir longe escolher outro sitio para acampar.

Voltaram da povoação do Bembe alguns homens que ali tinha enviado, com a triste nova de que o soveta dera ordem para nada me venderem.

A fome já se fazia sentir muito, caça não apparecia, e apenas tivemos n'esse dia um punhado de massango, que tanto coube a cada um de nós na divisão que fiz, do pouco que obtivemos na margem do rio Cuito.

Ali o paiz já era completamente desconhecido a todos, e nenhuma informação podiamos colher do gentio esquivo.

Reuni os meus pombeiros, e fiz-lhes vêr a grande necessidade de alargarmos a marcha no dia seguinte, até encontrarmos povoações mais hospitaleiras.

Elles convieram na imperiosa necessidade,



e apesar de muito carregada a comitiva, e enfraquecida pela falta de alimento, decidiram animar a sua gente para os fazer ir ávante. Havia dois dias que encontrava vestígios de ter sido outr'ora povoadissimo este paiz, pelas ruínas já antigas de muitas povoações que encontrei.

O que determinaria este abandono?

Seria a devastação pela escravatura? Seria a insalubridade do clima? Seria a falta de caça? Seria a má qualidade do terreno?

Não o pude saber; mas a primeira hypothese parece-me a mais admissivel.

O facto era, que essa falta de população inesperada nos creou o maior embarço, e eu n'essa noite soffri horriavelmente das torturas da fome. No dia immediato, tive logo de manhã o transtorno de um carregador doente, mas o meu doutor Chacaiombe houve-se com toda a bizzarria e offereceu-se para levar a carga.

Na occasião de partir, appareceram uns enviados do sovêta do Bembe, pedindo-me alguma cousa para elle; fiz-lhes vêr o mau procedimento do sovêta para commigo, e mandei-os pôr fóra do campo.

Segui ás 8 horas e 40 minutos. O rio Bembe, que tinha a vadear, tem 2 metros de largo por 1 de fundo e corre a S. O. para o Cuito.

A sua margem direita é montanha ingreme, mas a esquerda, depois de uma trincheira quasi vertical, de 10 metros, estende-se plana e paludosa, por 1 kilometro.

A marcha através do paúl levou uma hora, e fatigou muito a faminta caravana.

O terreno em seguida é levemente inclinado e coberto de uma vegetação arborescente difficil de transpôr. Depois de outra hora de fatigante caminhar comecei a descer uma encosta, a cujo sopê se desenrolava uma planicie, occulta por densa floresta. Desci uns 50 metros para alcançar a orla da matta, mas tive logo de alterar o meu rumo. A floresta era impassavel.

Aproveitei um difficil trilho de caça, que ora me levava a Leste, ora a Noroeste, e depois a Sueste, até que o terreno me faltou de repente.

Um sulco profundo de 100 metros, cavado pelas aguas de um ribeiro, tolhia-me a passagem. A difficuldade do caminho, o peso das cargas, e a fraqueza dos meus carregadores, obrigaram-me a acampar ali.

A fome já se fazia sentir em todos os seus horrores. Uma esperanza todavia me animava: eu tinha visto vestígios de caça.

Pouco depois de chegarmos, matou-se no

campo uma cobra, que me disse o meu doutor ser muito venenosa, mas haver contraveneno á sua mordedura. Tinha 1 metro de comprido, e era côr de telha no dorso, tendo o ventre um pouco mais claro. Os olhos eram verdes, muito brilhantes e a lingua bipartida.

A bocca era armada de quatro dentes dispostos como as presas de um cão. Ahi ficam os signaes d'ella para aquelles que pisarem um dia aquellas paragens.

Era preciso caçar, e eu, logo que fiz as minhas observações parti para um lado, e mandei em outras direcções os meus pretos Augusto e Miguel, os unicos que têm algumas manhas de caçadores na minha comitiva.

Encontrei perto do campo um grande rasto de bufalos e segui-o.

Não se faz ideia na Europa do que seja caçar para comer. É um prazer horriavel.

Deve ser assim o apontar á banca do jogador que precisa ganhar uma certa quantia para pagar uma divida de honra, e que mistura o febril prazer do jogo com a cruciante angustia da incerteza. Os olhos com que elle devora as cartas que lentamente vão escorregando por entre os dedos do banqueiro, os olhos que queriam penetrar através da carta opaca para antecipar o o desfecho da agonia da duvida, no fim da qual está a salvação ou a morte suicida, devem ter a mesma expressão dos olhos do caçador faminto, que prescruta a floresta em busca da caça que é para elle questão de vida ou morte.

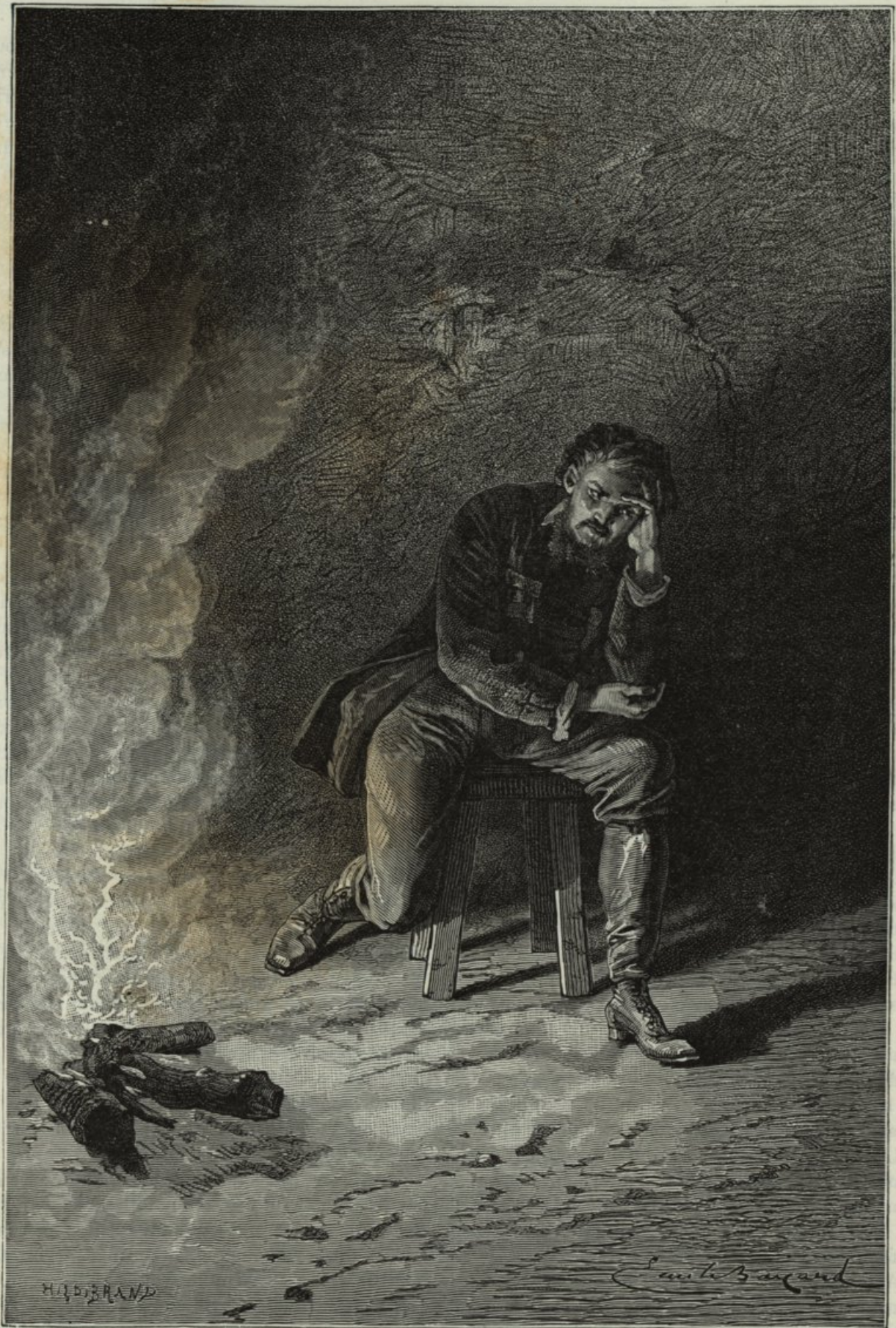
Ha comtudo uma differença.

É que o caçador faminto pôde invocar em seu auxilio a Divindade, pôde balbuciar uma supplica a Deus.

Ao passo que o caçador por prazer segue descuidoso uma pista, cheio de felizes emoções ao avistar o gamo que procura; caminha desasombroadamente, sabendo que no sitio ajustado, um cosinheiro prepara optimos manjares, que pára aqui e além para çontemplar uma flôr mimosa, uma paisagem agradavel. O caçador por necessidade só pensa na caça que, matando-a, lhe matara a fome.

Ao passo que um caminha curvado para chegar ao alcance do tiro, o outro deita-se de rastos, não sente os espinhos que lhe rasgam as carnes, e por umas palhas que faz tremer, treme tambem de dar um alarme, e caminha devagar, devagar, reduzindo a distancia para que o tiro não falhe, com o coração a palpitar e com o estomago a bradar em contorsões pungentes.





DESEPERO — Desenho de E. Bayard, segundo o texto



Deve ser assim o caçar do tigre e do leão. O rasto que eu segui levou-me ao fundo do precipicio onde corre o pequeno correjo, e por muito tempo segui a sua margem direita, passando depois á esquerda, onde vi os bufalos, que caminhavam pastando na orla de uma densa floresta virgem.

Estavam a 500 metros de mim.

Começou então esse fatigante caminhar de

rojo, a carabina a tiracollo como que nadando n'um mar de palha curta. De quando em quando levantava a cabeça descoberta para espreitar a minha presa, e proseguia n'aquelle caminhar difficil cheio de commoções. Os bufalos pastando, ora caminhavam ora paravam, sempre na orla da matta. Se paravam que alegria, se andavam que desespero o meu!

(Continua.)

## CRUZEIROS NA COSTA D'AFRICA

(Continuado da folha 45)

**A**S MULHERES africanas tendo geralmente as mãos muito delicadas, são de espantosa destreza em arrancar a derme do filiolo d'esta palmeira que tiram com um unico movimento, dividindo em fios antes de pôr em obra as largas fitas que obteem por este processo.

As esteiras é uma das industrias mais nacionaes da Africa equatorial; a materia prima com que são feitas é tirada do *Pandanus* ou *Vagua* planta muita espalhada em todas as regiões tropicaes. Os africanos sabem variar os desenhos e os coloridos das suas esteiras e a arte da tecelagem tem feito muitos progressos. Estes desenhos, assim como os que fazem nas cubatas, são figuras planas sem sombras nem perspectiva.

A arte de fabricar o ferro é conhecida pelos Africanos desde tempos immemoriaes. O folle da forja na costa occidental e no Sudão consiste em duas pelles hermeticamente cosidas reunindo-se no tubo que activa a combustão.

Os emigrantes malaios e indos que vieram fixar-se em Madagascar, nas costas de Moçambique e do Zanzibar, no meio dos Africanos, modificaram o folle arabe; o ventilador malaio ou indo desde logo adoptado consiste em dois corpos de bomba que estabelecem uma corrente continua, fazendo alternativamente refluir o ar nos dois tubos, é talvez um progresso. Seja qual fôr o folle empregado o seu motor é invariavelmente uma creança ou um adulto que lhe imprime movimento com as duas mãos, estabelecendo assim a corrente d'ar destinada a activar a combustão do carvão que é sempre produzido pelas florestas proximas.

A arte plastica não tem progredido mais em

Africa do que o desenho; consiste na representação d'idolos, em grupos melhor ou peor definidos. M. Touhou colleccionou em Loanda muitos marfins esculpidos, alguns dos quaes não deixam de ter certa originalidade.

Um d'elles representa um par repetido duas vezes; as quatro figuras com as costas voltadas umas para as outras formam um grupo curioso em que os dois sexos são duas vezes reproduzidos. Consultando o pantheon africano vê-se que esta figura quadrupula é provavelmente o mytho de Havier e de Cassombé, prototypo de separação seixual; são tambem invocados nas enfermidades cutaneas tão communs em Africa.

Havier tem calças até aos tornozelos; a cabeça está coberta com um chapéu africano; o pau que tem na mão uma das figuras é inteiriço e na outra representa um parafuso.

Cassombé é representado d'uma maneira identica nas duas figuras; tem por unico vestuario um capuz na cabeça e na mão aperta um frasco. A cabeça relativamente ao corpo é exagerada; posto que as figuras estejam mutiladas vê-se que o nariz é achatado; a curva que liga a barba ao pescoço n'uma das figuras de Cassombé tem certa elegancia, em quanto que na outra a divindade curva disgraciosamente a cabeça; os labios são grossos e ambas as figuras têm a bocca aberta; o rosto tem um ar estúpido. Nas quatro figuras os olhos são bem fendidos, as arcadas supreciliares muito acentuadas, as orelhas salientes, o que dá a estas cabeças uma expressão bestial.

É provavel que este grupo represente o idolo chamado Itéque que desempenha um grande papel na vida religiosa dos negros d'Angola. Na



segunda escultura Havier está escarranchado nos hombros de Cassombé, que tem as duas mamas reunidas n'uma só.

Parece evidente, comparando estas esculturas africanas com os deuses do pantheon indo, que a escola d'escultura da costa de Malabar actuou sobre a arte africana. Comprei em Goa duas figuras que parecem ter sido trabalhadas pelo mesmo processo e além d'isso os dois paus e o barrete de Havier encontram-se nas diversas representações de Vichnu, reproduzidas no *Recueil des divinités indiennes* de Moore; o segundo grupo pôde ser uma reminiscencia de Garouda, nome turco de Vichnu.

A mais importante das esculturas em marfim em meu poder é um bocado de marfim em fôrma de dente d'elephante de cincoenta centímetros de comprimento, onde em dezaseis figuras está representada a escravatura. Os dezaseis altos relevos enrolam-se formando uma helice, cujo desenvolvimento attinge sessenta centímetros; um cordão com a largura d'um centimetro, no qual estão representadas serpentes, conchas, peixes, separa os grupos das figuras que têm uma altura variavel entre cinco e seis centímetros.

As primeiras tres figuras na parte inferior representam tres escravos atados pelo pescoço ao bambu que os reúne; o primeiro deve ter succumbido pelo canso; não sabendo sem duvida como exprimir esta prostração, o artista representou o corpo do morto em angulo recto com os seus companheiros, de fôrma que voltando-se o marfim a figura fica em pé e poder-se-hia julgar-a representando um ser vivo, se as costellas não estivessem muito acentuadas, indicando assim representar um cadaver. As duas figuras de vivos sobem com passo firme, arrastando após de si o seu companheiro; são precedidos por um porta-bandeira, nem mais nem menos que Stanley ou Livingstone, que leva uma bandeira, onde se vê uma cruz e duas pequenas esferas.

Os carregadores marcham adeante da bandeira; levam á cabeça, aos hombros, ou na mão, objectos para negociar: espingardas, barris de polvora, rolos de tecidos; o commandante da leva volta-se para a vigiar; a cobrir a cabeça leva uma mitra ponteguda, e prompto a reprimir qualquer revolta tem a mão no punho da espada.

Um pequeno idyllio amenisa a severidade do quadro. Não tenho a certeza de que a fabula de

Psyché e de Cupido tenha chegado até ao Congo, no caso de assim ter succedido este grupo é a sua representação. Cupido tem no carcaz a mão esquerda d'onde tira uma flecha para ferir Psyché, a quem segura pelo braço direito; Psyché querendo libertar-se leva a mão á cabeça. Este quadro podia também representar a felicidade domestica de que gosava a Africa antes que a escravatura ahi tivesse lançado as suas redes. Um velho arabe que leva um papagaio empoleirado na extremidade d'um pau, sobe com difficuldade a rampa que conduz á fortuna; a sua barba é comprida e leva a mão no sabre em signal d'ir precavido; o papagaio segura uma noz com uma das garras. Ainda n'isto se podem vêr vestigios d'invasão. As pennas do papagaio têm um grande papel na vida militar da Africa Central; servem para provocar desafios e ornar a cabeça dos guerreiros.

As nozes, segundo a sua côr, symbolisam a paz ou a guerra; as brancas são signaes de paz, as vermelhas equivalem a uma declaração de guerra.

Em seguida vê-se um quadro representando outro idyllio. Daphnis que tem um leque ao fundo da espinha dorsal levanta a mão direita; encontraria uma Galathea negra, ou disputará o premio do canto com Tityere? é o que eu não posso advinhar. Chloé protege-os; acaricia meigamente a cabeça de Tityere e sem duvida diz aos pastores: «Não se domorem;» com a mão direita indica o caminho que conduz ao vertice, onde deve estar o templo da Fortuna.

Chloé por unico vestuario tem um barrete identico ao que cobre a cabeça de todas as figuras; orna-lhe o pescoço um collar elegante. Como o precedente este quadro é provavelmente um protesto contra a invasão arabe que trouxe após de si a escravidão; o artista poz uma scena domestica em frente d'uma scena d'escravidão. O negreiro tendo-se arrancado do jardim d'Armida começa a fazer fortuna, pois traz uma tunica europêa; as feições são acentuadamente africanas; tem um guarda-chuva ao hombro e um cachimbo na bocca; tudo parece sorrir-lhe, as flores tapetam-lhe o caminho.

No quadro seguinte encontra-se novamente o arabe; o bigode cáe-lhe á moda chineza; já não leva burnal ás costas; tem na mão esquerda um instrumento que poderia ser o punhal tirado do cinto; a mão direita leva-a no bolso de um jaquetão europeu; diante d'elle está uma bilha em que pôde niatar a sede: toca o termo



da viagem; mas tambem como Moisés não verá a terra promettida.

Esta gravura é evidentemente a obra de um africano bem legitimo; posto que a figura que termina o marfim tenha um boné escossez e um casaco, cujas abas se abrem por cima do cofre em que está sentada, é indubitavel que representa um filho de Cham; o queixo não tem barba, as narinas são achatadas, o labio inferior é muito grosso; a arrogancia e a vaidade do negro patenteiam-se no seu olhar obliquo; um brinco pende-lhe da orelha direita; uma cadeia, que lhe dá uma volta ao pescoço, cõe-lhe sobre o peito; é sem duvida alguma a ostentação do barbaro, do Africano enriquecido. Vestuario algum esconde a sua corpolencia; os tornozellos impedem que lhe caiam os anneis com que tem enfeitadas as pernas; os seus pés largos desenham-se achatados sobre o solo; está sentado sobre um cofre, onde se accumulou ouro, fructo da venda dos escravos arrancados ás suas familias, muitas vezes vendidos pelos proprios paes. Porque poria o esculptor a fechadura do cofre para o lado das costas da figura? seria para indicar que o fructo das rapinas se escaparia sem que o proprietario o soubesse? É preciso convir que seria terminar este quadro de costumes por um picante rasgo de espirito e que entre os esculptores africanos ha philosophos humoristas que têm um certo valor.

As terras que se estendem desde a embocadura do Quanza até S. Philippe de Benguella são altas e d'aspecto arido; de espaços a espaços uma palmeira ergue a sua estatura elegante nas enseadas onde desagôam os rios, vegetam coqueiros á sombra dos quaes se avistam pirogas. O districto de Benguella muito extenso e accidentado é regado por um grande numero de rios que têm as nascentes nas montanhas do interior; é habitado por uma raça selvagem que tem conservado os usos dos seus antepassados; os europeus com difficuldade penetram n'estas regiões, onde os *pombeiros* são os intermediarios d'estes povos primitivos com os pontos occupados na costa pelos portuguezes.

Visitei Benguella, capital d'esta provincia a 27 de agosto de 1867.

A barra está aberta do noroeste para o sudoeste; os ventos do mar sopram ali em cheio; um morro elevado, coberto d'arvores, chamado Bonné de S. Philippe, serve de balisa quando se queira aportar. A cidade, situada na praia, está encostada a altas montanhas d'onde se despe-

nam torrentes que vem encharcar-se em baixo exhalando miasmas pestilentos. A população d'esta cidade é de cerca de quatro mil almas; ali vêem-se poucas casas á europêa; um hospital e duas egrejas são os unicos monumentos publicos; o rio Catumbela, situado ao norte, fornece a agua para a cidade, para aqui transportada em barcos.

Em Benguella encontrei um official de marinha ainda novo que pedira a demissão para se entregar ao commercio; disse-me que o clima se ia tornando mais saudavel á maneira que se caminhava para o interior; que n'aquella região se fazia um commercio remunerador em urseilha, cêra, enxofre e oleo de palma.

A bahia dos Elephantes situada um pouco ao norte do cabo Santa Maria é um dos melhores ancoradouros d'esta costa. Os navios francezes e inglezes vão ordinariamente ali fazer exercicios; a pesca aqui é facil; magnificas ostras estão incrustadas nos rochedos que limitam a bahia e dão farto alimento ás tripulações; de noite os animaes ferozes vem rondar até junto das margens da bahia e têm-se grandes tentações de se lhe fazerem esperas.

Durante uma das minhas estadas n'esta bahia dei licença aos officiaes da *Zenobie* para irem á caça. Logo que anoiteceu a sua attenção foi dispertada pelos passos e gritos de diversos animaes, mas a escuridão da noite tornou esteril a caçada; limitaram-se a bivacar, mas, tendo augmentado em volta d'elles o numero d'animaes, foram obrigados a refugiar-se sobre um enorme rochedo cubico, excellente alvo para os tiros de peça. As pegadas mais numerosas que ahi encontrei foram de zebras e gazellas; os animaes carnivoros, taes como os leões e as hyenas, saltam muitas vezes sobre estes animaes inoffensivos e fazem d'elles presa; as suas pegadas vêem-se misturadas com as das gazellas; as zebras encontram-se mesmo de dia nos valles superiores d'estes outeiros.

Uma camada d'amphibolo deixa vêr-se através dos terrenos secundarios que formam a base d'este solo; cristalisou por cima do calcareo jurassico e fôrma elevações de mais de quatrocentos metros acima d'este estreito valle. N'esta localidade nem agua, nem habitantes; uma montanha abrupta, que é preciso subir por caminhos de cabra, separa-a d'Aquimina, possessão portugueza, onde se fazem algumas plantações de canna d'assucar e onde ha uma fabrica d'agua ardente; aqui ha nascentes de agua potavel. A



camada de agua está muito proxima do solo e é raro que escavando-se quatro metros se não encontre agua; os portuguezes usam baldes e noras para fazerem as suas regas.

Frequentemente os leões visitam os arredores d'Aquimina; a auctoridade portugueza tinha em pouco tempo morto ali tres; os seus esqueletos eram pequenos. Durante o dia refugiam-se nas cavernas das montanhas proximas. O desembarque n'esta bahia é facil para escaleres, mas não tem ancoradouro para navios de alto bordo. A costa continua a ser alta e abrupta desde o cabo de Santa-Maria até Mossamedes.

Brazileiros e portuguezes depois de terem tentado fortuna na America são os alimentadores do movimento de colonisação que ha trinta annos para cá tende a transformar esta parte da Africa n'uma região agricola; a canna d'assucar, o café, o algodão são as tres plantas mais cultivadas; o anil foi antigamente cultivado em grande escala e muito perto de S. Paulo de Loanda encontram-se ainda as ruinas d'uma fabrica de anil, cujas cisternas estão em excellente estado e poderiam hoje ser aproveitadas.

A bahia de Mossamedes, que eu visitei por duas vezés, offerece aos navios da maior tonelagem um excellente abrigo; a cidade estende-se por uma costa em fôrma de crescente com duas milhas de compartimento; seria facil construir o caes de desembarque que tanta falta ali faz; as casas são bonitas e fazem lembrar a Europa ao viajante cansado d'aridez africana; comtudo a illusão é pouco duradoura, pois que quasi tudo que ha em Mossamedes é exotico; o cavallo e a mula, o proprio burro apenas ali são conhecidos; os indigenas do cabo Negro criam numerosos rebanhos, onde os portuguezes largamente se podem abastecer; mettem ao jugo ou montam bois educados expressamente para esses serviços.

Nada pôde descrever o singular effeito que produz este pesado animal tendo sobre o dorso uma enorme sella, onde cavalga um individuo, que visto de frente, parece ir entre o parenthesis formado pelos cornos do boi.

Os brancos e as mulheres andam em machilas.

Os hespanhoes e os portuguezes, essencialmente pastores, têm uma grande habilidade para multiplicarem o gado e além d'isso a de reproduzirem as melhores especies de fructos: as laranjas do Brazil são celebres pela variedade, precocidade e abundancia. Os portuguezes leva-

ram para a Africa uma parte das riquezas vegetaes trazidas da India. São de extraordinaria habilidade no enxertar fazendo com exito aproximações apparentemente paradoxas. O milho é d'origem europêa. O Rev. Durand, hoje membro da Sociedade de Geographia de Paris, conhecido pelas suas viagens e pelas suas publicações a respeito do Brazil affirmou-me que tinha adquirido a certeza de ter a corôa de Portugal exportado para a Africa milhões d'Indios do Brazil. Não encontro vestigios d'estas emigrações, mas será interessante o estudo d'esta contracorrente americana.

Os cafês d'Angola têm adquirido uma verdadeira importancia; os de Cassengo vendem-se a vinte um mil seiscentos réis cada cem kilogrammas; têm um perfume particular que lhes permite lutar com os do mar Vermelho e com os do Rio Nunez de que se aproximam muito; os cafês americanos estão longe de lhes serem eguaes.

#### XXXIV

As columnas commemorativas—A colonia do Cabo—O mar do Cabo—O navio phantasma—Decadencia das sociedades—O futuro.

Era uso no decimo quinto seculo tomar posse das terras descobertas em nome da corôa a que pertencia a força naval empregada n'esses reconhecimentos, os portuguezes abusaram talvez d'esse uso; assignalavam a prioridade verdadeira, ou falsa, da sua navegação, collocando sobre pontos bem visiveis columnas de marmore, *padrões*, com inscrições em portuguez, em latim e em arabe. As mais interessantes d'estas columnas commemorativas são as que balizam a costa da Africa meridional; marcam os progressos feitos no reconhecimento do caminho da India para este. Diogo Cão collocou a primeira columna sobre a margem esquerda do Zaire. Esta ponta conservou o nome de cabo Padrão.

Na ilha de Santa Maria, situada no 23°40' de latitude sul, á entrada da bahia dos Elephantes, collocou-se a segunda balisa; a terceira foi posta no 25°40' de latitude sul, a algumas milhas ao norte do porto Alexandre no cabo Negro.

Em 1836, o almirante Cecile viu essa columna; o fuste cylindrico tinha d'altura oito pés por oito ou dez pollegadas de diametro e era terminado por um parallelogrammo de dezaseis pollegadas de largo por dezoito d'altura; foilhe impossivel ler a inscrição, tanto as lettras estavam comidas pelo tempo.



A costa que se prolonga desde Mossamedes até ao cabo da Boa-Esperança é sem interesse. No tempo em que ali havia baleias, as bahias d'esta costa serviam-lhe de refugio; agora pôde dizer-se que a baleia n'estes mares se tornou um mytho.

O guano d'Ichaboë occupou por um momento a navegação europêa; mas o que é uma ilha como Ichaboë? Bem depressa foi rapada até á rocha apezar dos recifes que a cercam.

Algumas bahias, taes como Santa Helena e Saldanha, abrem-se entre o cabo Voltas e a bahia da Meza, onde foi fundada a cidade do Cabo, que eu visitei em novembro de 1858 indo a bordô da *Cordelliere*. Então tinha vinte e cinco mil almas, hoje tem trinta mil.

Os campos proximos nada têm d'agradaveis; o solo é areento e coberto de mato; o commercio exporta vinho e lã; o vinho é de Constança, localidade proxima da cidade, a lã vem do inte-



PORTO DE LIBREVILLE NO GABÃO — Desenho de Th. Weber, segundo uma photographia

rior. Os vinhedos do Cabo foram plantados por Francezes que alli procuraram um refugio por occasião do edito de Nantes.

Vê-se com prazer o carvalho da Europa desenvolver-se n'esta terra africana, onde o eucalipto tende a multiplicar-se; esperemos que transformarão o clima da colonia fixando-lhe as chuvas; diz-se que a mudança operada já por estas plantações é muito sensivel. As chuvas no Cabo cahem de novembro até março; a epocha de mais calor é de janeiro até fevereiro; as brisas

do mar refrescam um pouco a temperatura que chega a attingir trinta e sete graus.

O promontorio, extremo limite da Africa, divide-se em dois grupos montanhosos. Visto do oeste o seu isolamento é completo, parece ter-se deante dos olhos uma ilha. O mais notavel d'estes cerros tem uma altura de mil metros. A sua fôrma chata no vertice valeu-lhe o nome de *meza*; as rochas de que é formada terminam á beira mar escarpadamente.

A differença que existe entre a temperatura



dos ventos do largo e a d'esta montanha produz um phenomeno a que os inglezes chamam *toalha da meza* e a que nós chamamos *cabelleira*. Os vapores flocosos que se formam envolvem o vertice da montanha, dando ideia de qualquer das duas denominações. Descendo até ao sopé da montanha esta massa de vapores desaparece como por encanto, pois que se encontra n'um meio que lhe favorece a evaporação.

A abertura do isthmo de Suez reduziu o numero de navios que tocavam no Cabo. Os ventos do noroeste, que são frequentes a partir de 15 de maio, batem a costa. Antigamente os navios refugiavam-se em Fahe-Bony. O dique, recentemente construido, permite que os navios frequentadores da bahia possam affrontar as celebres tempestades do Cabo.

A tendencia do governo inglez é de reunir n'um só grupo os differentes Estados europeus que se constituíram na Africa meridional, de modo a formar um dominio analogo ao do Canadá.

Os Hollandezes ou Boers, que para conservar os seus escravos se retiraram para o interior haverá trinta e cinco annos e ahi fundaram o Estado livre d'Orange e a republica do Transvaal, têm sido convidados a pôr de parte os seus ressentimentos e a entrar n'este accordo. É natural que os dissidentes, assim como no Natal, acabem por ceder ás vantagens d'uma tal combinação, que lhes dará os portos de sahida de que precisam e garantirá ás suas povoações uma segurança superior á que gosam. Os Cafres já estão annexados e administrados pelas auctoridades inglezas. A republica do Transvaal acaba de fazer um tratado de transito com Portugal para poder levar os seus productos á bahia de Lourenço Marques. As minas de diamantes occasionaram um movimento de emigração favoravel á agricultura do Cabo, para onde se voltam todos aquelles que têm sido illudidos nas suas esperanças ambiciosas.

Termino aqui a narrativa das minhas excursões feitas nas costas africanas; mas antes de deixar o leitor julgo não ser inutil dar-lhe uma ideia da vida que se passa no mar.

O cuidado no navio, uma disciplina inflexivel, os exercicios militares, a necessidade de a cada momento marcar a posição geographica do navio, occupam a vida do marinheiro e dá-lhe qualquer coisa de monacal, cuja influencia se exerce mesmo nos navios mercantes.

Esta vida claustral seria impossivel se a ima-

ginação a não animasse. Durante a sua demora nos portos, o marinheiro vê, á luz que se reflecte nas aguas, succeder a noite: as costas vão desaparecendo, passando por gradações suaves de luz que fazem gosar a vista de todos os tons queridos dos pintores. Quando cahiu a noite, o horisonte encobre-se ao navio, que em vão para elle corre; a abobada celeste resplandece; as constellações erguem-se no levante para vir extinguir as suas scintillações no poente; a linha que separa o céu da terra é tão indecisa, que o navio parece mover-se sob uma vasta abobada de que elle é o centro.

O isolamento dos navios crusadores é favoravel á meditação: o silencio das noites, os longos quartos convidam ao exame de todas as theses. Os theoremas das altas mathematicas, as concepções mais difficeis de philosophia encontram os espiritos bem dispostos para o exame das suas diversas faces. Por outro lado o jogo, a musica, o desenho, a leitura vem tambem quebrar a monotonia que poderia sobrevir da junção de commensaes que muitas vezes têm de dividir entre si o estrictamente necessario á sua alimentação.

As entradas nos portos prestam um novo elemento ás investigações do marinheiro. Os salões, onde se reúne a *elite* das sociedades estrangeiras, abrem-se á mocidade que ahi patenteia a elegancia propria da nossa raça. Emquanto que o diplomata estuda o equilibrio dos imperios, os colleccionadores fazem pesquisas, os hervarios completam-se, a draga arranca das profundidades do mar as conchas ainda não conhecidas, que irão fazer a alegria dos conchyliologistas.

Os albuns completam-se, a anthropologia tambem não é esquecida: a familia presenceará as scenas passadas longe d'ellas e participará das aventuras do marinheiro.

O furacão vem algumas vezes perturbar a vida monotona do marinheiro; as tempestades do Cabo são as mais celebres.

Quando o furacão se desencadeia, as vagas tornam-se repentinamente enormes e os seus vertices elevam-se cem pés acima dos valles profundos abertos por estas montanhas liquidas; semelhante a uma charrua o navio cava um sulco no meio d'este oceano revolvido.

Espectaculo grandioso é o que offerece um navio sobre o mar, a enorme vaga erguida pela tempestade salta por cima das suas vergas e parece devel-o sepultar n'esse oceano furioso; a força do plano inclinado e da vertical levanta-o



de novo no cimo d'uma vaga, d'onde a vista do intrepido marinheiro descobre um horisonte medonho, imagem do cahos. Se esse navio cruseiro encontra um navio, parece vel-o envolvido n'um lençol branco como a alvura d'uma mortalha. Mas, como Paris, *fluctuat sed non mergitur*, e avista-se com um aperto de coração esse desconhecido, ao qual nos interessamos como a um amigo, reaparecer novamente sobre o dorso d'uma vaga espumante.

N'estas luctas contra os elementos o homem só tem por espectadores a procellaria e o albatrós, os gigantes das aves maritimas; são elles os unicos que affrontam os elementos desencadeados; emquanto que o homem tira forças para esta lucta do seu talento, estas aves tiram-as da potencia do seu vôo; quando acossado pelo vento, o navio faz vinte e sete kilometros por hora em arvore secca, as aves pairam magestosamente por sobre as pontas dos mastros, que têm oscillações de trinta e cinco graus e descrevem um arco de setenta graus com uma velocidade vertiginosa.

As procellarias e os albatrós, que seguem os navios, são guiados pela gulodice; espreitam as migalhas que cahem do navio em que vêem a presa que o oceano furioso lhes nega.

Estas aves têm no marinheiro um adversario sempre prompto a armar-lhe laços; uns lançam ao ar laços feitos com cordão de seda em que aquellas arvores prendem as azas; outros atiram-lhes linhas com anzol na ponta bem iscados; quando o anzol prende na cartilagem d'um bico começa a lucta; o marinheiro, habil pescador, dá-lhe linha; não poderia resistir aos esforços d'umas azas, tendo de ponta a ponta quinze pés; a ave cede á dôr, pouco a pouco vae-se approximando da popa do navio; a lucta torna-se impossivel, a agua penetra pelo largo bico que ella já não pôde fechar, os seus ultimos esforços em breve se annullam, levanta-se ainda e procura no ar a resistencia que a agua não lhe offerece. Semelhante a um papagaio de rapazes dá cabeçadas; mas, desde que abandonou o meio resistente, tornou-se uma preza certa; é lançada sobre o tombadilho; a ave do largo vôo não pôde escapar-se d'este pavimento movediço; enjôa como um recém-embarcado; desperta a gargalhada dos marinheiros que se vingam das bicadas que estas aves lhes dão na cabeça quando algum cahe ao mar. A sua morte está decidida; todos querem os despojos do valente palmipede: as patas são esfolladas para fazer bolsas de ta-

baco, as clavículas servem para tubos de cachimbo.

Outra ainda é a acção que exerce a vista do mar sobre a imaginação exaltada do poeta e sobre a dos marinheiros; emquanto que Camões cria nos Luziadas e personifica as tempestades austraes na esplendida figura do gigante Adamastor o marinheiro hollandez cria o seu *Navio Fantasma*, apparição sobrenatural, que vem perturbar os seus ultimos instantes no momento da tempestade e recordar-lhe que a vida de miseria do marinheiro é seguida d'uma outra, onde os bons e os maus encontram premio e castigo; o *Fantom Ship* ou *Voltigeur Hollandais* é o Satanaz dos mares, o grande precito, a sombra do blasfemador; a sua presença é fatal para o navio que avista este espectro sinistro, cujo apparelho centenario cae aos pedaços. Todavia esta apparição pode ser conjurada; é o calafate o que d'isso se encarrega; faz cruces, prega pregos em certos sitios a fim de neutralisar os effluvios do maldito; os marinheiros, aterrados com esta sinistra visão, recitam as orações dos moribundos ou fazem promessas segundo a religião que lhes ensinaram. É provavel que este phenomeno, presenciado por numerosas testemunhas, seja devido a um effeito de optica analogo ao da miragem.

O duende dos nossos lares tambem vive no navio e chama-se Gobelin; como Trilby contenta-se rindo, quando escondeu o bonné d'um marinheiro.

As ideias do marinheiro francez não são baidas d'essa sombria predestinação tão mente arreigada nas raças do norte.

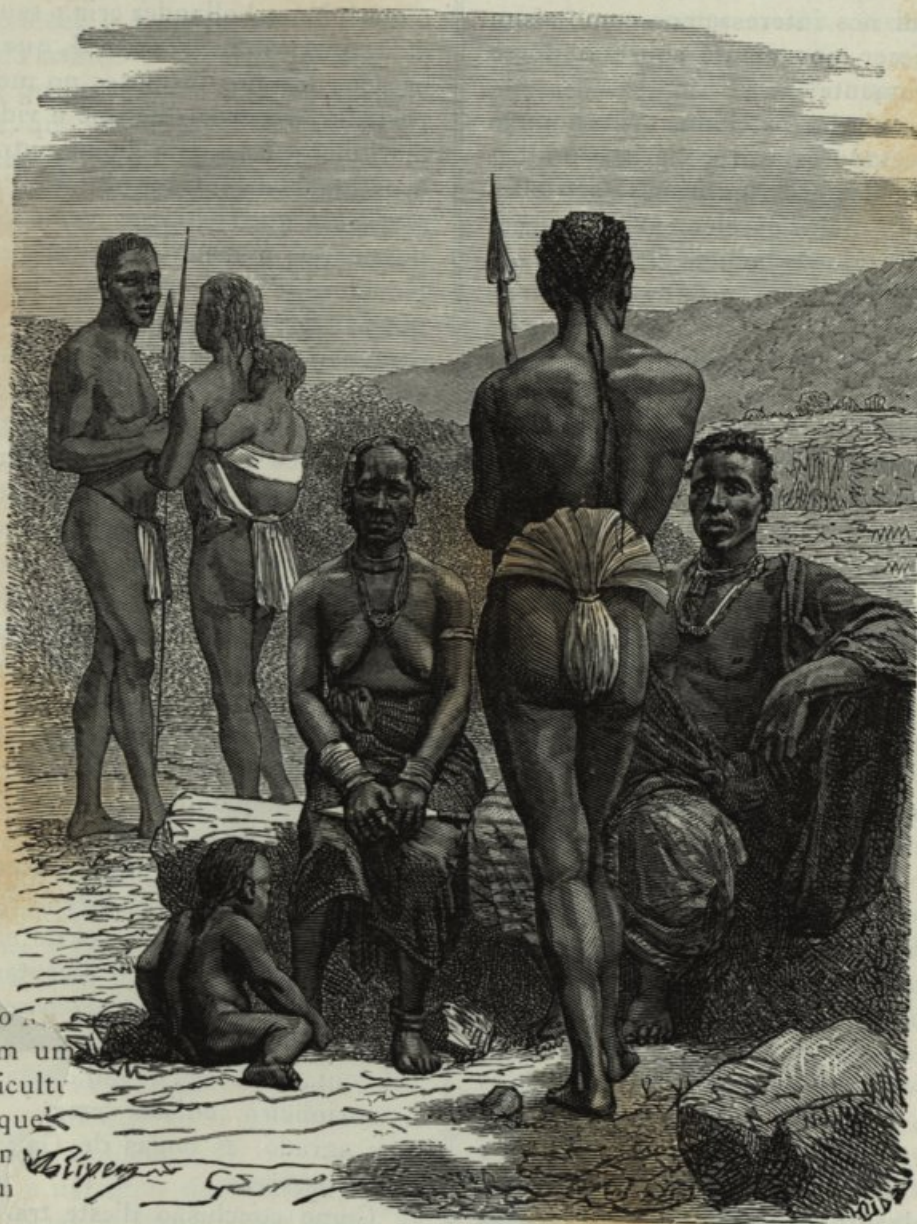
Desde que existe o recrutamento nas arias d'operas e as cançonetas, as vigias do marinheiro; vel conta e reconta os mil o marinheiro, edição sempre com agrado, as bodas de reis e pastoras.

Como conclusão d'este traço, hoje vemos de que, a sociedade africana em Europa ha tres seculos tem transido os grandes imperios que entre a Africa no decimo quarto e decimo seculo, foram substituidos por Estados governados por soberanos ephemeros, mas tendo-se conservado fieis aos seus costumes barbaros; os outros acceitaram o islamismo, fé que elles propagaram por meio da espada; em toda a parte a vida humana em pouco é tida; as



relações com estrangeiros são difíceis e perigosas, principalmente depois que o antagonismo religioso veio accrescer ao das raças. Comtudo no meio d'esta barbaria veem-se alguns esforços para reconstruir a sociedade africana, mas é

evidente que a formula ainda não foi encontrada. Podemos ver com satisfação que, depois d'abolição da escravatura, os homens que seriam exportados se dedicaram á cultura do solo, e que nos ultimos vinte annos o commercio da Africa



GUERREIROS E MULHERES FANS — Desenho de A. Rixens, segundo uma photographia

hi  
ções  
Cafre  
auctor.  
acaba e  
tugal para pe  
hia de Lourenço  
tes ocasionaram um  
favoravel á agricultu  
voltam todos aque  
nas suas esperan  
Termino aqui  
sões feitas nas  
deixar o leitor  
ideia da vid

O cui  
vel, e Europa tem decuplicado. Na verdade a  
natureza foi prodiga com a Africa e o commer  
cio não pôde deixar de ali se desenvolver. É pre  
ciso convencer-mos-nos que ainda durante muito  
tempo a Africa deve ser tratada como menor. A  
Algeria d'um lado, a colonia do Cabo do outro  
acabarão por estender o seu dominio sobre as

vastas regiões que deante d'ellas se abrem. A  
França e a Inglaterra não devem esquecer que  
é essa a sua missão civilisadora.

FLEURIOT DE LANGLE.

FIM



## SUPERSTIÇÕES POPULARES EM PORTUGAL

(Conclusão)

AS FÓRMULAS imprecatorias VII a XI enumeram doenças, que durante a Edade media formavam o objecto da medicina popular, que tinha uma parte obrigada em Orações rithmicas. A fórmula XII allude à *sorte má*; é o *mão fado* da crença portugueza, a que ninguem pôde fugir, e a palavra *sortilegio* ainda tem o sentido malevolo da sorte que se lança contra uma pessoa.

A fórmula XIV servia para defender o homem nos actos da vida, quando se deita, quando se levanta, quando dorme, quando come. Na tradição popular abundam as Orações rithmicas para acompanharem todos estes actos.

Na fórmula XVIII ensina um rito para esconjurar o *phantasma*, o *vampiro*, o *espectro* e os *philtros* ou *amavios*; estas variedades ainda persistem na credulidade portugueza. As fórmulas magicas da Chaldêa traduzidas para linguagem assyrica terminam sempre com a palavra *amanu*, que entre os povos catholicos se conservam nas Orações vulgares no *amen*. Os fragmentos que citamos acima, achavam-se mais desenvolvidos em uns tijolos achados por Layard na salla da bibliotheca do palacio de Kojundjik e publicados por Smith e Rawlinson; é um grande tratado de magia da Chaldêa. Citaremos apenas as superstições que persistem ainda em Portugal: *A noite de mão agouro*; *o dia aziago*; *os mensageiros* ou *semeadores da peste*; *o raio*. Na tradição popular conserva-se o ditado: <sup>1</sup>

— Oh noite má  
Para quem te aparelhas?

A terceira feira é ainda considerada como *dia aziago*; em uns versos de Luiz Azevedo á morte do infante Dom Pedro, em Alfarrobeira, diz: «N'esse triste dia *martes*» referindo-se á relação entre o desastre e o dia aziago. N'esta mesma fórmula magica vem o numero *sete* com poder magico. É tambem este ainda o numero fatidico em Portugal: «*Sete annos e um dia*— andou na volta do mar,» como se diz no romance da Não Catherineta. *Sete* Condes caminhavam— a verem o enforcado, como se diz no Romance de Dom Garfos. *Sete* fadas me fada-

ram, como se vê no romance da Infantina. *Sete* livrinhos a resar, *Sete* candeinhas a allumiar, como se lê na oração do Padre nosso pequenino! Pode-se inferir que o poder magico do numero *sete* provinha dos sete demonios subterraneos da Chaldêa, os *Maskim*, cujo character fatidico ainda se exprime pela palavra *mesquinho*, commum a todas as linguas romanicas.

É um phenomeno importantissimo o character dramatico das Orações populares portuguezas como a de S. Bartholomeu, a de Santa Apollonia, e outras. Diz Lenormant, na obra tantas vezes citada: «Algumas vezes tambem a fórmula de exorcismo amplia-se e toma um *character dramatico*.» <sup>1</sup>

As superstições têm tambem a sua poesia lyrica, como se pôde vêr pelas *Orações*, *Esconjurios* e *Ensalmos* de quebranto, que a Igreja condemnou, chegando até a queimar em Portugal alguns desgraçados. O facto natural do medo supersticioso é um estimulo do canto, como já o notara Roberts com relação aos hindus: «imaginam que um demonio os persegue, e com o fim de vencer o medo, põe-se a cantar, a fallar em voz alta; etc.» As canções da rua têm em parte este estimulo, sobretudo durante a noite e quando o que canta vae sósinho.

Um dos maiores poderes magicos nos cultos da Chaldêa é o do nome secreto do deus; elle domina todos os males, afasta todos os terrores. Entre os povos semitas propagou-se esta crença, é o *Schem*, a propriedade divina immanente no proprio nome, que se conserva secreto ou não pronunciado, como o de Jehovah. Diz Lenormant: «Todos sabem que desenvolvimento a crença no nome todo poderoso e occulto do deus teve entre os judeus tamulistas e cabalistas, e quanto é geral entre os arabes. Nós hoje vemos de uma maneira positiva, que essa crença veiu da Chaldêa.» <sup>2</sup> Em um povo em que preponderar a influencia e a cultura arabe, e em quem o elemento maurisco provocou a revivescencia do typo iberico primitivo, comprehende-se a conservação da crença na virtude dos nomes. O dizer *Santa Barbara!* *Sam Jeronymo!* livra dos perigos das trovoadas. Quando alguem se en-

<sup>1</sup> Ap. Lenormant, *ibid.*, p. 17.

<sup>1</sup> *La Magie*, p. 18.

<sup>2</sup> *La Magie*, p. 41.



gasga, grita-se-lhe ao pé *Sam-Braz!* Quando se vê desfilar um meteoro, diz-se *Senhora da Guia!* e quando se tem um susto, uma agonia, grita-se por *Jesus!* A *nómina* provém da crença na virtude do nome que se traz conosco em uma bolsinha.

Citaremos alguns factos sobre a crença do poder do *nome*, em Portugal; nas Constituições synodaes de Lamego, (liv. v, tit. 8,) se lê: «E finalmente, se pôde pôr exemplo na missa que se manda dizer com certo numero de candêas; e que não haja de ter mais ou menos; ou que hade ser dita por *clerigo que se chame João*, ou de outro certo nome.» (1639.) O nome de *Bento* deve ser posto á criança que pelo facto do nascimento pode ser lobishomem. Para que as sementeiras sejam fecundas, deve lançal-as á terra uma moça chamada *Maria*. Devem-se chamar *João* e *Maria* as crianças que seguirem a que passa pela fenda do carvalho cerquinho para se curar da hernia.

A *nómina* é a parte dos talismans a que os Accádios chamavam *sagba*, e os assyrios *mamit*. O marco tinha um character talismânico, como se conservou nas *perafitas*, e nas *picotas*; as fitas, onde se escreviam certas fórmulas accadicadas, são ainda as *medidas* do braço do Senhor de Mathosinhos e outras; os *bentinhos*, que se trazem ao pescoço, pedras de ára, para as mulheres grávidas, para os que atravessam o mar; os chavelhos contra o máo olhado, a meia lua, a figa, o signo-saimão, o corno de veado, são os principaes talismans do nosso povo, alguns com character accadico, como os chavelhos allusivos ao touro Nirgal.

Alguns talismans são secretos, e pertencem áquelles que sabem usar os poderes magicos; taes são o *espelho* em que se observa o futuro e a *vara* divinatória. Lenormant attribue o uso primitivo da vara magica ao tempo dos Accádios, passando para a Persia por influencia do magismo, sendo o *bareçma* uma insignia essencial do culto mazdeano. Importa notar, que conjuntamente com a espontaneidade das tradições populares, nunca se perdeu a transmissão erudita da feiticaria, chegando estas duas correntes a fecundarem-se mutuamente pelas relações dos curandeiros com o povo.

As Fórmulas de Marcello, embora em parte derivadas de elementos populares, devem considerar-se como conservadas por uma tradição erudita, por isso que encerram mysterios theurgicos, que no seculo iv só podiam ser conheci-

dos pela eschola *chaldaica* renovada entre os homens cultos pela metaphysica neo-platonica. É por esta via que os restos da theologia chaldeo-assyrica apparecem no Occidente, sem que aquelles mesmos que os repetiam tivessem consciencia da sua origem. Lenormant, nas *Origens da Historia*, diz que «esta theurgia chaldaica, se continuou na Edade Media em estado de seita secreta e magica, e dera nascença a uma numerosa litteratura apocrypha, da leitura da qual, no seculo xi, Miguel Pseullas se mostra particularmente penetrado. Os adeptos do Chaldaismo de então não sabiam quasi nada da religião dos antigos Chaldeos; elles ficariam bem maravilhados e mais embaraçados se se lhes revelassem os nomes verdadeiros dos personagens do seu pantheon. Mas através das alterações profundas, de uma mistura de elementos tirados do neo-platonismo, ou de todas as mãos, a tradição transmittida de gerações em gerações fez-lhe chegar ali umas certas noções essenciaes, que tinham certamente tido o seu ponto de partida nos sanctuarios de Babylonia e da Chaldêa.» (Op. cit. p. 527.)

Compreende-se diante d'estes factos o valor das tradições vetustissimas da magia peninsular contidas no processo de Luiz de la Penha, herdeiro dos livros magicos de seu pae, e sabedor de muitas fórmulas escriptas; a conservação dos nomes de Deuses e Genios malignos, como *Marta a dina* e *a não dina*, *Marula* e *Trebuca*, *Montenegro*, não deve attribuir-se a um mero acaso, mas a um respeito obrigado, que constitue a essencia e a força de toda a magia. Serão ousadas as nossas conclusões e o processo critico da coordenação systematica das supertições, mas obedecemos a uma necessidade do nosso espirito. Luiz de la Penha mostra-se no tribunal da Inquisição com uma certa segurança de quem está convencido do valor das suas Fórmulas; isto provinha do conhecimento da sua antiguidade. <sup>1</sup> No Alvará de 15 de Outubro de 1654, o rei de Portugal, obedecendo á importancia que a tradição chaldaica ainda tinha no espirito, concedeu a um soldado o *curar com palavras*, libertando-o assim da alçada inquisitorial. Aqui se encontravam as duas correntes tradicionaes, no meado do seculo xvii, renovando a sua vitalidade n'essa classe dos *Saudadores*.

<sup>1</sup> A Magia, hereditaria em algumas familias dos povos selvagens (Alfred Maury, *Magie*, p. 21) apresenta tambem este character em Luiz de la Penha.



Os Curandeiros eram denominados em Portugal *Saudadores*, como vimos pelo citado titulo da Ordenação Manuelina; são as *personas de virtude*, como ainda hoje se lhes chama. Covarubias, no *Tesoro de la lengua castellana*, define este termo: «Saludar vale curar cõ gracia gratis data, y a los que esta tienen llamamos *Saludadores*, y particularmente saludan al ganado, pero yo por cierto tengo averse dicho de saliva, salivador, por tener en ella la virtud de sanar, y assi los saludadores dan unos bocaditos de pan al ganado cortados por su boca y mojados en su saliva.» Rodrigues Marin, nos *Cantos populares españoles*, (t. II, p. 413) commentando uma cantiga asturiana que diz:

Hay una niña con rabia;  
Quien fuera saludador,

Transcreve uma descripção do Dr. Gaspar Navarro, do seu livro *Tribunal de Superstion ladina*, de 1631, importante: «Estos Saludadores, principalmente se emplean en curar ó preservar á los hombres, bestias y ganados del mal de rabia... y para encubrir la maldad, fingem ellos son familiares de santa Cathalina, ó de Santa Quiteria, y que estas Santas les han dado virtude para sanar de la rabia, y para hacerlo creer á la simple gente hânse hecho imprimir en alguna parte de su cuerpo la rueda de Santa Cathalina, ó la señal de Santa Quiteria: y assi con esta fingida santidad, traen á la simple gente enganada tras si, y *saludan* con su saliva y aliento, no solo á los enfermos, mas tambien á los sanos; y saludan el pan, y lo mandan guardar por reliquias...» (Disp. xxxi, fl. 89—90.) Como se vê, no Saudador persiste o costume de curar *bafejando*, ou por meio de *saliva*, como já notamos nos costumes dos selvagens e ainda nos habitos infantis, o que prova a sua alta antiguidade. O Saudador tambem cura com palavras; as Orações populares a Santa Catharina, a Santa Marta, ainda se conservam e se repetem, umas contra a azia, os aftos, a erisipela, os cobros,

as dores de dentes etc. Os Saudadores trazem comsigo uma cabeça de Christo; a este costume se referem Cepeda y Guzman, e Quevedo, o que nos faz comprehender o sentido da Ordenação manuelina.

No estudo das Superstições populares portuguezas evitámos o simples processo da compilação, porque não deixa comprehender a importancia d'este phenomeno de ethnologia; começámos por um systema de coordenação, que não podia ser outro senão:

1.º Determinar as condições psychologicas da persistencia das superstições nas classes inferiores, como estabeleceu Hume; d'aqui o confronto de certos usos e superstições selvagens com os que ainda apparecem nas civilizações superiores.—A esta ordem de observações pertence a influencia do meio social, quando n'elle se operam grandes desastres, ou as catastrophes da natureza produzem impressões maravilhosas.

2.º Restabelecer por meio de grupos de superstições dados systemas de Religiões extinctas, e peculiares de outras raças substituidas na civilização da Europa; assim restabelecemos:

a) Cultos chthonianos ou de hetairismo primitivo.

b) Cultos magicos do naturalismo accadico ou turaniano, (aquitânico e iberico.)

c) Cultos e concepções mythicas proto-áricas e indo-europêas.

3.º Estabelecer as duas divisões fundamentais das Superstições, derivadas das duas fontes chaldaica (ou propiciatoria) e egypcia (ou medicinal) pela influencia dos Gregos, Romanos e Arabes, na Civilização da Europa. É esta a base mais geral de uma boa classificação historica, e o meio de fixar o methodo scientifico d'esta ordem de estudos tão importantes para o complemento da Hierologia, como para a emancipação moral das classes mais atrasadas da sociedade.

THEOPHILO BRAGA.









# INDICE DO TEXTO



	PAG.		PAG.
COMO EU ATRAVESSEI A AFRICA, pelo major Serpa Pinto. 21, 37, 53, 75, 85, 101, 119, 133, 149, 165, 181, 199, 217, 229, 261, 277, 293, 309, 325, 341, 357, 373	5	SUPERSTIÇÕES POPULARES EM PORTUGAL, pelo dr. Theophilo Braga . . . . .	41
A RUSSIA LIVRE, por William Dixon (continuação do n.º 24, 1.º anno) . . . . .	10	57, 72, 91, 106, 124, 139, 154, 170, 185, 210, 226, 242, 290, 321, 338, 369 . . . . .	385
60, 80, 108, 127, 269, 282 . . . . .	298	OS DOZE D'INGLATERRA, estudo critico-historico por . . . . .	66
CRUZEIROS NA COSTA D'AFRICA, pelo vice-almirante Fleuriot de Langle (continuação do n.º 24, 1.º anno) . . . . .	15	CLAUSTRO DO CONVENTO DOS JERONYMOS EM BELEM, por Augusto Fuschini . . . . .	70
26, 44, 93, 142, 157, 172, 189, 205, 222, 237, 273, 288, 305, 219, 330, 353, 361 . . . . .	377	A ESTATUA EQUESTRE DO TERREIRO DO PAÇO. . . . .	117
A QUESTÃO DO TRANSWAAL, por Augusto de Castilho, (continuação do n.º 24, 1.º anno) . . . . .	18	MEMORIAS DO ULTRAMAR, por Luciano Cordeiro . . . . .	146
33 . . . . .	50	162, 178 . . . . .	194
VIAGENS D'ANTONIO TENREIRO, transcrição por Fausto Scipião . . . . .	31	O CASTELLO DOS TEMPLARIOS, por Z. Consiglieri Pedroso . . . . .	198
98, 114 . . . . .	131	CAPELLA DE S. JOÃO BAPTISTA NA EGREJA DE S. ROQUE, por I. de Vilhena Barboza . . . . .	214
		VIAGEM A NOVA GUINÉ, por Achille Raffray. . . . .	232
		265, 284, 302, 313, 333, 349 . . . . .	366





# INDICE DAS GRAVURAS

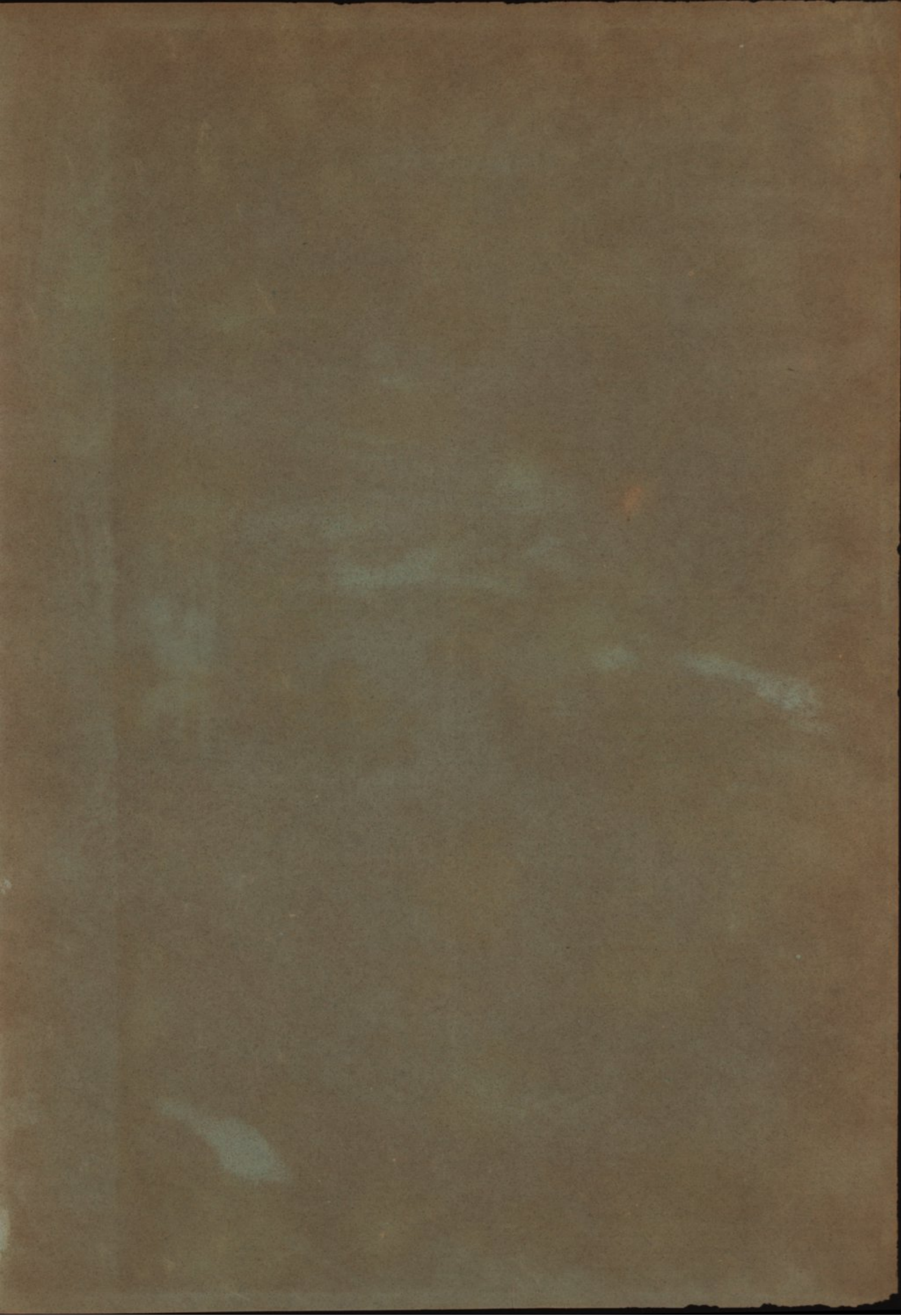


	PAG.		PAG.
Itinerario da viagem do major Serpa Pinto, do Atlantico ao Oceano indico (Mapa)	5	Cora	181
Os macacos no jardim de Jacintho d'Amoriz	7	Cerrado de Belmonte	184
Moskow: Vista geral do Kremlin	11	Rio d'Elmina	189
Uma sala do Terem	13	Mulheres d'Elmina	192
Cabanas de caçadores	15	Penteados d'Elmina	193
Mulher fetiche	17	Thomar — Castello dos Templarios	197
O major Serpa Pinto	21	Homens e mulheres do Bihé	201
Partida da Caravana	25	Feitoria italiana em Lagos	205
Arvore fetiche	27	Agnis d'Assinia	208
Marabuto	28	Velho Agnis d'Assinia	209
Rapariga do Grã-Bassam	29	Capella de S. João Baptista na Igreja de S. Roque em Lisboa	213
Os tres sovas, principes do Dombe	38	Augusto, de joelhos, diante do major Serpa Pinto	217
Itinerario do major Serpa Pinto, de Benguella ao Bihé (Mapa)	40	Verissimo	220
O rei do Grã-Bassam, rodeado da sua côrte e dos seus musicos	45	Fernando Pó: Ilhota Henrique, presidio dos deportados politicos	224
Campo entrincheirado no Grã-Bassam	48	Bahia Santa Isabel, (ilha de Fernando Pó)	225
Interior do campo	49	O talisman esmigalhado	229
Forte de Quilengues	53	Uma casa hollandeza em Ternate	232
Duas mortes com um só tiro	56	Mesquita de Ternate	233
Padre russo	61	O rio Dodinga	236
Porta da Resurreição na praça Vermelha em Moskow	64	Vivenda em Fernando Pó	237
Casa russa do Sul	65	Monsenhor de Bessieux, bispo das duas Guinés	240
Claustro do convento dos Jeronymos em Belem	69	Pico de Fernando Pó	241
Efeitos d'uma bala explosiva roubada	77	O lago Liguori	261
Sahida do sova Chibarandongo	79	Kimalaya, professor d'esgrima	265
Kazan: Convento	81	Nirou, Alfuero de Dodinga	268
Um advogado russo	83	Militares russos	272
Interior da Casa d'Anchietta	85	O piloto José e alguns Bulus	276
Caconda	88	Vi os meus negros espantados e fugindo	277
Cobra	89	Homens e mulheres Louchazés com os seus utensilios	280
Peregrinos Bambaras	96	Alfuros de Galila vindo photographar-se	284
Cantou Kan, chefe d'Abra	97	Hassan e seu filho Idriss	285
Quingolo	101	Edificio das missões no Gabão	289
Bando de raparigas	105	Augusto e seu companheiro conduzem o major para um lugar mais secco	293
Igreja de S. Vassali, na praça Vermelha em Moskow	109	Castigo de Chaquiconde	296
Mosteiro de Semeonof em Moskow	112	A minha vivenda em Dorey	304
O Kremlin de Kazan	113	Desembarcadouro do rei Luiz	305
Estatua equestre de D. José I, na praça do Commercio em Lisboa	117	Educandos da missão do Gabão	307
Homens Mondombes	120	Terceira entrevista com o rei Lobossi	309
Marimbas	120	Uma carta d'amor	312
Templo da conversação	121	Povoação e habitantes de Salwaty	316
Homem e mulher do Huambo	121	Payzagem de Dorei: Papus lançando á agua as suas pirogas	317
Vista de Kazan	128	Um indigena do Gabão	320
Igreja de velhos crentes em Kazan	129	O rei Lobossi	325
Porto da Lenha	133	Visita do doutor	328
Cubatas Mondombes	136	Uma rapariga do Gabão	332
Em cima d'um boi	136	Um templo de Dorey	333
O major faz fogo sobre o sova Dudombo	137	A povoação d'Aiamboi	337
Assinia	144	Tentativa d'assassinato	341
Assinia, vista tirada da planicie	145	Mulheres Luinas	348
O major Serpa Pinto lança por terra e desarma Palanca	149	Divindades papus	349
O século que me deu um porco	152	Mulheres Mafors	352
Mulheres Guanguelas das margens do Cubango	152	Intreprete Pahuin	353
O major e o feiticeiro	153	O ataque ao campo	357
Vista de Lagos	160	A caça dos patos	360
Rapaz do Dahomey	161	Pahuin	361
Mulher do Sambo	166	Descida dos guerreiros Arfaks a Dorey	365
O meu acampamento entre o Sambo e o Bihé	166	Rapariga Arfak	368
No Pantano	168	Trahido!	373
A nado	169	Desespero	376
Amadifou e a sua côrte	173	Porto de Libreville no Gabão	381
Matafoué, chefe de Toufa	176	Guerreiros e mulheres Fans	384
Chefe de Policia na Assinia	177		
Castor, interprete (Buchman)	177		

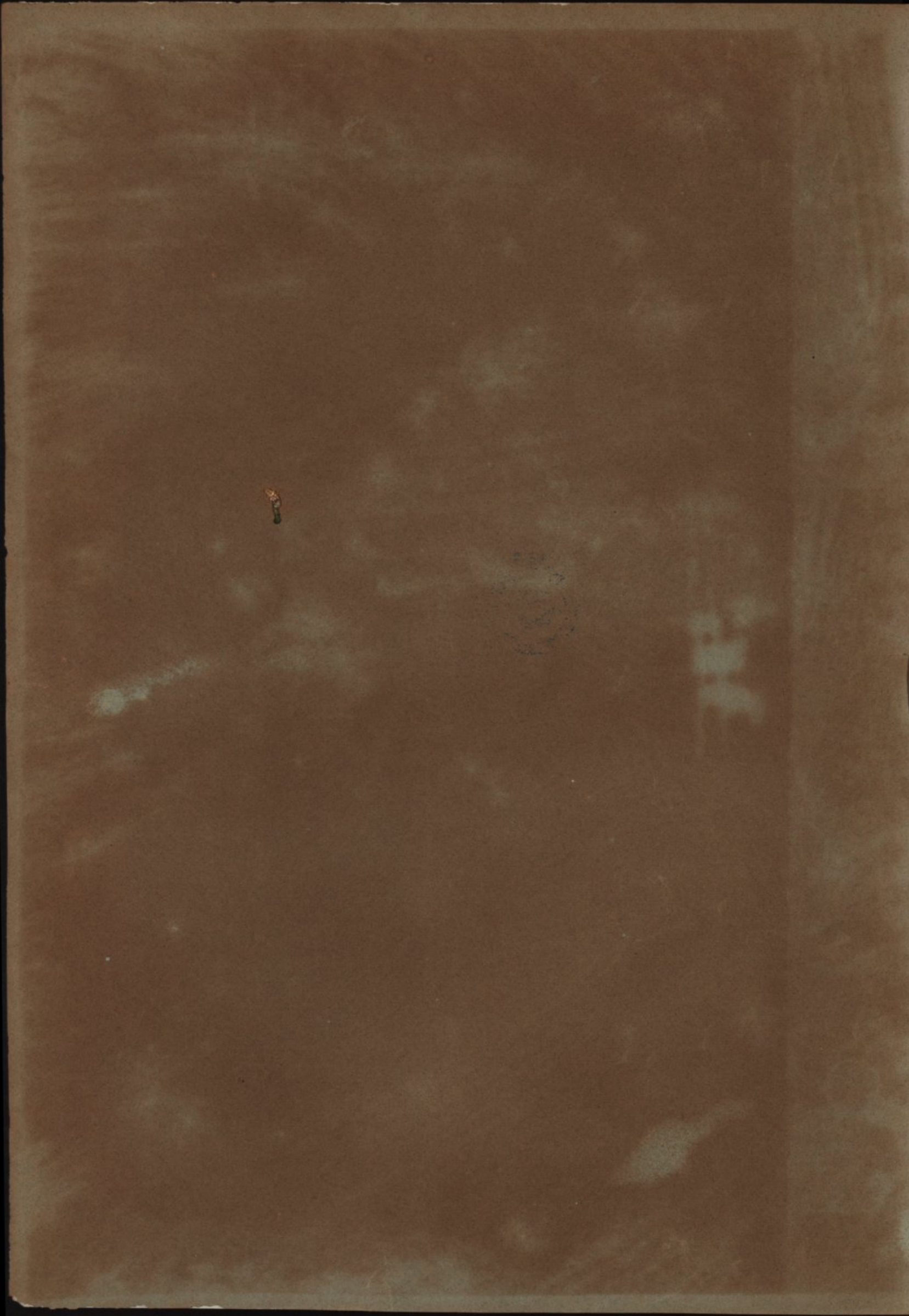
FIM

34. *Ariscoula Penabva*













-2 JUN 1974



LISBOA  
Empreza Litteraria Luzo-Brazileira-EDITORIA



AVOZZANO

VOL. I

Sala B  
Est. 1  
Tab. 6  
N.º 12

